

A black and white photograph of a man with a beard, wearing a dark suit jacket over a white shirt. He is holding a cigar in his right hand near his mouth and a glass of coffee in his left hand. The background is dark, and the lighting highlights the textures of his clothing and the smoke from the cigar.

JAS SILVA

O BADÃO do café

A obsessão de um homem
nunca foi tão perigosa

A close-up of dark, roasted coffee beans filling the bottom portion of the poster, creating a textured foreground.



O BARÃO

do café

JAS SILVA

Copyright 2019 © Jas Silva

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Revisão e preparação de texto: Carla Santos

Diagramação: Géssica Fernanda

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora.

SUMÁRIO

[NOTA DA AUTORA](#)

[PRÓLOGO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRÊS](#)

[VINTE E QUATRO](#)

[VINTE E CINCO](#)

[VINTE E SEIS](#)

[VINTE E SETE](#)

[VINTE E OITO](#)

[VINTE E NOVE](#)

[TRINTA](#)

[TRINTA E UM](#)

[TRINTA E DOIS](#)

[TRINTA E TRÊS](#)

[TRINTA E QUATRO](#)

[TRINTA E CINCO](#)

[TRINTA E SEIS](#)

[TRINTA E SETE](#)

[TRINTA E OITO](#)

[TRINTA E NOVE](#)

[QUARENTA](#)

[EPÍLOGO](#)

[UMA SEMANA DEPOIS](#)

[UM MÊS DEPOIS](#)

[SEIS MESES DEPOIS](#)

[UM ANO DEPOIS](#)

[CINCO ANOS DEPOIS](#)

NOTA DA AUTORA

Caros leitores,

Quando cheguei ao final desse livro, eu comecei a me perguntar o que escreveria para vocês. Então eu me dei conta de que não poderia ser após o fim, tinha que ser aqui, antes que tivessem a chance de conhecer Augusto Alencar e sua cigana.

Há uma certa magia nesse livro, um mistério que fez crescer em mim uma fé em crenças e culturas que não conhecia antes. Estela me fez ver o mundo de outra forma; e Augusto, bem, vocês irão perceber ao longo do caminho que ele é um personagem ao mesmo tempo difícil e fácil de ser amado. Suas dores, seus traumas, o transformaram no homem que é hoje. E acredito que, apesar de seu comportamento, Augusto tem um coração capaz de amar. Mas isso é algo que irão descobrir ao longo das próximas páginas.

Peço apenas para que leiam essa história de coração aberto, que sintam a mesma dor e amor de meus personagens. E acima de tudo, que se lembrem de que, assim como nós somos livres para tomar decisões e cometer erros, eles também o são.

Uma ótima leitura a vocês e um grande beijo,
Jas Silva.



PRÓLOGO

ESTELA SAAVEDRA

Despertei com o som da discussão acalorada, que só poderia vir do andar inferior da casa de tia Hortência. Meu estômago vazio retorceu ao escutar a voz grave de Augusto, que ecoou como um estrondo através das paredes antigas. Levantei com pressa da cama e espiei a janela, certa de que encontraria o seu carro parado pelos arredores da fazenda.

Ainda seminua, escondi-me detrás da cortina e assisti ao momento em que Sierra desceu pelo lado do carona, parecendo muito como as vilãs dos contos de fada que Suzana lia para mim quando eu era pequena, e que papai dizia não passar de bobagens de gente à toa.

Mas não eram bobagens, existiam mesmo pessoas más e capazes de tudo para conseguir o que queriam. Augusto era a prova disso. Quando a leal advogada olhou para o alto da casa, sentindo que estava sendo observada, eu dei um passo atrás e me perguntei por que ela não o havia acompanhado. Por que permaneceu lá fora, no sol escaldante que fazia por essas bandas.

Vesti-me com a primeira roupa que encontrei, que veio a ser a mesma que usei no dia anterior. A saia era longa e rodada. E a blusa, apenas um top com babados que Suzana costurara para mim anos atrás. Descalça, eu percorri os corredores do casarão até chegar à escadaria, procurando não fazer qualquer estardalhaço. A decisão impulsiva que tomei na noite anterior,

quando finalmente dei atenção ao envelope amarelo que Augusto deixara comigo, não parecia tão certa agora. Mas não havia escolha.

“...ele me pediu para que desse uma olhada em algumas clínicas que fazem procedimentos seguros. Não há com o que se preocupar, querida.”

Sierra soara tão definitiva ao telefone, que eu soube que o seu patrão jamais mudaria de ideia. Ele não precisava de tempo para aceitar nada, eu é quem precisava entender que todas as vezes que afirmou que o legado trágico dos Alencar seria enterrado quando partisse era verdade.

Ao perceber que as vozes se distanciavam, eu desci as escadas e os segui.

— Não pense que pode me impedir de vê-la, Hortência! — Parei ao escutá-lo perder a paciência com a própria tia. — Se voltar a se colocar em meu caminho, eu sou capaz de pôr esse lugar abaixo apenas pelo prazer de provar que posso — sou intransigente, longe de se parecer com o Augusto por quem me apaixonei.

E que agora eu sabia não ser real.

— Não acha que já fez mal demais a essa garota, Augusto? Você ultrapassou todos os limites...

— Eu quero vê-la, porra! — grunhiu, furioso. — É tão difícil assim entender o que estou dizendo?

— Não use esse tom de voz comigo, seu menino malcriado! — Eu o vi dar um passo à frente, ao mesmo tempo que o rosto de sua tia ficava pálido.

De costas, ele parecia ainda mais intimidador. O homem a quem confiei o meu corpo, agia agora como o monstro cruel que todos sempre o acusaram de ser e que eu, cega de amor, não quis acreditar. Quando percebi que não teria paz enquanto ele não saísse dessa casa, eu me enchi de coragem e entrei no escritório.

Antes mesmo de me fazer presente, Augusto olhou para trás, quase como se pudesse reconhecer o meu cheiro, não importando a distância.

O olhar que me lançou percorreu os cachos despenteados do meu cabelo caindo soltos pelo meu ombro, fazendo-me dar conta do meu verdadeiro estado. E ainda que não estivesse, a forma como me encarou, como fitou cada pedacinho de quem eu era, em uma indiscrição óbvia, deu-me a sensação de estar nua. Os pelos do meu corpo arrepiaram em resposta. As minhas pernas bambearam; e mais do que isso, Augusto fez o meu coração desejar nunca mais voltar a bater.

— Eu vou conversar com ele, tia Hortência... está tudo bem. — Mas não estava, as palavras que saíram fracas de minha boca eram a prova.

Acho até que nunca me senti tão sem vida, como agora.

Ao ficarmos a sós, eu fitei o chão, querendo fugir do seu escrutínio e da maldade que levei tanto tempo para enxergar. Augusto era o dono dos olhos azuis mais impressionantes que vi em minha vida, mas por trás deles o que havia era apenas alguém ruim.

Nunca foi o seu pai o homem que eu deveria ter temido, e sim ele.

Dos meus pés descalços, eu olhei para os sapatos de couro que Augusto usava. Um detalhe tão insignificante, mas que revelava o mundo de diferença existente entre nós dois. Sem dizer uma palavra ou mover um único músculo, o mentiroso atraiu o meu olhar para o seu rosto. A tensão, sempre tão violenta quando se tratava da gente, deixou-me nervosa.

Dessa vez, enquanto encarava o rosto impassível, eu tentei não demonstrar o quanto a sua indiferença machucava. A esperança de que sua partida tivesse sido apenas um ato impensado, já não existia. Augusto não parecia arrependido de nenhuma das palavras esbravejadas dias atrás, e não acho que mudaria de opinião. Ele não nos queria.

Respirei fundo, morrendo de medo do que estava prestes a fazer.

— Eu o perdi. — As palavras causaram um rasgo em minha garganta. — Não há mais bebê.

Uma vida inteira passou antes que reagisse. Então, o seu maxilar endureceu assim como os olhos. Como se fosse possível, tornaram-se um pouco mais distantes. Era como olhar para um oceano coberto por camadas

duras e impenetráveis de gelo. Porque mesmo debaixo da temperatura abafada de Sertãozinho, eu congelei.

— Como aconteceu? — quis saber, e a impressão de que a postura imperturbável trepidou ao me escutar, se esvaiu diante da frieza que o tomou. — Como aconteceu, Estela? — insistiu, soando mais agressivo.

Havia tanta coisa presa em minha garganta, tanto o que ser gritado. O que não havia era tempo para associar o homem que me fez amá-lo com o que estava arruinando a minha vida agora. Acho que jamais entenderia como as mentes dessas pessoas ricas funcionavam.

Ambição, poder e dinheiro. Todas essas coisas eram corrosivas, e eu não desejava fazer parte delas.

Querendo me arrancar do choque em que eu estava, Augusto me puxou. Seu toque trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Não encoste em mim! — reagi, cega de raiva. — Eu jamais vou conseguir te perdoar, Augusto. O que você fez ao meu pai... as mentiras que enfiou na minha cabeça... e tudo, por quê?

— Pare de gritar. — Eu não o deixaria me dizer o que fazer, ele era bom nisso, mas eu era melhor em desobedecê-lo.

— Você não vai mandar em mim de novo. Se eu quiser gritar eu vou... se eu quiser dizer a todo mundo o monstro sem coração que você é... eu vou também. — Augusto tentou me deter, mas eu não tinha medo dele. Não havia mais nada que esse homem pudesse fazer para me machucar que já não tivesse feito.

— Apenas explique-me como essa merda aconteceu...

— Foi tudo uma mentira, não é? — perguntei com a voz embargada, atordoada demais para responder ao que me pedia. — Nunca foi real, você criou esse plano doentio em sua cabeça só para me fazer te amar... depender de você! — Fui afastada, como se minhas palavras o atingissem. Mas eram para atingir mesmo. Eram para machucar e fazê-lo sangrar. — Eu me apaixonei por uma mentira. Por um homem que... não existe!

— Estela... — Meu nome saiu de forma lenta e calculada de sua boca, como um alerta para que eu me calasse.

— Vai doer, mas eu vou te esquecer. Vou te arrancar do meu peito e da minha vida para sempre! — Respirei sem fôlego. — Eu vou deixar de te amar, Augusto. Juro que vou!

— Caralho, apenas me diga como o perdeu!

Parei de me debater, e o encarei.

— Por que quer saber, se não se importa? — Meu punho foi em direção ao seu peito, mas ele não permitiu que eu lhe batesse. Augusto não era homem de aceitar merda de ninguém, mas eu também não. — Por que, se já estava até mesmo planejando como tirá-lo de dentro de mim?

As narinas dilataram, e a raiva que vi em seus olhos se intensificaram.

— Você falou com Sierra. — Não foi uma pergunta.

— Então... é verdade?

Ele não respondeu.

— É, Augusto? Me diga, seu *disgraçado*... você teria sido capaz de tirar o nosso bebê?

Claro que o maldito teria. E essa era uma das razões pela qual eu não havia dormido nas últimas noites, porque tudo que conseguia escutar eram suas palavras se repetindo em minha cabeça.

Eu não quero essa criança.

Eu não quero essa criança.

Eu não quero essa criança.

— Você parou para pensar por um segundo que fosse, Estela, que trazer essa criança ao mundo seria...

Solucei, nervosa. E mais do que depressa tapei os meus ouvidos para não ter de escutar nada cruel saindo de sua boca. Nada que me fizesse querer

matá-lo.

— Chega! — Hortência nos interrompeu, deixando claro que escutara toda a discussão.

Ele a ouviu, mas seus olhos não se desviaram. E foi ao me fitar, que eu tive a certeza de que eu e o nosso bebê não significávamos nada para ele.

— Em algum momento você se dará conta de que foi melhor assim.

Melhor? Sacudi a cabeça, sem conseguir acreditar.

— Pare de atormentar a menina e saia da minha casa, Augusto. A última coisa que Estela precisa é escutar esse tanto de porcaria saindo de sua boca.

Hortência se impôs entre nós dois, protegendo-me da raiva de seu sobrinho, mas eu não queria ser protegida. Então, quando o homem se afastou, prestes a deixar a casa, eu o chamei.

Houve um momento de tensão quando ele se virou, um em que eu senti meu coração desacelerar aos pouquinhos e doer bem devagar.

— Você não precisa mais mentir para mim ou fingir que se importa com as minhas besteiras. As terras são suas. Tudo isso é seu. Eu nunca quis essa fazenda... nem todas as coisas caras que me comprou. O que eu queria era você... mas não quero mais também. — Tia Hortência se mostrou agitada, ela não era a favor da decisão que tomei. E eu não era a favor do que eles fizeram comigo.

Essa guerra não era minha.

Augusto não reagiu a princípio, e eu, ingenuamente, esperei que dissesse que não queria terra alguma. Que aqueles papéis também não tinham importância para ele. Mas não foi assim que tudo terminou. E ao me dar as costas, Augusto levou com ele o meu coração.

Porque foi essa a dor que senti.

A de um coração sendo arrancado de dentro de um peito, esmagado entre dedos opressores. Augusto nunca o quis por me amar, ele o queria para

me fazer sofrer. Para me fazer pagar por um pecado que não cometi. Colocando as mãos em meus ombros, em forma de apoio, Hortência suspirou parecendo extremamente cansada.

— Augusto irá matá-la quando descobrir que mentiu, querida. Eu conheço o sangue ruim que corre por aquelas veias... Reze, mas reze muito, a essa sua Santa Sara Kali para que ele jamais descubra.

Eu a encarei, sabendo que o meu segredo estaria seguro com ela.

— Ele não irá.

CAPÍTULO 1

AUGUSTO ALENCAR

Encarei a lápide sob os meus pés, o nome de Suzana cravado no mármore negro. Os traços recentes não causavam outra emoção que não o ódio, em seu estado mais cru e violento.

Então, como se quase duas décadas não tivessem se passado, a memória da última vez em que a tinha visto preencheu cada espaço vazio do meu cérebro. O abraço que me deu, o olhar triste, fingido. A todo momento enquanto me acompanhava até a pista de voo da fazenda, ela pareceu tranquila.

Tranquila demais para uma mulher prestes a abandonar o marido louco e o filho adolescente.

Se cuide, meu menino, e seja um bom homem.

Por muito tempo suas palavras me fizeram rir, a raiva crescia sempre um pouco mais. Como a desgraçada podia me exigir que eu fosse um bom homem depois do que fez? Todas as lembranças que tinha dela, os aniversários, as viagens, o amor que sempre disse sentir... tornaram-se nada depois da descoberta de que havia partido com um cigano imundo e desgarrado, que não tinha onde cair morto.

Eu me cuidei como Suzana pediu, fiz isso movido pelo instinto

predatório e agressivo eminente do meu sangue, mas a certeza de que não havia me tornado um bom homem era absoluta.

Não havia muito deles quando se tratava dos Alencar.

A voz trépida e insana de Alfredo me alcançou, em outra das lembranças que mantive esmagadas em algum canto da mente. Era fácil demais ignorar a existência delas.

— Sua mãe nos deixou... A ingrata da sua mãe nos deixou! — Ele parecia transtornado. — Eu dei tudo àquela mulher, dei o mundo. Paguei as dívidas daquele velho salafrário que ela chamava de pai, a salvei da vergonha de ver sua família na miséria. E o que Suzana me faz? A estúpida me deixa por um maldito cigano maltrapilho! — O capataz de confiança de Alfredo entrou na sala naquele momento, um cômodo grande, com móveis de madeira antiga, e uma decoração tão bucólica quanto era o lugar. Sem dar a mínima para o fato de eu estar presente, Alfredo ordenou, agindo feito o louco que era já naquela época: — Vá atrás daquele cigano e queime tudo. Onde estiver, o que ele tiver. Eu o quero queimando!

Lembro-me de ter permanecido impassível, calado. Alfredo, no entanto, não tinha o mesmo controle que eu possuía. Ele sempre foi mais irracional, principalmente no que se referia à Suzana.

Aos 17 anos, eu passava mais tempo no colégio interno do que em casa. Só voltava para a fazenda nos finais de semana, e isso porque meu pai exigia. Mesmo convivendo pouco com eles, era possível enxergar a forma obcecada como ele amava a esposa, o que dava força aos boatos que rolavam por essas terras: os homens que viveram nessa casa, e compartilhavam do meu sangue, tinham tendência a perder a cabeça por amor. E o fim era quase sempre trágico.

A fortuna acumulada por gerações vinha do café, da agropecuária. Mas o nosso legado definitivamente não era esse.

Agora, em frente ao seu túmulo, vendo a profusão de rosas espalhadas ao redor da lápide, eu cheguei à conclusão de que não me importava. Que o tempo em que desejei que Suzana voltasse, ficara no passado. Que ela e a vida que escolheu levar não eram da minha conta, porque a verdade era que

essa mulher deixou de existir para mim no instante em que caiu no mundo. Eu superei a sua perda. Já o meu pai, bem... ele permitiu que a loucura finalmente o dominasse.

Ergui o olhar em direção ao céu, ouvindo o ruído do bimoto, que me trouxera até os confins de Sertãozinho, sobrevoando o cemitério. O lamurio do King Air abafou todo o som ao redor. Ou seria o som da minha própria mente que havia se calado?

— Então você veio. — Senti a aproximação de Alfredo, mas não me virei.

Meu interesse nele era igual ou menor do que o que tinha em relação à Suzana. Ainda assim, eu devia tudo o que possuía a esse homem. A empresa, as fazendas... os milhares de pés de café que hoje, após uma tomada agressiva, eu administrava. Afastar Alfredo do controle não foi difícil, nem me trouxe algum tipo de remorso, porque ao que parece o tino pelo negócio da família, o desejo doentio por expandir territórios, conquistar e tomar posse, pulara uma geração. Vindo duas vezes mais intenso comigo.

E diferente de meu pai, eu sabia bem o que fazia. Não para tanto, que passei a última década desdobrando-me como um tirano para tornar o Grupo Alencar, a maior produtora de café Conilon e Arábico de alta qualidade do país. Por consequência, a terceira no ranking mundial. Ficando lado a lado com produtores e exportadores de países como o Vietnã e a Colômbia.

Nós éramos referência no mercado agrícola nacional, um exemplo a ser seguido. Mas poucos eram os agrários dispostos a se sacrificarem como eu tive de fazer ao assumir uma empresa que já estava na família por quatro gerações, e que quase falira por pura incompetência e fraqueza de um homem atormentado pela lembrança da esposa.

— Você a enterrou como se ela fosse uma de nós. — O desgosto e contrariedade ficaram evidentes em meu tom de voz.

Suzana sempre foi um assunto proibido entre o meu pai e eu, que passamos os últimos anos em um acordo mútuo de silêncio. Cada um vivendo à sua maneira. Eu podia contar em uma mão as vezes em que retornei a essa fazenda depois que assumi o grupo e me tornei o administrador de tudo.

Mas no que se referia às terras que possuíamos, eu tinha conhecimento de cada decisão e passo dado por meus funcionários. Os avanços tecnológicos no setor agrícola, e o investimento árduo que vínhamos fazendo na modernização do plantio dos cafezais, tornavam o meu trabalho infinitamente mais fácil. Uma pena que não era assim com todos os setores. Porque, quadruplicar a produção de café no curto espaço de tempo em que fiz, exigiu a tomada de medidas extremas e o apoio incondicional da dupla dinâmica que trabalhava comigo: Sierra e Benjamin. Eram eles os advogados do Grupo Alencar, e os responsáveis por cobrirem as minhas costas quando, por algum imprevisto, eu precisava abandonar os meios lícitos de fazer negócios e agir de modo um pouco mais firme com aqueles que entravam em meu caminho. Ou que se recusavam a sair dele.

— Não fiz por ela, fiz pelo meu orgulho. Esfregar na cara daquele cigano que Suzana morreu como minha esposa é um prazer que ninguém, nem mesmo você, irá me tirar.

Eu o encarei, por fim.

A bengala que segurava parecia mantê-lo de pé. O paletó marrom e o chapéu *Stetson*, escondendo parte de sua cabeleira grisalha, fizeram-me sentir mais velho do que os meus 34 anos. Suzana destruía o homem ao meu lado, e o amor que o consumira no passado parecia ainda existir. E era essa fraqueza que me enfurecia, essa perda de autocontrole e razão... por causa de uma mulher.

Como essa merda era possível?

— Quando ela voltou? — foi o que perguntei.

Não havia mais nada que eu quisesse saber de qualquer forma.

E quanto antes voltasse para a capital e os meus próprios problemas, mais rápido eu poderia esquecer a existência desse lugar.

— Há cerca de três meses. — Quando as cartas começaram a chegar, pensei comigo mesmo. — Não que faça alguma diferença. — Alfredo me encarou de volta. — Ela voltou para morrer, Augusto. A praga que consumiu a sua mãe já havia se espalhado pelo corpo. Não foi por mim ou por você que

ela apareceu depois de todos esses anos, e sim porque o infeliz do cigano não sabia o que fazer. Acredita que o miserável teve a audácia de me pedir ajuda?

— Você negou. — Não era uma pergunta.

Se havia algo que os homens da família Alencar compartilhavam era o gênio ruim e a tendência a serem implacáveis.

— Ele continua vivo?

Os olhos de meu pai se estreitaram.

— Espero que não por muito tempo — declarou, esmagando com o pé um punhado de rosas vermelhas: as preferidas de Suzana. — Essa foi uma das razões pela qual telefonei, Augusto, não apenas porque queria dar a você a chance de se despedir dessa mulher, mas também porque preciso que me ajude. E como ajuda, eu me refiro a enviá-los para longe.

— Enviá-los?

— O cigano e a infeliz da filha. — Que porra era essa? Meu pai leu a pergunta em meus olhos, e negou rapidamente. — Filha dele, apenas dele.

— Tem certeza? Eu não quero ter de lidar com disputa por bens e toda essa merda... — Não agora, quando as terras que pertenciam a Suzana, e que vinham sendo usadas pelo Grupo Alencar por todo esse tempo, mesmo sem autorização, eram oficialmente do seu único filho e herdeiro.

Minha maior preocupação até o momento era com Hortência. A velha e teimosa irmã de Suzana, que detinha a outra parte da herança deixada às duas.

Hortência era literalmente *A pedra* no meu caminho, vinha sendo assim por anos. Recusando-se a vender a sua parte, atrapalhando completamente os meus planos, que sempre fora o de colocar as mãos na única fazenda da região que fazia divisa não apenas com a estrada que ligava Sertãozinho a Ribeirão Preto, que era onde se localizavam as nossas terras, como também tinha a facilidade de ter acesso às principais rodovias do país. Se não fosse o bastante, a fazenda ainda detinha a maior nascente da região. E eu a queria. Queria cada hectare que a família de minha mãe não soube

aproveitar ou cuidar. Queria cada pedaço de terra que, em um mundo perfeito, deveria me pertencer.

Eu queria tudo.

Mas Hortência parecia ter prazer em me negar a sua parte, e se colocar contra mim e Alfredo. Preferindo ver tudo o que possuía definhar antes de me passar o controle.

A mulher era tão ou mais estúpida do que a irmã.

— Certeza absoluta, a criança já existia quando Suzana fugiu com o infeliz. Ela e o pai estão... ocupando o velho casebre da fazenda de Hortência. Ele tem feito pequenos trabalhos pela região, consertando tralhas, cuidando como pode das terras de sua tia. Enquanto a cigana, bem, ela tem como hobby entrar na minha fazenda e roubar as flores do antigo jardim de sua mãe. Eu já a peguei por essas estradas uma dezena de vezes, mas você acha que a maldita me escuta? É uma ladrazinha como o pai, uma infeliz que eu farei questão de escorraçar na próxima vez que ela pisar em minhas terras.

Eu não duvidava de suas intenções. Se Alfredo ameaçava, as chances de levar cada palavra ao pé da letra até o final eram grandes.

— Não acho que precise de minha ajuda, Alfredo. Há raiva suficiente em você para fazer as coisas encaminharem como deseja.

— Eu já tentei, não pense que não! O problema é que está cada vez mais difícil encontrar pessoas de confiança nos dias de hoje, e esse novo delegado, bem, ele é um frouxo que...

— Deixe-me adivinhar, ele não aceita suborno?

— De acordo com o falatório, o idiota é um homem íntegro.

— Esses são os piores.

— As coisas não são mais como antigamente — disse, ressentido. — Quando era pequeno, qualquer contrariedade à nossa família significava uma bala na cabeça e um espaço debaixo da terra. Com seu bisavô era ainda pior. A arma do infeliz andava praticamente engatilhada... Hoje em dia? Agora

querem interferir no porte de arma, tornar tudo legal... Não há legalidade quando o assunto é bala na cabeça de um zé-ninguém, compreende, Augusto?

Eu não falei que ele era instável?

— Continuo sem entender o que espera que eu faça.

Alfredo me encarou, batendo sua bengala no chão, nervoso.

— Eu quero que você o arruíne.

— Se o que diz é verdade e ele pediu por sua ajuda, acredito que não tenho nada para arruinar, a menos que...

As palavras se perderam no instante em que notei a presença de uma garota estranha, vindo em nossa direção. O rosto, rodeado por cachos e ondas negras, seguia abaixado, concentrado no chão de terra em que pisava com os pés evidentemente descalços. As flores que carregava com ela eram idênticas as que meu pai e eu esmagávamos no momento. Idênticas a que ela exibia atrás da orelha também.

Engoli em seco ao me dar conta de que se tratava de uma cigana. Meu lado racional insistia em dizer que visões nada mais eram do que tolices. Ainda assim, mesmo que a minha falta de fé em crendices gritasse mais alto, eu me vi perdendo a noção do que era ou não real quando a garota ergueu o rosto e fixou os olhos selvagens, de tão ariscos, sobre mim.

Não houve hesitação, as duas esferas verdes sequer desviaram para o homem ao meu lado. Pelo contrário, mantiveram-se firmes, como se, do outro lado, fosse um animal avaliando o perigo. Analisando-o. Sentindo sua vibração.

Sem compreender a minha reação à sua presença, eu me deixei levar pela aparência da garota. A boca voluptuosa era cheia e avermelhada. Os cílios tão negros quanto os do seu cabelo. E a pele, eu nunca tinha visto uma cor tão sensual. Quente e morena, como o fogo. Impassível por fora, escorreguei o meu olhar em direção a barriga desnuda; a blusa que vestia era de um tecido leve e marrom, curta demais para cobrir a cintura que se alargava para receber o quadril avantajado. Porra! Desci um pouco mais, percorrendo a saia comprida, e as coxas visíveis por conta da transparência

do tecido gasto. Até que meu olhar se deteve na delicada tornozeleira rodeada por penduricalhos.

Não, a cigana não era uma visão. Ela era assustadoramente real.

— Quem é a garota? — inquiri a Alfredo, sentindo o tesão falar mais alto e pela primeira vez na vida... assumir o controle.

— Ela é tudo o que restou ao miserável do cigano, Augusto. Não é irônico?

ESTELA SAAVEDRA

Corra! Foi o que a sensação incômoda, também conhecida como intuição, murmurou em meu ouvido: *Corra agora!*

Eu não consegui.

O calafrio que se espalhou pelo meu corpo no instante em que pisei sobre a terra do cemitério onde Suzana fora enterrada há menos de 24 horas, passou a fazer sentido. E antes mesmo de reconhecer a presença intimidante e assustadora do homem que me encarava com o semblante duro, eu pude sentir a raiva e todas as emoções turbulentas que emanavam dele. Papai dizia que eu era sensível como a minha mãe quando se tratava de intuições e pressentimentos, e ele não estava errado.

O que não significava que eu gostava de ser assim, porque na maioria das vezes era horrível saber que algo de ruim aconteceria. Ter e sentir a vibração ao meu redor, e não saber o que fazer para impedir uma tragédia. E era essa sensação, engalfinhando-me por dentro agora, que continuou a pedir para que eu corresse. Mas ali, sendo alvo do olhar abrasador do desconhecido, eu mal pude respirar.

Que dirá me afastar.

A presença dele era tão intimidante e intensa, que demorei a notar que do seu lado encontrava-se o próprio demônio: Alfredo Alencar Gouvêa. O homem que, de acordo com as histórias contadas por Suzana, fora neto do primeiro Barão do Café de Ribeirão Preto. Um título, que na época em que

foi oferecido pela monarquia, garantiu aos homens dessa família mais poder e influência do que qualquer ser humano deveria ter acesso. E como ela sempre dizia: *o poder vem acompanhado da ambição, Estela. E a ambição é o mal da humanidade. A razão de haver tantas guerras e mortes.*

A princípio, eu não entendi o jeito assustado como Suzana falava do seu primeiro marido, a quem ela deixou para ficar com meu pai, não até o dia em que o próprio demônio ousou me arrastar de suas terras, xingando-me pelos piores nomes possíveis. Eu nunca contei ao meu pai ou a ela sobre o acontecido. Tia Hortência era a única a saber que aquele monstro realmente me escorraçou de sua fazenda. E não era para menos que seus avisos para que eu tomasse cuidado tinham se tornado cada vez mais frequentes.

Incapaz de desviar os olhos do desconhecido bonito, eu logo me dei conta de que o homem era alto. Muito mais alto do que o meu pai ou qualquer outro *gadjô*¹ que eu tenha conhecido. Mas não era a altura que o tornava intimidante, e sim todo ele. O rosto severo e bem construído. Eu nunca antes tinha visto um maxilar tão largo e trincado, ou olhos tão predadores. Normalmente, eu mal notava as características de um homem. Não tinha contato direto com eles, mas com esse... havia algo perigoso emanando dele. Algo que me impedia de desviar o olhar. Eu estava amedrontada e ao mesmo tempo fascinada.

Corra...

Se fosse para ser sincera, comigo e com a voz em minha cabeça, eu teria de admitir que eu não queria correr.

E em vez de seguir o meu instinto, fiz exatamente o contrário. Aproximei-me dos dois homens, no outro lado da lápide, e me ajoelhei, colocando as rosas vermelhas, que Suz tanto gostava, sobre a sua lápide, pedindo, baixinho, a Santa Sara Kali que a guiasse e tornasse sua partida menos dolorosa. Minha intenção não era a de arrumar briga com os dois homens, mas foi impossível não sentir raiva ao ver os sapatos do demônio e do desconhecido esmagando as rosas deixadas no dia anterior.

Fiquei tão furiosa, que minha respiração falhou e meu sangue ferveu.

— O que faz aqui, cigana imunda? Pensei ter deixado claro que eu não a queria rondando a lápide da minha esposa! — o demônio grunhiu, mas manteve a cabeça erguida. Mesmo que por dentro eu quisesse matá-lo por ter impedido que papai e eu participássemos do enterro de Suzana, que nos despedíssemos dela.

— Ela não era sua esposa. Não era! — gritei, sem qualquer noção de sobrevivência. — E o que o senhor fez foi imperdoável... a coisa mais cruel que alguém poderia ter feito. Suzana amava o meu pai, e ele sequer pôde se despedir dela... você é... um monstro, senhor Alfredo. Um monstro! — O velho segurou o meu braço, com força.

— Sua ladrazinha... eu ainda te verei engolir suas palavras!

— Já chega! — A voz do desconhecido soou grave, assustadora, fazendo com que o Sr. Alencar e eu nos calássemos. Meus olhos o fitavam com uma curiosidade alarmante. — Solte a garota, pai!

Pai? Se Alfredo era o seu... então ele era o filho de Suzana. O infeliz que nunca respondeu a qualquer uma de suas cartas. E foram muitas. Porque Suz sempre chorava após escrevê-las. Ela nunca se perdoou por tê-lo deixado. Mas sempre soube que essa era a única forma do Sr. Alencar deixá-la partir.

Quando viu que o pai não me soltaria, o agora, já não desconhecido, segurou o braço dele e nos afastou. Se eu fosse um pouco mais esperta teria escolhido aquele momento para ouvir a vozinha em minha cabeça. Mas saber que estava diante do filho da mulher que foi como uma mãe para mim bagunçou tudo.

Meu menino sempre foi tão bonito...

Ele tem os olhos do pai... azuis como o céu às vésperas de uma tempestade.

Eu deveria ter lutado por ele, sido mais forte. Mas Alfredo teria me esmagado se eu tivesse tentado tirar o seu único herdeiro. Ele teria me destruído junto com o seu pai.

Eu não quero morrer sem antes ver o meu menino, Estela. Não quero.

Mas foi o que aconteceu.

Lágrimas de ódio perfuraram os meus olhos. De raiva por ele nunca ter se dado ao trabalho de responder a própria mãe. De raiva porque meu corpo havia reagido tão fortemente a um homem que tinha os mesmos olhos do pai. Tão frios e implacáveis quanto.

— A partir de agora, se você se atrever a pisar aqui...

— O senhor não pode me impedir! — gritei para o Sr. Alencar. — Você não é dono desse cemitério. Pode ser de suas terras, mas não daqui!

Olhei para cima ao ver o corpo largo e rígido entrar na minha frente, colocando-se como uma barreira entre mim e o pai. A mandíbula dura, cerrada, alertava-me de que ele tinha o mesmo gênio ruim. A mesma loucura dentro dele.

Corra...

— Você deveria ter respondido a ela. — Ele franziu o cenho, confuso por um segundo. Até que compreendeu ao que eu me referia. — Ela morreu esperando, *precisando* falar com você...

— Cale a boca!

— Ela era a sua mãe! — Eu o ataquei, furiosa.

O homem deu um passo em minha direção e, dessa vez, foi o único a segurar meu braço. Não com força, mas deixando claro que se precisasse ele não se importaria em usá-la.

— Quando eu falar é bom que escute. Eu pedi para você calar a boca, e é isso que vai fazer. E você está errada, ciganinha. Agora vá, saia daqui e pare de nos perturbar.

Meu sangue ferveu, queimou tudo por dentro de uma forma que não pensei ser possível.

— *Disgraçado...* — falei, e ao passar por ele, o meu ombro tocou o seu e um choque percorreu o meu corpo inteirinho. Parei, olhando para trás, querendo entender. Mas nada, ele não havia reagido ao esbarrão.

Ou assim eu pensei, porque no momento em que ia virar o rosto e seguir o meu caminho, o filho de Suzana olhou para trás, fazendo o meu coração bater mais forte. Mais pesado. Uma sensação tão dolorosa apossou-se de mim que, dessa vez, quando a voz murmurou em meu ouvido para que eu corresse, eu a escutei.

Cheguei em casa naquela manhã, ainda agitada por conta do encontro. Incerta sobre contar a papai tudo o que havia acontecido, eu demorei a me dar conta da caminhonete de Ramon, estacionada em frente ao casebre que tia Hortência, como pediu que a chamasse, nos cedeu pelo tempo que quiséssemos ficar. Hesitei antes de entrar na casa, fazendo hora no lado de fora, andando de um lado ao outro, enquanto minha mente tola era invadida pelos olhos azuis daquele homem.

Ah, Santa Sara Kali, o que está acontecendo?

Eu estava apavorada, não por causa da forma como ele havia falado comigo e sim por causa da reação do meu corpo a ele. Da agitação do meu estômago, do frio na barriga. Da tremedeira.

— Estela? — A voz de Ramon fez-me olhar para a pequena varanda do casebre. O lugar preferido de papai, que sentava ali por horas em sua cadeira de balanço. Às vezes contando histórias para mim e Suzana ou tocando no violão as músicas ciganas que eu tanto gostava. — O que aconteceu?

Claro que ele iria perceber que havia algo de errado, mesmo o conhecendo há tão pouco tempo, Ramon se tornara o meu protetor. Não que eu não percebesse a forma lasciva como me olhava as vezes, principalmente depois que nos beijávamos. O que vinha acontecendo com certa frequência.

— Eu vi o filho de Suzana — revelei, nervosa. Ramon trabalhava aqui desde a juventude, mas só há alguns anos fora nomeado como técnico agrícola, acho que por conhecer as terras de tia Hortência e as do Sr. Alencar com a palma de sua mão. O que significava que ele também conhecia o filho do demônio.

— Augusto está aqui?

Assenti.

— Merda!

— Eu tenho que me preocupar? Quero dizer... você acha que ele irá fazer algo comigo e com o meu pai?

Ramon não respondeu, pensando sobre o assunto.

— Será que ele nos odeia também?

— Onde você o viu, Estela? — Pelo seu tom de voz, eu soube que estava preocupado.

— No cemitério, ele e o Sr. Alencar estavam lá quando fui levar as rosas de Suzana.

— Você entrou novamente nas terras do Sr. Alencar para pegar flores? Estela, quantas vezes terei de repetir que você está mexendo com a família errada?

— Aquelas rosas não são dele, são de Suz!

— E Suzana está morta. Mais um motivo para que não volte a pisar lá.

Não disse nada, eu não podia porque era óbvio que estaria mentindo se promettesse não voltar lá. Entre mentir e fingir não o escutar, eu escolhi a segunda opção.

— Quanto ao Augusto, eu não confio nele. Nunca confiei se quer saber. O desgraçado tem o mesmo temperamento do pai; quando éramos crianças, ele não sabia perder, que dirá levar desaforo para casa. Não teve um cabra dessa região que não tenha sofrido nas mãos daquele infeliz. — Ramon me alcançou, fazendo-me encará-lo. Não com brutalidade, mas com carinho. — Não volte àquela fazenda, Estela. Principalmente, não entre no caminho de Augusto, fui claro?

— Mas... e se for ele a entrar no meu caminho? O que eu terei que fazer? Virar as costas? Fingir não ver?

— Você entendeu muito bem o que eu quis dizer, espertinha. — Ele sorriu, sabendo que eu estava brincando.

— Obrigada por ser meu amigo, Ramon.

— É assim que me vê? Apenas como um amigo?

— Um bom amigo.

Ramon assentiu, aproximando-se um pouco mais e me beijando na boca. A cada vez que ele me beijava, eu esperava sentir algo extraordinário. Algo que sacudisse a terra debaixo dos meus pés. Mas nunca aconteceu. Não que fosse ruim, não era. Só não parecia certo. Ou talvez, beijos fossem assim mesmo, e eu que estava esperando muito. Ramon fora o primeiro homem que permiti que me beijasse, então não havia ninguém com quem comparar.

— Eu sou apaixonado por você, Estela — murmurou, fazendo-me sorrir com certa tristeza.

— Isso precisa parar, sabe? Papai diz que as mulheres do meu povo só podem se entregar a um homem depois de casadas. E é isso que eu pretendo fazer. Meus beijos não te pertencem, e sim ao homem que será o meu marido.

— E quem garante que eu não sou esse homem? — Ele não era. Eu sentia com a minha alma que não era.

— Essas coisas a gente sente — falei, de modo suave.

— Então por que deixa que eu a beije? Por que fazer hora com a minha cara dessa maneira? — perguntou sério.

— Seu bobo, eu deixo porque... é gostoso. — Dei um selinho em sua boca, e me afastei antes que ele me agarrasse.

Ramon permaneceu ao lado de sua caminhonete enquanto eu corria para o casebre. Não olhei para trás; e ao entrar, fechei a porta de madeira e me apoiei contra ela. Mas não foi nele ou em seus beijos que pensei, e sim no filho de Suzana.

Nem um pouco menos agitada, eu passei o olhar pela casa. A sala

pequena, com móveis velhos e doados, era ligada a cozinha que ficava de frente para a mesa, também de madeira, que meu pai inventara de lixar nos últimos tempos. Havia um único banheiro e apenas dois quartos. O meu era o menor, e tinha uma divisória de cortina que nunca me incomodou. Eu não cresci no luxo, não sabia o que era viver da forma como os ricos viviam. Mas sempre que ia até a casa de tia Hortência, ajudá-la a preparar a comida ou a limpar os cômodos, eu ficava fascinada com tudo o que ela herdara de seus pais.

Hortência era uma mulher solitária, não gostava de estranhos em sua casa, e por isso as empregadas nunca ficavam por muito tempo. Nesses poucos meses em que a conhecia, eu passei a amá-la como amei sua irmã. E mesmo sabendo que ela adoraria que papai e eu ficássemos no casebre, eu sabia que em algum momento nós teríamos de partir. Meu pai pode ter se separado do seu grupo, anos atrás, tornando-se um desgarrado a fim de me proporcionar um futuro melhor e diferente do que o que a minha mãe teve, mas ele nunca deixou de ser um cigano. Isso estava em sua alma. Assim como estava na minha.

CAPÍTULO 2

AUGUSTO ALENCAR

Venâncio me acompanhou na visita ao cafezal da extensão leste, cuja colheita se daria somente no próximo outono, quando as chuvas da região cessariam e os frutos nos pés de café alcançariam o ponto ideal de maturação. Essa parte da lavoura era recente, e estava localizada em uma área afastada, que fora incorporada à Fazenda Das Paineiras meses após a tomada do Grupo Alencar. Muitos fazendeiros se viram tendo que abrir mão de suas terras por um valor que me pareceu justo na época, mesmo que para eles não parecesse. A bem da verdade, era que em negociações como essas, uma das partes sempre levava prejuízo. E raramente essa parte era a que eu estava envolvido.

O antigo delegado se mostrou interessado em facilitar as negociações na época, e a ajuda que obtive dele, que não era tão íntegro quanto o novato, foi mais do que bem-vinda. Lidar com agropecuaristas e donos de terras exigia pulso firme, uma boa dose de persuasão e de cinismo. Quando se viam sem saída, esses mesmos fazendeiros aceitavam qualquer proposta que eu estivesse disposto a fazer, uma dor de cabeça que eles mesmos se causavam ao adiar o inevitável.

Enquanto me atualizava, metodicamente, sobre a escassez de água que vinha atingindo algumas regiões da fazenda, e por consequência, atrapalhando o processo de irrigação dos pés de café em maturação, eu procurei manter a calma. Venâncio era o meu braço direito no que se dizia a

administração e controle de produção. Sozinho, ele realizava toda a verificação das terras que possuíamos no interior de São Paulo e Minas Gerais. Extensões necessárias da fazenda sede, que auxiliavam no plantio dos diferentes tipos de grãos com os quais trabalhávamos.

A pedra no caminho que Hortência representava, não afetava apenas os laços frágeis que nos unia, como também estava começando a realmente me atrapalhar. A vontade que tinha era de tirá-la do caminho com as próprias mãos, do jeito mais difícil, para ela, talvez. Mas eu sabia que no que se referia àquela velha teimosa, eu teria de ser paciente. Reconhecer o momento certo de dar a cartada que me garantiria acesso não apenas aos hectares incontáveis de terra como também à nascente, que era o que eu verdadeiramente tinha em vista.

— Tem que ter alguma brecha legal que me permita embargar as terras de minha tia, Venâncio — eu o cortei, perdendo enfim a paciência. Eu não o contratei para encher minha cabeça a respeito dos problemas pelos quais vínhamos lidando e sim para me trazer soluções. O que não fizera até agora. — Meu avô usou mais da metade de suas propriedades para quitar dívidas, meu pai mal deve lembrar que parte colocou as mãos, então, talvez haja a possibilidade de que ele tenha adquirido posse dos hectares errado.

— O senhor está insinuando que...

— Não estou insinuando nada — declarei, sério. — Quero apenas saber se existe essa possibilidade. Uma pequena abertura que nos dê meios legais de adquirir aquela fazenda sem despender qualquer centavo. Se Hortência não deseja vender...

— Então você pretende tomar. — Venâncio não parecia satisfeito. Eu tampouco.

A questão aqui era que eu havia tentado conversar cordialmente com aquela mulher ao longo dos anos. Mas ela não apenas se recusou a me ouvir, como inventou as desculpas mais ridículas a fim de evitar uma reunião. Ontem mesmo, após deixar meu pai em casa, eu dirigi até a fazenda com uma nova proposta, mas Hortência pediu, com toda educação do mundo, para que eu respeitasse o seu luto e fosse, junto com o novo acordo, para o inferno.

Disse tudo tão serenamente, que por um momento cheguei a considerar a possibilidade de que ela estivesse tirando onda com a minha cara.

Mas não estava.

— Fui cordial por todos esses anos, Venâncio. Cheguei, inclusive, a reformular aquele acordo uma dezena de vezes, e nada funcionou. Hortência é uma cabeça-dura que pensa que pode se vingar do meu pai ao manter aquelas terras para si. Mas, adivinhe, ela não pode.

— Eu... — o cabra gaguejou. — Bem, a seu pedido nós já reviramos aqueles papéis de trás para frente, Sr. Alencar. Uma dezena de vezes também. Os hectares que rodeiam a nascente e chegam à estrada principal nunca foram negociados, mas... — O homem pareceu receoso em continuar.

— Mas?

— Há boatos de que o tabelião esteve há algumas semanas na fazenda dela. Só que isso foi tudo o que chegou aos meus ouvidos.

— Quem mais participou? Se houve alguma negociação ou venda... outra pessoa deve ter comparecido.

— Ninguém de fora. Apenas a menina cigana e a sua mãe.

“O que aquela velha estava aprontando?”, questionei-me irrequieto ao dar meia-volta e ir em direção ao jipe², com Venâncio esforçando-se para me acompanhar, suando feito um porco. Não vou negar, nessa época do ano fazia um calor dos infernos nesse lugar, e esse clima abafado era uma das poucas coisas que não havia mudado por aqui.

— Hortência está abalada, Augusto — Venâncio disse atrás de mim. — Ela e Estela vinham se revezando nos cuidados de sua mãe. Com as dívidas deixadas pelos seus avós, e a inaptidão dela em cuidar da fazenda...

— O senhor parece lamentar o infortúnio de minha tia. — Eu o avaliei antes de subir na Mercedes alta, completamente adaptada à estrada irregular dessa região, contestando pela primeira vez a lealdade de Venâncio.

— De maneira alguma. O que acontece é que o seu pai gosta de

manter um olho sobre o que acontece no outro lado dessas cercas. Principalmente no que se refere ao cigano.

— O que você sabe a respeito dele? — inquiri, apoiando o braço na janela e ligando o motor V8.

— Sobre o cigano?

Assenti, impaciente.

— Sei o que todo mundo tem falado, que ele tem feito alguns serviços braçais na fazenda, limpa, capina... É como se fosse o capataz de Hortência, um faz-tudo.

— E quanto a garota?

— Estela? — perguntou com cuidado. — Bem, ela... ajuda Hortência como pode, e nos finais de semana costuma vender as bijuterias que faz na praça da vila.

— O que mais? — Eu queria saber tudo a respeito da ciganinha, antes que ela viesse a se tornar um problema.

— Ramon é quem a leva e busca. Acho que ele teme que algo aconteça, não são muitas as pessoas dispostas a aceitar e acolher ela e o pai.

Ramon. Claro que o desgraçado tinha de estar envolvido. Discutir com ele se tornara um hábito quando éramos moleques; e o que por toda a nossa infância foi amizade, após a partida de Suzana e a maldita carta que me deixara, se tornou desprezo.

Um desprezo que me fez atravessar toda a fazenda naquele mesmo dia e explodir a raiva que sentia no miserável. Se não fosse pelos capatazes da fazenda, tirando-me de cima de Ramon... eu sei que o teria matado. Eu estava cego, vendo vermelho. E sozinho, jamais teria conseguido me afastar.

— Os dois estão juntos? — inquiri, com um gosto amargo na boca.

— Quanto a isso eu não posso afirmar nada, Sr. Alencar. Somente que Ramon é bastante protetor com ela.

— Como funcionário dessa fazenda, eu acredito que a lealdade dele está um pouco distorcida, não? A permanência de Ramon por aqui é algo a se considerar, Venâncio, eu não quero ser pego desprevenido no futuro e odiaria que a responsabilidade recaísse sobre você...

— Ramon é o melhor técnico agrícola da região, Augusto; além disso, é um dos poucos a conhecer cada metro dessa fazenda. Ele cresceu aqui.

Encarei Venâncio.

— Cresceu, só que talvez não pertença à Fazenda das Paineiras. Mas, já que preza tanto pelo trabalho que o infeliz presta, garanta que ele não volte a se aproximar daquela garota.

— Sr. Alencar...

— Faça isso, Venâncio. Não é um pedido tão difícil, é?

Sem escolha, o homem concordou comigo e, após mais alguns minutos de conversa, se afastou para que eu pudesse seguir o meu caminho. Distraído, com o montante de decisões a serem tomadas antes de retornar à capital, eu apertei os dedos ao redor do volante e acelerei pela estrada de terra enquanto organizava meus pensamentos. Uma visita ao tabelião estava em meus planos, agora mais do que nunca. Antes de dirigir até a cidade, eu fiz um pequeno desvio e voltei para a sede da fazenda a fim de reunir a documentação que pretendia ter avaliada.

Infelizmente, problemas nunca vinham desacompanhados. Eram como se merdas atraíssem merdas. E a que estava prestes a acontecer no momento, fedia. E muito.

Desliguei o motor, um pouco antes da vaga em frente ao casarão e tentei compreender a cena diante dos meus olhos: dois dos capatazes que trabalhavam para Alfredo, e que possuíam o dobro do tamanho da ciganinha, a seguravam enquanto ela se debatia selvagememente.

Não soube o que pensar sobre o que via, mas ao que parece, para o meu pai a cena toda parecia bastante aceitável. Porque o filho da puta não apenas a estava ameaçando verbalmente, com gritos e ofensas, como também apontava a porcaria de uma espingarda para a garota.

Caralho!

Desci do carro, aproximando-me dos capatazes que a seguravam. Meus passos duros e agressivos fizeram com que os desgraçados se afastassem antes mesmo que eu desse a ordem. Estela os xingou, batendo no peito dos dois, como a gata arisca e sem juízo que era, e os encarou como se fosse decapitá-los ali mesmo. Naquele momento, enquanto se debatia, o cabelo selvagem se espalhou desordenadamente pelo seu rosto, braços e ombros nus. Eu teria prestado menos atenção se ela não estivesse, novamente, com a cintura descoberta. Os seios cheios, visivelmente pesados, pulando conforme se debatia.

Pela primeira vez na vida, eu me vi tomado pelo anseio de arrastar uma mulher para longe dos olhares de outros homens. Ainda mais do olhar nojento e malicioso que os capatazes destinavam a ela. Será que a cigana era tão estúpida que não percebia o perigo que corria ao andar sozinha por essas terras?

Nada do que acontecesse aqui seria levado à polícia, e dificilmente receberia justiça. Meu pai, aliás minha família, detinha influência por toda essa região, para não dizer no país. Não que fôssemos criminosos, mas abafar um ou outro delito cometido dentro dessa fazenda seria fácil. Fácil demais para dizer a verdade.

Quando o infeliz, que recebeu um soco no peito, levantou a mão para bater em Estela, eu me senti no dever de interferir.

— Não ouse, porra! — grunhi para o capataz cujo apelido eu sabia ser Bandeira.

Venâncio alertara sobre a sua reputação *cabra louco*, e talvez, por essa razão, ele fosse o mais próximo do meu pai. O que fazia o seu trabalho sujo.

Do infeliz eu olhei para a ciganinha que respirava com dificuldade. O decote da maldita blusa amarrada em suas costas, parecia mais aberto, frouxo. Desviei os olhos, irritado, de tão faminto, e encarei seu rosto vermelho.

— Seu pai merece morrer sozinho! Ele não tem coração, é um

miserável! — ela gritou, decidida a não se render. — Eu quero que ele queime como as rosas em que pôs fogo, que sofra o mesmo que elas... — Então essa era a razão de toda a gritaria. — Eu o odeio, odeio aquele homem ruim... seu pai fez com o roseiral o mesmo que fez com a Suz, ele os destruiu!

A agitação da cigainha fez com que os seus seios redondos subissem e descessem. Um espetáculo que desejei possessivamente não compartilhar com ninguém. O retalho de camurça seguia solto em seu corpo, denunciando o fato de que ela estava nua por baixo do trapo. Não havia nada os protegendo, nada que impedisse qualquer homem de olhar para os mamilos intumescidos e salientes.

A porra de um tiro soou no céu, fazendo-me arrancar os olhos dela e focá-los em meu pai, que tinha a espingarda engatilhada e apontada diretamente para a garota.

— Da próxima vez eu mandarei queimar você e o seu pai, sua cigana imunda! Você entra em minhas terras, rouba do meu jardim e acha que irá ficar por isso mesmo? Eu prefiro ver aquelas rosas queimando do que deixar que as tenha!

— Elas não são suas para queimarem, seu velho tolo! — Pelo visto não era somente o meu pai, o insano aqui, porque se eu não tivesse entrado na sua frente e a segurado, Estela teria cometido a imprudência de enfrentar meu pai cara a cara. De frente a espingarda, que eu sabia que ele não hesitaria em disparar.

Depois de outro tiro, dessa vez mais baixo, o corpo inteiro da cigana estremeceu. Senti-a recuar, quase se chocando contra mim.

— Eu nem sei quem é mais louco aqui, porra! Você ou ele — grunhi, mais perto do que deveria. — Se acha que meu pai não atiraria, é porque não o conhece...

Algo no que eu disse a fez ficar quieta. Estela deixou de se debater e aceitou o fato de que eu havia me colocado entre ela e a espingarda.

— Aquelas rosas eram tudo o que eu tinha de Suzana. Agora eu não

tenho nada! Nada! — confessou com os lábios trêmulos e molhados, fazendo com que eu me desse conta do quão seca se encontrava a minha própria garganta.

— Tirem essa ladra das minhas terras, seus desgraçados, ou eu atiro nela e em vocês! — meu pai continuou a rugir loucuras atrás de mim, à espera de que Bandeira e o outro capataz tomassem alguma atitude.

Só que eles não fizeram nada, não seriam loucos de me enfrentar.

Quanto a mim, só posso dizer que foi preciso mais autocontrole do que me achava capaz para deter a vontade súbita de domar o pequeno animal selvagem que Estela era. De colocá-la na porcaria do seu lugar, e fazê-la se submeter aos meus caprichos...

— Entre no jipe antes que o meu pai perca de vez a cabeça — ordenei, esperando tudo menos uma recusa.

— Eu não vou entrar em qualquer lugar perto do senhor! Não confio em gente da sua família!

— Você parece se esquecer de que a mulher que o seu pai roubou do meu, também fazia parte dessa família...

— Suzana não era um objeto para ser roubado. Ela fugiu porque amava o meu pai.

— Amava, não é? E o que esse amor fez a ela? Seu pai a deixou morrer porque não tinha a menor condição de cuidar dela. Era um zé-ninguém que, na hora do aperto, foi pedir ajuda ao meu pai...

— Ele só queria salvá-la! Só queria...

— Não importa o que ele queria. Seu pai deveria ter arcado com todas as necessidades da mulher que tanto amava. Se foi homem para tirá-la dessa casa, de seu marido e filho, ele tinha que ter sido homem na hora de garantir que ela tivesse a ajuda que precisava...

— Seu tonto, *disgraçado*! — A tigresa rugiu, avançando contra o meu peito. — Suz foi embora porque o seu pai é um monstro, e você não fica

atrás, não. É um *gadjô* sem coração!

— A forma correta é... — comecei a dizer, mas os socos que a ciganinha deixou em meu tórax fizeram-me calar. Meus dedos envolveram os pulsos magros, em uma tentativa de detê-la, mas foi o terceiro tiro disparado por Alfredo, agora em direção ao chão, que fez com que ela parasse o ataque e me usasse como seu escudo.

Os olhos verdes se estreitaram, assustados, demonstrando todo o seu medo. Senti-a se encolher e me encarar de volta, com os traços de raiva cobrindo o rosto mais belo e ferino que já tinha posto meus olhos. Nunca dei a mínima para essa porcaria, mas a garota sob o meu controle tinha cílios tão negros e compridos, que poderiam facilmente ser dois leques saudando a imensidão verde deles.

Mas foi a boca que me deixou atordoado. A maldita boca trêmula, que tinha aparência de ter gosto de céu... não que alguma vez eu o tenha provado.

— Entre no jipe! — grunhi, furioso comigo mesmo.

— Eu não tenho medo do seu pai — falou, mas a maneira como me fitava mostrava o contrário.

— Deixe de ser teimosa, merda, e faça o que estou te pedindo. A menos que queira sair daqui direto para o túmulo ao lado de Suzana.

Ela empalideceu, e pouco a pouco se afastou, correndo em direção ao jipe. Esperei até que batesse a porta; e ainda abalado, olhei na direção do Sr. Alencar Gouvêa, que continuou com a arma apontada para o seu alvo. Sem hesitar, eu me aproximei do infeliz descontrolado e tomei a espingarda dele. Não foi difícil, difícil foi não perder a cabeça eu mesmo e explodir.

— Em que século pensa estar vivendo, pai? Apontar uma arma de fogo para aquela garota? O que acha que teria acontecido ao senhor?

— Nada, porque homens como eu são intocáveis, Augusto. Ela teria morrido e eu finalmente teria a minha vingança.

Os capatazes o ouviram, nenhum deles fez qualquer comentário. Acenei, para que Bandeira me seguisse, e assim que entramos em casa fui

logo dando a ordem:

— Eu quero que o senhor entregue todas as armas de fogo que possui dentro dessa casa ao Bandeira. Eu já tenho muito com o que lidar para ter que me preocupar com você disparando essas porcarias por aí...

— Se aquela vadiazinha soubesse qual é o seu lugar...

— Não cabe ao senhor dizer qual é ou não o lugar dela, meu pai. Você está há tanto tempo preso nessa fazenda que não faz ideia de como é o mundo por trás dessas cercas e cafezais. Lá fora... há um grupo que protege a minoria. E aquela garota a quem vem ameaçando faz parte dessa maldita minoria. Toque em um dedo que seja nela e o senhor está acabado.

— Que mundo de merda é esse em que eu não posso proteger o que é meu? — Eu não iria explicar a ele o que era viver em sociedade nos dias atuais, não cabia a mim. E o que faltava a ele de bom senso, me faltava em paciência.

— Quanto ao roseiral... o senhor realmente pôs fogo naquele lugar?

Alfredo riu, com gosto.

— Queimei tarde demais, Augusto. Eu deveria ter feito isso assim que descobri que a cigana vinha roubando as minhas rosas.

A cozinheira, que também cuidava da administração da casa e dos funcionários da limpeza, tapou a boca com a mão, horrorizada. Dispensei-a, fazendo-a dar meia-volta e correr em direção à cozinha, porque eu queria e ao mesmo tempo precisava de privacidade.

— Espero que atear fogo a algo que Suzana amava, o tenha feito sentir pelo menos um pouco de paz. Porque sanidade não é algo que o senhor terá de volta, não é?

— Não trouxe — ele grunhiu, baixo. — Paz, só terei quando eu vir o cigano queimando, Augusto. Quando vê-lo perder tudo o que ama.

Recusei-me a dar ouvidos à sua loucura, e após empurrar a espingarda para o Bandeira, eu deixei o casarão e segui ao local em que havia

estacionado o jipe, que para minha surpresa encontrava-se vazio.

— Porra de garota teimosa! — esbravejei ao dar partida no carro.

Sem pensar direito, eu acelerei pela estrada de terra. Estela não devia ter ido longe; e como imaginei, eu a encontrei um pouco antes da divisa entre as duas fazendas. Diminuí a velocidade, observando-a caminhar como se não houvesse qualquer perigo. Ou como se o sol não raiasse quente sobre sua cabeça, queimando o corpo moreno e deliciosamente curvilíneo.

Apoiei-me contra o volante, notando que ela era orgulhosa demais para olhar para o lado ou desistir de sua peregrinação. Eu poderia ter ficado ali, vendo-a mover o quadril daquela forma quase indecente, mas, como falei antes, não havia paciência dentro de mim. E o pouco que possuía havia sido drenada com as barbaridades ditas pelo Sr. Alencar. Então, agindo um pouco como o louco do meu pai, eu atravessei o jipe na estrada estreita, impedindo-a de prosseguir e praticamente a obrigando a me encarar.

— Entre! — exigi, perdendo as estribeiras ao vê-la sacudir a cabeça em uma negativa. — Não me faça repetir, Estela. — A garota permaneceu parada, os braços cruzados em frente ao pequeno corpo, enquanto eu detinha as imagens que se formavam sem qualquer controle em meu cérebro. Imaginei-a sobre uma cama, lençóis de seda, sua pele morena ardendo sob os meus dedos. Sua boca indecente gemendo o meu nome... *Maldição!* — Vamos lá, ciganinha, você e eu precisamos conversar. Então facilite a minha vida.

Não era bem uma conversa o que eu pretendia ter, e sim lhe dar um ultimato, de forma definitiva e clara, para que não voltasse a pisar nessa fazenda. Pelo bem do meu pai, que ficava transtornado ao vê-la, e pelo seu próprio também.

— Eu prometo que não lhe farei mal algum. Será uma conversa rápida.

Estela me avaliou, com cuidado. E eu quase, quase, senti orgulho da garota por não ser tão suscetível. Infelizmente, a sua curiosidade falou mais alto e ela cedeu. Ao entrar no jipe, seu olhar varreu o sistema eletrônico do carro, todos os botões e painéis da Mercedes Classe G. Com desconfiança, a

garota se encolheu no banco e puxou o cinto, fazendo questão de verificar o banco de trás antes de finalmente olhar na minha direção.

— O que quer conversar comigo, moço? Vai brigar também? Eu sei que o senhor não é flor que se cheire... e de pessoas assim, eu prefiro ficar bem longe.

Garota esperta. Eu não fazia ideia, mas apreciava o fato de que Estela não era uma tonta impressionável. Apreciava muito, porque sabia o prazer que seria ter todo esse fogo domado. Ver toda essa inquietação selvagem se transformar em cinzas.

— Como pode saber que eu não sou flor que se cheire, se nem ao menos me conhece?

— Intuição. Eu posso sentir as coisas, e sinto que não posso confiar em você.

Que merda era essa de “sentir” e “intuição”?

Estreitei os olhos para ela, e procurei me acalmar. A última coisa que desejava era ver Estela correndo desse carro antes que eu a fizesse compreender algumas coisas.

— Você sente as coisas... isso é interessante. — Além de uma besteira sem tamanho. — Só não entendo por que então, até hoje, não fez o que meu pai lhe pediu centenas de vezes? Será que toda essa sua *intuição* não te alertou sobre a loucura dele?

— Você não acredita em mim.

— Eu não tenho por que acreditar, ciganinha. Quero apenas que...

— Não me chame assim — ela me cortou, rápido demais. — Parece ofensivo quando você fala.

Estela se mostrou inquieta ao meu lado quando liguei o motor e peguei a estrada. Seu olhar confuso variava da janela do carro ao meu rosto. Senti-a me olhar por diversos minutos, sem qualquer pudor ou vergonha. Sua atenção ia da ponta dos meus dedos até as minhas pernas, várias vezes. Mas

não era eu o animal aqui, e sim ela, que me encarava e avaliava como se estivesse medindo o perigo que eu representava.

Talvez essa coisa toda de intuição não fosse mentira, porque, conforme nos afastávamos e adentrávamos mais profundamente a fazenda, mais distante eu a sentia.

Uma reação que piorou quando ela se deu conta de onde estávamos indo.

— Por que me trouxe até aqui? — murmurou assim que estacionei o carro. — Eu já vi o que o seu pai fez, olhar de novo só me fará mal. — Ela abaixou a cabeça e fechou os olhos. — Destruir a natureza deveria ser crime.

Tão ingênua, porra!

— E é, Estela. Mas não quando se destrói algo dentro da própria propriedade. E tudo isso aqui, como você bem sabe, pertence ao meu pai, então se ele quiser queimar, ele pode. Se ele quiser destruir, também pode.

— Não, ele não pode! É errado. — A fera que havia dentro dela despertou, e eu juro que não apenas desejei, como esperei para ter suas unhas sendo cravadas em minha pele e as suas presas sendo postas para fora.

Sacudindo a cabeça diante da própria loucura, eu tomei a decisão de ir direto ao ponto e dar fim a essa palhaçada. Estela trazia à tona um lado meu que não era confiável.

— Eu vou te dizer o que é errado, Estela, e quero que me escute até o final sem soltar um pio.

Ela estreitou os olhos.

— Errado, é você entrar em uma propriedade que não é sua e se achar no direito de roubar o que for que seja. Errado, é ir até a casa de meu pai e o enfrentar porque ele decidiu queimar a última lembrança de uma mulher que só lhe trouxe desgosto. Errado, ciganinha, é você achar que tem o direito de sofrer por alguém que... abandonou a própria família para fugir com o infeliz do seu pai.

— Você... é um homem horrível.

Sorri, sem humor.

— Olhe para você, garota, andando por essas terras... a pele inteira suada. O cabelo... — Eu a puxei pela nuca, querendo sentir o seu cheiro, trazendo aquele olhar apavorado ao seu rosto, como se não entendesse o que eu estava prestes a fazer.

E como pensei, ela não cheirava a perfumes caros ou importados. Não havia nada nela minimamente artificial. Até o cheiro dessa garota era exótico. Era forte como as folhas verdes dos pés de café, e gostoso como o grão.

Porra, eu queria me perder nesse cheiro! Me afogar inteiro nele. O pensamento absurdo passou pela minha cabeça, e imediatamente o rechacei, forçando-me, inclusive, a desviar os olhos para qualquer ponto que não a sua boca entreaberta, que na minha mente distorcida, pareceu implorar por um beijo. Um não, vários. Todos molhados e febris. Naquele instante, ao identificar a tensão presente em seus olhos, eu constatei que Estela até poderia aparentar ser um pequeno tigre selvagem, arisco e pronto para atacar, mas por dentro, ela era como um cordeiro assustado e inocente.

Fácil demais de ser quebrado.

— Você cheira a mato — falei, mal podendo raciocinar, atordoado pra caralho com toda a situação.

— Eu não cheiro não, moço. — Peguei-me imaginando se esse também seria o cheiro entre as suas pernas. Que se eu as abrisse agora e enfiasse o dedo entre elas, se esse seria o aroma que sentiria. Meu pau endureceu com o pensamento, a espessura grossa forçando a calça que usava. E foi por muito pouco que não perdi a cabeça e fiz o que desejava; em vez disso, pensei na possibilidade inocente de beliscar a carne do seu lábio com meus dentes, apenas para obter a prova de que eles seriam tão macios quanto pareciam. — Não me olhe assim — pediu com a respiração falha. — Você está me deixando assustada.

Desviei a atenção de sua boca, novamente, e fitei o vão entre as suas pernas deixando esvair aos poucos a sensatez da qual tanto me orgulhava.

Meu pensamento viajava de um extremo ao outro ao imaginar o quão fácil seria subir a saia longa e tomá-la aqui mesmo. Domar a ciganinha selvagem da única maneira que poderia...

— Saia do carro.

— O quê? — perguntou sem compreender a minha repentina hostilidade.

— Eu disse para sair do carro, faça isso e vá direto para o casebre em que mora. — A expressão em seu rosto tornou-se enfurecida, quase dolorosa. Como se ela esperasse outro comportamento vindo de mim. Algo brando, mais gentil. — Tenha em mente, garota, que da próxima vez em que se pôr na frente de uma arma empunhada pelo meu pai, eu não me colocarei entre vocês dois. Então é bom que não se esqueça de que, se voltar a entrar em minhas terras, você estará correndo todo o tipo de risco. — Seus lábios se apertaram, enquanto ela enrugava as sobrancelhas grossas e arqueadas. — Agora desça logo desse carro e suma da minha vista!

— *Desgraçado...* — rosnou entredentes.

— Desgraçado, garota. A forma correta de se dizer é desgraçado!

— E é isso o que você é! — Estela gritou.

Havia tanta raiva em seu lindo rosto que quase acreditei que a garota fosse se jogar sobre mim como um verdadeiro animalzinho ferido. Contando com a possibilidade de tocar alguma parte da tentação que era o seu corpo, eu me inclinei sobre ela e abri eu mesmo a porta para que saísse. A forma como se encolheu e não tirou os olhos verdes e desconfiados de cima de mim deveria ter me alertado para a sua inocência, feito-me recuar, mas o cheiro da safada era tão inebriante que me deixou zozinho.

E essa era a razão de eu a estar colocando para fora.

Porque, diferente de Alfredo, eu nunca tive problemas em controlar a doença que parecia consumir os homens dessa família. Todos eles, protagonistas de histórias com fins trágicos, e tudo porque não souberam como se proteger. Foram suscetíveis, deixaram-se encantar. O amor tornava os Alencar obcecados, e por consequência, fracos.

Não era de se estranhar a distância emocional que mantinha das mulheres que entravam em minha vida. Eu prezava por relações estáveis, onde a lealdade e o sexo, bem feito, valiam mais do que qualquer ligação afetiva.

A mulher que chegou mais perto, e por quem eu tinha um profundo respeito, tanto profissional quanto pessoal, era Sierra, e ela era segura. O sexo era satisfatório, prazeroso, mas nada excepcional. Não havia espaço em minha vida para nada que nublasse meu julgamento objetivo e autocontrole.

Até porque, como herdeiro de um legado que teve início com o temido Barão do Café de Ribeirão Preto, que veio a ser o meu trisavô, eu tinha muito o que construir. Objetivos definidos de até onde alavancar a nossa fortuna e influência no mercado agropecuário mundial, e jamais permitiria que qualquer mulher, independente de quem fosse, atrapalhasse os meus planos.

A batida furiosa que Estela deu na porta ao sair me reorientou. A vi se afastar do carro enquanto ignorava o fato de que a expressão confusa em seu rosto tenha me abalado. Parada onde eu a tinha deixado, a ciganinha protegeu os olhos da poeira que subiu conforme eu me distanciava, ficando para trás rapidamente enquanto eu dirigia rumo ao centro da cidade, disposto a ter uma importante e esclarecedora conversa com o tabelião do cartório.

Porque, o que fosse que Hortência estivesse planejando, eu iria descobrir. E mais do que isso, garantiria que não tivesse êxito.

ESTELA SAAVEDRA

A primeira coisa que fiz ao chegar em casa foi arrancar as sandálias baixas de camurça e limpar os pés da poeira que havia levantado quando o carro chique de Augusto se afastara, deixando-me naquele roseiral sozinha, longe do meu caminho. Não que me faltasse experiência para andar por todas essas matas e terras... mas eu já havia caminhado até o roseiral essa manhã, visto o estrago feito, e depois entrado na fazenda do demônio e o enfrentado. Fazer o mesmo percurso, pela segunda vez em um mesmo dia deixou-me sem

fôlego.

Ou seria aquele homem quem me deixara assim? Eu já não sabia, porque, pela segunda vez, o meu corpo reagiu de forma estranha. Meu coração saltou dentro do peito, as pernas tornaram-se geleias e cada pedaço de pele formigou, ansiando por algo que não tinha nome.

Nervosa, mal notei que, com minha entrada abrupta, meu pai deixara de mexer no antigo violão que pegara para consertar. Dei-me conta de sua presença somente quando o som das cordas sendo testadas foi interrompido.

Fitei-o, sentindo o peito agitado e a velha sensação ruim me dominar.

Eu estava apavorada. Mas por quê?

— Estela, o que foi? — papai quis saber, fitando com cuidado a bagunça na qual eu me encontrava: a poeira cobrindo meus pés, o cabelo desgrehado. A pele suada. — Filha?

Estalei a língua, quase a mordendo, pensando mil vezes antes de responder qualquer coisa.

A última coisa que desejava era que papai fosse tirar satisfações com o Sr. Alencar, ou pior, com o filho dele. Infelizmente, mesmo que tentasse, eu não consegui esconder a chateação que a atitude e as palavras daquele homem maldoso provocaram. Até porque, que garota gostava de escutar que cheirava a mato?

Ramon nunca reclamou do meu cheiro. Pelo contrário, ele dizia que eu cheirava bem. Que era diferente.

— Eu cheiro a mato, pai? — perguntei, impulsiva. — Seja sincero.

Caetano parou o que fazia, e estreitou os olhos preocupado.

— Quem a ofendeu dessa vez? Quantas vezes preciso dizer para que tome cuidado, Estela. As pessoas da cidade não gostam da gente... fariam tudo para nos ver longe. Agora que Suzana morreu, a tendência é piorar.

— Ninguém me ofendeu, eu só quero saber se cheiro a mato — murmurei a última parte, aborrecida. Meu pai era prático demais, nunca

entenderia a importância que esse tipo de coisa tinha para uma garota.

— Acredito que, se não fosse por Suzana, ele jamais saberia o que fazer comigo.

— Eu odeio essas pessoas, pai. Não entendo como podem não gostar da gente se nunca fizemos nada a eles...

— É tudo culpa minha, filha. Depois do que aconteceu, eles escolheram um lado e...

— O lado daquele homem asqueroso.

— O Sr. Alencar é endinheirado, Estela. Homens assim são perigosos e pouco confiáveis. — Remexi-me inquieta, sentindo uma vontade absurda de me coçar inteira.

Isso acontecia quando eu precisava muito falar algo e não podia. Controlar-me era muitíssimo difícil. Agir por impulso, falar e só pensar nas consequências depois era bem mais a minha cara. Não que eu me orgulhasse por ser assim. Já era complicado as pessoas gostarem da gente; quando eu abria a boca e falava mais do que deveria, então era humanamente impossível.

— Pai, por que aquele homem não voltou antes? — quis saber. Obter alguma explicação. — Como pode um filho esperar até que a mãe tenha morrido para...

— Esse assunto não lhe diz respeito, Estela. É passado. — Assim como o nosso povo, papai tinha sangue quente. E esse assunto, em especial, mexia muito com ele.

— Eu só não entendo. — Doía-me a ideia de que alguém pudesse ser ruim a ponto de tornar os últimos meses da própria mãe um martírio de propósito.

— Não entende porque não é da sua conta.

— Acha que tia Hortência sempre soube que ele era um homem ruim? Por isso dizia que Suz apenas se decepcionaria quando visse o filho?

Papai parou o que estava fazendo, e me encarou.

— Quando ela falou isso?

— Várias vezes, quase sempre depois que Suzana chorava por causa dele — revelei.

— Esqueça esse assunto, sim? Hortência era irmã de Suzana; se ela achava isso, então deveria ser verdade. E se eu for levar em conta tudo o que Ramon me disse a respeito desse Augusto...

— O que ele disse, papai? — Devo ter mostrado um interesse além do comum, pois meu pai arqueou a sobrancelha, insatisfeito.

— Já está tarde, Estela. Por que não tira a poeira do corpo e vai até Hortência verificar se ela precisa de você hoje?

— Você não respondeu se eu cheiro a mato ou não...

— E isso lá faz diferença, filha! Deixe de besteira de gente à toa e vá cuidar dos seus afazeres.

CAPÍTULO 3

ESTELA SAAVEDRA

Entrei apressada na casa de tia Hortência, certa de que correr de um lado ao outro como costumava fazer era o que me deixava cansada no final do dia. Como sempre acontecia, vi-me fascinada pela elegância dos móveis sofisticados do casarão. As paredes eram cobertas por papéis de parede floridos, o estofado das poltronas e sofás, em tons de azul e rosa. Como em um conto de fadas.

Havia, pelo menos, uns dez cômodos espalhados pelo andar superior e inferior. E desde que cheguei a Sertãozinho, eu me dividia entre os cuidados com Suzana e a ajuda à tia Hortência, que, de acordo com o que escutei, vivia apenas da pensão deixada por seu pai. Procurando por ela, eu entrei e saí da cozinha, passei pelos corredores com lustres antigos, onde se podia ver uma pequena camada de poeira, e acabei na salinha de costura que ela costumava ficar.

Só que não eram linhas e agulhas que encontrei em sua mão dessa vez, e sim papéis aleatórios que ela manuseava com certo nervosismo.

Os óculos engraçadinhos que usava, encontrava-se na ponta de seu nariz fino e levemente comprido. Suzana e Hortência não poderiam ser mais diferentes uma da outra. A primeira era doce como uma flor, alta, com a beleza delicada. Hortência já era mais decidida, confiante e, pelas fotos

antigas que eu via espalhadas pela casa, ela sempre teve o corpo mais avantajado, cheio de curvas. Ainda assim, o amor que sentiam uma pela outra era de se admirar. E não vou negar, presenciar a ligação entre as duas deixou-me com uma pontada de ciúme. Por bastante tempo, meu pai e Suz foram tudo o que eu tinha.

As pessoas temiam se aproximar de mim, principalmente quando me viam usando os lenços ciganos que eu tanto gostava, e que hoje eu mantinha guardados a pedido de meu pai, que temia a reação das pessoas para comigo. Ele dizia que não podia me proteger quando estava sozinha, andando por aí como tanto gostava.

Papai não tinha o hábito de falar sobre minha mãe ou a sua própria família, dizia apenas que por ser quem era, ela não havia recebido atendimento necessário durante o meu parto; que o preconceito das pessoas que não conheciam a cultura cigana foi o que a levou desse mundo; e, conseqüentemente, o fez abandonar nosso povo e buscar um futuro melhor para mim.

Não sei se em algum momento meu pai chegou a se arrepender da decisão que tomou, quando eu ainda era tão pequena, mas sei que o amor de Suzana o salvou. O fez ter forças para continuar e nunca abaixar a cabeça para nenhum *gadjô*.

Foi ele quem me ensinou a ter orgulho de ser quem eu era.

Aproximei-me devagar de tia Hortência enquanto pensava, com meus pés descalços tocando a madeira fria, uma sensação que eu amava.

— Aí está você, menina. Sente-se aqui porque nós precisamos conversar. — Ela deu dois tapinhas ao seu lado no sofá e eu mais do que depressa me juntei a ela. Pelo visto, todo mundo desejava falar comigo hoje. — Você se lembra desses documentos que assinou, não lembra?

Assenti, com veemência.

— Ótimo, eu vou precisar que você os guarde em sua casa, sim?

— Por quê?

Hortência me encarou, acho que procurando pelas palavras certas.

— Porque eles são muito importantes. Confie em mim.

Eu confiava. E lembrava com exatidão o dia em que Suzana e ela me fizeram assinar esses papéis, que, segundo me disseram, tornavam-me testemunha de algo que ela e a irmã planejavam. Nenhuma das duas me ofereceu qualquer explicação, e eu também não pedi. Se Suz queria a minha ajuda, eu jamais teria tido coragem de negar. Então elas me fizeram sentar no escritório empoeirado nos fundos dessa casa e assinar uma dezena de folhas. Tudo na presença do tabelião da cidade.

E não vou negar, assim que deitei a cabeça sobre o travesseiro naquela noite, eu soube que havia feito algo irremediável. Algo que fugia do meu controle.

Intuições negativas, aliás, eram tudo o que eu vinha sentindo nos últimos tempos.

Dobrei os papéis de forma segura e os enfiei na pequena bolsinha de tricô que carregava comigo, prometendo a Hortência que os protegeria com a minha vida, o que a fez rir e se servir de mais chá. Beberiquei um pouco também, mesmo que não fosse fã dessa bebida aguada. Mas estar aqui com Hortência fazia com que eu me sentisse especial.

Enquanto soprava o chá de morango, e segurava fortemente a xícara com as duas mãos, eu reconheci a mulher na foto sobre a mesinha de centro da sala. Esgueirei-me até o chão, sentando sobre minhas pernas e colocando a xícara de lado a fim de ver mais de perto a fotografia de Suz ao lado do seu primeiro marido.

Não que o Sr. Alencar que eu via na fotografia se parecesse com o monstro que era hoje. Só o reconheci por causa da intensidade e ferocidade do seu olhar. Não importava se a fotografia estava em preto e branco, eu teria reconhecido os olhos daquele homem em qualquer lugar. Eles eram únicos e idênticos aos do filho.

— Dá para acreditar que aquele velho sem escrúpulos era um homem tão bonito? — A voz dela soou saudosa. — Esse foi o dia em que eles se

casaram... eu nem sei por que guardo essa foto, nunca consegui me desfazer dela.

Sempre que olhava para Hortência ou que a ouvia se referir ao Sr. Alencar, eu sentia com o meu coração que não tinha sido apenas Suzana a sofrer com o passado.

Hortência era uns quinze anos mais velha do que a irmã, e parecia ter idade suficiente para ter crescido com o demônio das terras vizinhas, e ela o odiava. Dava-se para sentir toda a sua raiva apenas ao escutá-la falar sobre ele. Acho até que havia mais ódio dentro dela do que algum dia houve em sua irmã.

— Meu pai diz que quando uma pessoa parte, nós não devemos manter nada do que era dela — falei, pensando nos dois livros que Suzana me deu de presente horas antes de falecer. Sei que ela o havia feito para que eu não precisasse queimar ou doar, como era da tradição do meu povo. — Talvez a gente possa fazer isso.

— Você quer queimar as coisas de minha irmã? — Ela não pareceu gostar da sugestão.

— Não é apenas queimar, sabe? É mais como um ritual de purificação. A senhora estará abrindo mão de tudo que era dela, deixando-a ir em paz. Limpando o que está impuro...

Hortência sorriu com carinho e alisou o meu cabelo.

— Você é tão jovem, Estela — falou, com a voz embargada. — Jovem e ingênua. Prometa para mim que jamais deixará que alguém a machuque como fizeram com minha irmã.

Sorri para ela.

— Ninguém nunca irá me machucar, tia Hortência, porque o dia em que eu entregar o meu coração, será para o homem que irei amar até o último dos meus dias. Eu sei. Sinto isso.

Hortência assentiu com tristeza.

— Homens são mentirosos, minha querida. Dizem uma coisa, mas fazem outra...

— Eu não sou boba — disse, defensivamente. — Não sou.

— Você está mais para uma pequena tempestade, minha querida, e ainda assim tem o coração mais puro que conheci. Só que agora chega desse assunto. Eu tenho um cozido para preparar hoje, e precisarei da sua ajuda.

— A senhora vai receber visitas? — perguntei, interessada, colocando a fotografia no lugar e me levantando rapidamente.

— Algo me diz que terei, menina.

— Intuição? — Eu não conhecia ninguém que tivesse uma tão forte quanto a minha.

— Essa coisa de sentir demais, eu deixo para você, Estela. O que eu tenho é quase uma certeza.

Sorri, animada.

— Será um cozido de quê? Eu vou correndo colher as verduras que iremos precisar e já volto.

Hortência me passou o que seria necessário e ao voltar, nós passamos as próximas duas horas enfurnadas na cozinha. Até bolo fizemos. Ao terminar, eu comi dois pedaços inteiros, ainda quentes, e suspirei ao queimar a língua. Tia Hortência subiu e desceu, e a primeira coisa que notei ao vê-la de banho tomado... foi o seu perfume. O que, inevitavelmente, fez com que eu me lembrasse do meu cheiro.

— Que carinha é essa? — perguntou, olhando cada cantinho da cozinha para verificar se tudo estava limpo. Eu ainda não sabia quem é que viria visitá-la. — O que a fez ficar triste, Estela?

— A senhora acha que eu cheiro a mato?

— Mato? Que sandice é essa?

— Não é sandice, é só... eu só quero saber como é o meu cheiro. Eu

não consigo sentir. — Aproximei-me dela e afastei o meu cabelo do pescoço para que Hortência pudesse cheirar. — Então?

— Você não cheira a mato, querida.

— A que então eu cheiro? — perguntei, quase irritada, fazendo-a rir.

— Minha irmã alguma vez lhe deu algum perfume, Estela?

Neguei. Nós quase nunca tínhamos dinheiro sobrando, que dirá para comprar perfumes.

— Ótimo, então venha comigo. — Hortência me fez subir as escadas atrás dela e entrar em seu quarto. Mostrou-me os três frascos de perfume sobre a penteadeira antiga.

— Escolha o que mais gostar.

— Eu não posso...

— Claro que pode. São meus perfumes, e se quiser eu posso lhe presentear com algum deles.

Mordi a pontinha do lábio e levei cada frasco até o nariz, encantada.

Um cheirava a talco, que era ao que Hortência usava agora; o outro era forte, como algum tipo de chá verde e lavanda; e o último, o que eu mais tinha gostado, tinha cheiro de rosas.

— Eu gosto desse.

Ela aquiesceu, com um sorriso.

— Era o preferido de Suzana também.

Com carinho, Hortência afastou o meu cabelo e passou duas gotinhas do perfume atrás da minha orelha.

Encarei a minha imagem através do espelho, questionando minha aparência pela primeira vez. Eu tinha ciência de que não era como as outras garotas, que desde novas se maquiavam e vestiam roupas diferentes e bonitas. Mas até então, isso nunca me preocupou, porque a verdade é que eu não

gostava quando as pessoas me notavam. Principalmente quando eram os garotos e os homens.

Sempre escutei de Suzana que eu era a garotinha mais linda que ela conhecia, que algum dia eu cresceria e me tornaria uma bela mulher. Só que eu não sabia se isso realmente havia acontecido. Ramon me achava bonita, como fazia questão de me dizer, mas ele era o meu amigo... e gostava de me beijar então, talvez, não estivesse sendo completamente honesto.

— Tia Hortência, a senhora acha que eu sou bonita?

As mãos de Hortência deixaram de alisar o meu cabelo, como se eu tivesse dito algum absurdo. Seus olhos se estreitaram, e ela pigarreou.

— Por que eu acho que há algo mais por trás dessa pergunta?

— Eu sou ou não? — insisti, sentindo minhas bochechas queimarem.

— Infelizmente... você é bonita demais para o seu próprio bem, Estela.

— Você diz como se fosse algo ruim.

— Seu pai não fez bem em te criar da forma como criou, ele quis tanto protegê-la do povo dele, que se esqueceu que o meu povo pode ser bem mais cruel com garotas como você...

— O que isso significa?

— Significa que você deve tomar cuidado com os homens que permite que se aproximem de você. Uma escolha errada... e sua vida estará marcada.

— Foi isso o que aconteceu com a senhora? — Hortência me encarou, sem dizer nada. Quando achei que ela me contaria a sua história, nós duas escutamos o som de um motor de carro se aproximando.

Foi ela quem olhou pela janela, o semblante calmo que exibia em seu rosto desapareceu instantaneamente.

— Eu vou precisar que saia pelos fundos, querida. Meu sobrinho

chegou e não quero que ele a veja, tudo bem?

E nem eu queria vê-lo, mas ainda assim tive que perguntar:

— Por quê?

Ela não respondeu, apenas embrulhou o perfume que escolhi com um lenço e me entregou.

— Desça as escadas e saia pela cozinha. Tente não fazer barulho.

Fiz o que pediu, sentindo meu coração bater descompassado, sem nenhum ritmo. Infelizmente, antes que pudesse estar fora da vista de Augusto, o dito cujo ultrapassou a porta da frente, sem sequer bater, e deu de cara comigo. Apertei com força o frasco que carregava em minha mão e torci para que a bolsinha a tiracolo que eu levava protegesse os papéis.

Sem outra opção, e com a cabeça erguida, eu desisti da ideia de sair pelos fundos já que não faria mais sentido, e me dirigi até a porta. Ou assim tentei, porque ao passar por Augusto, tive o braço puxado.

— Sua pequena ladra. — O homem olhou furioso para o embrulho que eu segurava. — Além de entrar em terras alheias, você também furta? É nisso que o seu povo é conhecido, não é?

— Não! — gritei, alterada. — Eu não estou roubando nada, tia Hortência foi quem me deu...

— Hortência está insana, ciganinha. E eu terei prazer em provar isso a todos! — rugiu um pouco mais alto, fazendo-me cambalear. — Agora me devolva o que for que estiver levando...

Sacudi a cabeça, enquanto me debatia, fazendo um esforço sobre-humano para soltar o meu braço do seu controle e proteger o presente de Hortência. Eu não me importava com os papéis, só queria mesmo era o perfume.

— Se não me soltar, eu juro que te mordo, seu homem horrível! — Augusto me encarou, em desafio, e aos poucos foi me puxando para que nos aproximássemos.

Quando seu queixo chegou à altura dos meus olhos, eu inclinei a cabeça e puxei pela última vez o meu braço, que pareceu queimar onde fora tocado; arder, como se tivesse fogo em seus dedos. Mais do que isso, eu me senti marcada. Um arrepio intenso percorreu minha espinha e, ao perceber que não seria solta sem lutar, eu me preparei para cravar os dentes no braço de Augusto, o que aconteceu. E junto do recuo que o homem deu, ainda sem me soltar, o presente que ganhei se espatifou no chão, partindo-se em milhares de cacos de vidro. O aroma floral espalhou-se pela sala de uma só vez.

— Solte a garota, Augusto! Agora.

O filho do demônio olhou para o alto da escada, mas antes de me soltar ele me arrastou até Hortência.

— O que ela faz aqui, saindo tão sorrateiramente dessa casa? E mais ainda, por que tinha um frasco caro de perfume escondido nos braços?

— Diga a ele que não roubei nada, tia Hortência... que eu não faço essas coisas.

— O perfume fui eu quem dei a ela. Foi um presente. — Augusto me liberou, a forma brusca com que me soltou fez com que eu cambaleasse para trás.

Seus olhos, porém, permaneceram impassíveis e duros sobre mim.

Toquei a parte do braço que ele segurara, sentindo a pele pegar fogo. Ainda atordoada, olhei com pesar para os cacos de vidro espalhados pelo chão e meus olhos se encheram de lágrimas grossas. Dei-me conta, naquele momento, que o julgamento e o desprezo, do qual achei estar acostumada, quando partiam desse homem, atingiam-me de uma forma muito mais intensa e dolorosa.

AUGUSTO ALENCAR

Enquanto a ciganinha corria para fora da casa de Hortência, deixando-me em meio ao maldito cheiro de rosas, eu verifiquei o estado da propriedade

que um dia pertencera aos meus avós maternos. A aparência era a mesma que me lembrava quando criança, mas havia uma sombra empoeirada pelos móveis. Uma negligência óbvia, gerada pela insuficiente pensão que minha tia recebia.

Pelo andar da carruagem, era burrice continuar presa nesse fim de mundo apenas por orgulho, quando o dinheiro que eu estava disposto a lhe oferecer poderia levá-la a qualquer lugar do país. Bastava uma assinatura e esse buraco cheirando a talco velho ficaria para trás. Mas não; em vez de ceder, Hortência vinha tramando pelas minhas costas.

Algo que descobri durante o encontro com o tabelião.

Havia, em algum lugar, nessa maldita cidade, alguém que se tornara donatário de cada hectare de terra que eu desejava colocar as mãos. Infelizmente, o tabelião vinha seguindo os passos do novo delegado, e se mostrou contrário ao pequeno favor que lhe pedi. Tudo o que queria era ler as linhas da procuração feita, saber quem recebera em vida a fazenda de Hortência. E claro, esmagar essa pessoa.

Furioso, eu a observei descer os degraus da escada. Não havia pressa em Hortência, como se desconhecesse a magnitude da besteira que fez.

— Desfaça essa cara emburrada, Augusto. Eu não tenho medo de você. — Ela passou por mim, dirigindo-se à cozinha e eu a segui.

— Não pense que não irei contestar a sua sanidade, tia — declarei, vendo-a cortar uma fatia de bolo. — Doar as próprias terras? Só se for por cima do meu cadáver! Como neto do verdadeiro dono disso tudo, eu sou o único com direito de receber o que a senhora descuidou nos últimos anos. Essa fazenda, e tudo ao redor, me pertence e eu não pretendo perdê-las para nenhuma instituição que a senhora tenha decidido beneficiar.

— Não foi para nenhuma instituição, meu sobrinho. Eu não sou tão generosa assim.

Hortência levou um pedaço do bolo à boca, ao mesmo tempo que empurrava o pires com uma fatia para que eu comesse. O que não tinha o menor cabimento.

— Para quem foi então? — exige saber, batendo as mãos sobre a mesa de madeira da cozinha.

Hortência não respondeu de imediato, mas foi o olhar que deu em direção a janela e ao caminho que agora Estela percorria, que me fez grunhir.

— A senhora não fez isso.

Após outra mastigada, ela limpou a boca com o guardanapo.

— Eu fiz, Augusto, e não me arrependo. Quero me certificar de que, quando eu partir, aqueles dois tenham onde viver. Que não serão despejados das terras do *meu* pai, e que as mãos gananciosas dos homens de sua família não encostarão um dedo que seja em algo que não lhes pertencem — disse tudo com calma. — Eu assisti por anos vocês dois tomando as terras de minha irmã sem poder contestar. Manchando o nome dela e o da minha família, porque seu pai não foi homem suficiente para mantê-la. Então sim, meu sobrinho, eu doei as minhas terras para a pobre garota que acabou de sair daqui... e faria isso mil vezes se fosse necessário.

Não foi apenas o meu maxilar que retesou. Cada músculo do meu corpo também reagiu, e não de maneira positiva.

— Ela sabe?

Minha tia comprimiu os lábios e balançou a cabeça em uma negativa.

— Eu não acho que Estela seja capaz, ainda, de entender o presente que estou lhe dando. Suzana amava aquela menina como se fosse uma filha... e um de seus últimos pedidos foi para que eu a protegesse. A procuração foi a forma que encontrei de fazer isso, Augusto.

— A senhora enlouqueceu.

— É isso o que irá alegar? Será que é tão vil, que usará do mesmo artifício que usou com seu pai?

— Essas. Terras. Me. Pertencem.

— Não, Augusto, elas não pertencem. E nem que eu morra me certificando disso, você e o infeliz do seu pai jamais colocarão um dedo que

seja no pouco que me restou, entendeu?

“Isso é o que nós iremos ver”, pensei, enquanto me dirigia ao batente da porta, tentando encontrar um meio, qualquer saída legal, que eu pudesse utilizar para impedir que uma loucura como essa acontecesse.

— Sua mãe sentiria vergonha do homem que se tornou. — Foram essas as palavras que me fizeram parar e dar vazão à raiva que sentia.

— Você acha que eu me importo com o que aquela mulher pensaria a meu respeito? Foda-se a senhora e a Suzana! Porque vergonha ela tinha que ter de si mesma...

Hortência sacudiu a cabeça.

— Agora eu vejo que tudo o que fiz e omiti de sua mãe foi para o bem dela. Eu estava certa sobre você...

— Não, não estava. Porque a senhora não faz ideia com quem está lidando.

— Se você for como o seu pai, eu faço sim.

— Eu não sou como ele, tia Hortência, a senhora logo irá descobrir. Esteja avisada.

Passei pelos cacos de vidro do frasco de perfume, torcendo o nariz para o cheiro enjoativo de rosas, mas em vez de pensar em Suzana e na armadilha que sua estúpida irmã armara, eu me vi pensando na pequena infeliz que tinha entrado de gaiata nessa história e que agora era dona de algo que me pertencia e que eu jamais permitiria que ela ou o imundo do pai usufríssem.

Esse era um juramento.

CAPÍTULO 4

AUGUSTO ALENCAR

Puxei o ar, contraindo o abdômen, e flexionei os braços enquanto erguia o meu corpo na barra fixa. O tórax encharcado de suor evidenciava o esforço físico feito na última hora. Mas ainda não era o suficiente. O esgotamento físico que buscava encontrava-se longe, e a prática rotineira do treinamento funcional, acoplado a outras modalidades, mostrava-se insuficiente. Toda essa porcaria de buscar por equilíbrio físico, mental e espiritual sempre me pareceu um desperdício. Mas em um único ponto, Levi, que trabalhava comigo há anos e que fora o responsável por me apresentar a técnica, estava certo. Eu tomava decisões melhores após forçar meu corpo ao limite.

Não era à toa que a cobertura em que morava, localizada no mesmo edifício que sediava o Grupo Alencar, havia se transformado em meu próprio forte. A busca aqui, porém, nunca foi por equilíbrio ou paz interior, cada flexão, cada movimento premeditado e controle de respiração, tinham como intuito preparar o meu cérebro para o dia estressante que normalmente durava mais do que as habituais 24 horas de qualquer ser humano normal.

— Caralho! — esbravejei, ao bater os pés no chão.

Havia uma tensão estranha no ar, um nervosismo que eu vinha ignorando desde que retornei a capital. Eu sei, o meu trabalho em

Sertãozinho não fora concluído, acho até que exigiria um pouco mais de esforço da minha parte até obter o que desejava. Por sorte, ou ambição, eu não era um homem que fugia ou dava as costas a desafios. Pelo contrário.

Quanto mais impossível um problema se mostrasse, com mais garra eu me empenhava em resolvê-lo. Nesse caso em especial, os meios que usaria não importavam tanto, desde que, no final, aqueles malditos papéis estivessem sob o meu domínio, concluí, enquanto enxugava o suor da testa.

Horas depois, sentado atrás da mesa do escritório, eu assinei o último documento pendente do tempo em que estive fora e o entreguei a Sierra, que seguia ao lado de Benjamin. Os dois haviam me passado um cronograma resumido sobre o que perdi na semana em que estive ausente. Cada um, à sua maneira, era um excelente advogado. Mas juntos se tornavam imbatíveis. A mente detalhista e objetiva de Benjamin era o que complementava o cérebro ágil e mal-intencionado de Sierra.

Eles eram um dos poucos a conhecerem e conviverem em uma base quase que diária com o meu pior e melhor lado. Tanto que a relação profissional de anos se transformara em algo bastante próximo a amizade.

— Agora que terminou, nos diga como está o seu pai... você ficou fora mais tempo do que o esperado, Augusto — Sierra foi quem deu voz ao que imaginei que ambos estivessem pensando.

— Aconteceram alguns imprevistos. Nada com que eu não possa lidar.

— Ou a gente — ela me lembrou com confiança, o que fez com que Benjamin sorrisse ao seu lado.

— É exatamente sobre esse pequeno imprevisto que eu pretendo conversar com vocês. Como sabem, Hortência tem negado qualquer negociação com o Grupo. Mas tudo bem, eu estava disposto a deixá-la em paz e esperar até que se cansasse de recusar nossas propostas, ou quem sabe... partisse para um lugar melhor.

Ambos assentiram.

— O que eu não esperava era que a minha querida tia fosse doar as

malditas terras para o primeiro infeliz chorando miséria...

— Você só pode estar brincando — Benjamin mostrou-se interessado.

— Augusto não é um homem de brincadeiras, Benjamin — Sierra fez questão de lembrá-lo, inclinando-se sobre a poltrona, e cruzando as pernas finas e elegantes. Pernas que tanto o meu advogado quanto eu paramos para olhar.

— Eu não sou estúpido, Sierra... — ele se dirigiu a ela.

— Vocês me deixarão continuar ou querem a palavra? — Eu não sabia qual era o jogo atual entre eles, mas não estava com disposição para participar.

— Continue — ambos disseram ao mesmo tempo. E outra vez, eu pensei o quanto eram sintonizados.

— Resumindo: eu vou precisar que assumam o maior número de reuniões e responsabilidades pelos próximos dias. Sei que não é o melhor momento para que me afaste, mas será necessário. O compromisso em que nenhum de vocês puder me substituir, me avisem ou remarquem.

— Isso não será problema, Augusto — Benjamin garantiu com a concordância de Sierra. — O que não entendo é o que pretende fazer naquele lugar que não pode ser feito daqui...

Ele não entendia *ainda*, mas o faria em breve.

— Há uma mulher envolvida — Sierra afirmou, predizendo.

— Não da maneira que está pensando. — Eu a encarei. — Mas sim. Há uma mulher envolvida.

— Deixe-me adivinhar, ela é a donatária das terras? — Certeira, como sempre.

Sorri, com um sarcasmo que não escondia a raiva que o assunto me trazia.

— Eu sabia que havia algum motivo para que eu os pagasse tão bem.

— Benjamin riu do meu comentário, achando graça, enquanto Sierra manteve em seu rosto uma pequena careta de preocupação.

— Isso é tudo por enquanto, eu provavelmente irei precisar do conhecimento legal de vocês para o que tenho em mente, mas por ora... cabe a mim resolver o problema.

— Use camisinha — Sierra aconselhou. — Vocês dois são homens, precisam ser lembrados de coisas básicas o tempo todo — ela se explicou, levantando-se como se tivesse muito o que resolver.

Sentado na beirada da mesa, eu a puxei pelo antebraço e sussurrei em seu ouvido:

— Não seja uma garota ciumenta, Sierra. Porque eu não sou. — Eu sabia que ela trepava comigo e que, no passado, o fez com Benjamin. Nenhum de nós três, porém, via problema no arranjo atual.

Com um sorriso forçado, Sierra beijou o meu rosto e saiu, deixando-me a sós com o meu amigo.

— Quem é essa mulher e me diga por que me parece tão preocupado?

Servi-me de uma dose pura de conhaque, Benjamin fez o mesmo.

— Não há nada me preocupando... além da possibilidade de que eu perca as terras. Eu sei o que precisa ser feito, Benjamin, só não gostaria de ter que fazer.

— Por quê?

Eu jamais admitiria a ele ou a qualquer outra pessoa, mas aquela cigana me desestabilizou. Não sabia como ou por que aconteceu, eu não era um homem impressionável, mas, de repente, peguei-me querendo saber tudo a respeito da garota. Um prazer quase sádico surgia ao imaginar as minhas mãos sobre ela... um prazer que nada tinha a ver com a propriedade que eu pretendia recuperar.

Nunca fui um homem dado a respeitar e seguir a linha tênue entre o que era ou não legal. Faltava-me, como é que eu poderia dizer... escrúpulos.

A dupla de advogados que protegiam as minhas costas estava aqui como prova. Eram eles quem lidavam com as consequências das decisões que eu tomava. Ainda assim, havia uma pequena parte dentro de mim hesitante em seduzir Estela. A outra parte, a que comandava toda essa porra, bem, essa outra estava agora mesmo salivando diante do desafio de domar aquele animalzinho exótico e selvagem.

Não querendo entrar em detalhes com Benjamin, eu simplesmente sacudi a cabeça e virei a dose de conhaque de uma só vez, deixando que o líquido rasgasse tudo garganta adentro. Quando a última gota de bebida foi sorvida, eu apertei o copo em minhas mãos e mudei de assunto, deixando claro ao meu amigo que eu não daria nenhuma informação além do que já tinha feito.



Caminhei descalço pela cobertura, o corpo quente e irrequieto. Enquanto seguia a direção da varanda, privilegiada pela vista inteira de São Paulo, eu peguei um charuto do umidor de imbuia em meu escritório, e fiz um corte seco na ponta, o acendendo. O aroma encorpado foi ateado pela cobertura conforme eu o tragava.

Ao abrir as portas da varanda, eu me inclinei sobre a sacada de vidro e soltei as vaporadas de fumaça enquanto repassava pela milésima vez os detalhes da viagem a ser feita no dia seguinte. Felizmente, o aroma do tabaco entorpeceu o meu cérebro, que parecia sempre um passo à frente de tudo e todos. Ele nunca parava. E estava agora mesmo arquitetando a melhor forma de dar andamento ao meu plano.

Depois da noite de hoje, e da decepção que fora o sexo com Sierra, eu soube que qualquer dúvida que tivesse em relação a ciganinha havia se tornado irrelevante. Porque, no final, eu faria exatamente o que o meu corpo mandava. Eu a tomaria, e junto dela, viriam as terras de tia Hortência. Um pequeno desvio pelo bem dos negócios.

Garotas como Estela não faziam parte da minha vida, minhas transas casuais aconteciam com mulheres feitas. Experientes. Que sabiam o tipo de homem que eu era, e mais do que isso, que aceitavam minhas exigências na cama e fora dela.

Sierra era um bom exemplo, pensei, soltando outra vaporada. A fumaça misturava-se à neblina do tempo frio de São Paulo.

Sacudi a cabeça ao escutar seus passos atrás de mim, e dei a última tragada antes de apagar o charuto ainda entre os dedos.

— Aqui está você — disse, concisa, abraçando-me por trás.

Não respondi, apreciando, como qualquer homem teria feito, a sensação que foi ter os seios redondos roçando minhas costas nuas. Meu pau endureceu diante da provocação, óbvio. Mas eu não estava a fim de mais sexo. Não com ela, e não quando estava exageradamente ciente de que em poucas horas eu estaria cara a cara com a ciganinha selvagem.

— Quando acha que estará de volta? — perguntou, fazendo-me segurar sua mão antes que ela me arranhasse o abdômen com as unhas compridas.

— Se tudo sair como esperado, dentro de alguns dias. Eu não posso me afastar mais do que isso de qualquer maneira.

— Precisa de algum conselho antes de ir? Você sabe... Benjamin e eu não estamos aqui para julgá-lo, Augusto, e sim para...

— Impedir que a merda seja jogada no ventilador.

— Exatamente.

— Não se preocupe, não ainda pelo menos. Eu tenho um plano.

Sierra sorriu contra a pele das minhas costas.

— Como se isso não fosse razão suficiente para que eu me preocupasse. Seus planos tendem a ser... maquiavélicos.

Nem todos.

— Já leu algo de Nicolau, Sierra? — Virei-me, aproveitando a visão que ela era. Tudo o que Sierra vestia era uma calcinha preta. Nós estávamos no topo do mundo, do meu, pelo menos. E poucos eram o que se importavam com o fato de eu ter minha advogada nua em minha varanda.

— Que advogada eu seria se não tivesse lido?

Provavelmente uma ruim.

— Então você sabe que ele foi perseguido pela igreja e mal interpretado...

— Você faz parte do time que acredita que Maquiavel era um crítico construtivo?

— Talvez. Mas a verdade é que eu acho que jamais teria colocado a mão no fogo por um poeta com intenções políticas...

Sierra sacudiu a cabeça, sem esconder o sarcasmo.

— É melhor ser amado ou temido, Augusto? — ela me provocou, citando uma das frases emblemáticas de Nicolau. — Não, deixe-me adivinhar... você não faz o tipo que ama. Então acredito que não queira ser amado.

— Amor não garante respeito.

— Eu não poderia concordar mais. — Senti-a se afastar, pensativa. A cabeça longe. — Sua tia deveria ter sido apresentada a Maquiavel... Talvez assim ela compreendesse o apego que vocês, homens, possuem com o que consideram como seus.

— *Homens esquecem mais rapidamente a morte do pai que a perda de seu patrimônio.* — Os olhos de Sierra se estreitaram, com fogo puro os envolvendo.

— Acho que acabo de descobrir um novo fetiche, Augusto — murmurou, com a voz sedutora. — Você citando Maquiavel, de pau duro... e com gosto de charuto cubano na boca é absolutamente sexy. — A safada mordiscou meu lábio inferior, obrigando-me a beijá-la.

Com força.

ESTELA SAAVEDRA

Incomodada com a forma como o Sr. Oliveira, o dono do mercadinho, olhava constantemente em minha direção, eu abaixei a cabeça e segurei a cesta com tudo o que precisava para o jantar dessa noite. Após passar a manhã inteirinha do sábado vendendo as bijuterias de pedrarias e amuletos que eu mesma criava, debaixo do sol escaldante que fazia, eu achei que merecíamos comer algo especial.

Dei um passo à frente, notando que a senhora na fila recuava sempre que eu me movia. Essa não era a primeira vez que algo assim acontecia, era como se essas pessoas pensassem que eu fosse sair amaldiçoando e jogando pragas aos quatro ventos. Eles não faziam ideia de que ciganos não eram bruxos ou pessoas ruins. Envergonhada, torci para que a fila fosse mais rápida e a minha vez de ser atendida chegasse logo. Mas não aconteceu. Minutos se passaram, e o caixa seguia parado. E, talvez, pelo meu nervosismo e agitação, o Sr. Oliveira tenha decidido se aproximar.

— Deixe-me ver a sua bolsa, cigana. — Olhei para ele, confusa.

— Por quê? Eu não fiz nada...

— Alfredo disse que você é uma pequena ladra e me pediu para que ficasse de olho, então vamos... abra a bolsa. — *Aquele velho odioso!* Coloquei a cesta no chão, e abri a bolsa que foi puxada com rudeza pelo Sr. Oliveira. Minhas coisas foram jogadas no chão enquanto ele procurava por alguma prova de que eu era uma ladra.

— Eu não roubei nada — falei, ajoelhando-me e reunindo tudo. Meu orgulho estava por um fio. — Não sou ladra ou suja como todos vocês imaginam. O único *disgraçado* aqui é aquele demônio, que não nos deixa em paz. — Mesmo no chão, eu o encarei furiosa. — Tudo o que meu pai e eu queremos é um lugar para viver... Está vendo? Não tem nada aqui, porque eu não faço isso...

— Saia do meu mercado, cigana.

— Mas eu não fiz nada... não há nada aqui. — Todos ali dentro tinham parado para assistir a minha humilhação. Nenhum deles intercedeu por mim. Ou disse qualquer palavra de apoio.

— Você está causando tumulto, sua inútil. Saia!

Odiava ser escoraçada como se fosse um animal qualquer. Eu era gente como eles, merecia respeito também.

Nervosa, deixei a cesta com a compra que iria fazer no chão e saí, ouvindo vários desaforos. Pela primeira vez, desde que essa perseguição idiota começou, eu senti vontade de chorar. Lágrimas grossas tumultuavam-se ao redor dos meus olhos. Não sei por quanto tempo andei pela cidade antes de me render e voltar para a casa, mas foi assim, com o rosto molhado e o corpo inteiro tremendo, que Augusto Alencar me encontrou.

Congelei ao ver que era alvo de sua atenção, que os olhos azuis e profundos encaravam-me com ferocidade. Cansada de ser humilhada, eu recuei, prestes a atravessar a rua e ficar o mais longe dele que conseguisse, mas o filho do demônio não permitiu.

Olhei para onde seus dedos me seguraram, meu braço fino sendo facilmente envolvido. De suas mãos, eu olhei para o seu rosto. Ele ainda era o homem mais bonito que eu já tinha visto na vida. Os dias que passou na capital, não o tinham transformado em nenhum monstro. Ele era mesmo tão impressionante quanto eu me lembrava.

Impressionante e assustador.

— O que aconteceu? — perguntou, com a testa franzida.

O anel grosso e de prata em seu dedo resfriava a minha pele.

— Diga-me quem te fez chorar...

Se ele não estivesse tão empenhado em me impedir de afastar, eu teria corrido. Meus pés suplicavam para que fizesse isso.

— Estela?

— Por que você quer saber? — inquiri nervosa. — Foi o seu pai que fez com que todos nessa cidade me odiassem! Nem comprar algo para comer agora eu posso... ele nos quer longe, mas eu me recuso a sair, Sr. Alencar. Me recuso!

— Seja clara, Estela — pediu, impaciente.

— O dono do mercadinho, o Sr. Oliveira, ele não me deixou fazer compras, jogou tudo o que era meu no chão e me chamou de ladra. Como se já não fosse difícil o suficiente andar por essas ruas sem ser ofendida... — Augusto não esperou que eu terminasse o meu lamurio, e me arrastou pela rua, mais precisamente de volta para o mercado.

O Sr. Oliveira levou um choque ao me ver entrar acompanhada do filho do demônio, chegou inclusive a me fitar com raiva e, em seguida, ignorar-me como se eu fosse um pequeno inseto facilmente esmagável.

— Eu a mandei embora, Sr. Alencar. Esse foi o pedido de seu pai, ele não quer esses ciganos sujos andando pela nossa cidade e a melhor forma é impedi-los de entrar.

Debati-me, escapando do controle de Augusto, mais do que disposta a atacar o homem à minha frente.

— Seu *disgraçado*, eu só saio daqui morta. Pode dizer ao velho do Sr. Alencar que, para me impedir de andar por essa cidade, ele terá que me matar.

— Basta! — Augusto ladrou para nós dois, com seus olhos cravados nos meus. — Você, pegue o que veio comprar e não tenha pressa. E quanto ao senhor, eu espero que, na próxima vez em que Estela entrar nesse lugar, você a receba bem e a deixe comprar o que quiser. Ela não paga aqui.

O quê?

— Pago sim, eu não preciso de caridade... tenho dinheiro.

— Você não paga, Estela, agora faça o que pedi e vá pegar o que precisa.

— Você não manda em mim — sussurrei, decidida a manter o que restava da minha dignidade. — E não vou permitir que me humilhe dessa forma, o que esse homem fez comigo...

— Ele vai te pedir desculpas.

— Não vou não — o Sr. Oliveira resmungou, vermelho de raiva.

Augusto, em contrapartida, não se alterou.

— O senhor irá pedir sim, e se sabe o que é melhor para todos que dependem desse mercado para sobreviver, fará isso agora.

O infeliz hesitou, fitando-me como se quisesse me esganar. Cruzei os braços, esperando que me pedisse desculpas. E quando o fez, eu fui logo dizendo:

— Não perdoo não, seu velho gordo da cara vermelha!

— Estela... — meu nome soou como um alarme da boca de Augusto, mas eu o ignorei.

— Espero que nunca tenha que descobrir o que é ser tratado da forma como eu fui, porque isso não é jeito de tratar ninguém! Não é porque sou pobre que mereço que fale assim comigo; e se quer saber, eu quero que você e o Sr. Alencar vão para o inferno... os dois juntinhos...

— Estela! — Não era mais um alarde, e sim um aviso de que eu estava ultrapassando alguns limites. Novamente, Augusto se achou no direito de me arrastar e o fez pelos corredores do mercadinho, jogando várias coisas aleatórias dentro da cesta.

Coisas de que eu não precisava.

Conforme ele colocava, eu retirava e deixava apenas o que vim comprar mesmo, que era o molho de tomate, algumas cebolas, um pimentão e uma massa de macarrão.

Chegamos ao caixa e Augusto estreitou os olhos para a cesta.

— Isso é tudo?

Assenti, sem me deixar intimidar.

— Eu só queria preparar algo especial para o meu pai hoje. Não preciso de muito.

— Macarrão com molho de tomate — falou, como se a minha escolha fosse tudo, menos algo especial.

— Ele gosta... — revelei, envergonhada. — Eu também. Era o prato preferido de Suzana.

Augusto enrijeceu ao escutar o nome da mãe. A expressão em seu rosto ficou demoníaca como a do seu pai. Era isso, eu não podia esquecer de quem ele era filho. Não podia me esquecer de que o fruto não caía longe do pé.

Com a mandíbula trincada, Augusto retirou algumas notas da carteira de couro e entregou uma bem alta para a atendente. A moça me fitou, e depois fez o mesmo que todos nessa cidade sabiam fazer: ela me ignorou.

Embalei rapidamente as minhas compras, e fui até a entrada do mercadinho. Apressando Augusto para que eu pudesse sair o quanto antes desse lugar. O homem não entendeu a dica, e se demorou no caixa. A voz grave soou baixa, mas não impossível de ser escutada.

— Quantas vezes por semana ela vem aqui? — ele perguntou a moça, que me encarou antes de responder.

— Acho que de duas a três vezes por semana.

— E ela é sempre tratada dessa maneira?

A fofoqueira da cidade negou, mentindo na cara dura.

— As pessoas da cidade são cuidadosas, e se fazemos algo é com razão, Sr. Alencar. Essa garota e o pai... eles não se encaixam aqui.

— Isso é o que vocês acham ou o que o meu pai os persuadiu a pensar?

A atendente abaixou a cabeça, sem saber direito o que responder.

— Foi o que imaginei... fique com o troco. — Augusto passou por mim, mas eu só tinha olhos para as notas que ele deixou no caixa. Era muito dinheiro, droga!

Como ele podia?

Segui-o pela calçada, sem saber ao certo o que dizer. Meu coração batia tão forte...

— Todos te tratam assim na cidade?

Ele olhou para trás, interrompendo as passadas largas.

— Sim. Ramon e tia Hortência são os únicos que nos tratam bem.

— Não a chame de tia! — exigiu. — Não crie intimidade com uma família que não é sua.

— Eu... ela não se importa com a maneira como eu a chamo.

— Mas eu me importo. — Nós chegamos em frente ao carro preto que ele dirigia. Eu não entendia muito sobre carros, mas imaginei que esse deveria ser muito caro.

A tinta brilhava, os pneus eram altos e largos. E tudo dentro dele cheirava a couro.

Ainda assim, eu não iria entrar nele novamente, pensei, ao ver que era o que Augusto esperava que eu fizesse.

— Ramon virá me buscar, ele... sempre busca quando eu demoro.

Contrariado, o homem indagou:

— O que você e Ramon têm? Ele é seu amante?

Entreabri a boca, chocada.

— Eu não tenho amante, não sou casada.

— Não é preciso estar casada para se ter um amante, ciganinha. Agora entre, Ramon não virá te buscar hoje, ele tem muito o que fazer na fazenda e eu não vou permitir que você fique aqui, sendo alvo dessas pessoas.

— Eu sei me cuidar sozinha.

— Sim, eu percebi que você tende a morder quando algo não lhe agrada, mas como duvido que saberá se cuidar se parar na cadeia por agressão, é bom que venha comigo.

— Você irá me deixar longe de casa, eu não confio em você.

— No seu lugar eu também não confiaria, mas estou tentando ser legal aqui, então...

— Por quê? Seu pai me odeia, e homens como você... não são legais com pessoas como eu.

— Não torne tudo tão difícil, Estela. Eu quero te dar uma carona, prometo que a deixarei em casa.

Pelo tempo em que fiquei parada, ali, na calçada, Augusto não se moveu. Quando enfim cedi, e estendi o braço a fim de abrir a porta do jipe, ele se adiantou e a abriu para que eu entrasse. Mordi a pontinha do lábio, quando o homem puxou o cinto e o prendeu, fazendo questão de testá-lo antes de dar a volta no carro e se sentar ao meu lado.

A primeira coisa que notei, estando presa com ele dentro do jipe, foi o cheiro de sua colônia que era tão forte e refrescante, que me fez sentir como se afundasse em um oceano escuro. A sensação de afogamento foi substituída pelo incontestável sangue quente que passou a correr freneticamente pelas minhas veias. Tudo isso em um único segundo.

Virei o rosto com pressa, não querendo que ele percebesse que eu o estava cheirando e me deixei cair em um silêncio nem um pouco tranquilo conforme pegamos a estrada de chão que levava às fazendas. A segurança que esse lugar me trazia, fez-me quebrar o silêncio.

— Ramon disse... que você tinha ido para a capital e que não voltaria mais — sondei, fitando-o de soslaio.

— O que Ramon e você têm? Se não são amantes, o que são? — Ele ignorou a pergunta.

— Amigos.

— Que se beijam? É isso o que todos os seus amigos fazem? — Eu o encarei, matutando como ele poderia saber que Ramon e eu nos beijávamos. A menos que ele tenha visto...

Mas a última vez em que o beijei, bem, foi justamente no dia em que vi Augusto pela primeira vez.

— Você nos viu? — perguntei baixinho.

— Você não me respondeu, é isso que faz com todos os seus amigos? Você os beija?

— Eu só tenho ele de amigo.

Augusto virou o rosto em minha direção por um segundo. Seu olhar estava bem mais intenso do que antes.

— Você tem a mim agora, Estela.

Perplexa, eu não consegui ficar de boca fechada.

— Eu não vou te beijar — falei rápido demais, com meu coração saltando dentro do peito.

O homem não respondeu, continuou a dirigir enquanto éramos rodeados pelos cafezais de sua fazenda. A vista era tão impressionante quanto a extensão deles. Era muita terra, muito pé de café plantado... por vezes, eu me perguntava o quanto de dinheiro alguém tinha de ter para possuir tudo isso. Tia Hortência tinha razão, homens como ele e Alfredo não eram confiáveis. O dinheiro nublava a mente das pessoas, as destruía, meu pai dizia.

Sentada sobre o banco macio, eu reconheci a entrada da fazenda de tia Hortência, agitando-me conforme Augusto diminuía a velocidade e jogava o carro para o acostamento da estrada de chão.

— Obrigada pela carona — comecei a falar, insegura. — E pelo que fez no mercadinho também... mas eu não posso aceitar. — Contei os trocados que tinha em minha bolsa, e comecei a juntar as moedas e notas de dois reais,

estendendo para que ele as pegasse. — Aqui está o dinheiro.

— Eu não preciso do seu dinheiro, garota.

— E eu não preciso da sua caridade, posso me virar muito bem.

— Sim, e ser escorraçada de cada local que for.

Eu me encolhi.

— A culpa é do seu pai.

— Não, Estela, não é. A culpa *é do seu pai* que certo dia apareceu por essas bandas e levou com ele a esposa de um homem com quem nunca deveria ter mexido.

— Eles se amavam.

— Para porra, com esse amor! Como uma mulher põe um homem na frente do próprio filho? Isso não é amor, é egoísmo.

— Suz não era feliz com o seu pai... e ela merecia... já imaginou se sua mãe tivesse ficado, e essa doença a tivesse levado? Ela nunca teria experimentado o amor. Nunca teria descoberto o que era estar com alguém que a amasse.

— Você é dessas então.

— Dessas?

— Sim, das que fazem parte do time das tolas, Estela. Agora guarde o dinheiro, ele não me fará falta, mas fará a você.

— É dinheiro do meu trabalho — disse com orgulho.

Poderia ser pouco, mas era meu e era honesto.

— Como eu disse, eu não preciso dele e aceitá-lo também não me deixará mais rico.

Estela pareceu indecisa, mas colocou com cuidado o dinheiro dobrado de volta em sua bolsa. Observei seu rosto ganhar cor, o vermelho fez contraste com a pele queimada pelo sol. Olhando-me de soslaio, ela rapidamente se virou para o lado não querendo que eu a pegasse em flagrante.

O fato de ela ser ingênua ajudaria no que eu tinha em mente. Mas, porra, seduzir uma garotinha que fora criada por uma mulher estúpida, que pregava o amor, era uma razão e tanto para desistir desse plano. O certo seria dar o fora antes que a situação se transformasse em uma tragédia irremediável...

Não, eu não iria cair no jogo de Hortência. Augusto Alencar Gouvêa não recuava.

Ele destruía.

— Qual a sua idade, Estela? — Não seja tão nova, pelo amor de Deus! Não seja.

— Eu fiz dezenove... tem pouco tempo. — Dezenove anos. Ela era uma criança.

— Certo — falei, buscando manter o controle. — Então nada de amantes para você?

— Não. Meu pai e eu acreditamos que... certas coisas uma mulher só pode fazer após o casamento.

A merda só ficava pior.

— Claro que você tinha que ser virgem.

Ela me fitou, sem entender.

— Qual é o problema de ser virgem? De me guardar para o homem com quem irei me casar?

— Não há problema algum, Estela. Algum. — Apenas que esse desejo besta de se manter intocada poderia dificultar a minha vida completamente.

Fora que, pela sexualidade aflorada que essa garota emanava, eu imaginei que ela fosse experiente, porra. Que soubesse o poder que tinha sobre os homens. Mas virgem? Não sei se estava pronto para seduzir uma cabritinha virgem como ela.

Pegando as sacolas com as compras, Estela forçou a maçaneta fechada.

— Eu quero sair — disse, sem graça. — Meu pai está me esperando, e se eu demorar muito...

— Ele ficará preocupado. Sim, eu imaginei. Mas antes que saia, eu tenho algo que gostaria de te dar. Foi essa a razão pela qual eu fui até a cidade hoje, aliás. Porque me disseram que você costuma estar por lá aos sábados... é verdade?

— Sim, eu vendo as peças que faço na feirinha. — Olhei para o bracelete que usava, depois as pulseiras entrelaçadas... recordando uma peça que não tinha conseguido esquecer: a tornozeleira. Um objeto completamente sem valor, mas absurdamente sexy.

— É você quem as faz?

Estela assentiu, orgulhosa de si mesma.

— São bonitas.

— Nem todo mundo compra, as mulheres mais velhas não gostam. Mas as adolescentes sim, elas ficam encantadas e sempre voltam atrás de novidades.

— Bom para você — disse baixo, virando-me para pegar o pacote no banco de trás. — Agora, isso aqui é um presente. E espero que goste.

Estela me encarou com desconfiança antes de aceitar o pacote. Os olhos verdes e ferinos se arregalaram ao descobrir do que se tratava o embrulho.

— Eu... — Sem palavras, ela sorriu diante do frasco de perfume.

Eu não sabia ao certo qual era a fragrância escolhida por Sierra, mas

lembro de ter dito que queria algo marcante. Exótico, como Estela era.

— Sinta o aroma e me diga se gostou. Ele me fez lembrar você. —
Achei melhor mentir.

— Ele não tem cheiro de rosas.

— Não, ele não tem. O aroma dele é um pouco mais... selvagem. —
Notei assim que o aroma se instalou pelo carro.

Sem dizer nada, Estela comprimiu os lábios.

— Você não gostou.

— Não é isso, é só que eu queria cheirar a rosas. Não a mato, ou a...
algo selvagem.

Ela queria cheirar como as mulheres da capital. Era isso.

— Eu gosto do seu cheiro. Não o mude. — Diferente do que foi dito
antes, essa afirmação não fora uma mentira. Vendo-a vulnerável, eu me
aproximei de Estela, disposto a fazer o primeiro ataque. — Tudo em que
venho pensando desde aquele dia é em você e nesse seu cheiro, ciganinha.
Parece loucura, merda, mas eu não consegui deixar de imaginar se você
inteira teria o mesmo aroma, ou se seria apenas no pescoço...

Estela estremeceu ao sentir a textura áspera do meu dedo deslizar em
seu rosto. Sua reação fez-me querer saber se ela já havia recebido esse tipo de
carinho. Se Ramon chegara mais longe do que o beijo que presenciei da
estrada naquele dia.

— Eu preciso ir. — Sua voz soou rouca, vacilante.

— Estela... — Espalhei os dedos pela sua bochecha, os arrastando até
a raiz de toda aquela cabeleira negra, prestes a cometer a estupidez de puxá-
los.

A ciganinha, no entanto, foi mais esperta e se afastou, empurrando a
minha mão, de modo decidido.

— Obrigada pela carona, mas não precisa fazer mais isso, tá bom? Eu

posso ter cara de boba, mas não sou. Você... me dá medo. Me faz sentir algo... esquisito, e isso me assusta. Então fique longe de mim e do meu pai. Nós não precisamos de nada que venha da sua família. Nada.

Estela empurrou o perfume para que eu o pegasse, e saiu correndo do jipe. Não vou negar, tudo em que consegui pensar ao vê-la se afastar era em como seria divertido jogar com ela. *Virgem, orgulhosa, selvagem...* e sem a menor ideia de que o seu destino se encontrava em minhas mãos.

CAPÍTULO 5

ESTELA SAAVEDRA

Observei meu pai experimentar o molho de tomate da macarronada que preparei. Notando que, enquanto ele comia, eu sentia pouca ou quase nada de fome. Com o garfo, revirei o espaguete e também o provei. Estava gostoso, mas não como o de Suzana. O simples pensamento deixou-me triste e não aquietou minha agitação. Porque mesmo que tentasse com muita força prestar atenção à conversa de papai, o meu pensamento continuava a vagar até o presente que Augusto comprara e que eu recusei.

Não queria que ele pensasse que fui ingrata, o perfume não era como o que tia Hortência me deu, mas era bom. Se o tinha recusado foi porque não era certo aceitar presentes de homens. Principalmente, os como ele: endinheirados, poderosos. A reputação do primeiro marido de Suz não era das melhores, eles o chamavam de louco hoje, mas ainda assim o temiam. Por isso, as conversas sobre como Augusto era pior do que o pai, deixavam-me preocupada.

Porque... para alguém ser pior do que Alfredo, ele teria de ser muito ruim, não é?

— O que está acontecendo, Estela? — meu pai inquiriu, sem fazer qualquer elogio ou comentário acerca da comida. Eu não podia culpá-lo.

— Por que tudo tem que ser tão difícil pra gente? — quis saber, certa

de que se as pessoas não nos odiassem, nossas vidas seriam mais fáceis. E talvez, o pensamento louco flutuando em minha cabeça não fosse tão absurdo.

— Assim é a vida, Estela. Algumas pessoas precisam passar por mais provações do que outras.

— Por quê? Será que fomos ruins em outras vidas?

Papai e eu não éramos católicos, mas acreditávamos em Deus. Em um ser superior. Assim como acreditávamos e éramos devotos de Santa Sara Kali, a padroeira do nosso povo.

— Eu não sei, minha querida, essas são perguntas para as quais nunca tive respostas. — Papai afastou o olhar da comida. — Agora me diga, por que está tão inquieta? Nunca a vi assim antes.

— Não é nada, pai. Só estou preocupada, eu acho. Suzana partiu e não sei se ficar aqui seja o melhor... talvez esse não seja o nosso lugar.

— Ciganos não possuem um lugar, minha filha. *A terra é a nossa Pátria; o céu, o nosso teto; e a liberdade, a nossa religião.* — Esse era um provérbio que papai vivia repetindo.

Acho que ele sabia da sensação que me tomava sobre não pertencer a lugar algum. Às vezes, eu me perguntava como seria estar entre o nosso povo, movendo-se de um lado ao outro. Montando acampamentos, sendo livre para abraçar a minha alma cigana. Eu queria dançar, como papai me ensinara... queria usar lenços... ter sempre os pés no chão.

Mas sempre que pensava nisso, eu me lembrava das suas histórias sobre patriarcado. Sobre como o homem dominava a esposa, vendo-se refém de uma cultura tão antiga e estruturada que eu, por ter conhecido *o lado de fora*, jamais me encaixaria.

A verdade era que eu queria viver nos dois mundos, sem perder o que eu mais prezava: a minha liberdade.

— Não vá por esse caminho, filha. — Ele pareceu ler os meus pensamentos. — Não conteste o que sabe. Não pense que pode ser como eles

são... Nós não somos assim. Lide com o fato.

— Eu estou lidando, papai. Achei que já tivesse notado.

Caetano afastou o espaguete e se levantou, beijando a minha testa antes de dizer:

— Nunca quis uma vida cigana para você, nunca desejei que se casasse cedo e que fosse forçada a seguir convenções arcaicas. Eu te protegi do meu mundo, filha, mas isso não muda quem somos. Não muda quem você é. E não são todos os homens que irão compreender que você é um espírito livre, que não pode ser aprisionado ou dominado. Tenha isso em mente antes de entregar o seu coração, minha Estela.

Apertei a mão de meu pai, e a beijei.

— Apenas um coração cigano pode amar uma cigana, filha. É o que meus pais costumavam dizer.

Quando se afastou, eu me peguei olhando para a janela, mais precisamente para a estrada em que Augusto me deixara mais cedo. O desejo de que tudo fosse diferente tomou conta do meu coração. No fundo, eu sabia que se Augusto não fosse filho de quem era e eu não fosse uma cigana, as coisas... Sacudi a cabeça, envergonhada. Eu não deveria desejar ser quem não era. Renegar a minha cultura ou o meu povo, o sangue correndo pelas minhas veias.

Não deveria e não iria.

Sem pressa, eu lavei os pratos, apaguei as luzes do casebre e me arrastei sobre a cama de solteiro que ficava em meu quarto. Os lençóis seguiam esticados, da arrumação dessa manhã, e eu aproveitei o tempo fresco para abrir a janela e deixar que o calor do meu corpo se dissipasse aos poucos enquanto assistia as centenas de estrelas e pontos de luz acesos no céu. Foi dessa forma que adormeci. Vendo estrelas se misturarem ao azul profundo dos olhos de Augusto.

Braços fortes me rodearam, mantendo-me presa. Meu cabelo foi

agarrado e o pescoço mordido enquanto eu lutava para respirar conforme meu corpo inteiro tremulava. O instinto de sobrevivência me pedia para fugir quando ainda era possível, mas quanto mais intensa eram as mordidas, mais desorientada eu ficava.

— Você é minha... — A voz ecoou pelo meu ouvido, grave e feroz. — Minha para fazer o que eu quiser. — A pele inteira do meu corpo arrepiou, o fôlego me faltou ao ficar cara a cara com o dono da voz.

Augusto deu um passo à frente, eliminando o espaço já inexistente entre nós dois. Sua boca desceu ao mesmo tempo que um som esganiçado me escapava... E eu esperei.

Aguardei, nervosa e ansiosa, pelo beijo... que não veio.

Acordei agitada, com o coração praticamente saltando pela boca. Depois de revirar na cama durante a maior parte da noite, eu havia enfim conseguido dormir. Apenas para ser acordada por um quase beijo, por um sonho que me deixou apavorada. Toquei meus lábios, sentindo-os secos. Intocados. E irritada, afundei a cabeça no travesseiro enquanto tentava, sem sucesso, conter o frenesi se espalhando pelo meu corpo. Havia dor lá embaixo, uma dor que eu não conhecia e que nunca antes tinha experimentado.

Fique longe dele... Era o que a voz continuou a dizer. Afaste-se enquanto há tempo.

— Eu não sei se posso fazer isso — murmurei contra o travesseiro. — Não sei se quero fazer.

Quando amanheceu e os primeiros raios de sol ultrapassaram a cortina da janela do quarto, eu me levantei e entrei debaixo da ducha fria. De olhos fechados, passei xampu em meu cabelo e o enxaguei. Ele havia crescido tanto nos últimos tempos, e com o calor que fazia eu os sentia grudarem em minha pele em uma constância maior do que a normal. Eu poderia cortá-lo, mas só a ideia já era algo que não me agradava. Eu gostava deles compridos.

Gostava do que o vento fazia a eles.

Após enxugar as mechas molhadas, eu as penteei e deixei secar por conta própria enquanto andava de um lado ao outro dentro da pequena casa. Aproveitei que papai saíra para trabalhar, e varri os dois quartos e a sala. Quando a fome bateu, corri até a cozinha e passei o restinho de geleia que Hortência comprara e nos dera, na fatia de pão torrado. Misturei um pouco de leite no café forte que papai fazia e me sentei na bancada da cozinha, olhando para o lado de fora enquanto comia.

Estava distraída demais com meus próprios pensamentos e preocupações para reagir à entrada abrupta na sala. Assustada, desci da bancada e espiei através da meia parede para saber se era meu pai a entrar, mas, para o meu completo choque, não era.

Ainda escondida, eu admirei com um misto de fascinação e curiosidade o homem que varria com o olhar questionador a pequena sala. Sua atenção ia das paredes com pintura antiga ao sofá com uma colcha de retalhos em cima. Mordi o lábio ao vê-lo se aproximar da cortina de miçangas que eu havia feito. A mão grande, com dedos longos e ágeis contornou as minúsculas pedrinhas com interesse. Até que ele as soltou.

Prendi a respiração ao vê-lo de costas. A calça de linho azul-marinho, parecia mais ajustada do que a que os homens do interior usavam. Mais cara também. A camisa branca, dobrada até o meio de seus braços, deixava à mostra os pelos escuros e o relógio dourado. Augusto não era um homem magro, seu corpo era bem construído, com músculos evidentes por baixo da roupa elegante que vestia.

Diferente de Ramon, que era como um touro. Mas se me perguntasse qual deles eu temia mais... eu diria que era Augusto.

Virando-se, como se soubesse exatamente onde eu me encontrava, Augusto fixou os olhos em meu rosto e o desceu. Sem qualquer hesitação. A mandíbula quadrada apertou conforme ele alcançava o volume que meus seios formavam por baixo da camisa vestida às pressas...

— O que faz aqui? — perguntei, cruzando os braços em frente aos seios com toda a confiança que consegui reunir.

Augusto deu um passo em minha direção, e eu recuei instintivamente.

Quando ele não respondeu, eu continuei:

— Essa casa é minha, você não pode ir entrando assim...

— A casa é sua? — Juro que por detrás de sua pergunta havia um bocado de sarcasmo.

— É de tia Hortência, mas... ela nos deixou ficar aqui. Então, a menos que ela permita, você não tem o direito de entrar.

Ele sorriu, aumentando a minha desconfiança.

— E se eu disser que sua querida tia Hortência me deixou entrar? O que você fará?

— Eu... ela não faria isso — contestei baixinho, encolhendo-me por detrás da parede.

Minha reação à sua presença, porém, não o impediu de se aproximar. O olhar perigoso intercalando entre as minhas coxas e seios, fez-me lembrar de que tudo o que me cobria era uma camiseta velha que eu gostava de usar como pijama. E que por baixo dela não havia nada.

Apenas minha pele nua.

AUGUSTO ALENCAR

Amaldiçoei a ciganinha, questionando-me se ela era mesmo tão ingênua quanto aparentava. Os pés descalços exibiam unhas laranjas, que só alguém como ela usaria. Subi o olhar, lentamente, detendo-o nas pernas morenas e de aparência macia, a bainha da camiseta que vestia terminava muito acima do que qualquer um consideraria decente. Um pouco mais e eu veria a sua calcinha.

A possibilidade nublou a minha mente, porque dali em diante eu só consegui pensar em como seria vê-la usando nada mais do que as tiras de uma lingerie ao redor do quadril moreno. Como seria? Renda? Transparência? Não, Estela não tinha jeito de que usaria algo tão provocativo. A constatação não diminuiu o meu desejo ou curiosidade, pelo contrário.

A garota era um desafio inesperado, e a julgar pela forma como usava a parede que separava a sala da cozinha, como escudo, ela estava mais do que ciente do risco que corria na minha presença.

Mais desorientado do que costumava ficar, eu imaginei como seria quando meus dedos puxassem a camisa para fora dela. Ou como eu adoraria chupar essa cigana, deixá-la afogueada... e encharcada entre as pernas.

Comprimi os lábios, cerrando-os em irritação, louco de vontade de provar o seu gosto. E não me referia ao de sua boca, merda. Torturando a mim mesmo, arrastei o olhar até os seios que despontavam por baixo do tecido e grunhi. Um som alto o bastante para fazê-la arregalar os lindos e inocentes olhos verdes.

Virgem, Augusto, lembre-se de que a garota é virgem.

— Se você fosse minha, eu jamais deixaria que outro homem a visse assim — rosnei, excitado. — Acho até que eu te prenderia em uma redoma de vidro, e a manteria ali... somente para os meus olhos.

— Não nasci para ficar presa — disse, com ingenuidade. — E você não pode ficar aqui. Se o meu pai chegar...

— Eu não dou a mínima para o que o seu pai faz ou pensa, Estela.

— Vá embora — disse baixinho, mordendo o lábio carnudo. — Nós não somos amigos, você deixou claro que nos odeia e...

— Eu nunca falei que te odiava.

— Você não precisa, eu posso sentir.

Ela e essa besteira de sentir!

— Lamento ter de te dizer, ciganinha, mas os seus instintos estão errados. Eu não te odeio.

— Mas odeia o meu pai, e isso, para mim, é o mesmo!

Encarei-a de forma dura, estendendo a mão para acariciar sua bochecha. Se ela era quente por fora, eu não podia esperar para ver como

seria por dentro. Estela não se mexeu ou recuou, parecendo chocada demais para reagir ante o meu toque.

— Você é um pequeno animalzinho arisco, não é? — A garota não negou. — Eu já sei que morde, mas será que arranha também? — Meu polegar afundou em sua pele macia, os demais dedos agarrando-a para que saísse detrás da parede. — Responda-me, Estela. É assim que você dorme? — Olhei rapidamente para o vão entre as suas pernas, controlando cada músculo tenso e irrequieto do meu corpo. Cada exigência dele para pular toda essa baboseira de sedução e partir para a fase em que poderíamos tê-la. — Ramon já a viu assim? — A ideia não me agradou. — Ele já fez algo além de beijá-la?

Estela se apressou em negar, os olhos mostrando-se atordoados conforme a palma da minha mão se arrastava pelo seu couro cabeludo. Sorri ao ver que a garota prendia a respiração, controlando a vibração do próprio corpo. Ela não foi a única a titubear quando meus dedos agarraram um punhado daqueles cachos. O prazer de senti-los... fez-me endurecer um pouco mais. Ela era cheirosa porra, e gostosa.

E estava me enlouquecendo aos poucos.

— Nunca o deixe vê-la dessa forma. Entendeu? Nada de toques daqui em diante, nada de beijos amigáveis...

— Por quê? — gaguejou.

— Porque eu conheço a mente dos homens, Estela. Nós somos pervertidos, sujos. E, às vezes, perdemos o controle quando se trata do que desejamos.

— Ramon nunca perderia...

— Não seja ingênua, criança. Ramon é um homem adulto, duvido que não olhe para você... e pense na maneira mais fácil de torná-la dele.

— Ramon não é assim, e eu... eu não sou como as terras pelas quais você e seu pai tanto brigam. Eu não posso ser tomada!

Eu teria prazer em provar a Estela o contrário.

— Com o tempo, você vai entender que todas as mulheres nasceram para serem tomadas. Algumas, por pouco tempo. Outras, muito raras, para sempre. Mas, no final, elas sempre irão pertencer a alguém. Talvez você não veja isso daqui, desse buraco. Mas, no mundo lá fora, é assim que as coisas funcionam.

Acompanhei o movimento de sua garganta quando ela obviamente engoliu em seco, cerrando em seguida os lábios carnudos.

— Eu não gosto da maneira como fala.

— Não é tão diferente assim para o seu povo, Estela. O que me admira é por que ainda continua solteira. Na sua idade, ciganas já carregam vários filhos pelas ancas, não?

— Meu pai não quis essa vida para mim — falou, com o lábio tremendo ao sentir meu dedo deslizando em sua carne macia. — Ele achava que eu merecia mais do que um casamento aos quatorze, quinze anos. Que deveria estudar e... ser alguém. Ele não é como os outros ciganos também. Papai sempre achou que as mulheres deveriam poder escolher com quem se casar, e não... se submeter a um homem quando mal tinham idade para saber o que faziam. Ele acredita no amor.

Ri, achando toda essa merda ridícula.

— Então ele é um desgarrado que acredita em amor — constatei, pensativo. — Uma pena que o que ele quis para você não se concretizou, não é? Você pode não estar casada com algum cigano, mas segue presa aqui. E o que faz? Vende penduricalhos?

O rosto dela ficou vermelho.

— Não são penduricalhos, são bijuterias. E eu não faço mais nada porque tive que passar os últimos dois anos cuidando da sua mãe...

Meu rosto enrijeceu.

— Papai tinha que trabalhar, e Suzana...

— Essa é a sua desculpa? Não fez nada porque teve que cuidar de

uma moribunda?

— Não fale assim, ela era a sua mãe!

— Era, não é? Uma pena que tenha se esquecido disso nos últimos anos. — Afastei-me, esse era um assunto que me irritava profundamente.

Estela não disse nada, pelo contrário, observou-me caminhar pela pequena cozinha, assistindo em silêncio a minha inquietude. O lugar era uma caixa de ovos. Como alguém poderia viver nisso?

— Você ao menos terminou o segundo grau, garota? — Eu não deveria estar preocupado com esse tipo de coisa, mas não conseguia deixar de pensar na vida que Caetano proporcionara a Estela.

— S-sim.

— E se pudesse fazer qualquer coisa, o que seria? Se pudesse acordar amanhã e...

— Dançar — respondeu rápido, com um sorriso genuíno em seu rosto. — Se eu pudesse fazer qualquer coisa, eu gostaria de dançar como as ciganas do meu povo fazem. Não tive como aprender tudo, apenas o que meu pai me ensinou... e eu amo a sensação de liberdade que sinto ao mover o meu corpo... deve ser assim que os pássaros se sentem ao voar, não é?

Eu não fazia a menor ideia, merda, tudo o que fiz depois de escutá-la foi estreitar os olhos e imaginá-la nua... movendo os quadris sobre mim. *Foda-se os pássaros!*

— Você é boa? — inquiri, rouco. A razão me abandonou de vez.

— Suzana achava que sim. — *Suzana*, ela falava daquela mulher como se a desgraçada fosse sua mãe e não a minha.

— Mostre-me então — exigi, caminhando até ela que, dessa vez, recuou.

— O quê?

Pressionei seu corpo contra o balcão, mal deixando espaço para que

respirássemos longe um do outro.

— Dance para mim, ciganinha. Eu não sei se confio no julgamento da falecida.

Estela hesitou, mordendo o lábio e dando um pequeno, quase inexistente, passo atrás.

— Dance. Para. Mim — insisti, sabendo que a garota podia sentir a ereção pressionada entre as suas pernas; o contato, quase total, do meu corpo no seu. Minha mão, que até agora se mantivera contida, deslizou pelos braços de Estela, fazendo-a arfar baixinho com os olhos imensamente arregalados.

Fitei-os, sabendo que deveria parar, que se levasse a mão até a sua boceta, que era o que eu gostaria, as chances de não conseguir parar eram enormes.

Dos braços, eu acariciei suas costas, trazendo-a ainda mais para perto. Os seios claramente empinados bateram contra o meu tórax. A expressão de dor e prazer que a garota fez, mostrou tudo o que eu precisava saber.

— Nenhum homem a tocou ainda, não é? — Ela não respondeu, sua respiração pesada ia e vinha e eu quase, quase podia sentir os mamilos intumescidos raspando minha camisa. Havia roupa demais entre nós dois, merda. Roupa... demais.

Agindo como um homem irracional e primitivo, eu deslizei a mão até a lateral do seu quadril... apenas para constatar que não havia nada por baixo da camisa.

— Você só pode estar de brincadeira comigo... — Apertei a carne macia por cima do tecido gasto da camisa, e ela gemeu. Como se nunca tivesse experimentado a sensação de um homem a tocando com vontade. — Não é possível que você não saiba o que faz com a cabeça de um homem, garota... então, eu a acho aqui e a encontro assim... completamente nua por baixo dessa maldita camisa.

— Eu não... te convidei. Não deu tempo de...

Não escutei nada do que disse, e se o meu pau estava duro antes,

agora era como se o maldito fosse explodir antes mesmo de ter a boca ou a boceta da ciganinha ao redor dele. Colei a testa na dela, e me obriguei a manter a calma, mas quando senti as coxas de Estela bambearem, abrindo-se lentamente e, sem querer, aninhando o meu pau, eu joguei a merda pelos ares e a agarrei.

Mantendo-a inteira sob o meu domínio. Pela boceta e o cabelo.

— Ciganinha... — Seu corpo estremeceu enquanto o rosto dela estava inclinado pela intensidade com que eu a segurava.

Pensei em beijá-la, em empurrar minha boca sobre a dela, e provar do seu gosto de uma vez por todas. Meu corpo inteiro ansiava por isso, merda, e foi o que eu quase fiz. Meu nariz chegou a tocar o seu, o seu hálito morno aqueceu meu rosto... eu quase podia sentir a maciez de sua língua ferina... mas então, em um impulso de razão, mostrando-se infinitamente mais forte do que eu mesmo, Estela virou o rosto.

— Eu quero que vá embora — pediu baixinho, fugindo do meu olhar, enquanto empurrava meus dedos para longe do seu quadril.

— Sua querida Suz não te ensinou nada sobre hospitalidade? — perguntei de forma branda, com o coração acelerado.

— Não. E eu tam-também não te-tenho que ser hospita... hospita... eu não te-tenho que ser isso daí com você! Você está na minha casa, entrou sem ser convidado. — A garota gaguejou nervosa, empurrando meus dedos para longe do seu quadril. Deixei que ela o fizesse. Estela continuou a dizer coisas para a qual não dei a mínima, até que alguma das merdas que saíram de sua boca atingiu um ponto fraco. — E se eu não posso entrar nas suas terras, você também não pode entrar aqui!

— Você não tem ideia do absurdo que está dizendo.

A garota empalideceu diante do meu tom de voz.

— Saia da minha casa — pediu, irritando-me.

— Esse buraco não é a sua casa!

Eu a senti se fechar, o progresso feito até agora escorreu pelos meus dedos.

— Por que você é tão mau? Uma hora está sendo gentil, e na outra...

— Você é como aquelas crianças chatinhas, não é? Sempre perguntando por que isso, por que aquilo. Não vê que é irritante?

— Irritante é você, seu filho de um cabrito sem mãe! — gritou, fazendo-me segurá-la.

O pequeno corpo se esfregou ao meu, o encaixe foi perfeito. Dessa vez consegui sentir os mamilos, as coxas entreabertas. O calor e umidade entre as suas pernas aninhando a espessura do pau. Até o cheiro de sua excitação eu senti. Ainda assustada com a forma como o meu corpo seguia colado ao dela, a garota olhou para baixo, para a união de nossas pernas, e arfou como a tigresa selvagem que era.

Meus dedos voltaram a se perder na selvageria que eram os seus cabelos, até que sussurrei em seu ouvido:

— Eu não sou um homem com quem você irá querer bater de frente, Estela. — Seu olhar veio furioso, e conforme ela se contorcia... eu a sentia inteira. — Se não quiser que eu a detenha com as próprias mãos, eu acho melhor que pare de se debater...

— Eu não tenho medo de você. — Ela não me escutou, ou não tinha ideia de que eu quase podia sentir sua boceta esfregando no meu pau, ou... ela estava gostando. — Você e o seu pai são iguais, dois miseráveis de corações ruins...

Cerrei a mandíbula, praticamente rangendo os dentes antes de segurá-la pelos braços.

— Pare de se mexer.

Estela parou, olhando-me atordoada, com o peito ofegante e a boca carnuda, molhada.

Meu pau latejou, esticando-se por dentro da calça; e, pela forma como

a ciganinha me olhou, eu soube que ela foi capaz de sentir.

E isso foi o que a fez se calar.

ESTELA SAAVEDRA

Não eram apenas as minhas pernas a bambearem após o toque de Augusto, e sim o corpo inteiro. A aspereza de seus dedos... a forma como reagi à sua presença e à sua força. O vão entre as minhas pernas queimava um desejo e uma vontade que eu não fazia ideia de como exterminar. Então eu o senti se alongar e empurrar o meu ventre, senti a espessura, o quão duro Augusto se encontrava. Tentei imaginá-lo, tentei me lembrar de tudo o que eu sabia a respeito de pênis, mas nada se parecia com o que eu sentia latejar contra o meu corpo agora. Eu não era a única pulsando aqui.

Mas a forma como ele o fazia, como parecia crescer, como se empurrava contra mim... era ao mesmo tempo fascinante e assustadora.

Com o quadril ainda preso, e mais do que nunca consciente de sua ereção, eu me dei conta de que, se o homem me empurrasse um pouco mais, eu logo estaria com o bumbum sobre a bancada da cozinha.

— Isso não está certo... — sussurrei, fechando os olhos e tentando não me mover.

A dor que tomou o bico dos meus seios, deixou-me agoniada. O pior não era isso, o pior era saber que Augusto ainda os sentia. Duros, inchados, alfinetando-o por cima de sua camisa. Mordi o lábio inferior com força, apavorada e inquieta entre as pernas.

— Você não faz ideia do quanto eu estou me controlando aqui para não te agarrar pelo cabelo e te beijar. Minhas mãos chegam a coçar...

Deslizei a língua pelo lábio, umedecendo o que, de repente, ficara seco.

— Quer que eu a beije, Estela?

Sim, pensei rápido demais. Eu queria ser beijada e tocada por ele.

Saber o que era todo esse formigamento que estava deixando-me agitada.

Por isso, entreabri os olhos bem devagar e o fitei.

— Eu quero... mas não posso.

Ele me fitou duas vezes mais intensamente, acho que irritado com a rejeição. Porque, da mesma forma com que se aproximou, abrupta e intimidante, Augusto se afastou. Emaranhando os dedos no cabelo bem penteado, os fios castanho-escuros foram bagunçados pela mão inquieta. Soltei o ar que vinha prendendo, meu coração foi desacelerando aos poucos conforme ele andava de um lado ao outro em minha sala.

Foi assim até que o meu olhar se ateve à pequena bolsa rosa, que fora colocada sobre o sofá. Eu não a tinha visto antes, ela era pequena, mas eu reconhecia a loja.

Quando se virou e me encarou, eu voltei a me encolher. Não por *medo dele*, e sim por medo do que a sua presença me causava. Eu não me reconhecia perto desse homem. O fogo que ardia em meu corpo, só era aceso por ele e isso me apavorava. A verdade era que Augusto mexia com o meu interior, bagunçava o meu equilíbrio.

— Eu preciso sair daqui. — A voz soou grave, distante, fazendo-me lembrar do sonho, de quando sussurrou que eu pertencia a ele. Mas essa não era a verdade.

Eu não lhe pertencia. Eu era livre.

Dei um pulo quando a porta da frente se fechou, atordoada. Ainda zozza. Minutos se passaram até que eu consegui me acalmar, por dentro e por fora. Hesitante, como se a qualquer momento Augusto pudesse voltar, eu olhei pela janela vendo-o entrar na caminhonete estacionada lá longe. Toquei o meu próprio lábio, eu quase podia sentir o beijo não dado, a sua vontade e a minha. A desordem que éramos.

Não sei qual era o gosto da boca de Augusto, nem fazia ideia de como seria o seu beijo. Mas a intuição me dizia que, quando aquele homem tocasse a sua boca na minha, nós dois estaríamos perdidos.

Desviei meus olhos rapidamente da janela e os fixei no pacote, fitando-o como se a qualquer momento ele pudesse explodir. Hesitei, caminhando de um lado ao outro, da mesma forma como aquele homem fizera, até ter coragem de me ajoelhar no chão e abrir a bolsinha rosa. Dentro dela havia um papel de seda branco também, que embrulhava... a caixinha de um outro frasco de perfume.

Arqueei a sobrancelha, e o abri com cuidado, vendo que esse era diferente do primeiro que Augusto tentara me dar antes. Eu não só reconhecia a loja, como já tinha passado várias vezes em frente a ela em Sertãozinho. Tudo parecia tão cheiroso e bonito lá dentro. Animada, eu espirrei o perfume em minha pele, e sorri feito uma garota boba ao constatar que... esse sim tinha cheiro de rosas.

Aquele homem não apenas me escutara como também fora até a cidade procurar por outro frasco. O coração, que acabara de se acalmar, voltou a bater forte ao me dar conta de que junto do perfume havia também um pequeno bilhete dobrado:

Use-o hoje, e me encontre na porteira, às 18h.

CAPÍTULO 6

ESTELA SAAVEDRA

A manhã pareceu não ter fim. Fiz meus afazeres, ajudei tia Hortência, almocei com papai e passei a tarde limpando os quartos do casarão. Tirei o pó, troquei os lençóis e ajudei na cozinha, e enquanto Hortência preparava um bolo e outras sobremesas, eu limpava o que era sujo. Não foi uma ou duas vezes em que perguntou o que havia comigo, foram várias. E em cada uma delas, eu balancei a cabeça e voltei a me enfiar em um silêncio autoimposto.

Eu não gostava de me sentir culpada, ou de ter de mentir. E com tudo o que havia acontecido essa manhã, eu me encontrava nervosa. Temendo que, apenas ao me olhar, as pessoas soubessem de tudo. Sei que era loucura da minha cabeça, mas eu ainda era capaz de sentir seus dedos me tocando. O cheiro gostoso da colônia masculina... fazia-me de tempo em tempo inspirar minha pele. Apenas para senti-la de novo.

Ainda assim, quando pensava no bilhete e no que Augusto queria, eu não sabia o que fazer. Tinha medo de que se aceitasse, isso me tornasse uma mulher qualquer. Papai seria o primeiro a me reprimir se viesse a descobrir, ele era um homem que levava a sério suas crenças e integridade. E conforme eu crescia, fez questão de deixar claro que as decisões que eu tomava afetavam a visão que as pessoas tinham dele. De alguma forma, era como se meus erros o tornassem alvo de julgamento. Não que eu errasse,

sempre fui obediente. Nunca levantava a voz ou fazia algo que ele ou Suzana não fossem gostar.

Deus, como eu queria que ela estivesse aqui! Suz saberia o que dizer, acalmaria o meu coração.

— Vamos lá, menina. Essa é a última vez que pergunto, que raios está acontecendo com você hoje?

Olhei de soslaio para ela, temendo que Hortência descobrisse o que havia de errado. Ela era uma das primeiras a me alertarem sobre Augusto. A verdade é que eu não queria decepcioná-la.

— Não é nada, tia Hortência. Eu só estou pensando.

— Isso é o que me preocupa, normalmente você age primeiro e pensa depois, minha querida. Nunca o contrário.

Continuei a limpar as vasilhas sobre a bancada, ignorando a pequena reprimenda.

— São alguns dos seus pressentimentos? — insistiu. — Lembro do quanto você ficou amuada nos dias que precederam a morte de minha irmã.

Era porque eu sentia que ela iria partir.

Sacudi a cabeça não querendo preocupá-la, e em seguida tentei encontrar as palavras certas para lhe perguntar o que vinha me *aporrinhando*.

— Tia Hortência... você já sentiu medo de fazer algo, mas ao mesmo tempo quis muito?

Ela me avaliou com seus olhos miudinhos, mas muito espertos.

— O que é isso que você quer tanto?

Não respondi, não podia.

— Certo, já que não irá me contar, deixe-me pensar... eu me senti assim, mas não com *algo* e sim alguém.

— Ele te dava medo?

Hortência enrijeceu, como se soubesse.

Como se o nome Augusto Alencar estivesse cravado em minha testa.

— Um pouco.

— E o que aconteceu? Você...

— Eu o esqueci, Estela. E posso garantir que foi o melhor. — Eu a vi se afastar, a boca comprimida, contendo as palavras que sabia que desejava dizer, mas que não faria.

— Você o amava?

Tia Hortência parou, sem se virar.

— Eu achava que sim.

Fiquei ali, sentada na banquetta da cozinha vendo-a se afastar, ainda mais incerta sobre o que fazer. Quando o finzinho de tarde chegou, e Hortência me dispensou, eu corri até em casa e comecei a me arrumar. De frente ao espelho, eu soltei a trança feita ainda essa manhã, e passei os dedos pelas ondas marcadas do meu cabelo, que ficavam ainda mais cheio nos dias que eu o lavava. Com cuidado, vasculhei entre as roupas antigas que possuía, e encontrei a saia que Suz me dera dois anos atrás e que eu quase não usava. Ela era linda, cheia de bordados feitos a mão que iam até a barra. A cintura dela era alta e justa, depois de me decidir por ela, eu me vi caçando um top soltinho da mesma cor para combinar.

Ao terminar de me vestir, eu limpei o espelho velho que ficava em meu quarto, e me observei. Papai chegaria em breve, eu precisava ser rápida se não quisesse que ele me visse sair, pensei, sentindo-me ainda mais culpada. Como nunca fui de me maquiar, eu procurei pela bolsinha de coisas de Suzana, que havia me recusado a deixar que papai ateasse fogo, e encontrei um batom rosa. O passei, a cor se misturou à vermelhidão natural de minha boca. O aspecto não mudou, pareceu apenas mais hidratada do que o costume. Não sabendo o que mais usar, eu esfreguei com os próprios dedos um pouquinho de sombra marrom cheia de brilhinhos nas pálpebras. Com pressa, coloquei os dois braceletes, ajustando-os em meus braços, e calcei a sandália baixa de camurça. A tornozeleira no lugar de sempre.

Quando estava prestes a sair, eu me lembrei do perfume e voltei correndo para o meu quarto. O borrifei sobre o meu cabelo, nuca, braços... Pelo corpo inteiro.

Escrevi um bilhete rápido a papai, dizendo que iria até a cidade assistir a cerimônia de São Sebastião com Ramon, e que logo estaria em casa. Caminhei até a porteira, mais nervosa do que algum dia estive, protegendo-me da poeira que surgiu quando o carro de Augusto se aproximou na estrada. Parada em meu lugar, eu o observei descer do jipe com um sorriso de canto em seu rosto, dar a volta e abrir a porta para que eu pudesse entrar.

Levei algum tempo até fazer o que ele esperava, analisando-o primeiro. Mas não havia nada dessa vez, nenhum sinal ou pressentimento. Aliviada, eu mesma tomei a iniciativa de prender o cinto, antes que ele tentasse.

Ao bater a porta do seu lado do carro, Augusto me estudou. Fazendo-me notar a ruga em sua testa, como se algo o incomodasse.

— O que foi?

Sei que as perguntas que deveria estar fazendo era para onde estávamos indo, mas tudo o que consegui pensar foi o porquê de ele não ter dito nada a respeito da minha roupa ou aparência. Será que eu não estava bonita?

O estudei de volta, notando a calça jeans e os sapatos negros. O suéter azul dobrado na metade de seus braços... Ele estava bem-vestido. Bem demais para irmos simplesmente até o centro da cidade.

— Há algo de errado comigo? — perguntei insegura. — Eu...

Eu havia me arrumado para ele.

— Você está linda — respondeu sério. — Você é linda. Só fico impressionado em como ainda não se deu conta.

— Eu...

— Se você fosse minha...

— Eu estaria presa. — Pelo seu olhar predatório e as palavras ditas no dia anterior, eu só podia imaginar algo assim.

Mas Augusto negou.

— O que eu iria dizer, é que você teria o mundo aos seus pés, Estela. Tudo o que quisesse.

— Eu não quero o mundo. — Não precisava dele.

— Iria querer se fosse minha — rebateu, de forma enigmática.

E eu quase, quase, me vi perguntando o que eu precisava fazer para me tornar dele. O juízo foi quem me impediu, e em vez disso vi-me querendo saber:

— Aonde vamos?

— Pensei em irmos até Ribeirão Preto.

Franzi o cenho.

— Por que até lá? Eu queria ver a celebração aqui na cidade, dizem que é linda...

Augusto sacudiu a cabeça.

— Em Ribeirão nós teremos mais privacidade.

— Mas eu não quero privacidade, quero... — calei-me.

Ele não estava de todo errado. Era fácil imaginar as pessoas nos olhando, falando a meu respeito. Os peões da fazenda, os amigos de Ramon. Todos nos veriam.

— Você irá se sentir mais à vontade por lá, acredite em mim.

Olhando-o com o canto do olho, eu respondi a primeira coisa que me veio à cabeça:

— Eu acredito.

Estela sorriu, e por alguma razão desconhecida, meu estômago retorceu. A cigainha não apenas confiava em mim a ponto de entrar em meu carro e deixá-la levar onde bem entendesse, como também acreditava que eu sabia o que era o melhor para ela. Quando obviamente não fazia ideia. Eu não a estava levando para longe porque queria privacidade, quero dizer, eu até queria, mas não para o que ela imaginava.

Nada tinha a ver com seu bem-estar. Eu não dava a mínima para o que povo de Sertãozinho diria a seu respeito, o que eu queria mesmo era a chance de seduzi-la. E isso não iria acontecer debaixo dos olhos de toda aquela gente curiosa. Eu agia melhor na surdina.

Sempre foi assim.

Dirigi até Ribeirão, uma das cidades que faziam divisa com a Fazenda das Paineiras. O trajeto não levou mais do que meia hora, e ao chegarmos, assisti aos olhos de Estela se arregalarem para a procissão que seguia. A rua parecia tomada por andarilhos e devotos de vermelho, e lá na frente um grupo de pessoas da paróquia local seguravam a figura de São Sebastião. Ao redor, pessoas aguardavam pelos sorteios que seriam realizados ao fim da noite, e a música ao vivo.

— É lindo... não é? — ela perguntou, inclinando-se dentro do carro para se aproximar do vidro dianteiro, olhando a procissão com o mesmo encanto e fascínio com que parecia enxergar a vida.

— Eu não imaginava que o seu povo gostasse de festas de santos... para falar a verdade, nunca perdi tempo analisando isso.

Ela me encarou.

— Até agora.

— É normal. As pessoas acham que não somos crentes a Deus, mas nós somos. Não importa a religião, e sim a fé. Papai diz que os ciganos costumam adotar a religião predominante aos países em que vivem... eu não me considero católica, mas acredito em Deus, e principalmente em Santa

Sara Kali.

— Quem?

— Ela é a padroeira do nosso povo — Estela falava, mas tudo o que conseguia enxergar à minha frente era o seu corpo moreno se contorcendo sobre o banco do carona. Às vezes, a garota agia como uma criança, entusiasmada com tudo e todos. — Ela é a nossa *Madona Negra Romani*. — Sua boca continuou a se mover, desconcentrando-me. — Reza a lenda que ela e as três Marias foram atiradas ao mar num barquinho, e que, desesperadas por estarem perdidas, elas começaram a chorar e orar. Sara, que era apenas a serva, retirou o seu *diklô*³ da cabeça e chamou com muita vontade por Jesus Cristo. Ela prometeu a Ele que se as salvasse, ela seria sua eterna escrava e que jamais andaria com a cabeça descoberta em sinal de respeito.

— Elas foram salvas.

A ciganinha assentiu, orgulhosa.

— E sabe o que aconteceu quando chegaram em terra?

Eu não fazia ideia, porra.

— Elas foram acolhidas por um grupo cigano, e Sara se tornou a rainha deles. A ilha ficou conhecida como...

— *Saintes Maries de La Mer*, ou como você deve conhecer, ilha das Santas Marias do Mar.

— Como sabe? — Ela arqueou a sobrancelha.

— Eu conheci a cidade no tempo em que estudei fora. Lembro que era um lugar de grande religiosidade cigana, bem movimentada na época em que a visitei. Mas até você falar, eu não tinha ligado uma coisa à outra.

Tudo o que eu me lembrava daquela época eram das viagens rápidas ao sul da França e aos países próximos. Uma das grandes vantagens de se viver na Europa era a facilidade de locomoção.

Notei que Estela seguia calada, observando-me.

— Você deve conhecer o mundo todo, não é? — perguntou, envergonhada.

— Todo ainda não. Mas boa parte da Europa e da América, sim.

— Eu nunca saí do país — disse, me olhando dentro dos olhos. — Acho que também não quero, eu já fico perdida com todas essas terras, imagine longe? Onde não conheço ninguém? Não que aqui eu conheça muita gente... mas...

— Talvez um dia você conheça a ilha...

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu não tenho dinheiro para viajar, papai também não me deixaria ir. Não sozinha. Mas eu já fico feliz em ouvir as lendas... conheço várias delas, se quiser posso te contar qualquer dia.

Assenti, virando o rosto e olhando para longe. Mais precisamente para a procissão. Não acho que haveria a chance de Estela sentar e me contar histórias estúpidas que enfiaram em sua cabeça. Nós não teríamos todo esse tempo.

— Eu iria adorar.

As maçãs do rosto de Estela ficaram rubras, a garota continuou envergonhada. Estendi a mão até ela, afastando o cacho ondulado de sua bochecha, querendo vê-la melhor. Pega de surpresa, Estela virou aqueles olhos ferinos em minha direção, deixando-me excitado.

Era difícil lembrar de algum momento em que estive perto dessa garota em que o tesão não tenha subido à cabeça e assumido o controle do meu corpo. Na capital, eu ainda tinha Sierra para aplacar um pouco da vontade violenta que sentia, mas aqui? Duchas frias e uma mão áspera eram tudo o que me restava.

— Se não quiser ser beijada, é melhor não me olhar da forma como está fazendo — declarei, firme. Porque a verdade é que Estela não facilitava: todo esse jeitinho curioso, as mordidas incessantes na boca que tinha tudo para ser gostosa, e os malditos olhares...

Estela me olhava como se quisesse que eu avançasse sobre ela, mas em seguida alguma das besteiras que lhe enfiaram na cabeça por anos ressurgia em sua cabecinha, e ela recuava.

Toda essa sua ingenuidade era sexy, para não dizer um pecado. Os olhos sempre tão arregalados, a boca trêmula. A pele rubra era quente, senti ao espalmar minha mão em seu rosto, trazendo-a mais para perto.

— De que jeito eu te olho, Augusto? — provocou, fodendo com meu autocontrole.

— Desse jeitinho que está fazendo agora, como se quisesse realmente ser beijada.

A ciganinha não disse nada.

— Você vai me deixar beijá-la dessa vez, Estela, ou irá me impedir novamente? — A pergunta soou quase rude, não por estar com raiva, mas por ser incapaz de controlar o meu desejo.

— Eu vou deixar... mas só dessa vez, tá?

Nos entreolhamos por uma fração de segundo, avaliando-nos. A mesma hesitação que havia nela podia ser encontrada em mim. O mesmo desespero. Cobri seu rosto com minhas mãos, a boca carnuda e vermelha entreabriu-se para me receber. Aspirei seu cheiro, o aroma de rosas já não parecia tão intenso como no instante em que ela entrara no carro, mas ainda estava ali, pensei, ao roçar o nariz no dela, nossas bocas quase se tocando. O quase, deixou-me alucinado. Então eu fiz.

Fechei a porra dos olhos e a beijei. Os lábios macios afastaram-se para que eu penetrasse minha língua, que recaiu sobre ela com toda a intensidade do meu tesão. Porque era disso que se tratava esse beijo.

Impedindo-a de se afastar, e tomar fôlego, eu respirei do mesmo ar que ela. A umidade. Tomei posse de sua boca como queria fazer de seu corpo. Estela se agarrou aos meus braços, que continuavam firmes, as mãos em seu rosto. A cabeleira selvagem caiu sobre meus ombros quando a sacana veio parar em meu colo. As pernas quentes, ardentes como fogo, se aninharam sobre minhas coxas. E o encaixe foi de outro mundo, porra!

Afundi os dedos em seu rosto, deixando-os se arrastar até seu couro cabeludo. Mas não parecia suficiente, mesmo que sua boca continuasse sufocada pela minha e eu pudesse senti-la inteira se liquefazendo sobre mim, não parecia suficiente. Eu queria mais da ciganinha. Queria seu gosto espalhado por todo meu corpo. O cheiro em cada músculo.

Eu queria tomar o que pudesse dela.

Quando seu corpo começou a ondular sobre o meu, ofegante e trêmulo, eu perdi de vez a cabeça. Olhando-a tão profundamente dentro dos olhos, quase perdi o sorriso sacana que me deu.

— Eu preciso respirar — murmurou, contra a minha boca. Suas mãos vieram parar em meus ombros em busca de suporte.

Liberei sua boca como pediu, e ataquei o pescoço moreno.

Meus lábios arderam ao entrar em contato com a pele. O gosto salgado era estranhamente doce. A coisa mais contraditória que já provei. O seu cheiro, não o de rosas, mas o cheiro dela, sobressaiu-se inundando o carro e o meu corpo. Afastando as mechas que caíram sobre nós dois, eu toquei seus ombros, braços... gostando da sensação de delinear suas curvas com um único dedo. Puxei-a pela cintura, ao ter suas unhas curtas cravadas em meu próprio ombro.

Olhei para baixo, querendo ver o encaixe e a pele quente visível através da fenda. Espalhei meus dedos pelas coxas macias, sentindo-a inteira se arrepiar. Subi um pouco mais, alcançando o ossinho de sua virilha. A atenção de Estela estava voltada completamente para o que eu fazia.

— Não me diga que está sem calcinha novamente...

Ela negou.

— Eu estou usando. — Meus dedos afundaram na carne macia, procurando por algum rastro de pano. Até que o encontrei. — Ela só é pequena.

A encarei, e sem pensar direito, a puxei pelo quadril, unindo seu corpo ao meu de uma forma tão íntima, que acabei a assustando. Os olhos

verdes abriram-se diante dos meus como dois filetes incendiários, capazes de atear fogo a tudo.

— Não — gemeu, caindo de volta a minha boca. — Aí não. — Respirou com dificuldade, a voz arrastada fazendo o maldito do meu pau latejar de dor, de um tesão que nós dois sabíamos que não seria saciado agora. Mas que iria. — Apenas me beije — pediu, envergonhada. — Só isso. — Estela arrastou minha mão, cravada em seu quadril, até a parte de trás de suas costelas. Uma área que não representava qualquer risco.

E que ainda assim pareceu-me excitante.

Sufoquei-a com outro beijo, meus dedos se emaranharam pelos cachos revoltos, que se enrolavam ao redor deles, conforme eu os afagava. Na posição em que estávamos, Estela não teve escapatória que não a de me beijar, permanecendo no meio de meus braços. Seu corpo estava preso, imobilizado pela força com que eu a segurava.

Dividindo-se entre beijos desajeitados e ansiosos, a garota deixou evidente sua falta de experiência. E se havia alguma dúvida até onde as mãos sujas de Ramon foram, elas já não existiam. Essa coisa de se guardar para o casamento, era sério então. Não uma tentativa de me impressionar, de se vender por um valor acima do mercado.

— Sua boca é um pecado, ciganinha... você inteira é. — E essa, possivelmente, foi a coisa mais honesta que disse a Estela desde que a conheci. — Estou perdendo a cabeça por sua causa, porra.

— Não é isso o que eu quero — sussurrou de volta, sem compreender.

— O que você quer, Estela? Basta dizer... — Ela não queria o mundo, deixara isso claro. Mas se pedisse, eu não me importaria de lhe dar, mesmo sabendo que uma garota como Estela jamais sobreviveria a ele.

— Quero que me beije... já falei.

— Só isso? — De toda a porcaria que poderia pedir, ela me pedia por mais beijos?

— É o suficiente para mim. — A cigana entrelaçou os dedos em meu

pescoço, assumindo o controle e moveu o corpo cheio de curvas sobre o meu. Não de forma maliciosa, não havia isso em Estela. Foi mais... um jeito curioso. Como se quisesse me sentir debaixo dela.

Mesmo morrendo de tesão, eu achei mais seguro a afastar, fazendo-a encostar as costas contra o volante.

— Acho melhor irmos dar uma volta — sugeri, desorientado com a expressão faminta de seu rosto. — Por mais que minha vontade seja passar o restante da noite aqui, com você em meu colo e sua boca atada à minha, eu não tenho controle suficiente para apenas... te beijar. Compreende?

Estela assentiu, sorrindo timidamente, e saiu do meu colo. Como se a sessão lasciva e dolorosa de beijos trocados não a tivesse afetado em nada. Eu ainda a observei lambe os próprios lábios, sorver o meu gosto com curiosidade, e me lançar um olhar que fez meu coração acelerar ferozmente, de uma forma que eu nunca havia experimentado antes.

CAPÍTULO 7

ESTELA SAAVEDRA

Caminhei animada na frente de Augusto, que parecia não ter pressa e nem se importar em me ver parando em todas as barraquinhas. Algumas delas vendiam tortas e bolos que pareciam deliciosos. Outras, produtos artesanais como: panos de prato, roupas para crianças e bijuterias, que eram as minhas paradas preferidas. Visitei cada uma delas, conversando com seus vendedores e admirando as peças. E quando a oportunidade surgia, eu mostrava as que eu fazia. Augusto não reclamou, mas também não afastou os olhos de mim por um único segundo. Sua presença foi sentida por cada pessoa que passava pela gente, ele era um homem ativo, para se respeitar, e todos sentiam isso. Alguns, até mesmo saíam do seu caminho para que ele passasse.

Quando eu lhe fazia alguma pergunta, ele simplesmente assentia, sem muito interesse. Em qualquer outro momento, eu teria me sentido incomodada com o seu silêncio e temperamento, mas estava tão feliz pelo dia. Os beijos, o passeio...

Com o céu já bem escuro, e quase todas as barraquinhas visitadas, eu me aproximei distraída de uma em que vários bombons caseiros seguiam expostos. Aproximei-me, fascinada, com o estômago varado de fome também, e perguntei o preço à senhora. Depois de todos os beijos que eu e Augusto demos, a minha boca seguia inchada e mais vermelha do que o habitual. Eu sabia, pois antes de deixar o carro eu tinha me olhado no espelho

tentando ajeitar o cabelo que os dedos grandes de Augusto despentearam.

Não notei a apreensão da senhora que me atendeu, até o momento em que a sombra de Augusto foi sentida e sua mão me segurou pela cintura. Olhei para ele, vendo-o tão sério, e depois voltei a atenção para os doces.

— Quanto é o bombom de brigadeiro?

— Dois reais, minha menina. Cada compra será revertida para ajudar ao padre Miguel a construir a nova sala no centro comunitário para as crianças. Um lugar para que elas tenham onde brincar e ficar enquanto suas mães trabalham.

— Isso é muito legal — falei, sincera. E para ajudar, peguei todas as moedinhas que tinha em minha bolsa lateral e as entreguei. — Tome, não é muito, mas...

— Ah, querida, que gesto bonito. Espere um pouco enquanto eu embrulho seus bombons.

— Eu só quero um. Não precisa de muitos. — Ela me olhou, e depois olhou para o homem ao meu lado que balançou a cabeça.

— Embrulhe todos.

Eu o olhei, confusa.

— Eu não irei comer todos. Por que ela precisa embrulhá-los?

— Porque você está pagando.

— Mas...

— Estela, você não tem onde cair morta. Não cabe a você fazer caridade, pelo amor de Deus! — Engoli em seco diante de sua grosseria e olhei para a mulher, que tinha agora o rosto fechado. Ela também reagira mal à grosseria.

— Se não cabe a mim, a quem cabe, Augusto? — perguntei nervosa, mas não obtive qualquer resposta. Intrigada, a senhora olhou dele para mim, perguntando-se a quem deveria escutar.

— Eu só quero um, por favor — esclareci. — E não se preocupe em embrulhar, porque pretendo comer o bombom agora. — Ela me entregou o doce, e sorriu.

Se antes eu estava despreocupada, agora, enquanto engolia o brigadeiro, eu só conseguia pensar na vergonha que sentia. Eu sabia muito bem que não tinha onde cair morta, que era pobre, mas ele não tinha o direito de esfregar isso na minha cara.

Era feio.

— Estela... — Augusto chamou ao me ver andar muito a sua frente, quase correndo dele. — Espere, droga!

O homem tão mais alto e forte me alcançou, puxando-me em sua direção.

— Eu não deveria ter dito nada, é só que...

— Você não deveria mesmo — o repreendi.

— Entenda que você não pode sair por aí entregando seu dinheiro a qualquer causa. Não me parece justo. Você já não tem...

— Eu não tenho onde cair morta, sim eu entendi essa parte, Sr. Alencar.

— Voltamos ao Sr. Alencar agora?

— Você foi grosseiro comigo.

— Eu sei, e sinto muito.

Eu me virei, mas mudei de ideia antes de continuar a caminhar.

— Mesmo que não queira saber ou que me odeie pelo que vou dizer, mas eu preciso falar. Talvez não seja da minha conta ajudar os outros, você está certo, eu não tenho muito. Mas você tem. Desde que te conheci, eu não o vi ajudar ninguém. Dizer nada genuinamente gentil, ou...

— Falar que você é linda não foi gentileza? — Senti as bochechas esquentarem. — E o perfume que eu te dei?

— Você fez tudo isso porque tinha outras intenções.

Apressei o meu passo, virando-me pela última vez ao escutá-lo perguntar:

— Quais? — Seus olhos se estreitaram, fitando com ganância as próximas palavras que saíram de minha boca.

— Me beijar.

Ele fez como se fosse me segurar, mas eu sorri, correndo à sua frente. Misturando-me entre as pessoas que escutavam a banda local tocar.

Passando entre elas, eu me aproximei do palco, encantada. Sem nem ao menos me preocupar se Augusto viria atrás de mim ou não. A verdade é que a música parecia bater no mesmo ritmo que o meu coração.

*Deixe o seu coração falar
Não se prenda ao medo de amar
Eu posso e vou te carregar
Não se prenda ao medo, oh oh oh
Quero te levar.*

Olhei para o lado, vendo os casais dançarem ao redor. Os corpos unidos de forma tão íntima, faziam todo o sentido para mim agora. Apenas um casal que se amava ficaria assim, não é? Porque eu senti Augusto, senti todo ele... e o calor que sua proximidade me causou. Fechei os olhos, deixando que a batida da música fizesse canção em meu corpo. Eu jamais saberia dançar com tanta perfeição como as mulheres do meu povo fazia, que cresciam sendo ensinadas por suas mães e familiares. O pouco que papai me mostrou não era muito, mas o suficiente para mexer com meu interior.

Movi o corpo, de forma desajeitada, deixando-me levar enquanto sorria e me punha na ponta dos pés. Não acho que havia algo tão próximo a voar do que a dança, Augusto pode não ter concordado, mas era verdade. Pelo menos para mim.

*Você pode sentar no meu colo⁴
Vou acariciar seus cabelos
Você já disse tudo com os olhos
Posso te tocar com um beijo*

Entusiasmada, rodopiei como uma criança boba; sem me importar com quem me olhava ou não. O calor que fazia, o gosto de Augusto em minha boca... tudo parecia afrodisíaco. Eu estava queimando por dentro por ele. Dancei despreocupada, como uma brincadeira só minha... até que o vi parado entre a pequena multidão olhando-me fixamente.

Parei de me mover ao vê-lo passar por entre as pessoas, a determinação com que caminhou e a forma com que me olhou, fazendo com que minhas pernas bambeassem, foi intenso e arrebatador. Como se só existisse nós dois ali.

Nós dois e a música.

— Nunca mais fuja de mim da forma como acabou de fazer — o homem grunhiu em meu ouvido, puxando-me para o meio de seus braços. Fechei os olhos com força, querendo mais de sua voz. Mais dele inteiro. — Da próxima vez...

Segurei-me pela sua nuca, ficando na ponta dos pés.

— O que fará? — o desafiei.

— Você não vai gostar de saber, garota. Então, não me provoque.

Sorri, feliz, apesar de tudo. Estar aqui, com ele... a alegria em meu peito dizia que eu havia tomado a decisão certa. Eliminando a pequena distância que nos separava, Augusto não esperou por uma resposta, impaciente como era, ele me agarrou pelo rosto e me beijou.

Meu corpo foi envolvido por inteiro pelo dele, que era maior do que o meu. A boca do homem tomou a minha com tanta volúpia, tanta força, que mesmo sem respirar eu me vi incapaz de afastar. Eu queria mais, pensei, enquanto correspondia ao seu ato impulsivo. Minhas mãos envolveram os

seus braços, enquanto era segurada por ele, que me mantinha de pé. Arfei contra a sua boca, e ele gemeu contra a minha. Nos entreolhamos através do beijo; e, para mim, foi como se tudo fizesse sentido.

Era ele.

O meu para sempre... era ele.

Não escutei mais a música ou as pessoas conversando, sequer as vi dançar. Tudo o que conseguia enxergar era Augusto. Seu coração batendo contra o meu e sua respiração tão falha quanto a minha.

— Me tire daqui — pedi, baixinho, querendo ficar a sós com ele.

Querendo mais dos seus beijos.

Sério, Augusto ainda brincou comigo:

— Onde está o *por favor*, ciganinha?

— Por favor. Por favor... por... — Sua boca veio de encontro a minha, ágil. Intensa. Um beijo que me calou, não apenas por fora, mas por dentro. Cada alarde, cada temor, restando apenas a suspeita de que eu havia encontrado aquele que seria *o meu para sempre*.

AUGUSTO ALENCAR

Apertei a mão ao redor do volante, em meio aos faróis dos carros que vinham na contramão iluminando a estrada que ligava Sertãozinho a Ribeirão Preto. Passava das dez da noite, não era tarde ainda, não se levássemos em conta o ritmo frenético de São Paulo, mas após quase arrancar a minha boca e o juízo com todos os beijos dados aqui, em meu colo, Estela se afastara, sorrira e pedira para que eu a levasse para casa. Agora, sentada no banco do carona, a ciganinha tinha os olhos vidrados no lado de fora da janela. O que me permitiu desviar a atenção da estrada por um segundo e observá-la.

As pernas se encontravam dobradas sobre o banco, os pés descalços, após ela retirar as sandálias, sobre o estofado de couro. De onde estava, eu podia ver a tornozeleira que ela nunca tirava, o som dos penduricalhos de

certa forma tranquilizava-me. Vendo-a abraçar as próprias pernas, eu me perguntei se ela não teria por acaso adormecido. Mas como se sentisse que eu a olhava, lançando olhares de tempos em tempos, Estela se virou na minha direção e sorriu.

E eu juro, porra, que eu não sabia o que fazer com ela.

Nem com todas as coisas sujas e eróticas que queria dela.

— O que disse ao seu pai antes de sair?

Ela não respondeu, apenas virou o rosto e voltou a olhar através da janela. Cachos e mais cachos cobrindo-a inteira. Costas, braços, pernas.

Notando que iria ficar em silêncio, eu procurei me concentrar na estrada, só a chamando ao chegarmos na porteira, que ficava exatamente entre as divisas das fazendas.

Endireitando o corpo, Estela me encarou pelo que pareceu uma eternidade.

— Você não vai me dar um beijo de despedida? — E com isso, a ciganinha não apenas me fez sorrir como me levou a beijá-la.

— Essa sua boca, tem gosto de céu, porra. — O que me fazia querer descobrir se o restante dela também teria.

— A sua não — disse séria, os olhos assustadoramente brilhantes. — Toda vez que eu te beijo, sinto como se eu estivesse...

Ela se deteve por um momento, deixando-me curioso.

— Como se estivesse?

— Indo para o inferno.

Eu a encarei, com a mesma seriedade.

— Claro, eu quase me esqueci de que sou o filho do demônio, certo?

Ela sacudiu a cabeça, negando.

— Talvez, eu ainda não me decidi. — Estela se inclinou, beijando-me

de olhos abertos. Um selinho rápido e indolor, e em seguida abriu a porta do jipe e correu porta afora.

Desnortado, eu a observei por todo o caminho, até que a luz do casebre foi acesa e eu tive certeza de que a garota chegara em segurança. Religuei o motor e dei a partida non carro, o pau duro entre as pernas, a boca dolorida por conta dos beijos inexperientes e desajeitados. E o peito apertado por tudo o que eu teria de fazer em breve.

CAPÍTULO 8

AUGUSTO ALENCAR

Despertei cedo na manhã seguinte, o tesão que sentia e o calor dos infernos que fazia em Sertãozinho, não me deixaram pregar o olho por muito tempo. Passei parte da noite relembrando os beijos daquela garota, sentindo o seu gosto e a marca dos dentes em minha boca. A ciganinha era selvagem... e dona de um fogo que poderia incendiar esse lugar. Eu estaria mentindo se esse fogo todo não tivesse me deixado vidrado.

A garota até poderia ser virgem, eu não tinha mais dúvidas. Mas tinha tudo para se transformar em um vulcão na cama, bastava estar nas mãos do homem certo.

Debaixo da ducha fria, eu revivi o momento em que senti sua boceta esfregar no meu pau por cima de todas as roupas que vestíamos. Foi algo instintivo de seu corpo, uma curiosidade latente que a fez interromper os beijos e me olhar sem ideia de que aquilo poderia facilmente levar um homem a gozar.

O fato de ter empurrado a minha mão para longe sempre que tentei ultrapassar alguma barreira, não foi nada. Eu a respeitei. Reconheci seu medo por trás de toda a excitação. Então, recuei. Deixei-a me beijar do jeitinho que me deixou louco. Deixei-a deslizar as mãos pelos meus ombros e braços, sentindo os músculos tensos; o pau duro, insano de vontade de penetrá-la fundo, rasgar a barreira do seu hímen e tomá-la de uma vez por todas.

Não vou negar, eu gozei na noite passada imaginando a cena. Pensei em como seriam os seus seios quando eles pulassem sobre o meu rosto, ou no quão apertada sua boceta estaria e no quão molhada eu a deixaria. Caralho!

Eu estava duro novamente.

E essa, com certeza, não era a melhor hora de me juntar a Alfredo na mesa de café da manhã. Infelizmente, com os planos de voltar a capital em breve, ignorá-lo não era uma opção. O encontrei no assento principal, com o jornal diário aberto sobre a mesa sendo folheado com extrema atenção, enquanto Francisca, a governanta, o servia.

Sem paciência, eu mesmo despejei o café forte na xícara sobre a mesa e dispensei a fatia de pão caseiro que me foi oferecida. Alfredo seguiu taciturno em sua posição, calado. E eu não fiz questão de puxar assunto ou de ser agradável. Nossa relação sempre foi instável, antes mesmo que Suzana o deixasse. Ambos tínhamos gênios fortes e temperamento ruins, bater de frente era quase inevitável.

Coloque dois leões machos-alfa em uma jaula e veja o que acontece. Um deles com toda certeza sairá morto. E essa foi uma das razões pela qual Alfredo me enviou tão cedo para um colégio interno. Porque ele sabia o que acabaria acontecendo mais cedo ou mais tarde.

Verifiquei o relógio sobre a vidraceira onde se encontrava a prataria, e percebi que ainda tinha tempo. Venâncio estaria à minha espera nos galpões, para que pudéssemos fazer a medição dos terrenos de alguns pontos da fazenda de Hortência. Uma atitude precipitada, eu sei. Mas quando o sinal ficasse verde, eu estaria com toda a cavalaria pronta para entrar naquela fazenda e colocar em prática as mudanças e melhoramentos que tinha em mente. Era só questão de tempo, pensei, sentindo o gosto forte e puro do café que produzíamos para distribuição no mercado interno. Uma única linha que era vendida, principalmente na região sudeste e sul do país. Vender o produto final nunca foi o nosso foco, o Grupo Alencar era focado mesmo na venda de grãos internamente e externamente. E o mercado lá fora era infinitamente maior do que o do Brasil, e era graças a ele que havíamos alcançado uma posição de destaque no setor agropecuário internacional.

— Tenho escutado alguns boatos, Augusto — Alfredo comentou, quando Francisca deixou o cômodo.

— Aposto que tem. — Peguei o jornal da capital, colocado ao meu lado na mesa, e o folheei sem muito interesse. Seguro de que qualquer imprevisto no mercado que poderia vir a afetar o Grupo Alencar, Benjamin e Sierra seriam os primeiros a me contatar.

— O que pretende rodeando aquela cigana, levando-a para lá e para cá? As pessoas já estão comentando.

— Deixem que comentem. — Eu não dava a mínima.

— Devo supor que... essas suas visitas tenham a ver com o pedido que te fiz?

— O de arruinar o cigano?

Meu pai assentiu.

— Não é tão simples assim. — Mas talvez, se soubesse como jogar, eu conseguiria os dois. Destruir o filho da puta e, bem, tomar as terras de Hortência.

— Não me deixe de fora, Augusto, eu sou seu pai, miséria!

Afastei o jornal e o encarei.

— Seja paciente. Tudo o que estou fazendo é em nosso benefício.

— Você parece ter esquecido que homens como eu não possuem paciência.

— Pois é bom que aprenda a ter. — Levantei-me, sério. — Você esperou quase vinte anos para se vingar daquele maldito cigano. O que são mais alguns meses?

— Meses? Se eu soubesse que demoraria tanto já teria disparado uma bala na cabeça do infeliz...

E arruinado com tudo.

O encarei, a expressão severa.

— O senhor tem duas opções, Alfredo. — Coloquei as cartas na mesa, antes de ter que lidar com os imprevistos provocados por sua loucura. — Ou espera que eu faça tudo, do meu jeito, sem interferir. Ou mete a bala no cigano, e se conforme em passar os últimos anos de sua vida atrás das grades. Se a escolha for pela segunda opção, saiba que eu mesmo me encarregarei de arrastá-lo até a delegacia do *tal delegado honesto*. Tenho certeza de que o cabra irá adorar colocar as mãos em alguém como o senhor.

Alfredo cerrou os dentes, e me seguiu pelo casarão enquanto eu acendia um dos charutos de sua coleção.

— Não gosto da forma como está agindo, Augusto, só espero que saiba o que está fazendo e mais ainda, que seus planos não tragam qualquer consequência a essa família. Eu odiaria ver o nosso nome sendo manchado por um descuido...

Eu sabia ao que ele se referia, o infeliz.

— O senhor parece se esquecer de que eu não cometo erros, meu pai. Diferente de você.

ESTELA SAAVEDRA

Com a bolsa a tiracolo, eu me esgueirei pela fazenda do Sr. Alencar com um olho à minha frente e o outro em tudo o que acontecia ao redor. Se pudesse evitar, eu não queria ser pega desprevenida ou arrastada pelos capatazes do pai de Augusto. Eu podia até fingir não ter medo, enfrentá-los e tudo, mas a verdade é que odiava a forma como me olhavam. Um deles, o infeliz do Bandeira, era o pior de todos. Eu estremecia de pavor só de imaginar. Perto dele, eu não ficava sozinha nem se me pagassem.

Depois de atravessar parte do cafezal, sem ser notada, eu cheguei até os galpões onde ficavam os maquinários para secagem e separação dos grãos de café. Eu não entendia muito sobre o processo, mas Ramon havia me explicado que era aqui que os grãos vinham após serem colhidos.

De longe, verifiquei os técnicos espalhados pelo galpão e assim que me deparei com o homem de chapéu de couro que conhecia tão bem, eu o chamei:

— Ramon — murmurei baixinho, querendo passar despercebida.

Os funcionários dessa parte da fazenda, não se incomodavam tanto comigo. Eles respondiam a Ramon, e já estavam acostumados a me verem andando por essas bandas. O problema era que, ultimamente, para todo o lugar que olhava o maldito do Bandeira parecia estar à espreita.

Por sorte, Ramon veio logo ao meu encontro assim que me viu escondida detrás de um dos tonéis de separação.

— Quando vai me escutar e entender que é perigoso vir até aqui, Estela? Se o Sr. Alencar ou algum de seus homens a pegarem...

— Você lembra o que me prometeu? — perguntei, ignorando o aviso que fez.

— O de te levar para assistir a apresentação de dança das crianças?

Assenti, o avaliando. Eu não queria que ele deixasse de ser meu amigo somente porque não o deixava me beijar mais. Ramon era confiável, e eu gostava da sua companhia.

— Pensei que não quisesse mais ir.

— Eu quero, só não quero... você sabe.

Ele sorriu, aquiescendo.

— Eu te pego, às 19h, ok? Talvez demore um pouco mais. Com o filho do patrão por aqui, o Sr. Venâncio vem querendo mostrar serviço, aí já viu.

Hesitei, mantendo para mim o que havia acontecido ontem. Não acho que Ramon gostaria de saber que Augusto havia tocado em mim e me beijado... várias vezes. Odiava ter de mentir e guardar segredo, mas não havia outra opção. Não ainda.

— Obrigada. — Eu o abracei, apertado. Agradecida de verdade, mesmo que por dentro me sentisse culpada. Ramon retribuiu o abraço, mantendo-me com ele por um tempo maior do que o aceitável para duas pessoas que não se beijavam mais. Sorri, achando engraçado e me afastei devagar, prestes a chamá-lo de espertinho quando o senti enrijecer.

Virei-me para ver o que o tinha feito reagir assim, e me deparei com Augusto.

Ramon, de modo protetor, se colocou na minha frente. Sua tentativa, porém, não serviu de nada, pois Augusto em nenhum momento desviou os olhos do seu alvo, que parecia ser justamente eu. Não vou negar, por pouco não me encolhi atrás de Ramon, mas a lembrança dos nossos beijos me fez acreditar que ele não iria mais brigar comigo por estar na fazenda.

— Venâncio pode achar que você é insubstituível, Ramon, mas eu não penso assim. — O tom de voz de Augusto soou mais sério do que eu esperava. Os dois homens se entreolharam, e notei a ameaça no fundo azul de seus olhos. Acho que quem precisava ser protegido aqui era Ramon, e não eu. — Até onde sei, eu não te pago para ficar à toa, porra! Se vai continuar a fazer corpo mole, é bom que esteja preparado então para dar o fora da minha fazenda... Homens para fazer o que você faz aqui dentro há centenas lá fora.

— Você não pode... — comecei a dizer, impondo-me na frente de Ramon, que me segurou.

— Fique quieta, porque você sequer deveria estar aqui! — O *ainda* ficou implícito, mesmo que ele não o tenha pronunciado.

— Olha como fala com ela, seu miserável! — Ramon me defendeu e Augusto apenas o encarou, com uma expressão assassina.

— Você está mesmo disposto a perder seu emprego e bater de frente comigo por causa da garota, não está? — Havia algo mais além da raiva em seu tom de voz.

Algo que eu não gostei de enxergar.

— Se for preciso, sim... e já vou logo te avisando, Augusto, que se algo acontecer comigo eu não pretendo deixar barato dessa vez. Eu vou

revidar, Barãozinho.

Dessa vez? Olhei confusa para os dois, franzindo o cenho ao escutar as palavras de Ramon, porque na minha cabeça... Augusto não tinha razão para fazer nada com ele.

— Ramon... — chamei seu nome baixinho, assustada para a direção em que a conversa se encaminhava.

— Se me der licença, Sr. Alencar, eu levarei Estela em casa...

— Você não a levará a lugar algum. — A voz veio baixa, controlada, e ainda assim fez o meu sangue gelar. O burburinho baixo e costumeiro do galpão se tornou inexistente. Olhei ao redor, vendo os técnicos e dois dos capatazes da fazenda escutando a conversa. — Se a garota veio até aqui com os próprios pés é assim que irá embora — disse cada palavra, olhando-me com uma emoção tão crua quanto intimidante.

Por que ele estava agindo assim? Achei que depois de ontem, tudo estaria bem entre a gente.

Desviei os olhos dele, e o fixei em Bandeira que se aproximava como se fosse o rei do mundo, gostando de me ver ser humilhada. Dessa vez, foi impossível não recuar e me esconder por detrás de Ramon com o coração apertadinho, temendo que Augusto fosse pedir ao desgraçado para me tirar daqui.

Eu precisava ir embora. Esse foi meu pensamento antes de me virar e correr para longe daquele lugar.

AUGUSTO ALENCAR

— O senhor quer que a gente a siga? — Bandeira perguntou, os olhos ainda vidrados na ciganinha enquanto Ramon se dirigia para longe, a fim de atender a um pedido de Venâncio, que, para mim, estava era querendo evitar uma tragédia.

Quanto ao Bandeira, o infeliz, eu já havia notado a forma como ele e os outros desgraçados dessa fazenda olhavam para Estela. Algo me dizia que

não era apenas a ordem de meu pai que eles seguiam ao tocá-la, os filhos da puta gostavam de maltratá-la. O que me levava a temer outro tipo de ataque, um do tipo irremediável.

Eles ainda não sabiam, mas ninguém, além de mim, tocaria naquela garota.

— Bandeira. — O cabra me encarou, o rosto suado do trabalho braçal e o cheiro forte de um homem relaxado. — Eu quero que você espalhe um aviso por essa fazenda. — Ele assentiu, querendo mostrar serviço. — O homem que tocar na cigana está morto — falei com a voz contida, sabendo que por baixo do chapéu, ele me analisava.

— E se ela voltar a entrar na fazenda? — perguntou, após se recuperar do choque. — Seu pai nos autorizou a arrastá-la daqui se a pegarmos andando por essas terras... ele...

— Meu pai não manda em nada por aqui. Eu sim. Agora faça o que estou mandando, e garanta que todos saibam que eu não dou recado à toa. Tocou nela, e eu juro que o miserável pagará por isso. Fui claro? — Esse era um aviso a todos, principalmente para ele.

Bandeira pediu desculpas, garantindo que daria a ordem a todos os homens. A expressão em seu rosto, porém, não era a de alguém satisfeito. O que de certa forma me deu algum prazer. O dispensei, sabendo que tinha outro assunto a resolver antes de sair com Venâncio, e por isso me dirigi à sala de conferências que ficava no fundo dos galpões.

Ainda pela vidraça, eu observei o pequeno escritório em que Venâncio e Ramon se encontravam, e entrei sem sequer bater na porta.

— Deixe-me a sós com Ramon, Venâncio. Assim que terminar o que tenho para dizer, nós iremos para a fazenda de Hortência — o avisei, e com um aceno discreto ele saiu.

— Olha, Augusto... — Não o corrigi ao tê-lo me chamando pelo primeiro nome, porque em algum momento do passado nós fomos amigos. Uma amizade que morreu no instante em que descobri a verdade; e, se havia algo pelo que agradecer a Suzana, seria por isso. Pelas poucas linhas que

deixou escritas antes de fugir com o maldito cigano.

— Olhe aqui você, porra — grunhi, baixo. — Talvez eu não tenha sido claro ainda, mas a partir de agora eu espero que você se preocupe mais com a porcaria do seu trabalho do que com a Estela. E isso significa manter-se longe dela.

Ramon me avaliou, com os olhos crispando de raiva.

— O que pretende? Não ache que eu não vejo a maneira como a observa... Estela não merece o que for que esteja passando por essa sua cabeça doentia, Augusto. A garota não tem culpa de nada!

— Como sabe que há algo passando pela minha cabeça? Tudo o que estou pedindo é que se afaste.

— Eu te conheço, porra! Conheço esse olhar ferrado que você e o seu pai tem. E falo sério quando digo que se você fizer algo a ela...

Sorri, com sarcasmo.

— Se eu ferrar com a ciganinha, o que você fará, Ramon? Me esclareça...

— Eu o mato.

Essa era uma ameaça a se levar em conta. Ramon e eu fomos criados juntos; por muitas vezes, eu me peguei pensando que tínhamos muito em comum. Não era para tanto que qualquer discussão era motivo para brigarmos. Foi assim até o dia em que eu quase o matei. Se não fossem os homens que me tiraram de cima do infeliz, eu teria despejado toda a raiva que sentia de Suzana e do infeliz do meu pai sobre ele. Eu teria dado fim ao cabra.

A suspeita de que deveria mesmo ter feito isso na época, passou-me pela cabeça. Porque, até então, eu não havia imaginado o tipo de risco que Ramon representaria. Ele era uma ponta solta deixada por Alfredo, e eu não gostava delas.

— Você não é nenhum idiota, tem a cabeça melhor do que a maioria

dos homens que trabalham nessa fazenda. Só tem uma coisa com a qual você nunca foi bom, Ramon: com pontaria. Repita essa merda novamente, e você não gostará das consequências.

— Não tenho medo de você, Augusto! — o infeliz grunhiu. E por uma fração de segundo, eu acreditei que fosse partir para cima de mim. Mas algo o deteve.

A prudência talvez?

— Você sabe que eu não o teria impedido, Ramon — falei, com calma. — Acho até que teria sido bom lembrar os velhos tempos...

— Você nunca jogou limpo.

— Tem razão. E é exatamente por esse motivo que eu sou o patrão aqui. Pessoas como você, Ramon, não irão muito longe na vida, o que é uma pena porque eu reconheço o seu potencial... — Eu o encarei, com firmeza. — Tanto que acabo de decidir que quando Venâncio for para Betim essa semana, fiscalizar o plantio nas outras fazendas, você deverá ir com ele.

Eu não dava a mínima se a decisão iria ou não agradá-lo, o que queria era o infeliz longe.

— Não pense que eu não sei o que está tentando fazer, Augusto.

Aproximei-me, impassível.

— É assim que homens resolvem seus problemas, Ramon. Tirando-os do caminho.

— O inferno te espera, seu desgraçado, e lá o seu dinheiro não vale nada!

— Eu ainda não estou morto, estou? Enquanto isso, o meu conselho é para que faça exatamente o que ordenei, pode começar ficando longe de Estela.

— Você ainda vai se arrepender, Augusto, ouça o que estou dizendo.

Eu duvidava.

Dei as costas ao infeliz; e ao sair, eu tive a impressão de que cada maldito cabra dessa fazenda já sabia que Estela fora reivindicada.

ESTELA SAAVEDRA

Escutei as vozes de papai e Ramon vindas da sala, mas em vez de me levantar e começar a me arrumar, eu encolhi-me um pouco mais na cama e continuei a olhar para a noite quente lá fora. A cortina que cobria a janela tinha sido afastada, e eu podia ver e ouvir tudo. Desde o som do avião do Sr. Alencar voando por essas bandas, horas trás, até o cantar das cigarras.

Papai não gostava de TV, e eu nunca tive muito interesse. Tudo o que tínhamos era um radinho velho, que levávamos sempre com a gente, e alguns livros que Suz me dera ao longo dos anos. Um dos preferidos dela era um com a capa azul, *Morro dos Ventos...* alguma coisa. Mas havia um, em especial, que ela adorava recitar os trechos para que eu a escutasse. Suzana dizia que a heroína daquele livro a fazia se lembrar de mim.

Olhos de cigana oblíqua, assim é você, minha estrela.

Eu sentia falta dela chamando-me de estrela. Ou de ouvi-la compartilhar comigo por horas as histórias dos livros que lera durante a vida. Suzana me fazia ansiar viver um amor como aqueles que contava: os incondicionais, avassaladores. Daqueles que tiravam as mocinhas do chão e transformavam toda a sua vida.

Afundi o rosto no travesseiro, triste por lembrar a forma como aquele homem me tratou depois de todos os beijos que trocamos. Meu peito apertou, e tentei engolir o nó em minha garganta, acabar com ele. Era uma droga não ter ninguém para conversar sobre o que eu vinha sentindo... havia a tia Hortência, mas eu temia que ela contasse para o meu pai, e que ele me impedisse de sair de casa.

— Posso entrar, Estela? — Ramon puxou a cortina de proteção, e entrou ao me ver assentir. Ele tinha se arrumado para essa noite, e estava cheiroso também. — Achei que fosse te encontrar pronta, mas seu pai disse que passou a tarde escondida no quarto. Isso é por conta do que o Sr. Alencar

disse?

Quase neguei, mas seria besteira.

— Por que ele é assim, Ramon? Eu não fiz nada...

Aproximando-se da cama, Ramon retirou o chapéu e inspirou fundo.

— Homens como Augusto não precisam de razões, Estela. E se quer um conselho, eu não entraria no caminho dele... me ouviu? — Era tarde demais para isso.

Encolhi-me de forma instintiva ao tê-lo me tocando.

— Você não quer mais sair? — perguntou, paciente. — Seu pai acha que seria bom espairecer um pouco. Ele me contou que você tem andado agitada, é verdade?

Assenti.

— Por quê? — A pergunta não veio tão serena agora, como se pudesse ver por detrás da minha tristeza. — Estela... — Segurei a sua mão, que agora estava em meu rosto.

— Está tudo bem, Ramon. Não há com o que se preocupar. — Não acho que ele acreditou.

— Venha comigo então. Eu espero até que se arrume, nós saímos, comemos algo e antes da meia-noite eu te trago de volta.

Hesitei, eu queria muito ir apesar de tudo. Gostava de passear na cidade, sentir o ar fresco. Ver as crianças brincarem. Por causa do dia de São Sebastião, a semana inteira seria marcada por apresentações e música em Sertãozinho.

— Tudo bem, mas dessa vez não haverá beijos. Nem abraços demorados.

Ele riu, forçadamente.

— Sem beijos e abraços demorados. Eu prometo.



Ao sair do quarto, já arrumada, papai e Ramon me olharam com curiosidade. Sorri para Caetano, que acenou aliviado, mas Ramon, ao contrário dele, fitou-me de forma estranha. Um pouco irritada, eu diria.

— Eu estou bonita? — perguntei, insegura enquanto nos dirigíamos a sua caminhonete.

— Está. — Esperei para ver se ele notaria o meu cheiro. Mas Ramon não comentou nada por todo o caminho, e quando chegamos até a praça ele falou o que parecia estar lhe consumindo.

— Para que tudo isso, Estela? A roupa, o batom... o perfume. Você não é de usar essas coisas...

— Eu só quis ficar bonita — respondi baixo, mantendo para mim a esperança de talvez me deparar com Augusto. No fundo, eu havia me arrumado para ele.

— Você é bonita sem tudo isso — rebateu, andando na minha frente. Segui atrás dele, fingindo não ver os olhares que recebia enquanto tentava encontrar um lugar para assistir à apresentação das crianças. — Agora me diga, o que deseja beber?

— Um refrigerante está ótimo — respondi e quando ele o trouxe, eu aceitei a lata gelada que me entregou, sorvendo o líquido de uma só vez.

Gargalhei ao sentir o gás gelado em meu nariz, levando Ramon a me acudir. Após segurar a lata, ele ergueu o meu rosto e me observou.

— Sua boba...

— Congelou tudo. — Ele limpou os resquícios com o dedo, ajudando-me a limpar. — Obrigada.

Assistimos à apresentação, eu me peguei sorrindo com o coração leve. Morrendo de vontade de me juntar às crianças. Dançar sempre foi algo que gostei, por isso eu queria tanto vir até a praça hoje. Ramon ficou comigo o tempo todo, e por vezes eu me questionei o que ele tanto pensava, o que tanto maquinava em sua cabeça. Normalmente, ele não era tão calado.

— Você está quieto.

— Não é nada.

Viramo-nos juntos, andando até a caminhonete que havia ficado em uma rua um pouco mais deserta. Para o meu azar, avistei Bandeira no outro lado da calçada junto de um homem que eu não me lembrava de ter visto antes. Ele era baixo, forte e fez questão de virar o rosto para o outro lado ao me pegar o encarando, o que atrapalhou sua identificação.

— Olhe para a frente, Estela.

— Por quê?

— Bandeira está só esperando um motivo para arrumar confusão, depois do que aconteceu hoje...

— O que aconteceu? — Ramon me encarou e, em seguida, balançou a cabeça.

— Nada, foi apenas coisa da fazenda...

Sem conseguir me controlar, eu olhei para trás, sentindo um frio na barriga ao perceber que eles haviam se aproximado. Não completamente, mas haviam. Com a rua deserta e longe do poste de luz, eu continuei não conseguindo identificar o homem estranho. Mas soube assim que o vi entrar no carro velho atrás da caminhonete de Ramon, que eu deveria ter medo dele.

— Eles estão me deixando assustada, Ramon. Eu não gosto disso — falei, movendo-me inquieta no banco.

— Ei... — Ele me fez olhá-lo. — Fique tranquila.

Conforme nos afastávamos do centro da cidade, eu não deixei de notar os faróis atrás da gente. Não era como se eles quisessem fazer qualquer

abordagem, era mais como se quisessem saber para onde estávamos indo. Apenas isso.

— Você acha que o Sr. Alencar pediu para eles nos seguirem?

— O filho?

Neguei. Eu me referia ao pai.

— Não, Augusto não é de deixar que outras pessoas façam o seu trabalho sujo, ainda mais alguém em quem ele não confia. Além disso, o infeliz está longe. Voltou para a capital agora de tarde, e se tivermos sorte, é lá que ele ficará por um bom tempo.

— Ele... foi embora de novo? — Havia espanto em minha voz, mas uma pontada de decepção também.

— Sim — Ramon respondeu de forma brusca, antes de continuar: — Estela, eu só vou te avisar mais uma vez. Aquele homem não presta. Não espere outra coisa daquela família que não...

— Eu não espero nada deles — respondi, com raiva, engolindo com força as lágrimas bobas e sem sentido que se formaram ao redor dos meus olhos.

— O que tem acontecido com você, Estela? Você tem andado estranha.

— Eu só estou triste. As pessoas ficam tristes, não é?

— Não você. Até mesmo nos últimos dias de vida de Suzana, você arrumava uma razão para sorrir e alegrar a todos...

Não respondi ou disse qualquer coisa a Ramon, apenas virei o rosto e esperei até chegarmos em casa. Naquela noite, quando ele tentou me beijar, eu o rejeitei. Nunca pareceu certo, mas agora parecia ainda menos. Minha boca não era dele para que tomasse quando quisesse, ele teria de entender isso.

— Eu preciso ir — disse, sem paciência. Irritado não apenas com a rejeição, como também com o fato de que o carro que nos seguira por todo o

caminho continuou na estrada, com os faróis ligados. — Entre em casa e tranque a porta, tudo bem?

— Por quê? Você acha que eles tentariam algo? — Calei-me após lembrar a facilidade com que Augusto entrara em casa antes. Se ele conseguiu, por que seus homens não conseguiriam?

— O que eu acho já não importa, Estela. Basta manter o olho bem aberto porque quando se trata dessa família...

— Suzana não era assim — protestei. — Ela era uma pessoa boa.

— Suzana não tem o sangue ruim deles, Estela. Você está aqui há pouco tempo, não faz ideia das coisas absurdas que dizem sobre os homens dessa família. O Barão, o verdadeiro Barão, dizem que ele era o pior de todos. Preferiu matar metade dos escravos que possuía a libertá-los. Naquela época... ninguém o enfrentou, ele tinha influência, poder por essa região. Tenho certeza de que Alfredo pensa da mesma forma, para ele... pessoas como a gente, não significam nada. E se você acha que Alfredo é ruim, é porque não conhece Augusto a fundo...

— Como pode saber tanta coisa?

— Eu cresci com ele, Estela. Não sei se posso dizer que fomos amigos, mas nós crescemos por essas terras; onde um de nós estava, o outro também podia ser encontrado.

— Vocês não parecem amigos hoje.

— Não somos, porque o cabra é louco como o pai. Depois que Suzana deu o fora, ele perdeu a cabeça... bateu em um moleque por essas bandas até quase matá-lo. E como sempre acontece com essa gente, ele saiu ileso, Estela. Ninguém tomou qualquer providência... o filho da puta voltou para o colégio na segunda-feira, com a mão suja de sangue... e tudo nesse lugar voltou ao normal.

— E o garoto? O que apanhou?

— O que acha que aconteceu a ele? Nada. O moleque ficou no hospital por algum tempo, e quando saiu recebeu um dinheiro para ficar

calado. Foi isso o que aconteceu.

Augusto pode ter mudado, pensei. A raiva podia levar o ser humano a fazer coisas impensadas, Suz sempre dizia isso.

— Suzana o amava, Ramon — falei, angustiada. — Ela não falava muito sobre o filho, acho que por culpa, mas ela o amava. Às vezes, eu a pegava chorando, tenho certeza de que era por causa dele.

— Esqueça isso, Estela.

— Você está começando a falar como o meu pai. — Eu o encarei. — Querendo que eu esqueça das coisas, quando eu não quero.

— O seu problema... é que você se envolve demais em assuntos que não lhe dizem respeito. Isso ainda te trará problemas.

Decidi ignorá-lo e entrar de uma vez por todas. Ramon estava irritado, e homens quando ficavam assim não escutavam direito.

— Desculpe pela noite horrível. — Beijeí seu rosto, rapidamente, e saltei do carro antes que ele tivesse a chance de tornar o beijo amigável em algo diferente.

Entrei em casa correndo, encontrando-a silenciosa, e enquanto me despia, ficando apenas de calcinha e jogando uma camiseta por cima, eu notei que o carro com os faróis ligados não havia seguido atrás de Ramon. Ele permanecera na estrada.

Mas por quê?

CAPÍTULO 9

AUGUSTO ALENCAR

Digitei o segredo do cofre, e peguei a documentação antiga encontrada na bagunça do escritório da fazenda. Acho que meu pai sequer sabia que mantinha com ele os contratos originais das negociações feitas com meu avô. Tirá-las daquela casa não faria falta, não se ela podia ser melhor utilizada nas mãos dos meus advogados.

Com eles sobre a mesa, eu notei a entrada discreta de Sierra e me virei, pegando o estojo da *Magnum 44* sobre a mesa e outros documentos mantidos no cofre, e os devolvi ao seu lugar. Registrando novamente o segredo, que tendia a mudar a cada duas, três semanas. Eu confiava em Sierra e Benjamin, mas preferia não arriscar.

Certas coisas, eu seria sempre o único a saber.

Com Sierra em um silêncio preocupado, eu afastei a papelada sobre a mesa. O que não faltava eram problemas a serem resolvidos da empresa. Um grupo com a estrutura e tamanho que tinha o Grupo Alencar, parecia um reprodutor desenfreado de questões a serem solucionadas. E por mais que tivesse pessoas, sob o meu comando, aptas a darem a palavra final, havia situações em que apenas a minha assinatura resolvia.

Não que eu estivesse reclamando, pelo contrário. Era todo esse trabalho a ser feito o responsável por ter me mantido na capital por sete dias

direto, quando a vontade mesmo era de retornar à fazenda e procurar pela ciganinha. Provar dos seus beijos novamente. Seu gosto já havia desaparecido da minha boca, seu cheiro da minha pele. Tudo o que eu tinha eram as lembranças, e elas sufocavam, porra.

Eu vivia em um estado de excitação constante.

A merda toda era que algo assim nunca aconteceu. Eu jamais fiquei tão vidrado e fascinado em uma mulher como estava pela ciganinha selvagem.

— Eu não sabia que você a tinha — referiu-se ao revólver. Sua voz séria levou-me a olhar para cima. Era fácil para nós dois estarmos em um mesmo ambiente, e ainda assim, não incomodarmos um ao outro. Sierra fazia parte da minha vida, ela era uma constante.

— Por que saberia? — inquiri, de pé em frente à mesa.

— Como sua advogada... eu preciso estar por dentro de tudo o que acontece, Augusto. Principalmente, se há alguma possibilidade de que você a use... — Não me dei ao trabalhar de respondê-la. — Benjamin sabe?

— Não.

Sierra assentiu, aproximando-se da mesa.

— Não faça nada estúpido, Augusto.

— Acho que você se esqueceu de quem está falando. — Sorri, sem vontade.

— Impossível. — Ela devolveu o sorriso, decidindo deixar o assunto de lado. Pelo menos naquele momento. — Não depois da noite passada.

Eu a encarei.

Estar com Sierra na noite passada foi a forma que encontrei de aliviar a vontade violenta que sentia de procurar por Estela. Depois de todas as horas de trabalho e das reuniões que pareciam nunca ter fim, eu precisava de algo fácil. Algo que não perturbaria a minha mente, a ponto de arrancar o foco no que realmente era importante.

— Você não me disse se o perfume que escolhi para a garota serviu.

— Ela o odiou.

Sierra se mostrou surpresa.

— Era um perfume bem caro, Augusto. Qualquer mulher o teria adorado.

— Não Estela.

Ela franziu levemente o cenho.

— Estela é um bonito nome... Qual o sobrenome? — Seu interesse fez-me sorrir. Dessa vez, com cinismo.

— Por que deseja saber?

— Precaução. Eu não quero ser pega desprevenida, gosto de saber aonde você pisa.

— Tão eficiente — Benjamin brincou, entrando no escritório e se juntando a nós dois. — Veja se não é a advogada mais implacável de São Paulo. Sua fama tem se espalhado, Srta. Ventura.

Senti uma tensão entre os dois, uma com a qual não estava acostumado.

— Podemos começar? — Os dois assentiram, sentando-se nas poltronas que formavam a sala intimista em meu escritório. Enquanto aguardavam e falavam amenidades, eu me servi de uma dose de conhaque e me sentei na poltrona à frente deles.

Após explicar por alto o que precisava que analisassem, os dois se entreolharam.

— Por que não nos diz exatamente o que pretende? — Benjamin foi quem pediu.

— Tomar tudo — falei sem pestanejar. — Atestá-la como incapaz, contestar a decisão. O que for necessário para que o que é meu... não caia em outras mãos.

Eu já tinha dado início a esse maldito plano, mas se houvesse algum jeito, alguma outra forma de conseguir o que queria sem precisar me aproveitar de uma garota ingênua e estúpida, eu o faria. Ramon estava certo, Estela não tinha culpa por nada, mas o pai dela sim. Eu não desistiria de me vingar, apenas arrumaria um outro meio.

— Nós faremos algumas pesquisas médicas a respeito do estado de saúde da sua tia... — Sierra fez algumas anotações. — E quanto a essa tal de Estela, a que você diz que será a beneficiária? O que espera que façamos?

— Eu quero que descubram tudo a respeito dela e do imundo do pai. Qualquer coisa que eu possa usar caso a primeira pesquisa de vocês dê errado.

Ela assentiu, mas Benjamin continuou a me encarar.

— Como a garota é? — perguntou, ligando os pontos. Mostrando-se realmente interessado.

Franzi o cenho para ele, com um xingamento passando pela cabeça. A expressão que tomou o meu rosto foi mais do que o suficiente para que ele sorrisse e levasse seu próprio conhaque à boca.

— Apenas faça o seu trabalho, Benjamin. Ache alguma maldita brecha antes que eu perca a paciência com Hortência.

O desgraçado assentiu com evidente deboche enquanto Sierra o fuzilava com os olhos. Subi até a cobertura após dispensá-los, querendo ficar sozinho e passei por Athos, o Mastiff que Sierra me dera de presente há alguns anos, e que agia mais como se fosse o guardião desse lugar. Sempre prostrado de frente para a porta, levantando a cabeça apenas para saber quem entrava e a abaixando em seguida.

Afrouxei o nó da gravata, e me dirigi até onde ficavam os charutos. Acendi o mais forte, e me sentei na poltrona da sala, ainda escura. Eu não precisava de luz para saber onde cada objeto ficava. Conhecia esse lugar com a palma das minhas mãos. A luz só atenuaria o cansaço mental que sentia, de qualquer maneira. Com a cabeça apoiada na poltrona, eu fitei o teto branco, permitindo que o rosto de Estela preenchesse cada espaço da minha mente.

Engoli em seco, desejando sua boca. O cheiro do tabaco, envolvendo a sala, distraiu-me superficialmente.

Porque o que o meu corpo queria mesmo era o maldito cheiro de rosas barato que aquela agora usava. A ideia de pedir que Sierra procurasse por algo melhor, que não viesse de uma franquia qualquer, passou pela cabeça. Mas eu soube quase que no mesmo instante que se pedisse algo assim a ela, estaria abrindo espaço para perguntas que não desejava ter de responder.

Ri, sem humor, ao pensar em explicar a Sierra que eu tinha ficado viciado no cheiro da ciganinha.

— Porra, Estela. — Fechei os olhos, e relembrei seus beijos.

A garota era tão inexperiente, mas eu a queria. Queria como nunca quis nenhuma outra mulher. Soube naquele momento que, com a fazenda ou não em jogo, eu a teria. Para o inferno com as consequências.

Dois dias depois, eu me vi caminhando pela pista de embarque ao lado de Benjamin. Os dois advogados iriam para Sertãozinho comigo dessa vez, a fim de verificar pessoalmente os documentos registrados em cartório. Sierra fora quem sugeriu a viagem, dizendo que poderia haver alguma contradição ou omissão de alguma das partes envolvidas. Claro que desconfiei de que uma de suas motivações se dera por pura e cínica curiosidade. Sierra desejava colocar os olhos na ciganinha.

Avaliar o risco que ela representava aos negócios e a sua posição em minha vida.

Não que eu não tenha garantido que Estela era uma preocupação temporária a nós dois. Ben e eu subimos no bimotor, e para nossa surpresa, nos deparamos com Sierra já acomodada em uma das poltronas.

Sentei-me ao seu lado, e Benjamin à nossa frente. E antes mesmo de o piloto ter autorização para decolar, nós já estávamos falando sobre negócios.

— Sua tia foi tudo, Augusto, menos burra — Ben comentou. — Ela tomou todas as devidas providências, desde os exames até o atestado médico...

— Ela sabia.

— O quê?

— Que eu tentaria contestá-la. Ela sabia. — Cerrei o punho enquanto escutava os motores do King Air 350 serem ligados.

O silêncio de Sierra, ao meu lado, foi cortado de forma perspicaz.

— Não adianta pensar nisso agora. Nosso foco está na beneficiária. Certo?

— Sim — concordei.

— O que faremos com ela? — quis saber, de forma direta.

— Vocês continuam com a busca por qualquer coisa que me possa ser útil. Eu lido com o resto.

— Ela não pode vender nada enquanto sua tia estiver... você sabe, viva.

— Sim, eu sei — respondi entredentes. — Mas a garota não tem estudo, é ingênua. Nada impede que assine uma procuração me dando plenos direitos, certo? — Sierra sorriu, compreendendo onde eu queria chegar.

— Não, nada a impede.

— Mas por que ela faria isso? — Benjamin perguntou, confuso.

— Por que confia em mim? Por que acredita que eu cuidarei melhor daquelas terras do que ela?

— Seu trabalho então é fazê-la confiar em você, mas de que forma?

— Não seja tolo, Benjamin, pelo amor de Deus! — Sierra o alfinetou, e quando ele enfim entendeu, o desgraçado sorriu.

— Filho da puta! — grunhiu, achando graça. — Não é de se espantar que esteja tão calmo.

Calmo? Essa era a última coisa que eu estava, maldição!

— Nós queremos uma pedra do amor... — disse uma das jovens que se aproximou da mesinha que eu sempre montava na feira de Sertãozinho. Era um espaço pequeno, uma mesinha que eu alugava do vendedor do lado, mas era assim que eu tornava o meu trabalho conhecido. Todos os sábados eu me espreitava entre as barracas, e arrumava um canto em que pudesse me enfiar. Trabalhar sem incomodar ninguém. Quando comecei a montar minhas próprias bijuterias, papai dizia que era besteira, mas eu as adorava. E quanto mais as produzia, melhor elas ficavam. Foi um custo fazê-lo me deixar vendê-las, para ele uma mulher não deveria trabalhar fora e sim cuidar da casa e da família.

Era assim que funcionava nos acampamentos ciganos, ele dizia. E toda vez eu quase sempre me pegava pensando que nós não estávamos em acampamento algum. Se fosse o contrário, eu respeitaria os costumes. Mas não era.

Olhei para as duas garotinhas, que não deveriam ter mais do que seus treze, quatorze anos. Elas eram parecidas, e supus logo que fossem irmãs.

Para a sorte delas, havia uma peça que eu tinha criado há alguns dias, e que levava um pequeno quartzo rosa. Os olhos da mais baixinha se arregalaram ao ver o colar com o fitilho de couro, e um único pingente pendurado.

— Esse quartzo é considerado a pedra do amor e da paz, ela ajuda na purificação do corpo emocional e na cura interior.

— Eu quero ela! — a garotinha falou, tomando-a da minha mão e em seguida pedindo para que eu a embrulhasse *logo*.

— Você acha mesmo que os nossos pais irão reatar apenas porque você comprou uma pedra? — A outra perguntou baixinho, soando um pouco mais amarga.

— Não custa tentar — respondeu, ao me entregar duas notas de cinco reais.

Depois que fiz o embrulho, eu entreguei a pedra a ela e murmurei para a sua irmã:

— Eu acredito na influência dos objetos ao nosso redor, confio no poder e na energia dos amuletos, mas acredito principalmente naquilo que a gente pede com muita força.

Ela desfez a carinha brava, e assentiu.

— Obrigada.

Assisti as duas saírem, e fiz uma pequena oração a Santa Sara para aquietar o coração das duas; e, que se o pedido delas resultasse em algo, que fosse no melhor para todos.

Distraída com o grupo de crianças que passaram correndo pela calçada, eu demorei algum tempo até me dar conta da presença da mulher bonita e elegante que se aproximara da barraca. A admirei, sem conseguir desviar meus olhos. Ela era alta e loira. Tinha unhas compridas, pintadas de preto e que seguravam as peças sobre a mesinha quase como se não quisesse tocá-las. O vestido que usava também era escuro, justo no corpo magro. As mulheres daqui não se vestiam dessa forma, nem mesmo as endinheiradas. Por detrás dos óculos escuros, eu a senti me avaliar, e não gostei nem um pouco disso.

Acho que a mulher notou a expressão se fechando em meu rosto, porque sorriu forçadamente e perguntou:

— Quem é que os faz? — Seus dedos soltaram um dos colares, de um jeito um pouco grosseiro. Pois bem, se ela não tinha gostado por que se aproximara?

A pergunta desapareceu da minha mente, quando eu o vi. Meu corpo inteirinho entrou em choque ao constatar que ele havia voltado. Aproximando-se como se não houvesse pressa, ele olhou em minha direção e depois falou algo com o homem, também loiro, que o acompanhava. Senti meu estômago entrar em parafuso com a proximidade de Augusto. A presença dos três, todos ali, na minha frente, fez-me automaticamente encolher.

Eu ainda não havia esquecido a forma como esse homem me tratara dias atrás, posso até ter ficado nervosa a cada vez que escutei o avião da fazenda sobrevoar a fazenda de tia Hortência, mas não podia, de jeito nenhum, esquecer como ele me fizera sentir.

— Então? Não vai me responder?

— Sou eu quem os faço.

— Interessante. Augusto não me falou nada a respeito desse... seu talento. — Por que ele teria de dizer? Encarei Augusto, que tinha os olhos voltados para as bijuterias. Ele sim, parecia interessado nelas.

— São bonitas — disse, de forma séria. — Separe esse para a minha amiga.

Augusto estendeu a mão depois de ter escolhido a peça mais bonita sobre a mesa. Eu tinha uma muito parecida em meu pescoço.

Os dois se entreolharam, e eu me perguntei o que essa mulher era dele. Havia intimidades entre os dois, mas fui incapaz de identificar de que tipo.

— Quanto custa? — Augusto perguntou.

— Eu não vou vender para o senhor.

A loira sorriu, mas ele não.

— Não?

Neguei com a cabeça, orgulhosa.

— Eu prefiro comer capim — disse entredentes.

— Ah, querida. Não diga isso. — Ela retirou uma carteira muito bonita da bolsa e me entregou uma nota de cinquenta reais. — Tome, Augusto não precisa me comprar nada, eu mesma pago pelos meus caprichos.

Hesitei antes de pegar a nota, mas ela não me deixou outra opção. O colar, por sua vez, foi retirado da mão dele e jogado no fundo de sua bolsa, fazendo-me fuzilá-la com os olhos.

— Fique com o troco, sim? — completou ao me ver contar meu dinheiro.

Franzi ainda mais o cenho, eu odiava quando as pessoas achavam que eu queria esmola. Ou que precisavam sair me dando as coisas.

Papai dizia que eu era orgulhosa além da conta, mas se eu podia trabalhar por que iria aceitar algo de graça? As pessoas já me olhavam de forma estranha sem que eu o fizesse, imagine se fosse começar a aceitar a pena que sentiam?

Notei que o amigo de Augusto não disse ou interferiu em nada. Ele era mais observador, parecia mais tranquilo que os dois também. Quase como se estivesse se divertindo com toda a situação.

— Você está atrapalhando as minhas vendas. Saia — resmunguei baixo, querendo que fossem logo embora.

— Não me parece que há muitas pessoas interessadas em comprar de você, ciganinha.

Meu rosto se contorceu em uma pequena careta.

— Não tem, porque o seu pai as ameaça. Ele quer que eu morra de fome, mas não vou morrer. Não tenho medo de trabalho duro.

A loira foi a única que pareceu não gostar do meu comentário.

— Esse é sempre o pior tipo de pessoa a se tratar... — disse, com um sorriso fingido no rosto. — Orgulho não é uma qualidade muito apreciada, querida. Principalmente quando vem de...

— Benjamin. — Augusto olhou para o seu amigo. — Acompanhe Sierra até o carro, eu já os encontro.

A mulher não contestou, mas antes de sair não pude deixar de notar a forma como sua mão deslizou pelos ombros de Augusto, fazendo-me enxergar vermelho.

— Pode ir com eles, eu não quero falar com o senhor — disse, irritada, recusando-me a encará-lo.

E se eu não o fiz, então Augusto me obrigou a fazê-lo, erguendo o meu rosto até que meus olhos o fitassem.

— Que horas irá embora?

— Por que quer saber?

— Razões puramente egoístas, agora me diga: a que horas?

— Eu não vou te dizer, não confio em você.

Ele sorriu.

— Há alguns dias você confiava.

— Pois não confio mais!

Augusto afastou a mão do meu queixo, notando que várias pessoas ao redor nos encaravam. Envergonhada, eu o ignorei. Certa de que em breve todos eles estariam dizendo besteiras a meu respeito. Eu nunca tinha dado motivos para ninguém falar as coisas que falavam para mim, mas ainda assim elas eram ditas.

Mulherzinha fácil... olhe a roupa dela... ela faz isso para provocar os homens.

Mas eu não fazia nada. Olhava sempre para o chão quando passava, e não via qual era o problema com as minhas roupas. Elas eram bonitas, e me faziam sentir mais próxima do meu povo.

Quando Augusto se afastou, sem dizer nada, eu voltei a trabalhar. Fazendo a conta mental de quantas peças haviam sido vendidas ao longo da manhã. Não foram muitas, apenas nove. E isso não era bom. A verdade é que as vendas haviam caído depois que Suzana faleceu, era como se a morte dela os lembrasse de que eu era a inimiga da cidade. Ao guardar as peças que restaram, eu passei o olhar para a nota de 50 reais que a loira, que Augusto chamou de Sierra, deixou.

Apertei os lábios, sentindo meu sangue ferver por dentro por puro ciúme. Um sentimento ruim que eu não queria dentro de mim. Era feio, e corroía a alma. Respirei fundo, tentando pensar em coisas boas, mas ao

atravessar a praça em direção à estrada de chão, eu me dei conta de que Ramon não havia aparecido essa tarde para me buscar. Olhei de soslaio para o bar onde os peões da fazenda costumavam se reunir, e me deparei com vários deles, inclusive com o Bandeira. Adiantei o passo quando o infeliz ergueu o copo de cerveja em minha direção, e não olhei para trás uma única vez sequer. Eu só queria chegar em casa, tomar um banho e bater em meu travesseiro. Literalmente. Até fazer a raiva que sentia de Augusto passar.

Era isso o que o ciúme me fazia sentir: vontade de chorar. Muito.

Ao chegar à estrada, sem qualquer incidente, eu relaxei um pouco. Aliviada por ter conseguido passar por aqueles homens sem ouvir qualquer gracinha. Aproveitei a sensação gostosa do sol batendo sob a minha cabeça, meu cabelo estava solto. Alguns fios voavam conforme o vento batia em minhas costas, até que o enrolei em um coque a fim de me livrar do calor.

Não que tenha adiantado, eu continuei *peguenta*, constatei, um pouco antes de escutar o som inconfundível do motor de um carro. Não olhei para trás, temendo ser quem eu imaginava, e continuei andando. O carro reduziu a velocidade ao meu lado, e comecei a sentir um frio na barriga.

Os passos se tornaram mais ágeis, eu não sabia direito o que fazer. Não sabia se deveria correr ou encarar quem quer que fosse o motorista.

— Ei, cigana. — Minha espinha gelou. — Que tal dar uma volta aqui em meu colo, hein? — Olhei com medo para a picape suja de terra ao meu lado, mas não reconheci o homem. Ele me pareceu familiar, mais nada. Eu não consegui ligar seu rosto a ninguém que trabalhasse na fazenda... então eu me lembrei do homem ao lado de Bandeira há alguns dias, e do fato de eles terem nos seguido...

Nervosa, eu apertei a minha bolsa ao redor do corpo, e tentei fingir que nada disso estava acontecendo. Não havia um homem na estrada, eu não estava sozinha. Não sentia medo. E nada, absolutamente nada, aconteceria comigo. Tudo ficaria bem.

— Ah, garota, você pode correr o quanto quiser. Não há ninguém vindo por essa estrada a quilômetros...

Pensei nas chances que teria, caso tivesse de lutar contra o homem. O que eu teria de fazer para conseguir escapar... Não havia nada em minha bolsa, e...

Deixei de raciocinar quando o motor do carro foi desligado. E, ao escutar a porta dele sendo aberta, eu soube que correr seria inútil. Mas foi o que fiz.

CAPÍTULO 10

ESTELA SAAVEDRA

Correr só tornou o homem mais agressivo ao me alcançar. Gritei ao ter o cabelo puxado, fechando os olhos para não ter de ver nada à minha frente. Esperneei, sentindo a mão do infeliz me tocar por cima das roupas, meu corpo sendo empurrado contra a terra áspera do chão enquanto minhas mãos eram arranhadas, e o sangue saía delas.

Tentei empurrá-lo e, ao escutar a risada do desgraçado, eu o chutei. Mas assim que atingi o alvo, tive a boca tapada.

— Sua ciganinha suja... eu vou dar a você exatamente o que merece.

Nada do que fiz adiantou para afastá-lo, então, depois de muito me debater e tentar mordê-lo, eu desisti. Os rostos de meu pai, de Suz e de tia Hortência passavam pela minha cabeça. Mas por alguma razão, foi no de Augusto que me agarrei. Foi nele que pensei... e esse foi o instante em que o infeliz nojento foi arrancado de cima de mim. O peso do seu corpo, o cheiro do suor... eu não sentia mais nada.

Abri os olhos, sobressaltada, e me deparei com um brutamente enorme o segurando enquanto Augusto vinha em minha direção, como um homem prestes a acender a pólvora que causaria a Terceira Guerra Mundial. Ele se ajoelhou, puxando-me e ajudando a sentar. Seus dedos afastaram o cabelo sujo do meu rosto, enquanto se certificava de que eu estava bem.

— Ele te machucou? — Não fui capaz de responder, só de olhar para ele. Estava nervosa, com a respiração fraca. *O que aquele monstro quase fez comigo...* Voltei a fechar os olhos, não querendo pensar nisso. — Machucou, Estela? — A voz de Augusto soou um pouco mais dura, e aflita também.

Ao encará-lo, eu me deparei com o seu olhar fixo na saia embolada entre as minhas pernas, a íris azul se estreitou ao ver os arranhões causados pela terra, pela areia grossa. Em um minuto, ele estava na minha frente; no outro, eu o vi se levantar e empunhar a arma que carregava consigo, apontando-a diretamente na cabeça do infeliz.

Sua mão não tremeu, ele sequer hesitou antes de disparar o tiro que passou pela lateral do rosto do homem, que agora se sacudia inteiro, ainda que sob controle do brutamonte que o segurava. Chiei diante do disparo, e mesmo desconfiada de que a intenção de Augusto não fora a de acertar, apenas assustá-lo, eu não pude deixar de temer pela vida do cabra que havia me atacado.

Como em um pesadelo, assisti os dois homens trocarem palavras ásperas. Incapaz de assimilar qualquer uma delas, tudo o que vi foi a expressão de Augusto se tornar intolerante, perdendo toda a paciência ao não obter a resposta que desejava ouvir.

Estremeci, quando finalmente fui capaz de escutar seu tom de voz: calmo demais para um homem mantendo outro na mira de seu revólver. Eu jamais conseguiria estar tão controlada, já que só de ver a cena minha barriga doía.

Quando o monstro encarou Augusto, ainda nas mãos do desconhecido, eu notei que a sua testa pingava suor enquanto ele só fazia negar, sacudir a cabeça e jurar não saber de nada.

— Eu não queria fazer isso... não foi ideia minha. Ele me pagou.

Augusto contraiu o maxilar.

— Quem pagou? — Seu dedo se posicionou no gatilho, mas ele não o apertou.

— Eu não posso dizer, eles me matariam se eu contasse... mas... ele

me pagou. Pediu que eu seguisse a garota, que fizesse... o pior com ela.

— Porra, por quê? — Augusto insistiu, enquanto eu assistia a cena à minha frente como se ela estivesse acontecendo com outra pessoa, não comigo. Minhas mãos arderam um pouco mais, e por dentro, eu tremia inteira.

— Vingança... tenho certeza de que foi por vingança.

Augusto voltou a aproximar a mira da arma em sua testa, mas antes que ele fizesse o que pressenti, eu gritei um *não* tão alto, que minha garganta arranhou. Um grito que não serviu de nada, porque o teimoso não moveu o braço para longe, apenas sussurrou algo para o homem à sua frente, fazendo-o assentir nervoso.

— Entendeu, seu infeliz? — cobrou uma resposta além da que estava recebendo, e então, dando-se por satisfeito, Augusto abaixou a arma e voltou a me encarar. Ele ficou quase irreconhecível com o rosto franzido pela raiva, a expressão dura. A última coisa que senti naquele momento, no entanto, foi medo.

Não vi ou prestei atenção a nada depois disso, porque o desconhecido, que estava ajudando Augusto, começou a espancar o homem. Enquanto ele, o filho do demônio, me arrastava, com cuidado, até o seu carro. Entrei, mal sabendo o que fazia. Sua voz soava longe. E, quando o jipe negro se afastou da estrada, eu olhei para trás. Apenas para ver o miserável no chão, agora levando chutes.

Com a mente longe, eu olhei para o porta-luvas onde Augusto jogara a arma, e me encolhi no banco. Ele não tinha dito nada ainda, nenhuma palavrinha que fosse. Apenas puxou o cinto, garantindo que eu estava segura, e em seguida contornou o carro, dando a partida.

— Que merda você tem na cabeça para continuar a andar por essas estradas sozinha? — Quando escutei sua voz, ela veio autoritária.

— Uma mulher não deveria ter medo de andar sozinha! — esbravejei. — Eu não fiz nada de errado, só estava indo para casa... Mas aí, aquele homem doido achou que podia brincar comigo. Por quê? Por que alguém o

pagou? Isso não é justo!

Limpei as lágrimas dos meus olhos, esfregando o rosto tão forte que minha pele queimou.

— Homens não são confiáveis, Estela. Você já tem idade para saber.

— Nem todos os homens são uns monstros!

— Então você não os conhece devidamente, porque todo homem, sem exceção, tem uma parte mais animal do que racional dentro dele. Seu pai deveria ter te explicado isso, já que, ao que parece, ele não dá a mínima para sua segurança!

— O meu pai se preocupa comigo, sou eu que... peço para que ele não o faça. Eu não nasci para ficar presa. Gosto da liberdade.

Augusto olhou em minha direção, apertando o volante.

— Você é ingênua demais.

— Talvez eu seja, mas se o que disse é verdade, e todos os homens possuem um lado animal, o seu com certeza deve ser o do tipo mais perigoso.

Ele sacudiu a cabeça e notou a forma como passei a fitar a palma da minha mão. Os arranhões eram superficiais, mas ardiam.

— Nós teremos que dar um jeito nisso...

— Foi só um arranhão. Essa não é a primeira vez que me machuco.

Sem que me desse conta do que fazia, Augusto pegou um lenço no banco de trás e me entregou. Limpei as mãos com ele, e em seguida os pés sujos de poeira. Com cuidado, desafivelei as sandálias e puxei minhas pernas para cima do banco. Olhei disfarçadamente para ele, que pareceu não se importar e continuou a dirigir.

Em pouco tempo entramos na rodovia que interligava Sertãozinho a Ribeirão Preto, e me perguntei para onde ele estava me levando. Mais quinze minutos na estrada, e Augusto parou o carro no acostamento. Sentia a tensão em cada músculo do seu corpo. Eu não queria ter de lidar com ele nervoso,

não depois do que passei.

— Quem você acha que pagou para aquele homem fazer isso comigo? — perguntei, a fim de preencher o silêncio dentro do carro.

— Eu vou descobrir — respondeu simplesmente, fazendo-me morder a língua. Eu queria dizer que sabia quem tinha sido. — Você acha que foi o meu pai. — Não foi uma pergunta, ainda assim eu assenti temerosa de sua reação. — Ele não seria tão idiota.

— Se não foi ele, quem foi então?

— Eu já falei que vou descobrir. Não há com o que se preocupar.

— E se acontecer de novo? Eu... eu não quero ter que parar de andar por aquela estrada. Não quero viver presa.

Augusto voltou a me encarar, pensativo.

— Você já comeu?

— Você me ouviu? Eu não quero perder a minha liberdade.

— E você não vai. Agora me responda, droga, você já comeu?

— Não.

Sem dizer outra palavra, o homem ao meu lado religou o motor e dirigiu nos levando para longe. Suas mãos seguiram em volta do volante, os braços rigidamente esticados. Tentei não olhar demais para o volume dos músculos ressaltados através da polo que usava, e para os pelos negros cobrindo o seu braço. O maxilar quadrado parecia ainda mais rígido, fazendo-me lembrar da raiva que Suz disse tantas vezes ter visto nos olhos de seu filho. Ela sempre repetia o quanto ele era um menino bonito, mas raríssimas vezes, Suzana lamentava o fato de ele ser filho de quem era.

Depois do que tinha visto, da forma como ele não hesitou em apontar a mira na cabeça de outro homem, eu não sabia o que pensar. Estava apavorada com tudo, mas também, por mais absurdo que fosse, sentia-me segura.

Dirigi por cerca de uma hora até conseguir alinhar meus pensamentos e acalmar a besta enfurecida que me tornei ao ver um desgraçado qualquer sobre Estela, tocando em algo que definitivamente não lhe pertencia. A raiva foi tamanha, que antes mesmo que Levi saísse do carro atrás do meu e o tirasse de cima dela, eu já havia pegado a arma no porta-luvas. Mais do que pronto para atirar, só não acertando o meio da testa do miserável porque Estela gritou no último minuto.

Não querendo assustá-la, mais do que já estava, eu mudei de tática, desistindo da ideia imprudente a passar pela cabeça, e que só daria trabalho aos meus advogados. Tendo obtido a resposta de que precisava, eu me afastei do covarde, mas antes, dei a ordem a Levi para que mostrasse a ele o que acontecia com quem entrava em meu caminho. O estado em que ficaria seria recado mais do que suficiente para quem o havia contratado.

— Está mais calma? — perguntei, achando-a quieta demais, notando com um único olhar que a blusa que usava, em um tom estranho de laranja, possuía as costuras largas o bastante para exibir boa parte da pele morena. O forro nos seios sequer encobria o frio que a ciganinha sentia com o ar gelado a circular pelo carro. Os bicos de seus mamilos aparentavam-se duros, pontudos, e a pele ao redor inteira arrepiada.

Lambi os lábios, sentindo-os secos e fitei os dois cumes redondos. E mesmo que por dentro ainda estivesse à beira de uma implosão provocada pela raiva, o desejo de trazê-la para o meu colo foi afastado enquanto eu descia meu olhar até a saia verde, com duas fendas profundas que revelava a pele macia de suas coxas, deixando-me desassossegado.

Principalmente, porque a selvagenzinha, depois de se limpar inteira, arrancou as sandálias, e puxou os pés sobre o banco. A cabeleira negra cobria parte do seu corpo enquanto ela descansava a cabeça sobre os joelhos.

Por último, mas não menos importante, eu fitei a tornozeleira que sempre usava, imaginando minha mão a puxando por ali, o som que a peça faria além do gemido que a garota daria. Porra, eu tive de apertar o volante com força e tentar me concentrar na estrada. Não que essa fosse uma tarefa

exatamente fácil.

— O meu pai não sabe que saí com você. Ele vai ficar preocupado se eu demorar.

O cigano deveria ter pensado nisso antes de deixá-la pôr-se em perigo. Como um pai não enxergava o risco que uma mulher como Estela corria ao andar por aquelas terras sozinha, era algo que não entrava em minha cabeça.

— Telefone para ele.

Ela me olhou de forma estranha.

— A gente não tem telefone.

— Celular?

Negou.

— Papai não gosta, e o de Suzana... ele jogou fora. Disse que não iríamos precisar para nada.

— Você e Suzana se davam bem, não é? — Eu não fazia ideia do porquê estava trazendo o assunto à tona, mas qualquer conversa era melhor do que pensar no que poderia ter acontecido à ciganinha se eu não tivesse voltado quase que imediatamente após deixar Benjamin e Sierra no casarão da fazenda. A companhia de Levi, no carro atrás do meu, fora mera coincidência. Ele estava retornando à pista de voo, prestes a voltar para a capital. Algo que já não faria.

Os planos haviam mudado.

— Pensei que não quisesse falar sobre ela — Estela rebateu, baixinho.

— Eu te fiz uma pergunta.

— Suzana era como uma mãe para mim.

Bufei, sem esconder a raiva que seu comentário me causou.

— Augusto... — hesitou. — Por que nunca respondeu as cartas que

ela te enviou?

Acho que a ciganinha não iria gostar de ouvir a verdade.

— Eu as queimei antes mesmo de abri-las, Estela. — A garota ficou em silêncio por algum tempo, movendo-se desconfortável sobre o banco, até que disse:

— Ela morreu esperando uma resposta.

ESTELA SAAVEDRA

— Para onde estamos indo agora? — perguntei com a boca cheia a Augusto, minutos após a parada na lanchonete. Preocupado, ele havia me comprado um sanduíche, alguns doces e uma lata de Coca-Cola. Deixei o sanduíche de lado, e me foquei no que mais gostava.

Comendo os bombons com extrema lentidão, tentei, com muito custo, não pensar no que poderia ter acontecido comigo se Augusto não tivesse aparecido.

— Essa não é a direção da fazenda da tia Hortência. — Nós já havíamos entrado na estrada de chão, mas eu não conhecia o caminho que pegara. Tudo parecia diferente daqui, desde as árvores altas e intocadas até as extensões de mata sem qualquer plantação.

— Está me levando para longe, não está? — perguntei, desconfiada.

— Confia em mim? — perguntou, parecendo sério demais.

Pensei em sua pergunta, eu sabia que não deveria confiar, tudo em mim dizia para não confiar. Mas eu o fazia.

— Um pouco.

Ele me encarou.

— Essa é uma estrada que leva à fazenda de Hortência, mas por um caminho mais distante. Há uma nascente por essas bandas, eu queria te levar até lá.

— Por quê?

— Eu preciso me acalmar antes de voltar, também quero me certificar de que está bem...

— Eu já falei que estou — murmurei. — Estou acostumada a ser intimidada...

— Aquele homem não estava tentando te intimidar, Estela. E sim estuprá-la, porra. Apenas olhe a maneira como anda por aí, o jeito como age...

Por que a culpa tinha que ser minha?

— Suzana sempre dizia que nenhum homem pode fazer nada com uma mulher sem que ela tenha vontade. Que o meu corpo me pertence, eu sou a dona dele... aquele homem não teria...

— Ele teria. Se eu não tivesse voltado para te buscar, você agora poderia estar...

— Você voltou — eu o cortei, não querendo escutar a palavra feia.

— Acho que ainda não compreendeu a extensão do que poderia ter acontecido a você, Estela. Suzana encheu sua cabeça com tantas besteiras, que a deixou cega — acusou, sem paciência. — Em um mundo perfeito, você com certeza seria dona do próprio corpo, mas o mundo não é assim. E alguns homens, não dão a mínima para o que a mulher quer.

— Você é um deles?

— Como?

— Um desses homens. Você é assim? Tomaria algo de mim mesmo se eu dissesse *não*?

— Então nós voltamos a isso.

— Apenas me responda, por favor.

Augusto não hesitou antes de responder:

— Eu jamais forçaria uma mulher a fazer algo que ela não quisesse.

Assenti, virando o rosto e olhando para a paisagem, que agora era tomada por árvores imensas, tornando o dia claro, cheio de sombras e escuridão. Era como entrar em uma floresta virgem. Havia um caminho de pedras longo, e tudo era verde e silencioso. Agitei-me sobre o banco, olhando através da janela e do teto solar sobre a minha cabeça.

— Abaixе o vidro para mim? — pedi, querendo descobrir se o ar era tão úmido quanto parecia.

O vidro desceu depois que ele apertou um botão no painel do carro, e eu estendi o braço para o lado de fora. O ar parecia mesmo mais gelado. Como era possível? Olhei para cima, para os pequenos raios de sol que penetravam a mata através dos pontos falhos das árvores e esqueci de todo o resto. Nada mais importou.

Principalmente depois que o motor do seu carro foi desligado, e eu olhei para a nascente de que falara enquanto meu corpo ardia de vontade de entrar na água. Mas eu sabia que doeria, minhas mãos estavam machucadas. Não apenas elas, como também o joelho e as pernas.

— Esse lugar é lindo — murmurei, sentando-me direito, notando que Augusto permanecia em silêncio, o que me fez respirar fundo e tomar coragem para dizer o que estava engasgado em minha garganta. — Obrigada. — O homem me fitou. — Por ter aparecido na estrada, eu... quero dizer... você poderia ter passado direto. Se fosse um homem ruim, você teria passado.

Isso era tudo em que conseguia pensar.

Se Augusto fosse realmente tudo o que papai e Ramon tentavam me convencer, ele não teria parado, não é? Ele não teria me salvado.

Com o semblante contraído, o homem ao meu lado sacudiu a cabeça, como se discordasse do que eu falava, e me puxou. Suas mãos envolveram a minha nuca, a pressão foi suficiente para me levar para o seu colo. Entreolhamo-nos por menos de um segundo, nossas bocas se chocaram uma a outra rapidamente, como se estivessem apenas esperando pelo momento

exato de se atracarem juntas.

Fui beijada de maneira lenta e suave. Ofegando contra a boca dele, incerta sobre como corresponder ao beijo. Eu não tinha experiência, e por muitas vezes, peguei-me questionando se Augusto não partira como o fez, por me considerar uma má beijadora. Mas o homem não disse nada, apenas sufocou minha boca com a sua... e não abandonou mais.

Meu cheiro se misturou ao dele, espalhando-se por todo o carro. As mãos de Augusto deslizaram pelas minhas coxas, subindo e descendo. E, ao empurrar minha saia para o alto, ele acariciou com cuidado a pele arranhada. O modo possessivo com que o fez, deixou-me atordoada. O aro gelado do anel que mantinha no dedo escorregou por minha pele quente, em direção à calcinha. Seus dedos se fecharam ao redor das tiras finas, enfiando-se por dentro nas laterais...

— Augusto — gemi o seu nome, indecisa entre deixá-lo continuar e implorar para que parasse. Um pouco mais, prometi a mim mesma, e nós pararíamos. Pelo menos foi o que tentei me convencer ao sentir o toque sobre a parte úmida da minha calcinha. O esfregar do seu dedo, o penetrar entre os meus lábios mesmo que por cima do tecido de algodão. Nunca, nunquinha mesmo, eu imaginei que pudesse ser tão gostoso. Que a vontade espalhando-se pelas minhas pernas, de se esfregar contra o dedo desse homem até... até o quê? Talvez eu fosse uma boba, mas não tinha ideia do que era gozar. Nunca consegui me proporcionar isso. Acho que foi porque nunca tive com quem fantasiar, *mas agora eu tinha*. — A gente... precisa parar — suspirei, caindo contra a sua boca. Minhas pernas quase se fecharam ao redor de sua mão, mantendo-a ali para sempre. — Está gostoso, mas...

— Mas? — perguntou com a voz grave, as coxas musculosas afastando-se debaixo de mim. O pênis rijo, que eu apenas podia imaginar e sentir, latejando contra a minha pele.

— Eu não estou pronta. Não ainda.

Augusto bateu a cabeça contra o encosto, e fechou os olhos azuis, impedindo-me de ver o que se passava por trás de toda a intensidade masculina que emanava de sua pele.

— Você não tem ideia do que está fazendo comigo, tem?

Neguei, respirando com dificuldade.

— Eu estou duro, porra, o maior caso de bolas azuis que tive na vida.

— E eu estou molhada. — Tinha certeza de que estava, e que quase podia sentir a umidade sobre a qual continuei sentada. — Mas só quero beijos — insisti, raspando seus lábios com os meus, inebriando-me com seu hálito, que podia jurar ainda ter resquícios de álcool, alguma bebida forte. Aceitando a provocação, Augusto me empurrou contra o volante do carro. Seu corpo ficava infinitamente maior quando ele se colocava sobre mim dessa forma, era quase intimidante.

— Beijar essa sua boca esperta, vai ser a minha ruína, ciganinha. Eu mal posso pensar com você montada em mim...

— Quer que eu saia?

Ele me agarrou pela bunda, e negou; sacudindo a cabeça de forma enérgica.

— Não... eu prefiro perder a capacidade de pensar a ter você em qualquer outro lugar que não aqui... em meu colo.

AUGUSTO ALENCAR

Essa garota não poderia ser real. Nada nela era.

Se pensei que fosse uma selvagenzinha antes, agora, conforme se deixava ser beijada, a ânsia e excitação do pequeno corpo curvilíneo, deixava-me insano. O gosto de sua boca ardeu na minha por inteiro. Era como beijar uma pimenta, lamber direto do fogo. Então vinha a droga de toda aquela cabeleira, caindo em ondas sobre nós dois, cobrindo nossos corpos, escondendo os rastros de minhas mãos.

Nenhuma mulher, nunca, pareceu-me tão quente sob o meu toque.

Respirei fundo, diversas vezes, sentindo os dentes da espertinha me morderem, explorarem a minha boca inteira. Se continuássemos assim, com

sessões inocentes de amassos, eu perderia a cabeça rapidamente. *Seria fácil demais.*

Mas resisti. Beije a ciganinha, sentindo seu corpo derreter sobre o meu, e quanto mais nossas línguas se provocavam, mais incendiária se tornava a temperatura da garota.

— Chega... desse jeito eu não aguento! — Para o meu espanto, as palavras saíram da minha boca, e não da dela.

A verdade era que meu pau realmente não aguentava mais. O jeans grosso o apertava, pressionando todo o comprimento. Eu quase podia sentir o sangue correndo pelas veias, se concentrando na parte mais crítica dele: a cabeça. Enquanto isso, a minha pequena e safada cigana, manteve as pernas abertas sobre o meu colo, a boceta aninhada em toda a extensão do mastro rijo; sem ideia do que essa sua afobação fazia comigo, nem do quanto sua ingenuidade podia ser excitante para um homem como eu. A ideia de ensinar a essa garota coisas que ela sequer imaginava... a possibilidade de fazê-la gozar, e de vê-la perder o controle do próprio corpo, eram pensamentos que vinham me perturbando dia e noite.

— Tudo bem — falou, com um sorriso sapeca em seu rosto. — Minha boca... está doendo um pouco.

Claro que estava. A ciganinha não beijava, ela tomava tudo.

— O que você esperava, meu amor? Você tem um jeito... impetuoso de beijar.

— Isso é bom ou ruim?

— É diferente. Eu não estou acostumado a ter a boca saqueada.

— Não se rouba uma boca.

— Não foi nesse sentido, Estela. Quis dizer que... você a atacou, entende?

— Você também me atacou.

— Sim, eu também ataquei. — E faria isso mil vezes mais se fosse

possível. — Não me arrependo. — Afastei a mecha de seu cabelo, colocando-a detrás da orelha. Meus dedos deslizaram pela fileira de três brincos que ela tinha: um sol, uma lua e uma estrela.

— Seu nome... ele significa estrela — disse, o óbvio.

— Sim. Foi minha mãe quem escolheu. Meu pai era o sol dela, e eu... — Estela deu de ombros, aconchegando-se em meu colo. — É estranho sentir falta de algo que nunca tive. Eu estive com ela por pouco tempo, não tenho nenhuma lembrança... mas sinto uma saudade absurda, sabe? Eu daria qualquer coisa para que ela e Suzana ainda estivessem aqui.

Eu não, pensei, enquanto aflagava seu cabelo. Estela havia se aninhado em meus braços, a cabeça se encontrava em meu ombro e a respiração começava a ficar falha.

— Eu não deveria estar aqui — disse, baixinho. — Tenho medo de que o meu pai me proíba quando descobrir...

— Então não conte.

— Mas isso seria mentir, e eu não gosto.

— E se eu disser que será por pouco tempo? Que no momento certo, seu pai e o meu saberão o quanto eu desejo você?

— Você deseja mesmo? — quis saber.

— Eu não estaria aqui se fosse o contrário, Estela.

Ela me avaliou, como se não esperasse por uma resposta como a que lhe dei.

— Tudo bem — murmurou. — No momento certo. Agora me leve para casa, meu pai vai ficar preocupado se eu demorar demais.

— Seu desejo é uma ordem, ciganinha. — Beijei-a na boca, rapidamente, e a levei para a fazenda. Não a deixei sair do carro até que me garantisse estar bem e que o que tinha acontecido a ela, não a machucara. Estela assentiu, jurando de pé junto, que, tirando os arranhões, aquele miserável não lhe fizera mais nada. A garota até mesmo sorriu para provar

que não estava mais assustada, que eu a tinha salvado no momento certo. Ignorei o remorso que suas palavras me causaram, e a deixei sair, dirigindo feito um louco, até o casarão.

Naquela mesma noite, ao estacionar o carro em frente à casa de Alfredo, eu assisti as luzes aos poucos irem se apagando. A conversa séria que teria de ter com meu pai, teve de ser adiada ao notar que a bolsa que a ciganinha carregava por todos os lados, havia sido esquecida no banco. Curioso, eu a abri. Jogando seus objetos sobre o estofado de couro, passei a mão pelas notas dobradas, as peças de bijuterias que havia levado para a feira essa manhã, surpreso por não encontrar nada realmente de valor.

Ela não tinha celular, eu me lembrei. Quem nos dias de hoje não possuía um, pelo amor de Deus?

Alguém como ela, Augusto. Alguém como ela.

CAPÍTULO 11

AUGUSTO ALENCAR

O primeiro cômodo para o qual me dirigi ao chegar no casarão foi a sala em que Alfredo costumava passar os seus dias jogando xadrez, fumando charutos e ambicionando pelo momento em que acabaria com o cigano que lhe roubara a esposa e a paz.

Como esperado, meu pai não reagiu ante a minha entrada. Permaneceu sentado, olhando para o quadro à sua frente: uma fotografia pintada de Suzana. Com toda calma do mundo, eu cortei a ponta do charuto que peguei na imbuia e o acendi. Puxei a fumaça e, em seguida, a liberei, dirigindo-me à janela dupla, que se encontrava aberta, pensando apenas em como dizer ao miserável que, a partir de agora, se desse qualquer passo em direção a Estela, eu me veria obrigado a tomar as devidas precauções.

— Eu sei que foi o senhor. — Andei pela sala, a esmo. — Só me pergunto com que intenção.

— Não sei do que está falando, Augusto.

— Não? — grunhi, nervoso, permitindo que o meu lado mais agressivo desse as caras. — Então o fato de um filho da puta sem nome ter abordado a cigana no meio da estrada não teve nada a ver com o senhor?

Ele me encarou, impassível.

— Ela está bem? Por que se estiver, eu não tive nada a ver com isso.

— Não brinque comigo, porra! — Minhas mãos foram parar no encosto da poltrona que ele estava sentado. — Eu falei que iria cuidar dessa merda, e farei. Mas do meu jeito, ouviu?

— Ciganas são traíras, Augusto. Todas as mulheres são. Eu não o vejo há anos; e, de repente, desde que a vi, tudo o que tem feito é correr atrás daquela imunda...

— Parece que se esqueceu do porquê estou fazendo isso.

— E desde quando dormir com a cigana tem a ver com o que te pedi? Eu posso estar louco, como diz, Augusto, mas ainda não fiquei cego. Eu vejo a forma como os meus homens olham para a garota. Até eu mesmo, porra, se não estivesse tão velho já teria colocado as mãos sobre ela...

— Eu te mataria se o fizesse.

Meu pai me encarou.

— Você me tirou o direito de deserdá-lo, Augusto, me declarou louco para todos... mas minha pontaria continua boa.

— Está me ameaçando?

— Não a você, Augusto. Jamais a você.

Assenti, tentando aparentar alguma calma. Eu não confiava em Alfredo. Depois da merda que fez essa tarde, então? Ainda menos.

— Avise a quem quer que tenha sido o filho da puta que o senhor ordenou o ataque, para que ele não tente uma segunda vez. Por muito pouco... eu não atirei na cabeça de um infeliz hoje, e quer saber? Eu teria feito isso sem arrependimento algum. Mas então, o senhor pagaria outro homem, e depois outro. E eu não estou disposto a brincar de pega-pega com ninguém, Alfredo. Muito menos com você. Então recue, e me deixe cuidar da porra do meu negócio em paz.

Afastei-me, indo para o quarto. O banho naquela noite foi rápido, e saí antes que as imagens da ciganinha surgissem para me atormentar.

Caminhei pelo quarto, ainda nu, e me sentei na cama, fitando minhas mãos. Não havia arranhões nelas, nada de incomum. Apenas a certeza de que, se Estela não tivesse gritado, eu teria apertado o gatilho da minha arma.

Como ela podia não querer que eu matasse o infeliz? Será que não se dava conta de que, se eu não tivesse aparecido naquela hora, o pior teria lhe acontecido?

— Você demorou. — Cerrei os olhos ao escutar a voz de Sierra. O colchão atrás de mim afundou, e eu soube que era ela ajoelhando-se sobre a cama.

As mãos conhecidas massagearam as minhas costas, fazendo evaporar toda a tensão do maldito dia.

— O que o está preocupando, Augusto? Achei que passar o dia com a cigana o deixaria de bom humor... mas você continua tenso.

— Essa merda pode dar errado de tantas formas possíveis, Sierra. — Permiti que ela continuasse com a massagem. — E se no final, eu não conseguir essas terras...

— Você vai consegui-las — garantiu, confiante. — E eu vou ajudá-lo. Eu e Benjamin, claro.

— Onde Ben está, por falar nisso?

— Na cama, ele ficou analisando alguns dos papéis que pegamos no escritório de seu pai. Sabe como o homem é quando se empolga...

Não reagi quando a boca de Sierra se arrastou pelas minhas costas, e por mais excitado que pudesse ficar se a deixasse continuar, eu não a queria. Trepar com Sierra agora apagaria os beijos e o cheiro de Estela de mim, e eu não estava pronto para isso ainda. Desvencilhei-me, deixando claro não estar disposto.

— Você nunca me rejeitou — reagi confusa.

— Nunca?

— Hum-hum... não consigo me lembrar de uma vez que seja.

— Essa será a primeira então, Sierra. — Levantei-me, pegando uma bermuda qualquer de dentro da gaveta e a vesti, enquanto a observava cheirar a camisa que retirei assim que cheguei ao quarto.

— Sua camisa cheira a perfume barato.

Eu sorri.

— Como disse, ela não gostou do que escolheu.

— Então você comprou outro. — Não foi uma pergunta.

— O que esperava? Essa foi a forma que encontrei para chegar até a garota.

— Ah, Augusto... que homem dedicado você é. — Sierra se deitou na cama, e mesmo sem sexo, foi lá que permaneceu até as primeiras horas do novo dia.

ESTELA SAAVEDRA

Entrei com papai na casa de tia Hortência, que assim, como fazia todos os domingos, nos convidara para jantar com ela. Eu gostava dessas noites, o clima agradável, nem quente ou frio demais, tornou possível que eu pudesse usar minhas roupas sem sufocar e sentir calor. Vir até aqui, de qualquer forma, era melhor do que estar sozinha com meu pai naquela casa. Perdida, por saber que sua mente estaria longe, cheia de lembranças de Suzana.

Não vou negar, a comida também era boa e o fato de eu não ter me alimentado direito durante o dia, fez com que o monstro da fome viesse duas vezes maior agora à noite.

— Que bom que chegaram, eu estava à espera de vocês. O assado acabou de sair do forno.

— Estela deveria ter vindo mais cedo para te ajudar, Hortência. Você não precisava ter feito o jantar sozinha — papai disse a ela.

— Não foi trabalho algum, além disso... Estela já me ajuda durante a

semana. A menina também merece uma folga.

— Cabeça vazia é oficina do diabo, Hortência. Estela precisa de uma ocupação para não ficar matutando besteira na cabeça.

— Não sei que besteira... — murmurei baixinho, irritada por ele sempre repetir o mesmo. Para papai era como se qualquer pensamento contrário ao seu fosse besteira.

Não falei muito ao longo da noite, preferi ficar calada os escutando conversar. Hortência me encarou aqui e ali, com seu olhar desconfiado. E mesmo escolhendo ficar no meu canto, quando Ramon apareceu após o jantar e me convidou para levar até em casa, eu não hesitei.

Entrei na caminhonete, mas dessa vez o silêncio pareceu incômodo. Uma pedra entre nós dois.

— Você não foi à feirinha ontem, por quê? — Eu não podia contar a ele o que havia acontecido, Augusto queria que esperássemos um pouco mais, e quanto ao ataque que quase sofri no dia anterior, ele me pedira paciência, prometendo cuidar do assunto à sua maneira. O que, para mim, estava tudo bem, papai me prenderia a sete chaves se soubesse... ou pior, ele arrumaria briga com o demônio da fazenda vizinha.

— Estive ocupado, Venâncio pediu-me um favor assim que estava pronto para sair. Eu não pude negar, me desculpe.

— Tudo bem, eu voltei sozinha.

— Alguém te perturbou?

Neguei um pouco enfática demais. E o silêncio retornou.

Quando chegamos em frente ao casebre, Ramon desligou o motor da sua caminhonete já velhinha e fitou a paisagem à sua frente, taciturno.

— Terei de passar um tempo fora, Estela. Venâncio precisa fazer algumas verificações nas fazendas de Minas, e eu irei com ele.

— Você não quer ir — concluí, apenas ao observá-lo.

— Não tenho escolha, e sinceramente? Talvez seja o melhor.

— Por minha causa? – perguntei preocupada e Ramon apenas negou.

— Você já deixou claro que não quer nada comigo, não que isso mude o que eu sinto, Estela. Ainda mais porque tudo parecia bem antes, então esse filho da puta apareceu e...

— Augusto não tem nada a ver com o fato de eu não querer que me beije mais.

— Não? Essa não é a impressão que tenho. Não tenho ideia do que está acontecendo entre vocês dois... mas estou cansado de repetir, Estela. Aquele miserável não vale o chão que pisa. Ele não é um bom homem.

Ele era comigo.

— Não está acontecendo nada — menti, ao descer do carro. Ele fez o mesmo. — E não quero falar disso de novo, Ramon. Não quero que brigemos... eu...

— Você? — Ele me olhou de esguelha, perto demais.

— Eu gosto de você como um amigo. Não quero que nada mude.

— Já mudou, Estela.

Ramon se virou, prestes a ir embora, fazendo meu coração comprimir invadido por uma sensação ruim. Preocupada, eu corri até ele e o abracei.

— Promete que irá se cuidar?

Ramon me encarou profundamente.

— Promete, Ramon?

— Está sentindo algo, não é? — Ele sabia dos meus pressentimentos.

— Apenas prometa.

— Eu prometo. Prometo também que algum dia... as coisas serão diferentes, Estela. O mundo dá voltas e, às vezes, essas voltas não são para o bem.

Não gostei do ódio que enxerguei dentro dele. A promessa de algo ruim. Tudo parecia errado, droga! Como se todas as peças estivessem se movendo rápido demais e eu não pudesse proteger nenhuma delas. Havia um rei no jogo as afastando antes que eu as alcançasse.

— Fique bem — disse, o encarando, tão perto dele quanto costumávamos ficar no passado. Mas os beijos de Ramon, não mexiam comigo. Não tiravam o chão debaixo dos meus pés.

Os beijos de Ramon não me davam asas.

O som do motor se aproximando, nos fez olhar na direção dos faróis altos. Meu corpo inteiro congelou ao reconhecer o jipe de Augusto.

Ao nos ver ali parados, Augusto piscou os faróis e buzinou de forma grosseira, fazendo-me perceber que se não fosse até ele, o som estridente continuaria.

— Você não precisa... — Ramon garantiu.

— Ele não vai parar se eu não for até lá.

— Estela.

— Sei que não confia em Augusto, que o acha um homem ruim. Mas Suzana o amava e eu sinto que devo dar o benefício da dúvida a ele.

— Está me dizendo que...

— Não conte ao meu pai, Ramon. Nada sobre Augusto e eu, por favor.

Ramon me fuzilou com os olhos. Sua expressão transformou-se em nojo, desprezo. Eu conhecia esse tipo de olhar.

— Você já se deitou com ele, é isso? O filho da puta já se enfiou no meio de suas pernas, não é? — Recuei. — A intenção de se guardar para o amor de sua vida era apenas baboseira?

Vi Augusto deixar o carro, e isso me alarmou.

— Não... eu não dormi com ele.

— Você não é diferente, Estela. É como todas as outras, basta um homem com dinheiro e qualquer crença escorre pelo ralo...

Augusto não parou ao chegar perto. Ele continuou a avançar e não apenas empurrou Ramon para longe de mim como também o socou. Não querendo ver a tragédia que aconteceria se permitisse, eu o segurei pelo braço, implorando para que parasse, não pensando no fato de que poderia me machucar e nem que o homem que tentava deter tinha possivelmente o dobro do meu peso. Augusto, por sua vez, não cooperou, só se afastando após ver o sangue escorrer do nariz de Ramon.

— Você deveria ter me escutado, Ramon, e ficado longe, mas se fez de surdo, porra.

Ramon limpou o rosto, de forma agressiva.

— O mundo dá voltas, Augusto. Hoje, é você quem está me deixando sem saída. Algum dia, serei eu. Juro pela minha vida.

Senti um arrepio ao ouvir as palavras de Ramon, e quando fui em sua direção, prestes a pedir desculpas por envolvê-lo nessa situação, Augusto entrou na minha frente, impedindo-me de ir atrás do seu funcionário, que partiu a toda velocidade.

— Entre no carro, Estela. — Sacudi a cabeça.

— Não me venha com Estela, ele e eu só estávamos conversando.

— Sério? Porque, para mim, pareceu que todos aqueles abraços terminariam de forma bem diferente se eu não tivesse interrompido.

— É isso o que acha que eu teria feito? — perguntei ofendida. E ele pareceu se acalmar, ou pelo menos tentou.

Porque ao se aproximar, beijando-me de forma repentina e violenta, Augusto não pareceu estar pensando com clareza. Seu beijo foi punitivo, impulsivo, assim como foi o fato de eu tê-lo deixado agarrar minhas pernas e as envolver ao redor do seu quadril enquanto eu era consumida pela voracidade de sua boca.

Sem fôlego, eu ainda tentei respirar, fazê-lo parar antes que papai voltasse, mas Augusto estava fora de si.

— Nós não podemos continuar...

— Me lembre o porquê.

— Meu pai vai chegar a qualquer momento. — Ele afastou a boca, colando sua testa na minha enquanto respirávamos com dificuldade. — E, porque não é certo.

— O que não é certo? — grunhiu baixo.

— As coisas que você me faz querer, essa vontade que sinto quando me beija.

— Que vontade? — Ele me encarou.

— De ser sua. Eu posso não ter crescido sob as regras tradicionais de uma comunidade cigana, mas as minhas crenças são as mesmas. E, para mim, fazer amor é importante. O meu corpo é algo que eu só entregarei após o casamento.

— Isso é um absurdo, não vê?

— Não é absurdo se eu acredito.

Augusto sacudiu a cabeça.

— Sabe o que eu vejo?

Neguei, esperando que me falasse.

— Que o seu pai enfiou um monte de merda em sua cabeça, e Suzana não ajudou.

— Pode ser merda para você, mas não é para mim! — Coloquei-me de pé, mas ele permaneceu na frente. — Meu corpo só pertencerá ao homem a quem eu entregar o meu coração. Se você não gosta ou entende, eu sinto muito. Agora me deixe passar.

O empurrei, mas tive o cabelo puxado. A forma como ele o agarrou

na raiz me fez parar, estremecer por dentro. Mas não de dor.

— E quanto à boca? — inquiriu, empurrando o corpo rígido atrás do meu.

— O que tem ela? — gaguejei.

— Ela só pertencerá ao homem com quem se casar?

Eu queria dizer que *sim*, gritar aos quatro ventos. Mas quando Augusto me virou, pondo-me cara a cara com ele, eu não consegui. Tudo o que fiz foi negar, assistindo-o se inclinar... e tomar para si cada um de meus beijos.

AUGUSTO ALENCAR

Os beijos foram duros, ressentidos. A noite quente exaltava os ânimos. Com os dedos enredados em seu cabelo, eu a dominei, impedindo-a de se afastar quando tentou. Eu já não me reconhecia perto dessa garota, e a forma violenta como reagiu a proximidade entre ela e o Ramon fez-me não apenas enxergar vermelho, como ir em busca de sangue...

E a atitude impensada, sem dúvida, mostrou ao infeliz o meu possível ponto fraco.

— Eu não te quero de conversinha com o Ramon, me entendeu?

— Por que o odeia tanto?

— Eu não o odeio. — O que sentia por Ramon ia além do ódio. — Só não o quero perto de você. É bem simples, para falar a verdade.

— Nada é simples com você, Augusto. — Ela me pareceu triste. — Isso tudo me assusta. O que aconteceu ontem... a forma como você olhou para aquele homem. Você o teria matado se eu não tivesse gritado?

Hesitei, antes de responder:

— Não.

— Então por que anda armado? Quando apontou a arma para aquele homem... tudo o que enxerguei na minha frente foi o seu pai.

— Eu não teria disparado, Estela. — *Besteira.*

— E quanto ao garoto que quase matou? Ramon me disse que... quando sua mãe foi embora... você bateu tanto em um rapaz que...

— Ramon fala demais, porra!

— É mentira, então? — Tive vontade de negar, mas a forma como me olhou deixou claro que Estela não gostava desse outro Augusto. Ele a assustava.

— Ramon exagerou.

— Por que...

— Estela, isso é algum interrogatório? Eu estou sendo julgado aqui?

— Não. Eu só tô tentando te conhecer.

— Por quê? — perguntei, fazendo-a enrubescer. A pele morena ficou vermelha nas bochechas. — Diga-me, Estela.

— Eu gosto de você. Gosto dos nossos beijos, não quero perder isso.

— Você não vai. — Eu a beijei, com suavidade. — Não, se depender de mim.

Estela sorriu, e mesmo hesitante, entrou no carro comigo. Dirigi até a nascente, e ao chegarmos ela foi a primeira a sair.

— O que irá... — Não concluí o que estava prestes a dizer, pois assim que a trava do carro foi liberada, a garota pulou do carro e correu até a margem do rio. Também saí, vidrado na maneira como ela segurava a barra do vestido ao se aproximar da água.

Estela rapidamente tirou as sandálias de couro, e olhou para trás, com um sorriso imenso. Assisti fascinado ao momento em que puxou a barra do vestido em um nó alto, para que não molhasse. Mas foi a forma de suas pernas, a grossura e a cor quente de suas coxas, que fizeram de mim um

homem perdido.

Porra, eu as queria em volta do meu quadril, montadas em mim. Queria a marca da minha mão nelas. Sacudindo a cabeça devagar, continuei a observá-la. Estela era o bicho selvagem mais manso que conheci, mas tinha garras. E eu gostava que ela soubesse como usá-las... desde que na hora certa.

— Você sabe nadar? — perguntei, vendo-a entrar um pouco mais, brincar com a água, como uma criança teria feito.

— Você sabe? — perguntou, virando-se para mim, deixando-me saber que a água estava gelada, pois por baixo do tecido gasto do vestido estavam os mamilos duros, pontudos. Seu peito parecia inchado, pesado o suficiente para que eu me deleitasse com eles por horas. Como ninguém nunca a ensinou a proteger essas duas coisas lindas dos olhares dos homens? Porra, se essa garota fosse mesmo minha, eu jamais a deixaria sair vestida da forma como fazia. Eu a cobriria dos pés à cabeça, pelo simples fato... de poder.

— Sabe, Augusto? — Meu nome ecoou por entre os seus lábios, deixando-me tonto.

— Sei.

— Então se algo acontecer comigo, você me salvaria novamente, não é?

Não respondi, porque por um segundo, um milésimo de segundo, eu pensei em tudo o que seria facilitado se algo acontecesse a ela. A ideia foi rapidamente afastada, o pensamento trouxe-me um gosto amargo à boca.

Eu não queria que nada, nunca, acontecesse a essa garota.

— Provavelmente.

— Então eu vou entrar...

— Estela! — A garota não me escutou, ao contrário. Deu mais alguns passos em direção ao fundo da nascente, seu corpo sendo lentamente coberto pela água. O tecido que cobria sua bunda se agarrou à pele, mostrando o

vinco da calcinha pequena, agarrando-se ao quadril extremamente arredondado para a cintura fina.

Inspirei o ar ao vê-la afundar em um mergulho longo e sair do outro lado. Cada vez mais longe. Estela brincou, como uma criança que nunca vira água antes, e eu não soube o que fazer. Só assistir, preso em seu feitiço. Foi então que ela se virou na minha direção, apenas com o rosto fora da água e os olhos ariscos, vidrados em mim.

Eu queria saber o que se passava por dentro de sua cabeça. Queria entender o que ela pretendia. Mas acho que nem mesmo Estela tinha consciência da forma insana como vinha mexendo comigo.

— Está ficando tarde... — falei, querendo que deixasse a água e parasse de foder com a minha cabeça. Não era eu que precisava ser seduzido, droga! Era ela.

Ainda assim, quem estava aqui, de pé, babando na selvagenzinha, era eu.

— Se sair, eu sentirei frio.

— E o que pretende, ficar aí até amanhecer?

— Eu poderia... adoro água. — Eu sabia que estava brincando, e mais ainda, me provocando. — Achei que você também entraria.

— Não hoje. — Eu já tinha passado da idade de enfiar-me na nascente e achar que o mundo era um lugar bom, despreocupado. O tempo perdido nessa fazenda cobraria o seu preço lá na frente. Mesmo que fosse por um bom motivo.

Um excelente motivo, pensei ao vê-la sair da água e se aproximar. Os ombros molhados, o vestido colado. Cada curva, cada ondulação de seu corpo... E quando os seios morenos e macios despontaram diante de mim, eu já não tinha fôlego para perder.

Eles eram perfeitos, maldição!

Praticamente grunhi ao vê-la os cobrindo com os dois braços, mais

preocupada em mantê-los protegidos do meu olhar do que o restante de seu corpo. Como se eu não pudesse ver a porra da sua calcinha por baixo do vestido. Como se o pequeno rastro de pelos escuros não estivesse visível. Como se ela inteira não soasse tentadora.

Eu queria comer essa garota. Em todos os lugares, pensei, movendo-me desconfortável por conta da ereção que não me preocupei em esconder.

— Você tem alguma toalha? Qualquer coisa... — perguntou, com um sorriso moleca no rosto e os lábios vermelhos tremendo por conta do frio.

— Você deveria ter pensado nisso antes de se enfiar na água.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu teria caído do mesmo jeito, seu bobo.

— Esse então é o seu habitat natural.

— Meu o quê?

— Seu habitat... — ela não iria entender. — O lugar em que você se sente melhor, confortável.

— Acho que sim, eu nunca parei para pensar nisso não.

Claro que não.

— Venha aqui — exigi, com a voz rouca.

— Eu vou te molhar.

— Essa é a intenção. — Segurei a base do seu rosto, em seguida senti os fios compridos e molhados se enrolarem em meus dedos. Anéis longos de cachos grossos e negros. A palma da minha mão, por ser grande, agarrou um punhado deles.

Os olhos felinos se arregalaram enquanto os lábios ainda estavam trêmulos quando rocei os meus. De maneira suave, a princípio, senti os tremores contra a minha boca, a ânsia dela, a rendição; e ouvi baixinho o seu gemido.

Estela ficou na ponta dos pés, em uma tentativa de me fazer beijá-la para valer, e foi o que fiz. Penetrei a língua em sua boca quente, apesar do tremor do seu corpo, deixando-a brincar como bem entendesse, explorar minha boca e a melhor forma de me dar prazer. Quando meu corpo esbarrou no seu, inteiramente molhado, ela se derreteu em meus braços. O tecido grosso da camisa que usava esbarrou nos bicos duros daqueles seios naturalmente pesados. A calça jeans forçou o vão quente entre as suas pernas. E mesmo com meus quase 1,90m de altura, o encaixe funcionou perfeitamente.

Xinguei a garota mentalmente umas mil vezes antes de reagir ao toque gelado de suas mãos sobre a minha camisa; e em um impulso, eu a empurrei contra a porta da Mercedes encurralando-a.

Com as mãos, uma em cada lado do jipe, eu fitei sua boca, vendo o quanto ela desejava mais dos meus beijos e o quanto seus olhos se encontravam nublados pelo tesão.

— Está esperando o que para me beijar de novo? — *Safada.*

— Você prometer que serei o único com acesso a sua boca. Se isso é tudo o que eu posso ter...

— Você será — falou depressa, ansiosa. — Agora me beija.

— Primeiro me diga aonde...

— Na boca, né, Augusto.

— Há outros lugares que eu poderia te beijar, ciganinha.

Ela me olhou, desconfiada.

— Eu poderia beijar sua pele inteira... você gostaria?

— Talvez — respondeu, vibrando em meus braços conforme eu deslizava os dedos em direção ao meio de suas pernas.

— Eu poderia te beijar aqui, o que acha?

A ciganinha se agarrou em meus braços, com as unhas curtas

cravando em minha pele grossa.

— Mais do que te beijar, Estela, eu poderia te chupar inteira. Com a certeza de que quando terminasse...

— Não. — *Merda!*

— Sem chupões?

— Acho que sim.

— *Você acha...* essa não é uma resposta que me satisfaz. Apenas para que tenha uma ideia, não há nada que eu gostaria mais do que provar o gosto de sua boceta. — Apesar de segurar o meu braço, ela não o havia afastado, apenas me impedido de continuar. Por isso, quando esfreguei a linha fina que separava os seus lábios, eu a senti retesar em um primeiro momento, e em seguida, respirar fundo. — Um beijo, Estela, isso é tudo o que quero deixar aqui... não me negue esse prazer.

— Nós não podemos... — Ela se contorceu, e isso fez com que meu dedo escorregasse um pouco mais para baixo. Foi involuntário.

— Talvez a gente possa — murmurei em seu ouvido, sentindo-a entreabrir as pernas de propósito. Os grandes lábios aninharam o meu dedo, que afundou por cima da calcinha molhada. Não apenas da água doce.

— Só um pouco. — Porra!

Eu a encarei, louco de vontade de continuar.

— Quando quiser que eu pare, basta falar, ok? — A garota assentiu, e eu puxei sua calcinha de lado. Eu não estava fazendo isso por mim e sim para que ela descobrisse o quão gostoso poderia ser.

E ela descobriu.

A forma como manteve os dedos ao redor do meu braço, como se dessa forma acreditasse que o controle era dela, quando definitivamente não era, deixou-me ainda mais duro. O dente branco, cravado em seu próprio lábio, conforme eu separava os lábios de sua boceta, teve o mesmo efeito. Apertei o clitóris, adorando vê-la estremecer, e em seguida esfreguei três

dedos em sua entrada, sem penetrá-la. Estela arfou, com as pernas fraquejando, enquanto eu a mantinha presa contra o jipe.

Olhei para ela, cheio de tesão, e a beijei. E foi assim, com meus dedos entre as suas pernas, e o pau latejando em sua coxa, que senti o corpo da ciganinha liberar os primeiros espasmos. A expressão apavorada em seu rosto, deixou claro que ela estava assustada com a intensidade do próprio prazer.

— Goze para mim, Estela, deixe vir... — Suas pernas se fecharam ao redor da minha mão, o que me fez intensificar as carícias. Um dedo no monte inchado e os outros, a espalhar sua excitação. — Sinta como é gostoso... como pode ser bom entre nós dois. — Ela gozou, cravando as unhas em meus braços, os olhos apertados e a boca inchada entreaberta. Um gemido ferino escapou-lhe da garganta, tão rouco e fodido que eu apertei meu corpo ao dela, respirando com dificuldade devido ao fato de meu próprio gozo estar muito perto de ser liberado. Estremeci junto a ela enquanto procurava por sua boca, que veio úmida de encontro a minha.

Molhada.

Quente.

Sem força alguma.

Olhei para Estela durante todo o beijo e sem pensar duas vezes a peguei no colo, fazendo com que suas pernas envolvessem o meu quadril.

— O que... — sussurrou contra a minha boca, sem entender por que eu a levava para o capô do carro. A bunda de Estela bateu contra a estrutura gelada, assim como as suas costas, que deitei sobre o capô. Seus pés foram puxados e apoiados na beirada dele, e as pernas sendo devidamente abertas pelas minhas mãos. — Augusto?

— Um beijo, Estela — pedi, escorregando a boca pelo seu pescoço. Puxei o vestido dela até o quadril enquanto eu me enfiava entre as suas coxas.

Beijei o bico dos mamilos durinhos por cima do tecido, sentindo-a arquear o corpo em minha direção, e desci um pouco mais dando-lhe tempo de recusar, e me afastar. Uma negativa e eu me recuaria. Mas Estela não

pediu para que eu me afastasse ou que deixasse de arrastar a boca pelas suas curvas. Por isso, quando alcancei as pernas, escancaradas, eu a fitei querendo ter certeza de que a ciganinha sabia o que estava prestes a acontecer.

Devagar, eu passei os dedos pela tornozeleira, deixei beijos em seu joelho, e beijei a parte interna das coxas espalhadas, inebriado pelo cheiro do seu corpo, de sua excitação. Toda a pele de Estela seguia trêmula, ainda afetada pelo recém-orgasmo, os pelos arrepiados, cobrindo-a inteira.

— Só um... — murmurou, com a voz baixa, ofegante, dando-me total acesso a parte mais íntima de seu corpo.

Extasiado pela visão que era tê-la sob o capô dessa forma, toda aberta para mim, eu puxei a calcinha encharcada de lado e afundei a boca na boceta macia. Senti o gosto do seu gozo, de pele nua. Perdendo-me ali, por um segundo. Estela estava inteira lambuzada, a virilha, o alto de suas coxas... seu tesão podia ser sentido na ponta da minha língua. Alucinado, eu envolvi o clitóris, quase o mordendo, mas me detive. Uma sugada depois de outra, e ela arfou, desesperada. A promessa de um único beijo foi abandonada quando a escutei arquear e bater as costas contra a lataria do carro, em uma tentativa de fugir, escapar de minha boca.

Olhei para ela, que tinha os olhos vidrados, tão selvagens quanto uma corça prestes a escapar. Que era o que teria acontecido se eu não a tivesse puxado de volta, minhas mãos prenderam-se ao redor de seu tornozelo enquanto voltei a afundar o rosto no meio de sua boceta quente. Escorregadia.

— Porra, que delícia! — grunhi contra a pele sensível, escorregadia.

Mesmo sem ter a menor ideia, a garota já se encontrava pronta. Um empurrão nessa sua boceta... e a barreira que me impedia de seduzi-la estaria rompida.

— Augusto... — A voz arrastada trouxe-me de volta à realidade.

— Hum? — Eu não queria sair dali.

— Deixa eu sentir o meu gosto na sua boca?

Grunhi, baixo. E o meu pau saltou violentamente. Acho que nunca o tinha sentido tão duro entre as pernas.

— Você não pode ser real. — Eu a puxei para baixo, ficando cara a cara com a safada. — Às vezes... penso que você é uma fantasia. Uma bruxa que entrou na minha vida para... — *Foder com tudo.*

— Para?

— Me enlouquecer. Não tem outra explicação, ciganinha. Não tem — falei, fazendo exatamente o que me pediu: deixando-a sentir o seu próprio gosto.

Estela reagiu lentamente, como se não soubesse o que esperar. O lábio inchado sorvia a minha boca enquanto nos entreolhávamos.

— Sentiu como é gostosa?

— É salgado — disse, sem afastar a boca da minha.

— Para mim... é doce. A boceta mais doce que já provei.

A expressão de Estela se fechou, mas eu a beijei novamente, incapaz de me afastar. Foi apenas quando a respiração se tornou difícil, um caso real de vida ou morte, que aceitei colocar alguma distância entre nós dois.

— Quem era aquela mulher loira, Augusto? — perguntou, de repente. — A que estava com você na cidade.

Merda!

— Sierra?

A ciganinha assentiu.

— Ela e o Benjamin... são meus advogados. — A vi morder a ponta da boca. — Por quê, Estela? — Afaguei seu cabelo, querendo tudo, menos que ela trouxesse Sierra à conversa.

— Você já provou ela?

Nos encaramos, enquanto eu tentava entender que tipo de pessoa fazia

uma pergunta dessas, assim, tão na cara dura.

— Sierra e eu somos amigos há muitos anos...

— Já provou? — insistiu, nervosa, empurrando-me como a selvagemzinha que era. — Diga, Augusto.

— Não. Mas isso não quer dizer que você foi a única, Estela. Eu sou mais experiente... então claro que estive com outras mulheres.

— Mas não a loira.

Ela iria me fazer perder a paciência.

— Não, não a Sierra.

— Não gosto de sentir ciúmes. Me faz mal por dentro — admitiu, beijando-me de leve com as pequenas mãos envolvendo o meu pescoço.

— Você não tem por que sentir, Estela. Nunca comigo.

A ciganinha sorriu, fazendo-me questionar quantas mentiras a mais eu teria de contar até tudo estar terminado. Achei que seria divertido a princípio, fácil, mas quanto mais jogava esse jogo, mais perigoso ele se tornava.

Para nós dois.

CAPÍTULO 12

ESTELA SAAVEDRA

Terminava de calçar a sandália no alpendre da escada, quando o avião sobrevoou o casebre. A razão da visita de Augusto na noite passada era a de me avisar que precisaria retornar à capital logo cedo. Apesar da tristeza em que estava por vê-lo ir embora de novo, meu corpo ardeu por dentro ao recordar nosso encontro. Esperei, paciente, e assim que o som dos motores se afastou a ponto de não serem ouvidos, eu me dirigi até o local onde sabia que encontraria o Ramon antes que ele também fosse embora.

Hoje era dia de ajudar tia Hortência na limpeza e organização da casa. E quanto antes eu me despedisse dele, mais rapidamente poderia começar o meu trabalho. Ao chegar no galpão, eu entrei com a cabeça baixa e corri até a salinha onde Ramon costumava ficar, e foi lá que o encontrei.

— Posso entrar?

Ele sacudiu a cabeça, acho que se perguntando que raios eu fazia aqui depois da confusão de ontem.

— Você vai hoje, não é? — Aproximei-me.

— Assim que o bimotor retornar à pista de voo, Venâncio e eu partiremos.

— Quando volta?

— Ainda não sei, Estela.

— Sobre ontem...

— Acho que entendi muito bem o que está acontecendo, não perca o seu tempo com explicações.

— Não quero que fique com raiva de mim, Ramon, você é meu amigo.

Ele me encarou, de forma dura.

— Sou mesmo? Por que então não escutou qualquer um dos meus avisos?

— Ele não é como vocês falam, Augusto me trata bem... e...

— Vocês já dormiram juntos?

— Não! Você sabe que...

— Eu não sei de mais nada, e quer saber? O melhor mesmo é sair daqui por um tempo, eu não quero problemas. Me ouviu? — Ramon acenou para o homem parado em frente à vidraça da salinha. Era o mesmo homem que ajudou Augusto no dia em que fui atacada na estrada.

— Quem é aquele moço, Ramon? — perguntei, preocupada.

— Você não sabe?

Eu só o tinha visto de longe, mais nada.

— Ele é o homem que o Barãozinho de merda deixou aqui para cuidar do que é dele. Está vendo o Bandeira por aqui?

Não, eu ainda não o tinha visto.

— Dizem que o infeliz levou uma surra ontem, e que... se voltar a andar, ele terá sorte. Não é estranho? Eu sou enviado para longe, Bandeira afastado...

— Está me dizendo que Augusto fez tudo isso?

— Você tem alguma dúvida? — rebateu, e em seguida pediu para que eu fosse embora e o deixasse trabalhar em paz. Saí de lá triste, odiando vê-lo magoado, e ao passar em frente ao brutamonte empertigado, eu fiz uma careta para ele.

Fiquei incomodada com o fato de que, por todo o caminho percorrido até a fazenda de tia Hortência, ele tenha me seguido. Estranhamente, o homem não ultrapassou a porteira. Apenas desligou os motores e ficou ali, sem dizer nada. Olhei para trás diversas vezes, desconfiada e irritada, até que cheguei ao meu destino.

— Desculpe a demora, tia Hortência, eu fui... me despedir de Ramon.
— Eu tentei, pelo menos.

— Ele é um bom homem — Hortência falou, sentando-se na banqueta da cozinha. — Seu pai o respeita muito, isso é importante.

— Sim, ele é — falei distraída, vendo-a tricotar enquanto eu procurava pelos produtos de limpeza.

— Ele também é um bom partido, minha querida. O tipo com que garotas como você se casam.

— Garotas como eu?

— Inocentes, meu amor. Sem experiência alguma. Ramon jamais a machucaria. Ele seria leal, a respeitaria.

— A senhora quer que me case com ele? — Eu não via Ramon dessa forma.

— Você deveria.

— Mas eu estaria casando sem amor... não me parece certo.

— Alguns tipos de amores se constroem com o tempo, Estela.

— Eu não quero esse tipo de amor. Quero o verdadeiro — falei, decidida. — Aquele que tira nossos pés do chão, que nos faz sonhar acordada... Quero o tipo de amor...

— Que machuca?

Eu a fitei, sem compreender.

— Meu pai nunca fez Suz sofrer.

— Não diretamente, mas você não acha que a escolha que ela teve que fazer não a machucou? Suzana abandonou tudo para viver esse amor, Estela. E, ao mesmo tempo que fico feliz por ela ter tido a chance de vivê-lo, eu também me pergunto se não foi egoísmo dar as costas à vida que tinha aqui. Minha irmã era tudo o que me restava e... quando ela se foi, eu fiquei sozinha; sofrendo com os ataques constantes de um louco, sendo acusada de saber onde ela estava quando eu não fazia ideia. Alfredo quase pôs fogo a esse lugar uma dezena de vezes. Ele me ameaçou, encheu a cabeça de Augusto de besteiras... não que eu ache que meu sobrinho precisasse de incentivo para se transformar no homem que é hoje. A crueldade dessa família está no sangue.

Engoli em seco, sentindo-me mal por esconder de todos que Augusto e eu... bem, que nós vínhamos fazendo coisas que não deveríamos estar fazendo. Não poder defendê-lo era ainda pior. Eu queria que as pessoas o vissem como eu o fazia, mas se começasse a falar... tia Hortência e papai ficariam desconfiados.

— Você alguma vez já se apaixonou, tia Hortência?

Ela parou de tricotar e me encarou.

— Sim. Uma única vez.

— Mas você nunca se casou, não é? Você e ele...

— Ele se casou com outra, minha querida.

— Casou? — Eu não conseguia imaginar o que ela deve ter sentido. Amar alguém e essa pessoa se casar com outra? — Por isso você nunca se casou?

— Acho que sim. Eu realmente acreditei que ele seria o amor da minha vida, e quando uma mulher se perdia naquele tempo, poucos eram os

homens que a queriam. Hoje em dia não é mais assim, as mulheres têm mais liberdade. Podem ter quantos parceiros quiserem...

— Eu só terei um.

Ela sorriu.

— Sim, Estela. E eu espero que ele seja merecedor do seu coração. — Hortência passou a mão pelo meu cabelo. — Eu sei que meu sobrinho tem te rodeado... e me sinto na obrigação de te alertar sobre ele. Não se deixe enganar por aqueles olhos azuis ou todo aquele charme. Os homens dessa família são bonitos de se ver, mas perigosos para se ter por perto.

— Você acha que ele é tão ruim quanto o pai?

— Eu não me surpreenderia se fosse pior. Porque diferente de Alfredo, que age movido pelas emoções, Augusto é frio. Não tem compaixão ou empatia por ninguém. Sempre foi assim, desde pequeno. Sangue ruim é o que ele tem correndo em suas veias.

Fiquei em silêncio por algum tempo, e quando fomos para a sala, eu fiquei pensando em tudo o que tia Hortência tinha dito. Foi assim, até que a foto sobre o criado-mudo voltou a atrair a minha atenção.

Ele casou com outra...

Ao olhar para a fotografia, uma certeza tomou conta de mim. Eu sentia a raiva e a mágoa na voz de Hortência quando ela falava sobre Alfredo, mas também sempre senti algo mais. Uma emoção mais profunda, mais dolorosa. Acho que agora eu entendia que emoção era essa.

Era amor, ou fora, em algum momento.

CAPÍTULO 13

AUGUSTO ALENCAR

Capital

Dias depois...

Benjamin caminhou na minha frente com Sierra, ambos discutiam sobre o arrendamento das terras vizinhas de uma das fazendas que compramos no último ano. Eu queria expandir a área naquela região, e eles vinham tentando arduamente encontrar uma forma para que isso acontecesse. De um lado, havia o terreno com dezenas de hectares inutilizados, e que fazia divisa com a estrada principal e os trilhos de trem que cortavam todo o estado de Minas Gerais. Do outro, uma viúva com suas filhas, que se recusavam a sair das terras. Sorte ou não, as escrituras do terreno estavam atadas ao banco... uma dívida cujo valor eu quitaria assim, em um estalar de dedos.

Essa não era uma preocupação de fato, porque eu sabia que eles cuidariam dos *pequenos* empecilhos que viessem a surgir. O problema no momento era o fato de que eu estava há quase uma semana de volta a São Paulo, participando de reuniões marcadas há meses, atolado de trabalho, e ainda assim só conseguia pensar em Estela.

A garota não saía da minha cabeça. Nem ela e nem a fazenda que agora possuía.

A verdade era que eu precisava dar um fim a toda essa merda. E só havia uma forma de isso acontecer.

— Sierra. — Ela olhou para trás. — Eu quero que faça uma busca médica para mim.

Havia algo a mais nessa história. Algo que tenha persuadido Hortência a aceitar o pedido da irmã.

— Em nome de quem? — Estar longe de Sertãozinho fazia-me pensar com mais clareza.

— Hortência Bertuollo. Pesquise tudo a respeito da ficha médica dela, deve haver algo mais que eu esteja deixando passar. Minha tia nunca foi uma mulher caridosa.

— O que quer que procuremos, exatamente?

— Algum registro de doença. Algo que talvez a tenha feito acreditar que teria pouco tempo de vida...

— Algo como o que sua mãe teve? — Seria coincidência demais que ela sofresse do mesmo mal.

— Alguns raios podem cair duas vezes sobre o mesmo telhado, não?

— Há mais casos na família? — perguntou, se atendo aos detalhes.

— Não que eu me lembre. Meu avô morreu porque era um bêbado inútil, e a minha avó por desgosto. Não acho que seja um problema familiar.

— Ok, eu farei algumas pesquisas, mas isso ainda não irá desacreditá-la, Augusto.

— Eu sei que não, mas nos dará uma previsão sobre o tempo que temos. Eu prolonguei a situação por muitos anos, não vou permitir que vire outra bola de neve. Eu preciso dessa situação resolvida o quanto antes. — Parei, olhando para o lado de fora do prédio. Do alto dele, lá embaixo, em uma das principais avenidas de São Paulo, o mundo acontecia. Centenas de carros, barulho incessante por todos os lados. E pensar que o meu dinheiro me tornava dono de toda essa merda. Eu ia e vinha quando bem entendia,

possuía o que queria. Não ouvia *nãos*. — Eu tenho planos para aquele lugar, e quero colocá-los em prática. Não importa como ou o que eu tenha que fazer.

Sierra e Benjamin se entreolharam.

— Esqueça essa fazenda por um minuto, Augusto, e foque no problema que estamos tendo na fazenda Santa Maria. Não será tão fácil obter ajuda dessa vez...

— Aumente o valor — falei, não querendo ter de lidar com isso. Eles estavam aqui para resolver problemas. — Faça o que acharem necessário, vocês são bons nisso.

— Claro — Sierra garantiu, olhando feio para Benjamin enquanto saía do elevador. A saía justa, com uma fenda assassina atrás, fez com que meu amigo assobiasse baixo. E, ao contrário dele, eu não reagi. Sierra era linda, e sempre soube como usar isso a seu favor.

Como eu não iria para o escritório ainda, o elevador continuou a subir até que parou na cobertura.

— Você tem andado estranho — Benjamin comentou ao passarmos pelo hall de entrada do apartamento. — Sierra tem fingido não notar, mas, diferente dela, eu não tenho por que ficar cheio de dedos com você, Augusto. Então me diga, há algo com o qual devemos nos preocupar?

— Terão, se meus planos derem errado. Vocês dois são o meu cérebro quando eu falhar, Benjamin, e algo me diz que a possibilidade de que isso aconteça dessa vez... será grande.

— Está falando sério?

— Por que acha que eu preciso que essa merda acabe logo? Quanto antes eu me afastar daquele lugar...

— Você quer dizer da garota.

Eu o encarei.

Nós tínhamos tido uma reunião externa, um almoço seguido de uma

longa conversa com investidores. Tudo o que eu queria agora era uma dose forte do primeiro álcool que encontrasse.

Benjamin se sentou na sala, Athos o ignorou completamente. Ele fazia isso com todos, até aí nenhuma novidade. Enquanto ele esperava por uma resposta, eu me servi de uma considerável dose de conhaque e me sentei.

— Você provavelmente irá rir se eu contar, mas a ciganinha é virgem, Ben. Aquele pedaço de mal caminho alimenta a ideia de que o seu corpo pertence ao homem que ela amará por toda a vida e com quem irá se casar. — Inclinei-me sobre as pernas. — O quão raro é encontrar uma garota virgem nos dias de hoje?

— Ela não é bem uma garota...

— Eu sou quatorze anos mais velho do que ela — disse, recostando-me na poltrona. — Não tenho paciência para lidar com toda essa porcaria. É como se ela tivesse crescido alienada, entende? Não apenas pelo pai, como também...

— Pela sua mãe. — Não acho que aquela mulher merecesse ser chamada de mãe, mas não queria discutir o assunto com Benjamin. — É normal eu estar preocupado com o que está acontecendo entre você e essa garota? Uma coisa é subornar juízes por debaixo dos panos, e arrendar terras por meios legais duvidosos. Outra é jogar toda a merda que você sente por Suzana e por aquele cigano, em uma garota que não tem ideia de onde está se metendo.

— Ela tem algo que me pertence — foi tudo o que falei. — Mas não terá por muito tempo. — Acendi um charuto, deixando-o queimar.

A fumaça me acalmou enquanto ele também se servia de uma bebida.

— Não vai adiantar se eu disser para ir com calma, não é? — Não, não iria.

E foi por isso que eu me inclinei, e o encarei.

— O seu papel e o de Sierra, dessa vez, será o de garantir que toda decisão que eu tomar daqui em diante, não deixe rastros.

— Ou consequências — ele completou, e fez um brinde seco no ar que eu não participei. E em vez de estender meu copo, como Benjamin o fizera, eu preferi virá-lo inteiro.

Álcool, assim como as feridas, eram mais fáceis de suportar se enfrentados de uma vez.



— Aqui está, Sr. Alencar. — Minha assistente colocou sobre a mesa a caixa com o aparelho telefônico que eu havia lhe pedido para buscar na loja essa manhã. — Eu já o configurei como pediu, seu número está salvo e o GPS ativo.

Ótimo, pensei.

— Obrigado — agradei, sem olhar para ela. — Agora peça para que a Srta. Ventura venha até a minha sala. Quando ela chegar, eu não quero ser interrompido. — Olhei do aparelho para a tela do computador. Mais uma reunião no final desta tarde, e eu retornaria para Sertãozinho.

Enquanto aguardava por Sierra, pensei em Estela e nas atualizações que vinha recebendo de Levi — o responsável por manter a ciganinha longe de problemas — na última semana. De acordo com ele, ela não parecia satisfeita por tê-lo vigiando seus passos, e sempre que podia o olhava com uma expressão zangada.

Duas batidas na porta, e a minha eficiente advogada entrou no escritório. Ela não esperou por uma autorização, Sierra não precisava disso. Sorrindo ao se aproximar, ela se sentou na cadeira à minha frente e cruzou as pernas.

— O que descobriu sobre o que te pedi?

— Ainda nada, estou tentando rastrear os últimos registros médicos dela, além dos que ela apresentou para oficializar a procuração, mas não é

fácil.

— Expanda o território, vá mais longe. Talvez ela tenha visitado algum médico por aqui. Hortência não se arriscaria consultando alguém rastreável.

— Bem pensado, as e quanto a você? — Ela olhou para o pacote. — Aconteceu algo ao seu telefone?

— Não, isso aqui se trata de um presente. — Fui avaliado.

— Para a cigana?

— Achei que seria bom ter um meio que facilitasse a nossa comunicação. Há muito trabalho a ser feito aqui na capital, para que eu me ausente por tanto tempo. Só que não foi para falar sobre isso que a chamei aqui, a verdade é que gostaria que me desse um conselho. — Sierra ergueu o olhar, fitando-me com extrema atenção. — O que eu precisaria fazer para conquistar uma garota que jura que só irá se entregar ao homem com quem for se casar?

Ela riu, assim como Benjamin fizera.

— Não me diga que a cigana é dessas...

— Então?

— Você realmente quer o meu conselho?

— Não sei, Sierra. Acho que no fundo quero apenas ver isso do ponto de vista de uma mulher.

— Seja o homem com quem ela acredita que irá casar, Augusto. É simples.

Simples?

Nenhuma das relações que tive me empurraram para perto de uma situação como esta. Quero dizer, como eu poderia ser o homem que Estela esperava, se não possuía nada dele dentro de mim?

— Dê-lhe flores, seja romântico... charmoso. Essa última parte não

será difícil.

— Flores?

— Algumas mulheres gostam — disse, dando de ombros. — Quando você viaja?

— Essa noite. — Sierra me encarou, acho até que o mesmo passando por nossas cabeças.

Eu não estava conseguindo manter-me afastado. Se da fazenda ou de Estela, era o que nenhum de nós dois sabia ao certo.

— Eu não vejo a hora de tudo se resolver — confidenciou.

— Você não é a única.

Homens em minha posição não gostavam de ter de lidar com imprevistos. Nós trabalhávamos para que, quando eles viessem, soubéssemos como resolvê-los. E quando isso não acontecia, quando a solução não dependia de nossos esforços, bem, a coisa se tornava um pouco mais complicada. Perder o controle não era algo que se aceitava de um dia para o outro.

E Sierra sabia, assim como eu, que o controle dessa situação era a última coisa que eu possuía.



Passava das oito da noite quando o King Air 350 decolou, um voo que normalmente não durava mais do que quarenta minutos. Mantive os olhos cerrados durante a viagem, usando aqueles poucos minutos para afastar o estresse e todo o nervosismo da semana, só voltando a abri-los quando o bimotor sobrevoou os cafezais. Mesmo com a noite caída, eu vi o sinalizador na pista de decolagem da fazenda. Seria um pouso rápido, Fred era um piloto experiente e desde a compra do primeiro avião da frota do Grupo Alencar, era

ele quem viajava comigo.

Como presidente do Grupo, havia um consenso de que algumas medidas eram importantes a se considerarem a respeito da minha segurança. Um piloto em que eu pudesse confiar era uma delas.

Ainda durante o pouso, eu reconheci os dois carros parados as margens da pista. Um deles era o meu jipe; o outro, a caminhonete que Levi dirigia. Com a viagem de Venâncio, e por consequência de Ramon, eu o tinha deixado encarregado de cuidar dos detalhes do meu retorno.

Se havia conseguido, eram outros quinhentos.

Desci do avião, segurando uma mala de couro em uma das mãos, enquanto procurava por ela. Um pedido que fiz a Levi quando o informei sobre o meu retorno. Eu a queria aqui quando chegasse, e Estela estava.

Saindo do carro de forma hesitante ela olhou para Levi, em dúvida, como se achasse que o brutamonte fosse brigar com ela, mas acabou seguindo seus instintos e correndo em minha direção. Fui pego de surpresa, não pelo sorriso que me lançou, mas pela forma como se jogou em meus braços. Estela não tinha vergonha, era a safada mais inocente que eu conhecia.

Soltei a mala, incerto sobre como reagir ao seu gesto impulsivo.

— Eu senti tanto a sua falta — disse ao enlaçar suas pernas ao redor do meu quadril.

Era sempre assim. Essa garota se aproximava e minha mente entrava em parafuso.

— Eu também senti a sua, ciganinha. — Ela me beijou, pouco se importando que o piloto e Levi assistissem a tudo. — Agora, por que não vai para o carro e espera por mim? Eu preciso liberar o Levi...

— Eu não gosto dele! — Claro que não gostava.

— Nós vamos conversar sobre isso, ok? — Estela assentiu, e circulou o carro apenas para não passar perto de Levi. A expressão brava em seu rosto

o tempo inteiro era dirigida ao homem que não parecia nem um pouco intimidado.

— Há algo que eu deva saber? — perguntei a ele. Eu não o tinha deixado para trás apenas para vigiar Estela, eu o fiz porque queria me certificar de que Bandeira, a quem meu pai se recusou a demitir, tinha entendido bem o recado dado através do meu segurança.

— Tudo na mais tranquila paz, ela andou para lá e para cá, mas nada aconteceu.

— E quanto ao Ramon? — Eu não tinha estado aqui quando o filho da puta partiu com Venâncio.

— Ele não causou problemas, Estela o procurou, mas foi isso.

— Ela o procurou?

Levi assentiu.

— Acredito que tenha sido para se despedir, Augusto. Nada mais.

Olhei para dentro do carro, atingido pelo ciúme. Despedida ou não, eu não gostava da ideia daqueles dois juntos, porra.

Ela era minha.

A certeza passou pela minha cabeça, mas como tantas outras vezes eu a ignorei.

— Vá para o hotel e descanse, Levi. Eu cuido dela essa noite.

Levi assentiu, mas antes de se afastar, ele se voltou para mim e perguntou:

— Tem certeza de que ela precisa ser envolvida no que está planejando?

Levi me conhecia melhor do que ninguém, quando o conheci ele já era uma alma velha, como eu costumava dizer. E toda essa porcaria de equilíbrio *mente versus corpo* que pregava, pode até ter ajudado a manter minha raiva estabilizada. O foco no que era importante. Mas nós não éramos

iguais. Ainda assim, se havia alguém que levaria a porra de um tiro por mim, eu sei que seria ele.

— Infelizmente, sim.

O homem assentiu, olhou para o carro uma última vez e se afastou.

Estacionando em frente à porteira da fazenda de Hortência, com os faróis desligados para não sermos vistos, eu escutei o arfar baixinho de Estela em meu colo.

— Por que aquele homem tem me seguido por todo o canto? — quis saber, angustiada. Ergui seu rosto, vermelho por conta das carícias que havíamos trocado instantes atrás.

As saias de Estela permaneciam enroladas em seu quadril, e eu podia sentir o calor que emanava de suas coxas.

— Para a sua segurança.

— Eu não preciso... — Ela iria protestar, mas eu a calei colocando um dedo em frente à sua boca.

— Enquanto eu estiver longe, eu não tenho como me certificar de que nada aconteça a você, Levi é a forma que encontrei para ter um pouco de paz.

— Se você ficasse aqui de vez, ele não teria que ficar atrás de mim com aquela cara azeda. Ele dá medo, Augusto.

Eu tinha quase certeza de que ela dava mais medo a Levi do que o contrário, mas enfim.

— Eu não tenho como ficar aqui de vez, Estela. Meu trabalho está na capital. Eu posso administrar a fazenda de lá, mas não posso administrar o que acontece por lá, daqui.

Estela pareceu decepcionada.

— Ei, não fique triste.

— Eu não estou — garantiu, mas a expressão em seu rosto dizia o contrário.

— Estive pensando sobre isso, sobre esse tempo que preciso passar em São Paulo, e acabei comprando um presente para você.

— Outro perfume?

— Não. Pensei em algo mais prático dessa vez. Algo que ajude você a falar comigo sempre que precisar.

— Mas... — Peguei a sacola no banco de trás e lhe entreguei.

Observei enquanto Estela abria a embalagem, e franzia o cenho.

— Você está me dando um celular? Por quê?

Ela não compreendeu.

— Para que você tenha como falar comigo quando eu estiver longe.

Estela mordeu o lábio, hesitante e me empurrou o aparelho.

— Eu não quero. — A expressão em seu rosto ficou séria.

— Por que não?

Ela me encarou.

— Eu não sei, só não quero... toma. — Não peguei o celular de sua mão; em vez disso, deslizei o dedo por seu braço parando exatamente onde o bracelete a apertava. Ela adorava essas coisas. *Era tão ela*. Acaricieei a peça, sem afastar meus olhos.

— Eu não vou aceitar ele de volta, é seu — falei com firmeza para que entendesse, mas Estela permaneceu calada. — É por causa do seu pai que não o quer? — Ela sacudiu a cabeça, envergonhada. — Por que, então? Achei que fosse gostar de conversar comigo enquanto eu estiver na capital.

— Eu não sei como usar — admitiu, por fim. — Não há botões — sussurrou, ainda mais desconfortável. — O de Suzana tinha vários botões. Todos pequenos. Mas meu pai não gostava que eu o usasse. Ele dizia que cresceu sem um, então eu também poderia...

— Seu pai é um infeliz! — Seus olhos se arregalaram, pelo susto. —

Ele não apenas te negou a chance de crescer com o seu povo, como foi orgulhoso a ponto de não permitir que se adaptasse ao mundo real. Você cresceu presa em um limbo, Estela. E por quê?

— Meu pai queria que eu tivesse um futuro melhor do que o que minha mãe teve. Que eu pudesse fazer escolhas...

— E você as faz? — perguntei de forma dura. E o olhar que me lançou confirmou o que eu já imaginava.

— Por que está bravo?

— Não estou bravo. — Só não gostava de ver a forma como Estela foi privada de pequenas coisas, e do quanto isso a tornava alienada. Se foi de propósito ou não, já não importava. Mas para quê afastá-la de um grupo que a teria acolhido para deixá-la passar por tudo o que passava no meu mundo?

— Então me beija. — Sua voz veio macia, doce.

Fascinado, eu deslizei a mão pelos seus braços, ombros e pescoço, que foi por onde a segurei. Estela sorriu com os olhos, e eu a beijei. Por tanto tempo, e de forma tão intensa e louca, que juntos perdemos a noção de tudo.

ESTELA SAAVEDRA

No dia seguinte, eu observei Augusto acrescentar o número de Levi ao telefone, que vinha tentando me ensinar a usar. Nós estávamos na nascente, eu sentada no capô do jipe, e ele entre as minhas pernas. Olhei para a tela do aparelho e suspirei. Eu compreendi a maior parte do que ele dissera, mas não estava exatamente feliz em ter que falar com Augusto através de um celular. Não parecia real.

Eu não podia senti-lo dessa forma.

— Você pode colocar uma foto sua nele? — pedi, encontrando outra utilidade para o bendito telefone.

— Farei melhor, eu irei ensiná-la a usar a câmera, o que acha?

— Eu só quero uma foto sua.

— Pense em tudo o que poderia fotografar...

Sorri para ele.

— Eu não preciso fotografar quando já tenho tudo em minha cabeça, Augusto. Não faz sentido.

Como se me considerasse esquisita, ele assentiu.

— Ainda assim eu a ensinarei, ok?

— Ok.

Passamos vários minutos testando a minha capacidade de tirar fotos com o aparelho. Mas meu interesse não era fotografar a paisagem, e sim Augusto. Que se esquivava toda vez que eu apontava o telefone em sua direção.

— Você está muito sério hoje — disse, deixando a insegurança assumir. Eu não gostava quando ele ficava assim, todo introspectivo.

— Impressão sua.

— Você acha que quem tentou fazer aquilo comigo tentará de novo? — perguntei, dando voz a preocupação que não saía da minha cabeça.

— Não. Mas para todo o caso, Levi estará aqui se algo acontecer. — A presença daquele homem não me deixava mais tranquila.

— Tem certeza de que ele não é ruim?

— Tenho. Levi é o terceiro na minha linha de confiança.

— Quem são os dois primeiros?

— Meus advogados.

— A loira também?

— Sim — respondeu, de forma seca. Eu já tinha notado que ele não gostava de falar sobre ela.

Querendo entender, eu continuei:

— Eu entro aonde? — Minha pergunta o fez sorrir e prender aqueles olhos azuis lindos em mim.

— Você entra aqui, Estela. — Augusto levou a minha mão até o seu coração, deixando-me estranhamente nervosa e feliz.

— Eu quero muito te beijar de novo... — Se tinha algo em que eu era viciada era em seus beijos.

— Quer, não é?

Sem esperar para que tomasse a iniciativa, eu arrastei os meus lábios em sua boca. Tomando mais do seu gosto. Quando a língua quente escorregou para dentro da minha boca, se chocando a minha língua, Augusto me segurou pelo quadril encaixando nossos corpos. Sorri em meio ao beijo, e isso só o deixou mais excitado.

— Eu preciso sentir você, Estela — grunhiu, arrastando a mão até a minha nuca, deixando-a se perder no ninho selvagem que era o meu cabelo. — Quero provar você inteira, mordê-la...

— Augusto — gemi seu nome. — Eu... eu achei que você fosse me ensinar a usar o celular.

— E vou. Mas antes preciso saber se sou o único louco aqui. Não é possível que você não seja afetada por essa merda... eu quero você debaixo de mim.

Arfei, lembrando-me de como o seu toque era gostoso. De como estar com Augusto fazia com que eu me sentisse bem.

— Me diga... como é fazer amor — pedi baixo, vendo a expressão em seu rosto endurecer.

— Por que quer saber? — Sua voz soou rouca, enquanto ele erguia o meu queixo. — O que exatamente quer saber?

— Tudo. Como eu vou me sentir, o que vai acontecer. Eu quero saber tudo.

— Você tem que ter em mente que cada homem faz com que seja

diferente. — Assenti, atenta. — A forma como eu faria você se sentir não é a mesma que outro homem poderia vir a fazer.

— A sua forma é melhor?

Ele voltou a sorrir, e em seguida ficou sério.

— Eu a levaria devagar — disse, com calma. — Beijaria sua boca por horas, que é definitivamente a minha fraqueza. Depois beijaria seu pescoço, e o morderia com certeza. E então, eu tiraria a roupa que estivesse vestindo. Também devagar. Meus dedos a tocariam por todas as partes, por aqui, principalmente. — Augusto escorregou as mãos pelos meus seios inchados, que se arrepiaram diante do seu toque. — Beijaria sua barriga, afundaria a língua nesse seu umbigo que me tenta sempre que o vejo. Eu continuaria a descer... até alcançar sua pequena boceta. Então eu a chuparia. Faria isso até que gozasse em minha boca. E só depois, quando você estivesse saciada e lambuzada de tesão, eu penetraria você e te faria minha.

Ofeguei baixinho, sendo beijada de forma suave.

— Eu ainda não estou pronta — murmurei contra a sua boca. — Mas quando estiver, eu quero que seja com você, Augusto.

Senti-o enrijecer, afastar sua boca da minha, e me fitar com aqueles olhos intimidantes. Como se soubesse tudo o que havia por detrás de minhas palavras. Calado, ele acariciou o meu rosto, como se eu fosse algo precioso, e em seguida voltou a me beijar profunda e apaixonadamente.

CAPÍTULO 14

AUGUSTO ALENCAR

Capital
Semanas depois...

Benjamin e eu nos dirigimos à mesa reservada no restaurante em que Sierra marcou a reunião desta noite. Um único olhar, e foi possível vê-la toda sorrisos no bar acompanhada de Klaus Stein: o empresário alemão com quem vínhamos fazendo negócios há alguns anos. Foi proposital fazê-la chegar cedo, assim como era o nosso atraso.

— Devo enviar uma mensagem a Sierra avisando que chegamos? — Benjamin quis saber, enquanto segurava o aparelho telefônico em sua mão. A ideia de usá-la como isca a fim de convencer Klaus a assinar o novo contrato, que o manteria preso ao Grupo Alencar pelos próximos anos, foi a forma que encontrei de unir o útil ao agradável e aproveitar a passagem dele ao Brasil.

Klaus tinha contatos no país, suas passagens por aqui eram ocasionais, mas sempre acompanhadas de jantares e festas de gala, as quais minha equipe e eu éramos sempre convidados.

— Ainda não — respondi a Benjamin. — Vamos sentar, pedir uma bebida e aí sim, avisamos a ela sobre a nossa chegada. Não há pressa. — Quando tivesse que lidar com Klaus e sua arrogância, eu esperava que o

homem já estivesse preso aos encantos de Sierra.

O infeliz era conhecido por sua fraqueza, adorava mulheres brasileiras, latinas. O sangue quente que ele costumava dizer encontrar apenas por aqui, nas terras tupiniquins.

— Sierra não precisará dormir com ele, não é? Seduzir foi tudo o que pediu? — Benjamin perguntou, desconfortável.

— Eu pedi apenas para que ela fosse simpática com Klaus, Benjamin, nada mais do que isso. Se Sierra acabar na cama com ele, é por decisão dela e quer saber? Seria algo totalmente desnecessário. Klaus não é louco de se esquivar do contrato. — Meu advogado olhou na direção do bar antes de se sentar, e aquiesceu.

— Alguns empresários com quem falei essa semana... não ficaram satisfeitos com as novas cláusulas, Augusto.

— O que esperavam? — grunhi, baixo. — Os filhos da puta estão ganhando três vezes mais em cima do que produzimos, Benjamin. Não vou permitir brechas para que encontrem um novo fornecedor quando houver o aumento nas sacas de café. É isso, ou eles que lidem com as consequências.

E elas não seriam suaves. Uma recusa e eu fecharia facilmente o mercado para quem quer que fosse. Meu nome era um dos principais ligados à diretoria do comércio de café no país. Uma palavra ou insinuação da minha parte...

— Klaus é um filho da puta. — Notei que a atenção de Benjamin seguia ao que acontecia às minhas costas.

— Você tem andado preocupado com Sierra. O que está acontecendo entre vocês dois?

Além do sexo que eu tenho certeza de que em algum momento eles voltaram a fazer. E não, porra, eu não dava a mínima. Desde que o que acontecia entre eles não interferisse no meu negócio.

— Sierra é quem tem se preocupado — rebateu, frustrado. — Não saber o que vem se passando entre você e a cigana a tem deixado nervosa. O

tempo está passando, cara... e até agora essa merda não parece nem perto de ser resolvida.

Ele estava certo. Semanas haviam se passado desde que Estela admitiu que, quando estivesse pronta, eu seria o único a tomá-la. O problema era que esse estar pronta poderia ser tanto agora quanto daqui há meses. Eu não fazia ideia do tempo que levaria até que aquela garota cedesse à excitação que obviamente sentia.

A ciganinha parecia faminta dos meus beijos e carícias. Uma tarada, que amava ser chupada e sempre pedia para sentir seu gosto em minha boca. Nunca tive a porra dos lábios tão mordidos como desde que a conheci.

Sacudi a cabeça, pensar nela agora seria suicídio. Eu precisava da mente clara para lidar com Klaus, sem distrações. E Estela, por mais louco que fosse, era a maior distração de sempre. Minha cabeça, corpo e tesão... eram todos dela.

E enquanto a garota não cedia, eu procurei em cada chance que tive por uma fresta nas documentações de Hortência. Ao mesmo tempo que mantinha a impaciência de Alfredo sob controle. Mesmo longe, atolado de compromissos fora e dentro da capital, eu não me descuidei do infeliz. Meu pai tinha o meu sangue, porra, então é claro que eu sabia do que era capaz.

Antes que Sierra chegasse, verifiquei meu celular e respondi a mensagem de Estela, querendo saber se podia falar comigo naquele momento.

Estou em um jantar de negócios, ligo para você amanhã.

Estou com saudade.

A resposta veio em seguida, trazendo à tona a sensação da qual vinha me acostumando. A inquietude. O medo de que tudo desse errado.

— Você tem andado distraído, Augusto. Essa merda não é boa —

Benjamin disse, mas até então não havia nenhuma novidade. — Está aqui, mas sua cabeça está na garota.

Encarei Benjamin e assenti, distraído.

— Para quando está marcada a viagem para Colômbia? — Haveria um congresso internacional sobre importação e exportação de café. O Grupo Alencar seria uma das produtoras com chances de ganhar o prêmio de excelência em café arábico. Seriam quase duas semanas fora, fazendo negócios e contatos. Duas semanas para afastar a mente de toda essa porcaria.

— Tenho que verificar no calendário, mas não está tão longe. — Eu não tinha muito tempo, então. — Acha que consegue resolver tudo até lá? — Eu sabia o que Benjamin queria dizer. Resolver tudo incluiria colocar Estela e o pai para fora daquelas terras. Afastá-la de Sertãozinho. — Augusto?

— Eu vou tentar — falei entredentes, virando a bebida em uma golada só. Quase que no mesmo instante em que Sierra e o Klaus entravam, vindo em nossa direção.

Passei o restante do jantar, mal-humorado. Sem paciência, deixando que meus advogados e o gerente de Klaus cuidassem de tudo. Ao fim da noite, quando todos já haviam se despedido, restando apenas Benjamin, Sierra e eu, nós fomos até o bar e pedimos uma última bebida. Sentamo-nos em um canto afastado e conversamos sobre a semana. Minha cabeça longe.

— Por que está tão sério? — Sierra perguntou, em determinado momento. Os dois, acima de qualquer coisa, eram meus amigos.

Olhei para Benjamin, que respondeu por mim:

— Ele está chateado porque o momento de se despedir da cigana está se aproximando.

— Finalmente. Eu já estava me perguntando se você não havia decidido se casar com ela apenas para levá-la para a cama. — Não vou mentir, a ideia passou pela minha cabeça na hora do tesão. Estela não confiava em mim ainda, não nesse sentido. Seu corpo, apesar de já não ser intocado, continuava virgem. Guardado para o fodido com quem ela acreditava que se casaria.

Ela poderia pensar que sim, mas esse homem não seria eu.

— Não há possibilidade de que consiga a assinatura dela sem ter de levá-la para a cama? — Benjamin quis saber, mas foi Sierra com sua sagacidade quem respondeu:

— O sinal de que ela confia em Augusto e que fará tudo o que ele pedir é justamente esse, Ben. A virgindade. É isso que Augusto está esperando. Não é?

Assenti. Se havia alguém que saberia me ler em qualquer situação, essa pessoa seria Sierra.

— Ela ainda não confia inteiramente em mim. Não o suficiente.

— O que precisa para que isso aconteça? — Benjamin perguntou, e eu olhei para Sierra. Ela era mulher, porra. Deveria saber.

— Vejam como eu vejo, sim? Augusto entrou na vida dessa garota e arrasou com tudo. A faz mentir para o pai, para a Hortência. A menina liga para ele de uma em uma hora apenas para dizer que está com saudade. Eu diria que ela está apaixonada, mas o que Augusto fez até agora para provar que está apaixonado por ela? Que sinal ele deu de que quer que ela faça parte da vida dele além dos esporádicos encontros?

— O que quer dizer, Sierra?

— Faça com que essa garota sinta que você quer o mesmo que ela. Você já mostrou ser um homem encantador, já fez a bichinha se apaixonar. Está na hora de entregar a ela um pouco da sua realidade.

Recostei contra o banco, apagando o charuto que tinha em mãos. Haveria um jantar de gala na próxima semana, convidados discretos e ligados aos contatos que Klaus e eu possuíamos. Não acho que alguém se importaria se eu fosse acompanhado. Tudo bem que uma festa assim não seria o lugar ideal para colocar Estela, mas a faria sentir meu comprometimento. Fora que... seria a oportunidade ideal para que tivéssemos privacidade.

O ambiente certo. Os beijos certos, a carícia... e a chance de Estela se entregar triplicavam.

— Eu irei precisar de um favor seu — falei, dirigindo-me a Sierra com um plano em mente.

Um que teria que dar certo.



Antes de descer o bimotor e me juntar a Venâncio, eu lembrei o piloto do voo que faríamos na manhã seguinte, que era quando eu retornaria a São Paulo. Claro, com um assento de passageiro a mais ocupado.

De longe, avistei Levi e Venâncio, com quem conversei rapidamente. De acordo com o administrador, Ramon aceitara sem criar dificuldade a minha sugestão de permanecer por algum tempo afastado, o infeliz continuaria o seu trabalho em Minas Gerais, fazendo o que sabia fazer, mas sem interferir na minha merda.

— Tudo bem por aqui? — perguntei a Levi, enquanto ele me acompanhava até o carro onde Estela me aguardava.

— Sim, só a sua garota que tem andado um pouco agitada. — Assisti ao momento em que ela abriu a porta do jipe e saiu parecendo insegura.

Aproximei-me dela, beijando primeiro a sua testa e em seguida os lábios cheios. Um gesto carinhoso que fez com que Estela me abraçasse.

— Odeio ficar longe de você — disse em um murmúrio, com os olhos úmidos. Não era assim que ela costumava me receber.

— O que houve, Estela? — perguntei, ao perceber que por ela nós ficaríamos assim a noite toda.

— Tive sonhos ruins a semana inteira, Augusto, o aperto em meu peito voltou e isso nunca é bom.

Fazia tempo que ela não dizia nada a respeito de suas intuições. Não

que eu acreditasse que realmente existissem.

— Podemos conversar no carro?

Ela assentiu, mas não me soltou.

— Eu não vou fugir, Estela, estou aqui.

Minha ciganinha hesitou antes de subir no jipe, que parecia ter o seu cheiro. Rosas, suave. Gostoso pra caralho.

Nunca imaginei que algo tão doce, e barato, pudesse me deixar tão louco.

Dei partida no carro, levando Estela para fora da pista e do olhar de todos. Venâncio, Levi... o piloto. Eu não gostava da ideia de outros homens olhando para o que era meu, e Estela, nesse momento, definitivamente era minha. Pensei na conversa que meu segurança e o administrador deveriam estar tendo no outro carro: o pedido de Levi para que Venâncio mantivesse o olho bem aberto no que acontecia a essa fazenda pelo tempo em que Estela estivesse longe.

Uma conversa extremamente necessária. Porque, quando as pessoas de Sertãozinho se dessem conta de onde e com quem Estela estava, haveria muito cabra nervoso por essas bandas. Meu pai era um deles. O outro infeliz, bem, o outro era o pai de Estela. Um lado meu estava louco para descobrir como o desgraçado iria reagir.

Porra, eu daria qualquer coisa para estar na primeira fila quando acontecesse.

Quanto ao que precisava ser feito, eu me certificaria de que tudo saísse como o planejado. Só assim poderia partir para a etapa em que cumpriria a promessa que fiz ao meu pai e destruir o cigano imundo.

Tudo a seu tempo.

ESTELA SAAVEDRA

— Aonde a gente vai? — perguntei, após minutos de silêncio. Não o

do tipo desconfortável, mas aquele que pessoas íntimas compartilhavam.

— Aonde nós vamos você quer dizer — Augusto me corrigiu, e eu fiz uma pequena careta para ele. Não que o tenha deixado me ver.

Todos os outros momentos, porém, valiam a pena. E era só por isso que eu conseguia mentir para meu pai e a tia Hortência. Caetano, em meio à dor da partida de Suzana, não prestava atenção em mim ou ao que eu fazia, desde, é claro, que eu não o envergonhasse. O pressentimento de que ele iria odiar quando descobrisse sobre mim e Augusto, no entanto, vinha tirando o meu sono todas as noites. Em algumas dessas noites, eu me sentia tão perdida e culpada que chorava por ter de mentir para as pessoas que eu amava.

Tia Hortência, diferente do meu pai, não era tão fácil assim de se enganar. Via o seu olhar me avaliando enquanto eu fazia a limpeza de sua casa. As perguntas pouco inocentes que soltava aqui e ali. Mas permaneci forte, dizendo inclusive estar à espera de Ramon, repetindo o quanto estava com saudade dele. *Eu odiava isso, droga.*

Tocar no nome de Ramon era o suficiente para fazê-la se acalmar. Mas não era com sua desconfiança que eu vinha me preocupando, e sim com os constantes mal-estares que Hortência vinha sentindo. A dor de cabeça, que sempre a fazia ir para a cama cedo. Ou a fraqueza que quase sempre a impedia de se esforçar demais.

A teimosa precisava ir ao médico, essa era toda a verdade.

— Quer jantar antes de conversarmos? — Augusto perguntou, ignorando minha pergunta. Ele estava distraído, o que só aumentou o meu nervosismo.

— Não estou com fome não. — Eu queria beijar ele, ir para o seu colo, que era onde me sentia segura. E não sair de lá nunca mais.

Quanto mais tempo ficávamos juntos, mais difícil era vê-lo retornar para a capital. Meu coração doía de saudade, meu corpo ainda mais.

— Vamos direto para a nascente então, há algo que preciso falar com você.

— Há?

Augusto assentiu, e sorriu de forma contida. Um gesto que fazia sempre que estava preocupado. Quando chegamos ao nosso pequeno pedaço de paraíso, eu não esperei para que ele chamasse e fui imediatamente tirando o cinto e me sentando em seu colo. Senti suas mãos me tocarem com a mesma paixão, seu toque me redescobrando como ele fazia após ficarmos tanto tempo separados.

— Me beija — pedi, baixinho.

— Ainda não. — Seus dedos afastaram o meu cabelo dos ombros, a ponta deles percorrendo minha pele. — Eu estive pensando muito em algo nos últimos dias.

— Tem a ver com a gente?

— Sim.

— Bom ou ruim? — perguntei apreensiva, odiando a hesitação que vinha dele. Seu olhar, assim como os seus dedos passeavam pelo meu corpo.

— Se você aceitar será bom, Estela.

Apreciando o carinho, eu me aconcheguei um pouco mais em seus braços. Minhas mãos massageavam-no pelo ombro, deslizando até o pescoço largo.

— O que acha de viajar comigo para a capital? — Congelei em seu colo, e o encarei. O olhar sério em seu rosto me dizia que falava sério.

— A capital? — Eu nunca tinha conhecido São Paulo. Papai e Suzana sempre optaram por cidades pequenas, do interior. E no fundo eu acho que sabia por quê.

— Sim, o que me diz? — Eu o encarei, sentindo minha agitação crescer.

Esperei pela voz que iria me avisar sobre o que fazer, mas ela não veio. Apenas senti o frio incomum na barriga e uma curiosidade de outro mundo.

— Quando... seria? — A pergunta que eu deveria fazer nem era essa, droga. Eu sabia, lá no fundo que seria impossível ir com ele.

— Amanhã. Eu quero que venha comigo amanhã, haverá um jantar de gala a qual terei de comparecer e eu gostaria que fôssemos juntos.

Jantar de gala, isso parecia outro mundo para mim.

— Você quer que eu vá? Quer que eu conheça seus amigos?

— Não são bem amigos, Estela. São mais contatos profissionais. Eu vou, converso com alguns deles, marco reuniões... funciona basicamente assim.

— Não me parece divertido. — Ele sorriu, massageando o meu lábio com o polegar.

— E não é. Mas é o que eu faço, o meu trabalho. — Passei a língua pelo lábio que ele tocou, umedecendo seu dedo. Fazendo-o me encarar com mais intensidade. — É onde eu quero que você esteja amanhã.

Eu queria ir, mas...

— O meu pai não vai deixar que eu passe a noite fora, Augusto. — Papai andava bastante retraído nos últimos tempos. Mais calado do que o normal. — Eu nem ao menos sei como pedir algo assim a ele.

— Diga a verdade, conte que estamos juntos.

— Papai não vai gostar. Eu o conheço. — Augusto segurou a minha mão, e entrelaçou os dedos nos meus.

— Se quiser, eu posso falar com ele.

E causar um desastre? Não mesmo. Eu quase podia imaginar como papai ficaria quando soubesse, e talvez fosse por isso que eu vinha me sentindo tão agitada. Porque sabia que as chances de eu o decepcionar seriam grandes.

— Não, eu... agradeço, mas papai sequer o receberia. Se for para pedir, eu preciso fazer isso sozinha.

— Tem certeza?

— Sim — disse ao assentir, olhando para o lado de fora do carro preocupada.

— Ei. — Tive meu rosto virado. — Irá ficar tudo bem.

— Estou com medo. — Era um medo que não tinha explicação, mas que me rodeava como uma presença indesejada.

— Você quer vir comigo?

— Muito.

— Então fale com seu pai, diga a ele que estamos juntos. Que é sério. — Meu coração pulou uma batida. — Se por alguma razão seu pai vier a dificultar, eu converso com ele, tudo bem?

— Tudo bem — confirmei, rezando a Santa Sara Kali para que não fosse preciso a interferência de Augusto. Talvez, quando papai entendesse que era sério e que meu coração já estava tomado, ele aceitasse o meu relacionamento com o filho de Suzana. — *Me volis tu.* ⁵

— O que disse? — Sorri, diante da expressão confusa em seu rosto.

— Eu disse... *me... volis... tu.*

— O que significa?

Sacudi a cabeça, eu não iria dizer a ele. Não mesmo.

— Vai me deixar no escuro?

Movi a cabeça, dessa vez assentindo.

— O que eu faço com você? E não me venha com essa de te beijar... eu amo beijar você, porra, mas eu preciso de mais.

— Mais como... me beijar lá embaixo?

Augusto ficou sério, apertando os meus braços com os dedos.

— Me diga o quanto você gosta quando eu te beijo lá embaixo —

pediu, a voz soando autoritária. Era assim que ele ficava quando estava excitado: mandão, todo exigente.

— Muito. Eu gosto muito.

Augusto deslizou a mão até o meu tornozelo enquanto eu apreciava a sensação tomando conta de mim. As mãos dele subiram, devagar, passando pela minha perna, em seguida pela parte interna de minhas coxas, que ele separou, abrindo-as para que seus dedos pudessem afundar no meio delas.

— Sua descarada.

— Só com você. — Arqueei o quadril em sua direção quando ele afastou a calcinha, e deslizou a ponta do dedo grosso diretamente no monte pequeno e sensível do meu clitóris. — Só... com você, Augusto — murmurei de novo, mordiscando o lábio dele enquanto sentia a textura áspera do seu polegar subir e descer pela minha umidade. — Só para você.

Eu amava a forma como Augusto manuseava o meu corpo e me dava prazer. Quando o meu orgasmo vinha, e ele sempre vinha, eu via estrelas. Milhares delas.

— Só para mim — o homem grunhiu ao tomar minha boca.

Seus dedos estavam confortáveis demais entre as minhas pernas, para que eu pensasse em retirá-los.

— Você também sentiu a minha falta? — perguntei, ofegante, nos entreolhando em meio ao beijo.

— O que acha? — Eu esperava que a saudade dele fosse tão intensa quanto a minha. Que lhe tirasse o sono, a razão. Toda a paz. — Eu passei anos sem pisar nessas terras, Estela, por que acha que tenho voltado semana após semana?

— Por minha causa — falei, esperando que concordasse.

— Por mais ninguém, ciganinha.

Estela abaixou a barra da saia, com seu corpo buscando por abrigo quando minhas mãos nem mesmo haviam se afastado. Segurando-a pelo quadril, eu arfei em seu ouvido. Sentindo a pele da cigana suada, quente, assim como eu me encontrava. A camisa de linho se agarrava em meu tórax, o mesmo em que a garota esfregava os seios inchados e durinhos. Não vou negar, eu amava que ela fosse fogosa. Que gostasse de ser chupada e pedisse por isso. Que soubesse exatamente o que queria e como queria.

Ela só não me deixava ir além. Nenhum dedo penetrado, nenhuma ideia de como sua boceta seria apertada. Mas eu podia imaginar, porra. E isso era tudo o que vinha fazendo nas últimas semanas: imaginar como seria quando estivesse dentro da ciganinha.

— Nós temos que ir. — Eu precisava falar com o Levi ainda.

— Ainda não. — Ela me agarrou, um pouco mais, movendo o quadril de forma a deixar a boceta aninhada exatamente entre a minha virilha.

E ela era inteirinha quente, maldição!

— Precisamos, Estela. Você tem que conversar com o seu pai, eu quero sair cedo amanhã.

Estela sorriu, genuína. Então, de repente, se mostrou insegura.

— E se ele não deixar?

— Ele vai. — Afaguei seu rosto, deslizando o dedo pelos lábios que passei a última hora beijando. — Não há com o que se preocupar.

Estela assentiu, confiando em mim, e algo em meu peito comprimiu. Era sempre assim, porra. A cada passo que eu dava para a frente, era uma batalha comigo mesmo.

Não deveria ser tão difícil mentir para essa garota.

ESTELA SAAVEDRA

O carro de Augusto parou na divisa, e após beijá-lo eu me preparei

para deixar o carro. O frio em minha barriga havia voltado e, dessa vez, com mais força.

— Quando terminar, me ligue, ok? — pediu. — Eu quero saber se está bem.

— Ligo sim. — Era a voz dele que eu queria escutar antes de dormir.

Ao entrar em casa, eu me deparei com papai dedilhando o violão. A música era triste, e ele sequer ergueu o olhar com a minha entrada. Porém, a pergunta veio do mesmo jeito:

— Por onde esteve?

— Papai, nós podemos conversar? — soei hesitante.

— Deixe de besteira e diga logo o que quer, Estela. — A impressão que eu tinha nos últimos tempos era de que Caetano andava impaciente, frustrado, e eu não podia culpá-lo por isso. Para piorar, havia toda essa inquietude o dominando, e isso sempre acontecia antes de nos mudarmos para algum outro lugar.

Suspirando baixinho, eu reuni a coragem que precisava.

— Quando se apaixonou por Suzana, o senhor... sabia quem ela era?

Meu pai levantou o olhar, fixando-o em mim.

— Que besteira é essa, Estela? Bem que Hortência disse que você tem andado muito esquisita... Fazendo perguntas tolas, toda distraída.

— Eu só quero saber se o senhor sabia que ela era casada com o Sr. Alencar. Que tinha um filho...

— Não. — Sua voz soou dura. — A primeira vez que coloquei os olhos em Suzana ela estava sozinha, foi só depois... que eu soube.

— Você já estava apaixonado por ela.

Ele não confirmou ou negou.

— Aonde quer chegar com essa conversa, Estela? Não tem nada

melhor para fazer, não?

— Acho que estou apaixonada, pai. Igual ao senhor ficou pela Suzana. Acho que...

— Que conversa idiota é essa, menina? — Ele não pareceu satisfeito. Sequer perguntou quem era. — Como acha que está apaixonada se eu não permiti que namorasse? Ramon nunca me pediu...

Neguei, movendo a cabeça agitadamente.

— Não é o Ramon, meu pai.

A expressão dele se tornou dura.

— Se não é ele, quem é então? Eu não conheço ninguém em Sertãozinho com quem você poderia... Estela. Quem é o maldito *gadjô*?

— Não foi planejado, pai, só aconteceu. Augusto e eu, a gente quer ficar junto...

Levou um segundo para que meu pai assimilasse o nome que eu havia dito. No instante seguinte, o tapa dele veio forte em meu rosto. Inesperado. Mesmo zonza, eu olhei para ele sem saber ao certo o que fazer, ou dizer. Papai nunca havia levantado a mão para me bater. Nunca.

— Sua perda! O que acha que aquele desgraçado quer com você? Como pôde se misturar com o filho daquele demônio?

— Não é assim... Eu não me perdi — falei nervosa. — Augusto me respeita, pai, respeita as coisas em que eu acredito. Eu estou contando porque ele... quer que eu viaje para a capital amanhã...

— Você não vai!

— Por que não? Já sou adulta, sei tomar as minhas próprias decisões... E eu confio em Augusto, pai.

— Mas eu não confio, Estela! Isso é razão suficiente para que você tire essa bobagem da cabeça, e o esqueça.

Esquecer Augusto?

— Eu o amo, meu pai. — Caetano se calou, encarando-me como se não me conhecesse. — Não há volta.

Amar era algo muito sério para a gente, ele sempre me dizia isso. Que uma mulher cigana só amava uma vez, que quando ficavam viúvas, elas não podiam se casar novamente. Viviam pela lembrança do marido morto e para os filhos. Era algo triste de se ver. Então tinha certeza de que ele sabia que, para eu ter dito essas palavras, era porque realmente as sentia. Não haveria ninguém depois de Augusto.

— É bom que se acostume com a ideia de deixar de amá-lo então, Estela. Porque com ele você não fica! — Não era tão simples assim. — Se acha, mesmo que por um minuto, que vou permitir que viaje com esse miserável e me envergonhe dessa forma é porque você não me conhece.

— Por favor, papai, eu nunca te pedi nada. Sempre fui uma boa filha, tudo o que peço é que confie em mim.

— Confiar em você?

— Eu quero ficar com ele. Quero ir...

— Se for, quando voltar você não tem casa. — Gelei por dentro, ele não podia estar falando sério.

— Pai.

— Estela, eu juro que, se você sair dessa casa para viajar com aquele homem, eu deixo de te considerar minha filha.

— O senhor não pode dizer isso! Eu nunca fiz nada errado, pai, e não estou fazendo agora...

— Não? O que acha que aquele infeliz quer com você, Estela? Homens como o Sr. Alencar só se envolvem com garotas como você por uma única razão...

— Isso não é verdade! — Não era. Augusto me fazia querer coisas que eu só pretendia fazer após o casamento, mas ele jamais me forçou ou pressionou. Ele me respeitava de verdade. — E nada do que o senhor diga irá

fazer a minha cabeça. Eu amo o Augusto, e não quero esquecer dele. Não quero!

Papai assentiu, nervoso.

— A escolha é sua, Estela. Eu não posso impedi-la de ir, mas não espere encontrar um lar quando voltar porque não é isso o que vai acontecer.

As palavras dele soaram tão definitivas, que machucaram o meu coração. Assisti-o se afastar, deixando-me sozinha na pequena sala. Não me dei conta das lágrimas escorrendo pelo meu rosto até que elas passaram a molhar os meus lábios. Desnorteada, fui até a varanda, sem ideia alguma do que fazer. Sei que poderia telefonar para o Augusto e contar o que havia acontecido, mas estava com medo dele ficar chateado e brigar comigo também.

Após ficar vários minutos olhando para o céu escuro, eu entrei em casa e tentei dormir. Meu choro soou baixo, abafado pela fronha de travesseiro, enquanto meu corpo seguia embolado sobre a cama. Fui acordada na manhã seguinte pelo som das batidas na porta da frente. Peguei o celular sobre a caixinha ao lado da cama, e ao tentar ligá-lo notei que a bateria havia descarregado.

Se Augusto tivesse tentado falar comigo, ele não teria conseguido.

Com pressa, eu puxei a camisa que vestia para baixo, e fui ver o que estava acontecendo. Para minha surpresa, papai ainda não havia saído, mas também não fizera nada para atender a porta. Era como se ele soubesse quem era.

— Não atenda, Estela — disse, com uma raiva mal contida. — O desgraçado irá cansar de bater e ir embora.

Olhei para a porta, os socos de Augusto faziam-na estremecer. A casa inteira parecia frágil demais, de repente. Sem ouvir meu pai, eu me aproximei dela e a abri mesmo sob os protestos de Caetano.

Forcei o corpo rígido e cheio de músculos para fora, tendo meu braço quase que imediatamente segurado.

— Que porra aconteceu com o seu rosto, Estela? — Levei a mão até a bochecha, mal me lembrando do tapa que levei de meu pai. A verdade é que eu não queria lembrar.

— Não foi nada. — Ele não acreditou, puxando meu rosto para ver melhor a pele ardida.

— Nada? Por que então não me atende desde a noite passada? Eu tenho tentado falar com você...

Augusto parecia agitado, e juro que, se eu não tivesse entrado na sua frente e posto as mãos em seu peito, ele facilmente teria passado por mim.

— Eu não posso ir, Augusto, meu pai, ele... ele ficou furioso quando contei sobre nós. Você nem deveria estar aqui... ele disse que, se eu saísse dessa casa, eu deixaria de ser a sua filha, e não quero que isso aconteça. Não quero.

— Você contou tudo e o desgraçado te bateu — ele concluiu, o semblante tornando-se assustador.

Assenti, devagar... e sem controle algum, Augusto me afastou e entrou em casa, batendo a porta para que eu não o seguisse. Quando tentei ir atrás dele, fui detida por Levi.

— Deixe-os conversarem, Estela. — Acho que essa era a frase mais longa que dissera.

— Eles não irão conversar, vão se matar.

Estremeci diante do grito do meu pai, pedindo para que Augusto me deixasse em paz. Mas Augusto não o fez, ele não recuou, eu mal podia escutar sua voz, diferente da de Caetano, por isso quando as palavras *seu cigano imundo* saíram de sua boca eu me assustei.

Olhei para Levi, para saber se ele também havia escutado, mas o homem parecia inalcançável. Nada o afetava.

— Deixe-os resolverem suas diferenças — foi tudo o que disse.

— Ele vai machucar o meu pai... — Lembrei do rosto de Ramon, da

arma apontada para o estranho. O jeito duro de Augusto.

Impedindo-me de entrar, o homem não respondeu, e como se soubesse que se tivesse chance eu me intrometeria na discussão, ele continuou a me segurar.

— Me solta — pedi, nervosa. — Eu não posso deixar que eles continuem.

A porta foi aberta, de repente. Augusto saiu lá de dentro, dando uma ordem direta a Levi:

— A acompanhe até lá dentro, Levi, e a ajude a pegar suas coisas. Estela irá comigo.

Neguei, confusa.

— Eu não vou não, o meu pai não deixou.

Por mais que quisesse, por mais que essa viagem me parecesse um sonho, eu jamais desobedeci a meu pai antes, não sei se poderia fazer agora.

— Eu não posso, Augusto — murmurei bem baixinho quando ele se aproximou.

— Estela...

— Ele é o meu pai.

Augusto olhou de Levi para mim, seus olhos cheios de raiva.

— Você não percebe, não é? — Eu só o tinha visto furioso assim uma vez, e a cena não saía da cabeça até então. — O homem a quem não está querendo faltar com respeito, a está manipulando, Estela. Fez isso a vida toda. Seu pai a manteve presa ao lado dele, carregando você de um lado a outro por esse país sem qualquer garantia enquanto a alienava, e para quê?

— Não é assim...

— Você tem uma hora para se decidir — declarou, dando-me um ultimato. — Eu estou indo para casa pegar minha mala e vou para a pista de voo em seguida. Levi permanecerá aqui até que se decida.

Augusto desceu os degraus da frente, passando pela caminhonete que seu segurança dirigia e entrando em seu próprio carro. Uma nuvem de poeira subiu quando ele se afastou em alta velocidade. E eu fiquei ali, indecisa. Incerta sobre o que fazer. Eu deveria ir com Augusto?

Era a pergunta inquietando-me quando entrei em casa. Não deixei que Levi me acompanhasse, não com meu pai aqui dentro, não sem saber o que dizer a ele. Porque eu sabia que quando olhasse para mim, tudo seria diferente.

— Nunca pensei que você fosse me dar um desgosto tão grande, Estela. Tudo o que eu fiz foi tentar te oferecer uma vida melhor, sem todas as normas e regras que o nosso povo teria imposto a você... ouvir da boca daquele miserável que eu a manipulo não é algo que um pai deveria ter de escutar. Eu só quis te proteger, te manter segura.

— Proteger do quê, pai? Você nunca me diz, eu... só quero ir com Augusto. Será apenas um final de semana. Que mal tem?

— Você está cega.

— E você fala como se nunca tivesse se apaixonado, meu pai.

Ele me encarou, com dureza.

— Você pode até estar apaixonada, filha, mas aquele homem? Ele não. O que vi dentro daqueles olhos foi apenas... ódio. Ele a está usando para me atingir.

— Isso não é verdade, Augusto jamais faria isso comigo... ele quer me dar o mundo.

— E você lá precisa do mundo, Estela? Não se esqueça de quem ele é filho e de onde vem.

— Isso é o que todos vocês continuam a dizer. Que ele é como o pai, que é um monstro. Mas eu não consigo enxergar esse homem que tanto falam. Só não consigo.

Meu pai me encarou, escolhendo ficar calado.

— O problema não é que eu o ame ou que ele queira ficar comigo, não é? O problema é que você e o pai dele estão tão envolvidos com todo esse ódio que não querem que ninguém mais seja feliz. Mas se querem se destruir, façam sozinhos porque eu não quero fazer parte disso!

— Estela, volte aqui, eu ainda não terminei.

Dei as costas ao meu pai, e entrei no quarto. Se tivesse alguma porta a ser batida, com certeza eu o teria feito. Mas não havia.

Sozinha, eu comecei a pensar que não podia deixar que as decisões que meu pai tomou no passado interferissem na minha história com Augusto.

Eu sempre fiz tudo certo, nunca o desrespeitei ou levantei a minha voz. Eu o amava com todo o meu coração, mas não conseguia ignorar o fato de que, para papai ter ficado com Suzana, ele teve de se arriscar. Fazer o possível para ficarem juntos. Por que eu não poderia fazer o mesmo agora?

Sem pensar direito, eu reuni algumas de minhas coisas em uma mochila que usei durante a escola. Não havia muito o que levar comigo, então peguei poucas calcinhas, meus dois melhores vestidos e o perfume que Augusto me dera.

Isso seria suficiente.

Para a minha surpresa, meu pai não estava em qualquer lugar perto de ser visto quando entrei na sala. E mesmo decidida, eu hesitei. Por dentro eu sabia que não o estava deixando, ou lhe dando as costas. Não a ele e não a vida que tínhamos juntos. Tudo o que eu queria era um final de semana com Augusto. Conhecer a capital, conhecer um pouco mais sobre a vida que ele tinha quando estava longe.

Procurei rapidamente por uma caneta, e rasguei um pedaço de papel do caderninho que ficava sobre a mesa da sala.

Tudo o eu quero é experimentar a mesma felicidade que você e Suz tiveram. Quero o mesmo amor também. Não fique com raiva porque estou fazendo o que você e ela fizeram. Se cuide enquanto eu estiver fora; e não se preocupe, pois voltarei logo.

Me volis tu, papai.

CAPÍTULO 15

AUGUSTO ALENCAR

Estela não iria vir, constatei ao subir as escadas do *King Air*. O telefone em meu bolso continuava sem sinal, impedindo-me de telefonar para Levi ou até mesmo para Estela. A vontade de explodir com alguém aumentou consideravelmente após o piloto perguntar sobre o outro passageiro. Neguei, apenas. Faltavam-me palavras para colocar para fora a frustração que sentia.

Porque, se a cigana não aparecesse seria a prova de que todas as últimas semanas tinham sido inúteis. Porra, como eu odiava o filho da puta do seu pai. Como queria dar cabo ao infeliz de uma vez por todas.

— Tudo certo para começar o procedimento de voo, Sr. Alencar? — Assenti, sentindo a garganta seca. Não era apenas o orgulho falando alto aqui, era a vontade dela também.

Permitir que Estela ficasse seria uma derrota para a qual eu não estava preparado.

— Augusto — o piloto chamou ao me ver olhar para fora do avião, à espera. — Se quiser, eu posso adiar o voo, nós temos algum tempo até a torre autorizar a decolagem.

— Adie — ordenei, sem encará-lo. Minha atenção voltou para a caminhonete de Levi, que se aproximava da pista de voo.

Observei o carro parar, ele sendo o único a sair. Instantes antes de virar o rosto e pedir para que Fred decolasse de uma vez, eu avistei a cabeleira negra. Não percebi o quanto desejava que estivesse dentro daquele carro até o momento em que saiu dele. Assisti-a seguir Levi pela pista de voo, seu corpo quase que inteiro atrás do meu segurança. Então ela olhou para o avião, olhou de verdade. Como se só se desse conta de que voaria nele nesse exato momento.

Levi continuou a segurar sua mochila, os passos largos meio que a obrigando a correr para acompanhá-lo. Franzi o cenho ao ver que Estela dizia algo a Levi, algo que o fez sorrir de forma contida.

Ressenti-me do desgraçado, ele a via mais do que eu mesmo o fazia. Sua sorte era que eu o considerava uma extensão de quem eu era.

Não foi necessário solicitar a Fred para que desse início ao procedimento de embarque, e por mais que a minha vontade tivesse sido a de levantar e recebê-la, eu esperei até que Levi a trouxesse. Avaliei seu bonito rosto ao entrar no avião, a forma como admirou os detalhes, o assombro em que ficou. Toda essa merda era nova para ela.

Para nós dois, eu acho.

— Eu não sei mais se quero ir... — falou atrás de Levi, antes de me ver. — Como é que isso voa? E se cair?

— Não cai — respondi, fazendo com que a expressão preocupada em seu rosto suavizasse.

— Venha aqui. — Ela veio, olhando para Levi com vergonha, e se sentando em meu colo. Ao me abraçar, eu acenei para o segurança, que entendeu o recado e saiu. Levi ficaria em Sertãozinho, eu o queria de olho em Alfredo e Caetano, apaziguando os ânimos esquentados.

— Eu saí escondida — Estela admitiu. — Meu pai vai me matar quando descobrir. — Toquei a parte vermelha do seu rosto, querendo eu mesmo matar o filho da puta. Não importava que fosse o pai de Estela, ela já era adulta, maldição.

Podia escolher qual caminho seguir. O que fazer e com quem fazer.

— Seu pai a agrediu, Estela. No meu mundo, homens não tocam dessa forma em mulheres.

Ela me encarou, angustiada. Sacudindo a cabeça, como se discordasse.

— Ele nunca fez isso, nunca levantou a mão para mim antes. Eu entendo por que papai fez... ele estava nervoso. Não foi culpa dele.

— Não foi culpa dele? Seu pai é um...

Estela tapou a minha boca, impedindo-me de continuar.

— Não fale assim dele, por favor — pediu, baixinho. — Eu estou cansada de te ouvir se referindo ao meu pai de forma ofensiva, e ele fazendo o mesmo com você. Sinto que estou presa entre os dois, mas essa guerra não é minha. — Era.

Ela só não fazia ideia de que estava exatamente no meio da batalha. E não apenas isso, porque de todos os lados que poderia ter ficado, a garota escolheu o mais implacável deles: o meu.

— Você tem razão, essa guerra não é sua. — Procurei acalmá-la.

Estela passou o restante do voo, com os pequenos pés raspando as minhas pernas. Sentada na poltrona da frente, ela me provocou o tempo inteiro enquanto eu os acariciava. Foi um voo tranquilo. E, ao passarmos pela turbulência comum da região, eu pressionei um de seus pés e pedi para que não se preocupasse. Não vou mentir, eu estava fascinado com a possibilidade de ter suas pernas em volta do meu quadril, e isso era tudo em que pensei enquanto dedilhava a tornozeleira que usava.

Chegamos ao nosso destino, e do aeroporto, seguimos direto para a cobertura enquanto Estela enchia a minha cabeça com perguntas sobre a cidade e o que era visto.

Já na quadra onde se localizava o Grupo, o motorista parou em frente ao edifício espelhado e Estela olhou para cima. Até o último dos andares.

— Grupo Alencar — ela leu e me encarou. — É aqui que trabalha,

não é?

— Sim. É aqui onde eu moro também. Está vendo o último andar? — Assentiu, impressionada. — É a minha casa.

O carro entrou na garagem interna, e o motorista nos deixou próximo ao elevador privativo. Subimos, sem qualquer dificuldade, e passamos pelo corredor que nos levaria até a cobertura.

ESTELA SAAVEDRA

Confesso que nunca tinha visto portas tão altas e largas, foi o que pensei ao passar por Augusto que manteve a porta aberta para que eu entrasse. Só o corredor já havia me deixado de boca aberta, havia um tapete longo no chão, vinho escuro. Lustres pendentes do teto, e vários quadros lindos pendurados. Mas havia uma única porta naquele andar, e era a dele.

— Não mora mais ninguém aqui? — Augusto negou.

— A cobertura é minha, os outros andares também. — Sorriu, de forma preguiçosa. — Todo o edifício é utilizado pelo Grupo Alencar. Escritórios, salas de reuniões, departamento financeiro, de marketing...

— É muita coisa — falei, entrelaçando nossos dedos juntos.

Fui puxada para dentro da cobertura. A mochila que trouxe comigo, estava agora em sua mão. Esqueci-me de como respirar ao ver cada detalhe do lugar que ele chamava de casa. Tudo parecia imenso, o teto alto. As paredes em tons escuros, assim como os móveis. O único problema, é que havia cinza demais. Era como sair de um mundo colorido e entrar em um preto e branco. O chão sob os meus pés parecia frio também. Não que eu o tivesse sentindo. Mas o mármore era tão negro e espelhado que me causou arrepios.

Um pouco além da entrada, havia dois enormes sofás. E uma janela tão extensa e aberta que dava para ver o céu azul no lado de fora. Eu gostava de azul, pensei ao me aproximar. Gostava muito mais do que da cor cinza. Atraída como um ímã, eu dei alguns passos em direção à vista, mas fui

impedida ao notar a aproximação de um enorme cachorro preto. Congelei, assim como ele.

— Athos, deixe-a passar. — Eu não fazia ideia de que Augusto tinha um cachorro. Ainda mais um tão assustador.

A cara dele era de bravo, como se fosse me atacar a qualquer momento. Mas nenhum som foi ouvido, ele não rosnou ou latiu. Apenas ficou ali me encarando. E quando deu um passo à frente, eu dei dois para trás, imaginando o estrago que uma mordida faria poderia fazer em mim...

— Athos. — O cão se deitou, com seus olhos caídos fixos em seu dono.

— Ele morde? — perguntei baixinho, sem coragem de me virar.

— Não morde, mas não é um cachorro muito amigável. Não tente se tornar amiga dele, ou confie nessa carinha entediada. Athos é um pouco instável.

Pela forma como me olhava, eu tinha quase certeza de que ele era sim, perigoso e que mordia.

— Não quero que ser mordida, Augusto. — Ao continuar a me afastar, eu acabei por bater nas costas dele.

— Como eu disse, é só não forçar intimidade. Athos normalmente passa a maior parte do tempo sozinho, é assim que ele gosta.

Como se não houvesse um cão que poderia ter facilmente o meu peso, deitado no meio de sua sala, eu segui Augusto pelo restante da casa. Havia um bar, com algumas bebidas e taças organizadas. Tudo aqui parecia tão organizado que eu tinha medo de tocar em qualquer objeto e alguém, de repente, brigar comigo.

Enquanto o observava falar sobre a sua cobertura, Augusto foi até um canto da sala, onde tinha um bar, e se serviu de uma bebida forte. Eu soube pelo cheiro.

— Você mora sozinho? — perguntei, sem compreender como alguém

poderia viver em um lugar tão grande.

Lembrei da casa da tia Hortência, todos aqueles cômodos vazios. Empoeirados.

— Alguém limpa isso aqui?

Augusto sorriu, achando graça.

— Sim, minha ciganinha, eu moro sozinho e tem alguém que limpa os cômodos durante a semana. Não quebre a cabeça pensando demais, ok? A última coisa com que você precisa se preocupar é com a limpeza desse lugar. Eu tenho um funcionário, e ele cuida de tudo. Agora venha aqui.

— Por quê? O que fará comigo? — Eu conhecia o olhar em seu rosto, ele era predatório. Letal. E eu adorava quando aparecia, porque sabia que com esse olhar vinham todos os beijos gostosos... todas as carícias...

Ao perceber que não me aproximaria, Augusto me rodeou. Seu passo foi firme, obstinado. O assisti sorver o último gole da bebida em seu copo, o pomo de adão se mover enquanto o álcool se infiltrava em seu sistema.

Não notei que detrás de mim havia uma estante até que Augusto ergueu o copo e o apoiou em uma das prateleiras. Acompanhei a direção para a qual sua mão foi e, em seguida, estremeci ao sentir a mesma mão afagar o meu rosto.

— Você parece com medo.

— Não estou não. — Eu estava. Morrendo. Apavorada.

Não havia me dado conta até aquele momento, mas agora, tão perto de Augusto, eu estava atenta a tudo o que poderia acontecer entre nós dois.

Fechei os olhos, pensando na promessa que fiz a mim mesma. Meu corpo e virgindade pertenciam ao homem que eu amaria para sempre. Ao homem com quem me casaria. E esse homem era Augusto, não era?

Sei que o certo seria esperar, entregar-me a ele só após o casamento, mas...

Outro arrepio foi sentido ao ter seus dedos agarrando o meu cabelo. Ele amava isso, e eu amava quando o fazia. De tão desorientada, não consegui pensar direito.

— Eu nunca esperei tanto por uma mulher. — O medo que sentia se transformou em excitação. — Vai chegar uma hora, Estela, que eu não vou ser capaz de esperar... não vou conseguir.

Eu me sentia da mesma forma. A dor que sentia entre as pernas quando ele me beijava e tocava parecia maior a cada dia. Não importava o prazer que era quando me fazia gozar, havia um vazio dentro de mim. Um que somente Augusto poderia preencher.

— Eu...

— Você? — perguntou, sua boca vindo de encontro a minha, calando qualquer temor e contrariedade. A maneira como me pressionou contra a estante foi tão violenta que um ou outro objeto caiu ao nosso redor. Mas ele não se importou, acho que sequer se deu conta. — Diga-me, Estela, quanto mais eu terei que esperar até que esteja pronta para ser minha?

— Eu já sou. — O homem sacudiu a cabeça, fazendo um som negativo. Baixo e quase cruel.

— Você não é. — Seus dedos me seguraram pelo queixo. — Não ainda. Para ser minha, eu precisaria possuir você inteira, meu amor. Cada pedaço do seu lindo corpo, toda a sua confiança. Sua lealdade. Eu tenho isso?

Não, ele não tinha tudo.

— Entende por que ainda não é minha? — Assenti, nervosa, sendo pega de surpresa quando ele empurrou a boca contra os meus lábios os esmagando com todo o ímpeto do seu beijo.

Ah, Santa Sara Kali, como eu amo beijar esse homem.

Estremeci por dentro e por fora quando sua mão puxou a minha saia, enfiando-se por debaixo dela rumo a minha calcinha. Meu coração saltou pela boca. Era gostoso, suas mãos eram gostosas. Ásperas, tão firmes e decididas.

Droga, gemi, assustada e excitada com a forma como Augusto agarrou minha calcinha e, de repente, a puxou pelo meu quadril. Prestes a me deixar nua... Não sei o que teria acontecido, e onde ela teria parado, se não tivéssemos escutado uma leve tossida atrás de nós. A primeira coisa que notei foi o enrijecimento do corpo de Augusto, como se ele já soubesse de quem se tratava.

Algo que só descobri ao inclinar o rosto um pouquinho.

— O que faz aqui, Sierra? — perguntou, antes mesmo de se virar.

Atrapalhei-me com a saia e a calcinha; e como um cavalheiro, Augusto não se afastou até que eu estivesse recomposta. Havia uma pergunta em seu olhar quando eu assenti, dizendo sem sequer abrir a boca, que eu estava bem.

Sem ele como escudo, pude ver que Sierra não parecia incomodada ou envergonhada por nos interromper, pelo contrário.

— Pensei em esperar por você — disse, dirigindo-se a ele. Só a ele. — Eu não tinha certeza se a garota viria, mas pedi para que Thomas preparasse o quarto de visitas para que ela tenha onde dormir. Pedi também para que o almoço fosse congelado, caso quisesse comer quando chegasse. E claro, eu o dispensei.

Augusto se afastou, indo até ela.

— Como pode ver, Estela veio. — Os dois me olharam. — Acho que já se conhecem, não é? Estela, Sierra é a amiga que me acompanhou naquele dia, você vendeu um colar a ela...

— Eu lembro. — Não era nenhuma tonta.

— É um prazer conhecê-la oficialmente, Estela. — Sierra estendeu a mão, que hesitei em pegar. — Augusto fala muito a seu respeito. Além disso, não tem como esquecer a garota, que é a responsável por todas as chamadas que ele recebe durante as reuniões. Nós tivemos que interromper algumas delas para que ele pudesse atender aos seus telefonemas.

— Eu não sabia. Não queria atrapalhar...

— Não atrapalhou — Augusto não me encarou ao responder; e, de repente, eu o senti distante. Frio.

— Não será difícil deixá-la apresentável. — A mulher loira me avaliou. — Você tem sorte de ser bonita, querida. — Hortência achava que era azar. — Um corte em seu cabelo...

— Não — Augusto a cortou, mostrando alguma reação além da indiferença. — No cabelo dela, você não mexe.

Nem no meu cabelo nem em parte alguma, pensei comigo mesma.

— Será difícil fazer algo se eu não puder dar um jeito...

— Eu não quero que mexam no meu cabelo. Gosto dele do jeito que está.

Sierra se virou para o Augusto, esperando que ele ficasse do seu lado. Mas o homem já tinha dado a ordem, não é?

— Eu vou levar a Estela até o quarto, não vá embora ainda, Sierra.

Passei por ela, olhando-a desconfiada, questionando-me como ela conseguia parecer tão confortável no alto daqueles sapatos altos. Não parei, até que Augusto abriu a porta do último cômodo de um longo corredor. Aqui em cima não era melhor do que lá embaixo. A escuridão era a mesma.

Ou assim pensei, porque, ao entrar no quarto, as cortinas, que cobriam uma parede toda, foram abertas e eu fiquei sem fala.

— É lindo.

— Imaginei mesmo que gostaria. A impressão que dá é...

— Que estou no céu. — Olhei para ele, com um sorriso alegre. — Isso. É assim que me sinto quando estou com você. — Augusto beijou o meu ombro por trás. — Obrigada.

— Pelo quê?

— Por lutar por mim. Por me fazer ver que não é errado estar aqui. Que eu posso...

— Você pode tudo, Estela.

— Eu não quero tudo, quero só você. — Sua boca deslizou até o meu pescoço, onde ele plantou um beijo quente. Uma promessa de algo mais. — Augusto? — o chamei quando ele se afastou, com meus olhos ainda cravados em todos os prédios à minha frente. Havia muitos, uma cidade inteirinha criada para abrigá-los. Então... tinha os carros, centenas deles lá embaixo. Imaginei o som ensurdecedor que fariam, a poluição que emanaria deles. Isso me sufocou por dentro.

— O que foi?

— Por que aquela mulher está aqui? — Eu não gostei de tê-la visto em sua casa, andando e tomando decisões como se fosse natural esse seu comportamento.

— Benjamin e ela têm acesso à cobertura.

— Por quê?

— Porque eu confio neles — disse com calma. — Confio tanto que pedi para que Sierra a leve para uma tarde de compras. Assim que você trocar de roupa, ela te acompanhará até o salão, e depois te ajudará a escolher um vestido para essa noite.

— Eu gosto das minhas roupas. Não preciso de novas. — Parecia errado. — E por que tenho que trocar de roupa? Qual é o problema com a minha?

— Vamos com calma, sim? Primeiro, você irá trocar de roupa porque está frio lá fora. Você precisa de algo um pouco mais coberto. Segundo, eu duvido que haja em sua mochila um vestido de gala que você possa usar essa noite. Ou estou enganado?

— Eu poderia ter... — falei, dando de ombros. Odiando vê-lo tão sério e cheio de exigências.

— Que tal se eu der uma olhada? — Augusto abriu o zíper da mochila e jogou tudo o que eu tinha sobre a cama. Vi o descaso com que afastou o meu vestido amarelo preferido, e depois o outro... a minha sandália, uma

nova que eu tinha comprado com meu próprio dinheiro. Foi assim até que ele avistou as calcinhas.

— Direi a Sierra para que a leve para comprar novas *lingeries* também.

— Eu não quero.

— O quê? — Ele se virou um pouco antes de deixar o quarto.

— Não quero novas calcinhas, gosto das minhas. Não quero o mundo também, eu não preciso dele inteiro. Tudo o que eu quero está aqui, Augusto, nesse quarto.

Pela primeira vez, eu acho que o deixei sem palavras.

— Eu... — Ele passou a mão na testa, como se estivesse tenso. — Apenas se comporte, Estela. Precisarei trabalhar agora à tarde, então coopere com Sierra, ela só quer te ajudar.

— Eu vou poder escolher? — Ele me olhou, com certa impaciência, como se não visse a hora de sair dali.

— Desde que a escute, Sierra saberá o que é melhor para você. — Eu duvidava.

— Se você diz. — Virei o rosto, magoada.

Andar sozinha pela fazenda de tia Hortência e aquelas estradas, nunca foi um problema. Eu gostava da liberdade que sentia ao pisar na terra. Agora, estar sozinha aqui, cercada por todas essas paredes, vidros... e dezenas de portas me desestabilizava. Era como ter todo o meu suporte tirado debaixo dos meus pés. Liberando um suspiro baixo, eu me sentei na beiradinha da cama, tirei as sandálias e trouxe meus pés até o colchão. Pensei em papai quando apoiei o queixo nos joelhos. A incerteza sobre o que eu tinha feito deixou-me angustiada, com um nó preso em minha garganta.

Eu teria telefonado para ele, se papai tivesse qualquer telefone. Mas nós não tínhamos, e eu não me lembrava de cabeça o número de Hortência. Não era como se eles esperassem por um telefonema ou soubessem a respeito

do celular que Augusto me deu de presente.

Eu menti tanto para os dois, que agora me via aqui, sozinha, presa a essa cobertura enquanto sentia meu peito ser esmagado pela estranha indiferença de Augusto.

AUGUSTO ALENCAR

Voltei à sala e encontrei Sierra me preparando uma bebida. Aceitei quando passou o copo de conhaque; e pela primeira vez, desde a noite passada, eu senti minha mente clarear. A razão, voltando aos poucos.

Estela havia escapado do pai, porra. Isso tinha de significar algo.

— Eu deveria perguntar o que é aquilo no rosto da sua cigana?

— Não se refira a ela dessa forma. — Sierra estreitou seus olhos. — Não enquanto ela estiver aqui.

— Apenas me diga se foi você quem fez aquilo a ela.

Eu me sentei, sem ideia de por onde começar com Sierra. Havia muito a ser dito, mas me faltava vontade. Nada me irritava mais do que ter de dar explicações.

— Você sabe que não. — Seus dedos apertaram os meus ombros.

— Quando se trata de você, eu nunca tenho certeza.

— Não sou um filho da puta que bate em mulheres, Sierra. — Ela riu, e se inclinou por trás.

— Mas é um filho da puta que será capaz de tomar tudo o que aquela garota possui.

— Cale a boca! Não quero esse assunto sendo trazido à tona dentro dessa casa enquanto...

— Sim, eu entendi. Enquanto a sua Estela estiver aqui, nada a esse respeito será discutido. — Ela se sentou na poltrona à minha frente, e como

sempre fazia, cruzou as pernas de forma sedutora. Quase implícita. Maldição, fazia tempo demais que eu não trepava; no começo, quando o plano entrou em prática, ela e eu ainda transávamos, mas agora? Não, não era a boceta dela que eu queria. — Está tudo marcado como me pediu, eu a levarei para fazer compras e depois ao salão. Algum pedido em especial?

— Sim, dois para ser mais exato. O primeiro, é que eu quero que tome bastante cuidado com o que for dizer na frente de Estela, ela pode ser ingênua, mas não é burra. E o segundo, é para que você se certifique de que ela escolherá algo discreto. Não a quero chamando atenção, muito menos que a presença dela cause perguntas que não terei como responder. Estela precisa parecer...

— Normal.

— Isso.

— Como quiser, Sr. Alencar — disse irônica, levantando-se em seguida. — Agora, deixe-me apenas te dar um conselho. Não a tome contra uma de suas estantes, pelo amor de Deus! A garota é virgem, então se for fazer isso... faça em uma cama. Você é bom sobre ela. — Sierra me deu dois tapinhas no ombro e se afastou.

CAPÍTULO 16

ESTELA SAAVEDRA

Olhei para o reflexo no espelho da loja, com minha boca cerrada. Esse era o terceiro ou quarto vestido que Sierra me fazia experimentar, e nenhum deles me agradou. Todos eram escuros e extremamente retos. Eu não sabia como explicar.

— Então? Deixe-me ver — Sierra pediu, fazendo-me sair do provador. Fui avaliada dos pés à cabeça, sem deixar de notar o quanto ela parecia entediada. Minha intuição dizia que essa mulher não ia muito com a minha cara. — Ficou bom.

— Não ficou não. Eu pareço de luto. — A cor era horrível.

— Mas você está, não? Tem quanto tempo que aquela mulher morreu? — Ela sabia sobre Suzana, constatei, enquanto minha cabeça se enchia de perguntas.

Será que Augusto e ela falavam sobre a mãe? Será que ele se abria com a advogada e não comigo?

— Quase dois meses — murmurei, dando-me conta de que parecia ser bem mais do que isso. A morte de Suzana parecia ter acontecido há uma vida.

— Por que não experimenta esse, senhorita? — A jovem que havia nos atendido entrou com um vestido vermelho na sala do provador.

O tecido era acetinado, quase um vinho, dependendo da luz que caísse sobre ele. Era tão macio ao toque... meus olhos brilharam, mas a expressão de Sierra não foi das melhores.

— Não se dê ao trabalho de vesti-lo. Augusto odeia vermelho.

— Mas eu gosto. Posso experimentar? — Me dirigi à moça, que sorriu de forma gentil.

Com a ajuda dela, eu fiquei nua ali mesmo, sob o alvo severo do olhar de Sierra, e esperei até que o zíper na parte de trás fosse puxado. As alças dele eram tão fininhas quanto delicadas. O decote era redondo e profundo. Ele era apertado em minha cintura, mas seguia solto do umbigo para baixo. Rodei em frente ao espelho, adorando a liberdade que a saia me oferecia.

— Eu quero ir com ele.

— Como eu disse, o Augusto...

— Augusto falou que eu podia escolher o que eu quisesse, e eu quero ele.

Seu olhar se estreitou, mas eu estava tão fascinada com o vestido que mal prestei atenção a sua cara fechada.

— Quer que eu escolha sapatos para usar com ele, senhorita?

— Pode me chamar de Estela, eu não sou senhorita.

Sierra revirou os olhos.

— E eu não vou usar sandálias com ele... eu não sei andar de salto alto — falei baixinho, ainda assim empolgada. Eu nunca usei nada tão bonito.

— Como assim, você não sabe andar de salto alto? — a loira quis saber.

— Eu nunca tive um, minhas sandálias são todas baixas. São mais confortáveis e não me atrapalham para correr.

— Bem, eu não sei se Augusto te avisou, mas não haverá necessidade de correr nesse jantar.

Eu a encarei por um segundo, achando melhor continuar a ignorá-la.

— Eu posso verificar se temos alguma opção com salto menor, mais confortável para você. O que acha? — Assenti, sorrindo.

Esperei pela moça, incapaz de arrancar meus olhos do espelho.

— Qual a sua idade, Estela? — Sierra perguntou, distraidamente.

— Dezenove.

— Uma criança ainda. Augusto será o seu primeiro homem, não é? — Desviei a atenção do vestido, e a encarei. *Como ela sabia?* — Não se preocupe, querida, tenho certeza de que sua inexperiência deve ser excitante para um homem como Augusto.

— O que quer dizer com... um homem como Augusto?

— Exigente.

— Isso é ruim por quê?

— Não é ruim, você só terá que se esforçar um pouco mais para aprender tudo o que ele gosta na cama.

— E você sabe o que ele gosta? — A mulher sorriu, prestes a me responder, mas por azar esse foi o momento em que a funcionária da loja retornou trazendo os dois pares de sandálias.

Não demorei a decidir qual deles usar, e quando estávamos prestes a ir para o caixa, pagar as roupas que Sierra foi escolhendo, a vendedora nos abordou:

— E quanto a joias, nós temos um par de brincos...

— Não há necessidade. — Sierra passou por nós duas, tirando um cartão preto de dentro da bolsa. — Augusto já cuidou de tudo.

Segui-a até o carro, carregando comigo as três bolsas com as roupas que escolhemos e a caixa de sapatos. Sierra permaneceu em silêncio até chegarmos ao salão, o que eu gostei bastante. Eu não fazia questão de falar com ela de qualquer maneira.

— Faça o melhor que conseguir, eu volto em algumas horas para pegá-la — foi o que disse ao me entregar aos cuidados de um homem de cabelo loiro e mechas escuras.

Fui avaliada de todas as formas possíveis, até que ele pareceu tomar uma decisão.

— Não quero que corte o meu cabelo — falei, quando o vi mexer em uma gaveta cheia de tesouras. — Nem que o pinte, por favor. Eu gosto dele assim.

Ele franziu o cenho.

— Não é possível, como não sente calor com tanto cabelo?

— Eu sinto, mas gosto de como ele é. Não quero que faça nada.

— Bom, eu recebi ordens para dar o meu melhor, será difícil fazer isso se eu não puder mexer na coloração ou no corte...

— Augusto disse que ele não quer que eu corte. — O homem soltou a tesoura.

— A qual Augusto você se refere, querida? — Quando não respondi, ele decidiu usar a cabeça. — Por acaso seria o chefe da Srta. Ventura?

Olhei confusa para ele, eu não sabia quem era a tal de Srta. Ventura e ele percebeu.

— Não sei. O meu Augusto é Alencar. O dela é?

— O seu Augusto... — Ele sorriu, compreendendo. — Apenas feche os olhos e me deixe fazer a minha mágica, sim? — Assenti, hesitante.

Tive meu cabelo lavado, secado, puxado. Lavado de novo. Obrigaram-me a ficar com a cabeça enfiada em uma máquina de vapor enquanto faziam minhas unhas. Antes de poder ver meu cabelo, eu fui depilada inteira. Também tive a sobrancelha feita, ou quase. Porque, quando a dor começou, eu pedi que parassem.

No final, quando voltei a me sentar na cadeira do cabeleireiro, eu já

estava cansada. Pouco a pouco, ele tirou o os grampos e foi soltando meu cabelo. Os cachos e ondas pareciam que tinham desaparecido para um liso escorrido.

— O que achou? — Eu não tinha gostado. Eu gostava dos meus cachos.

— Se eu lavar, ele vai ficar como antes?

— Sim.

— Então eu quero lavar. Eu gosto dele do jeito que ele é... eu falei isso a você, moço. — Todos que estavam ao redor me encararam de forma estranha. O cabeleireiro suspirou e ligou um aparelhinho ao meu lado, contrariado. — Eu irei cacheá-lo dessa forma, depois, após a festa, você pode lavar que ele voltará ao normal.

Observei enquanto ele refazia as ondas, e as ia soltando com o dedo. Meu cabelo voltou a ficar cheio e bonito.

Sorri para ele, meus cachos não eram tão definidos assim.

— Ficou melhor. Obrigada. — Ele assentiu, de forma um pouco mais gentil e pediu que viessem me maquiar. Antes, porém, fez questão de perguntar se eu tinha alguma preferência.

— Eu não sei, não costumo usar maquiagem. Mas gosto de batom.

— Alguma cor que goste mais? — A maquiadora emendou uma pergunta atrás da outra. — Qual é a cor do seu vestido, querida?

— É vermelho.

— Que tal se usarmos algo mais delicado? Tipo um nude?

Franzi o cenho, e os dois me explicaram.

— É como se fosse uma cor de pele mais rosadinha.

— Minha pele não é rosadinha. É morena.

— Sim, é só uma forma de se referir à cor bege, querida. — Se era

bege, então não era da cor da minha pele, oras. Que pessoas doidas.

— Eu não quero usar bege, quero usar vermelho.

A maquiadora assentiu.

— Temos aqui uma garota ousada. — Fiquei quietinha enquanto ela me maquiava, pensando no que Augusto diria. Eu não sei se ele gostaria de me ver de vermelho, Sierra falou que ele não gostava, mas eu sim. Eu me sentia bonita com cores fortes, vivas.

Quando terminou, eu me olhei no espelho e notei que meus olhos pareciam maiores, mais verdes. Os cílios, que já eram grandes, estavam negros e grossos. A bochecha iluminada. Até a pontinha do meu nariz parecia brilhar.

— Gostou, querida?

— Sim, muito.

Esperei paciente por Sierra, que levou vários minutos para sair do tal compromisso e vir me buscar. Quando chegou, ela me encontrou conversando com as meninas da recepção. Todas muito legais. Sierra parou ao me olhar, quase como se os seus passos lhe faltassem, mas em seguida se recompôs, pagou por tudo e me tirou dali.

Ao chegarmos ao apartamento de Augusto, sem qualquer dificuldade, já que ela sabia o código do elevador, Sierra falou:

— Augusto está lá embaixo resolvendo alguns assuntos do escritório com Benjamin, ele deve subir perto da hora de se vestir. Eu irei me juntar a eles, então se precisar de algo me telefone. Eu estou encarregada de te ajudar se houver necessidade.

— Por quê?

— Como?

— Se você é a advogada dele, por que está fazendo isso tudo?

— Porque ele me pediu.

— E você faz tudo o que ele pede?

Sierra assentiu.

— Pode ter certeza que sim. Agora suba, e termine de se vestir. Augusto costuma ser rápido para se arrumar.

Sierra me deixou sozinha no enorme apartamento e eu quase tive vontade de tacar um dos vasos bem no meio da cabeça dela. Mas me controlei. Papai e Hortência viviam dizendo que eu era muito impulsiva, e às vezes, eu pensava que eles estavam certos.

Caso contrário, eu não estaria aqui, prestes a conhecer o verdadeiro mundo de Augusto.

AUGUSTO ALENCAR

Estela ainda não havia descido, e o fato de ter passado a última hora trancada no quarto enquanto eu me arrumava no cômodo ao lado, vinha-me deixando nervoso. Diferente do que Sierra imaginou, eu não a queria em outro quarto que não o meu. Seria em minha cama que Estela passaria a noite, com ou sem sexo.

Por um momento, lembrei-me da expressão irritada de minha advogada ao descer até o escritório essa tarde, e o fato de ter permanecido calada não me deixou em melhor ânimo. Algo havia acontecido, e eu só podia torcer para que as consequências do ocorrido não fodessem com a minha noite.

Mais dez minutos se passaram, eu estava quase indo até o bar e me servindo de uma dose de álcool, mas já tinha ultrapassado o limite do aceitável essa tarde. Olhei o relógio pela milésima vez e enfiei as mãos nos bolsos dianteiros à espera de Estela.

Sem paciência, eu caminhei até a janela panorâmica. Os dedos coçando por um charuto. Estela fazia de mim um homem com vícios, álcool para aplacar o gosto de sua boca. Charuto para amenizar o desejo louco de tocá-la a cada minuto do dia.

Procurei imaginar como minha cigana estaria, mas confiava em Sierra a ponto de saber que ela não passaria por cima de minhas ordens. Ela, melhor do que ninguém, sabia o que estava em jogo. Prestes a verificar o relógio outra vez, eu me virei ao escutar o ruído vindo do alto da escada.

Poucas eram as luzes acesas na sala e antessala. Eu gostava da escuridão, do conforto que o ambiente proporcionava dessa forma. Mas, mesmo com a luz amena, a visão que tive fez-me perder completamente o fôlego.

— Porra — grunhi baixo.

Meu corpo inteiro reagiu à garota, primeiro, de forma passional. Depois, agressiva. Vestida assim, minha cigana chamaria a atenção de cada convidado presente no jantar. A ideia não me agradou, e só fez crescer o sentimento de posse em relação a Estela. O tesão veio indócil, voraz. E, se eu não fosse um homem experiente, tenho certeza de que não conseguiria me deter.

A ideia de arrastá-la de volta ao quarto e rasgar o maldito vestido que a cobria, passou pela cabeça; assim como o desejo irrefreável de esfregar fora o batom vermelho que a sua boca exibia; mantê-la presa para que nenhum outro homem jamais alimentasse o tipo de pensamento sujo a me rondar naquele momento.

Receosa, Estela desceu os degraus, dividindo-se entre segurar a barra do vestido com uma mão, e com a outra, o par de sandálias douradas.

Por que ela não as tinha calçado ainda?

Ao chegar no primeiro degrau, a ciganinha parou, acredito que esperando por alguma outra reação da minha parte, que não a de assombro. E pela segunda vez no dia, eu me vi sem palavras por causa de Estela.

— Fiquei com medo de cair se descesse com elas, então... — A garota ia se sentar no degrau para calçá-las, quando eu a impedi.

— Venha aqui, deixe-me ajudá-la. — Seu olhar se expandiu, mas ela fez exatamente o que pedi. — Você está linda — falei, quando chegou perto. E por mais que minha vontade tivesse sido a de beijá-la na boca,

profundamente, eu não o fiz.

Ajoelhado na frente de Estela, eu afivelei a primeira tira da sandália, notando com certo prazer o tom rosa que ela escolhera para as suas unhas. Olhei para cima, vendo-a vulnerável e nervosa, mal sabendo que o único exposto aqui era eu.

— Eu tô nervosa, Augusto. — Eu sabia, podia sentir.

— Não há motivos. Eu estarei o tempo inteiro com você. — Até porque eu não a queria sendo alvo da atenção de nenhum outro convidado.

Homens do meu círculo social tendiam a não se importar se uma mulher estava ou não acompanhada. Desafios não nos impediam de avançar, nós gostávamos. Até preferíamos quando era difícil. E, se Estela exalava sensualidade sem fazer esforço. Vestida dessa forma? A garota seria um prato cheio para os infelizes que me cercavam.

Que merda deu na cabeça de Sierra para permitir que ela escolhesse justamente esse vestido? Eu queria algo que a fizesse passar despercebida, e não que a tornasse a principal atração da noite.

— Eu tenho um presente para você. — Estela mordeu a ponta do lábio, em expectativa. Ela era como uma criança quando se tratava de presentes. — Assim que bati os olhos neles, eu soube que deveriam ser seus. — Ela sorriu ao ver o par de brincos dentro do estojo pequeno que retirei do bolso do paletó.

— São da cor dos meus olhos.

— Sim, eles são.

— Coloca em mim? Eu quero usar eles hoje.

— Não se esqueça de que... se eu os estou colocando, eu tenho o direito de tirá-los no final da noite.

— Tem? — perguntou inocente.

— Sim. — A encarei dentro dos olhos. — Claro que, se você me perguntar, seus brincos são a última coisa que eu gostaria de tirar de você.

— Qual é a primeira coisa? — Soou genuinamente curiosa, com o fogo ardendo dentro daqueles olhos, que eu tinha aprendido a amar.

— O vestido. Ele definitivamente seria o primeiro item que eu arrancaria desse seu corpo gostoso. — Estela abaixou os olhos, envergonhada. Mas eu a fiz me encarar novamente. — Você só irá com ele essa noite, porque não há outra opção e eu não quero me atrasar, mas essa será a única vez que o vestirá, Estela. Eu te compro mil outros se for preciso...

— Você não gosta dele? — Ah, eu gostava. E esse era todo o problema. — É por causa da cor?

— O que tem a cor?

— Sierra disse que você não gosta de vermelho.

— Sierra está certa. — Como sempre. — Mas o problema não é a cor, e sim como você fica dentro dele.

— Fico feia?

Tive que sorrir.

— Você sabe que não, além disso, eu já te disse que está linda essa noite.

— Qual é o problema então?

— Você não tem ideia mesmo, não é? — Sua expressão ficou ainda mais confusa. — Como pode ser tão ingênua, Estela?

— Eu não sou ingênua, não.

— É sim, meu amor. Cada fio de cabelo seu é inocente. Você inteira o é. Mas como disse, não há com o que se preocupar, nem essa noite ou em qualquer outra.

— Eu posso ficar com o vestido? — Estela perguntou, após algum tempo. Nós tínhamos acabado de entrar na parte de trás do carro em que o meu motorista dirigia.

— Como?

— O vestido... eu posso levar ele comigo quando eu for embora? Eu prometo que não o usarei de novo.

— Vamos conversar sobre isso em outro momento, ok? — assentiu.

Eu falei sério sobre rasgá-lo. E isso era exatamente o que faria assim que tivesse a chance.

Desviei os olhos de Estela e olhei para o lado de fora da janela, pensando na razão pela qual vermelho era uma cor que eu desprezava. Certo de que a implicância tinha tudo a ver com o rosto espancado de Ramon que nunca desapareceu completamente da minha cabeça. Nem mesmo a sensação do sangue em minhas mãos.

— Augusto? — Eu a encarei, de forma dura. — Obrigada. Não pelo brinco ou pelo vestido, mas por tudo.

Assenti, assimilando suas palavras lentamente.

— Não me agradeça. — *Não me faça sentir-me ainda mais culpado.*

CAPÍTULO 17

ESTELA SAAVEDRA

Dois homens elegantes nos receberam na entrada do salão onde aconteceria o jantar de gala. Ao lado de Augusto, senti o passo vacilar ao mesmo tempo que admirava deslumbrada cada detalhe do espaço bem decorado. Havia inúmeros arranjos de flores espalhados pelo lugar, flores que nunca tinha visto antes; lustres caíam em cascatas do teto e o trio de cantoras segurando violoncelos, cantavam músicas que me fizeram ter vontade de chorar. Não por serem tristes, mas por serem lindas.

Olhei para cima, como uma criança fascinada teria feito, encantada com todos aqueles pontos de luz.

— São cristais — Augusto explicou.

— Cristais de verdade?

— Sim. — Sorri, apertando um pouco mais o seu braço, imaginando como seria acordar todos os dias com o brilho deles sobre minha cabeça.

O mundo de Augusto era tão bonito e, ainda assim, tudo parecia em excesso. Informação demais e muito para o que se olhar.

— Está tudo bem? — perguntou ao me ver desacelerar diante de todas aquelas pessoas. Talvez fosse só impressão, mas eu notei a forma como elas, quando podiam, saíam de seu caminho. Como se um embate com Augusto

fosse a última coisa que desejassem. Já a postura dele, era a de um homem que sabia possuir o mundo. O controle de tudo. Tia Hortência não mentiu ou exagerou ao dizer que os Alencar eram poderosos, eu só não imaginei que também seriam temidos fora daqueles cafezais.

— Por que estão todos nos olhando? — Não apenas os homens, como as mulheres também.

— Basta ignorar, Estela.

— Como?

O semblante inexpressivo de Augusto suavizou ao dizer:

— Ficando ao meu lado, olhando apenas para mim.

— Eu posso fazer isso — respondi, sentindo meu estômago afundar ao ver para onde Augusto nos levava.

— Você não me contou que ela estaria aqui...

— Eles são meus advogados, então é de se esperar que estejam. — Augusto não notou o tom chateado em minha voz. — Agora me diga, como Sierra a tratou essa tarde? Ela foi gentil com você?

Eu o encarei, mas Augusto tinha o olhar fixo ao que acontecia à sua frente. O porte altivo era algo tão natural a ele, assim como a expressão implacável em seu rosto.

— Não sei... ela diz coisas estranhas, que eu não entendo. E se quer saber, eu acho que ela não gosta de mim. — Conte a verdade, sem papas na língua. — E eu não quero ser amiga dela também, não consigo fingir quando não gosto de uma pessoa... a minha cara não deixa.

— *O seu rosto.*

— Eu não gosto quando me corrige — o lembrei, nós já havíamos conversado sobre isso.

— Eu sei, é força do hábito. — Augusto ficou em silêncio, e um pouco antes de nos aproximarmos eu falei:

— Você gosta muito dela, não é? Ela parece te conhecer bem.

— Nós somos amigos há mais de dez anos. Nós três, aliás.

— Acho que eu deveria ter escutado ela então e escolhido outra cor de vestido... você está emburrado e todos estão olhando... — Meu nervosismo tinha aumentado.

— Você é a uma exceção, Estela — declarou, sério.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que tudo o que eu normalmente não gosto, em você, eu aprecio.

Chegamos até onde Sierra e Benjamin se encontravam, mas eu estava tão tocada pelas palavras de Augusto que não reagi quando o seu amigo beijou a minha mão, em um cumprimento, e Sierra o beijou no rosto. Sorrindo gentilmente, de uma forma que até então ela não tinha feito.

— Você está incrível, Estela. Augusto gostou do vestido?

— Ele disse que sim, e que sou a exceção dele.

A loira comprimiu os lábios.

— Ele também me deu esses brincos, disse que combinam com os meus olhos.

— São realmente lindos, querida.

— Augusto é muito gentil comigo.

— Fico contente em saber que ele a trata tão bem. — Se essa era ela contente, eu não queria estar perto quando estivesse insatisfeita.

— Sim, eu também.

Augusto se virou, apertando minha cintura e me puxando discretamente para o seu lado. Não entendi o porquê de me querer tão perto dele, mas sorri, sentindo-me protegida. Principalmente porque um homem alto e com o rosto muito vermelho nos abordou, parecendo um pouco bêbado.

— Esse é o anfitrião — Augusto disse em meu ouvido, e eu assenti, incerta do que ele queria que eu fizesse com a informação. Os três se cumprimentaram, e eu tive a ligeira impressão de que se o desconhecido não tivesse me olhado com tanta insistência, eu não teria sido apresentada a ele.

— Quem é a moça encantadora?

Augusto enrijeceu ao meu lado.

— A moça encantadora não é para os seus olhos, Klaus — Sierra falou, sorrindo para o homem, e virando-se para mim em seguida. — Estela, esse é Klaus Stein, um velho parceiro de negócios de Augusto.

— É um prazer te conhecer... — falei, prestes a estender o braço para cumprimentá-lo, quando Augusto interferiu.

— Klaus não se importa se você será ou não educada, Estela. Ele não faz o tipo que dá atenção a convenções sociais.

— Mas... — *Eu queria ser educada.*

— Meu amigo aqui está certo, querida. — Klaus me fitou com mais intensidade. — Sua beleza é o suficiente para tornar a noite especial e, claro, fazer com que seja sempre bem-vinda. — O homem não se dirigiu a mim, mas pude escutar quando falou com Augusto. — Você é um homem de sorte, tem duas belas mulheres ao seu lado.

Sierra agradeceu o elogio, mas eu não. O que fiz foi praticamente o contrário, eu usei o corpo largo de Augusto como escudo. Algo que fazia com mais frequência do que gostaria. Depois que a advogada e o Klaus se afastaram, eu escutei por algum tempo a conversa ao redor enquanto matutava as palavras do homem e tentava encontrar algum sentido nelas

Augusto, por sua vez, circulou pelo salão. Várias pessoas o cumprimentaram, mas eu não fui apresentada a nenhuma delas. Era como se eu não estivesse ao seu lado, como se fosse invisível para ele.

Ainda assim, toda vez que tentei me afastar, eu senti sua mão em volta da minha cintura apertar. Ele estava consciente de mim. Ele se lembrava de que eu estava ali.

— Eu preciso respirar... — falei, sentindo-me sufocada dentro daquele espaço.

— Espere um pouco, eu ainda preciso cumprimentar algumas pessoas.

— Não, eu quero respirar agora — falei, afastando suas mãos do meu braço e atraindo a atenção de todos. Sierra e Benjamin, que estavam por perto, pararam de conversar e vieram em nossa direção, como se fossem me impedir de sair. Eles pareciam dois cães de guarda, sempre verificando as costas de Augusto, e atentos.

— Estela. — A voz grave de Augusto ressoou pelas estruturas altas, fazendo eco, mas eu não parei.

Eu queria ar, queria algum contato com o mundo externo. Todas essas paredes e luzes eram demais. Não havia árvores, não havia terra. Até mesmo o vestido que eu usava começou a me incomodar.

Perdida entre todas aquelas pessoas, que passaram a noite lançando-me olhares curiosos e invasivos, eu me afastei cada vez mais. Tive medo dos homens, e as mulheres, bem, elas se mostravam *tão contentes* com a minha presença, quanto Sierra estava. Não era só em Sertãozinho que havia julgamento, aqui também tinha. Exasperada, eu abri as portas que me levaram a uma imensa varanda. Colunas altas, assim como o teto, faziam com que a brisa a atingir o meu rosto acalmasse parte do nervosismo.

Aproximei-me da sacada, vendo as luzes dos diversos prédios da capital enquanto saía de cima das sandálias a machucarem os meus pés. Procurei por algum equilíbrio, um pouco de paz, uma emoção que me fizesse sentir menos desestabilizada.

Não olhei para trás quando notei a aproximação de alguém, imaginando se tratar de Augusto ou até mesmo Sierra. Eu queria ficar sozinha, mesmo que só por alguns instantes.

— Às vezes pode ser sufocante. — Congelei ao escutar a voz desconhecida, deparando-me rapidamente com Klaus ao meu lado.

— O que pode ser sufocante?

— As pessoas, mas principalmente o Augusto. — Olhei para o interior do salão, pensando no que o homem dizia.

— Sempre é assim?

— Ao redor dele? — Assenti.

— Sim, ele nunca fica sozinho. Tem sempre os dois abutres em sua cola, e claro, os seguranças. — Seu sotaque tornava as palavras saindo de sua boca difíceis de serem compreendidas. — Você não é daqui, é Estela? — quis saber, e ao olhar para as sandálias deixadas no chão, ele sorriu. — Não, eu não acho que seja.

— Ciganos não possuem *um lugar*, a terra é a nossa pátria... — Os olhos dele se intensificaram, deixando-me tão desconfortável que precisei dar um passo atrás.

— Entendo o fascínio que Augusto tem por você, ele sempre apreciou... coisas exóticas.

— Eu não *sou uma coisa*. Sou uma pessoa.

E odiava ser olhada dessa forma. Não *era exótica*... eu era gente, de carne e osso. Por isso ao ter a impressão de que seria tocada, eu recuei.

— Encoste nela e eu juro que a Alemanha perderá outro filho da puta.

Klaus se virou devagar ante a presença de Augusto. Os dois homens se entreolharam, até que Klaus quebrou o silêncio.

— Não sou pior do que você, meu caro. Acho até que temos um gosto muito parecido no que se trata de mulheres.

Augusto não se intimidou.

— O que falei sobre não respeitar limites, Klaus? — inquiriu ao homem. — Onde Estela estiver, você não se aproxima. Se a vir sozinha, é assim que a deixará. — Ele veio em minha direção. — Você não fala, não persegue... e definitivamente não toca no que é meu.

A gargalhada de Klaus, fez-me engolir em seco, e em seguida me

afastar. Não gostei tampouco da forma como Augusto se referiu a mim. Não parecia certo.

— Não toquei em sua garota, não ainda.

— E nem vai tocar, seu... — O acenar de cabeça de Augusto, fez com que o xingamento que eu tinha na ponta da língua fosse oprimido.

Klaus sorriu para mim, achando tudo divertido, e em seguida, acenou para Augusto de forma conspiratória. Nos deixando sozinhos.

— Ele disse algo ofensivo a você? — perguntou ao se aproximar. — Te assustou de alguma forma?

Sacudi a cabeça, em uma negativa.

— Tocou em você? — Voltei a negar, apreensiva.

O olhar de Augusto, não era dos mais apaziguadores.

Devagar, o homem ferozmente bonito e elegante, deslizou o dedo pelo meu rosto, pedindo desculpas antes de se inclinar e roçar a minha boca com a sua.

— Não permita que ninguém coloque o dedo em você, meu amor. Não se quiser me ver louco.

— Eu não ia deixar, mas também não gosto quando você age assim.

— Possessivo? Protetor?

— É assim que chama? — Augusto ia voltar a me beijar, quando eu virei o rosto. — Parece até que não sou gente.

— Estela...

— Eu quero ir embora — disse, decidida. — As pessoas continuam nos olhando. Ninguém fala comigo, e você não me apresenta a nenhum dos seus amigos.

— Eles não estão olhando para a gente, estão olhando para você.

— Por quê?

— Você realmente já se olhou no espelho, Estela? É impossível que não tenha consciência do quanto é bonita. Para piorar está com o vestido mais sexy que poderia ter escolhido, então é claro que eles irão te olhar. E quanto a te apresentar aos meus amigos, você já foi apresentada a todos eles. Não há ninguém dentro daquele salão que eu possa considerar qualquer coisa que não um contato profissional.

— Mas, por que eles não podem falar comigo?

— Porque eu não quero.

— Por quê? — insisti, fazendo com que Augusto estreitasse os olhos.

— Não estou preparado para dividir nada a seu respeito ainda, Estela. Entende?

Neguei, odiando tudo isso. Eu não era bicho para ser presa, para ser mantida em cativeiro e apenas ser vista de longe. Eu queria falar com as pessoas, dançar pelo salão... queria me divertir.

— Agora volte para dentro comigo.

— Não, eu quero ficar aqui.

— Estela.

— Não, Augusto, eu já falei!

— Nós ainda nem dançamos. — Voltei a encará-lo, agora com curiosidade.

— Nós vamos...?

— Se voltar para dentro comigo, sim.

Hesitante, eu olhei para o salão e depois para Augusto.

— Posso dançar descalça? Eu não sou acostumada a usar sandálias altas, a moça disse que essa era confortável, mas elas não são.

Esperei, ansiosa. Eu queria muito dançar, mas não se estivesse com meus dedos esmagados pelas tiras da sandália. Queria estar livre para poder

girar e girar pelo salão.

Calado, Augusto acariciou o meu rosto e se inclinou, até quase encostar o seu nariz no meu.

— Você pode tudo, Estela. — Ele estendeu a mão para que eu a pegasse. Entrelaçando nossos dedos pela primeira vez na noite.

AUGUSTO ALENCAR

— Posso ir ao banheiro antes?

— Toalete.

— Oi?

— Se diz *toalete*, e sim, você pode. Basta seguir por aquele corredor. Eu estarei à sua espera, tudo bem? — Ela assentiu, calçando as sandálias antes de se afastar. — E Estela? Não fale com ninguém.

Vi-a morder o lábio, contrariada. E notei cada maldito homem que se virou para observá-la.

Sierra escolheu esse momento para se aproximar, oportunamente.

— Achei que tivesse deixado claro de que eu a queria discreta.

— Foi a garota quem escolheu. Eu até tentei convencê-la do contrário, mas sua ciganinha sabe ser teimosa quando quer.

Permaneci em silêncio, olhando na direção para a qual Estela se perdera.

— Klaus perguntou se ela tem prazo de validade. — Não era possível, merda! — Nunca imaginei que homens como vocês pudessem se interessar por garotas como ela. Estou tentando entender o que o atrai nela, Augusto. A virgindade? A selvageria?

Era a inocência. A falta de malícia. Estela não jogava, não brincava. O que ela dizia era o que pensava. E mesmo que fosse na maior parte do tempo

uma fera, ela tinha um lado vulnerável. Inseguro. O medo de não se encaixar na minha vida...

Ela não irá ficar por muito tempo para que a gente descubra. Nem eu permitiria.

— O que respondeu a ele, Sierra? — perguntei ao ver Klaus se impor em meu caminho, à procura de Estela.

O filho da puta, ou não tinha entendido o meu aviso ou o estava ignorando de propósito.

— Eu disse para que cuidasse da vida dele. Que Estela, valia muito para você. Mas ao que parece ele entendeu o meu aviso como um desafio. — Sierra levou sua própria taça à boca, sorrindo.

Deixei-a falando sozinha e caminhei até Klaus, o alcançando antes que Estela o visse.

— Ela é linda.

— É sim, realmente linda. Mas é minha — falei da única forma com que homens como ele entenderiam. — Trepe e foda com a mulher que quiser, eu não dou a mínima. Mas Estela está fora do seu alcance.

— Achei que Sierra fosse sua...

— Sierra é apenas uma amiga. — Ele sorriu, como se compreendesse.

— Devo ter entendido errado, então.

O homem se afastou quase que no mesmo instante em que Estela entrou no meu campo de visão. O sorriso em seu rosto, deixando-a ainda mais bela.

— Podemos dançar agora? — perguntou, impaciente.

A acompanhei até o meio do salão, onde uns poucos casais dançavam enquanto o jantar, de fato, não tinha início.

— Klaus não é um bom homem — avisei, quando minha cigana apoiou a cabeça em meu ombro, aproximando nossos corpos conforme eu a

conduzia suavemente.

— Diziam o mesmo a seu respeito, e eles estavam errados. — Enrijeci, fechando os olhos por um instante.

Em qualquer outra situação eu poderia pensar em desistir do plano, mas não nessa. Havia muito mais em jogo do que apenas as terras. Havia a vingança que meu pai colocara em minhas mãos de bandeja, a chance de dar o troco ao que aquele cigano fizera a minha família. O ódio que sentia daquele infeliz fora alimentado por Alfredo em cada oportunidade que o tivera de fazer, mas não acho que teria sido diferente caso ele não tivesse se empenhado tanto.

Se havia algo que os Alencar compartilhavam, além da óbvia obsessão, era o prazer de fazer *justiça* com as próprias mãos.

— Nunca imaginei que fosse viver uma noite como essa.... Eu me sinto em um conto de fadas, Augusto.

— É real, Estela. — Ela me encarou, com olhos sonhadores.

— Tudo é tão lindo.

— *Você é* que é linda. Por que acha que foi alvo de olhares durante toda a noite? Veja todas essas pessoas, Estela. São elegantes, bem-vestidas, mas falta algo nelas que você tem de sobra: fogo... e uma vontade absurda de viver. Não há nada mais bonito do que isso.

Ela enrubesceu eu a conduzi pelo salão, tomando cuidado para não pisar em seus pés. E sim, após deixar o toalete, Estela conseguiu esconder as sandálias no corredor. Não acho que os convidados tenham notado, e os que fizeram não seriam loucos de dizer algo a respeito.

A escutei rir conforme dançávamos, a saia de seu vestido rodando suavemente com o movimento. Estela ficou na ponta dos pés e deixou que a cabeça pendesse para trás, seus cabelos se movendo junto com ela, que não apenas ignorou os convidados e o que eles poderiam vir a pensar de seu comportamento, como pareceu se esquecer de que estávamos em público. Os braços apertados ao redor da minha nuca, tornou impossível que nos afastássemos. E se fosse para ser honesto, eu não queria soltá-la. Eu estava

caindo por essa mulher feito um tolo.

Um tolo... absolutamente encantado.

Ao me deparar com Sierra e Benjamin em um canto estratégico do salão, eu cerrei o maxilar diante do brinde solitário que minha advogada fez enquanto Ben, ao seu lado, dava um longo gole em sua própria bebida. Ambos atentos a minha interação com Estela.

— Vamos sair daqui — declarei ao sentir, de repente, a necessidade de protegê-la deles.

E de todos aqui presentes.

ESTELA SAAVEDRA

Subi os degraus na frente de Augusto, a respiração agitada. Ele não falou muito durante o trajeto até a cobertura, não comigo pelo menos. Seu celular tocou no instante em que entramos no carro, e enquanto discutia negócios com Sierra, eu procurei me distrair com os lugares pelos quais passávamos.

Inclinada sobre o banco, fiz perguntas ao motorista sobre a cidade, que ao perceber que não me contentaria com murmúrios de *sim* e *não*, diminuiu a velocidade apenas para me mostrar o Parque Ibirapuera, que, de acordo com ele, era o maior do estado de São Paulo.

Assim que Augusto encerrou o telefonema, eu o questionei sobre me levar até lá no dia seguinte, mas tudo o que obtive dele foi um assentir sem qualquer garantia.

— Estou com sede — falei, quebrando o silêncio antes de entrarmos no quarto, que obviamente era o dele. — Onde fica o quarto que Sierra preparou para mim?

— Esqueça, você não irá dormir nele — falou de forma ríspida, e ao ver as dezenas de perguntas invadindo a minha cabeça, acrescentou: — Eu a quero aqui, Estela. No meu quarto, e na minha cama.

— Mas... — perdi o meado da conversa ao vê-lo retirar o paletó e jogá-lo sobre a poltrona. Minha garganta, que permanecia seca, ficou ainda mais. Admirei a forma como seus dedos longos e ágeis desfizeram o nó da gravata que usava, e em seguida desabotoou os primeiros botões de sua camisa.

Augusto era lindo. O rosto, ríspido podia pôr medo em qualquer pessoa, mas não em mim. Pelo menos, não mais. As mãos eram grandes e ásperas. O corpo inteiro duro, másculo. Tocá-lo era como tocar uma obra de arte feita de mármore. Mas eram os olhos que mexiam comigo. A forma como me encarava, como me despia sem o fazer. Era possível enxergar tudo através deles. O tesão que Augusto sentia, a raiva. Por isso sabia quando ele estava irritado, impaciente.

Assim como sabia quando ele me queria.

E era dessa forma, impetuosa e exigente, que o homem me olhava agora.

Fazendo-me sentir desnuda, sem estar.

Nervosa, procurei me concentrar na vista que tínhamos do seu quarto e inspirei profundamente o ar. A cama de Augusto ficava de frente para a janela e era imensa. A maior que já vi. Cabiam pelo menos cinco de mim sobre ela.

— Me espere aqui, eu pegarei algo para bebermos — falou, deixando o quarto. Cinco, dez, quinze minutos depois, Augusto retornou. Mas não foi somente o copo de água que trouxe com ele. Havia outro um pouco menor, com a bebida que eu o tinha visto tomar mais cedo.

— O que é isso? — perguntei, ao vê-lo se aproximar.

A primeira coisa que fez foi me deixar drenar o copo com a água. Eu estava mesmo com sede, pensei ao devolvê-lo vazio. Em seguida, ele estendeu o outro copo.

— Conhaque. Experimente. — Sacudi a cabeça, negando, mas Augusto o levou até a minha boca e me fez provar o líquido que desceu arranhando por toda a garganta. Lambi meus lábios, sorvendo os resquícios

da bebida forte, e antes que pudesse provar um pouco mais, Augusto sorveu o restante do líquido diretamente da minha boca.

Foi um beijo repleto de ferocidade, sem intenção de pausa ou recuo. As mãos possessivas seguraram com força o meu rosto, o inclinando para trás. Ofeguei, agoniada entre as pernas. Desejando ardentemente ver-me livre do vestido, e de tudo o que impedia esse homem de tocar meu corpo. Um beijo atrás do outro, e de repente, eu me vi em seu colo, ambos na poltrona do seu quarto.

A alça do vestido de alta-costura deslizou pelo braço esquerdo, e foi ali que a boca de Augusto atacou. Tive a pele chupada, mordida, seus dentes brancos raspando a linha fina entre os meus seios, que pareciam ainda mais pesados, como se a excitação os deixasse extremamente sensíveis.

Então ele parou, olhando-me dentro dos olhos, como um animal faria antes de se atracar com sua presa, e virou o restante da bebida, que havia sido colocada sobre a mesa de apoio ao lado da poltrona. Dando-me tempo de recuperar o fôlego.

— Eu quero ir ao parque amanhã — revelei, baixinho, fazendo-o respirar fundo.

— Se a reunião com Klaus terminar cedo, eu a levarei.

— Não é longe daqui, eu posso ir sozinha...

— Eu disse que se der eu a levo.

— Odeio quando fica irritado.

— Eu não estou.

— Está sim, eu te conheço. — Ele me segurou pelo braço quando tentei me levantar. — Sei quando está bravo comigo, ou sem paciência. Sei quando está feliz. Ou com saudade.

Seu toque suavizou, e o olhar profundo intercalou do decote do vestido ao meu rosto.

— Como sabe quando estou com saudade?

— Porque você me beija quando está assim...

— Eu te beijo a todo momento, Estela, está me dizendo que vivo com saudade de você?

— Não sei... você vive? — Augusto quase sorriu, encostando a cabeça contra a poltrona, enquanto me observava. Eu tinha uma perna em cada lado do seu quadril, assim como ficávamos no carro. E dessa forma, pude ver quando ele deslizou o dedo pelo meu braço, ombros e pescoço. Desenhando-me por cima da minha forma.

Movi-me inquieta em seu colo, sentindo-o todo duro. Na única vez em que o toquei, Augusto quase perdeu a cabeça. Seu beijo se tornou tão violento e intenso que gozei no instante em que a boca daquele homem se enfiou entre as minhas pernas. Tive medo de que aquela loucura, que quase me fez me entregar a ele, se repetisse, e evitei a todo custo o tocar lá embaixo. Mas agora, aqui sozinha com Augusto, eu não conseguia pensar em nada que quisesse mais.

— O que está fazendo... — ele perguntou ao me ver desafivelar o seu cinto, minha mão escorregando devagar para dentro de sua calça e o apertando.

Augusto não ofegou, ou respirou mais fundo. O olhar predatório e cruel permaneceu fixo em mim, desafiando-me. Subi e desci os dedos ao redor da espessura grossa que pareceu inchar e se tornar mais densa conforme eu o acariciava.

Com a ponta dos dedos, fui capaz de sentir a largura da parte mais grossa do seu pênis. Percebendo que da cabeça até o fim, ele era todo dessa forma. Grosso a ponto de não conseguir rodeá-lo com os dedos. A verdade era que... o homem era grande. Não apenas em estatura. Curiosa, eu olhei para onde meus dedos o seguravam, e me perguntei, não pela primeira vez, se doeria senti-lo inteiro dentro de mim. Se eu conseguiria.

— Me ensina como te dar prazer — pedi, mais excitada do que nunca, achando impossível que Augusto não estivesse sentindo-me arder lá embaixo.

O homem sacudiu a cabeça, transtornado.

— Você não precisa aprender nada, porque sabe exatamente como fazer, Estela. A forma como morde a minha boca quando está excitada... é algo que sempre me deixa de pau duro. Essas suas mãos curiosas e desajeitadas... sempre indecisas sobre onde ou como me tocar. Mas você sabe, é algo quase instintivo em você.

— Eu estou excitada agora.

Ele sorriu.

— Eu sei, sua boceta está quente.

Puxei a saia do vestido para cima, embolando-o em minha cintura. Eu queria que Augusto me tocasse e me deixasse tocá-lo.

— Tudo em mim arde, é como se pegasse fogo. É isso... eu estou pegando fogo.

— Deixe-me adivinhar, eu sou o homem que irá pôr um fim a todo esse fogo? — Sorri, e em seguida concordei, sentindo-o me agarrar pelas ancas.

Meu lábio foi puxado, vorazmente mordido. E enquanto nos beijávamos ele se pôs de pé, carregando-me em seus braços. Não como um príncipe carregava sua princesa, não mesmo. Porque a forma como podia senti-lo latejar contra a minha barriga era pecaminosa. Quase indecente.

— Diga-me que está preparada, meu amor, que deseja finalmente se tornar minha.

Eu estava? Algo me dizia que sim, mas isso não impedia que eu sentisse medo.

— Acho... que estou.

— Não gosto de lidar com achismos, Estela. Gosto de ter certeza em tudo. — Tive a orelha mordiscada, sendo alvo de chupões e lambidas gostosas.

Augusto queria que eu fosse dele, e eu queria ser... só que para sempre, pensei, por cima de toda aquela loucura.

— Eu estou. — Seus olhos se encontraram com os meus para ter certeza. — Estou pronta, Augusto, eu quero ser sua.

Um fulgor impiedoso atravessou o seu olhar. Uma satisfação que enxerguei como desejo. Fui colocada de pé, minhas pernas tremiam feito duas varas bambas. Esperei por um ataque, por algo que nos levasse até a cama, mas tudo o que Augusto fez foi me cercar, caminhando lentamente ao meu redor.

— Tire o vestido para mim, eu quero te ver ficar nua.

Ele se afastou, acendeu o charuto que tinha sobre o criado-mudo e voltou a se sentar na poltrona.

Parecia duro, controlador. Diferente do homem de hoje cedo. Era como se nesse lugar, nessa cidade, ele fosse outra pessoa.

Com os dedos trêmulos, eu descii devagar o zíper na parte de trás do vestido. Com a respiração pesada, Augusto segurou o charuto, a fumaça exalada, nublando o quarto. Mas não os seus olhos. Nunca eles. Nervosa, eu deslizei a outra alça do vestido, expondo o colo nu enquanto o homem à minha frente se inquietava, movendo-se na poltrona.

Seus olhos se fixaram no decote que deslizou sem dificuldade, expondo os seios desnudos, sem qualquer proteção. Isso não o surpreendeu, Augusto me conhecia. Sabia que, se pudesse evitar, eu não usava sutiã ou calcinha.

Empurrando o tecido vermelho para baixo, eu fiz um pouco mais de esforço no quadril. Até que caiu por completo, amontoando-se no chão enquanto Augusto rosnava algo inteligível, mas extremamente excitante.

Meus mamilos, expostos ao frio, enrugaram. A pele ao redor foi ficando arrepiada. Então eu senti a dorzinha se espalhar em direção aos bicos intumescidos, uma dor que se intensificou ao ter os olhos de Augusto os fitando com voracidade. Quase recuei ao vê-lo ficar de pé, seus dedos ágeis caindo sobre os dois cumes redondos. Estremeci de prazer, e a sensação que se alastrou por todo o meu corpo me incapacitou. Eu não podia pensar, não podia, sequer, lembrar quem nós dois éramos. Tudo o que sabia era que o

homem à minha frente, estava prestes a me tomar inteira. A me fazer dele.

Sob o seu olhar, eu alcancei as laterais da calcinha que usava, mas dessa vez ele não permitiu que eu continuasse.

— Pare — ordenou, de repente. — Eu passei tempo demais imaginando você nua, para chegar agora e deixá-la fazer todo o trabalho. Sua calcinha quem tira sou eu.

A severidade com que falou, deixou-me nervosa. Tentei recuar, mas ele eliminou a distância entre nós dois rapidamente. Prendi a respiração ao senti-lo acariciar o meu rosto, beijando minha boca de forma quase bruta. Quando o corpo imenso do homem me encurralou, eu desmoronei.

Minhas pernas bambearam e meu coração bateu descompassado.

Afastando-se apenas o suficiente para que pudesse olhar para os meus seios, seus dedos voltaram a traçar a pele enrugada do mamilo, que se tornou sensível diante do seu toque. Como se todo o sangue do meu corpo se concentrasse ao redor deles. Assisti, fascinada, a forma como seu dedo subiu e desceu, suspirando um pouco mais a cada segundo que passava. Então tudo mudou. Tornando-se rapidamente brutal. Selvagem.

A mão inteira de Augusto contornou o meu seio por baixo, medindo-o.

— Eles são perfeitos, a maior tentação de um homem.

— Augusto — gemi seu nome, ensandecida. Minha mente foi ficando embaralhada pelo tesão e as dúvidas. Iria doer? Eu iria me arrepender?

— O que foi, Estela? — Ele sentiu a mudança no ar.

— Estou com medo.

— Do quê, meu amor? — Seu polegar foi até o meu lábio.

— E se... doer? E se tudo mudar?

— Vamos com calma, sim? O que posso garantir a você é que nada vai mudar após essa noite. Eu vou continuar aqui, compreende? — Augusto

esperou por uma resposta.

— Jura? — perguntei hesitante. — Fazer amor é importante para mim, Augusto. É o meu corpo, eu não o entregaria se não tivesse certeza...

— Nada vai mudar. — Ele não jurou, mas a garantia que me deu foi firme. Augusto poderia ser um homem irascível, filho de quem era, mas ele era carinhoso comigo. Nunca me pressionou ou foi além do que permiti. — Apenas confie em mim, ciganinha.

Eu não estaria aqui se não confiasse.

AUGUSTO ALENCAR

Beijei a boca de Estela, cujos lábios tremiam inteiros. A promessa do que viria em seguida deixou-me alucinado. Grunhi ao sentir os mamilos roçarem a camisa que eu ainda vestia; e em vez de me afastar, eu os esmaguei com a dureza do meu corpo. Imaginei esse momento tantas vezes e de maneiras tão diferentes, que, com Estela aqui, praticamente nua na minha frente... eu queria fazer tudo. Tomá-la contra o chão e a parede... montar em seu corpo sobre a cama. Chupar a boceta doce e, em seguida, fazê-la se ajoelhar com meu pau atolado em sua boca.

Era tesão demais acumulado, para ter de me contentar com pouco agora.

— Vá para a cama e deite de bruços — pedi, assistindo-a me olhar insegura.

Uma verdadeira contradição.

Estela se afastou, dando-me as costas. A bunda grande, com bastante carne para pegar, pareceu deliciosa vista daqui. A calcinha que usava era pequena demais para cobrir algo daquele tamanho.

Ajoelhando-se sobre o colchão, Estela se virou da maneira como pedi. Sua respiração falha fez com que os seios subissem e descessem repetidamente. Os pelos de sua barriga seguiam arrepiados, assim como a pele ao redor do mamilo. Juntei-me a ela, levando o meu tempo, e enquanto

registrava cada pedaço dessa mulher em minha mente, eu escorreguei a mão pelos seus tornozelos. Eu sei, eu tinha um fetiche do caralho por eles, acho que por ela inteira, merda!

Pondo-me sobre Estela, eu puxei as laterais finas da calcinha de algodão branca que usava. Assim como era na parte de trás, era na frente. Um pequeno retalho de tecido que cobria o triângulo de sua boceta, que para a minha surpresa ainda exibía um filete fino de pelos.

— Você não os depilou...

— Eu deveria?

— Não. Eu gosto que seja assim. — Meu polegar separou os lábios de sua boceta, encharcada de tão úmida, enquanto seus dedos desabotoavam desajeitadamente a minha camisa.

A ciganinha parecia faminta, e isso só me fez ficar mais excitado.

A calça, já aberta, foi puxada fora, e apenas de boxer eu joguei o peso do meu corpo sobre o de Estela, enquanto a beijava suavemente.

— Não vou mentir... eu vou tentar ao máximo fazer com que não doa, mas não garanto que conseguirei. Então eu preciso que me diga quando parar, e se a dor for demais, você terá de me dizer.

Estela assentiu, tremendo um pouco mais.

— Venha por cima, amor. Monte o meu quadril.

Eu não estava dando o controle a ela, apenas facilitando o encaixe. Se bem, que com a forma que estava molhada, Estela deslizaria até o talo. Tomaria todo o meu pau facilmente. Sentada sobre as minhas pernas, eu puxei o seu quadril e a encaixei sobre a cabeça do meu pau, que latejou ao ser apertado.

Estar ali, com ela entregue, ser o seu primeiro homem. O tesão que sentia era tão insano, que eu não me achava capaz de me contentar com uma única vez, eu iria querer mais dessa garota. Eu iria querer tudo.

— Olhe para mim. — Ela o fez. — Agora desça, Estela... Devagar.

Seu rosto se contorceu em uma pequena careta, estava doendo para ela, porra!

Segurei suas coxas, para que não descesse mais. Meus dedos a apertaram tamanho o desejo que tinha de, em uma arremetida, romper seu hímen. Mas eu não fiz.

— Dói, Augusto. — Estela não iria conseguir ir até o final, o medo dela era maior. Então eu a deitei de costas novamente, beijando-a na boca, nos seios... até alcançar a barriga arrepiada. Que foi onde deixei pequenas mordidas, sentindo-a estremecer debaixo de mim.

Estela estava molhada, eu podia sentir pelo cheiro, mas continuava tensa. E assim, nada do que fizéssemos seria bom para ela. Então eu afastei a maldita necessidade que estava de possuí-la, e me concentrei em seu prazer: deslizando a boca até a boceta apertada.

Escancarei suas pernas, vendo-a inteira. A pele vermelha, molhada, parecia clamar por atenção. Meu dedo a percorreu, do clitóris até a entrada que havia sido penetrada pela cabeça do meu pau. A vi se abrir, como uma flor, literalmente, e sugar meu dedo para dentro. A respiração de Estela tornou-se densa enquanto ela aguardava... pelo quê? Dor?

— Você é linda, meu amor — murmurei contra a pele da sua coxa. Esfregando o nariz por toda a região macia, até chegar as dobras molhadas da virilha. Mordi a própria boca, antes de lamber os dois lados, provando de sua excitação enquanto a penetrava com outro dedo. Um mais grosso dessa vez.

As pernas de Estela congelaram conforme eu o enfiava um pouco mais fundo, um de seus pés veio parar em meu ombro. O segurei, mantendo-o em meu controle, e, ao chupar sua boceta, ela foi aceitando instintivamente a invasão de meus dedos. Que continuaram indo cada vez mais fundo. Eu não queria que Estela perdesse a virgindade dessa forma, porra. Andava tão fissurado na ideia de ser o seu primeiro, que não iria tirar esse prazer do meu pau, então, quando seus gemidos tornaram-se incessantes, soando quase como gritos, eu me afastei.

— Não.... volta, por favor — a safada pediu, mas eu neguei. Pondo-me sobre ela novamente e a beijando. Fazendo-a sentir do seu gosto.

Fazendo-a sentir a grossura do meu pau entre as suas pernas. — Eu não gozei, Augusto...

— Eu sei, ciganinha, eu sei.

— Então?

— Se for paciente e uma boa garota, você fará isso com o meu pau dentro de você. — Os olhos verdes cintilaram, excitados. — E, eu prometo, meu amor, que quando me sentir inteiro, cada centímetro do que eu sou, seu orgasmo virá ainda mais intenso.

— Você está mentindo — falou, desafiando-me.

— Só há uma forma de saber. — Estela me encarou, e lentamente abriu as pernas para me receber. Sua boca procurou pela minha avidamente, como se precisasse dos meus beijos para conseguir relaxar.

Comigo no absoluto controle, eu a penetrei aos poucos, arremetidas lentas, um vai e vem que a fez se acostumar com o meu tamanho. Um pouco mais a cada vez. De olhos fechados, eu me questionei se ela não estaria sentindo dor, se a razão de estar tão quieta não seria um indício...

— Quer que eu pare? — perguntei, honestamente preocupado.

— Não. Eu... não saia, por favor... eu quero te sentir. Quero que faça amor comigo, Augusto. Quero que... me ame. — *Caralho!*

Nunca estive a um passo de gozar por causa unicamente das palavras de uma mulher. Mas com Estela, era como se tudo o que saísse de sua boca me atingisse de uma forma que ninguém jamais conseguiu. Ela me assombrava, fazia-me questionar cada passo dado e cada decisão tomada, fazendo-me admitir que a única certeza que possuía atualmente era o tesão que tinha por ela.

— Respire junto comigo. — A garota o fez, e enquanto puxava a perna eu a penetrei um pouco mais fundo, um gemido sôfrego escapou de sua boca; não soube se de dor ou prazer. — Estela? Está doendo?

Ela negou, mordendo a boca, não me convencendo nem um pouco.

Movi o quadril com suavidade, saindo de dentro dela, não completamente. Estela arfou, arranhando-me as costas, prendendo-me no meio de suas pernas. Não acho que a ciganinha queria que eu me afastasse...

— Fica — sussurrou, arqueando os seios e pulsando freneticamente por toda a extensão do meu pau.

— Estela... porra, você precisa parar. — Se era instintivo, eu não sabia. Mas que a ciganinha iria me drenar até a última gota se continuasse com essa tortura, ah, ela iria.

Mas a garota não parou e ficou repetindo *me volis tu*, contra a minha boca. Não tinha ideia do que aquelas palavras significavam, e atordoado como estava, tudo o que senti foi o seu corpo estremecendo, sugando-me para dentro, apertando-me por completo. Eu mal tinha acabado de entrar em sua boceta, e o grito selvagem que a garota liberou denunciou o orgasmo que já vinha se acumulando desde o momento em que tive a minha boca entre as suas pernas.

— Caralho, meu amor, eu vou perder a cabeça!

— Perde — rebateu, baixinho. A voz ondulou. — Perde comigo.

— Não quero te machucar.

— Você não vai. — Olhei fundo em seus olhos, e empurrei o quadril novamente contra ela, meu pau preencheu tudo. Cada centímetro de boceta.

— Se doer...

— Não vai, apenas faça amor comigo.

Como dizer a ela que eu não sabia como fazer amor? Que, para mim, isso sempre seria sexo?

Afundi em seu corpo, deixando-me ser consumido pelo cheiro de Estela. A excitação que lhe escorria nas pernas, a camada fina de suor que se agarrava a nós dois sobre a pele, tornou o ir e vir escorregadio. Molhado. Depois de semanas chupando-a na boceta, eu finalmente a senti por dentro. Meu saco estava dolorido pelo esforço feito ao segurar meu próprio gozo,

enquanto me obrigava a não fodê-la como teria feito com qualquer outra mulher. Forte, duro. Sem pausa sequer para respirar.

— *Me volis...* — Eu a calei, calei as palavras que não faziam sentido para mim. Calei seus gemidos, ofegos. E tomei cada gota do prazer dessa garota.

Perdi-me em seu corpo, o vai e vem visceral, trazendo o meu próprio orgasmo à borda. Então, pegando-me de surpresa, Estela parou de gemer e deslizou a língua para dentro de minha boca, enquanto experimentava o seu segundo orgasmo comigo dentro dela. Meu pau a penetrou tão fundo, que não aguentei, liberei o meu gozo antes mesmo que pudesse tirar para fora. *Nós não estávamos usando camisinha, porra! Como não me dei conta antes?* Os jatos de sêmen que ainda saíam, recaíram agora espessos em sua barriga. Senti-a respirar fundo, olhar para o meu pau, que latejava, e depois olhar para mim com a boca entreaberta, implorando silenciosamente por mais beijos.

Um pedido para o qual eu teria de estar declaradamente louco antes de recusar. Tanto que não me importei com o gozo espalhado entre nossos corpos, tudo em que conseguia pensar era em afundar novamente dentro dessa garota e não sair nunca mais.

O peso do meu corpo, não a assustou. Estela continuava absorta com todo o prazer. Perdida nele. E o que falou depois que grunhi e rosnei em seu ouvido, deixou-me duro instantaneamente.

— Podemos fazer de novo? — A voz dela soou baixa, ofegante. E eu me peguei sacudindo a cabeça, não discordando, porque porra eu queria de novo. O motivo de ter feito o gesto foi porque nunca imaginei que fosse encontrar alguém como ela.

— Algo me diz que eu não serei capaz de te esquecer depois dessa noite, ciganinha.

Ela gostou de ouvir, gostou tanto que se derreteu debaixo do meu corpo. Não foi mentira o que falei, tinha tudo para ser, mas não foi.

O que me preocupou.

CAPÍTULO 18

AUGUSTO ALENCAR

Cento e cinquenta...

Cento e cinquenta e um...

Cento e cinquenta e dois...

Continuei a pular corda, o corpo suado sendo empurrado ao extremo. Eu estava acordado desde as cinco horas dessa manhã, louco por um pouco de ação. Ficar naquela cama teria me matado, ou feito-me forçar Estela além do que ela estaria disposta a aguentar. A noite passada fora muito, Estela e eu mal dormimos, porque eu me recusei a sair de dentro dela. Se não estivesse tão exausto, eu teria permanecido na cama, sentindo-a contrair e choramingar preenchida pelo meu pau. Quente, toda suada.

— *Porra!* — Essa era a terceira vez que eu perdia a conta, os músculos dos meus braços e costas pediam, por favor, para que eu parasse. E foi o que fiz.

O suor escorrendo pelo tórax, era prova de que eu tinha forçado o meu corpo além do limite. O noticiário saiu do *mute* e a voz da jornalista invadiu as paredes da academia privativa, abafada de qualquer som externo. Todo o edifício fora construído para atender as expectativas e planos que eu tinha para o Grupo Alencar; a cobertura, criada a fim de manter a minha mente no que era importante: o trabalho.

Coberta por mármore e granito, vidros duplos com vista para a

paisagem de uma das cidades mais populosas da América do Sul. Eu amava a vista que possuía daqui de cima, amava a porra da sensação de saber que eu comandava boa parte de toda essa cidade. Metade dos prédios à minha frente eram aquisições do Grupo Alencar. Havia investimentos feitos por mim em cada canto e espaço desse território, garantindo-me o controle que possuía hoje.

Tirei da mão as bandagens e enxuguei o rosto enquanto me aproximava da TV.

Eu gostava de estar atualizado a respeito da oscilação da saca de café e das ações na bolsa de valores. O segundo interferia diretamente no primeiro. Pelo menos, no que se referia à produção commodity, que representava cerca de 40% do que era plantado em nossas fazendas. A outra parte levava o selo *Direct Trade*, e se referia a produção dos cafés com qualidade superior, cujo valor não sofria com a oscilação da bolsa, e as sacas eram negociadas abertamente entre o produtor e o comprador.

O valor era maior, obviamente, mas assim também era a qualidade do grão. Essa era uma das razões da viagem que eu e minha equipe faríamos em algumas semanas. E enquanto milhares de pessoas consumiam o café do grão plantado em uma de minhas fazendas, eu estaria apertando a mão de negociadores dos mais diversos países. Eram eles o meu foco.

E para atender a grande demanda, eu precisava de mais terras e infraestrutura adequadas para continuar a fazer o que sabia de melhor: expandir, produzir. Dominar o mercado.

Com a voz do jornalista ecoando pela academia, eu peguei o celular e dei uma lida rápida no e-mail de Benjamin, atualizando-me sobre a conversa que ele e Klaus tiveram na noite passada. Algo que poderia ser feito nos minutos que teríamos livres antes do empresário chegar, o que me levava a crer que Ben só poderia ter enviado o e-mail porque desejava dividir comigo o fato de Sierra ter saído com Klaus no final da noite.

Um problema de cada vez, pensei, afastando aqueles dois da cabeça deixando que certa cigana voltasse a invadi-la. Com o corpo ainda suado, eu fui até a cozinha e preparei um café forte na cafeteira elétrica, já que havia

dispensado o Thomas por todo o final de semana. Após me servir de uma xícara, fui diretamente para o quarto, que era o lugar de onde não queria ter saído essa manhã.

Encontrei Estela exatamente do jeito que a deixei ao sair da cama, o lençol branco cobrindo o quadril moreno cujas marcas da minha mão, da força com que a peguei e apertei na noite passada, ainda podiam ser vistas.

Transtornado com a intensidade do desejo por essa garota, eu me sentei na poltrona, onde tudo começou e a observei. Eu quase podia sentir o cheiro de sua inocência se perdendo entre os lençóis e as paredes desse quarto. O cheiro almiscarado do sangue do hímen rompido... o perfume floral se misturando ao aroma de sexo. Mas foi a expressão em seu rosto, quando a penetrei, que não saía da minha cabeça. Era essa cena que repassei uma centena de vezes durante a manhã de exercícios.

A principal razão de ter me trancado naquela academia, foi porque sabia que se tivesse permanecido na cama, eu a tomaria novamente e nós jamais seríamos capazes de sair de dentro desse quarto. Senti o pau latejar livremente por dentro da bermuda. Irrequieto, deixando que a vontade voltasse a dominar meus impulsos, eu andei pelo quarto de um lado a outro, sentindo-me como o único selvagem aqui. O olhar preso ao corpo nu e gostoso da ciganinha.

Eu iria perder a cabeça. Iria perder muito a porra da cabeça.

Estela se moveu, ainda presa em seu sono. Meus olhos se atendo a tornozeleira que ela não tirava, nunca. Como um predador lunático, eu passei a mão pelos penduricalhos, tocando as pequenas estrelas...

— Uma pequena e safada estrela. É isso o que você é, ciganinha.

Incapaz de raciocinar, eu ajoelhei sobre o colchão e comecei a chupar e morder sua perna. A parte de trás era macia, voluptuosa. E o cheiro de todo o sexo feito na noite passada pareceu não tê-la deixado ainda.

Estela despertou aos poucos. Suas costas e bunda, se arrepiaram conforme eu afastava o lençol que mal a cobria, encontrando-a nua em pelo por baixo do linho.

— Bom dia, meu amor — murmurei em seu ouvido, os dedos deslizando para o meio de suas pernas. — Estou ficando louco aqui, porque não consigo pensar em outra coisa que em estar dentro de você novamente.

— Você está suado... — Estela sorriu contra o travesseiro, empinando a bunda gostosa contra a ereção.

— Pretendo ficar um pouco mais, então me diga... acha que me aguenta? Ou prefere ser chupada?

— Quero os dois, Augusto — gemeu baixo, instantes antes do encontro de nossas bocas. Foi tudo tão intenso, que quando dei por mim estávamos encaixados, suando e arfando como animais faziam ao copular. Estela me tomou, sem reclamar. Era como se soubesse que o seu lugar no mundo era exatamente esse: deitada em minha cama, com cada polegada do meu pau dentro dela.

ESTELA SAAVEDRA

Caminhei seminua pelo apartamento, despreocupada após Augusto ter garantido que eu poderia ficar à vontade. Então eu fiquei. Amava andar descalça, com os pés no chão. Os seios livres, e não era exatamente uma fã de calcinhas. Ele sabia disso. Por isso, após fazermos amor essa manhã e do banho rápido que tomei, eu mal me enxuguei. Apenas joguei uma de suas camisas sobre o corpo e saí em busca de algo para comer enquanto o homem se preparava para a reunião que teria. Durante o banho, enquanto nos tocávamos, e ele verificava se eu estava realmente bem, após todo o sexo feito, Augusto me prometeu comprar uma pomada para a sensibilidade que eu sentia entre as pernas.

Fiquei vermelha ao ouvi-lo falando sobre isso, mas de acordo com ele era algo normal. O sexo causava atrito, tanto externo quanto interno. E como tinha sido a minha primeira vez... ele preferia tomar todo o cuidado do mundo. Diferente da primeira vez na noite passada, nós não voltamos a fazer sem camisinha. E hoje pela manhã, Augusto tocou no assunto de contracepção, o homem queria que eu fosse a um médico para que pudéssemos nos prevenir contra qualquer incidente. Palavras dele, não

minhas.

Diferente do que imaginei que aconteceria, eu não me senti culpada por ter entregado o meu corpo a ele antes do casamento. Papai não gostaria de saber, mas então eu pensei que poderia não contar... porque a verdade era que não me via entregando o meu corpo a qualquer outro homem. Nem agora, e nem nunca.

Por mais livre que fosse, o meu coração pertencia ao Augusto. Assim como o meu futuro.

Faminta, eu caminhei hesitante pela sala onde Athos se mantinha deitado, congelando completamente, ao vê-lo levantar a cabeça e pôr-se de pé ao se dar conta da minha presença. Com medo, eu não soube se seguia em frente ou se voltava lá para cima, mas sentia que se corresse ele viria atrás de mim.

— Ei, bichinho grande... você é assustador, sabia? — O rabo de Athos foi de um lado ao outro. *Ele estava animado ou nervoso?* — Você vai se decepcionar se me morder... eu não sou gostosa.

Dei um passo em direção à cozinha, e ele deu outro na minha. Percebendo que o cão não iria recuar, eu fiz o que de melhor sabia: eu corri. E ao chegar onde pretendia subi em cima da banquetta. Mas Athos não se afastou, seu rabo continuou a balançar enquanto ele latia ferozmente.

— Isso não é justo, sabia? Eu não fiz nada para você... — falei com o animal, tentando encontrar alguma solução para a situação em que me encontrava. Até que as frutas sobre a bancada chamaram-me a atenção.

Talvez ele gostasse de morangos, não é?

Antes de lhe dar, porém, eu comi um sentindo-o docinho.

— *Você vai gostar, amigo* — falei baixo, jogando um para que pegasse.

Com o tamanho de boca que tinha, Athos rapidamente o mastigou e voltou para pegar mais. Fiquei ali, por vários minutos enchendo-o de morangos, na esperança de que não quisesse me morder quando eu corresse

para fora dessa cozinha.

Vi a oportunidade, quando já cheio, ele se deitou no chão, e fechou os olhos. Desci da banqueta sem fazer barulho, peguei os poucos morangos que restaram no pote, e a caixinha de creme de leite ao lado, e passei por ele. Não sem antes deixar mais alguns espalhados pela casa para que pudesse comer quando os encontrasse.

Ao chegar no quarto, eu me sentei no centro da cama, praticamente sem fôlego, e dei a primeira mordida em um morango inteiro coberto pelo creme.

— Hmmm — gemi com a boca parcialmente cheia.

Continuei a comê-los, apreciando um a um, sem pressa. O controle no criado-mudo ao meu lado foi apertado uma dezena de vezes até encontrar algo que eu quisesse assistir. Quando Augusto fosse para a reunião, eu não teria o que fazer no apartamento imenso. E ter de encarar Athos novamente, era algo que me causava certo receio.

O som de sapatos sociais tocando o chão de mármore revelou a presença de Augusto, que além de cheiroso se encontrava muito bem-vestido. A camisa azul-marinho pareceu se agarrar aos músculos de seus braços. Não havia gravata dessa vez, apenas botões fechados, e mangas dobradas. Olhei para o relógio de ouro em seu braço, ele gostava muito dele, eu já havia notado. Assim como notei que o cabelo de Augusto fora apenas jogado para trás com os próprios dedos.

Mordi outro morango, recordando a sensação de quando me penetrou. Jamais imaginando que o membro que ele tinha entre as pernas caberia dentro de mim. E talvez, por estar tão sensível, eu o tenha sentido inchar, as veias se expandirem enquanto o sangue corria por elas...

— Me escutou, Estela? — O encarei, negando em seguida, envergonhada que durante todo o tempo em que falou eu estive pensando no que fizemos na noite passada. — Eu disse que a reunião não irá demorar. Nesse meio tempo, eu não quero que deixe o apartamento, o que precisar basta me telefonar, tudo bem?

— Sim. — Enfiei um morango inteiro na boca, dessa vez, e perguntei:
— Sierra vai estar lá? Na reunião? — Ele me olhou de esguelha, não parecendo satisfeito.

— É o papel dela estar. Por quê?

— Nada, só que como hoje é domingo... pensei que não trabalhassem.

— Nós trabalhamos todos os dias. Não há folga, não nesse negócio.

— Augusto — o chamei quando ele estava prestes a deixar o quarto.
— Promete que não irá demorar? Eu queria visitar o parque. — Augusto olhou, sem dizer nada por um longo tempo, até que assentiu voltando à cama e beijando minha boca de forma apaixonada. Agarrei-me a ele, quase o trazendo para a cama de novo, mas o homem resistiu, limpando sutilmente a boca dos meus beijos e sorrindo.

Quando deixou o quarto, eu me joguei sobre os lençóis que ainda tinham o nosso cheiro e olhei para o céu azul à minha frente. Será que todo esse desejo que sentia era normal? Nós dois tínhamos feito amor essa manhã, mas algo me dizia que se ele tivesse ficado... eu não teria me importado de começar tudo de novo.

Distraída, eu me assustei quando a porta do quarto foi empurrada de repente, e o mesmo homem que saíra instantes atrás retornou. Os botões de sua camisa já estavam abertos, enquanto ele desafivelava o cinto. As mãos calorosas, firmes, faziam tudo parecer um espetáculo para os meus olhos. Olhei para o seu pênis ereto. O quanto ele era grosso e comprido, e senti-me inteira formigar. Não esperei por ele, não conseguiria, e no instante em que seu joelho bateu no colchão eu arranquei a camisa que mal me cobria e abri as pernas.

— Maldição! — Augusto agarrou um punhado do meu cabelo, deixando-me excitada. — Venha para o meu colo, sua safada, eu vou te tomar contra a parede dessa vez. — Pulei em seu colo, sendo segurada por ele sem qualquer dificuldade.

— E quanto a sua reunião? — quis saber, com a voz trêmula.

— Se eu não estiver presente, ela sequer terá início então que

esperem. Nesse momento, você é a única pessoa com quem quero estar.

Era o mesmo comigo.

AUGUSTO ALENCAR

Estela se contorceu com as lambidas que deixei em seu pescoço. Rindo como se a minha língua deslizando pela sua pele fosse algo divertido. O que até poderia ser, mas não nesse momento, não quando a avidez de nossos corpos, unidos pelas estocadas, pareciam incapazes de se afastar. O suor selava a minha vontade. Como era de se esperar, a safada mordeu-me na boca, fazendo-me puxar o lábio antes que ela deixasse a sua marca, mas Estela não desistiu, voltou a mordê-lo. Chupando-o entre seus dentes. Sem tirar os olhos de mim.

Quanto mais enxergava a forma descarada como sentia prazer, ou como se entregava ao momento, mais excitado e insano eu ficava. Não sabia como seria quando ela partisse, mas enquanto a beijava, com o pau enterrado fundo em sua boceta, eu só conseguia pensar que não seria fácil tirá-la da cabeça. Talvez meu beijo tenha se tornado mais feroz ao imaginar um futuro longe dessa garota, assim como foi o protesto feito pelo meu pau, golpeando-a com ainda mais força.

Quando o orgasmo surgiu, ele veio de forma tão feroz e abundante que eu precisei parar, respirar fundo, e sair de dentro de Estela, temendo que o sêmen transbordasse através da camisinha.

— Isso só fica melhor, porra — rosnei baixo, sentindo dor na boca, no pau e em cada músculo do corpo.

— Fica, não é? — sibilou. A expressão sapeca em seu rosto fez-me querer mantê-la nesse quarto pelo resto dos meus dias.

ESTELA SAAVEDRA

Abri os olhos, dando-me conta de que, após fazer amor contra a janela do quarto de Augusto, eu devo ter adormecido quase que de imediato. Meu

corpo continuava letárgico, dolorido de uma forma gostosa. Deitada sobre os lençóis macios, eu peguei o celular debaixo do travesseiro e procurei lembrar o número de Hortência. Após algumas tentativas, quase desistindo, eu dei um pequeno pulo ao ter a ligação concluída e em seguida atendida.

— Tia Hortência, sou eu... — A linha ficou muda por alguns instantes.

Sei que havia errado em não dizer a ela sobre a viagem, mas não tive tempo. Tudo aconteceu tão rápido.

— *Querida, como pôde fazer isso com a gente?* — falou, magoada.
— *O seu pai está louco de preocupação. Nós dois estamos. Onde está o seu juízo, Estela? Quantas vezes nós a avisamos sobre o meu sobrinho? Augusto não presta, ele só está...*

— Eu o amo — admiti, esperando que ao menos ela compreendesse.
— O amo, tia Hortência. A senhora e o meu pai podem não entender agora, mas irão no futuro. Meu pai amou a Suzana, e a senhora...

— *Eu amei um demônio, minha querida. E você está indo pelo mesmo caminho.*

— Não estou não, será diferente comigo. Ele é diferente, disse que nada mudaria...

— *Você já se tornou uma mulher, não é?*

— Ele foi tão carinhoso, Hortência. A forma como me tratou. Augusto me comprou vestidos lindos... me levou em um jantar chique e nós dançamos...

— *Ah, querida. A culpa é toda minha, eu causei isso a você.* — Do que ela estava falando? — *Augusto não é quem você pensa, e ele só a seduziu porque...*

— O meu pai — eu a cortei, não querendo escutar nada relacionado a Augusto. Eles nunca entenderiam o que eu sentia, não adiantava insistir. — Como ele está?

Hortência suspirou, inconformada.

— *Louco. O que me deixa preocupada, porque ele não apareceu para jantar ontem e tem falado que vai à fazenda de Alfredo...*

Papai não podia ir até lá, eu não estava em casa para protegê-lo.

— Cuida dele para mim, tia Hortência. Não o deixe ir atrás daquele homem... ou fazer qualquer besteira, por favor... Será só até eu voltar e então irei resolver tudo.

— *Só me escute, Estela. Tome cuidado, preste atenção ao que aquele homem diz e faz... e assim que pisar em Sertãozinho me procure. Nós precisamos conversar. Me ouviu? Não deixe que Augusto a convença a fazer nada que não queira e, por favor, não assine nenhum papel.* — Por que eu assinaria? — *Quando ele a trará de volta?*

— Eu não sei, Augusto disse que seriam só alguns dias... eu... eu não gosto daqui. Tudo é tão alto. Há tantos prédios e barulho. É sufocante.

— *Esse mundo não é para você, minha querida. Isso tudo está errado.*

Talvez não fosse, mas o Augusto era.

— Eu vou desligar, tia Hortência. — Ela ficou em silêncio, como se desistisse de tentar me convencer. — Se cuida, a senhora e o meu pai. Eu volto logo, prometo.

— *Estela, espere...*

Encerrei a chamada, da forma como Augusto me ensinara e me encolhi sobre a cama com um aperto horrível em meu peito.

AUGUSTO ALENCAR

Nenhuma ligação.

Estela não telefonara ou enviara nenhuma das mensagens que costumavam entupir o meu celular todos os dias. A cada minuto que passei

trancafiado naquela sala de reuniões, eu me perguntei o que ela estaria fazendo. Se estaria andando seminua pelo apartamento, ou se estaria na cama...

— Tome. — Sierra me passou uma dose de conhaque, após a saída de Klaus. — Talvez o álcool faça com que sua concentração retorne. Porque até o momento, eu tenho a impressão de que nada do que Benjamin e eu dissemos tenha sido absorvido.

— Foi. — Eu só não queria ouvir nada relacionado a Klaus e aos negócios que vínhamos fazendo, ou a viagem que teríamos que fazer em breve. Não quando minha cabeça parecia não ter deixado a minha cama essa manhã.

— Então repita o que acabei de dizer.

Eu a encarei, sem paciência alguma. E ao tentar tomar uma dose da bebida, me vi obrigado a afastar o copo, o álcool ardeu onde os dentes de Estela foram cravados.

— Sierra, não comece. Eu estou com a cabeça cheia...

— Cheia do quê? — ela soou agressiva. — Da ciganinha?

Levantei-me, andando pela sala de reuniões, absolutamente inquieto.

— E se for? — perguntei. — Que direito você acha que tem sobre o que eu penso e não penso, Sierra? Não basta as merdas desnecessárias que disse a Estela ontem. Eu achei que estivéssemos do mesmo lado aqui, e isso significa... fazer com que ela ceda as terras para mim.

— Nós estamos.

— Tem certeza, porra? Porque, para que tudo saia como o planejado, eu preciso que...

— Ela confie em você.

— Integralmente.

Benjamin, que seguia calado até agora, permaneceu quieto. Ele não

estava olhando para Sierra e a tensão que emanava entre os dois parecia ainda maior.

Somente no final da tarde, depois de resolver alguns pontos sobre a viagem e o contrato com Klaus, foi que consegui deixar o escritório e retornar à cobertura, que acabei por encontrar em completo silêncio. Passei por Athos, que não chegou a reagir à minha presença e me dirigi até a cozinha, constatando que não havia nada fora do lugar. Estela não deve ter comido, ou se o fez, limpou tudo o que sujou. Subi até o quarto em seguida, deparando-me com a porta aberta e o barulho da TV baixo, enquanto a ciganinha preguiçosa dormia.

Não posso acreditar que ela tenha passado o dia inteiro nessa cama. Não que pudesse culpá-la.

Não querendo a perturbar, eu coloquei com cuidado a caixa da pomada, que pedi que entregassem no escritório, sobre a cama, e ao emaranhar os dedos nos cachos bagunçados, a escutei choramingar baixinho. Sem acordar.

O objeto metalizado sobre os lençóis atraiu a minha atenção, e notei que sua tornozeleira havia se soltado em algum momento essa manhã. Segurei entre os dedos a bijuteria e a coloquei em meu bolso, recusando-me a me afastar. Eu queria estar aqui quando Estela acordasse.

Tirei a camisa, ficando mais confortável, e os sapatos, sentando-me ao seu lado na cama. Com carinho, eu afaguei o cabelo escuro e troquei o canal para algum noticiário enquanto apoiava a cabeça no recosto da cama.

Devo ter adormecido assim, porque, quando despertei, eu tinha Estela montada em meu colo. Sorrindo daquele jeito safado e gostoso dela. E porra, como eu amava vê-la sorrir. Como amava toda essa intensidade que emanava de seus olhos. O ardor de sua pele.

— Você dormiu.

— É o que parece.

— Achei que... almoçaríamos juntos. Mas você demorou.

— Você comeu?

— Sim, todos aqueles morangos. E todo o creme de leite também. Estava muito gostoso.

— Quero saber se almoçou, Estela.

— Almocei os morangos.

— Alguém já te falou que você é uma coisinha extremamente teimosa?

— Sim, meu pai diz isso o tempo todo.

— Seu pai...

— Quando eu vou voltar para casa, Augusto?

Ela me encarou, com olhos ávidos.

— Achei que estivesse gostando de ficar aqui, até pensei... em estender a sua estadia.

— Ficar mais tempo? — perguntou com curiosidade.

— Sim.

— Eu não posso, o meu pai precisa de mim. A tia Hortência também... não quero deixá-los sozinhos por muito tempo, sabe? Eu quero ir para casa.

— Ei...

Ela havia ficado agitada.

— Você vai, só não ainda. Deixe-me ficar um pouco mais com você, tudo bem? Só nós dois, sem a loucura que nos rodeia.

Estela apoiou a cabeça em meu ombro e olhou para a vista que tínhamos do quarto.

— Eu quero ficar com você para sempre. Com ou sem a loucura — sussurrou, fazendo-me apertá-la um pouco mais.

Meu pau endureceu na hora. Não era possível que eu pudesse desejar foder essa garota a cada instante do dia. A boceta apertada dela foi tudo em que pensei nas últimas horas. Terras, Klaus, Alfredo, e pior, o filho da puta do pai dela, nenhum desses assuntos prenderam a minha atenção por mais do que alguns instantes.

— Com ou sem loucura.

— Sim. — Estela se afastou o suficiente para conseguir me ver, e em seguida, me beijou. Algo que fizemos por vários minutos.

A boca dessa garota tinha um poder sobre mim que ninguém na terra possuía.

Como se soubesse o tormento que me causava, Estela aninhou a boceta sobre o meu pau. A calcinha fina de seda, que ela agora usava, mostrava-se úmida. Quente. Por isso, quando escorregou a mão até a braguilha da minha calça, eu a segurei.

— Nós temos que ir com calma...

— Por quê?

— Eu não quero te machucar, você perdeu a virgindade ontem. E só essa manhã nós transamos duas vezes. Se eu te forçar um pouco mais...

— Não vai me forçar, é gostoso. Eu...

— Lembra da pomada que te falei? — Ela assentiu. — Eu a trouxe para que você use, ela vai ajudar caso eu tenha de alguma forma te machucado, irá ajudar na lubrificação também...

— Eu acho que já tô molhada, Augusto. — Olhei para ela, querendo saber se ela estava me provocando de propósito. Quando sorriu, eu tive certeza de que me deixar louco era mesmo a sua intenção.

— Abra as pernas para mim. — Ela se afastou um pouco, sentando-se agora sobre as minhas coxas. — Puxe a calcinha para o lado. — Estela o fez, obediente, enquanto eu desenroscava a tampa da pomada e a colocava em meu dedo.

— Ela é um pouco gelada, mas isso é bom. Só vai ajudar... — Passei o gel em sua boceta de cima a baixo, certificando-me de que tinha coberto cada pedaço de sua carne. Principalmente a entrada, que foi onde meu pau a penetrou várias vezes. — Tudo bem?

— Sim, a sensação é boa.

— Ótimo, porque, de repente, eu não quero tirar os meus dedos de sua boceta.

— Não tire. — A safada se aconchegou, envolvendo os braços em minha nuca. — Eu gosto de ser tocada por você... sempre me perguntei como seria a minha primeira vez. Mas nunca, nunquinha, imaginei que fosse do jeito que foi ontem.

— Que jeito?

— Eu me senti no paraíso, Augusto. Um mundo só nosso... — Engraçado como ela havia se sentido no paraíso estando dentro do inferno que criei. Porque quando tudo desabasse, quando a verdade viesse à tona, a última coisa que Estela sentiria seria isso.

Não transamos naquele momento, Estela precisava realmente descansar do sexo feito nas últimas horas. Por essa razão, eu a obriguei a vestir uma de minhas camisas, e a levei para o andar de baixo.

— O que faremos? — perguntou, sempre curiosa.

— Não faremos nada, eu é que irei pedir algo para comermos.

— Por quê? Eu sei cozinhar e posso fazer algo...

— Não, apenas sente essa sua bunda bonita no sofá e me diga o que gostaria de comer.

— Nós não podemos ir ao Ibirapuera?

— Outro dia.

— Quando? — insistiu, feito uma criança.

— Talvez amanhã à noite, depois do trabalho.

— Você vai trabalhar amanhã de novo e eu vou fazer o quê presa nesse apartamento?

— Você vai ficar aqui, como a boa garota que eu sei que é, e esperar até que eu retorne.

— Eu me sinto presa, Augusto. Não quero ficar aqui. Quero ir para casa.

— Essa conversa de novo?

— Tem muitas paredes nesse lugar.

— O que você esperava? Isso aqui não é o fim do mundo em que mora, Estela.

Ela enrijeceu.

— Eu não moro no fim do mundo. Eu amo a fazenda... as terras e... o ar puro. Não me sinto sufocada lá.

— E se sente aqui?

Assentiu, sem me olhar.

— Um pouco.

— Se tivesse que escolher entre ficar comigo e voltar. O que escolheria?

— Você iria me visitar, não?

— Eu não poderia ficar te visitando todos os finais de semana. Como viu, eu tenho trabalho a fazer até aos domingos. — Alisei seu cabelo, mostrando uma calma que por dentro eu não sentia. — Não é uma rotina fácil, Estela.

Não querendo continuar com o assunto, eu peguei a lista dos restaurantes que faziam entrega e comecei a folhear.

— Você gosta de massa, não é?

— Adoro, meu pai também, ele e eu...

— Eu perguntei sobre você, Estela — disse sério, odiando o fato de que ela não esquecia a existência do pai nem por um segundo.

— Eu gosto.

Só de raiva, eu não pediria essa merda.

— Comida japonesa, já provou?

— Crua?

— Sim.

— Eu não gosto.

— Já provou?

— Não, e nem quero — a safada falou, apoiando os pés nus sobre o mezanino da sala. As unhas rosas, o anel de prata... — Eu prefiro macarrão com molho de tomate.

— Eu não te trouxe até aqui para que coma macarrão com molho, Estela. Eu pedirei comida tailandesa para nós, ela é um pouco mais temperada do que a brasileira, mas é uma delícia.

Estela não respondeu, distraída demais ao procurar por algo ao redor. Chegou inclusive a se ajoelhar no chão, seu rosto se mostrando exasperado.

— A minha tornozeleira, você viu?

— Não. Agora, para beber...

— Eu não acredito que a perdi, Augusto. Como é possível? — Seu olhar pareceu desamparado. — Foi um presente de Suz e do meu pai, eles... não tinham muito, papai estava desempregado e eles se esforçaram tanto para me dar ela.

— Seu pai ao que parece não tem muita sorte com empregos, não é?

Estela parou de procurar, e me encarou.

— As pessoas não confiam muito na gente. Não é culpa dele.

— Não, claro que não. Principalmente porque o seu pai não tem o costume de tomar nada que já tem um dono, não é?

— Eu não gosto quando você fala assim — disse brava.

— E eu não gosto que você me lembre a cada minuto da porra do dia que o seu pai existe. — Ela se assustou com o meu tom de voz.

— Quer saber? Coma você essa comida temperada sozinho, eu não gosto de ser tratada dessa maneira... não mesmo!

— E levar um tapa do seu pai você gosta?

Estela parou, antes de se afastar, olhando-me como se eu fosse o único a lhe dar um tapa. Seus olhos se estreitaram.

Porém, ela não disse nada. Apenas marchou escada acima, deixando-me ver a porra da calcinha minúscula que vestia.

Enquanto esperava pela comida, eu escutei o som do elevador parando no hall de entrada, a porta da frente sendo aberta instantes depois. Só havia três pessoas além de mim, com acesso irrestrito a esse apartamento. Uma delas estava em Ribeirão Preto, Benjamin era a outra, mas eu duvidava que ele iria escolher esse momento para me fazer uma visita. E Sierra, que era obviamente a opção mais provável.

— Achei que encontraria sua ciganinha por aqui, sacudindo todos aqueles penduricalhos irritantes...

— Não comece, Sierra.

— Onde a garota está? — Ela olhou ao redor, com sarcasmo.

— Lá em cima, se recusando a comer.

— Então ela deixou você aqui... sozinho?

— Sim, e é assim que eu gostaria que continuasse. Não preciso de companhia. Aliás, companhia é a última coisa que desejo agora.

Sierra não disse nada.

— O que quer aqui, Sierra? Vá direto ao ponto.

A advogada deu de ombros.

— Só passei para ver como estão as coisas, Klaus me chamou para jantar...

— Aceite.

Ela me encarou.

— Sim, imaginei que você diria isso. — Eu a vi se preparar para sair.

— E Sierra. — A segurei pelo braço. — Essa é a última vez que você entra nessa cobertura sem uma ligação antes, fui claro? Não vou tirar o seu acesso, mas enquanto Estela estiver aqui...

— Eu estou cortada, é isso?

— Apenas não estrague tudo.

— Eu não vou, Augusto. Jamais faria algo assim com você, pensei que soubesse. — Sierra se inclinou, beijando o meu rosto e se afastou.

Meu olhar, diferente do que o de costume, não foi para as pernas ou para a sua bunda. E sim para a escada.

A comida chegou minutos depois e um pouco mais calmo, eu a levei comigo quando subi até o quarto. Para a minha surpresa, eu encontrei Estela sentada no chão, o quarto inteiro revirado enquanto ela abraçava os pés juntos.

Ao levantar o rosto, pude ver o rastro de lágrimas grossas em seus olhos.

— Eu não a encontrei, a tornozeleira... eu não a encontrei.

Coloquei as sacolas sobre a poltrona, e me juntei a ela no chão.

— Venha aqui. — Emaranhei os dedos em seu cabelo com carinho, a trazendo para o meu colo. — Eu te darei outra, darei o que quiser...

— Não será a mesma coisa.

— Certo, e se eu prometer procurá-la amanhã? Bem cedo, o Thomas estará aqui e ele poderá ajudar. O que acha?

Estela assentiu, enquanto me permitia limpar as lágrimas do seu rosto.

— Você é linda. — Ainda mais quando chorava. Os olhos verdes ficavam mais vivos. A boca vermelha se tornava úmida. Trêmula.

— Não gosto quando fala certas coisas a respeito do meu pai... a forma como diz me magoa.

— Não foi a minha intenção te magoar. — Não a ponto de fazê-la subir e cair aos prantos.

— Eu não te reconheço quando fica bravo. É como se você não fosse o meu Augusto.

— Eu disse que sinto muito.

— Me prova... — Estela sussurrou, mas tudo em que eu consegui pensar foi realmente em prová-la. Dos pés à cabeça. Da boca para dentro. A boceta molhada.

— Como? — inquiri mais rouco do que pretendia.

— Faz amor comigo. Me toma como sua, Augusto.

Que homem diria não a um pedido como esse?

Peguei Estela no colo, e a deitei na cama. Não foi a sua boca que beijei naquele momento, havia muito dela para ser provado e, dessa vez, eu pretendia ir bem devagar. Sem pensar racionalmente, eu beijei a parte interna de sua coxa, mordiscando a pele morena até escutá-la gritar. Deixei várias mordidas, uma após a outra. Era fácil assim deixá-la molhada.

Com a ponta do dedo, eu acaricieei seu clitóris, sentindo-a prender a respiração por um pequeno segundo e apertar os lençóis. Estela possuía a mesma sensualidade. Parecia natural a ela seduzir, parecia fácil. Outras mulheres já haviam tentado, mas essa garota... sem ideia do que fazia, havia de alguma forma me colocado de joelhos.

— Augusto — ela chamou, pouco antes de eu cobrir a sua boceta com a minha boca.

— Hum? — Olhei para cima, encontrando-a sôfrega.

— Eu escolheria você.

CAPÍTULO 19

ESTELA SAAVEDRA

Desci os degraus, ainda sonolenta. Não era costume meu dormir tanto e até tão tarde, mas depois de tudo o que Augusto e eu fizemos nas últimas 24 horas, a minha disposição tinha ido para o ralo. Ao escutar o som de vozes estranhas, eu diminuí o passo, procurando não fazer barulho e nem chamar a atenção de Athos, que deveria estar escondido em algum lugar dessa casa, apenas esperando o momento certo de avançar sobre mim e me transformar em picadinho.

Sem perceber, acabei indo exatamente na direção das vozes, que ao se tornarem mais claras foram imediatamente reconhecidas. Sierra e Benjamin, ao que parece, tinham o costume de tomar café da manhã com Augusto, dei-me conta assim que os avistei reunidos ao redor da mesa da ampla sala de jantar.

— Você já pensou em uma saída caso não consiga essas terras? — Claro que estariam falando sobre negócios, pensei, questionando-me se continuava sem ser percebida ou se entrava de uma vez e me juntava a eles.

— Essa possibilidade não existe. — O tom de voz de Augusto foi severo, para não dizer ríspido.

— Augusto, você precisa estar pronto...

— Eu disse que não, Sierra. Nem que eu mate... — Sierra colocou a mão sobre a dele, e acenou na minha direção. As três cabeças se viraram no mesmo momento para me ver ali, de pé.

A impressão que tinha era a de que o Augusto, amigo deles, não era o Augusto que eu amava. Essa não era a primeira vez que, ao olhar para ele, eu me deparava com um estranho. Acho que não seria a última também.

Com o semblante fechado, Augusto percorreu as minhas pernas desnudas e pés descalços. O que fez com que a expressão em seu rosto se tornasse ainda mais dura.

— Suba e troque de roupa, Estela.

Sacudi a cabeça, entrando na sala de jantar e me sentando ao lado de Benjamin. Era ele ou Sierra, e perto dela eu não queria sentar nem que me pagassem.

— Estou com fome, troco depois... — Achei que ele fosse contestar, até mesmo me pedir para sair da mesa, mas tudo o que Augusto fez foi se virar na direção do senhor empertigado que entrou no cômodo, congelando assim que se deu conta da minha presença. Senti-me como se não fizesse parte do ambiente, como se fosse uma intrusa naquela mesa.

Com os quatro em silêncio, eu olhei para a mesa bem servida, pronta para pegar um pouco de suco.

— Deixe que eu a sirva, senhorita?

— Estela. E eu não sou senhorita.

Sierra riu na outra ponta; e Benjamin, o mais calado dos três, apenas a cutucou.

— E eu gostaria de mais um... não, não! Eu gostaria de mais dois deles... isso — pedi após vê-lo me passar um único e pequeno pãozinho que de jeito maneira mataria a minha fome.

— Então, Estela, o que tem achado de São Paulo?

— Nada — respondi, após morder a pontinha do pão. — Eu só saí

desse apartamento para o jantar, não vi muito. Eu queria ir ao Parque Ibirapuera, mas Augusto vive trabalhando, então eu fico presa aqui. — Sierra olhou para Augusto, e Benjamin riu.

— Se você quiser eu posso levá-la, o que acha? Meu tempo é um pouco mais adaptável do que o de Augusto.

— Eu ia adorar...

— Eu já falei que a levarei quando der, Estela.

— Quando será isso? — Ele não respondeu. — Eu não vou ficar muito tempo aqui, já falei que quero ir para casa. O meu pai... — Me calei ao lembrar da discussão de ontem. O que ele falou sobre o meu pai e sobre eu sempre trazê-lo à conversa.

— O que tem o seu pai, querida? — Sierra quis saber, interessada.

— Nada. Ele não tem nada. — Enfiei o restante do pãozinho recheado na boca e o mastiguei, sendo alvo do olhar dos três, já que Thomas, o empertigado, havia se retirado da sala.

— Sierra e Benjamin, desçam e deixem tudo que está pendente sobre a minha mesa. Eu me unirei a vocês em breve. — Os dois se levantaram e saíram.

— O que foi? — perguntei, ao ver que os olhos azuis de Augusto me encaravam.

— Amanhã cedo, antes do trabalho, nós vamos ao Ibirapuera. Não é sempre, mas eu corro lá as vezes...

— Por que só as vezes?

— Não é um local com segurança, o que me impossibilita de praticar atividade física ao ar livre com a frequência que gostaria.

— Isso é chato.

— É chato mesmo, e a equipe que trabalha comigo não considera seguro que eu ande sem proteção. Na fazenda, eu tenho os capatazes, consigo

saber quem entra e quem sai daquele lugar. Mas São Paulo é diferente, tudo aqui é mais...

— Perigoso?

Ele assentiu.

— Se eu quiser sair, terá que ser com segurança?

— Sim, mas ainda assim eu não deixarei que vá sozinha.

— Tem medo que eu me perca? — perguntei, o provocando. Mas tudo o que Augusto fez foi ficar sério.

— Amanhã, Estela. — Assenti, despedindo-me dele com um beijo, e mantendo para mim a satisfação que sentia por ter conseguido que ele me desse ao menos um dia.

Animada, eu terminei de tomar o meu café da manhã, percebendo o tanto que tinha comido apenas quando Thomas retornou à mesa e começou a recolher os pratos e bandejas. Fiz questão de o ajudar, e levei boa parte da porcelana para a cozinha. Indo e vindo com um sorriso satisfeito no rosto.

Quando dei por mim, notei que Thomas me encarava de forma estranha.

— Seu patrão é um homem muito difícil, sabia? — puxei assunto. — Se eu não o amasse tanto, já tinha mandado ele catar coquinho lá na esquina... — O copo que Thomas segurava caiu no chão, por sorte, sem quebrar. O homem se atrapalhou ao pegá-lo, negando ajuda quando me viu aproximar. Qual era o problema com todas essas pessoas, afinal? — O que há nesse apartamento que eu possa fazer, Thomas? Quero dizer... além de assistir TV e comer?

— Tem a academia, e a piscina...

— Há uma piscina aqui? — Ele assentiu. — Por que Augusto não me disse nada?

— Talvez por que ele não quisesse que a senhorita fosse até lá?

Olhei confusa para Thomas, isso não fazia sentido para mim.

AUGUSTO ALENCAR

Benjamin atendeu ao telefone do escritório enquanto eu encerrava uma ligação em meu próprio celular. A manhã fora passada quase que inteira resolvendo assuntos burocráticos sobre algumas das mudanças previstas nas leis de exportação. Com tanta merda a ser resolvida nesse país, o governo agora tentava reduzir o lucro do empreendedor com as exportações feitas. O que afetava diretamente o setor agropecuário.

Não levei mais do que dois minutos para dizer ao regulamentador de comércio externo do país, para que ele e a corja com quem trabalhava deixassem de ser estúpidos e minassem de uma vez por todas a tentativa do governo de se intrometer no meu negócio. Meios para barrar essa merda, não lhes faltavam.

Pensei que a manhã não poderia ser pior, mas quando a expressão despreocupada no rosto de Ben, que seguia ao telefone, se transformou em tensão, eu rapidamente entrei em alerta.

— Como assim, você a perdeu? — a pergunta soou baixa, o advogado não queria me alarmar.

— O que aconteceu? — quis saber, sem paciência, fazendo com que Benjamin afastasse o telefone por um momento.

— Thomas, não encontra a Estela. — *Que ótimo, caralho!*

Essa era toda a merda que eu não precisava hoje.

Subi até a cobertura, com Benjamin e o meu segurança particular me acompanhando. O primeiro cômodo para o qual me dirigi ao pisar na cobertura foi o quarto, ela teria levado suas coisas se tivesse decidido ir para casa, mas tudo se encontrava em seu lugar. Peguei o aparelho de celular jogado sobre a cama, ficando irritado ao constatar que ele estava novamente descarregado. Quantas vezes eu precisei lembrá-la de o carregar?

Procurei no cesto de roupas a camisa que ela vestira essa manhã, e

para a minha surpresa a peça não fora descartada, o que me levou a supor que, se Estela teve o atrevimento de deixar esse prédio, ela o fez seminua.

— Eu vou estrangular essa garota quando eu a encontrar — grunhi, passando por Benjamin e o segurança, que pareciam mais perdidos do que eu mesmo me encontrava.

— Como ela pode ter saído da sua vista? — perguntei ao chegar no andar inferior da cobertura. Thomas, por sua vez, tremia igual vara verde. — Estela sequer tem o código desse maldito elevador... se ela quiser retornar, não terá como.

— Senhor, eu acho que sei onde ela está — disse, de repente. — Na hora eu fiquei tão nervoso que não fiz a ligação, mas Estela andou fazendo perguntas sobre a piscina. Eu disse a ela que, se o senhor não tinha dito nada a respeito era porque não a queria por lá, mas eu acho que...

Sacudi a cabeça, o cortando, e me dirigi à piscina que ficava um andar acima da cobertura. Era uma estufa com teto de vidro, escuro o suficiente para não permitir que os raios solares entrassem. O vapor da piscina aquecida já havia embaçado a porta de entrada... Thomas estava certo, ao que parece.

Seus chinelos tinham sido deixados pelo chão, assim como a camisa e a minúscula calcinha que usara essa manhã. Tudo ali, para quem quisesse ver. E eu sabia que os dois homens atrás de mim olhavam exatamente para onde meus olhos estavam direcionados. Grunhi baixo, nervoso pela falta de bom senso da garota... então eu a vi.

Estela estava completamente nua dentro da piscina, a água transparente de tão clara deixava tudo à mostra. Até mesmo a porra do filete de pelos negros que ela tinha entre as pernas.

— Caralho, Augusto... — Benjamin sussurrou atrás de mim, tão ou mais atordoado do que eu estava. O meu choque, porém, não era tão grave a ponto de não sentir raiva. *Ou ciúmes.*

— Quer morrer, Benjamin? — grunhi, feito um animal. — Saiam os dois, porra! — ordenei aos homens, que se afastaram. O segurança obedecendo prontamente a ordem, e Benjamin parecendo um lunático que

nunca tinha visto uma mulher nua antes.

Aproximei-me da piscina, irritado, enxergando vermelho. O coração batendo tão acelerado que eu podia contar solavanco atrás de solavanco. Uma raiva que chegou ao extremo ao ver a forma inocente com que Estela me olhou.

Como se a infeliz não tivesse quase acabado de me causar um infarto.

— O que eu disse sobre ficar no apartamento?

— Você não disse nada sobre a piscina.

— Poderia ao menos ter enviado uma mensagem, Estela. — Eu estava louco, pensando que algo pudesse ter acontecido a ela. São Paulo era imensa, e para uma garota como Estela se perder era um pulo. — Nunca mais faça isso.

— Fazer o quê? Entrar na piscina nua, ou sair sem te avisar?

— Os dois!

— Achei que você gostava de me ver nua — falou, enquanto a água escorria por seu rosto e ombros. O cabelo molhado, grudado em sua pele.

A ideia de me juntar à safada passou pela cabeça, mas o que não me faltava era trabalho e pendências a serem resolvidas. Estela não era a prioridade no momento.

— Saia da piscina e venha aqui.

— Não. — Ela sacudiu lentamente a cabeça.

— Estela, eu disse para você sair...

— Se quer tanto que eu saia, então me tire. Porque sozinha eu não saio, Augusto.

Essa garota iria me desafiar? Era isso?

Puxei fora a gravata, e desabotoei a camisa de linho que vestia. Em seguida foi o cinto e a calça. Não vou negar, meu pau já estava duro dentro

da boxer, insano de vontade de foder a ciganinha. Caí na piscina, com altura suficiente para caminhar até ela, que se afastou conforme eu me aproximava.

O sorriso em seu rosto se transformou em pura apreensão ao ver que eu não estava achando a menor graça nessa sua brincadeirinha.

— Você está provocando o homem errado... — Eu a puxei pelo cabelo, minha mão fixou em sua nuca. Estela gemeu, como uma gata no cio. Os lábios se entreabriram, enquanto a ponta da língua passava por eles. — Nunca mais faça isso novamente. Se sair, você avisa. Não importa se é para perto, ou se é para essa merda de piscina. Quanto ao seu celular, você o manterá constantemente carregado...

— Mas eu carrego para falar com você, e se estamos juntos... por que eu deveria continuar com ele ligado?

O pior era que o que dizia tinha sentido.

— Você é uma coisinha esperta, sabia? — Eu a beijei tomado pelo desejo. — Envolve suas pernas ao meu redor.

— Por quê? — perguntou, fazendo-se de inocente.

Algo que eu estava começando a perceber que Estela não era.

— Você não tem mesmo nenhuma ideia? — Estela sorriu, roçando a boca na minha, encaixando o corpo nu ao meu. — Talvez doa um pouco, a água prejudica a lubrificação, então...

— Eu não me importo... só quero sentir você dentro de mim.

E ela sentiu, o que foi apertado e doloroso para nós dois no começo se transformou em puro fogo e indecência depois. Estela se abriu para mim, sua boceta esmagou a cabeça e espessura do meu pau. Seus braços apertaram com tanta força o meu pescoço que nós dois começamos a submergir em meio às estocadas. Foi assim até o momento em que eu a empurrei contra a borda da piscina, mantendo-a presa enquanto arremetia cada vez com mais intensidade.

— Hummm... Augusto... — A safada gemeu, arfando insaciável. Esse

acabou sendo a porra do som mais sexy que escutei na vida. Foi assim até que gozei, e o sêmen se espalhando pela água da piscina, fazendo-me sentir um idiota. Nós dois não poderíamos continuar contando com a sorte, e eu, definitivamente, não pretendia continuar tirando o pau fora a fim de não gozar dentro dela.

Minha cigana teria que de ir ao médico, e isso precisava acontecer logo.

ESTELA SAAVEDRA

— Eu vou tirar minhas sandálias, tá? — falei, assim que chegamos ao parque, ansiosa para ter meus pés no chão.

Augusto abriu a boca, não sei se para dizer que eu podia ou reclamar, mas antes que começasse eu o deixei para trás. Caminhando à sua frente, mais do que ciente do olhar atento do segurança ao nosso redor. Não era mesmo uma sensação boa ser constantemente vigiada.

A verdade era que Augusto vivia cercado por pessoas, principalmente por Sierra e Benjamin, que já haviam telefonado diversas vezes perguntando a hora que ele chegaria ao escritório. Não sei como ele suportava viver dessa forma, como não se sentia preso ou sufocado? Olhando para ele, tudo o que via era um homem confortável em sua pele. A veia autoritária fazia-se presente em quase 99% do seu tempo.

Acho que Augusto não se importava, porque no final era ele quem controlava tudo. Cada passo, cada decisão. O mundo aqui fora girava ao seu redor, e essa deveria ser parte da razão pela qual Alfredo se achava dono do mundo. Porque tanto ele quanto o filho eram intocáveis.

Pensar neles fez-me lembrar de meu pai, eu estava fora há poucos dias, mas, para mim, já parecia uma eternidade. Nunca passei tanto tempo longe de Caetano, e eu não sabia como explicar isso a Augusto sem que ele ficasse bravo comigo.

Olhei para trás, vendo-o mexer em seu celular e aproveitei para me sentar em um banco onde eu poderia sentir a textura da areia sob os meus

pés. Eu deveria ser a única adulta ali descalça, mas não senti vergonha alguma. O sol refletia em meu rosto, deixando-me aquecida por dentro. A sensação era gostosa. O que só fez aumentar a saudade que sentia de casa. Após algum tempo, Augusto se sentou do meu lado e eu acabei por perguntar a ele a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Quantos filhos você quer ter no futuro? — Eu tinha passado os últimos minutos observando crianças brincarem e correrem, era natural que a pergunta surgisse. Porque, até então, ele não havia falado nada sobre se casar comigo ou sobre quantos bebês teríamos.

Augusto, por sua vez, sacudiu a cabeça e me encarou.

— Se depender de mim não haverá ninguém levando o meu sangue nessa terra, Estela. — Demorei a compreender o que dizia. — A família do meu pai é doente, são todos uns filhos da puta loucos... mas essa loucura termina comigo.

Senti um arrepio na espinha.

— Eu gosto de crianças. — Foi tudo em que consegui pensar. — Não me vejo *não* sendo mãe, Augusto.

Seu olhar se estreitou, mas ele não disse uma só palavra. Eu já havia notado que o homem tendia a se calar quando algo não o agradava.

Um silêncio incômodo se impôs entre nós dois, e senti a garganta apertar.

— Pedirei a Sierra para que marque um médico para você, quero que se consulte antes de ir para casa.

Eu não gostava de médicos ou hospitais, e tanto quanto podia evitava entrar neles. Papai também não gostava, mas acho que fazia sentido já que, quando minha mãe entrou viva em um, mais do que pronta para me ter, ela não saiu viva.

— Quando poderei voltar para casa?

Augusto não olhou na minha direção dessa vez, ele apenas se inclinou

e apoiou os cotovelos sobre as pernas.

— Quer tanto se livrar de mim que não consegue pensar em outra coisa?

— Eu estou com saudade do meu pai. De tudo aquilo lá.

— Seu pai é tudo o que te prende àquelas terras? — Não tudo, mas o principal. Ainda assim, eu assenti. — Você pode ir a qualquer momento, Estela, mas eu não sei quando poderei retornar à fazenda. Há muito trabalho a ser feito. A verdade é que eu gostaria que ficasse um pouco mais.

— Gostaria mesmo?

— Sim.

— Podemos voltar aqui amanhã? — Ele estava prestes a dizer que não. — Por favor.

— Eu farei o arranjo. — Sorri, toda boba, e caminhei ao lado dele, tomando a iniciativa de segurar a sua mão. Algo que ele não tinha feito ainda. Augusto hesitou por um momento, mas logo a apertou.

E eu senti, implorei por dentro, para que esse homem nunca mais me soltasse.

CAPÍTULO 20

ESTELA SAAVEDRA

Não sei como poucos dias acabaram se transformando em três, quase quatro semanas. Mas aqui estava eu, deitada na cama de Augusto enquanto olhava para o céu nublado através da janela. Chovera durante a noite, o som aterrorizante e os raios atravessando o céu fizeram-me pedir a ele para fechar as cortinas e mantê-las assim. Só agora, com Augusto já de pé, foi que voltei a abri-las. Constatando que, um dia após o outro, o homem foi me convencendo a ficar.

Várias vezes fomos a restaurantes cujas comidas eu nunca havia provado, algumas delas eram gostosas, outras nem tanto. Augusto também me acompanhou em idas ao parque pelas manhãs, em alguns dias, no entanto, não era possível, pois ele tinha que sair cedo a fim de resolver pendências em seu escritório. Assim como imaginei, o homem trabalhava demais. Nesses momentos, ao vê-lo sério ou muito pensativo, eu fazia questão de me jogar em seu colo, recusando-me a sair dele enquanto não o fizesse sorrir. Em outros, eu o perturbava ao revelar não estar de calcinha. Gostava de fazer isso sempre quando estávamos fora de sua cobertura intimidante. De acordo com Sierra, que fez questão de insinuar, Augusto se fechara em *nosso mundinho* para aproveitar seus dias comigo. E, o que para ela era ruim, para mim era ótimo. Eu amava os nossos momentos juntos.

Nós fazíamos amor ao acordar, na hora do almoço, quando ele chegava do trabalho. E de madrugada. Quando o homem não conseguia

dormir e entrava em mim, a fim de saciar todo o seu desejo e o meu também. E quanto mais nos sentíamos, mais apaixonada por Augusto eu me tornava.

Athos, por sua vez, tinha se tornado a minha sombra. Ou corria atrás de mim, como se eu fosse algum brinquedo a pegar, ou me seguia pelos cômodos, como um fantasma. Augusto pediu para que eu tomasse cuidado, que essa normalmente não era a forma como seu cachorro agia; mas, assim como guardava a cobertura, Athos, à sua maneira, passou a me proteger. Eu sabia disso, porque sempre que Sierra estava por perto ele se punha do meu lado.

Passei também a ajudar Thomas, que me ensinou a preparar os pratos preferidos de Augusto. E que sempre que saía, para resolver questões como compras para a cobertura, eu insistia para que me levasse com ele. E meu Deus, eu adorava os supermercados da capital. Todos eram enormes, e repletos de comidas gostosas e diferentes. O melhor era que ninguém prestava atenção ao que eu fazia ou na forma como me vestia. Não que Augusto gostasse que eu saísse com minhas roupas, mas as usava mesmo assim. Só não o fazia, quando saíamos juntos. Até porque, os locais para onde me levava eram quase sempre sofisticados, cheios de pessoas com olhares arrogantes e indiscretos.

Nas vezes em que falei com tia Hortência, ela me pareceu cada vez mais angustiada, suplicando a cada vez para que, assim que chegasse a Sertãozinho, eu a procurasse. Minhas perguntas eram sempre as mesmas, e por mais que insistisse para que me ajudasse a falar com o meu pai, tia Hortência acabava por arrumar uma maneira de fugir do assunto. Tudo o que sabia a respeito dele nesse tempo que passei fora, era que continuava chateado comigo. E com razão.

O que eu precisava que entendessem é que a situação era difícil até mesmo para mim. Eu queria voltar para casa, estar com os dois, sentia falta deles, mas também queria estar com Augusto. Ter de escolher um lado me mataria.

Naquele dia, após senti-lo levantar da cama a fim de se arrumar para o trabalho, eu coloquei o meu telefone no carregador portátil, como me lembrara, e assim que o aparelho religou, eu o escutei tocar.

Reconheci o número de imediato, e já fiquei angustiada antes mesmo de atender.

— Tia Hortência? Está tudo bem com o meu pai?

Nunca era ela a me ligar, e sim o contrário.

— *Você não tem mais pai, Estela.* — Era ele. Era o meu pai na linha. Meu coração ficou pequeninho ao escutar sua voz após todos esses dias... quase sem acreditar que havia me permitido ficar tanto tempo longe dele. — *Desde o dia em que pisou fora desse lugar, eu deixei de te considerar minha filha. Se estou ligando agora é porque queria ser o único a te dizer que vou embora. Eu vou pegar minhas trouxas e cair no mundo, e você nunca mais irá me ver... a vergonha que tem me feito passar... todos estão falando... dizendo coisas horríveis a seu respeito. Sobre como a minha filha se transformou na puta do barão.*

— Paizinho... eu...

— *Não volte a me chamar assim, Estela. Nunca mais.*

— O senhor não pode me deixar sozinha, você é tudo o que eu tenho.

— *Sou mesmo? Por que então me desobedeceu? Por que foi embora com esse maldito? Já faz semanas, Estela.*

— Eu vou voltar, não vá embora, por favor, eu vou dar um jeito... eu... vou voltar hoje. Só não me deixe. — Não notei a aproximação de Augusto, só me dei conta de que ele ouvia a minha conversa quando o telefone foi arrancado da minha mão.

As lágrimas acumuladas em meus olhos escorriam enquanto eu me desesperava.

— Que tipo de lavagem cerebral você está tentando fazer na cabeça da sua filha dessa vez?

Escutei Augusto gritar, com meu corpo inteiro trêmulo.

— Essa é a primeira e última vez que aviso, seu filho da puta, você não toca em Estela e não a ameaça. Não dou a mínima para o que vai fazer...

Quer ir embora, porra? Vá! Esse é um trabalho a menos que terei...

— Não! — Eu o ataquei, querendo que Augusto parasse de assustar o meu pai. — Não fala assim com ele, não diga para ele ir embora... ele é o meu pai. Eu quero voltar para ele!

Augusto me segurou, o telefone ainda em seu ouvido.

— Você está ameaçando o homem errado, Sr. Saavedra. E acho melhor que pense duas vezes antes de voltar a ligar para assustar a sua filha! — Essa foi a última coisa que o escutei dizer antes de vê-lo atirar o meu telefone longe.

— Por que fez isso? — Eu o empurrei, nervosa demais para pensar com clareza. — Se o meu pai for embora, eu nunca vou te perdoar... — Limpei as lágrimas ao vê-lo sair do quarto sem dizer uma palavra, sem sequer mostrar-se culpado pelo que havia feito.

Angustiada, eu desci as escadas e fui atrás de Augusto. Para o meu azar, Sierra se encontrava na sala, contendo-o de sua fúria.

— Eu quero ir para casa — pedi a ele, que estava de costas. — Quero ir ver o meu pai... ele não pode me deixar.

— Dê um tempo ao Augusto, Estela, ele não está bem para falar qualquer coisa agora.

— Ele não precisa falar, apenas peça para que alguém me leve para casa. Por favor. Meu pai vai embora e... eu estou com medo.

— Suba, Estela, eu conversarei com ele.

— Não! Eu só quero voltar para o meu pai. Já fiquei aqui tempo demais, chega.

Augusto me encarou, e tudo o que enxerguei foi raiva.

— Saia, Sierra — grunhiu, sem encará-la. — Deixe-me a sós com Estela!

A advogada fez o que ele pediu, mas antes o beijou no rosto. Um

gesto que embrulhou o meu estômago.

— Venha aqui...

— Não.

— Eu não estou brincando, Estela, eu disse...

— Eu escutei muito bem o que você disse, mas estou cansada de fazer o que me pede. Eu quero ir para casa, Augusto, quero ir antes que o meu pai vá embora.

— Ele não vai — falou, com uma tranquilidade que me deixou irritada. — Não há com o que se preocupar. Agora venha aqui.

— Não. Não e não! — gritei, quando ele deu um passo em minha direção ao mesmo tempo que a presença quase assustadora de Athos se aproximava, tendo claramente escolhido um lado: o meu.

Eu sabia pelo seu olhar que Augusto tentaria fazer sexo comigo, eu podia sentir o seu desejo a quilômetros de distância. Por isso, quando deu outro passo à frente, eu subi correndo as escadas e me tranquei em seu quarto.

Augusto deu um baque com o punho na porta ao vê-la trancada, mas logo desistiu de entrar. Os latidos do seu cachorro, no entanto, permaneceram no lado de fora do quarto, quase como um choro. Quando me dei conta de que Athos era o único no corredor, eu abri uma fresta, espiei para ver se poderia sair e empurrei o seu corpo pesado para dentro, que não cooperou muito.

Olhei para a direção das escadas, a casa inteira pareceu ter ficado silenciosa, o que me assustou. Levando-me a me trancar novamente dentro do quarto de Augusto. Sem conseguir parar de chorar, eu me deitei no chão, encolhidinha e olhei para a porta por toda a noite, até adormecer. Athos permaneceu o tempo todo do meu lado.

No dia seguinte, infelizmente, eu não consegui manter a calma. Havia uma dor em meu peito. Uma dor tão forte, que se espalhou pela alma.

Revirei-me na cama, meu corpo queimava por dentro. Quando percebi que não conseguiria dormir, me levantei. Eu precisava falar com tia Hortência, pedir para que não deixasse o meu pai ir embora antes que eu voltasse, temendo perdê-lo para sempre. Procurei pela casa por algum telefone, já que o meu havia sido quebrado, mas não havia nenhum perto de ser visto. Até que me lembrei da existência do aparelho que ficava no escritório onde Augusto se enfurnava durante a madrugada. O problema foi que, ao tentar abrir a porta, eu a encontrei trancada.

Não era possível. *Como eu falaria com Hortência?*

Ao me dirigir até a cozinha e não encontrar o Thomas, a quem pretendia pedir socorro, eu saí à sua procura pelo apartamento, com Athos cobrindo cada um dos meus passos. Quando me deparei com Thomas, limpando um dos cômodos, eu respirei aliviada antes de me aproximar. Não gostava de ficar sozinha nessa casa, grande demais; então era comum que eu o seguisse enquanto ele fazia a limpeza, sempre se recusando a aceitar minha ajuda. Pensei em pedir seu celular emprestado, mas assim como o escritório fechado, que Thomas disse ser um pedido de Augusto, ele também não tinha o seu telefone em mãos.

— Posso te ajudar a fazer algo? — Se não tinha como ligar para ninguém nessa droga de cobertura, então que pelo menos ocupasse a minha mente. — Qualquer coisa? — perguntei em um murmúrio.

— Não — ele respondeu, mal notando o meu nervosismo.

— Por que não gosta de mim? — perguntei. — É por que sou cigana?

— Não, isso não tem nada a ver com o que você é ou deixa de ser, garota, e sim com o fato de que gosta de andar seminua pela casa.

— Eu não entendo, sabe? Passei os últimos dias assistindo muita TV, e a cada minuto de intervalo eu vi mulheres e homens praticamente pelados... Que mal há então se eu ficar seminua dentro de casa? Com as pessoas que conheço?

— Eu não a conheço, senhorita.

— Claro que conhece. Eu me chamo Estela, tenho dezenove anos e

sou a namorada do Augusto. — Ou era, até a noite passada.

— Namorada? — Thomas pareceu surpreso.

— Sim. A namorada. Agora que já nos conhecemos, eu posso... — Senti um aperto no peito, uma falta de ar dolorosa que sempre precedia algo ruim. Essa era bem mais intensa do que a que senti ao acordar.

— O que foi, Estela?

— Vai acontecer alguma coisa, eu sinto. — Thomas me encarou, sem compreender. — Você pode chamar o Augusto para mim? — Eu precisava falar com ele, pedir para que me ajudasse a entrar em contato com tia Hortência. — Por que ele ainda não subiu para almoçar?

Thomas hesitou antes de me responder:

— Augusto teve que fazer uma pequena viagem, Estela.

Viagem?

— Para onde? Por que ele não me avisou? — Eu sabia que em breve Augusto teria que ir para fora do país, já o tinha escutado falar com Benjamin sobre os preparativos, mas de acordo com ele essa viagem não aconteceria agora. Tínhamos tempo ainda.

— Ele não queria te acordar, eu acho — respondeu com calma.

— Você consegue ligar para ele? Eu preciso... — Por que Augusto tinha que viajar justamente hoje? A sensação não iria passar até que me certificasse de que ele e meu pai estavam bem.

Ao me conduzir até a cozinha, Thomas pediu para que me sentasse.

— Tome, beba esse copo de água e se acalme.

— Algo vai acontecer — insisti, querendo que Thomas acreditasse em mim.

— Não vai não, Srta. Saavedra. Apenas se acalme.

Ele não sabia a verdade, eu sim.

— Fique aqui, que verei se consigo saber o paradeiro dele, tudo bem?

Assenti nervosa, com os dedos tremendo enquanto segurava o copo com água. Infelizmente, quando voltou, Thomas não tinha qualquer nova informação. Augusto não o atendera.

— Liga para o Benjamin — pedi.

— Senhorita...

— Por favor.

Thomas o fez, e explicou tudo ao advogado, insistindo no quanto eu estava nervosa. Ao subir até a cobertura, Benjamin também tentou me acalmar, dizendo se tratar de uma viagem a trabalho. Que Augusto e Sierra estariam de volta até o final da noite e que não era para eu me preocupar. Mas como não?

Principalmente depois de descobrir que aquela cobra albina fora com Augusto.

Passei o restante do dia andando de um lado a outro, e ao tentar telefonar para Hortência do celular do advogado, as ligações chamavam até cair. Quando o nervosismo atingiu o limite, eu subi escondido até a piscina, sentei-me na beirada dela, com os pés dentro da água, e rezei a Santa Sara Kali para que protegesse todos a quem eu amava.

AUGUSTO ALENCAR

Era quase madrugada quando retornei à cobertura, e como imaginei, Benjamin se encontrava à minha espera. Após o seu telefonema, avisando-me sobre o pequeno surto de Estela, eu havia lhe pedido para que ficasse e fizesse companhia a ela.

Ao me ver entrar ao lado de sua *parceira de crimes*, Ben se levantou e nos olhou, apreensivo.

— Onde ela está? — perguntei, de imediato.

— Em seu quarto — falou preocupado. — De acordo com o Thomas,

sua garota teve um pouco de febre agora de noite. Com a recusa dela de ir até o hospital, ele a medicou por conta própria, mas isso a derrubou. — *Merda!* — E com vocês? Como as coisas foram?

Olhei na direção da escada que levava ao andar superior, certificando-me de que ninguém nos escutava, e em seguida me virei para Benjamin.

— Um pouco pior do que imaginei que seria.

Ben e Sierra trocaram olhares.

— Ainda acho que alguém poderia ter cuidado desse assunto para você. — Se dependesse do meu amigo, metade dos desvios que fiz na vida e nos negócios não teria acontecido.

— Certos problemas precisam ser resolvidos com as próprias mãos, Benjamin. — Sierra se afastou, pegando um pote de álcool em gel na despensa da cozinha; e ao voltar, o esfregou sobre os nós dos meus dedos. Limpando o arranhão que ficara em um deles.

— Você tem pouco tempo para conseguir que ela assine a procuração — ela me lembrou. — A situação está ficando complicada demais, Augusto.

— Eu sei. — E mais do que isso, sabia que se não conseguisse essa assinatura nos próximos dias, eu não a conseguiria nunca mais.

— Se você não tivesse perdido o foco...

— E o quê, Sierra? A única opção seria obrigar a garota a me vender as malditas terras, mas nós três sabemos que, enquanto Hortência estiver viva, isso é algo que não tem como acontecer.

— Eu sei...

— Então não me pressione.

— Só acho que você está adiando a conversa que deve ter com a cigana porque ainda não se cansou de transar com ela — disse com raiva. — Ficou viciado na garota e perdeu o foco. Se já tivesse feito o que deveria, o que aconteceu hoje não teria sido necessário.

Levantei-me, afastando o pedaço de algodão que usou para higienizar a minha mão.

— Não se engane, Sierra, porque teria acontecido. Seria só questão de tempo.



Ao subir para o quarto naquela noite, eu me deparei com Estela dormindo. Mas não como nos outros dias. Seu corpo mantinha-se coberto pelo pijama que vestiu, e, ao tocá-la diretamente em sua testa, eu a notei quente. A febre não havia passado, e ao longo da madrugada só se tornou pior. Thomas dissera que Estela poderia tomar outro antitérmico, e que se pela manhã não melhorasse nós deveríamos levá-la ao hospital.

Passei a noite vigiando seu sono, seus tremores. E quando amanheceu sem qualquer sinal de melhora, eu me esforcei a tentar convencê-la a ir comigo ao médico. Estela implorou, no entanto, para que eu não a levasse.

— Eu tenho medo de hospitais. As pessoas entram lá e não voltam. — Foi o que usou de justificativa; e porra, naquele momento eu não me reconheci, pois tive um medo irracional de que algo assim acontecesse a ela.

Sacudi a cabeça ao afastar os pensamentos negativos, e me voltei para Thomas, que havia acabado de dar outro antitérmico a Estela.

— Quando a febre começou? — inquirei, sem tirar os olhos da minha ciganinha. Suada por conta da febre e do delírio.

— Pela tarde, depois que Benjamin esteve aqui. A coitadinha tentou ligar para a tia várias vezes, mas ninguém atendeu. Então ficou repetindo que algo iria acontecer... que precisava ver o pai dela.

Eu não acreditava em intuições ou pressentimentos. Para mim, Estela apenas ficou abalada com a ligação do pai. E isso foi o que a fez ter febre. Não a intuição.

— O senhor quer que eu a vigie essa manhã? — Depois do dia perdido de trabalho ontem, eu deveria pedir para que Thomas ficasse, mas não acho que conseguiria sentar por detrás de uma mesa e fazer algo de útil, sabendo que Estela se encontrava doente, presa a esse quarto.

— Não, eu... não irei trabalhar agora cedo. — Primeiro eu iria esperar para ver como Estela reagiria a medição, e se não melhorasse, aí sim eu a levaria até o hospital, com ou sem protesto. — Eu mesmo cuidarei dela.

Thomas me estudou por um instante, e ao ver que eu não me encontrava em um dia bom, ele se afastou deixando-me a sós com Estela. Olhei para a garota adormecida em minha cama, o quão vulnerável ela parecia; e nervoso, joguei meu cabelo para trás em um gesto irrequieto, ciente de que o que havia acontecido nas últimas horas mudara tudo.

CAPÍTULO 21

ESTELA SAAVEDRA

Acordei sem saber ao certo que horas eram. O remédio que Thomas me deu foi tão forte que acabei dormindo assim que bati a cabeça na cama, e desde então... eu não me lembrava de muita coisa. De onde estava, pude escutar o som do chuveiro ligado no banheiro e imaginei que Augusto deveria estar tomando banho para ir ao escritório. A ideia de que ele iria sair, e que eu iria passar outro dia sozinha dentro dessa cobertura, fez-me ter vontade de chorar.

Levantei-me, um pouco cambaleante, e notei a pilha de remédios sobre o criado-mudo. Olhei para a roupa que usava, uma camiseta e calcinha apenas, e tive certeza de que não tinha sido eu a vesti-las. Alguém, em algum momento, havia me trocado.

Entrei no banheiro, querendo obter respostas e me deparei com Augusto deslizando a lâmina de barbear pela barba já crescida. Seu olhar percorreu o meu corpo através do reflexo do espelho, como se me ver de pé lhe fosse estranho.

— Eu vou para casa hoje — o avisei, mesmo que com o corpo fraco. — Vou a pé se você não me levar, mas eu vou. — O homem continuou calado, deslizando para cima e para baixo a lâmina. Calmo demais. — Eu preciso ver o meu pai, Augusto. Sinto que algo vai acontecer, e essa sensação

só aumenta.

A lâmina parou e, metodicamente, ele a limpou. Até que se virou para mim.

— A pé? Depois de passar dois dias inteiros de cama? — O olhei assustada. Havia olheiras embaixo dos seus olhos... como se ele não tivesse dormido.

— Não foi tudo isso. — *Ou foi?* — Que dia é hoje?

— Quinta-feira, Estela. — Ele tinha viajado na terça então... enquanto eu fazia as contas, Augusto se aproximou e colocou a mão sobre a minha testa.

— Você ainda está quente. — Sua voz soou preocupada. — Eu não deveria ter permitido que me convencesse a te deixar em casa, já era para tê-la levado ao médico...

— Não! Eu estou ótima, tá vendo. — Coloquei a mão em minha própria testa. — Nunca fico doente. — Nunca mesmo.

— Vou pedir ao Thomas para medir sua temperatura e...

— Você escutou o que eu disse? — Augusto me encarou, não admitindo ser interrompido. — Eu quero ir para casa.

Houve um segundo de hesitação, antes de ele dizer:

— Nós precisamos conversar.

— Não quero conversar. Quero apenas ver o meu pai.

— É justamente sobre ele que precisamos conversar.

Senti um frio horrível na barriga.

E conforme Augusto ia me dizendo o que havia acontecido, as minhas pernas fraquejaram; ficaram tão bambas que precisei usar a parede como apoio. Não era possível.

— Quem fez isso com ele? — perguntei baixo. — Quem?

— Nós vamos descobrir. Eu te juro.

— Eu preciso ver ele... preciso estar lá... — Augusto sacudiu a cabeça.

— Calma. Ir até o hospital agora não irá adiantar. E como falei, ele está sedado, Estela. A agressão foi violenta demais...

— Ele vai acordar, não é? Vai sobreviver? — Eu não queria pensar no contrário. Não queria ter de imaginar como seria a minha vida se o meu pai não resistisse. — Me leva para lá, Augusto. Por favor... me leva. Eu quero o meu pai. — Devo ter ficado agitada, porque fui puxada para os seus braços.

— Vamos esperar um dia...

— Não! — gritei, passando a lutar contra o Augusto. — Eu não vou conseguir ficar aqui sabendo que o meu pai pode me deixar a qualquer momento.

— Estela... você mal se recuperou da febre.

— Recuperei sim, e você não pode me impedir de ir. E eu já disse, se for preciso vou a pé! — Eu o olhei, com raiva, esperando que entendesse que eu falava muito sério.

— Eu ainda não disse tudo o que precisava. Se você se acalmar... talvez eu consiga terminar.

— Tem a ver com o meu pai?

— De certa forma, sim. — Esperei, certa de que nada que Augusto tivesse para dizer, me afetaria tanto quanto a notícia de que o meu pai se encontrava sedado em um hospital. — Não sei se você se lembra, mas há algumas semanas, Suzana e Hortência a obrigaram a assinar alguns papéis.

Eu me lembrava, mas como ele poderia saber?

— Elas não me obrigaram. Eu assinei porque Suzana precisava de um favor.

— Bem, não foi um favor, Estela. Sei que parece difícil de acreditar,

mas as duas armaram para você. Através dos papéis que assinou, ambas colocaram nas suas costas uma propriedade cheia de dívidas. Impossível de ser vendida...

As palavras se embaralharam em minha mente, ainda assim, fez sentido. Mas não importava, não naquele momento.

— Eu não quero falar sobre nada que não seja o meu pai, Augusto. Não tenho certeza sobre o que está me dizendo e não me interessa as dívidas que a fazenda tem...

— Deveria importar, porque elas são suas agora — declarou, de forma direta.

— O quê?

— As dívidas, Estela. Foi isso que Hortência e Suzana passaram para você. Décadas e décadas de dívidas.

— Suzana nunca faria isso comigo, ela me amava.

— Assim como amava o filho que abandonou?

— Por que está me contando isso? Eu só quero ver o meu pai. Não quero saber de dívidas nem fazenda...

— Estou dizendo, porque a primeira coisa que Hortência tentará fazer quando chegarmos a Sertãozinho, será envenenar a sua cabeça contra mim. Inventar histórias, mentir... quando tudo o que desejo é proteger você.

— Como?

— Eu posso quitar todas as dívidas, e posso fazer ainda mais. Posso garantir que você e o seu pai tenham um futuro estável... que não dependam da caridade de ninguém.

— Por que faria isso? Você odeia o meu pai, por que nos ajudaria? — Minha cabeça estava zonzinha, eu não conseguia pensar direito em tudo o que ele tinha falado, principalmente sobre o que aconteceu ao meu pai.

— Eu não odeio você. Esse é um bom motivo, certo? — Olhei para

ele quando falou.

— Posso pensar nisso depois? Eu, eu... não estou com cabeça agora.

— Sim, pode. Não precisa se preocupar com nada no momento, porque eu cuidarei de tudo relacionado a esse assunto.

Assenti, ainda desnorteada, permitindo-o que me aninhasse em seus braços.

No final daquele dia, após toda a minha insistência, Augusto e eu subimos no mesmo avião que me trouxera a capital. Só que diferente da última vez, depois que decolamos, eu não permaneci na poltrona, e sim em seu colo. Era noite, e ele cobriu o meu corpo com uma manta grossa, acariciando minhas pernas enquanto beijava o meu pescoço com carinho. Eu ainda estava com febre, não vou negar, sentia-me quente. E Augusto sabia que eu não estava em meu melhor, por isso fez o possível para que não me desgastasse durante o voo.

— Augusto... — chamei seu nome, em determinado momento.

— Sim?

— Por que acha que elas fizeram isso comigo? — Por mais que tentasse não pensar, e minha cabeça doesse tentando compreender, eu não conseguia. Não fazia sentido para mim o que ele estava dizendo.

— Porque você é uma boa pessoa. Estela. E jamais descobriria, eu mesmo só fiquei sabendo porque me ofereci para quitar as dívidas, mas Hortência já não as possuía... entende?

— As dívidas, elas são muito altas?

— Bem mais do que imagina.

AUGUSTO ALENCAR

Estela praticamente correu à procura de ajuda quando chegamos ao hospital, permiti que fosse na frente e falasse com os enfermeiros e médicos locais. Levi, que se juntara a nós assim que pousamos, permaneceu calado ao

meu lado, o único assentir de cabeça que fez disse tudo o que eu precisava saber. O cigano estava em coma, sem previsão de melhora ou de saída desse lugar. Cerrei os dentes, quando, já dentro do hospital, reconheci o pequeno e abundante corpo de Hortência. E antes que ela tivesse a chance de seguir atrás da ciganinha, eu a segurei pelo braço.

— Nós temos que conversar, Hortência — pedi para que Levi cuidasse de Estela e segui com Hortência até a sala de recepção, quase vazia.

— Nós não temos nada a falar um com o outro, tudo o que eu quero é que deixe essa menina em paz, o que você fez...

— Eu avisei que estava mexendo com o homem errado — falei entredentes, e ela sacudiu a cabeça.

— Estela é inocente, Augusto, não tem nada a ver com essa história, a forma como tem mexido com a cabeça dela...

— Você foi a única a envolvê-la nessa confusão, querida tia. Se tivesse me vendido a porcaria de suas terras, ela estaria bem. Estaria onde deveria estar — disse. — Quanto a ser inocente, essa é a última coisa que a ciganinha é...

— Augusto! — exclamou, horrorizada.

— Hortência.

— Apenas a deixe em paz, e vá embora. Estela irá se recuperar se você partir, é uma menina forte, só não faça mais mal a ela.

— Eu não farei o que me pede, porque agora já não se trata apenas dessas terras...

— Você tinha que ser filho do seu pai, seu garoto egoísta!.

Sorri, sem humor.

— Pedirei que Levi a acompanhe até o carro, Hortência.

— Seu miserável.

— Só mais um pedido, querida tia. Fique longe de Estela se sabe o

que é bom para a senhora.

Quando Hortência me deu as costas, eu me virei e fui atrás de Estela.

ESTELA SAAVEDRA

Beijei a mão inerte do meu pai, e rezei baixinho por ajuda. Para que Deus e a minha santa olhassem por ele e não deixassem que nada de ruim lhe acontecesse. Quem quer que tenha feito isso a ele, teria de pagar. Porque não era justo. O rosto do meu pai estava praticamente desfigurado. De acordo com a enfermeira que me permitiu entrar, ele fora agredido dias atrás, e dera entrada no hospital desacordado.

— Paizinho, eu sinto muito ter te deixado. Sinto muito. Me sinto tão culpada... eu não deveria ter ido. Eu o deixei desprotegido. — As lágrimas escorreram pelo meu rosto, abundantes. Eu só queria escutar a voz do meu pai, só queria que falasse comigo. — Quem fez isso com você, papai? Quem...

Eu não era boba, e tinha uma boa ideia de quem tinha feito. Essa quase certeza vinha me deixando louca porque ele era o pai do homem que eu amava. Novamente, eu estava em meio a uma guerra da qual não fazia parte. Sem saber ao certo o que fazer, que próximo passo dar. Ao ter de deixar o quarto, a pedido da enfermeira, eu me deparei com Augusto à minha espera. O semblante preocupado em seu rosto fez-me querer me perder em seus braços. Esquecer o restante do mundo, como fazia quando estávamos juntos.

— Como ele está?

Sacudi a cabeça, sem conseguir falar. Aceitando, de bom grado, o abraço que me deu.

— Prometo que, quando tudo isso aqui passar, você e eu fugiremos por algumas semanas... então não teremos nada com o que nos preocupar. Você gostaria disso? — Assenti, beijando-o rapidamente na boca.

Antes de sairmos do hospital, Augusto ficou para trás a fim de atender a um telefonema, que imaginei ser de algum dos seus advogados. Passei por

ele, aproveitando a deixa, e fui em direção ao Levi, que se encontrava em frente ao jipe.

— Você não viu mesmo quem fez aquilo com o meu pai? — O segurança negou, sisudo. Mas eu não me segurei. — Eu vou matar aquele velho sem coração, Levi, vou matar ele porque tenho certeza de que tem dedo dele nessa história... e depois que eu fizer, ninguém poderá me culpar porque o *disgraçado* quase matou um homem. Meu pai não abre os olhos, não fala comigo... e se eu o perder...

Nervosa, eu estava quase decidindo em ir até o demônio a pé. Conhecia esse lugar com a palma da mão, andei por ele diversas vezes. Augusto poderia ficar cuidando dos negócios ou sabe-se do quê ao telefone, e Levi podia ficar com ele, mas que eu iria até Alfredo, eu iria...

Afastando-me do segurança, eu só notei que Augusto vinha em minha direção quando a sua mão envolveu o meu braço.

— Você não irá a lugar algum.

— Não me diga o que fazer! Não diga! — Augusto tentou se aproximar, mas eu lutei com ele. — Eu odeio quando faz isso, Augusto, odeio! Quando vai entender que sou livre para tomar minhas próprias decisões? — Ele chegou a abrir a boca, mas eu não o deixei falar. — E se acha que eu deixarei que a pessoa que fez isso com o meu pai saia impune, você está muito enganado, está me ouvindo?

Augusto me apertou, com um pouco mais de intensidade. Meu coração batia acelerado contra o peito dele, que não parecia exatamente tranquilo. Senti-o beijar minha testa, e se esforçar em me manter por perto.

— Deixe-me cuidar de tudo, é para isso que estou aqui. Eu falarei com o meu pai.

— Não, ele irá mentir. Dirá que não fez nada... mas ele é o único que nos odeia.

O homem sacudiu a cabeça.

— Se você visse a forma como deixaram o meu pai, que tipo de ser

humano é capaz de fazer aquilo com alguém, Augusto? Que tipo?

Senti-o enrijecer, e em seguida fechar os olhos.

— Eu vou descobrir, mas preciso que fique com a cabeça fria, Estela.
Que não faça nada precipitado.

— Você está pedindo isso para a pessoa errada!

Ele quase sorriu, mas parecia preocupado demais para fazê-lo.

— Faça um esforço por mim.

CAPÍTULO 22

AUGUSTO ALENCAR

Entrei na casa de Alfredo no raiar do dia, e me dirigi imediatamente ao escritório onde peguei um dos charutos e o acendi. Eu estava nervoso, não pelo que acontecera ao miserável, não, isso o cabra mereceu, mas sim pela reação de Estela que ficara transtornada. A febre, que julguei ser de cunho emocional ia e vinha, mas ela se recusava a descansar. O que não entrava na minha cabeça era como podia continuar sendo leal a um homem que lhe dera um tapa no rosto.

Aagitado como nunca, eu fui até a varanda do casarão e me sentei em um dos bancos. A fumaça do charuto era exalada conforme alinhava meus pensamentos. Havia em xeque também a questão das terras, mas não acho que Estela recusaria o meu apoio, ela iria ver que tudo o que eu desejava era ajudá-la e de certa forma essa era a verdade.

Porque alguém como ela jamais conseguiria administrar uma fazenda caindo aos pedaços. Não que houvesse dívidas, como falei, mas haveria se essa loucura continuasse.

— Foi você, não foi? — Alfredo perguntou, juntando-se a mim de repente, fazendo-me recordar a última vez em que entrei nessa casa, o acusando.

— Eu não tenho ideia do que está falando, Alfredo. — Não era assim

que o desgraçado resolvia os seus problemas?

O velho me encarou, com um sorriso cínico em seu rosto.

— Tem ideia dos riscos que está correndo caso ele acorde, filho?

— Como eu disse, pai, eu não sei do que está falando. — Levantei-me, esmagando a ponta do charuto na madeira da varanda. — Agora, se me der licença, eu tenho alguns telefonemas a fazer e preciso usar o seu escritório.

— Achei que nunca fosse trazer a ciganinha de volta... A conversa que se tem ouvido é de que você se encantou por ela.

Parei, o encarando. Dizer ao miserável que Estela era importante para mim seria o mesmo que apontá-la como um alvo. Eu jamais faria algo assim.

— Eu teria que ser louco para cometer esse erro, Alfredo. E até onde lembro, eu não sou.



Naquela tarde, após telefonar para o escritório e passar a manhã inteira debruçado sobre documentos do Grupo Alencar, Levi me avisou a respeito do retorno de Estela ao casebre. Dirigi até o local, mas antes de entrar, mantive-me parado por alguns minutos em frente à casa. Mesmo com os olhos fechados, a impressão que eu tinha era de que minha cabeça explodiria a qualquer momento. Havia muita coisa em jogo, mas a que mais vinha me inquietando não era a possibilidade de perder as terras, que, para mim, era inadmissível. E sim, a possibilidade de perder a ciganinha. Passei semanas com a minha vida girando em torno dessa mulher, fissurado nela, não sei se agora conseguiria deixá-la afundar nesse mar de merda sozinha.

“Sua mãe me escolheu no passado, seu miserável, por que acha que com Estela seria diferente? — As palavras cuspidas pelo cigano, quando o confrontei, foi o que me levou a perder a cabeça. — Minha filha irá para

onde eu for, e você nunca mais irá encontrá-la, está me ouvindo? Eu vou desaparecer com Estela...”

Não, ele não iria, porque eu a queria comigo. Essa fora a razão da viagem, explicar a Caetano que eu não iria permitir que ele continuasse fazendo uma lavagem cerebral na cabeça da filha, deixando-a viver alienada. As coisas só saíram do controle quando ele começou a esfregar a escolha de Suzana na minha cara e ameaçar tirar-me Estela.

Bom, ele descobriu o que acontecia quando eu era provocado. E eu descobri que a ideia de perdê-la, como aconteceu com Suzana, não era um pensamento agradável.

Vendo que não adiantaria pensar demais, eu entrei na cabana sem nem ao menos bater. Estela não estava perto de ser vista, e eu só a encontrei ao me dirigir até a cozinha. Com ela distraída, eu me apoiei no batente e a observei. Estela se encontrava sentada sobre a bancada, os braços em volta das pernas, e a cabeça apoiada no vidro da janela. Seu corpo estava tão encolhido que um gosto amargo subiu à garganta.

Ao sentir minha presença, a garota sorriu triste.

— Ele está tão mal, Augusto... falei com os médicos hoje, mas não me deram nenhuma garantia.

Aproximei-me, beijando a cabeleira negra.

— Sei que é difícil, mas...

— Eu ainda quero matar quem fez essa maldade com ele. Matar!

— E ser presa em seguida? Eu jamais permitiria que algo assim acontecesse. — Eu a puxei suavemente. — Venha aqui — pedi para que viesse para os meus braços. Suas pernas se abriram indo parar uma de cada lado do meu quadril. — Olhe para mim.

Ela o fez.

— Estou com medo, Augusto. Não apenas pelo meu pai, mas por tudo... até pela gente. Eu senti quando algo aconteceu com ele, e sinto que

ainda não acabou. Eu odeio saber, odeio essa certeza...

— O que eu faço para que pare de sentir? Diga que eu...

— Me beije — pediu. — Eu preciso que me beije e faça amor comigo.

Segurei o seu rosto, beijando a boca molhada. E a suavidade com que tudo começou, rapidamente se transformou em selvageria.

Deslizei os dedos pelo vestido amarelo que usava, um, que de acordo com ela, era o seu preferido. O tecido gasto já não tinha sequer cor direito, pensei ao arrancá-lo de seu corpo. Maravilhado com a visão de seus seios pulando cheios ao se verem livres, apertei-os com as mãos, e envolvi um seio de cada lado. Fazendo-a gemer contra a minha boca.

Desde que perdeu a virgindade, Estela e eu não passamos mais do que algumas horas sem transar, mas desde a discussão após a ligação do seu pai, eu não sabia o que era tocar nessa garota. Não da forma como o meu corpo desejava.

Impondo-me entre as suas pernas, eu a puxei de encontro ao meu quadril. Como se elas tivessem sido feitas para isso, as coxas macias de Estela me envolveram, e nós dois, juntos, ofegamos com a penetração. Meu pau buscou abrigo no calor que emanava de dentro dela, e eu fui aos poucos esquecendo-me de tudo o que me preocupava.

— Você precisa aprender uma coisa, Estela... Não gosto que fique assim longe de mim. Se eu não estiver por perto, você tem por obrigação cobrir sua boceta. — Escutei um *por quê?* abafado lhe escapar. — Porque ela é minha. E eu não sou um homem que compartilha o que me pertence. Não você... e não ela.

Toquei sua boceta, separando os grandes lábios enquanto espalhava o líquido quente que tinha escorrido de Estela. O cheiro dela se impondo entre nós dois, empurrou-me para a borda. Como se soubesse o que eu precisava, ela desafivelou o cinto da minha calça e puxou meu membro para fora, apertando-o tão impaciente que quase gozei.

— Eu o quero dentro de mim, agora, Augusto... por favor.

Mordi seu lábio inferior, depois o outro, até tomar a boca inteira. Aprofundando o beijo enquanto retirava a camisinha da carteira e a deslizava pelo comprimento do meu pau.

Penetrei-a sem afastar nossas bocas, e, a cada vez que a puxei pela bunda para que pudesse ir mais fundo, eu a escutei gemer. O vai e vem não teve fim, foi ávido. O som do choque de nossos corpos preencheu o lugar, assim como o choramingo de Estela. Com a outra mão, eu a agarrei pela nuca. Os dedos pressionando a pele suada.

O corpo de Estela reagiu às estocadas, os mamilos comprimiam-se de tão duros. O suor fino cobriu sua pele e o calor que fazia por essas terras nos envolveu, deixando-nos quentes e úmidos. A camada fina de poeira agarrando-se à nossa pele fez com que a camisa que eu ainda vestia grudasse em minha pele.

— Senti sua falta... — As palavras me escaparam, antes que eu pudesse me dar conta do que significavam. Porque, diferente de todo o resto, elas não eram mentira. Vê-la doente, dizendo coisas sem sentido, o corpo quente, aquilo mexeu com a minha cabeça. Fez-me questionar pela primeira vez o papel de Estela em minha vida.

Talvez, quando tudo terminasse... ela e eu...

— *Me volis tu.* — Seus olhos se prenderam aos meus enquanto o meu quadril continuou a empurrando para a beira do abismo. Um, no qual nós dois iríamos cair em breve. Os lábios de Estela se separaram, e ela continuou a murmurar aquelas três palavras. O som de sua voz pareceu ter ligação direta com o meu pau, que cresceu mais duro dentro dela. A abrindo, a rasgando um pouco mais.

Grunhi algo inteligível e a golpeei mais forte.

— *Me... volis... tu.* — A garota voltou a sussurrar, procurando ferozmente pela minha boca. Suas pernas penderam ao meu redor enquanto ela foi consumida por inteiro pelos tremores do orgasmo. A forma como a parte interna de sua vagina pulsou e contraiu, me drenou seco. O sêmen grosso sendo liberado no preservativo, que foi imediatamente descartado.

Apoiei a testa na dela, a respiração afetada. Como todo o restante do corpo.

— Quando irá me dizer o que essas palavras significam?

Eu poderia tê-las procurado pela internet, não tinha certeza sobre a escrita, mas através da pronúncia, em algum momento eu conseguiria encontrar uma resposta. Ainda assim, eu estava à espera de que ela me dissesse.

— Nunca. Você terá de descobrir sozinho.



Levantei cedo na manhã seguinte, como de costume, e segui em direção à cozinha enquanto Estela dormia. Seu corpo não estava mais tão febril essa manhã, e ontem, após o sexo feito e o banho que tomamos juntos, eu a lembrei de se medicar novamente, enviando-a para a cama enquanto preparava algo leve para comermos. Agora cedo, voltei a abrir e fechar as portas do armário, mal encontrando comida. O pouco que restava de pó de café sequer cheirava a café. Deveria ser alguma porcaria barata que seu pai comprara. Não sei como alguém conseguia viver nessas condições, o lugar era limpo, mas simples. O chuveiro? Não tinha boxe. A cama de solteiro na qual dormimos? Mal cabia Estela sozinha, e rangeu a cada movimento que fiz durante a noite.

Com a bebida preparada, e uma boa dose de cafeína em meu sistema, eu fui até o carro pegar o envelope deixado lá dentro, e retornei. Os documentos, que foram imprimidos no escritório de Alfredo ontem, pareciam queimar agora em minha mão, mas era a coisa certa a fazer.

Tinha que ser, porra.

Entrei, e me deparei com Estela seminua. A porcaria da calcinha que vestia era minúscula. E o corpo moreno distraiu-me por completo, mas me

perder na luxúria do sexo que fazíamos era a última coisa que eu precisava essa manhã, então preendi minha atenção em seus olhos. Que, apesar de tristes, mantinham o brilho ferino que lhes era habitual.

— Você fez café — falou baixinho.

— Sim. Não sei se irá gostar, está um pouco mais forte do que o que você costuma tomar, mas imaginei que seria bom.

— Obrigada. — Ela levou a xícara até a boca, e sorveu a bebida quente... afastando-a em seguida. Como se o café não estivesse bom, ou a qualidade dele fosse péssima mesmo. Distraída, o seu olhar bateu no envelope que eu segurava. — O que são esses papéis?

— Lembra que te ofereci ajuda?

Ela assentiu.

— Eles são a garantia de que você e seu pai estarão livres das dívidas. Se você os assinar estará me tornando o seu representante legal em tudo o que diz respeito a fazenda, e com isso eu poderei quitar as dívidas...

— Como isso aconteceria? — perguntou, quase desconfiada.

— Eu seria o administrador da fazenda, assim como sou das que possuo, você não teria de se preocupar em tomar quaisquer decisões ou ter de resolver qualquer um dos problemas que surgisse, compreende? Não haveria dor de cabeça, Estela.

— Não quero fazer isso agora, não consigo me concentrar em nada no momento... e ainda não consigo entender por que fizeram isso comigo... — Eu sabia que ela se sentia traída pela sua tão adorada Suzana e por Hortência. Acho que eu também me sentiria se a história que lhe contei fosse verdade.

— Não fique assim, Estela — pedi, ao vê-la chateada. — Essa é a razão pela qual estou aqui, para que esse assunto não a perturbe.

— Não estou perturbada, só triste. — A ciganinha ergueu o rosto. — Mas vai passar, eu sou forte. E tenho um pai que precisa muito de mim, é nele que irei focar.

Caminhei pela estrada de chão, rumo ao cemitério. De alguma forma, eu sentia que precisava ir ver Suzana. Conversar com ela. Não tirei as sandálias dessa vez, sabendo que precisaria estar limpa para ir até o hospital depois. Passando entre os túmulos, eu me deparei com o dela. Havia resquícios de charuto nele, eu notei, mas rapidamente o limpei. Fiquei triste por não ter as rosas que ela tanto gostava, e mesmo assim, ajoelhei-me e olhei para a lápide. Eu queria que Suzana falasse comigo, que explicasse por que me fizera assinar aqueles papéis.

— Eu não estou com raiva — falei. — Sei que deve ter tido motivos, Suz. E se não teve, eu a perdoo. Você cuidou tão bem de mim por todos esses anos. Foi a mãe que eu não tive. Não posso agora ficar com raiva — suspirei, afastando a mágoa. — Quanto ao meu pai, não permita que também me deixe. Peça a Deus para que ele volte para mim, diga a ele que eu não quero ficar sozinha. — Limpei as lágrimas em meus olhos. — Eu... conheci o seu filho, Suzana, e sinto tanto que você não tenha tido tempo de estar com ele. Augusto cuida tão bem de mim... se não fosse por ele... — Mais lágrimas caíram. — Eu o amo, sabe? Augusto ainda não sabe, mas eu o amo.

Naquela manhã, após conversar com Suzana, eu caminhei até o hospital, sendo surpreendida pela chuva torrencial que caiu. Tanto que, quando Levi pediu para que eu entrasse no carro com ele, eu o fiz. O segurança de Augusto dirigiu em silêncio por todo o caminho, não havia nada a ser dito, e ele não parecia com um humor muito bom também. Foi somente quando parou a caminhonete no estacionamento da emergência, que me virei para ele e perguntei o que estava engasgado em minha garganta:

— Levi, você acha que se o Augusto descobrir quem fez isso ao meu pai, ele irá me contar? — Pelo que conhecia do homem, as chances eram mínimas.

— Augusto fará o que considerar melhor para você, Estela. — O que significava que ele não me contaria.



Dias se passaram, comigo dividida entre a casa, o hospital e as horas compartilhadas com Augusto. Nós dormíamos juntos praticamente todas as noites, e durante as manhãs, ele dirigia até a fazenda a fim de trabalhar no escritório montado no casarão. Todas as vezes que perguntei se havia pistas sobre o agressor do meu pai, o homem desconversou. Disse, inclusive, que se fosse Alfredo, e ele descobrisse, eu seria a primeira a saber.

A impressão que tinha era a de que Augusto vinha tentando colocar panos quentes na situação, fazer com que a minha raiva diminuísse, mas ela não diminuía. Ao atravessar a sala, eu notei o envelope sobre o sofá. Eu ainda não o tinha aberto. Não tive coragem ou vontade. Tudo em que pensei nos últimos dias foi em meu pai e no meu futuro com Augusto. Durante o dia eu vivia o verdadeiro inferno, rezando para que tudo passasse logo; e à noite, dormindo nos braços dele, com a dor e a culpa quase, quase, indo embora.

Diferente dos últimos dias, em que Levi me levava ao hospital, dessa vez, eu pedi para que fosse comigo até a casa de tia Hortência. Quando o homem titubeou, prestes a inventar uma desculpa, eu ameacei ir sozinha. Então ele cedeu.

Até então eu não havia conversado com Hortência, ela também não retornara ao hospital ou fizera contato, e isso me pareceu como uma admissão de culpa pelo que fizera comigo. Por alguma razão, eu preferia acreditar que ela e Suzana tiveram motivos para me fazer assinar aqueles papéis. E percebi naquela manhã, que eu precisava saber o porquê.

— Então ele a deixou vir? — Hortência falou, assim que me viu entrar em sua casa. Ela continuou ali, sentada na sala, parecendo um pouco perdida. Juntei-me a ela, olhando tudo como se fosse a primeira vez, e me sentei no chão, assistindo-a tricotar por vários minutos. Engraçado como eu conseguia me sentir segura aqui, e enquanto recordava os momentos passados com meu pai e ela dentro dessa casa, eu tentei não chorar.

— O que havia naqueles papéis que me pediu para assinar, Hortência?
— perguntei, com a voz embargada, fazendo-a erguer o rosto e me encarar por detrás dos olhos cansados.

— O que Augusto te contou, menina?

Sacudi a cabeça, eu não estava conseguindo pensar com clareza. Havia uma nuvem sob os meus olhos, uma venda.

— Tudo o que me explicou foi que a senhora me passou as terras, algo sobre ser muita responsabilidade para mim... e o valor alto das dívidas. Ele disse que irá me ajudar.

— E você acredita em tudo o que ele diz?

— Ele tem cuidado de mim.

Hortência deteve a agulha antes de dar o próximo ponto.

— Não, querida, meu sobrinho não tem cuidado. O que aquele homem tem feito é esmagar o seu espírito. Eu mal a reconheço... — O que dizia não era verdade, eu continuava a mesma.

A única coisa que havia mudado era o amor que eu sentia por Augusto.

Ferida pelo que Hortência disse, eu me levantei, acho que rápido demais, porque algo além do forte cheiro de café me fez tontear. Essa não era a primeira vez que acontecia.

— Posso usar o seu banheiro, tia Hortência? Eu não me sinto bem.

Hortência assentiu. E minutos depois, quando retornei à sala, ela tinha afastado o suéter que tricotava, e me observava com cautela. Quando voltou a mexer a colherzinha no café em sua xícara, e o cheiro de café se espalhou pelo ambiente, seus olhos permaneceram atentos aos meus. Voltei a tapar a boca, desconfortável, e ela deixou que a colher de sobremesa caísse no pratinho ao lado.

— Ah, Estela. Ele não apenas tocou em você, não é? Ele te arruinou.
— Nada do que disse, fez sentido. — É isso o que eles fazem, Estela. Eles

arruinam tudo em que tocam.

— Não entendo.

— Você não faz ideia, não é? — Não, eu não fazia. Mas o olhar em seu rosto me disse que havia algo de errado.

— Você está grávida, criança. É isso o que eu estou tentando dizer, não há outra explicação para esse seu mal-estar.

— Eu devo ter comido algo estragado...

— Duvido. — Foi direta. — Agora me diga, de quantos dias está atrasada?

— Atrasada?

— Sua menstruação, Estela. Ela já deveria ter descido, não é?

Eu a encarei enquanto assimilava suas palavras, fazendo minhas próprias contas. Até que tudo fez sentido.

AUGUSTO ALENCAR

— Onde ela está? — perguntei, sem paciência, a uma Hortência que bebia chá em sua sala. Com a calma de quem não passou a última meia hora, aflito com a possibilidade de que ela fizesse com tudo. — Onde, Hortência? Vai me responder ou ficará aí, olhando-me com essa cara?

— Não posso acreditar que tenha sido tão descuidado, Augusto. Simplesmente não entra na minha cabeça.

— De que merda está falando?

— Você a engravidou, seu menino estúpido! A engravidou, Augusto! É como o seu pai... não pensa nas consequências do que faz ou quem machuca no processo.

Hortência só poderia estar louca, outra razão não havia para que estivesse dizendo uma merda como esta. Porque, tirando as duas vezes, talvez

três, em que fui relapso a ponto de quase não conseguir gozar fora de Estela, impulsionado pelo calor do momento, em todas as outras a camisinha foi usada. Uma precaução que tomei a fim de esperar até que a pílula receitada pela médica dela começasse a fazer efeito.

— Eu só vou perguntar mais uma vez...

— Estela está no andar de cima! — disse, rápido demais. — Eu a aconselhei a descansar, após o susto que levou. O pior, Augusto, é que a coitadinha está feliz. Não faz a menor ideia do sofrimento que será gerar um filho seu...

Eu não a escutei, apenas subi degrau após degrau até chegar ao quarto que imaginei que estaria. E foi lá que a encontrei. Sentada na beirada da cama, com a mão fortemente envolvida no abdômen. Quando olhou para cima, eu soube imediatamente que o que Hortência disse era verdade. Soube pelo olhar assustado e ao mesmo tempo aliviado que Estela me lançou.

— O que falei sobre vir aqui? — Eu precisava ir com calma, e não perder a cabeça.

— Eu precisava falar com Hortência, saber por que ela fez aquilo comigo.

Controlei-me, essa garota ainda me deixaria louco.

— Que história é essa de gravidez que a infeliz está me empurrando, Estela? — Esperei que negasse, porque eu não queria filhos. Não com ela ou qualquer outra mulher. Esse sempre foi um assunto dado como definido em minha mente. E eu só ainda não havia feito uma vasectomia, porque em todas as vezes que pensei na possibilidade algo me fizera adiar o procedimento. Uma viagem, algum compromisso importante.

Nesse meio tempo, sempre fiz questão de ser cuidadoso... nunca esqueci a porra da camisinha, e as mulheres com quem saía? Bem, elas eram ainda mais cuidadosas. Mas não Estela. Não a minha ciganinha.

— Não é uma história, tia Hortência disse que eu estou grávida. Mas eu não tenho certeza, Augusto, e...

— Diga a ele de quanto tempo está atrasada, querida. — Hortência entrou no quarto, intrometendo-se em uma conversa que deveria ser apenas nossa.

— Uma semana.

Porra!

Encarei Hortência, que tinha uma expressão *de eu te avisei* em seu rosto.

— Peça para o seu capataz lá fora trazer um teste de farmácia, Augusto. — Ela pareceu adivinhar meus pensamentos. — É bom que tenhamos logo a certeza.

A próxima hora foi uma loucura, Estela continuou assustada e toda vez que me olhou, eu não soube dizer se estava prestes a chorar ou se apenas incomodada com a minha evidente frieza. Ainda assim, havia uma certa calma partindo dela, quase como se a garota quisesse estar grávida do meu filho, como se esperasse que eu ficasse feliz com a notícia. Só que isso jamais aconteceria.

Porque o legado Alencar, o verdadeiro legado, ele terminaria comigo.

Quando Levi retornou, trazendo com ele o meu destino em suas mãos, eu fui até a ciganinha e lhe entreguei o pacote. Os próximos minutos duraram uma eternidade, e quando ela saiu do banheiro devolvendo-me o teste, eu amaldiçoei todos ali presentes.

— Eu não quero essa criança — foi a primeira e única coisa que consegui pensar. — Nunca desejei ser pai, e não foi uma ou duas vezes que falei isso a você, Estela... foram várias.

— Não achei que estivesse falando sério.

— Como não, porra? Quando um homem diz que não quer ter filhos, então ele não quer! O que há de complicado nisso?

A garota recuou, com as costas batendo contra a parede.

— Não há nada de complicado, só achei que... quando chegasse o

momento, nós teríamos filhos. Vários deles. — Ela não podia estar falando sério. Não podia ser tão inocente assim.

Sem paciência, e não querendo fazer nada do que pudesse vir a me arrepender, eu lhe dei as costas e deixei a casa de Hortência, que subiu as escadas correndo assim que atravessassei o seu caminho. A primeira coisa que fiz ao entrar no jipe foi informar ao meu piloto de que estaríamos voltando essa tarde para a capital. Seria de lá que eu conseguiria encontrar uma solução para esse problema. Não aqui, e não com influência de Estela, que parecia se infiltrar em meu sistema como um veneno, tornando-me um homem burro. Incapaz de pensar com clareza ou racionalidade.

Naquele momento, eu não pensei nas terras que estavam em jogo ou no risco que corria se Caetano acordasse. A verdade, é que estive tão obcecado pela garota que não pensei nas consequências de todo o sexo que fizemos.

— Eu não pensei, maldição! — esbravejei, socando o volante enquanto acelerava o carro pela estrada de terra.

CAPÍTULO 23

ESTELA SAAVEDRA

Revirei-me na pequena cama de solteiro, desnorteada, completamente incerta sobre o que fazer. Hortência pediu para que passasse a noite no casarão, mas eu não quis. Não depois da forma como seu sobrinho reagiu à notícia da gravidez. A voz de Augusto ainda parecia gritar em meu ouvido, fazendo-me desejar não a escutar nunca mais. A frieza com que falou... Sacudi a cabeça, não querendo pensar mais nisso. Só que era impossível. Não previ sua reação, admito, crianças e filhos não era bem um assunto que discutíamos com frequência, e mesmo com ele afirmando não os querer, eu jamais imaginei que Augusto reagiria daquela forma.

Deitada em minha estreita cama, eu me senti confusa. Acho que daria qualquer coisa para que Augusto mudasse de ideia sobre o nosso bebê, e que voltasse atrás em tudo o que disse. Mas ao mesmo tempo, sentia que o estrago já tinha sido feito em meu coração.

Uma certeza que se concretizou com o passar dos dias, com a ausência de telefonemas, de qualquer contato. Senti-me perdida longe dele, confusa com as mudanças do meu corpo, com tudo o que tinha que lidar. Meu pai, a gravidez. A saudade que não passava.

Eu tinha vivido em uma bolha criada por Augusto. E agora, com ele se recusando a atender meus telefonemas, eu não sabia como andar. Como ir

para frente. Estava paralisada.

Ser forte pelo meu pai exigiu tudo de mim. A cada vez que o visitei, a raiva aumentava. O sentimento corrosivo também. Durante o dia era fácil ser forte, mas à noite, sozinha no casebre em que morávamos, eu deixava que o choro viesse. As franhas do meu travesseiro eram a única testemunha da dor que sentia. Do medo por estar sozinha.

Ao sair de casa naquela manhã, assim como todos os outros dias, eu avistei a caminhonete de Levi estacionada no lugar de sempre. Inspirei fundo, mantendo comigo a minha mágoa. Consegui nos primeiros dias, mas não tinha certeza se conseguiria hoje. A exaustão ganhara.

— Você pediu para ele voltar? — perguntei baixinho, sentando-me do seu lado.

Essa não era a primeira vez que eu lhe perguntava a mesma coisa.

— Augusto tem estado ocupado, Estela. Muita coisa na cabeça. — E na minha não tinha? Eu estava com um pai entre a vida e a morte e um bebezinho inocente dentro de mim.

E não sabia o que fazer... com nenhum dos dois.

— Eu preciso dele aqui — falei, prometendo que essa seria a última vez que pediria isso a Levi. — Pergunte de novo... fale com ele que...

— Eu falarei, Estela, prometo.

Assenti, virando o rosto por todo o caminho até a cidade.

Foi só quando o carro parou em frente ao hospital que eu voltei a falar:

— Diga a Augusto que... eu estou sozinha. E que tô perdida. Não sei o que fazer.

O homem havia me colocado debaixo de sua asa, cuidado de mim, feito-me a mulher mais feliz desse mundo, e de repente, ao se afastar... eu me sentia desorientada. Como se me faltasse o chão.

— Eu direi. Agora vá ver o seu pai, Estela. Fique com ele, que de tarde estarei aqui para pegá-la, tudo bem?

Assenti, saindo do carro antes que as lágrimas escorressem pelo meu rosto, como vinha se tornando um hábito. Antes de ir até o quarto de meu pai, porém, eu parei na recepção e pedi para a moça que me ajudava se eu poderia tentar outra vez telefonar para o número de Augusto, que vinha sendo mantido em um papelzinho dobrado em minha bolsa. Passei os últimos dias tentando exaustivamente falar com ele, e pela forma como as recepcionistas me olhavam, eu estava começando a incomodar.

Por sorte, assim que começou a chamar, o telefone foi atendido. E uma onda de alívio me invadiu ao escutar a respiração de alguém no outro lado da linha. Uma sensação que evaporou ao reconhecer a dona da voz.

— *Será que poderia parar de telefonar?* — Senti um frio na barriga, e não consegui dizer nada. Por que justo ela tinha de ter atendido? — *Olha, eu sei que é você... Augusto também sabe, só que já chega. Ele está tentando trabalhar, e você não deixa...*

— Eu só quero falar com ele, será rápido...

O silêncio que se seguiu foi desconfortável, e fez com que tudo o que eu tinha comido essa manhã revirasse em meu estômago.

— *Sinto muito, querida, mas Augusto não pode atendê-la agora, você gostaria de deixar algum recado?*

Eu não queria deixar recado nenhum, toda hora essa porcaria de telefone repetia o mesmo. *Deixe o seu recado... Deixe o seu recado...*

— Não, não tenho recado para dar. Eu quero falar com ele! — disse com raiva, sob o alvo da recepcionista. — Por favor. — Eu imploraria se fosse preciso.

— *Estela... deixe-me te explicar uma coisa, não sei se percebeu enquanto esteve aqui, mas Augusto é um homem ocupado. O tempo que passou com você em Sertãozinho atrasou todo o trabalho que ele deveria ter feito. E, como se não bastasse os problemas com o qual já temos que lidar... você nos aparece grávida.* — Sierra respirou fundo, parecendo entediada. —

Não que isso vá ser um problema, porque... ele me pediu que desse uma olhada em algumas clínicas que fazem procedimentos seguros. Não há com o que se preocupar, querida.

— Clínicas? — Eu ainda não tinha ido ao médico, mas...

— *Abortivas, Estela* — ela explicou, fazendo-me gelar por dentro. — *E como falei, não haverá nada com o que se preocupar, porque nós vamos lidar com a situação de uma forma limpa e discreta...*

Clínica abortiva? Lidar com a situação? O telefone escorregou da minha mão, enquanto eu sacudia a cabeça. Incrédula. A mulher estava mesmo me dizendo que Augusto queria que eu matasse o meu bebê? Era isso?

— Está tudo bem? — A recepcionista me abordou, mas não consegui dizer nada.

Por isso, saí correndo do hospital. Estar aqui me deixava angustiada, tinha certeza de que se papai estivesse consciente, ele também se sentiria, pensei enquanto caminhava de volta para casa, não querendo passar um minuto a mais que fosse dentro daquele lugar. Meu medo por hospitais continuava, e depois do telefonema... eu só conseguia pensar no perigo que corria ali dentro.

Andei por todo o caminho, sentindo o sol bater em meu rosto. Não havia notado até então, mas eu estava mais cansada e ofegante do que o habitual. Não me importei em deixar Levi para trás, e o temor de ter ele por perto retornou, assim, em um piscar de olhos. Tanto que ao chegar em casa, eu tranquei todas as portas e janelas e me escondi no meu quarto. Não querendo ver ou falar com ninguém.

Estremeci ao escutar as batidas na porta, horas depois, sabendo que se tratava de Levi. E quando elas não pararam, eu gritei, o mandando para o inferno e pedindo para que me deixasse em paz. Todos eles.



A notícia de que meu pai havia saído do coma veio na manhã seguinte, quase como uma recompensa por tudo de ruim acontecendo em minha vida. Durante todo o dia, eu fiz plantão naquele hospital, mesmo que temerosa. Tentei a todo custo vê-lo, mas os médicos não permitiram. De acordo com a enfermeira, ele ainda precisaria passar por vários exames, então só me restava ficar sentada na recepção à espera de notícias. Quando a autorização para entrar no quarto veio, eu praticamente corri até o corredor. Aliviada porque, com ele bem, tudo voltaria ao normal.

Entrei no quarto, reticente ao ver que seu rosto continuava inchado, e que papai agora tossia com dificuldade. Se fosse para ser honesta, eu quase não o reconhecia.

— Pai. — Segurei sua mão. As lágrimas agora desciam pelo meu rosto com uma facilidade quase alarmante. Hortência me aconselhou a marcar uma consulta a fim de descobrir de quanto tempo era a gestação e começar a me cuidar, mas até o telefonema, a esperança que tinha era a de que eu faria tudo isso com Augusto. — Eu sinto tanto por não ter estado aqui...

— Foi ele. — Escutei a voz arrastada de Caetano, diferente da que eu me lembrava. — Foi o miserável...

— O demônio?

Papai sacudiu a cabeça, nervoso.

— Quem então?

— O filho... foi o filho do demônio. — Soltei a mão de meu pai e me afastei, tremendo dos pés à cabeça enquanto balançava a cabeça.

Não fazia sentido algum, só... não fazia. Augusto jamais seria capaz. Caetano era o meu pai, por que machucar dessa forma o homem que me

criara e a quem eu amava tanto?

— Pai, por que Augusto faria isso? — perguntei baixo, a voz mal saindo. — Ele... — Desejei poder dizer que ele me amava, mas já não tinha certeza de nada. — Ele jamais te machucaria, Augusto sabe o quanto me importo com o senhor...

Com o coração batendo forte, e todo o meu corpo retorcendo de dor e ânsia, eu quis poder acordar desse pesadelo. Nada parecia em seu lugar, nada parecia... certo.

— Se importa? — papai questionou. — Se se importasse não teria... me dado as costas, Estela. Você só me trouxe desgosto, e agora... o homem com quem tem dormido se achou no direito de vir até aqui pedir para que eu a deixasse em paz e parasse de te atormentar!

Apoiei-me contra a parede, foi automático. Senti dor no peito, no corpo. Senti dor em cada pedaço da minha alma.

Os dias que precederam o meu retorno a Sertãozinho voltaram à mente, o pressentimento ruim que me tomou. O desespero em que fiquei.

— Augusto sabe que se fizesse algo ao senhor, eu jamais o perdoaria...

— E você acha que ele se importa com o seu perdão? Como pode ser tão estúpida, Estela?

— Pai... — As palavras engasgaram em minha garganta, sufocando-me.

— Saia daqui! — Sua voz soou grave, deixando-me confusa. — Tudo o que está acontecendo é culpa sua, se não tivesse agido como uma qualquer, aquele infeliz jamais teria se dado ao trabalho de vir atrás de mim... mas você foi burra e acreditou na bondade de um demônio.

— Pai, não diga isso. — Voltei a me aproximar e ainda tentei segurar a sua mão, mas ele a soltou bruscamente dessa vez. — Não quero te deixar sozinho nesse hospital, quero ficar aqui com o senhor. Por favor, pai.

Eu não suportava a sensação de estar sozinha. Não falar com ninguém, não me sentir protegida. Eu precisava do meu pai, como também precisava de Augusto.

— Suma da minha vista, Estela! — reagiu, alterado. — Não quero vê-la nunca mais na minha frente. Tudo o que sinto é vergonha da mulher que se tornou!

— Eu não fiz nada... só escutei o meu coração...

— Tudo o que sacrifiquei por você... e para quê? Para que caísse na cama justamente do filho de um homem que se pudesse eu mataria! Todos eles. Você não faz ideia do que aquela família é capaz. Antes eu tivesse deixado você ser criada pelo meu povo. Já estaria casada e não cometendo erros por aí, tornando-me alvo de chacota desses peões infelizes!

— Pai!

— Já falei que não a considero mais como filha, Estela! Agora saia daqui!

— Se acalme, por favor.

— Eu só vou me acalmar quando estiver longe desse lugar. Longe de você e da humilhação que me causou. Mulheres do seu tipo não fazem parte do meu povo, Estela. Elas não merecem fazer! — Papai sacudiu a cabeça, profundamente decepcionado.

E por mais que quisesse ficar, e implorar pelo seu perdão, eu fui aconselhada pelas enfermeiras a deixar o quarto a fim de não deixá-lo mais alterado. Não querendo que piorasse, eu saí sem protestar, e quando uma das moças perguntou se eu estava bem, eu não soube o que responder.

Porque tudo em minha vida era uma mentira. Cada detalhe dela.

Perdida em meu próprio sofrimento, eu me deparei com a caminhonete de Levi estacionada em frente à calçada. Olhei para ele, sentindo aflorar dentro do meu peito uma raiva tão grande que fez com que minhas pernas bambeassem, tornando-se geleias.

E foi assim, com raiva e nervosa, que eu caminhei até o homem.

— Seu miserável! — gritei, ao vê-lo sair do carro. — Você mentiu para mim, vocês dois mentiram! — O empurrei inutilmente. — Eu perguntei se você sabia quem tinha feito aquilo com o meu pai e você disse que não! Mas você sabia, seu *disgraçado*, você estava lá! — Não chorei na frente dele, mantive para mim as lágrimas. — Você também bateu nele? — O brutamonte não respondeu e, quando tentou segurar o meu braço, eu me desvencilhei. — Qual dos dois foi que deixou o rosto do meu pai daquela maneira? — Quando conseguiu me pegar, dei-me conta de que ele pretendia me arrastar até o carro, mas ali eu não entraria de jeito nenhum. Então continuei a me debater. — Diga, seu filho da mãe sem coração, qual dos dois tentou matar o meu pai? Foi você ou ele?

— Você não pode sair gritando essas merdas por aí, Estela! — recriminou-me, mas eu logo o cortei.

— Quem disse que não posso? Essa é a verdade! — falei, limpando o rosto com força. — Eu só quero entender por que Augusto fez isso comigo, Levi? Por que mentir dessa forma?

— Sinto muito, Estela, mas não cabe a mim dizer.

Não era dele mesmo que eu queria escutar uma explicação. Era de Augusto.

— Aquele homem, ele não me ama, não é? — perguntei, antes que tentasse me convencer a entrar em seu carro. Algo que eu não pretendia fazer.

— Vocês dois precisam conversar.

— Para quê? Para ele mentir mais? Vocês pensam que eu sou tonta... é isso...

— Apenas fale com ele, Estela, o escute... — Neguei, sacudindo a cabeça com veemência enquanto percebia que o homem sentia-se culpado.

Mas era para se sentir mesmo.

— Quando falar com o seu patrão, Levi, diga que ele que não precisa

mais voltar. Eu não preciso mais dele aqui... e nem de ninguém.

Não preciso.



Nervosa, e não querendo voltar o casebre vazio, eu fui bater na casa de tia Hortência, que me recebeu, como se soubesse que tudo terminaria exatamente desse jeito.

— Minha menina. — Ela me acolheu em seus braços.

— Por que ele fez isso comigo, tia Hortência? Por que machucar o meu pai daquela forma? Augusto disse que iria cuidar de mim... que cuidaria de tudo. Mas ele não cuidou!

Hortência sacudiu a cabeça, consternada.

— A culpa é minha, Estela. A culpa é toda minha. Eu deveria saber que meu sobrinho não deixaria barato, que ele machucaria alguém...

— Eu só não entendo a razão... não entra na minha cabeça. Eu não fiz nada a ele, e a história com o meu pai aconteceu há tanto tempo que...

— Não foi culpa sua ou de seu pai, Estela. Foi minha. Fui eu quem doe as terras que Augusto deseja. Ele sempre as quis. Ao longo dos anos, eu precisei recusar dezenas de ofertas e propostas, tudo para não ver o último pedaço de terra que restava dos meus pais sendo esmagadas por aqueles dois. Então, quando meu sobrinho descobriu que elas seriam suas...

— Ficou com raiva — concluí, olhando para ela. — Mas e... quanto as dívidas?

— Não há dívidas. Não há nada te impedindo de ficar com esse lugar depois que eu partir.

Depois que ela partisse? Se eu não estivesse com tanta informação a

assimilar, eu teria perguntado que história era essa de partir. Mas, naquele momento, tudo o que eu queria era encontrar razão na atitude de Augusto, mesmo que ela fosse imperdoável.

— Se o que diz é verdade... então desde o começo... ele só se aproximou de mim por causa das terras? É isso? — A ideia deixou-me devastada. Porque, se fosse verdade, tudo foi uma mentira.

Cada minuto que passamos juntos.

Eu entreguei o meu corpo e amor a um homem que não me queria.

— Sinto muito, Estela.

Todos pareciam sentir muito hoje.

— Eu não quero nada, tia Hortência. Não quero essa fazenda. Não quero essa casa ou as terras. Eu só quero... — soluzei, transtornada, tapando meu próprio rosto para esconder meu sofrimento. — Só quero que tudo volte a ser como antes.

— Querida...

Quanto ao meu pai, eu só conseguia imaginar que ele o tenha agredido porque sabia que se Caetano fosse embora, não importasse o lugar, eu iria com ele. Augusto presenciou o desespero em que fiquei com o telefonema... sabia o quanto éramos apegados um ao outro...

— E se eu quiser abrir mão de tudo, como eu faço, tia Hortência? Se eu quiser...

— Nem pense.

— Por favor, me ouça. Eu não quero ter nada a ver com essa fazenda... só quero viver em paz. Se Augusto ficou comigo por causa delas, então... ele pode ficar com elas, eu não me importo.

Por causa dele e de sua ambição, eu tinha perdido o respeito do meu pai. O amor dele.

— Você precisa descansar. — Sacudi a cabeça, eu não queria deitar

ou dormir. Nem acho que conseguiria.

— Meu pai precisará de mim quando sair daquele hospital... — E então eu tentaria de novo pedir o seu perdão. Passaria o resto de minha vida tentando se fosse preciso.

— O que o seu pai precisa é de tempo, Estela, assim como você. Deixe que eu converse com ele... as coisas irão se acertar, você vai ver.

Voltei a sacudir a cabeça, dessa vez, enérgica. Eu não queria a ajuda dela, estava cansada das pessoas querendo resolver meus problemas. Eu tinha deixado Augusto fazer isso, e olha como terminei. Sem pai, sem ele... e com um filho em meu ventre.

Ofeguei ao juntar as mãos sobre a minha barriga, pensando que eu jamais permitiria que o meu pequeno bebê sofresse com o desprezo do pai. Ou de qualquer outra pessoa. Então eu soube, naquele momento, o que precisava ser feito.



Despertei com o som da discussão acalorada, que só poderia vir do andar inferior da casa de tia Hortência. Meu estômago vazio retorceu ao escutar a voz grave de Augusto, que ecoou como um estrondo através das paredes antigas. Levantei com pressa da cama e espiei a janela, certa de que encontraria o seu carro parado pelos arredores da fazenda.

Ainda seminua, escondi-me detrás da cortina e assisti ao momento em que Sierra desceu pelo lado do carona. Parecendo muito como as vilãs dos contos de fada que Suzana lia para mim quando eu era pequena, e que papai dizia não passar de bobagens de gente à toa.

Mas não eram bobagens, existiam mesmo pessoas más e capazes de tudo para conseguir o que queriam. Augusto era a prova disso. Quando a leal advogada olhou para o alto da casa, sentindo que estava sendo observada, eu

dei um passo atrás e me perguntei por que ela não o havia acompanhado. Por que permaneceu lá fora, no sol escaldante que fazia por essas bandas.

Vesti-me com a primeira roupa que encontrei, que veio a ser a mesma do dia anterior. A saia era longa e rodada. E a blusa, apenas um top com babados que Suzana costurara para mim anos atrás. Descalça, eu percorri os corredores do casarão até chegar à escadaria, procurando não fazer qualquer estardalhaço. A decisão impulsiva que tomei na noite anterior, quando finalmente dei atenção ao envelope amarelo que Augusto deixara comigo, não parecia tão certa agora. Mas não havia escolha.

“...ele me pediu para que desse uma olhada em algumas clínicas que fazem procedimentos seguros. Não há com o que se preocupar, querida.”

Sierra soara tão definitiva ao telefone, que eu soube que o seu padrão jamais mudaria de ideia. Ele não precisava de tempo para aceitar nada, eu é quem precisava entender que todas as vezes que afirmou que o legado trágico dos Alencar seria enterrado quando partisse era verdade.

Ao perceber que as vozes se distanciavam, eu desci as escadas e os segui.

— Não pense que pode me impedir de vê-la, Hortência! — Parei, ao escutá-lo perder a paciência com a própria tia. — Se voltar a se colocar em meu caminho, eu sou capaz de pôr esse lugar abaixo apenas pelo prazer de provar que posso — soou intransigente, longe de se parecer com o Augusto por quem me apaixonei.

E que agora eu sabia não ser real.

— Não acha que já fez mal demais a essa garota, Augusto? Você ultrapassou todos os limites...

— Eu quero vê-la, porra! — grunhiu, furioso. — É tão difícil assim entender o que estou dizendo?

— Não use esse tom de voz comigo, seu menino malcriado! — Eu o vi dar um passo à frente, ao mesmo tempo que o rosto de sua tia ficava pálido.

De costas, ele parecia ainda mais intimidador. O homem a quem confiei o meu corpo, agia agora como o monstro cruel que todos sempre o acusaram de ser e que eu, cega de amor, não quis acreditar. Quando percebi que não teria paz enquanto ele não saísse dessa casa, eu me enchi de coragem e entrei no escritório.

Antes mesmo de me fazer presente, Augusto olhou para trás, quase como se pudesse reconhecer o meu cheiro, não importando a distância.

O olhar que me lançou percorreu os cachos despenteados do meu cabelo caindo soltos pelo meu ombro, fazendo-me dar conta do meu verdadeiro estado. E ainda que não estivesse, a forma como me encarou, como fitou cada pedacinho de quem eu era, em uma indiscrição óbvia, deu-me a sensação de estar nua. Os pelos do meu corpo arrepiaram em resposta. As minhas pernas bambearam; e mais do que isso, Augusto fez o meu coração desejar nunca mais voltar a bater.

— Eu vou conversar com ele, tia Hortência... está tudo bem. — Mas não estava, pelo fato das palavras saírem fracas de minha boca.

Acho até que nunca me senti tão sem vida, como agora.

Ao ficarmos a sós, eu fitei o chão, querendo fugir do seu escrutínio e da maldade que levei tanto tempo para enxergar. Augusto era o dono dos olhos azuis mais impressionantes que vi em minha vida, mas por trás deles o que havia era apenas alguém ruim.

Nunca foi o seu pai o homem que eu deveria ter temido, e sim ele.

Dos meus pés descalços, eu olhei para os sapatos de couro que Augusto usava. Um detalhe tão insignificante, mas que revelava o mundo de diferença existente entre nós dois. Sem dizer uma palavra ou mover um único músculo, o mentiroso atraiu o meu olhar para o seu rosto. A tensão, sempre tão violenta quando se tratava da gente, deixou-me nervosa.

Dessa vez, enquanto encarava o rosto impassível, eu tentei não demonstrar o quanto a sua indiferença machucava. A esperança de que sua partida tivesse sido apenas um ato impensado, já não existia. Augusto não parecia arrependido de nenhuma das palavras esbravejadas dias atrás, e não

acho que mudaria de opinião. Ele não nos queria.

Respirei fundo, morrendo de medo do que estava prestes a fazer.

— Eu o perdi. — As palavras causaram um rasgo em minha garganta.
— Não há mais bebê.

Uma vida inteira passou antes que reagisse. Então, o seu maxilar endureceu assim como os olhos. Como se fosse possível, tornaram-se um pouco mais distantes. Era como olhar para um oceano coberto por camadas duras e impenetráveis de gelo. Porque mesmo debaixo da temperatura abafada de Sertãozinho, eu congelei.

— Como aconteceu? — quis saber, e a impressão de que a postura imperturbável trepidou ao me escutar, se esvaiu diante da frieza que o tomou.
— Como aconteceu, Estela? — insistiu, soando mais agressivo.

Havia tanta coisa presa em minha garganta, tanto o que ser gritado. O que não havia era tempo para associar o homem que me fez amá-lo com o que estava arruinando a minha vida agora. Acho que jamais entenderia como as mentes dessas pessoas ricas funcionavam.

Ambição, poder e dinheiro. Todas essas coisas eram corrosivas, e eu não desejava fazer parte delas.

Querendo me arrancar do choque em que eu estava, Augusto me puxou. Seu toque trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Não encoste em mim! — reagi, cega de raiva. — Eu jamais vou conseguir te perdoar, Augusto, o que você fez ao meu pai... as mentiras que enfiou na minha cabeça... e tudo, por quê?

— Pare de gritar. — Eu não o deixaria me dizer o que fazer, ele era bom nisso, mas eu era melhor em desobedecê-lo.

— Você não vai mandar em mim de novo. Se eu quiser gritar, eu vou... se eu quiser dizer a todo mundo o monstro sem coração que você é... eu vou também. — Augusto tentou me deter, mas eu não tinha medo dele. Não havia mais nada que esse homem pudesse fazer para me machucar que já não tivesse feito.

— Apenas explique-me como essa merda aconteceu...

— Foi tudo uma mentira, não é? — perguntei com a voz embargada, atordoada demais para responder ao que me pedia. — Nunca foi real, você criou esse plano doentio em sua cabeça só para me fazer te amar... depender de você! — Fui afastada, como se minhas palavras o atingissem. Mas eram para atingir mesmo. Eram para machucar e fazê-lo sangrar. — Eu me apaixonei por uma mentira. Por um homem que... não existe!

— Estela... — Meu nome saiu de forma lenta e calculada de sua boca, como um alerta para que eu me calasse.

— Vai doer, mas eu vou te esquecer. Vou te arrancar do meu peito e da minha vida para sempre! — Respirei sem fôlego. — Eu vou deixar de te amar, Augusto. Juro que vou!

— Caralho, apenas me diga como o perdeu!

Parei de me debater, e o encarei.

— Por que quer saber, se não se importa? — Meu punho foi em direção ao seu peito, mas ele não permitiu que eu lhe batesse. Augusto não era homem de aceitar merda de ninguém, mas eu também não. — Por que, se já estava até mesmo planejando como tirá-lo de dentro de mim?

As narinas dilataram, e a raiva que vi em seus olhos se intensificaram.

— Você falou com Sierra. — Não foi uma pergunta.

— Então... é verdade?

Ele não respondeu.

— É, Augusto? Me diga, seu *disgraçado*... você teria sido capaz de tirar o nosso bebê?

Claro que o maldito teria. E essa era uma das razões pela qual eu não havia dormido nas últimas noites, porque tudo que conseguia escutar eram suas palavras se repetindo em minha cabeça.

Eu não quero essa criança.

Eu não quero essa criança.

Eu não quero essa criança.

— Você parou para pensar por um segundo que fosse, Estela, que trazer essa criança ao mundo seria...

Solucei, nervosa. E mais do que depressa tapei os meus ouvidos para não ter de escutar nada cruel saindo de sua boca. Nada que me fizesse querer matá-lo.

— Chega! — Hortência nos interrompeu, deixando claro que escutara toda a discussão.

Ele a ouviu, mas seus olhos não se desviaram. E foi ao me fitar, que eu tive a certeza de que eu e o nosso bebê não significávamos nada para ele.

— Em algum momento você se dará conta de que foi melhor assim.

Melhor? Sacudi a cabeça, sem conseguir acreditar.

— Pare de atormentar a menina e saia da minha casa, Augusto. A última coisa que Estela precisa é escutar esse tanto de porcaria saindo de sua boca.

Hortência se impôs entre nós dois, protegendo-me da raiva de seu sobrinho, mas eu não queria ser protegida. Então, quando o homem se afastou, prestes a deixar a casa, eu o chamei.

Houve um momento de tensão quando ele se virou, um em que eu senti meu coração desacelerar aos pouquinhos e doer bem devagar.

— Você não precisa mais mentir para mim ou fingir que se importa com as minhas besteiras. As terras são suas. Tudo isso é seu. Eu nunca quis essa fazenda... nem todas as coisas caras que me comprou. O que eu queria era você... mas não quero mais também. — Tia Hortência se mostrou agitada, ela não era a favor da decisão que tomei. E eu não era a favor do que eles fizeram comigo.

Essa guerra não era minha.

Augusto não reagiu a princípio, e eu, ingenuamente, esperei que dissesse que não queria terra alguma. Que aqueles papéis também não tinham importância para ele. Mas não foi assim que tudo terminou. E ao me dar as costas, o homem levou com ele o meu coração.

Porque foi essa a dor que senti.

A de um coração sendo arrancado de dentro de um peito, esmagado entre dedos opressores. Augusto nunca o quis por me amar, ele o queria para me fazer sofrer. Para me fazer pagar por um pecado que não cometi. Colocando as mãos em meus ombros, em forma de apoio, Hortência suspirou parecendo extremamente cansada.

— Augusto irá matá-la quando descobrir que mentiu, querida. Eu conheço o sangue ruim que corre por aquelas veias... Reze, mas reze muito, a essa sua Santa Sara Kali para que ele jamais descubra.

Eu a encarei, sabendo que o meu segredo estaria seguro com ela.

— Ele não irá.

CAPÍTULO 24

AUGUSTO ALENCAR

Entrei calado no avião, e me sentei em uma das poltronas. A discussão com Estela foi repassada uma e outra vez pela cabeça. Durante o trajeto até a pista de voo, procurei entender o que havia acontecido. Como a situação desandara de forma tão trágica e repentina, quando, dias atrás, eu acreditei ter o controle de tudo.

Após dias incomunicável, atormentado pelas consequências do meu próprio erro, eu retornei a Sertãozinho disposto a conversar com Estela e resolver a bagunça na qual nos enfiamos. Mas, em vez de encontrar o cenário ideal para que pudéssemos sentar e resolver as coisas, acabei me deparando com tudo de pernas para o ar.

Sentado, à espera da decolagem, eu me dei conta de que não havia parado para imaginar que uma emoção tão inútil como o remorso pudesse bater tão forte, enveredando-se goela abaixo como o álcool costumava fazer. Só que não havia alívio ao engoli-lo. Só mais culpa.

Chamando a minha atenção, Sierra colocou a mão em meu joelho, acredito que preocupada com o fato de eu não ter dito nada até agora. A carícia foi invasiva, e ela pareceu ignorar o incômodo no peito que me angustiava. Não que tivesse como saber, eu era tão bom em esconder minhas emoções como era em mentir para mim mesmo.

— O que aconteceu dentro daquela casa que te deixou tão transtornado, Augusto? — As mãos dela subiram em direção à minha coxa, enquanto eu virava o rosto e apertava a tornozela de Estela entre meus dedos sentindo algo morrer por dentro.

Um luto carregado, e uma culpa da qual eu nunca me livraria.

Não sei como pude ir até o fim com essa história. Como pude ter esmagado aquele espírito selvagem como sabia, desde o princípio, que aconteceria se continuasse.

Eu deveria ter parado quando ainda tinha tempo.

Em vez disso, transformei-me no que eram os homens de minha família: apenas outro louco obsessivo.

Encarei com frieza a mulher à minha frente. Certo de que não havia alguém nesse mundo que eu estivesse com mais ódio do que eu mesmo. Essa era a verdade.

— Ela perdeu o meu filho, Sierra.

E eu a perdi.

*Podemos curar qualquer mal
com dois remédios:
o tempo e o silêncio.
(Alexandre Dumas)*

Ou não...

CAPÍTULO 25

AUGUSTO ALENCAR

Três anos depois...

O motorista estendeu a sombrinha para que Sierra não se molhasse enquanto eu seguia atrás dela, sem me importar com o que um pouco de chuva pudesse fazer. O casaco escuro que usava absorveu parte dos respingos, e o que não o fez, recaiu sobre o meu rosto e sapatos. Hesitei, olhando para o céu nublado. São Paulo tinha o meu humor. Fechada, mostrando-se sempre agressiva. Enfiei as mãos no bolso do casaco, e antes de entrar no carro, cuja porta seguia aberta, olhei para o lado.

E tudo congelou.

Quase pude acompanhar a batida lenta do meu coração. Os segundos foram se passando, como um tique-taque quebrado sobre a minha cabeça. Era um som ensurdecador. Tão ou mais atordoante do que a visão à minha frente.

Flashes e lembranças da garota que machuquei surgiam nos piores momentos, visões... memórias de tudo o que vivemos preenchiam lacunas invisíveis, ocupando um espaço dentro de mim, que até a entrada dela em minha vida, eu jamais imaginei possuir.

Dei um passo em direção à visão, aturdido pra caralho. Estela estava

do jeito exato que me lembrava. Os cabelos soltos, a saia rodada. A expressão desconfiada em seu belo rosto. Fechei os olhos por um instante, desejando que dessa vez não fosse apenas uma visão, e ao abri-los minha cigana havia desaparecido.

Como em todas as outras vezes.

— O que foi, Augusto? — Levi perguntou, perturbando-me.

— Você a viu? — perguntei, exasperado.

— O quê?

— Você. A. Viu?

O homem negou, sabendo exatamente *a quem* eu me referia. Respirei fundo, permitindo que o velho nó se formasse em minha garganta. Furioso, fechei a mão dentro do bolso, querendo segurar o que restara de Estela, e ao não encontrar, eu soube que não conseguiria seguir em frente.

— Senhor, está tudo bem? – o motorista inquiriu, estendendo o guarda-chuva, que foi recusado.

De dentro do carro, Sierra me olhou. A expressão passou de confusa para conformada. Ela permanecera ao meu lado por todo esse tempo, aturando meus humores e explosões. Esforçando-se para suprir a falta quase doentia que sentia de Estela.

— Esqueci algo no escritório. — Afastei-me, praticamente cambaleando de volta para o edifício, querendo, *precisando*, ficar sozinho. Nem que fosse por um maldito instante.

Ao chegar no andar em que ficava o escritório, eu não acendi as luzes, sabendo exatamente onde encontrar o que procurava. Não era como se eu conseguisse mantê-la longe, e esse lugar, ao longo dos últimos anos, tornara-se o refúgio de um homem que já não conseguia viver em sua própria casa. Estar na cobertura, com todas as lembranças assombrando-me, fazia-me beber e perambular por aqueles corredores madrugada afora vendo-a sentindo-a, escutando sua risada.

Maldição, como podia sentir falta de algo tão banal quanto a risada de uma mulher?

Estela não ficara apenas sob a minha pele. Não, a garota se infiltrara em meu sistema. Se agarrara à porra do meu coração, recusando-se a deixá-lo bater longe dela.

Soquei a porta, empurrando-a com a raiva e caminhei até a mesa. A primeira gaveta foi aberta, deixando-me desesperado ao não encontrar o que procurava, então abri a segunda com mais brusquidão, começando a ficar impaciente. Revirei os papéis, e nada, até alcançar a terceira.

— Onde você está, porra? — Foi só ao alcançar o fundo da quarta gaveta, que o objeto metálico foi sentido. Apertei-o em minha mão e procurei me acalmar.

Sierra tinha razão em estar preocupada. Todos ao redor tinham. Eu não vinha me comportando como de costume, não fazia isso há anos. Perdi-me um pouco mais a cada que dia que passou desde a última vez em que pus meus olhos em Estela, rastros do homem que fui... fundiram-se a esse novo Augusto: o irracional.

— Augusto? — Levi acendeu a luz, e a claridade afetou diretamente os meus olhos. Preocupado, ele me lançou um olhar complacente. O problema era que esse ainda não era o meu pior, e nós dois sabíamos. Quantas vezes o infeliz não precisou me arrancar de um bar qualquer? Impedir-me de tomar a próxima dose. Convencer-me de que as buscas não dariam em nada.

Perdi a conta de quantos detetives contratamos ao longo dos anos. De quantos infelizes disseram-me não saber nada a respeito da garota que eu tão insistentemente procurava.

A vontade que sentia a cada vez que eles retornavam sem nenhuma informação a qual eu pudesse me agarrar, era a de atirar uma maldita bala na cabeça de alguém. Eu sei que vinha agindo feito um louco, meu comportamento não me era indiferente. Mas essa merda era o que acontecia a um homem que descobriu tarde demais a importância de uma mulher em sua vida. Tudo aconteceu tão rápido, minha relação com Estela não durou mais

do que semanas... dias que eu poderia repassar em minha mente detalhadamente.

E se perdê-la não fosse o bastante, ainda havia algo pelo que eu jamais me perdoaria.

Eu o perdi... não há mais bebê.

Eu fiz aquilo com ela. A enganei, menti. Quebrei o coração de uma garota cujo único erro que cometeu foi me entregar a sua confiança.

— Augusto? — Levi insistiu. — Você bebeu, porra?

— Não mais do que o habitual — respondi entredentes, enfiando a tornozeleira no bolso interno do paletó.

— Diga-me que está bem para se encontrar com os chineses... essa é a segunda tentativa deles de fechar um acordo com o Grupo.

— Eu estou ótimo — garanti, passando por ele. O que me restava de consciência, rindo da minha própria cara ao escutar a mentira.

Entrei no elevador, com ele ao meu lado, e pela primeira vez em muito tempo eu ousei encarar o meu reflexo. Trinta e sete anos, e eu já não era capaz de me reconhecer. Os fios de cabelo branco começavam a se espalhar, e a falta de sono dos últimos tempos deixavam-me com uma expressão de merda. Esse, olhando-me tão ferozmente, não era o Augusto que eu me lembrava.

— Você precisa abandonar o passado, Augusto. A forma como tem lidado com tudo, já deixou de ser aceitável há bastante tempo...

Encarei Levi, sem piedade.

— O dia em que eu precisar de sua opinião, eu pedirei, Levi. Até lá, só cale a porra da boca e faça o seu trabalho.

Eu estava cansado. Dele, de Sierra, Benjamin. Todos dizendo-me que eu devia superar.

Esquecer o sumiço de Estela e seguir em frente.

Mas como faria o que pediam, se eu ainda era capaz de sentir o desespero, idêntico ou maior, do que o do dia em que retornei a Sertãozinho, decidido a trazer Estela comigo para a capital, apenas para descobrir que a garota havia se jogado no mundo sem que eu tivesse chance de me explicar. De dizer a ela, que independente de toda a merda que fiz e disse... eu a queria em minha vida.

Não vou negar, assim que soube que Caetano recusara as tentativas da filha de pedir desculpas e que realmente a expulsou de casa, jogando suas coisas para fora sem que Estela tivesse sequer a chance de reuni-las, eu quis dar um fim definitivo ao cabra. A primeira vez que fui atrás dele, fiz com o intuito de lhe dar apenas um recado. Avisá-lo de que eu não o deixaria mais foder com a cabeça de Estela, usando o amor dela para mantê-la obediente às suas vontades. Acredito que se Levi não tivesse me impedido, alegando ser loucura ir atrás do maldito, eu teria terminado o serviço. Com ou sem ajuda.

Quanto a Hortência, eu teria esganado a porra do seu pescoço se ela não tivesse me colocado para fora de suas terras, ameaçando chamar a polícia e os jornais se eu não a deixasse em paz. Ao me sentar no banco traseiro do *Chrysler*, Sierra me observou calada por algum tempo, até que cortou o silêncio:

— Está tudo bem?

Não, não estava. Eu já não sabia o que era *estar bem* há anos.

— Por que não estaria? — rebati rude, fazendo o assunto morrer.



Ao final daquela noite, depois de um jantar infernal e uma segunda recusa em fechar a porcaria do contrato no qual vínhamos trabalhando há tempos, eu entrei na cobertura calado. Sierra, à minha frente, começou a mostrar sinais de estresse.

— Você precisa parar de ser desagradável, Augusto. Nós teríamos conseguido aquele contrato se não tivesse bebido a noite toda — acusou. — Estou cansada de cobrir suas falhas, então, pelo amor de Deus, quando irá voltar a ser o Augusto que eu conhecia? Sou sua amiga há mais de dez anos, mas, droga, eu já não o reconheço. Essa empresa, *a sua empresa...* irá afundar se você não fizer nada. Eu e Benjamin não podemos continuar segurando tudo nas costas...

— Sierra?

Ela me olhou, parecendo realmente cansada.

— Pare de falar. Essa é a última coisa que eu preciso, porra. Se não está contente, se acha que não consegue, vá embora — falei, impaciente. — Eu te pago para resolver os problemas do Grupo Alencar, então o faça; e pelo amor de Deus, pare de encher minha cabeça com toda essa porcaria inútil!

Ofendida, ela cruzou os braços, como se sentisse frio.

— Você me disse uma vez, quando ainda nem havia conhecido aquela maldita cigana, que antes de ficar como o seu pai, você preferiria morrer. — Eu disse tanta coisa nessa vida, que não me lembrava da maioria das coisas. Não que não concordasse com aquele Augusto que dissera essa merda a ela. Porque eu ainda pensava assim. — Uma ressalva, Augusto, você não está como ele... você o ultrapassou em tudo.

Sierra se preparou para sair, mas eu a puxei, cego de raiva.

Uma raiva destinada a mim mesmo. E a cada um dos erros que cometi.

E eles eram muitos. Pecados imperdoáveis. Decisões cruéis. Havia um rastro gigantesco deles em meu caminho.

Sabendo exatamente por que eu a havia puxado, Sierra respirou fundo. Sua boca, coberta por um batom escuro, beijou meu pescoço após os dedos de unhas longas abrirem o colarinho da minha camisa. Seus olhos frios, nunca deixando os meus.

Não era sempre que eu conseguia levá-la para cama, na maior parte

das vezes eu a afastava assim que a imagem de Estela surgia em minha cabeça.

A comparação era impossível de não ser feita, Sierra era o oposto de tudo o que eu procurava. Nunca uma pele me pareceu tão gelada antes. Sua boca não tinha gosto de nada. Seu corpo... não ardia. Não arrepiava. E o que fazíamos, quando eu mal conseguia raciocinar por causa do maldito álcool, já não tinha nada a ver com prazer.

E sim fúria.

Só que, dessa vez, ou o álcool deixara de fazer efeito ou eu não havia bebido o suficiente para ficar duro porque, por mais que Sierra estivesse se esforçando, eu não fiquei excitado.

— Saia.

— Augusto...

— Não vai rolar, nós dois sabemos disso. Então, só saia e me deixe sozinho.

Sierra assentiu, afastando-se sem pronunciar outra palavra. Ela sabia, como ninguém, quando valia ou não a pena dizer algo.

Ao bater na cama naquela madrugada, com o corpo anestesiado pelo álcool... Estela foi o meu último pensamento.

O corpo moreno se moveu conforme as batidas lentas da música ecoando pelo quarto. Havia cortinas de sedas espalhadas por todo o teto como tendas, os olhos verdes olhando-me através de todos eles. Longe demais das minhas mãos. Distante demais da minha boca. Senti o pau endurecer ao avistar um pedaço da pele quente de Estela. O jogo que ela vinha fazendo. Não era possível que não visse a tortura que era vê-la dançar.

Os seios nus, com aréolas vermelhas e intumescidas, despontaram através do último tecido. A única barreira entre o meu desejo e o dela. Por detrás da venda, Estela abaixou a calcinha que vestia, fazendo-me perder o fôlego, e sorriu. Sentei-me na cama, disposto a acabar com a provocação, e

ela se aproximou.

Sentando-se em meu colo, uma perna de cada lado, o cheiro... a maciez da pele...

Estela inclinou o rosto, sua boca quase tocando a minha.

— Não quero que me toque. — Suas palavras não fizeram sentido. — Nunca mais, Augusto, eu não quero que me toque nunca mais.

Abri os olhos em meio à escuridão do quarto. O corpo rígido pelo tédio, pela vontade que já não podia ser medida. Ela ultrapassava o limite do aceitável. Acho que se havia algo capaz de ferrar com a mente de um homem como acontecera comigo, eram os sentimentos como arrependimento, culpa e saudade.



Dias se passaram, e eu continuei a mentir para todos ao meu redor. Inclusive, para mim mesmo. O constante mau humor e a férrea intransigência eram nada menos do que a forma que encontrei de manter a tudo e todos distantes. Fazer com que o mundo lá fora continuasse a me enxergar como o centrado e implacável Augusto Alencar.

O empresário cujo poder e influência eram tão grandes que o tornaram intocável.

Quem convivia comigo, porém, sabia que essa merda não era verdade, que eu não apenas sangrava como qualquer ser humano, como estava prestes a ir pelo mesmo caminho do meu pai no que se referia aos negócios do Grupo Alencar. Com a crise, a empresa não andava em seus melhores dias, as más decisões tomadas pelos políticos do país, prejudicava não apenas os mais pobres como também os empresários de alto escalão, que vinham sofrendo com o aumento de impostos e a burocracia que vinha tomando conta do

Brasil.

Diariamente eu sentia a corda em meu pescoço se apertar. Para piorar, três de minhas fazendas tinham sido alvos de incêndios inexplicáveis nos últimos meses, um fato que vinha me tirando o sono. Levi e os advogados seguiam empenhados em descobrir o que poderia estar acontecendo a essas terras, mas nada fora revelado com as investigações. Tanto a deles, quanto a das autoridades locais que haviam atendido as chamadas. Talvez fosse apenas a minha mente louca e distorcida dando as caras, mas nada me tirava da cabeça que não eram incêndios aleatórios ocorridos pelo recente calor espalhando-se pelas regiões, até mesmo as mais montanhosas. O problema não era ambiental. Havia dedo de algum infeliz no que vinha acontecendo, principalmente, porque os cafezais afetados faziam parte de uma região tomada de forma ilícita, por assim dizer.

Dezenas de famílias ficaram desabrigadas, após um juiz me beneficiar como o comprador. A verdade era que não havia dono ali, apenas pobres infelizes buscando um lugar para viver. Mas, se não havia dono, e eu possuía o meio de tornar aquilo como meu, então o fiz. O juiz, claro, facilitou as negociações e garantiu que todos deixassem o local rapidamente.

Não, não se tratava de um incidente. O que vinha acontecendo era intencional.

Naquela manhã, após um almoço tardio em um dos restaurantes próximos do Grupo Alencar, eu tomei a repentina decisão de voltar caminhando até o quarteirão do edifício. Com o montante de problemas crescentes em minha cabeça, eu levei certo tempo até perceber que o tumulto formado em uma das ruas próximas a quadra que eu pretendia alcançar, era formado por um grupo de ciganas reunidas. Algumas delas conversavam, enquanto outras abordavam pessoas a fim de lerem suas mãos. As observei a distância, caçando-a entre as mulheres. Claro que eu sabia que Estela não se juntara a nenhum grupo ou comunidade cigana, diferente do seu pai.

E essa era toda a informação que eu tinha a respeito dele nos dias de hoje.

Para chegar ao prédio, eu teria de passar por entre as ciganas. Mas as

roupas, a forma como riam e falavam, os olhares intensos, cada detalhe deixou-me zozzo. Porque eu sabia que daria tudo para que uma delas fosse Estela. Absolutamente tudo.

Como se pudesse enxergar a minha dor, uma delas se virou e olhou exatamente em minha direção, fitando-me com extrema curiosidade. Vi quando deu um passo à frente, a fim de falar comigo, e em seguida recuou ao ver Levi se aproximar.

Virei o rosto, procurando me convencer de que nada do que a mulher tivesse para dizer teria importância. Ela não era Estela, e duvido que pudesse *ler algo* em minha mão que fosse me trazer qualquer tranquilidade.

Ao voltar para o escritório, eu me lembrei de todas as vezes em que Sierra tentou colocar juízo em minha mente. Acho que ela nunca foi capaz de compreender como eu poderia estar tão obcecado por uma garota que jamais teria se encaixado no mundo que me rodeava.

Você consegue se enxergar casando com aquela garota, Augusto? Apresentando-a aos seus clientes? Levando-a a jantares de negócios? Ou isso é apenas um capricho?

Eu não saberia dizer se era ou não um capricho. Até porque a única certeza que possuía era que... se existia mesmo um coração dentro do meu peito, ele pertencia àquela garota. Era inteiro dela.

CAPÍTULO 26

ESTELA SAAVEDRA

Em algum lugar do país...

Caminhei devagar, observando de longe o grupo cigano espalhado pela praça. Procurando entre a pequena multidão a cabeça do homem que reconheceria assim que o visse. Parei, ao me deparar justamente com ele. O semblante fechado e amargurado do meu pai olhava o grupo com tristeza, fazendo-me questionar novamente se Caetano sentia a minha falta. Se me abandonar fora fácil.

“Você acha que eu me importo que esteja grávida? Você procurou por isso, Estela, cavou sua própria cova, não espere que eu aceite que me humilhe dessa forma... eu vou embora!”

Nenhum grito e pedido de perdão feito ao meu pai foi capaz de fazê-lo mudar de ideia. Tudo o que era meu fora jogado no lado de fora do casebre em que vivíamos, os papéis que Hortência me dera, rasgados, assim como o envelope deixado por Augusto, e do qual eu nunca assinei. Lembro de ter chorado, implorado para que me deixasse ir com ele para o lugar que fosse. Eu só não queria ficar sozinha no mundo. Mas meu pai não voltou atrás, quando bateu a porta na minha cara, deixando-me no chão, desesperada, ele não sentiu pena ou compaixão.

Ele me abandonou.

Sacudindo a cabeça em uma tentativa de afastar a lembrança dolorosa, eu atravessei a rua ao ver que o grupo se movia e os segui, nunca desviando os olhos de Caetano.

Fernando, o antigo advogado de Hortência, e agora um bom amigo em minha vida, mostrara-se contra essa viagem desde o princípio. De acordo com ele, a raiva que dizia ver em meus olhos, ainda seria responsável por ainda mais mágoa. O que Fernando não entendia, era que eu não podia simplesmente apagar da mente tudo o que me fizeram. Essa era a razão pela qual passei todo esse tempo insistindo para que ele procurasse pelo meu pai. Para que o achasse para mim. E ele fez.

O segui pela praça, e ao ver as ciganas rirem e dançarem livremente... senti uma pequena parte de quem eu era aquecer. Voltar, de certa forma, à vida. Eu era como elas, ou fui. Já não tinha certeza. Tudo o que sabia era que a mulher que era hoje, não se parecia comigo. Ela não falava como a antiga Estela, não se vestia como ela. Eu mal a reconhecia. Voltar atrás, no entanto, seria provar a todos os que me machucaram que eu continuava sendo a cigana boba, fácil de ser enganada e machucada.

Sua qualquer... eu tenho vergonha da mulher que se tornou... Eu não tenho mais filha.

Apertei os dedos nervosa, irritada por conta do passado, e, como se soubesse que alguém o observava, papai olhou para trás. Seus olhos vindo de encontro aos meus. Reconheci o choque, mas também a dor por detrás do homem que deveria ter me perdoado e cuidado de mim quando mais precisei.

— Estela? — Meu nome escapou de seus lábios, de longe, enquanto ele olhava para as minhas roupas, os sapatos que calçava e o quanto eu havia mudado.

Contudo, o mesmo desprezo de antes assumiu o seu rosto. E quando ele deu um passo em minha direção, eu lhe dei as costas, fugindo dali. Deixá-lo era a prova de que a antiga Estela morrera.

E se ele não tinha mais filha, como fez questão de gritar aos quatro

ventos, anos atrás, eu também não tinha mais pai.

AUGUSTO ALENCAR

O *Chrysler* contornou em frente ao quarteirão do prédio e, antes mesmo de me aproximar, eu reconheci a cigana dos dias anteriores. De alguma forma, ela e suas amigas pareciam estar sempre por perto, rondando os quarteirões e estabelecimentos. Dessa vez, porém, eu a encontrei sozinha, os olhos escuros fixados no vidro do carro em que me encontrava. Lembrei-me de todas as vezes que Estela insistira em dizer que era movida por suas intuições. Repetindo que era verdade, que ela era como a mãe. Sensível a pressentimentos. Talvez fosse uma coisa cigana, certo? Algo do seu povo.

— Pare o carro, Aurélio — pedi ao motorista, que me olhou através do retrovisor e acabou fazendo exatamente o que solicitei. Desci do *Chrysler*, não dando a ele a chance de abrir a porta e atravesssei a rua, dirigindo-me à cigana, que não desviou os misteriosos olhos dos meus. — No outro dia, você iria falar algo comigo. O que era? — A estudei, desde o lenço em sua cabeça, até as roupas coloridas e esvoaçantes que usava.

— Você vai ter que escolher — disse, sem fazer sentido. — Foi isso o que vi. Uma escolha.

— Que merda está dizendo?

— Dê-me sua mão. — Ela a puxou, antes que eu lhe desse voluntariamente, e virou a palma para que pudesse ler. — Você não teria vindo até aqui se não acreditasse.

A cigana me encarou, mostrando estar certa. Não que acreditasse completamente nesse tipo de coisa, estava mais *como um querer* acreditar. Precisar acreditar em algo.

— Essa é a linha do destino... — Apontou para a linha superior, com seu dedo percorrendo o traço. — São poucas as pessoas que a possuem... dizem que quanto mais grossa ela é, melhor. — Seus dedos abriram um pouco mais a minha mão, revelando linhas que até então eu jamais prestara qualquer atenção. — Você tem uma forma um pouco severa de lidar com a

vida, é um homem difícil. — Seus olhos me encararam por um segundo, e em seguida se voltaram para baixo. — Não está muito claro, mas há duas interrupções primordiais aqui, uma... na linha do destino; e outra, na linha do coração. Você tomou a decisão errada no passado — disse como se pudesse enxergar além dos traços marcados em minha palma. — Não sei se é merecedor, mas a vida irá te dar outra chance.

— O que isso significa?

— A mulher que rege o seu coração... ela irá voltar.

A cigana se afastou, como se, de repente, visse mais do que pretendia dizer. A segui pela calçada, furioso. Sua leitura não me ajudara em nada, porra!

— Ela vai voltar e o quê? Seja mais clara! — Ela olhou para o prédio do Grupo Alencar mais à frente, e se voltou para mim.

— Não será fácil. Você precisará ser forte... ou perderá tudo.

— Isso é besteira.

A cigana se aproximou de mim, com fogo em seus olhos.

— Não é não. E o senhor sabe disso.

A forma como falou, como soou brava, trouxe-me um aperto no peito, fazendo-me desejar que fosse Estela ali na minha frente. A minha ciganinha. Parado naquela calçada, perdido como nunca, eu olhei para a palma da minha mão. Para as linhas que dissera ver, para o destino que previu, e cerrei o punho achando impossível que a mulher a se afastar soubesse o que dizia.

Sacudi a cabeça, chegando à conclusão de que talvez não tivesse sido o amor a enlouquecer os homens de minha família, e sim o remorso pelos pecados cometidos.

E no meu caso, eles eram muitos.



Retornei ao escritório, com Levi seguindo-me pelos corredores. Aurélio deve ter lhe contado sobre o ocorrido, e com os recentes ataques às minhas propriedades, qualquer pessoa um pouco mais inteligente poderia dizer o quão imprudente era andar sozinho.

— O que foi aquilo? Aurélio disse que...

— Acredita em destino, Levi? — eu o cortei, entrando em meu escritório sem olhar para trás.

— O quê?

— Perguntei se acredita em destino, intuição... previsões? Essa merda toda. — Quando ele não respondeu, eu continuei: — Estela dizia ter intuições, pressentir quando algo iria acontecer. — Eu o encarei, por fim. — Nunca acreditei nela. Sempre achei que era uma besteira, outra porcaria que o fodido do seu pai enfiou em sua cabeça.

— Augusto... você não está fazendo sentido.

— Não, não é? — falei com sarcasmo. — Isso tem sido bem recorrente, Levi. Eu já não faço sentido há algum tempo.

Ficamos em silêncio, e após olhar através da vista panorâmica do meu escritório ele se voltou para mim.

— Você acredita? — Sua pergunta fez-me pensar em tudo o que aquela mulher dissera.

A mulher que rege o seu coração... ela irá voltar.

— Sim, eu acredito. — Foda-se se toda essa situação parecia insana, porque eu preferia mentir para mim mesmo, deixando que a esperança me acalmasse, a ter de viver sem ideia de quando eu a encontraria. Se algum dia

a veria de novo. — Não tenho escolha, Levi.

O homem me encarou com o que notei ser pena. E por muito pouco eu não o mandei para o inferno. Em vez disso, decidi eu mesmo ir para lá e me servi de uma dose de conhaque. A primeira do dia.

ESTELA SAAVEDRA

Olhei para a revista exposta na banca de jornal, com as pernas fraquejando, indiferentes ao tempo que havia passado. Sendo bem honesta, eu não conseguia lembrar a última vez que tinha visto ou lido algo a respeito *dele*, seu nome era sempre citado nos jornais que Fernando me fazia ler, mas depois de um tempo... simplesmente parou. Foi como se tivesse deixado de existir. Por vezes, ao me atualizar sobre a situação econômica do país, Fernando me dizia que o Brasil estava envolto da pior crise de todos os tempos, e que isso vinha retraindo alguns empresários. Tornando-os mais precavidos e receosos. Eu queria saber se isso também aconteceu com Augusto. Se essa era a razão pela qual seu nome desaparecera das folhas de jornais.

Aproximei-me da banca, olhando para a foto na capa da revista. O tempo fizera bem a ele, pensei, ao notar que o fundo azul colorindo a página, tornava o azul de seus próprios olhos mais intensos. Quase perigosos. Como se Augusto já não tivesse nada a perder.

Acho que nunca teve.

— *O Barão do Café do século XXI...* — A voz de Fernando soou ao meu lado, enquanto ele pegava a revista. Algo que não tive coragem de fazer. — É ele, não é?

Assenti, sem encará-lo.

— Quer levá-la?

— Não. — Fernando fizera questão de me acompanhar a essa viagem, após encontrar a localização de Caetano. O homem sabia que o único lugar em que me sentia segura atualmente era em sua casa, e por ele viver em

Barbacena, bem no interior do município, as chances de que alguém daquela família me encontrasse eram mínimas. Pelo menos, foi o que Hortência garantiu ao me enviar para o seu amigo. — Eu só quero ir embora.

Desde que teve início, nós sabíamos que a viagem seria rápida. Eu não gostava da ideia de passar tanto tempo fora de casa, queria apenas provar a mim mesma que havia mudado. Que o tempo, quando não curava, cicatrizava. Mesmo que de uma forma feia. Dei as costas à banca, não me atendo as revistas que ele escolheu, mais do que ansiosa para que pudéssemos entrar em seu carro e voltar para Barbacena. Fernando foi por muito tempo um advogado renomado do interior de São Paulo, mas depois do falecimento de sua esposa, ele largou tudo e se enfiou em um casarão antigo no interior de Minas. E era de lá que ele mantinha contato com os seus clientes. Foi de lá também que me ensinou tudo o que eu sabia hoje.

Dirigir, utilizar o computador, fazer cursos a distância e até mesmo vender minhas bijuterias pela internet. Por fora eu me tornei uma garota normal, dessas encontradas na cidade, só torcia para que, por dentro, a antiga Estela não tivesse morrido completamente.



Dias depois, após chegarmos em casa, escutei atenta a leitura de Fernando. Um hábito que teve início quando percebeu que eu não tinha o costume de ler. Sua primeira atitude ao saber da dificuldade, foi a de encher a casa com jornais e revistas. Havia um tanto delas espalhadas pelos cômodos, materiais para que eu pudesse treinar. Ainda assim, as minhas noites preferidas eram as que ele lia para mim. Eu adorava escutar trechos das histórias que me contava, tão diferentes das escolhidas por Suzana, uma em especial, parecia preencher lacunas do meu próprio passado. Porque, da mesma forma como houve sinais para Edmond Dantès, houve para mim. No entanto, nenhum de nós percebeu a traição. Fernando não gostava desse livro, enquanto eu, bem, eu o achava cruel.

Histórias deveriam nos fazer sorrir, aquecer nossos corações. E não nos destruir.

O amor também, não é?

— A revista mexeu com você, não foi? — ele interrompeu a leitura, com paciência.

Ver meu pai reacendera um sentimento ruim dentro de mim. Uma mágoa, que nunca abandonei por completo. Não entrava em minha cabeça como alguém conseguia arrancar outra pessoa da vida, e nunca se arrepender. Assim como não entrava na cabeça como alguém era capaz de mentir tão bem como Augusto fez...

— Amor pode virar ódio, Fernando? — perguntei, querendo entender o que eu realmente sentia. — Pode se transformar em raiva?

— Pode, minha criança. Amor pode virar todas essas coisas.

— Então eu odeio todos eles. — Nunca pensei que me veria dizendo algo assim, mas era o que o meu coração gritava.

— Ódio é um sentimento muito forte.

— Eu sei — disse, ao olhar para o homem de meia-idade, sentado na outra poltrona da sala enquanto eu me mantinha deitada no pequeno sofá o escutando. — Mas amor também é, e o que ele me trouxe?

Fernando me encarou, fechando o livro com força.

— Seu filho, Estela. Ele te trouxe o seu filho.

AUGUSTO ALENCAR

Outro incêndio, Augusto. Telefone-me assim que sair da reunião.

Reli a mensagem de Sierra, quase sem acreditar. Esse era o quarto incêndio em menos de seis meses. Regiões diferentes. Fazendas diferentes. Centenas de hectares de pés de café destruídos. Cerrei o punho, e voltei a

guardar o aparelho. Eu não iria ter essa conversa com minha advogada por telefone. O percurso que faria até o prédio do Grupo Alencar dar-me-ia tempo suficiente para aplacar minha raiva.

Você precisará ser forte... ou perderá tudo.

Era a isso que aquela cigana se referia?

Depois de todos esses dias, eu já não sabia. Não voltei a vê-la após o nosso encontro, e conforme as semanas passavam, a esperança se perdeu em meio ao estresse em que vivia.

Ao chegar no prédio, dirigi-me diretamente ao escritório onde Sierra já me esperava, assim como Benjamin.

— Alguém me explica como é possível que um miserável esteja ateando fogo em minhas fazendas e até agora ninguém foi capaz de descobrir nada? — Os dois me encararam, apreensivos. — Onde foi dessa vez?

— Foi a alguns quilômetros da fazenda Santa Maria, em Betim, mas tenho visto alguma similaridade em seu *modus operandi*, é como se estivesse jogando com você.

Em Betim era onde se encontrava a minha segunda maior propriedade, a produção da fazenda era quase inteira enviada para o exterior. Cafés de qualidade, grãos selecionados...

— Onde está Levi?

— Falando com as autoridades locais, eu tomei a iniciativa de pedir para que o seu avião fosse preparado, assim que quiser nós podemos...

— Eu irei sozinho, Sierra. Você e Benjamin ficam.

— Augusto.

— Em que vai me ajudar se for? Se a fazenda estiver como imagino, sua presença só irá atrapalhar. Fique, e faça o seu trabalho daqui.

Benjamin não deu palpite. Ele andava mais calado do que o habitual. Em outro momento, talvez eu procurasse saber o que estava acontecendo ao

meu amigo, mas eu não estava bem das pernas para oferecer ajuda a qualquer pessoa.



Horas depois, eu olhei para a área devastada pelo fogo, com uma sensação de incapacidade dominando-me. Terras pelas quais lutei tanto, e que agora corriam o risco de se tornarem inférteis. Se não fosse o bastante, todo o trabalho dos últimos anos encontrava-se queimado. Centenas de pés de café transformados em cinzas. Um estrago que me causaria um prejuízo milionário se os pés não fossem rapidamente substituídos. Quem fosse o filho da puta ateando fogo no que me pertencia, parecia saber exatamente que área atingir. O tempo de plantação, a proximidade da colheita. E mais ainda, o desgraçado sabia quais fazendas foram tomadas por meios duvidosos. Porque eram elas queimando.

— Augusto, os policiais querem falar com você — Levi informou.

— Converse com eles, eu não estou com cabeça para ouvir *outra vez* que nada pode ser feito. Eu estou cansado de tanta incompetência.

Levi e eu já havíamos quebrado a cabeça tentando descobrir quem teria coragem de mexer no que era meu. Chegamos a alguns nomes, antigos desafetos. Mas nada ligava os incêndios a eles. Quanto aos antigos moradores das fazendas, bem, eles não tinham onde cair mortos antes. Depois que foram obrigados a se retirarem não ficou mais fácil.

Afastando-me de onde Levi e os policiais estavam, eu me aproximei de um grupo de funcionários olhando desolados para a região afetada. Havia cinzas em suas mãos, seus rostos se encontravam vermelhos como se tivessem corrido para se salvar. Até o momento não havia tido mortes, mas a cada incêndio surgia alguns poucos feridos. Pessoas para contarem histórias.

— O que sabem? — perguntei, sem papas na língua.

— Nada, Sr. Alencar. As pessoas daqui não falam muito, eu venho de longe, mas muitos dos que trabalham na região conheciam os antigos moradores desse lugar. É uma cidade pequena.

— E?

— E, que ninguém está lamentando o que aconteceu, por isso estou dizendo, é difícil descobrir algo... porque o senhor não é benquisto por aqui — o homem falou, voltando a se calar diante da aproximação do policial, que, além das perguntas habituais, tratou o caso como um simples incêndio.

Alguém deve ter esquecido um cigarro aceso, os próprios funcionários de sua fazenda podem ter causado esse desastre. Quando perguntei ao infeliz sobre a coincidência de ter funcionários tão relapsos, ele me aconselhou a escolhê-los melhor.

Levi garantiu que o policial idiota era um antigo morador da cidade, que com certeza tomaria as dores dos moradores despejados. Se assim fosse, eu o queria fora. Longe de minhas terras e dos meus assuntos, e garantiria que isso acontecesse. Nos afastamos, nossas botas passando por cima da mata incendiada. Quase cinco horas para deter um incêndio que começara do nada. Sem explicação. Cinco horas que haviam destruído tudo.

— Como pode não haver nenhum suspeito? — perguntei, transtornado.

— Talvez haja, a gente só não pegou a pista certa.

— Não confio nesses policiais, Levi. — Eu o encarei. — Por isso é bom que tenhamos logo alguma novidade sobre esse caso, eu preciso encontrar o miserável antes que eles interfiram, compreende?

Levi assentiu, e em seguida se afastou a fim de atender o seu telefone, deixando-me sozinho com meus pensamentos. Algo em toda essa história me dizia que eu conhecia o responsável pelo que vinha acontecendo; e, como da última vez, alguns nomes vieram à minha mente.

Fiz mal a muitas pessoas, mas havia três entre eles que, com certeza, seriam capazes de tudo para me atingir... eu só precisava encontrá-los.

— Augusto? — Levi chamou, distraído-me por um instante. — Nós precisamos voltar. — Virei-me ao escutar a voz alarmada de meu segurança.

O telefone em sua mão deixou claro que a notícia não era boa.

CAPÍTULO 27

AUGUSTO ALENCAR

Olhei para o corpo sendo velado, as pessoas da cidade rondando o caixão como urubus à espreita de um pedaço de carne. Será que não se davam conta de que Hortência morrera na miséria? Tudo o que a velha possuía era essa fazenda, que ela permitiu que ruísse por completo. A casa seguia em um estado deplorável, pior do que a encontrara anos atrás. Saindo da sala, onde todos se despediam, eu fui até o hall de entrada e olhei para o alto das escadas. A imagem de Estela surgiu como se diante de mim estivesse um fantasma.

Um, que me acompanhara por todo esse tempo. Eu começava a me acostumar a sua presença, essa era a verdade.

Então eu senti o antigo perfume de rosas, como se o aroma que se espalhou pelo ambiente uma vez, se agarrara às madeiras do chão. As paredes e móveis. Atordoado, sentei-me no primeiro degrau, incerto sobre o que fazer. O enterro de Hortência seria em algumas horas e com a recusa de Alfredo em cuidar do assunto, eu havia sido chamado às pressas. Observei o interior da casa, tentando não pensar no que seria desse lugar agora com a partida de Hortência, mas foi impossível. Não havia herdeiros. E Estela, que continuava sendo a donatária, desaparecera.

— Meus pêsames, Sr. Alencar — o tabelião da cidade falou ao se

aproximar. Era de esperar que o cabra estivesse presente. — Sei que não é o momento, mas gostaria de dizer que a sua tia deixou um testamento em minhas mãos e que o seu nome foi citado, o advogado dela também já foi avisado e deverá chegar à cidade nos próximos dias.

— Advogado? — A velha nunca dissera nada a respeito de advogado, e quando passou para a Estela os papéis, não havia registro de nenhum infeliz.

— Sim, ele nunca apareceu por essas bandas, mas se não estou enganado, sempre aconselhou sua tia.

Claro que aconselhou.

— Quando ele chega?

— Não sei ao certo, eu enviei uma mensagem para ele essa manhã apenas. Então... — Deu de ombros.

— Avise-me quando ele chegar — falei, de forma dura, começando a me afastar.

— Sim, claro... até porque o senhor terá de comparecer à leitura de testamento dentro de alguns dias. — Parei, fitando-o com ressalva.

— É mesmo necessário? — Eu duvidava que Hortência tivesse me deixado algo de valor.

— Sei que Hortência e o senhor não se davam bem, mas sim... é necessário.



Na capital...

Sierra andou pela sala da cobertura, pensativa, enquanto eu explicava

a ela e a Benjamin a conversa tida com o tabelião. O que não chegava a ser um problema, porque, como falei, duvidava que Hortência, teimosa como era, me deixara algo que pudesse ter algum valor. Não era do feitio dela. Até porque, se tinha algo que aquela mulher nunca foi, era generosa ou altruísta.

— Escutou, Augusto? — Sierra quis saber, mas eu simplesmente neguei. Não tinha por que mentir, metade das coisas que saíam de sua boca nos últimos tempos entravam por um ouvido e saíam por outro. — Eu disse que o relatório do incêndio sai essa tarde, nós saberemos se foi criminoso ou não.

— Você tem alguma dúvida de que não foi? — perguntei, sem paciência. — Porque eu não tenho, e não preciso da porra de relatório nenhum para tomar alguma providência. — Levantei-me. — Quem fez isso irá pagar, Sierra, escute bem o que estou dizendo.

— Nós estamos escutando, Augusto — Benjamin disse. — Só acho que você precisa se acalmar, tudo o que está acontecendo... — Ele deu de ombros. — Era de se esperar que mais cedo ou mais tarde alguém fosse revidar, não acha? Quantas vezes não o avisei para tomar cuidado?

— Sim, avisou. Mas eu não tenho por que recuar agora, e me recuso a sentar e cruzar os braços enquanto vejo minhas fazendas queimarem...

— Não estou dizendo para recuar, e sim para deixar que a polícia resolva o assunto.

— Acho que ainda não entendeu. Eu pretendo ter esse assunto resolvido ainda nessa vida, Benjamin. E com a lerdeza com que a justiça é feita nesse país, eu estarei a sete palmos do chão quando descobrirem...

Sierra se sentou, resignada. Acho que os ânimos de todos aqui andavam exaltados.

— Quando será a leitura do testamento? — perguntou, mudando de assunto.

— O tabelião irá me avisar. Vai depender do advogado, algo assim...

— Certo. Acho que no momento nós deveríamos estar pensando o

que fazer com aquelas terras, com a cigana desaparecida... não vai haver ninguém impedindo você de tomá-la. Não foi assim com Suzana?

Sim, mas Suzana não era Estela.

— Não quero pensar sobre isso agora.

— Mas deveria — a mulher insistiu. — Se tiver a chance, converse com o advogado de sua tia. Explique a ele a situação, diga o que pretende. Diga... sobre a incapacidade da garota de assumir. Se quiser, você poderia até jogar a isca de que a essa altura ela poderia estar até mesmo morta.

— Cale a boca, porra! — grunhi furioso, odiando o pensamento. — Que merda tem na cabeça, Sierra?

— Eu falei alguma mentira? Quem garante que ao fugir ela não tenha sei lá... se jogado em alguma ponte? Entrado na frente de um ônibus?

Não sei o que pensei que aconteceria, mas quando avancei sobre Sierra, Benjamin entrou na minha frente.

— Calma aí, amigão.

— Vai me dizer que a possibilidade não passou pela sua cabeça ainda, Augusto? A garota pode estar morta depois de tudo o que fizemos... todo o joguinho sórdido...

— Tire essa mulher da minha frente, Benjamin, ou eu juro que não respondo por mim.

Ben a afastou, e ao me ver sozinho eu fitei a porta pela qual os dois saíram, furioso com a capacidade dela de insinuar algo assim. Fora de mim, eu me servi de um copo de conhaque. De tão anestesiado, a bebida desceu como água. Fechei os olhos por um momento, as palavras de Sierra se repetindo em minha cabeça.

A garota pode estar morta depois de tudo o que fizemos... todo o joguinho sórdido...

— Não foi um jogo, porra! — esbravejei, exaltado, apertando o copo com tanta força, que o senti rachar em minhas mãos. Mas não houve dor; e se

houve, ela não foi maior do que a que eu sentia em meu peito.

Talvez tivesse sido no começo, pensei, inconformado. Mas depois mudou. Deixou de ser sórdido. Deixou de ser apenas por dinheiro. Só fui cego demais para admitir a verdade.

ESTELA SAAVEDRA

— *Estêla*. — Lucca riu, ao me ter beijando sua barriguinha. Era sempre assim quando eu precisava trocar sua fralda. Os dedinhos gordos agarravam o meu cabelo, perdendo-se entre os fios escovados, algo que o meu menino adorava fazer. — *Mia Estêla*.

— Sua? — Ele balançou a cabecinha, o que fez com que os cachos compridos de seu cabelo caíssem em sua testa. Os afastei com delicadeza, e o puxei para o meu colo. A meia pequena de dinossauros que tanto gostava, e que eu precisava lavar a cada dois dias, roçou em minha pele quando ele se aconchegou em meus braços.

Não havia, no mundo, alguém que eu amasse tanto quanto o meu filho. E por ele, eu seria capaz de tudo. Todo esse amor e devoção, fez nascer uma dúvida em meu peito. Eu não entendia mais como Suzana pôde deixar Augusto para trás, ou como o meu pai também teve a capacidade de me renegar como filha.

— *Dedeira* — disse, baixinho. Aos dois anos, meu menino era capaz de entender muita coisa, também era dono de uma personalidade forte, ficava bravo com facilidade e sua palavra preferida era *não*.

Nove meses o carregando em meu ventre, um parto difícil, e tudo o que Lucca puxara de mim foram os cachos de seu cabelo, que eu ainda não tinha tido coragem de cortar. Nem ele gostava quando alguém os tocava. Fora que a única pessoa além de mim, que Lucca aceitava em sua vida, era Fernando. E ao mesmo tempo que isso me deixava ressabiada, também acalentava. Pela segurança por saber que, se algo acontecesse comigo, eles teriam um ao outro.

— *Me volis tu* — murmurei baixinho. — Amo muito meu menino.

— *Dedeira, Estêla. Dedeira* — repetiu, franzindo as sobrancelhas grossas.

— Promete ficar quietinho enquanto eu a preparo? — perguntei, ele já havia tomado o banho da noite, e os olhinhos quase não abriam mais de tanto sono. Descer com ele no colo a essa hora, iria apenas acordar a minha pequena ferinha.

— *Quetinho.*

Beijei sua testa e ajustei os travesseiros para que não caísse, caso tentasse descer como vinha fazendo nos últimos tempos. Desci as escadas em direção à cozinha deparando-me com Alice, a governanta da casa, e Fernando.

Notei logo que algo não parecia bem, e como se esperassem por mim, Alice surgiu com a mamadeira de Lucca.

— O que aconteceu? — perguntei aos dois, olhando diretamente para ela.

— Eu vou subir e dar a mamadeira ao Lucca, tudo bem? — Alice perguntou, com a expressão séria. Lá no início, quando apareci nessa casa, ela não compreendeu a ligação forte que surgiu entre mim e o patrão, mas entendeu que eu nunca quis nada mais do que um lar para viver. Que a segurança que Fernando me proporcionava era tudo o que eu precisava. Eu não queria tomar nada de ninguém, ou me aproveitar de um homem que vivia sozinho há tanto tempo. Fernando tinha os fantasmas dele, e eu os meus. Mesmo que todos ainda estivessem vivos. Assenti, sabendo o carinho que ela hoje tinha pelo meu menino, e me sentei na banquetta em frente ao Fernando.

Eu vivia aqui como sua protegida, um pedido feito especialmente por Hortência, mas por não conseguir ficar parada, acabei me tornando assistente dele nas horas vagas. E, no tempo livre que me restava, continuei a criar os colares e pulseiras de que tanto gostava, e que hoje, vendia pela internet e em um pequeno ateliê no centro da cidade. Foi difícil aprender tudo o que Fernando me ensinou, mas hoje eu era capaz de responder alguns dos e-mails que recebia, e também escrevia várias de suas correspondências.

— É uma carta de Hortência? — Eu não perguntava muito a seu respeito, porque de alguma forma, com o tempo e após analisar toda a situação, eu passei a sentir raiva dela por ter me dado algo que nunca quis, colocando-me em meio a uma guerra que não era minha. — Se for...

— Hortência está morta, Estela.

A primeira reação que tive foi a de não acreditar. A segunda, ao ver que o que Fernando dizia era verdade, foi a de sacudir a cabeça... dessa vez, *não querendo* acreditar. Achando impossível que tivesse partido. Mas por que a surpresa, não é? Ir embora era o que todo mundo em minha vida fazia. Eles não se preocupavam como eu iria ficar, não olhavam para trás.

— Minha criança. — Fernando tentou me acalmar, segurando-me. — Sei o quanto estava magoada com ela, por isso nunca contei nada, mas Hortência estava doente já há alguns anos, ela...

— Ela morreu sem ninguém ao seu lado, não foi? Morreu sozinha? — gritei, inconformada.

— Sim. — As lágrimas, que achei terem morrido junto comigo, escorreram pelo meu rosto. Um sentimento parecido com ódio se instalou em meu peito.

Ódio e dor.

Sem conseguir dizer nada, eu saí pela porta da cozinha e comecei a me afastar da casa, ouvindo os passos de Fernando atrás de mim. Eu queria respirar, queria gritar.

Queria dizer que, por mais raiva que sentia, eu a amava.

— Venha aqui, criança. — Fernando me puxou para um abraço.

— Não é bom guardar tanta mágoa... você precisa perdoar Hortência.

— Eu não consigo, não consigo, Fernando. O que eles me fizeram... nada daquilo teria acontecido se ela não tivesse me dado aquelas terras. Meu pai não teria me deixado, Augusto não teria entrado em minha vida... eu não estaria sozinha.

— Você não está sozinha. — Eu o encarei, enxugando o meu choro. — Não sou mais um homem capaz de sentir amor, Estela. A vida foi muito dura comigo, mas se eu pudesse... eu escolheria amar você do jeito que merece. Eu tentaria apagar toda essa dor que vejo em seus olhos.

— Eu também não sou capaz de amar mais — falei, desejando muito que fosse verdade. Desejando que os resquícios de emoção machucando o meu peito fossem apenas isso. Resquícios de algo que já não existia.

— Nós dois sabemos que não é verdade. Você pode estar machucada agora, mas mesmo sem conhecer a antiga Estela eu consigo ver o coração bondoso que tem.

— Eu não teria sofrido tanto se ele não fosse tão bondoso — falei, irritada.

— Sofrer faz parte da vida, minha criança. É na dor que nos tornamos mais fortes.

— Sabe o que não é justo, Fernando? — Ele negou, deixando-me continuar. — Ela morreu, mas o outro continua vivo. Os dois continuam. E por mais mágoa que eu tenha de Hortência, ela não era uma pessoa ruim. Eles eram. Eles!

— Lembre-se sempre de uma coisa, Estela, quem parte não sofre, quem permanece vivo sim.

CAPÍTULO 28

ESTELA SAAVEDRA

Observei o tabelião, que conversava com Fernando, sem fazer a mínima questão de participar da conversa desde que a palavra *Augusto está na cidade* fora ouvida. Nós tínhamos chegado em Sertãozinho essa manhã. Ele nos registrou em um hotel, me levou para tomar café em uma padaria onde eu nunca fui bem-vinda, e agora conversava com o tabelião sobre os detalhes do testamento de Hortência. Fernando sentira na pele a forma como as pessoas me olhavam uma segunda vez ao me reconhecerem, não que estivesse tão diferente, mas a mudança era notável. Eu não andava mais descalça por aí... não havia mais saias longas, e blusas esvoaçantes. Há algum tempo, Fernando pedira para Alice me levar em uma loja de lingerie e que me ajudasse a comprar sutiãs, vários deles. Dizendo com delicadeza que, por mais confortável que fosse ficar sem eles, eu precisava me proteger dos olhares masculinos.

Não sei como usar sutiã poderia me proteger disso, não era como se eu convivesse com muitos homens de qualquer maneira. Ele me ensinou muita coisa, e eu era grata por isso. E eu nunca, nunca mesmo, o enxerguei como nada além do que um bom amigo. Ele tinha idade para ser o meu pai, mas, aos cinquenta anos, ainda era bonito. A barba um pouco grande para o seu rosto bem feito, as ruguinhas ao redor dos olhos, um charme, como dizia Alice. Ele era um bom homem também.

A princípio, eu não o olhava com bons olhos. Minha experiência com advogados não era a melhor, mas Fernando não era como os que conheci; e quando abriu a porta para que eu entrasse em sua casa, ele me mostrou um outro universo.

O homem era inteligente, mas muito calado. Falava pouco, e quando falava sempre tocava o meu coração de alguma forma. Fui aceita por ele quase que imediatamente, o mesmo não aconteceu por seus funcionários. Que por muito tempo trataram-me como se eu fosse uma interesseira. Aos poucos, cada um deles percebeu que eu não era má, e passaram a aceitar a minha presença e a de Lucca naquela casa.

— A missa de sétimo dia será hoje, e a leitura amanhã — o tabelião disse, olhando-me como se eu fosse um fantasma.

Quando me falou sobre o testamento, eu não imaginei que teria de vir. Fernando e eu não conversávamos sobre as terras que Hortência passara para o meu nome, e quando o fazia, tudo o que o escutava dizer era que ninguém as tiraria de mim. Nunca gostei de pensar sobre elas, ou no que significava ter o meu nome naqueles documentos.

Mas aqui estava eu, presa nessa cidade novamente.

— ... a advogada dele esteve aqui essa manhã, é bom que tenha trazido a garota porque... o que estão pretendendo... — Olhei de repente para o homem baixinho, sufocando o meu pavor.

— O que eles estão pretendendo? — quis saber, nervosa.

O tabelião desviou seus olhos para Fernando, que o incentivou a continuar.

— Fazer o mesmo que fizeram com as terras de Suzana. A Srta. Ventura quis até mesmo insinuar que você poderia estar morta... que ninguém poderia impedir Augusto de entrar naquelas terras. — Ninguém? Ele continuava mesmo com esse pensamento?

— Eu posso. — Levantei-me, obstinada.

— Estela...

— Mas eu posso, Fernando. E vou impedir.

Tudo o que eu queria ao vir para cá era participar dessa leitura de testamento e voltar para o meu filho. Para onde era seguro. E claro, arrumar um comprador para a fazenda. Eu não queria o dinheiro, não era meu, mas não queria que aquele lugar se perdesse sem cuidado.

Mas só de saber que estavam planejando algo assim, que continuavam a fazerem maldades. Isso me fazia sentir traída. Como se todo o sofrimento dos últimos anos não tivesse tido importância.

Saímos do cartório, e seguimos rumo à igreja. Fernando respeitou o meu silêncio e ao me chamar para entrar, eu sacudi a cabeça.

— Eu não vou. — Ele me conhecia bem demais para saber que insistir não iria adiantar. — Não quero ver essas pessoas fingindo tristeza quando... tudo em que pensam é em dinheiro. Não vou fazer isso.

Como um antigo amigo de Hortência, e não tendo podido comparecer ao enterro, Fernando saiu e se juntou as pessoas reunindo-se em frente à igreja. Fiquei ali, vendo-o entrar. Até que eu os vi. Alfredo dando passos lentos em direção ao interior da capela. Seguido por Augusto e Sierra. A mulher ainda ajustou a gravata dele antes de entrar, ou tentou, porque Augusto afastou sua mão. Nada havia mudado, pelo visto. Eles seguiram com suas vidas, enquanto eu tive que aprender a estar sozinha. Passei meses da minha gravidez sentindo-me mal, com medo do futuro enquanto eles agiam como se fossem donos do mundo. Intocáveis.

Senti o gosto amargo na boca, um ódio tão forte... que doeu o meu coração.

Nunca fui uma pessoa vingativa, nunca quis fazer mal a ninguém, mas naquele momento, eu jurei a mim mesma que jamais permitiria que Augusto saísse vencedor dessa guerra em que ele e sua família me enfiaram. Nem que eu entregasse as terras de mão beijadas a primeira pessoa que passasse na minha frente, mas eu não o deixaria tomá-las de mim.

Não tinha a ver com vingança, e sim com justiça.

A morte não é fim, quase sempre é o começo...

O padre, um velho conhecido de Hortência, prosseguiu com a missa, mas eu não consegui ficar um minuto a mais que fosse dentro daquela igreja. Por isso, quando comecei a suar, irrequieto, eu me levantei diante de todas aquelas pessoas e me dirigi para o lado de fora. Enquanto caminhava pelo corredor, não pude deixar de notar o homem sentado em uma das últimas fileiras, o infeliz me olhou com uma curiosidade contida, mas em seguida desviou sua atenção para o altar.

Cheguei ao lado de fora, e encontrei diversos carros à espreita. Eu sabia que não deveria ter permitido que Sierra viesse comigo, e nem que repetisse o discurso infeliz sobre a possibilidade de Estela estar morta, mas... se fôssemos levar em conta o prejuízo milionário que teríamos com os incêndios das fazendas recentemente averiguadas, e dadas como inférteis, ela estava certa. Eu precisava dessas terras. Estudos sobre elas já haviam sido feitos, verificação de terra, solo. Seria só plantar, trazer os maquinários das terras de meu pai. Custo mínimo, trabalho menor ainda.

Coloquei a mão no bolso, procurando pelo estojo individual de charuto, xingando ao não o encontrar. Apalpei os bolsos de cima e olhei para trás ao encontrar o homem da igreja ali de pé.

— Dia difícil, não é? — perguntou, olhando ao redor. Eu nunca o tinha visto por essas bandas, mas já não tinha ido com a cara do infeliz. — Perder sua tia de forma tão repentina... não deve ter sido fácil.

— Não foi tão repentina assim — ladrei.

— Vocês eram próximos?

— Não.

— Uma pena, sua tia era uma mulher muito interessante, Sr. Alencar.
— O encarei com mais atenção.

— Eu não me lembro do senhor... nunca o vi por aqui.

— Cheguei essa manhã, vim resolver alguns assuntos na cidade. Percebi que toda ela parece de luto.

Bufei, sarcástico.

— Eles não conheciam Hortência, por isso estão de luto. Agora se me der licença... Senhor?

— Fernando, pode me chamar apenas de Fernando.

— Certo, se me der licença, *Fernando*... eu tenho que voltar para a palhaçada acontecendo lá dentro.

— Nós nos veremos de novo — o homem disse, de forma confiante.

— Como?

— Nos veremos de novo, Sr. Alencar. Foi o que falei.

Assenti, com coisas demais na cabeça para me preocupar com um estranho qualquer que nunca vira antes.



À noite, naquele mesmo dia, eu acendi um charuto na varanda da casa de meu pai. Sierra dormia em seu quarto, enquanto eu, por mais que tentasse, não conseguia. Esse lugar estava infestado de lembranças, assim como toda a cidade. Não era o lugar a me assombrar, no entanto, e sim a minha própria mente. Tudo o que acontecera.

— Quem era o homem a conversar com você essa manhã? — Alfredo perguntou.

— Não faço ideia, por quê? — Virei-me em sua direção.

— Ele foi visto saindo do cartório com uma garota. — Meu sangue gelou, a porra do meu coração quase saiu pela boca.

— Estela?

— Não pareça tão esperançoso, Augusto, pelo amor de Deus! Você tem que torcer para que sua advogada esteja certa e a garota esteja morta. Tê-la de volta, a essa altura... seria sua ruína.

— Era ela ou não? — grunhi, de forma agressiva.

— Tudo leva a crer que não... As informações que me deram não batem com a cigana imunda. — Segurei o infeliz pelo colarinho, que pareceu ferver de raiva. — Eu te disse para ficar longe dela, você não me escutou... apenas olhe ao que está resumido, porra. Olhe o tipo de homem que se tornou.

— Acha que sou diferente de você? Nós somos iguais, pai, você sempre teve razão. Temos a mesma loucura correndo pelas veias, mas diferente do senhor... eu ainda tenho um império a comandar. Sou dono das minhas vontades. Possuo todo o controle.

— Possui mesmo? — questionou. — É bom então que faça o que tem que ser feito, porque essa é a sua chance de pôr as mãos naquelas terras de uma vez por todas.

CAPÍTULO 29

AUGUSTO ALENCAR

Sierra e o tabelião conversavam; e, com um pouco mais dessa conversa fiada dela, ele comeria na mão de minha advogada. Ela sabia que tinha a beleza a seu favor, e não possuía o menor remorso em usá-la para conseguir o que desejava. Impaciente, à espera do advogado de Hortência, eu olhei para o lado de fora da janela querendo estar em qualquer outro maldito lugar que não aqui. A conversa com meu pai ontem deixara-me agitado. Não que não me sentisse assim 24 horas por dia.

— Eles chegaram... — *Eles?*

O tabelião olhou para a porta aberta às minhas costas. Fiz o mesmo, um pouco mais devagar, e me deparei com o homem de ontem. Ele estava bem mais vestido agora, mais sério também.

— Sr. Moreira, entre, entre... Eu estava apenas esperando que chegassem.

Fernando, como dissera se chamar, se afastou, entrando no escritório... e foi então que eu a vi. Os olhos verdes de Estela percorreram a sala até se fixarem em mim.

Esqueci-me de como respirar, e o meu corpo inteiro entrou em transe.

A garota que passei todo esse tempo à procura, estava ali, de pé, a

poucos passos de distância e eu não me achava capaz sequer de andar até ela. Meu coração bateu furioso, sentindo toda a saudade, todo o tormento. Alucinado, temendo que essa fosse apenas outra miragem, eu dei um passo em sua direção, mas a garota não apenas recuou, como Sierra interferira.

— Não faça isso — Sierra disse. E, de repente, como se a visse só agora, os olhos verdes, que já não eram tão assustados, viraram-se ressentidos para a advogada.

— Entre, minha criança. — Escutei o homem ao meu lado murmurar, com uma intimidade que me fez querer matá-lo. Estela o escutou, usando-o como escudo.

Lembrei com pesar da época em que *eu fui* o seu escudo, contra tudo e todos.

O clima na sala, que já não era dos melhores, agora parecia prestes a explodir.

Estela não voltou a olhar em minha direção, e eu, porra, estava ficando louco porque não conseguia discernir o que era ou não real. Passei tanto tempo sonhando com essa garota, querendo vê-la, pôr minhas mãos sobre ela novamente, que agora... eu não conseguia acreditar.

— Sr. Alencar? — O tabelião forçou-me a desviar os olhos de Estela. — Eu gostaria de te apresentar ao advogado de sua tia, o senhor...

— Nós já nos conhecemos — o cortei. — Por que não vamos direto ao assunto? Do que se trata isso tudo?

Fernando assentiu, dando autorização para que o tabelião prosseguisse.

— Pois bem, os senhores gostariam de se sentar? — Estela negou, sem abrir a boca, mas Fernando insistiu e puxou a cadeira para que o fizesse. Os dois se entreolharam e a confiança que vi dela para com o infeliz, me devastou. — Bem, há alguns meses o Sr. Moreira e Hortência prepararam um testamento, e vocês dois foram os únicos citados... por isso estão aqui.

O tabelião leu as primeiras linhas, repletas de burocracia inútil.

— Para Estela Saavedra, tudo o que é meu e que está em minha casa lhe pertence. Sigo no desejo de que ela assuma a fazenda que há algum tempo é sua, e que, acima de tudo, seja capaz de me perdoar. Posso não ter tomado as melhores decisões, mas fiz o que senti que deveria...

Olhei para Estela, através de Fernando, e a frieza que vi em seu rosto deixou-me nocauteado. Não havia lágrimas em seu rosto, ou pesar. A verdade é que a garota ali, sentada, não se parecia com a minha cigana. Os cabelos já não eram os mesmos, faltavam-lhe os cachos... o rosto, maquiado, tornava-a mais adulta. Não havia pulseiras em seus braços, ou a nudez selvagem que lhe era um fascínio. Não havia nada da minha cigana na garota que eu via agora.

— Augusto? Eu posso continuar? — Notei que todos me encaravam, exceto Estela.

— Sim. — Sacudi a cabeça atormentado.

— Para o meu sobrinho, eu deixo uma carta, a última escrita por sua mãe. Sinto por não tê-la entregado antes, mas não te achava merecedor das palavras de minha irmã naquele momento. — Houve um silêncio desconfortável na sala. — Espero que os últimos anos o tenha mudado, Augusto, e que agora compreenda que Suzana nunca teve a intenção de te machucar... O erro dela foi se apaixonar por um homem que não era o seu pai.

— É isso? Ela me deixou mais uma carta? — Um monte de papel que teria o mesmo destino das que Suzana enviara antes de morrer.

Ela seria queimada, assim como foram todas. Inclusive a primeira, a única que realmente foi lida.

Eu me apaixonei, meu filho. Você sentirá isso algum dia, viverá o mesmo... e então, será capaz de compreender.

Escondi muita coisa de você, Augusto, mas há algo que preciso dizer... algo que precisa saber. Você tem um irmão, meu querido. Seu pai me traiu... engravidou uma garota que mal tinha idade para saber o que estava

fazendo...

Eu fiz de tudo para que ele fosse criado perto de você. Meu maior desejo sempre foi o de que fossem amigos. Que você tivesse com quem contar...

Espero que me entenda.

As palavras escritas por Suzana ainda ferviam em minha cabeça.

— Sua tia não era uma mulher de muitos bens, Augusto — ele acrescentou, fazendo-me voltar à realidade.

— Não era, mas possuía algo que deveria ser meu... algo que... — calei-me, extremamente nervoso.

— Que agora me pertence, não é? — Eu encarei a dona da voz. E ela fez o mesmo.

— Assine o testamento, Estela. Foi só isso que viemos fazer — Fernando falou por ela. Mas a garota o ignorou.

— Diferente do que você e essa sua advogada nojenta gostariam, eu estou muito viva, tá? Não morri não, por isso... podem dar adeus a ideia de entrarem naquelas terras, porque agora elas são minhas.

Por detrás de todas as mudanças, da roupa ridícula, do batom que, se eu pudesse, arrancaria de sua boca, e de toda a merda que fizeram a minha garota, eu a enxerguei. Mas não gostei do que vi. Gostei ainda menos de saber que teria de lutar contra ela por algo que sim, deveria me pertencer.

Não era mais só questão de querer, e sim de precisar.

— Deixe-nos a sós — exigi. — Todos vocês, saiam agora!

— Não! — Estela disse com uma frieza, que me transtornou. — Eles não precisam sair, porque você e eu não temos nada a falar um com o outro.

— Não? — Passei por entre as cadeiras, empurrando Fernando. — Você some por três malditos anos, desaparece da face da Terra e acha mesmo

que, ao voltar, eu e você não teremos nada a dizer? Em que mundo você vive, Estela?

Ela me enfrentou e passou por Fernando, que tentou nos deter.

— Em um bem diferente do seu; e no meu mundo, não há espaço para você — disse agressiva. — Não mais.

A vontade que tive naquele momento foi a de arrastar cada pessoa que não fosse nós dois, para fora da sala. Eu queria estar sozinho com essa garota, dizer tudo o que seguia engasgado em minha garganta. Tudo o que planejei falar dia e noite.

Mas, além de não estarmos sozinhos, eu não conseguia raciocinar direito. Só via ela, só enxergava sua boca... tudo de que senti falta.

— Você precisa se acalmar — Sierra murmurou ao meu lado, enquanto eu observava, desnortado, Estela assinar o testamento. — Não irá conseguir nada se agir feito um louco.

Olhei de Sierra para Estela, vendo-a agora nos observar. A mão de Fernando foi parar em seu braço, sua voz soando em seu ouvido. Meus punhos cerraram. Era isso, eu iria matar o desgraçado e esse seria o meu fim.

— Augusto?

Virei o rosto, não querendo ver. Machucava-me vê-la sair com outro homem, se afastando de mim dessa forma.

Três anos, porra, não era possível que Estela não estivesse com saudade da gente, do que fomos. Minhas mãos tremeram ao assinar os papéis, assim como o meu peito. Sierra pegou a carta que recebi desse testamento ridículo e tentou, à sua maneira, me tirar dali.

— Eu dirijo... — pediu as chaves, mas eu não queria estar preso a ela dentro de um carro. Ou escutar sua voz. Eu não queria nada disso.

— Vá na frente... eu...

— Não faça nenhuma besteira, Augusto.

— Só vá para casa de Alfredo, Sierra. Eu me viro para chegar até lá.



Andei pela maldita cidade, com Estela em minha cabeça. O coração furioso. O tesão dando as caras novamente. Recordando todas vezes que fizemos amor, em que a tive debaixo de mim, ou sobre... seu corpo, sua voz. A confiança que me entregou. O amor, que por uma decisão ruim, eu arruinei. Eu tive aquela garota em minhas mãos, e a perdi.

Ao lhe dar as costas naquele dia, eu perdi a paz também. Todo o juízo e razão.

Desorientado, olhei as pessoas ao redor. O desejo e a raiva vieram tão fortes dessa vez, que o fundo do poço me pareceu um ótimo lugar perto do buraco no qual me encontrava.

ESTELA SAAVEDRA

— Você não falou nada desde que saímos do cartório — Fernando constatou o óbvio, mas a verdade é que eu não fazia ideia do porquê estávamos aqui, almoçando em um restaurante da cidade enquanto eu mal podia respirar.

Ou ver em minha frente algo que não fosse Augusto. Ele parecia tão furioso. Tão ele.

E eu o odiava.

— Estela?

— Quero que me ajude a encontrar um vendedor para a fazenda, Fernando. Quero que isso aconteça logo, eu preciso sair dessa cidade. Não quero ficar aqui. Só quero ir embora, ver o meu filho e...

— Se acalme. — Ele segurou a minha mão. — Eu vou te ajudar, você sabe que vou.

— Eu achei que... depois de todo esse tempo, se tivesse que ver ele seria fácil. Que não doeria, mas doeu. Foi como se tudo estivesse acontecendo agora, como se o tempo não tivesse passado, eu ainda...

Parei de falar, e respirei fundo. Tão fundo que meus pulmões doeram.

— Vamos fazer o seguinte, você vai comer... e se acalmar, e nós vamos começar a pensar o que fazer com a fazenda, tudo bem? — Assenti, nervosa, e fiz o possível para me alimentar. Eu não havia comido nada de manhã, estava nervosa.

Comi devagar, e ao começar a me sentir inquieta, eu percebi que não conseguiria ficar muito tempo parada. Eu precisava andar, respirar ar puro.

E foi o que fiz após sairmos do restaurante. Eu pedi a Fernando para me deixar na porteira da fazenda de tia Hortência, peguei as chaves que agora me pertenciam e caminhei até o casarão. Não foi um percurso longo, mas distante o suficiente para que eu pudesse sentir-me eu mesma depois de tanto tempo.

A verdadeira Estela era essa, pensei, ao descalçar os sapatos e colocar os pés no chão. Subi os degraus da frente e empurrei a porta pesada, entrando em um lugar que achei que não voltaria a ver. Tudo tinha sido destruído pelo tempo, não havia cuidado... e eu me perguntei como Hortência lidou com tudo depois que parti. Passei a mão pelos móveis empoeirados, mas agora não era apenas uma fina camada, era grossa. Andei pelos cômodos, recordando-os... vendo Hortência em cada um deles. Desolada, eu me sentei na salinha de costura e me pus a chorar. Com saudade dela, da vida que eu tinha quando cheguei a Sertãozinho.

Saudade da antiga Estela. Da que não via o mundo com os olhos de agora.

Pensei em meu menino, em tudo o que faria para protegê-lo. Se dependesse de mim, Augusto jamais saberia a respeito dele. Jamais. Limpei as lágrimas que jurei não deixar cair novamente, esfregando fora toda a

minha raiva.

Deixei apenas esse sentimento a me corroer por dentro. Essa vontade de machucar alguém, tanto quanto eu havia sido machucada.

Olhei para o corredor ao escutar o som da porta se abrindo, e depois fechando. Não havia funcionários nesse lugar há um bom tempo, então não fazia sentido. Espreitei por todo o caminho, e ao alcançar o hall de entrada todo o tumulto que ainda não havia acalmado, retornou. Mais intenso, mais poderoso.

— Vá embora — pedi, fazendo com que o filho do demônio se virasse em minha direção.

Augusto me encarou. Seu olhar se fixou em meus pés e em seguida no meu rosto manchado pelas lágrimas; o fez de forma tão intensa que soube imediatamente o que se passava por sua cabeça.

— No que você se transformou? — questionou, com raiva. — Olhe para você... esse cabelo... essa maquiagem... Essa não é você, porra!

Ele estava furioso, mas não era o único.

— Sou o que vocês fizeram de mim. Hortência, Caetano... o miserável do seu pai. Foi a isso que vocês me resumiram. Se não gosta do que vê, Sr. Alencar... *foda-se*.

Augusto avançou na minha direção, e como fiz tantas vezes no passado, eu corri escada acima trancando-me no primeiro cômodo que encontrei.

— Estela! — Ele socou a porta.

— Eu falei para você ir embora! Saia daqui!

Deu outro soco, dessa vez um pouco mais forte.

— Quem era aquele homem? — perguntou, sem paciência. — Onde está vivendo? Como conseguiu sumir dessa forma? Eu quero respostas.

— Quer? — falei baixo, mas o suficiente para que escutasse. —

Depois de tudo o que me fez... você quer respostas?

— Abra a porta e vamos conversar.

— Eu falei antes e repito, nós não temos nada a falar um com o outro. Mas se quer mesmo saber quem é aquele homem, eu digo... ele é meu amante. Não foi isso que me perguntou uma vez? Pois então, agora eu tenho um! — menti, com raiva. — Quer saber também onde vivi todo esse tempo? Foi na casa dele...

A porta foi forçada, mas ele não conseguiu entrar.

— Agora vá embora.

— Filha da mãe! — Deu outra batida. — Você não é louca... — A porta se abriu e eu me afastei. Tudo ao redor girava tão intensamente, que eu pensei que fosse ter um treco ali, naquele momento. — Eu mato aquele infeliz se o que me disse for verdade, eu mato, Estela.

— Faça qualquer coisa e eu juro que...

— Que o quê? Irá me morder? Arranhar a minha cara? Porque era isso que você gostava de fazer antes, não?

— Fique longe de mim e do Fernando. Não chegue perto de nós, não fale conosco... você perdeu todo o direito de me cobrar fidelidade depois que armou aquele maldito circo e...

Fui calada pela boca de Augusto, dura e violentamente. Senti suas mãos me segurarem pelo rosto, sua boca esfregar o batom fora dos meus lábios. A maneira bruta com que me pegou, com que me segurou... Dois corações furiosos, batendo tão fortes e tão selvagememente, que não era possível estarem no mesmo ritmo. Não cabia dois de nós nesse mundo. Duas almas tão impulsivas.

Ainda assim, foi difícil me afastar. Não recordar o gosto de seus beijos. A textura de sua pele. De seu corpo. Todo ele.

Lutei contra o beijo, contra o homem a tentar tomar-me tudo, lutei contra o que eu mesma sentia. Mas foi a luta mais inútil da minha vida,

porque quando seu beijo se tornou mais íntimo, quando sua língua penetrou minha boca e arrasou com tudo, eu afundei outra vez no lago gelado...

Não, eu não ia me afogar novamente, pensei, batendo no infeliz. Eu passei três anos tentando submergir, eu aprendi a nadar... a escapar dessa loucura. E não iria cair nela novamente.

— Eu enlouqueci sem você, Estela... que porra!

Nos olhamos, nervosos. Ofegantes.

Então a ficha caiu e eu olhei ao redor, para onde estávamos. Para a razão pela qual eu estava aqui.

— Vai enlouquecer mais quando eu for embora. Porque é isso o que vai acontecer, eu vou vender essas terras e desaparecer no mundo outra vez... e dessa vez, Augusto, será para sempre.

— Você está louca se acha que irei permitir que saia da minha vida de novo.

— Estou? Não era você quem já estava me dando como morta? Ou será que é isso o que pretende? Me matar?

— Essa merda foi coisa de Sierra.

— Sempre é... porque você permite, seu *disgraçado*! Mas eu não vou deixar que passe por cima de mim. Não vou!

— Eu te procurei, Estela — declarou, como se estivesse se rendendo. Como se estivesse cansado e não quisesse mais discutir. — Perdi a conta de quantos detetives coloquei à sua procura. Do tanto de vezes que achei estar perto de alguma pista... para em seguida, não descobrir nada sobre o seu paradeiro. — Ele voltou a se aproximar, e eu apenas chupei o meu lábio mordido sentindo o gosto de sangue, da intensidade com que nos beijamos. — Vivi o inferno longe de você. Ainda vivo.

Não acredite nele.

— Você não sabe o que é inferno, Augusto. — Não foi ele quem sofreu por estar sozinha, por carregar no ventre um bebê, sem saber o dia de

amanhã ou se conseguiria cuidar dele. Não foi ele quem perdeu tudo. Fui eu. — Eu olho para você agora e vejo que nada mudou, você continua o mesmo homem ruim... eu perdi tudo e você? O que perdeu? Aquela mulher continua na sua vida... a porcaria dessas terras ainda é a sua prioridade. Que inferno é esse?

— Acha realmente que eu não perdi nada? — soou agressivo. — Eu voltei a essa cidade, Estela. Voltei para te levar comigo, sei que fiz merda, que cometi inúmeros erros, mas eu não estava disposto a te deixar fora da minha vida; dois dias depois que te deixei aqui... eu retornei. E onde você estava?

Salvando o meu filho da única maneira que podia: fugindo.

— Não quero falar sobre o passado. Ou sobre qualquer outra coisa com você. — Passei por ele, atordoada demais, com a cabeça prestes a explodir. Augusto me seguiu, com passos furiosos.

— Nós precisamos conversar. — Sacudi a cabeça. — Eu tenho uma proposta a te fazer, porra. Apenas me escute. — Parei, sentindo meu corpo esfriar. Negócios... com ele tudo sempre se resumiria a negócios. — Eu quero comprar essas terras de você, diga o valor... que eu dobro o que me pedir.

— Eu não vou dizer nada, porque não quero o seu dinheiro. Prefiro doar essas terras para o primeiro mendigo que passar na minha frente, do que vendê-las a você. Por causa delas, você transformou a minha vida em um inferno, mas diferente do seu, Augusto, o meu inferno foi real.

Peguei os sapatos que deixei no hall e saí porta afora, com o coração pequeninho na mão. E enquanto me afastava, eu amaldiçoei todas essas terras. Toda a ambição desses homens.

CAPÍTULO 30

ESTELA SAAVEDRA

Após o jantar com Fernando no restaurante do hotel, eu subi para o quarto e me joguei na cama. Era tarde, e eu já havia telefonado para Alice pedindo notícias de Lucca, que de acordo com ela andava irritado com todos. Meu coração apertou ao escutá-lo me chamar de *Estêla* na linha; se dependesse unicamente da minha vontade, eu já estaria em casa, essa era a verdade. Mas Fernando queria que ficássemos, que cuidássemos da documentação e da propriedade antes de colocar aquelas terras à venda, e mais ainda, eu precisaria ver o que tinha que ser ou não doado. O que gostaria de guardar. No estado em que o casarão se encontrava, ele não se venderia, o tabelião afirmara.

Seria preciso uma mão de tinta, alguns reparos no interior da casa. Consertos que demandariam tempo e que exigiriam a minha atenção. Quase pedi para que Fernando me deixasse ir embora, só que não podia deixá-lo resolver meus problemas quando ele tinha os próprios para cuidar.

Para a minha surpresa, o meu celular tocou. O número não era da casa de Fernando e nem o dele. Franzi o cenho antes de atender, mas o fiz.

— Alô?

— *Estela?* — Demorei a reconhecer a voz, e apenas depois de vários segundos que foi possível fazer a ligação. Depois de ser enviado para Minas,

Ramon não retornou à fazenda sequer para buscar suas coisas. Ele não se despediu de mim da maneira adequada ou deu notícias. Apenas desaparecera no mundo.

— É você, Ramon? — perguntei, sem entender porque, depois de todo esse tempo, o passado decidira retornar de uma só uma vez. — Como conseguiu o meu número? — Apenas Fernando e Alice o tinham.

— *Hortência, ela me deu o número de onde estava morando alguns dias antes de falecer... Eu telefonei, disse que precisava falar com você, mas a moça que atendeu disse que não conhecia nenhuma Estela, então expliquei que te conhecia, que fomos amigos... e que entendia por que ela estava te protegendo.*

— Então ela te deu. — Só podia ser Alice, a quem se referia.

— *Sim. Eu estou ligando para saber como você está após a morte de Hortência. É verdade que está em Sertãozinho?*

— Sim, eu tive que vir resolver as questões do testamento.

— *Ela deixou tudo para você, não é?* — Eu não sabia o que dizer, e uma vozinha em meu ouvido aconselhou a não falar demais. — *Não é segredo, Estela. Todos na cidade sabem que as terras são suas.*

— Por que está me ligando, Ramon? Depois de todo esse tempo...

— *Eu queria saber como está. Apenas isso. Pensei que poderíamos nos ver... eu estou hospedado em Ribeirão Preto.*

— Você voltou?

— *Não, estou apenas de passagem.* — Houve um momento de silêncio, até que ele voltou a falar. — *Então o que me diz? Aceita se encontrar comigo?*

Hesitei antes de responder, mas depois me questionei que mal faria. Ramon e eu fomos amigos... afastar a mente de tudo o que estava acontecendo, seria bom.

— Eu vou, pedirei a Fernando o carro emprestado e te encontro em

Ribeirão. — Ramon passou o nome do hotel em que estava, dizendo que de lá podíamos sair para almoçar e conversar.

Ao terminar a ligação, eu não pude deixar de sentir uma pressão em meu peito. Uma sensação ruim que imaginei ser causada pelo dia tumultuado. Ao fechar os olhos naquela noite, eu tive o meu primeiro sonho com fogo. Chamas e mais chamas, consumindo-me. Queimando minha pele. Fazendo-me acordar em plena madrugada completamente suada.



Na manhã seguinte, fui com Fernando assinar alguns dos papéis que me tornavam oficialmente a dona das terras de Hortência. O tabelião estava presente, assim como outras testemunhas, Fernando foi quem analisou cada papel. Não me meti na conversa que teve com os responsáveis; em vez disso, pensei no encontro que teria em breve com Ramon. Fernando se mostrara contrário à minha ida sozinha, mas além de precisar de um tempo comigo mesma, eu queria poder conversar com ele a sós. E desconfiei de que se o levasse comigo, Ramon acabaria intimidado.

— Dirija com cuidado, e não se esqueça de me telefonar quando chegar lá, tudo bem?

— Você tá agindo como um pai, Fernando — protestei, fazendo-o rir.

Ao me despedir, eu entrei na caminhonete em que tínhamos viajado e fui até Ribeirão Preto, eu não sabia direito como chegar até lá, fui indo pelas placas, lembrando as vezes em que Augusto e eu passamos por esse mesmo caminho. Quarenta minutos depois, após me perder e me encontrar, eu cheguei ao hotel que Ramon indicara no endereço. O encontrei do lado de fora, e assim que me reconheceu, ele sorriu.

Nos abraçamos, e seguimos até uma lanchonete próxima ao hotel. Olhei estranho para ele ao entrarmos, nada aqui parecia barato e eu não o queria gastando seu dinheiro comigo. Quando disse isso a Ramon, ele falou

que não havia com o que me preocupar. Notei logo que eu não era a única diferente aqui, o chapéu que usava parecia daqueles caros, usados pelo demônio. As roupas também, os sapatos lustrosos brilhavam. Sua barba fora cortada, assim como os cabelos.

— Você *tá* diferente — falei, observando-o.

— Não sou o único, sou? Sair daquele buraco nos fez bem... — Estranhei a forma como se referiu ao lugar em que cresceu.

— Você... foi no enterro dela? — mudei de assunto, desconfortável.

— Achei melhor não. Aquela família não iria me querer por perto.

— Por onde andou, Ramon? Venâncio disse que você acordou certo dia e... falou que não precisava mais daquilo. Que Augusto e o pai podiam...

— Ele contou tudo, não foi? — riu um pouco, parecendo nervoso. — A verdade é que fui mandado para o fim do mundo, porque o infeliz do Augusto não me queria perto de você. Eu precisava daquele emprego, mas não iria morrer de fome se saísse. Eu me virei.

— Fico feliz em saber. — Porque eu também tinha me virado. Sabia como era estar no lugar dele.

— E quanto a você?

— O que tem eu?

— Por onde andou. Eu voltei a Sertãozinho anos atrás e... nem você nem seu pai estavam mais lá.

— Hortência me ajudou, ela me enviou para a casa de um amigo, e ele me deixou ficar, cuidou de mim por todo esse tempo.

— Claro... e você se deixou ser cuidada, não é? Um velho rico...

— Não é assim. Fernando é meu amigo, eu confio nele. E sempre que posso o ajudo.

— Não estou te julgando, Estela. Depois de tudo o que Augusto te fez, se você aceitasse a ajuda de alguém não seria problema.

— Eu aceitei, mas não da maneira como está dizendo... eu nunca faria isso.

— Talvez você não tenha mudado tanto, não é? — Não respondi, porque não estava gostando da forma como ele falava comigo. Parecia ressentido. — Você fez bem em se afastar, o final daquela família não será agradável.

— Por que está dizendo isso? — Ele deu de ombros, sorrindo. A sensação ruim, que senti tanto tempo atrás ao ver a raiva de Ramon, reapareceu. Deixando-me em alerta. — Vai me dizer que não deseja que eles recebam o que merecem? Augusto e o pai são uns infelizes, Estela. Você teve sorte de ter perdido aquela criança... um fruto nunca cai longe do pé.

Engoli em seco, surpresa com tudo o que Ramon parecia saber. Aliviada, por pelo menos ele não ter conhecimento sobre o meu filho. Antes de me enviar para Fernando, Hortência jurou que não contaria nada a ninguém, e isso foi o que esperei dela.

— Sabe o que mais, Estela? — Ramon se inclinou. — Eu acredito em retorno. Não o Divino, mas o retorno que vem das mãos humanas.

— Eu prefiro acreditar que há alguém lá em cima cuidando de tudo.

— Deus? Ou sua Santa Sara Kali? O que eles fizeram por você, Estela?

Sacudi a cabeça, não querendo mais falar. Esse não era o Ramon que eu me lembrava.

— Eu preciso ir, Fernando vai ficar preocupado se eu demorar — falei, já me levantando. Meu sanduíche ficou quase que inteiro no prato. Eu não gostava dessas comidas de ricos, cheias de frescuras. Preferia as simples, feitas em casa.

— Quando irá embora, Estela? — Não compreendi a pergunta. — Da cidade — explicou. — Quando voltará para a casa desse tal Fernando?

— Assim que eu conseguir um comprador para as terras de Hortência.

Ramon me analisou por um momento, e em seguida sorriu.

— E se eu disser que posso te ajudar com isso?

Eu o olhei, desconfiada, mas voltei a me sentar. O quanto antes eu vendesse aquelas terras, mais rápido conseguiria partir.

AUGUSTO ALENCAR

Olhei para a carta de Hortência sobre a mesa, incerto sobre abri-la ou não. A dor de cabeça que sentia espalhava-se por todo o meu corpo. Sierra fora dispensada pela manhã, enviada de volta para a capital. Porque, diferente das outras vezes, eu não estava com paciência para lidar com suas cobranças infundadas. Então, assim que foi possível, eu me tranquei no escritório da casa de Alfredo, precisando pensar qual seria o meu próximo passo e me decidir.

Com uma frieza que me era habitual, eu rasguei a dobra do envelope e segurei a antiga carta em minhas mãos, guardada por todo esse tempo. Não conseguia imaginar nada interessante que pudesse ter sido escrito ali, qualquer pedido de desculpa, qualquer justificativa dada por Suzana já não tinha importância. Ela estava morta. Querendo uma distração, eu desdobrei a folha e passei o olhar pelas primeiras linhas e, como imaginei, boa parte da carta era mais do mesmo. As mesmas justificativas.

Eu não era feliz com o seu pai.

Não suportava mais viver ao lado dele.

Você era o seu filho, o verdadeiro herdeiro de tudo isso. Ele nunca te faria mal.

Eu me apaixonei, Augusto. Experimentei o que era amor pela primeira vez na vida.

Não sei se já descobriu o que é amor, meu filho, mas se ainda não, espero que o faça em breve. E que também seja capaz de aceitar o seu irmão

em sua vida. Hortência me contou tanta coisa nessas poucas semanas que estou de volta... lamento por não ter estado aqui para te aconselhar quando foi preciso. A verdade é que não imaginei que, ao revelar o segredo de seu pai, eu estaria os afastando... essa nunca foi a minha intenção.

Tudo o que gostaria de fazer antes de morrer é vê-lo pela última vez, Augusto. Te abraçar, meu filho. Conhecer o homem que se tornou. Mas a doença não me permite muito, voltar a essa cidade drenou toda a minha energia. Não demorarei a partir...

Se algum dia chegar a ler essa carta, verá que ela não é diferente das outras, mas, além do seu perdão, há um outro pedido que preciso te fazer... Hortência e eu fizemos algo, que agora eu já não tenho certeza se foi para o bem da filha de Caetano. Por isso, se chegar a conhecê-la como acredito que irá, eu te peço do fundo do meu coração para que não lhe faça mal. Estela é como se fosse uma filha para mim. Prejudicá-la seria o mesmo que me prejudicar, então não o faça, por favor.

Amassei a folha, com o remorso e o ódio me atingindo. De alguma forma, Suzana sabia que o caminho de Estela e o meu se cruzariam. Não era tão difícil assim prever, não é?

O que esperava com isso, Suzana? Que eu tivesse piedade dela?

Pensei no que teria mudado caso tivesse lido essa carta antes. Não acho que a teria escutado, pelo contrário, eu teria feito ainda mais mal a garota. Eu me conhecia. Pelo prazer de atingir Suzana, eu a teria destruído.

Mas eu já tinha feito isso, não é?

CAPÍTULO 31

ESTELA SAAVEDRA

Abracei Fernando, não gostando nem um pouco da ideia de ficar nessa cidade sozinha. Depois de receber alguns telefonemas, a maioria deles de seus clientes, ficou decidido que ele voltaria para Barbacena, resolveria as pendências e em menos de uma semana retornaria. Daqui até lá, eram cerca de sete, oito horas de estrada, e como Fernando não era o maior fã de aviões, pé no chão como era, ele pretendia dirigir por todo o caminho. Antes de partir, porém, os documentos com os quais eu precisaria lidar no cartório foram minuciosamente explicados. Cada dúvida que surgiu foi sanada e o homem me fez prometer que, se precisasse de ajuda, bastava telefonar. Fernando também me fez prometer não ficar andando, como tanto gostava no passado, por essas bandas.

Ele deve ter percebido o quanto era perigoso, e depois de tudo, eu também.

— Não vou demorar, minha criança. Será rápido.

— Por que não posso ir junto? Uma semana a mais ou a menos não fará diferença.

— Não foi você quem disse que queria vender logo essas terras? — Assenti. — Pois então, há muita coisa a ser feita na casa, e, se o que andei ouvindo por aí for verdade, você não vai precisar se preocupar com aquele

homem. Ele não vive aqui, não é?

— Não — confirmei, não que o fato de viver na capital o impedisse de fazer o que quisesse. — Tudo bem, eu fico, mas você tem que prometer que dirá ao Lucca que eu o amo e que estou morrendo de saudades. É horrível ficar longe dele.

— Claro que digo, Estela. Agora fique tranquila que, quando menos esperar, eu estarei de volta, ok?

Assenti, e em seguida o vi pegar a estrada. Havia muito o que ser embalado, documentos a serem vistos. Objetos antigos e valiosos de tia Hortência dos quais eu não sei se conseguiria me desfazer. Até mesmo a sua velha caminhonete rural, na qual Hortência dirigia para cima e para baixo, ela deixará para mim.

Passei os próximos dias embalando as primeiras caixas, mas havia muito ainda a ser guardado. Roupas de cama, cortinas, objetos pessoais dela e até mesmo de Suzana. Acho que Hortência não se desfez de nada que era da irmã. Já tendo feito a primeira parte, eu soube que precisaria comprar novas caixas em breve. Além de passar no mercado e comprar itens básicos para que pudesse ir me virando na cozinha.

De repente, o telefone tocou e eu corri pela casa à procura dele. Isso sempre acontecia, eu o perdia em tudo o que é canto, e se fosse para ser honesta eu não gostava muito de usar o aparelho. Só o fazia porque precisava ter contato com Fernando e Alice, que era quem estava me ligando.

— *Fala com sua mãe, Lucca. Diga a ela o que aprontou.* — A voz de Alice soou séria, mas eu sabia que estava brincando. — *Conte para a sua Estêla que você derrubou todos os vasilhinhos da sala, e que ainda saiu sapateando no meu chão limpinho...*

— Lucca... o que eu disse sobre se comportar, meu amor? Respeitar a tia Alice? — Meu menino choramingou e, em seguida, enrolou as palavras do jeitinho que sempre fazia.

— Estêla, volta. — Chorou, nervoso. — Demoando, muito. — Meu coração ficou apertado.

— Eu sei, meu amor. Mas a mamãe tem que terminar tudo aqui, para poder voltar. Lembra que prometi que, se for bonzinho, eu levarei um presente?

— Só Estêla. Pesente *não*.

— Você só quer a sua Estela? — Ele grunhiu, de forma fofa. Acredito que confirmando. — E se eu disser que o Fernando estará aí logo? Hum?

Não acho que minha tentativa de acalmá-lo tenha adiantado, porque Lucca chorou ainda mais alto.

— *Ele está com um pouco de febre, querida, eu já o mediquei, mas...*
— Lucca sofria do mesmo mal. Não era febre propriamente dita que o atingia, e sim o seu emocional que interferia na temperatura de seu corpo.

— Se eu soubesse teria ido com Fernando, ele acabou de sair daqui — falei, preocupada.

— *Eu contei a ele, mas Fernando garantiu que, assim que chegasse aqui, Lucca melhoraria rapidinho. Eu também acho, o menino não é acostumado a ficar nessa casa comigo sozinho.*

Sim, eu sabia. Quando não era em meus braços que se aninhava, era nos de Fernando. Encerrei o telefonema, pedindo, por favor, para que Alice retornasse se ele piorasse ou quisesse falar comigo, e depois de andar pela casa, fazendo o máximo que poderia com o que tinha, eu perdi a paciência e dirigi até a cidade com a rural de Hortência. Apesar de velhinha, a caminhonete fazia direitinho o seu trabalho. Estacionei em frente ao mercado, e mesmo que não quisesse, me lembrei de como havia sido tratada nesse lugar. Sem escolha, já que ele era o mais próximo da outra loja a qual teria de ir, eu entrei no estabelecimento e por muito pouco não me senti como a garota que todos desprezavam. Não houve olhares ranzinhas, nem a raiva explícita que eu recebia. Apenas a curiosidade daqueles que me reconheciam.

Por infelicidade do destino, o Sr. Oliveira me abordou oferecendo-me ajuda. Acho que ele fora uma das poucas pessoas a não se lembrar de mim. Isso, depois de ter me feito tão mal.

— Não preciso de ajuda. Não sua — falei, ressentida, e ele me

encarou. Seus olhos expandiram-se ao fazerem a ligação.

O encarei, esperando por alguma ofensa, algum insulto. Mas tudo o que senhor fez foi abaixar a cabeça. Seu mercado já não era o mesmo de anos atrás, nada na cidade parecia igual, essa era a verdade. Como se, com o passar dos anos, uma tempestade de areia tivesse atingido o lugar.

Enquanto pegava o que achava que iria precisar, eu continuei preocupada com meu filho. As viagens curtas que precisava fazer até a cidade para entregar algumas das bijuterias que eu vendia, nunca duravam tanto tempo, às vezes, eu até mesmo o levava comigo.

Parei em frente a uma prateleira com massas de macarrão, e outra vez fui pega pelo passado. Todo esse lugar era um ninho de recordações, das quais eu não queria ter de lembrar. A ferida ainda não havia cicatrizado por completo, eu me dei conta, somente ao estar aqui.

— Não me diga que sua comida favorita ainda é massa. — A voz de Augusto me deteve, e por pouco eu não deixei que o pacote de macarrão caísse. Olhei para ele, parado ao meu lado, e me perguntei que raios esse homem fazia aqui.

— Seu lugar não é na capital? — soei nervosa, incomodada com sua presença.

— Então foi por isso que o *seu amante* partiu? — falou com descaso. — Por que achou que você estivesse segura?

Olhei para Augusto, olhei realmente. A barba por fazer dava-lhe um ar exaurido, de cansaço. Mas ele ainda parecia com o homem por quem me apaixonei, a mesma expressão intensa em seu rosto, o mesmo ar aristocrático e energia intimidante. Virei o rosto ao constatar que, apesar de toda a raiva, eu não conseguia ser indiferente a ele. O bater acelerado do meu coração era a prova do que eu dizia.

— E eu não estou? — rebati, incapaz de confiar nele.

— Está. Eu jamais faria mal a você, Estela. — Sorri, mas não havia graça ou humor em meu sorriso. — Não ache que eu não sei o quanto errei com você, porque...

— Você pretende mesmo ter essa conversa comigo, aqui, no meio de um supermercado? — indaguei, sem paciência. Eu não queria escutá-lo pedir desculpas, muito menos se fosse um pedido feito assim.

— O lugar não importa, cacete, desde que você entenda que... eu sinto muito.

Voltei a colocar o pacote de massa na prateleira, começando a desistir da compra.

— Não estou mentindo, Estela. Juro por Deus que não estou. Se tivesse alguma forma de voltar no passado e evitar toda a mágoa que te causei, eu voltaria.

— E faria o quê, Sr. Alencar Gouvêa? — inquiri, de forma fria. — Desistiria da fazenda de tia Hortência? Teria deixado o meu pai em paz? Ou não teria feito com que confiasse em você? — O miserável não respondeu. — Se pudesse mesmo voltar, você teria deixado de me levar para a cama? Teria parado antes de... me fazer te amar? — Sacudi a cabeça, achando-o egoísta demais para alterar o passado se tivesse a chance. — Duvido que, se você pudesse evitar qualquer uma dessas coisas, você o faria, Augusto. Esse não seria você.

— Eu não sou um vilão, Estela, sou a porra de um homem. Cometo erros...

— Erro eu cometo quando compro cebola em vez salsinha. Ou quando tenho que virar à esquerda e viro à direita. O que você faz não é erro, Augusto, é maldade. — Ele se calou, deixando claro que ouvir a verdade não era algo que lhe agradava. — Agora saia da minha frente e...

Tive o braço segurado, o que me fez olhar para os dedos a me tocarem. A pele ainda ardia... como se fossem marcas, só que agora eram marcas de algo que já não existia.

— Você contou ao infeliz sobre o nosso beijo? — O encarei, vendo-o alterado. — Disse ao *advogadinho* que sentiu tanto a minha falta que, quando a beijei, você retribuiu?

— Fernando sabe que você e eu somos passado. Ele não tem ciúmes.

— Empurrei o seu ombro ao puxar o meu braço, escapando de seu controle.

— Vai ter quando perceber que você ainda é minha, Estela. Escreva o que estou dizendo. — O escutei grunhir às minhas costas, mas não parei para desmenti-lo. Sequer olhei para trás, ou tive ânimo para terminar de fazer minhas compras.

Tudo o que fiz, depois de outro encontro tumultuado com aquele homem, foi deixar o supermercado, entrar no carro e dirigir para bem longe.

— Por favor, Santa Sara Kali, não permita que Augusto bagunce a minha cabeça novamente, não me deixe ser fraca diante dele...



No final daquela tarde, enquanto começava a tirar os quadros das paredes e os ia encaixotando, eu escutei o som de uma caminhonete parar nas proximidades da casa. Corri até a janela, descalça e com o cabelo ainda molhado após o banho demorado que tomei, deparando-me com Augusto subindo o alpendre. Assustada, eu recuei, deixando-o bater. Algo que teria continuado se eu não tivesse perdido a paciência e ido até ele.

Não abri a porta por completo, não era tão idiota, mas ao vê-lo de pé e ter outra prova do quão forte Augusto continuava, eu percebi que a intenção de usar a porta como escudo seria inútil.

— O que quer dessa vez? — O cheiro do homem me atingiu, quando ele fez o que eu temia e empurrou a porta.

Irritada pela invasão, eu demorei a perceber que Augusto trazia com ele as sacolas com as compras que eu havia deixado no carrinho. Essa, pelo menos, era a única explicação para o fato de ele ter se dirigido à cozinha.

— Você as esqueceu. Achei melhor trazer... — Ele entrou e me olhou de soslaio. — Não quero ser o responsável por uma possível morte causada

por fome.

— Duvido. — O homem se virou na minha direção, e os seus olhos se estreitaram de forma dura. — As coisas ficariam bem mais fáceis para você se eu morresse... não é?

— Sim. Elas ficariam — disse de um jeito que me causou arrepios. Não por medo, e sim pela intensidade que empregou nas palavras. Pela forma implacável como ergueu o olhar e me encarou, desafiando-me a contestá-lo.

Sem pedir licença, Augusto colocou as sacolas sobre a bancada e as desempacotou. Uma a uma. O observei de longe, receosa. Sabendo que se precisasse correr, eu teria espaço para isso. Eu sei, correr nem sempre era a melhor decisão, mas quando se tratava desse filho de uma rapariga, eu preferia que a distância a nos separar fosse bem, bem, grande.

Se não fosse pela semelhança que encontrei nos detalhes, talvez eu tivesse me afastado assim que o vi sentir-se confortável. Mas não consegui. A forma de franzir a sobrancelha ao mover as compras era a mesma forma com que Lucca também o fazia ao brincar com seus brinquedos. Os dedos ágeis, a impaciência... Ambos temperamentais, fáceis de serem irritados.

E como o pai, Lucca me tinha em suas mãos.

— Augusto, o que pensa que está fazendo? — perguntei ao vê-lo abrir os armários, começando a ficar desatinada com sua presença. Eu o queria fora daqui, longe de mim.

— Algo para que possa comer. — Ele afastou o olhar da bancada e o dirigiu ao meu corpo, despindo-me possessiva e predatoriamente.

Tudo o que vesti após o banho, foi a velha jardineira que encontrei guardada nas coisas de tia Hortência, e que imaginei ser de Suzana. Além de uma blusa curta que usava como pijama, e que trouxera comigo. Ainda assim, Augusto fez com que me sentisse nua enquanto eu me odiava por não estar usando sutiã, e a escova feita a cada manhã, desaparecera com o cair da água.

— Gosto de vê-la assim — reverberou. — Sem toda aquela porcaria de maquiagem em seu rosto.

Não me deixei impressionar, e o observei com suspeita abrir e fechar as gavetas à procura da faca. Os legumes que tirara das sacolas se encontravam sobre a tábua de corte, e por um instante eu percebi que ele sabia o que estava fazendo.

— O que pretende? Vir aqui, achar que pode cozinhar para mim... você não fez nada disso antes.

— Eu não fiz muita coisa antes, Estela.

— E quer fazer agora? Quando já não há mais volta?

Augusto parou o que fazia, e voltou a me fitar.

— Quem disse que não há?

— Eu estou dizendo, Augusto! Fora que, se acha que me seduzindo ou levando para a cama, você irá colocar as mãos nessa fazenda... eu já adianto que está perdendo o seu tempo!

— Você iria? — Ele parou de cortar os legumes e me encarou.

— O quê?

— Para a cama comigo, você iria? — Sacudi a cabeça, nervosa. E quando me vi prestes a me afastar, ele perguntou: — O infeliz te dá mais prazer do que eu te dei, ele é melhor?

Isso era algo que eu jamais saberia, porque não acho que conseguiria entregar o meu corpo a outro homem.

— Seu prazer vem acompanhado de dor. — Era a mais pura verdade. — O que eu tenho com Fernando não. — Escutei o som forte da faca sendo deixada na bancada de mármore.

— Até onde consigo me lembrar era você quem dizia que se entregaria a um único homem em sua vida. Não era? — Augusto não estava calmo, pelo contrário, parecia perto de explodir. — Agora está aqui me dizendo que dormiu com outro...

— Sierra — o lembrei, o nome daquela mulher saiu amargo de minha

boca.

— O que tem Sierra? — perguntou, sem esconder a rispidez.

— Você mentiu quando disse que nunca tinha tocado nela.

— O que isso tem a ver?

— Tudo! — falei de forma impassível. — Como se atreve a vir até aqui, na casa que agora é minha, e agir como se tivesse o direito quando é óbvio que não tem! Ainda por cima, tem a coragem de me cobrar se estive ou não com outro homem quando todos sabem que você e aquela mulherzinha sempre estiveram juntos. Eu fui uma idiota... esperando por você todas aquelas semanas, jogando-me em seus braços enquanto acreditava que a saudade que eu sentia era a mesma que fazia você voltar. Eu fico com nojo só de imaginar todas as vezes em que você e ela dormiram juntos pelas minhas costas.

— Não foi assim, porra, eu te juro que não foi... No começo...

— Você não consegue nem dizer, não é? Tudo o que fez foi tão sórdido, que você não consegue. — Sacudi a cabeça, exasperada. — Mas eu vou te dizer como imagino que tenha sido. Vocês combinaram de me enganar, de me tomar essa fazenda. Então, você vinha... era charmoso comigo. Dizia coisas bonitas. E depois ia embora, fazia sexo com ela e os dois riam da minha cara! Foi assim, não foi?

A expressão no rosto de Augusto se tornou ferina. Como se de alguma forma eu o estivesse alfinetando-o com uma agulha.

— Foi só sexo — admitiu. — Com ela sempre se tratou disso. — Ele deu um passo em minha direção, mas eu não me movi. Permaneci rígida. — Não estive com ela no tempo em que ficamos juntos, não depois que eu... comecei a me apaixonar por você. Porque eu me apaixonei, Estela. Em algum momento, eu comecei a sentir algo... que ainda está aqui. — Apontou para o próprio coração.

— Está mesmo, Augusto? Ou essa é apenas outra tentativa de me enganar? Você e aquela infeliz queriam me dar como morta! Que tipo de pessoa planeja algo assim?

— Eu jamais teria permitido que Sierra continuasse com essa merda... não teria estômago para isso.

— Mas teve para pensar em matar o meu filho, seu *disgraçado*! — eu o ataquei. — Teve para olhar na minha cara e dizer que não o queria. Ele era apenas um bebê, Augusto... como pôde planejar algo assim?

— Estela. — Ele tentou me tocar, mas eu não permiti.

— Você agrediu o meu pai, você mentiu para mim. Você dormiu com outra mulher. Você... teria matado o meu filho, se eu não... o tivesse perdido. Então, não, Augusto. Não me venha com *Estela, eu sinto muito*... porque você não sente. Você só sabe machucar. Só sabe ferir aqueles que te amam. É isso o que você faz de melhor, você fere.

Em outra época, a forma como Augusto me encarou, teria me posto medo. Mas não hoje.

— Quanto ao que eu tenho com Fernando, tudo o que você precisa saber é que não se compara ao que tivemos — menti, essa sendo a única forma que encontrei de feri-lo. — Não se trata apenas de sexo, ele cuida de mim. Não mente, ou me machuca. Fernando...

— Cale a boca. — Eu o tinha finalmente irritado. — Não quero escutar o que aquele filho da puta significa para você, quero apenas que me responda, Estela. Você o ama?

Augusto e eu nos entreolhamos, havia tanta raiva entre nós dois. Tanta coisa não dita. Tantas mentiras... eu não temi no passado que ele descobrisse a verdade sobre Lucca, mas temia agora. Por mim, e pelo meu filho.

— Ama, Estela? — Augusto estava por um fio.

Se eu o empurrasse um pouco mais, ele com toda certeza perderia a cabeça. Mas, sem um pinga de juízo, eu assenti. Confirmando o que me perguntava enquanto engolia em seco ao vê-lo dar o último passo em minha direção. Lembrando-me de como era quando nossos corpos se encaixavam. De como costumava ser fácil.

— Agora, que já disse tudo o que tinha para dizer... você poderia, por favor, ir embora?

Augusto socou a parede atrás de mim, grunhindo algo que naquele momento eu não compreendi. Quando a porta da frente bateu, de forma estrondosa, o som reverberando-se pelos cômodos, eu me apoiei contra a parede, permanecendo ali até me lembrar do porquê eu não deveria ter desejado que a boca de Augusto encostasse na minha.

AUGUSTO ALENCAR

Desorientado, eu deixei a casa de Hortência e caminhei até a Mercedes. Não dei a partida, no entanto, não consegui. Meus dedos tremiam, mesmo que rígidos; e o cheiro dela, a porra do cheiro da minha cigana, estava inteiro sobre mim. Sufocando-me. Assombrando-me. A vontade que tinha era a de voltar para dentro daquela casa e dizer, gritar, aos quatro ventos que a infeliz era minha. Que Fernando jamais a tocara novamente.

Sim, eu o amo...

O caralho que amava.

Com a cabeça ancorada no banco, eu olhei para o interior da casa e descontei o nervosismo no volante. E, quando a dor provocada pelo acesso de raiva não fez nada por mim, e a imagem de Estela reapareceu em minha cabeça, eu xinguei. Amaldiçoei cada Alencar que pisou sobre essa Terra.

Foi somente com o anoitecer, e as luzes do casarão sendo acendidas, que consegui dirigir para longe daquele lugar. Sierra tinha sido enviada no começo dessa semana para a capital, a fim de cuidar de negócios que eu deveria estar cuidando.

Ao voltar à fazenda de Alfredo, eu pensei em meus advogados. Ambos fazendo o possível para resolver assuntos que cabiam somente a mim. E por mais que a vontade que sentia fosse de ficar aqui, até fazer com que Estela cedesse, eu sabia que não podia. Essa já não era uma opção. Não com o Grupo Alencar tão perto de um colapso.

Mas, e se eu nunca mais voltasse a vê-la? E se ao lhe dar as costas, Estela aproveitasse para ir embora novamente?

Maldição, eu passei por essa merda uma vez, não acho que conseguiria uma segunda.

CAPÍTULO 32

ESTELA SAAVEDRA

Passei por entre as inúmeras caixas espalhadas pela casa de Hortência. Dias haviam se passado desde a visita de Augusto, e embalar e empacotar foi a melhor distração que eu poderia ter tido. Exausta, afastei as caixas que ficariam comigo, objetos dos quais eu realmente não conseguiria abrir mão. O restante seria doado ou vendido. Com as caixas empilhadas no corredor, eu alcancei o escritório e olhei para todos os livros e documentos que teria de arrumar ainda. Eu havia deixado esse cômodo por último porque sabia que precisaria da ajuda de Fernando para saber o que era ou não importante. O que podia ou não ser jogado fora.

Diferente do que teria feito anos atrás, eu não queimei nenhum dos pertences de tia Hortência. Não por não acreditar nas crenças do meu povo, porque eu acreditava. Só não o fiz porque me pareceu injusto atear fogo em coisas que outras pessoas poderiam usufruir. Então, mesmo que dividida entre o que acreditava e o que parecia certo, eu tomei a decisão que beneficiaria mais pessoas. E não apenas a minha paz de espírito.

Papai diria ser besteira. Que minha obrigação seria a de garantir uma morte tranquila a Hortência... mas e quanto aos que ficavam? Fernando estava certo em dizer que os que sofriam eram aqueles que permaneciam vivos, e não os que partiam.

Ansiosa, olhei para o relógio na parede do escritório, e respirei fundo. Em poucas horas, Fernando estaria de volta. E junto dele, eu esperava que as notícias que tivesse de Lucca, ajudasse a matar um pouco da saudade que eu sentia de casa. Outra hora passou, e continuei a fazer o meu trabalho. Pensando em como seria quando eu tivesse que pintar as paredes do andar inferior. Abri as janelas compridas, permitindo que o ar entrasse, e dissipasse um pouco do cheiro de poeira e mofo que pareceu ter tomado os cômodos. Faminta, preparei algo rápido para comer, e me sentei no meio da sala, fitando as paredes agora sem nenhum quadro ou fotografia pendurada.

No silêncio que me rodeava, eu voltei a escutar os gritos que Augusto e eu deixamos ecoar por essas paredes, dias atrás. A maneira como ele saiu, e o modo como fiquei... Não consegui não pensar no que vivemos após a sua partida. Foi impossível colocar a cabeça no travesseiro e não recordar cada beijo, cada toque. Tudo em que acreditei. Mas recordar fazia-me ainda mais disposta a mantê-lo longe de mim.

Mesmo com o discurso de que sentia muito e que queria o meu perdão, Augusto não voltou a me procurar. E, nas vezes em que precisei ir até a cidade, eu não me deparei com nenhum sinal de que ainda pudesse estar por aqui. Imaginei o que estaria planejando, porque o seu silêncio deveria significar algo. Não que acreditasse que ele iria desistir, recuar assim, por conta de outra discussão. O miserável ainda queria essas terras, enxerguei a verdade em seus olhos no dia em que estivemos no cartório.

Afastei os pensamentos indesejados ao escutar um som, que só poderia ser da chegada de Fernando. Correndo para encontrá-lo, eu ainda respirei fundo, não querendo que o meu amigo notasse a mudança de humor. Enquanto ia ao seu encontro, eu limpei as mãos com resquícios das tintas que misturei, na calça jeans velha; e, ao abrir a porta, estaquei ao vê-lo abrir a porta de trás da caminhonete, e tirar lá de dentro a pessoinha mais importante da minha vida.

O meu menino.

A expressão zangada em seu rosto se dissipou ao me ver, e mesmo que ele parecesse sonolento da viagem, os olhinhos de Lucca brilharam. De forma tão ou mais intensa que as de seu pai.

— *Mia Estêla*. — Ele estendeu os bracinhos, prestes a chorar. E a julgar pela forma como estava vestido, eu tive certeza de que os últimos dias tinham sido bem difíceis para todos. Os cachos de Lucca não estavam penteados, tudo o que ele usava eram as meias de dinossauros dadas de presente por Fernando, uma fralda e um moletom de inverno que não fazia o menor sentido aqui, nesse calor.

— Meu amor, por que não deixou Fernando te vestir direito?

— *Estêla*... — choramingou, se agarrando ao meu pescoço.

— Senti sua falta, meu menino. Senti muito a sua falta.

— *Fata* — murmurou bravo, recusando-me a soltar.

Fui com Lucca até os degraus da varanda e me sentei, mantendo-o em meus braços.

— Sentiu minha falta, não foi?

— Alice não... *Estêla* sim. — Sorri, essa era a maneira dele de dizer que queria ficar comigo.

— Ele repetiu isso por todo o caminho.

— Por que o trouxe? — perguntei baixinho. Eu estava feliz por ter meu menino em meus braços, mas preocupada também. Com medo de que alguém um pouco mais atento enxergasse as semelhanças... Que, apesar de não serem tão evidentes, sob o olhar de alguém um pouco mais atento seriam rapidamente identificadas.

— Não acho justo manter vocês dois separados, até porque as coisas por aqui não irão se resolver tão rápido, Estela.

— E se o Augusto o vir? Se perceber a semelhança?

— Eles são parecidos, mas também há muito de você em seu filho. Uma coisa de cada vez, tudo bem?

Fernando não entendia o meu medo. Não era apenas o pai do meu filho que eu não queria que soubesse a respeito dele, era o avô também.

Antes de Lucca eu não me importaria de o enfrentar, podia me cuidar sozinha, mas depois que meu filho nasceu... eu passei a temer por ele. A temer o que fariam se aqueles homens descobrissem a seu respeito.

— Te amo tanto, meu menino — murmurei, beijando sua testinha, fazendo-o rir.

E o som de sua gargalhada, como sempre, teve o efeito tranquilizante que eu precisava. A presença de Lucca, tornou todo o meu dia perfeito. Ele adorou a casa, correu por todos os cômodos, mais caindo do que permanecendo de pé. Lutou comigo para ficar apenas de fralda, como gostava. E não permitiu que eu chegasse perto de seu cabelo. Fernando passou uma parte do tempo perseguindo-o pelos corredores; e a outra, separando os documentos no escritório.

Somente quando a bateria de Lucca arriou, foi que Fernando conseguiu se sentar ao meu lado no sofá e olhar para tudo o que havia sido adiantado.

— Como foram os últimos dias? — perguntou, como se soubesse que havia algo de errado. — Vejo que teve muito trabalho.

Não havia dúvidas quanto a ser ou não honesta com ele.

— Ele esteve aqui... o pai de Lucca.

— Era de se esperar, Estela. Eu vi a forma como ele a olhou no cartório, aquilo não é jeito de um homem que esqueceu.

— O que Augusto não esqueceu foi essas terras — rebati, nervosa.

— Não acho que a obsessão dele se resuma apenas as terras, minha criança. Se fosse, e com o poder que ele tem, você já teria sido declarada morta há muito tempo.

Olhei para Fernando, que pareceu tranquilo em dizer:

— Você está me encarando como a mesma garotinha assustada que recebi anos atrás em minha casa.

— Não estou não! Eu não sou mais aquela Estela.

Esperei que houvesse um fundo de verdade no que dizia, porque a ideia de que estar de volta trouxesse à tona uma parte da velha Estela, deixava-me assustada.

AUGUSTO ALENCAR

Na capital...

Levi entrou na cobertura, fazendo-me desviar a atenção dos papéis sobre a mesa para encará-lo. Depois de dias vasculhando cada canto da última fazenda atingida pelo incêndio, o homem dera a investigação por encerrada. Sua viagem em nada teve a ver com os relatórios policiais, que não passavam de dados e informações completamente inúteis. Não, sua ida até a região que rodeava Betim fora para fazer o trabalho real, que até então eu duvidava que o departamento de polícia tenha se preocupado em fazer.

— Descobriu alguma coisa? — inquiri, sem paciência.

— Nada, a única pessoa que aceitou falar naquele lugar foi um bêbado que alegou ter visto um cabra estranho rondando a região... Cabelo comprido, barba por fazer...

Isso não ajudava em nada.

Fora que algo me dizia que o miserável responsável pelos incêndios, ainda não havia conseguido o que desejava. Isso era o que me preocupava atualmente, porque sem saber o que pretendia, eu não seria capaz de prever aonde aconteceria o próximo ataque. Até agora, as fazendas atingidas ficavam em sua maioria no interior de São Paulo. A última, no entanto, ocorrera próximo de Betim. Se fôssemos levar em conta a extensão das terras que possuía naquela região, e o quanto um único foco de fogo conseguiria destruir... era de se entender o meu nervosismo.

— Estive pensando, Augusto, que há algo mais que você deveria estar protegendo. — Eu o encarei. — Quem o conhece sabe o quanto todas essas terras significam para você... fico pensando então se o retorno de Estela não a tornaria um alvo.

Eu ainda não havia pensado nessa possibilidade.

— Qualquer pessoa que tenha me conhecido naquela época, sabe que ela foi o meu ponto fraco.

— Exatamente.

Meneei a cabeça, com a fúria corroendo-me por dentro.

— Você não pode perder a cabeça nesse momento, Augusto. Há muito em jogo. — *Acha que eu não sei?* — Assisti por anos você sofrer por essa garota, e agora que ela está de volta, se houver mesmo alguém tentando ferrar com você, a primeira coisa que ele irá fazer será atingir aonde dói. — *Estela* foi o nome que me veio à cabeça. — Você a quer? Lute por ela. Quer as terras? Lhe faça uma proposta que seja difícil dizer não, mas um conselho, Augusto, não envolva Sierra em nada relacionado à garota. Isso só dificultará a sua vida. E sim, eu sei que não pedi minha opinião, mas não quero ver o passado se repetindo.

Ele estava certo. Eu não pedi sua opinião, mas não podia ignorar o sentido que suas palavras faziam.

— Eu irei para Sertãozinho — falei, dando voz ao que realmente queria. — Não vou conseguir nada ficando sentado em frente a essa mesa... Tentei durante toda a semana, e não adiantou. Minha cabeça não está aqui.

Levi sacudiu a cabeça, discordando.

— Não é bem a sua cabeça que não está aqui.

A mulher que rege o seu coração... irá voltar.

Você precisará ser forte... ou perderá tudo.

Era sempre assim, tudo me fazia lembrar as palavras daquela cigana.

E ao mesmo tempo que o meu lado racional se recusava a crer no que dissera, o lado emocional, aquele que sentira falta de Estela e praticamente enlouquecera, ele temia que a cigana tivesse dito a verdade. Frustrado, avisei a Benjamin para que transferisse cada chamada e telefonema importante para o meu celular nos próximos dias e organizei tudo para que, naquele mesmo

dia, eu voltasse para o lugar em que o meu fodido coração se encontrava.

ESTELA SAAVEDRA

Deixei Lucca no sofá, comendo os pedacinhos de maçã que havia picado para ele, e corri pela casa à procura do celular chamando. Eu não me lembrava onde o tinha deixado, mas acabei por encontrá-lo sobre a bancada da cozinha.

— Alô? — Atendi sem fôlego, esquecendo-me de olhar para a tela.

— *Achei que não fosse atender. — Ramon. — Podemos nos ver? Eu gostaria de te passar uma proposta pela fazenda.*

— Você? Achei que fosse procurar um comprador... — Olhei para o lado de fora da casa, questionando-me como ele poderia me fazer uma proposta; e mais ainda, por que o estava fazendo. Fernando me dera um valor estimado do quanto eu poderia pedir, depois que as alterações fossem feitas, é claro, e meu Deus, era muito dinheiro.

Eu não conseguia sequer imaginar o que todo esse valor poderia comprar.

— *O que importa, é que venda, não?*

— Sim, mas... é muito dinheiro, Ramon — falei baixinho.

— *Não sou estúpido, Estela. Eu consegui um financiador, dinheiro não é o problema. Não mais.*

Hesitei.

— Por que quer essa fazenda, Ramon? Não faz sentido que queira voltar para Sertãozinho, depois do que passou aqui.

— *Eu disse uma vez que o mundo dá voltas, Estela. Adquirir essa fazenda será a minha forma de mostrar ao infeliz do Augusto que, diferente dele, eu não preciso de dinheiro “de papai” para nada.*

— Ramon...

— *Me dê o valor.* — A forma brusca como exigiu, soou muito parecida com a de Augusto quando contrariado.

— Eu preciso pensar, tudo está acontecendo rápido demais, e sequer terminei a reforma...

A ideia de vender as terras para Ramon não me agradava, até porque a última coisa que gostaria era de causar mais rixas entre ele e Augusto.

— *Não me enrole, Estela.*

— Eu... — Fernando entrou na cozinha, com Lucca em seu colo, distraíndo-me ao dizer que iria até a loja de ferramentas fora da cidade, e que levaria o meu filho junto. Assenti, nervosa com o telefonema, sequer tendo tempo de arrumar o cabelo do meu pequeno. — Eu vou falar com Fernando, Ramon — disse ao ficar sozinha. — E te dou uma resposta.

— *Não há nada o que se pensar, dinheiro é dinheiro, merda!* — soou nervoso. — *Achei que quisesse se vingar de tudo o que aquele filho da puta te fez, mas vejo que estava errado. Você não mudou nada, continua a mesma garota ingênua de antes... só não se esqueça de que tudo o que aconteceu no passado foi porque ele queria essas terras. E homens como Augusto não mudam, qualquer tentativa dele de te provar o contrário será porque sabe que você é a única que pode lhe entregar o que tanto deseja. Até porque não se trata mais de um capricho...*

— Do que está falando?

Ramon riu no outro lado da linha.

— *O Barãozinho corre o risco de perder vários contratos se não encontrar alguma propriedade para substituir o que perdeu recentemente. Pelo menos é isso o que o povo anda dizendo. Acho até que o tempo dele está correndo, e que a fazenda que você agora possui... seria a salvação dele, Estela. Por anos, ele estudou essas terras, a preparou para quando tivessem que ser tomadas. Então você chegou e atrapalhou todos os planos que ele fez...*

— Como sabe de tudo isso?

— *Lendo jornais, e escutando o que o povo mexeriqueiro fala.*

— Olha, Ramon... eu preciso desligar.

Não queria conversar a respeito dos atuais problemas de Augusto. Assim como a minha vida já não era da conta dele, os seus problemas também não eram da minha. Estressada, despedi-me de Ramon, que continuou a insistir em um encontro, e silencieei o telefone ao ver que não desistiria. Papai tinha razão em não gostar de celulares, eles incomodavam demais.

Quanto a vender as terras para Ramon, se fosse levar em conta a minha intuição eu não fecharia o negócio. Agora, se tivesse que levar em conta a segurança do meu filho, a fim de protegê-lo de toda essa gente, então não me restaria outra opção.

AUGUSTO ALENCAR

Estacionei o carro em frente à loja de materiais de construções, que foi onde avistei o carro do homem que Estela tomara como amante. Não que pretendesse fazer algo imprudente, *mentira, eu pretendia sim*, mas Fernando, o advogado, precisava saber que eu não desistiria facilmente de Estela. A garota era minha, sempre foi. E por mais raiva que sentisse em vê-la com outro, eu não pretendia recuar ou simplesmente aceitar. Nunca fui um bom perdedor, e isso não mudou com a idade.

Se houvesse qualquer traço de racionalidade comigo agora, eu daria meia-volta e entraria no cartório, que era a razão pela qual dirigi até a cidade, horas depois de pousar na fazenda. O problema foi que, ao reconhecer a caminhonete, eu não sosseguei enquanto não dei meia-volta e alterei o meu percurso, disposto a esperar até que o advogado desse as caras.

Pedir para que o infeliz se afastasse de Estela, quando eles obviamente já moravam juntos seria infantil. Para não dizer precipitado. Bater nele, pior ainda. Uma agressão a essa altura do campeonato só deixaria Estela mais nervosa. Se bem que, não acho que *não bater* fosse melhorar as coisas... A questão agora, eu pensei, era em como mostrar a minha cigana que

o fato de eu estar aqui, na cidade, em nada tinha a ver com as terras. Pelo menos, não completamente. Claro que eu as queria, se fosse para ser honesto, eu necessitava daquela maldita fazenda, mas Estela era a prioridade. Eu só precisava convencê-la.

Parado do lado de fora da loja, analisando o que faria quando ficasse cara a cara com Fernando, a minha atenção foi desviada até a entrada do estabelecimento, onde vi sair lá de dentro um garotinho endiabrado que passou como um foguete em direção a calçada, prestes a atravessar a maldita rua. Agarrei o garoto que usava apenas fraldas e meias, impedindo-o de continuar, enquanto ele gritava e esperneava por ter alguém o detendo.

— Solta *eu*. Solta *eu*! — O diabinho bateu o punho em meu peito, os cachos de seu cabelo cobrindo-lhe os olhos, não me deixando vê-los com clareza. — Solta *eu*, agora. Solta!

Ele continuou a gritar, as pessoas passando ao redor olhavam para a cena enquanto eu me perguntava o que fazer. Soltar o garoto, que com certeza sairia correndo, ou... entrar na loja e o entregá-lo à mãe relapsa que não vira o momento que o filho se afastou.

— Lucca! — Olhei para trás, deparando-me justamente com o motivo pelo qual eu estava aqui. Percebendo tarde demais que o Lucca a quem se referia tratava-se do bichinho selvagem em meu colo. — O que falei sobre sair correndo dos lugares?

Fui incapaz de esconder o nervosismo que me causou vê-lo olhando para o menino, e de forma inconsciente, eu afastei os cachos do rosto do garoto e o encarei. A expressão brava dele impediu-me de pensar com clareza, ainda assim, foi impossível deter o soco no estômago que me senti levar.

— *Vô atás da minha Estêla! Num te falei?* — O garoto encarou Fernando, emburrado, e depois olhou para mim. — Solta eu!

Naquele instante, eu soube quem era a mãe do diabinho.

— Sua mãe está em casa, eu já expliquei.

A confirmação veio, fazendo-me recuar assim que o miserável tirou o

garoto do meu colo. Minha boca ficou seca, e a sensação de ter levado um soco triplicou ao constatar que Estela tivera um filho com outro homem. Todo o amor que disse sentir, toda a palhaçada sobre crenças... e para quê?

Para se entregar a outro no instante em que virasse as costas?

Enfurecido, por muito pouco eu não fiz uma besteira. Só não cheguei a tanto, porque no instante que pensei em ir na direção de Fernando, o bichinho do mato em seu colo me encarou com a mesma fúria que eu sentia.

— *Vá bora, moço! Vá bora!*

Olhei para os dois com desprezo, pensando mil coisas ao mesmo tempo. E todas ruins.

— Você tocou em algo que me pertence — grunhi, feito um louco. — Colocou a porra de uma criança dentro dela! — Pensei no nosso filho, na criança que Estela perdeu e senti o coração quase sair pela boca, de tão nervoso que estava.

Sei que a ideia de ser pai não era algo recorrente em minha cabeça, e que também nunca desejei que o meu sangue se perpetuasse em outro ser humano. Mas eu preferia mil vezes isso, do que vê-la tendo filhos com outro homem.

— Não sei se conversaram a esse respeito, mas... Estela me amou. Ela foi minha antes de ser sua, e agora... — Olhei para a criança que parecia não ter medo de mim. Acho até que o diabinho tinha mais coragem do que muito cabra adulto por aí. — Estela ainda é... minha. Ou seria, se não fosse por essa criança.

As palavras saíram cuspidas da minha boca, e eu me recusei a olhar novamente na direção do menino. Fernando sacudiu a cabeça, como se eu estivesse dizendo bobagens. Como se não representasse qualquer perigo a linda família dele. Mas eu representava, ele iria ver.

— Tudo o que Estela fez quando a conheci foi falar sobre você. Não preciso de muito para compreender por que guarda tanta mágoa pelo que fizeram a ela. Não sou um homem ciumento, Augusto, diferente de você, pelo que vejo. Nem deveria pensar em te dar qualquer conselho também,

porque você já não é nenhum moleque, é um homem. Mas parece que não entendeu que esse ódio todo que sente, essa agressividade, faz com que fique cego. Incapaz de enxergar o que está exatamente a sua frente.

— Poupe-me de todo esse discurso inútil! Não preciso de conselhos, que dirá vindos de você.

— E é por isso que a perdeu, porque é intransigente. — Dei outro passo em sua direção, muito perto de perder a cabeça.

Mas então, eu me obriguei a parar. Havia uma forma melhor de destruir um homem.

— Você não percebe, não é? — Fernando me avaliou, o rosto impassível. — Não é possível que depois de tudo o que eu e aquela garota vivemos, ela tenha me esquecido...

— A quem está tentando convencer, Augusto? A mim ou a você?

Minha atitude era mesquinha, mas eu não queria ser o único a sentir dor aqui. E o choro do menino, chamando insistentemente pela sua *Estêla*, não apenas evitou que uma tragédia acontecesse como também rasgou, fora a fora, o meu peito.

Porque ele não era o único querendo aquela mulher.

E foi por isso que, quando Fernando se afastou com a criança em seu colo, eu não consegui olhar para qualquer um dos dois. Doía principalmente olhar para o garoto, porque ele não era meu.

O bebê que perdemos veio-me à mente. Assim como tudo o que disse a ela tantos anos atrás.

Talvez você não entenda agora, mas foi melhor assim.

A expressão devastada que tomou o seu rosto depois de escutar as minhas palavras ainda era nítida... Então não, eu não podia culpá-la por me odiar. Estela tinha todos os motivos.

O errado aqui era eu, porra.

Nervoso, adiei a conversa com o tabelião, e segui na direção contrária a qual o carro de Fernando fora. Indo exatamente para o último lugar que deveria. O problema era que nos dias de hoje, eu já não conseguia escutar a razão, sequer sabia se ainda a possuía. Ao chegar em frente à maldita casa, subi os degraus e não bati, aproveitei que no interior as portas dificilmente ficavam fechadas e entrei. Procurando-a pelos cômodos, deixei que as portas se fechassem e causassem um estrondo pelas estruturas velhas do lugar. Diferente da última vez, a casa agora tinha rastros da criança por todos os lados. Brinquedos, roupas... devo ter, inclusive, esmagado um ou outro dinossauro de pelúcia enquanto a procurava. Eu teria continuado a caça sem sentido, se não tivesse escutado o som baixinho de música vindo da sala de costura.

Parei ao vê-la de costas, perdendo todo o fôlego. Seu quadril, movendo-se de acordo com a música que ecoava de uma antiga vitrola.

*Ai, coração alado.
Desfolharei meus olhos
Nesse escuro véu
Não acredito mais
No fogo ingênuo da paixão
São tantas ilusões
Perdidas na lembrança
Nessa estrada
Só quem pode me seguir sou eu
Sou eu, sou eu, sou eu...*

Não era apenas Fagner e Zé Ramalho que pareciam lamentar pelo amor perdido, eu também o fazia. Meus olhos, no entanto, continuavam cobertos pelo véu que a garota à minha frente usara para cobri-los. Ainda assim, por mais cego que estivesse, como Fernando mesmo frisara, eu podia vê-la. Estela era, aliás, tudo o que conseguia enxergar no momento. Seu corpo se moveu um pouco mais, e eu recordei o sonho que tive com ela, tantas noites atrás. Todos os lenços, todo o mistério... A recusa em ser minha.

Me aproximei ao mesmo tempo que Estela se virou. A surpresa estampada em seu lindo rosto, fez-me parar e deter a vontade que tive de ir até ela e tomá-la como gostaria.

Meus olhos passearam pelo seu corpo, a expressão selvagem que lhe cobriu a face, a pouca roupa...

Então eu me lembrei da razão de estar aqui. Eu não queria beijá-la, queria esganá-la por se entregar a outro homem, por dar a ele... o que deveria ter sido meu. De mais ninguém.

— Augusto... você não pode ir entrando assim...

— Você teve um filho com ele? — Estela arregalou os olhos, em choque. — Como pôde, porra? Como pôde... — Fui até ela, vendo-a se afastar. Assustada. — Depois de tudo o que tivemos, você vai, se deita com um homem que tem idade para ser o seu pai, e tem coragem de...

— Sai daqui.

— Nós perdemos um filho!

— Eu disse, para... você. Sair. Daqui.

— Não me peça o impossível. Eu estou tão furioso...

— Você está furioso? O que acha que senti por todos esses anos? Hein, Augusto?

— Então você vai e engravida de outro? — Estela sacudiu a cabeça, nervosa. Empurrando-me, socando o meu peito. — Você era minha, não posso acreditar que...

— Cale a boca! Apenas cale a boca!

Eu não a segurei, não podia. A raiva explodindo em meu peito já tinha ganhado espaço, feito a minha cabeça.

— Sabe o que é pior? — grunhi, afastando-me. — Todo esse tempo à sua procura... e tudo em que pensei foi em me redimir pelo que te fiz. A culpa que sentia por você ter perdido o nosso filho. A porra do remorso! Isso me

corroeu dia e noite, Estela... ferrou comigo! Mas você superou, não foi? Foi lá e fez outro...

— Vá embora, eu já falei! — ela gritou.

— Eu vou. Porque não consigo sequer imaginar... — Olhei com desprezo para a casa, para ela. — Não suporto te olhar. Não suporto saber que todas as vezes em que jurou que eu seria o único em sua vida, era mentira. Você teve um filho, porra! Um filho, que não é meu!

Estela virou o rosto, apertando-se. Os braços fortemente cruzados em frente ao pequeno corpo como se precisasse disso para não cometer nenhuma besteira. Eu me sentia da mesma forma.

— E pensar que voltei a essa maldita cidade para dizer que te amava.

Ela ofegou, e por um segundo pensei que fosse cair. Minha intenção era a de acudi-la, mas a repentina voz de Fernando fez-me parar.

— Eu quero que deixe essa casa imediatamente, Augusto — grunhiu; e ao olhar para trás, eu vi a expressão calma no rosto do infeliz. O garoto estava agarrado às suas pernas, mas não fui capaz de olhar para ele. Era doloroso demais. Mais do que imaginei que algum dia seria.

— Eu vou sair. — Virei-me para Estela. — Tudo o que havia para falarmos, já foi dito, não é? Você está com ele... então que seja feliz, porra. — Mas longe de mim.

Onde meus olhos não pudessem vê-la com ele e o menino. Onde meus olhos não pudessem ver tudo o que eu havia perdido. Se eu tivesse ficado aquele dia quando descobri sua gravidez, se tivesse desistido daquele maldito plano, se não tivesse feito o que fiz com o seu pai...

Como se me estrangulasse por dentro, todos os erros que cometi se transformaram em um nó em minha garganta. O pior é que a sensação de perda de anos atrás havia voltado, como se eu a estivesse perdendo agora de novo.

Como se tudo tivesse acabado de acontecer.

Prestes a deixar a casa, eu parei. Sair por essa porta seria aceitar a perda, seria agir como no passado. Lentamente eu voltei, o coração batendo pesado dentro do peito. Não sei o que diria, o que faria... eu só precisava que aquela mulher entendesse que eu sentia muito por tudo o que fiz a ela. Que acreditasse em mim quando dissesse que nem tudo foi mentira.

Nada saiu como o planejado, é claro, e eu imediatamente estaquei ao olhar para o interior da sala. Estela abraçava o homem, o pai do seu filho. E a cena, por si só, foi mais do que suficiente para esfaquear o que restava do meu coração.

Prestes a me virar, eu me deparei com o olhar expressivo do garoto. O bichinho do mato ainda franziu as sobrancelhas grossas e colocou a língua para fora, como se zombasse de mim.

Entreolhamo-nos, reconhecendo um no outro um férreo adversário, até que me dei conta de que Lucca era apenas uma criança. Não alguém a ser enfrentado. Com dificuldade, dei as costas definitivamente a Estela. Porque, se a sua escolha era seguir em frente com outro homem, eu também seguiria com a minha vida.

CAPÍTULO 33

ESTELA SAAVEDRA

Com o cabelo molhado e um pijama antigo, eu caminhei pela sala, esforçando-me a manter a mente concentrada no que fazia. A visita de Augusto mexera comigo a tal ponto que não tive coragem de negar o que supôs. O que tão facilmente deu como certo. Mesmo que, no fundo, eu soubesse que deveria ter dito a verdade a respeito do *nosso* filho, eu simplesmente não consegui.

Até porque, como eu poderia imaginar que ao ver Lucca, Augusto pensaria o pior? Que me atacaria da forma como fez?

Com a cabeça doendo, olhei de soslaio para Fernando.

— Sei que estou fazendo uma bagunça, mas não foi a minha intenção te envolver...

— Eu também não neguei, poderia ter feito e não fiz. Acho que esse assunto é algo que vocês dois precisam conversar sozinhos, e que cabe a você revelar, Estela.

— Eu sei, é só que Augusto ficou tão furioso...

— Você o ama? — Meu coração não estaria tão arrasado se não o amasse.

Paciente, Fernando afastou algumas das caixas espalhadas pelo corredor, enquanto dava-me tempo para escutar as vozes sussurrando mil coisas diferentes em minha cabeça.

— A decisão de contar a verdade é sua, Estela. Assim como é sua a decisão de permanecer em Sertãozinho ou voltar comigo... — falou, algum tempo depois.

— Permanecer aqui?

— Lucca está feliz nessa casa, já percebeu? — Sim, eu havia percebido.

— Ele também é feliz na sua casa. Nós dois somos.

— Eu sei, minha criança. Só estou dizendo que eu consigo enxergar uma vida para você nessa casa. Você não?

Pensei nas paredes recém-pintadas, nos cômodos vazios lá em cima. No espaço que teríamos, até mesmo no jardim que sempre desejei plantar. Eu sempre me senti bem nesse lugar, como se fosse realmente um lar em que papai e eu pudéssemos nos assentar. Antes de ter sido enganada por todos, eu acreditei que teríamos essa chance. E agora, ao olhar para a casa, tão grande e espaçosa, eu já não tinha ideia se deveria vendê-la.

O que me inquietava era a possibilidade de viver tão perto de Alfredo e de todos que, no passado, machucaram-me tanto.

— Pense bem antes de tomar qualquer decisão, Estela. Mas saiba que, no que decidir, você terá todo o meu apoio.

Segurei sua mão e a beijei. Com a certeza de que o que Fernando dizia era verdade.



Havia fogo por todos os lados, queimando. Ardendo fora de mim. Fogo que não me tocava, mas que machucava como se o fizesse. E, ao mesmo tempo que eu assistia de longe as terras sendo incendiadas, eu também tentava alcançá-las. Mas não conseguia, por mais que corresse, por mais que estendesse as mãos. Era impossível tocar o fogo, fazê-lo parar. Então, ao desistir, o choro do meu filho era escutado, e eu acordava quase sempre suada sobre os lençóis limpos, sem quaisquer vestígios das cinzas espalhadas pelo vento. A voz em minha cabeça insistiu para que eu prestasse atenção ao sonho, para que encontrasse algum sentido nele. Mas, para mim, os pesadelos eram motivados pelo excesso de preocupação, e, conforme os dias passavam, corridos, como se o tempo se recusasse a olhar para trás, as palavras de Augusto foram insistentemente repetidas em minha cabeça.

E pensar que voltei a essa maldita cidade para dizer que te amava.

A cada vez que lembrava, eu tinha vontade de gritar. Como Augusto podia dizer algo assim e esperar que eu acreditasse? E o que o infeliz esperava que eu fizesse? Corresse para os seus braços? Fingisse que nada nunca aconteceu?

Eu queria ter a capacidade de colocar uma pedra nessa história, até mesmo para que pudesse ter paz. Mas Caetano esteve certo, eu era orgulhosa demais para esquecer o mal que me foi feito.

Pensar em Caetano só fortaleceu a minha convicção. Esse peso que atualmente carregava no peito poderia ser um sentimento do qual eu não tivesse qualquer orgulho, mas preferia senti-lo a esquecer o passado. Mesmo ciente de que a justiça que procurava, acabaria por cobrar um preço muito alto.

Sacudi a cabeça, e em vez de me preocupar com o futuro, decidi dar início ao meu dia. Com Lucca ainda dormindo, desci as escadas após tomar um longo banho, e, antes de me enfiar em mais arrumações, eu me juntei a Fernando no antigo escritório de Hortência.

— Você se importaria de ir até o cartório mais tarde, Estela? Surgiu um imprevisto com o testamento de um dos meus clientes, e...

— Eu não me importo. Será apenas para pegar as procurações, não é?

Assentiu.

— Lucca pode ficar comigo, eu só não conseguirei sair da frente desse computador por ora. Essas pessoas, quando encasquetam que vão morrer, começam a pensar em todo tipo de artimanha para dificultar a vida dos parentes.

— Foi assim com Hortência, não foi? — perguntei, apoiando-me no batente da porta.

— Hortência nunca quis dificultar a vida de ninguém, Estela — falou, paciente. — O problema nessa história era outro.

— Alfredo? — concluí e ele voltou a assentir.

Curiosa, eu entrei no escritório e me sentei em uma das poltronas, cruzando os pés sobre o estofado.

— Acredito que a obsessão de Alfredo foi o catalisador de toda essa confusão. Naquela época, o homem não sossegou enquanto não tomou a inocência de Hortência, que já era mulher feita, mas apaixonada. O problema começou quando ele descobriu que ela não poderia ter filhos, e aí, veio a obsessão pela mais jovem... que foi incentivada pelos pais das duas, que careciam de ajuda financeira.

— Hortência não podia ter filhos?

— Não, a coitadinha descobriu bem cedo. Só não achou que Alfredo se importaria. Os pais dela contaram a ele. E depois que se entregou a um homem poderoso como Alfredo, ninguém nunca mais quis tocá-la. Foi como se tivesse ficado...

— Marcada. — Ele assentiu, enquanto eu pensava que era assim que me sentia em relação a Augusto.

Marcada, como se houvesse em minha pele a cicatriz do ferro em brasa usado pelos senhores de antigamente.

— Tia Hortência nunca disse nada — falei. — Mas acho que, no fundo, eu sempre soube. A forma como ela conversava comigo às vezes...

— Hortência só quis te proteger. Até mesmo quando tomou a decisão de te deixar esse lugar.

— Ela me tornou um alvo — contestei.

— Sim, tornou. Mas você não ajudou muito, não é? Tenho certeza de que Hortência pediu para que ficasse longe de Augusto...

— Eu não consegui.

Ele sorriu.

— Você foi feliz, Estela? Durante o tempo em que ficaram juntos... ele te fez feliz?

Olhei para a estante de livros atrás de Fernando, não querendo me lembrar do quanto eu havia sido feliz. De todo o tempo que Augusto e eu passamos trancados em sua cobertura, ora fazendo amor, ora criando planos para o futuro. Os lugares que ele queria que eu conhecesse... as viagens que gostaria de fazer comigo.

— Sim — respondi, sem me atrever a olhá-lo. — Por vários momentos, Augusto me fez sentir a mulher mais feliz desse mundo, Fernando. Como também fez com que eu me sentisse especial. Amada. Ele dizia que o mundo me pertencia... bastava apenas que eu lhe pedisse. Mas tudo o que eu queria naquela época, era ficar com ele. Sem as mentiras, sem a enganação.

— E se não foi tudo mentira, Estela? E se houve algo de verdade...

Sacudi a cabeça, achando impossível.

— Ele mentiu. Em tudo. E eu o odeio por isso.

— Mas também o ama.

Levantei-me da cadeira, nervosa, e dei as costas a Fernando. Não sem antes dizer a ele que *amor não era tudo*.

Confiança sim.



Entrei no cartório, tendo a sorte de ser atendida de imediato pelo tabelião. Enquanto ele assinava os documentos que Fernando pedira para pegar, eu fui respondendo as suas perguntas com pequenos murmúrios: se eu pretendia permanecer na cidade, quando iria embora. O que Fernando e eu éramos. Ao terminar, eu guardei os papéis na bolsa que havia trazido comigo e me despedi do homem chato de tão curioso.

Sem pressa, e querendo aproveitar o meu tempo na cidade, eu descii as escadas do estabelecimento imaginando o que poderia levar para Lucca hoje. Meu menino ainda era muito pequeno para comer doces e as guloseimas das quais eu gostava. Isso não me impedia de procurar algo que fosse lhe entreter. Pensei nas meias que usava, e no quão difícil era encontrar parecidas. Infelizmente, assim que cheguei ao último degrau, eu me deparei com o próprio demônio na minha frente.

Porque, em minha cabeça, era esse o posto que Augusto ocupava agora.

Ignorando-o, eu andei para longe sem olhar em sua direção uma segunda vez. Augusto, implacável como era, me perseguiu pela calçada, pedindo para que eu o escutasse. Os olhares de todos na rua pareceram se ater a nós dois, cheios de curiosidade e teorias descabidas. Não sei quantos deles sabiam que no passado eu tinha sido a boba que se apaixonou perdidamente por esse homem, ou até se eles riram da minha cara.

— Será que dá para parar de me seguir, droga? As pessoas estão olhando...

— Deixem que olhem! Eu preciso falar com você.

Parei, encarando o homem que caminhava energicamente ao meu lado. Depois de dias sem dar qualquer vislumbre de sua existência, o homem ressurgia querendo falar comigo.

Isso precisava parar.

— Está me dando uma opção? Porque se estiver, a resposta é não, Augusto... para tudo o que tiver a dizer.

Meu braço foi segurado, o que nos fez ficar cara a cara.

— Eu tenho uma proposta a te fazer. Apenas a escute.

Olhei-o com desconfiança.

— Proposta pelas terras?

Ele hesitou antes de assentir, mas ainda o fez.

Decepcionada seria uma boa definição para a forma como me senti naquele momento.

— Não quero ouvir. — Puxei o braço do seu controle. — Você está perdendo o seu tempo, entende? Hortência não quis que você as tivesse, e agora eu entendo por quê. Tudo sempre será sobre elas, Augusto. Tudo! Apenas pense em todos esses anos... a energia que está gastando ao querer algo que, quando você morrer, já não terá qualquer importância. É apenas um punhado de terra e mato.

— Você está começando a falar como Hortência.

Se a sua intenção foi a de me ferir, ele não conseguiu.

— E você, como o seu pai. Agora pare de me perturbar!



Observei de longe, Lucca correr pela praça, onde o parque de diversões se instalara. A música de fundo era alegre, fazendo-me lembrar do tempo em que Suzana me levava nos brinquedos e me deixava comer algodão-doce. Tudo escondido de papai, que não aceitava que gastássemos

dinheiro com o que ele chamava de *besteiras*. Engraçado como, para Caetano, tudo lhe parecia uma grande e imensa besteira. Afastei a lembrança com pesar, e tentei não perder o meu filho de vista, que seguiu correndo por entre as pessoas.

O rostinho olhando para o céu, iluminado pelas luzes coloridas do parque. Essa era a sua primeira vez em um. Enquanto caminhávamos, procurei não me ater aos olhares que recebia. Olhares que já não tinham o poder de ferir, desde, é claro, que essas pessoas não se atrevessem a desprezar o Lucca.

Eu não as perdoaria se o fizessem.

— Eu vou pegar mais bebida para bebermos, deseja algo? — Neguei, tão ou mais fascinada do que Lucca se encontrava. Eu já não era uma criança, como as que passavam por mim rindo e se divertindo, mas conseguia ver o encanto de um lugar como este. Consequia ver a magia.

Em um segundo de distração, admirando a grandiosidade da roda-gigante, eu havia perdido Lucca de vista. Notei, assim que me virei na direção em que ele tinha estado instante atrás.

— Lucca? — eu o chamei, começando a ficar apavorada.

O procurei com o olhar, percorrendo cada canto do parque. Incapaz de conter a tontura que senti me dominar. O desespero de tê-lo perdido de vista foi tão grande, que mal enxerguei as pessoas por quem passava.

Eu estava prestes a pedir que anunciassem o seu desaparecimento, quando eu o vi nos braços de Augusto. O coração que já não cabia dentro do peito, pareceu inchar a ponto de me faltar as palavras.

— A mania que esse garoto tem de correr por aí ainda irá causar algum acidente... qual é a dificuldade de mantê-lo sob controle?

Qual? Será que Augusto não percebia que, apesar de estar em seu colo, Lucca se debatia e esperneava? Não era fácil para mim mantê-lo *sob controle*, mas eu me esforçava.

— Entregue-me o meu filho — pedi, insultada ao ver Augusto recuar.

— Onde está o pai dessa criança que não o viu se afastar?

— Me dê ele...

— *Home* mau... *Estêla*... — Lucca continuou a gritar, atraindo todo o tipo de olhar em nossa direção. — *Gande* e mau.

Filho e pai se encararam, a linguinha para fora de Lucca deixava claro a sua insatisfação por estar no colo de Augusto. As perninhas não paravam de se debater, assim como os bracinhos. Não era apenas insatisfação, havia um pouco de pirraça também.

Angustiada, eu tentei pegá-lo novamente. E dessa vez, ao me entregar, os dedos de Augusto roçaram no meu braço, arrepiando-me inteira quando ele o segurou. Por um segundo, imaginei que pediria para que eu não me afastasse, mas em seguida o seu olhar se contraiu.

— Estou atrapalhando algo? — A voz de Fernando foi ouvida, fazendo-me compreender sua reação.

Entreguei um Lucca agitado a Fernando, que nesses momentos era o único que conseguia contê-lo. A interação entre os dois fez com que Augusto perdesse a fala. Ouvindo o meu nome ser chamado, eu beijei a testinha do meu filho, pedindo para que se acalmasse; e, quando me virei na direção em que Augusto estava, tudo o que pude ver foram as costas largas e os passos ressentidos, afastando-se por entre a multidão.

— Está tudo bem? — Fernando desejou saber, obtendo um aceno como resposta.



Naquela noite, ao me deitar, eu invejei o sono de Lucca, que dormia profundamente ao meu lado. E, enquanto afastava o cabelo do seu rostinho, eu me lembrei da expressão carregada no rosto de seu pai. Mas que droga, por que Augusto não podia voltar para a capital e nos deixar em paz? A sua

presença me inquietava, deixava-me além de nervosa.

Insone, eu revirei na cama a madrugada inteira. E quando finalmente consegui dormir, o sono foi invadido pelo pesadelo dos últimos dias: fogo. Havia muito dele, mas, dessa vez, enxerguei além das chamas, conseguindo identificar quem seguia no centro de todo o incêndio. Assustada, eu acordei ofegante e procurei em meio à escuridão o corpinho pequeno do meu filho. Abracei-o com tanta força, que precisei me controlar, desejando pela primeira vez na vida, não ser capaz de sentir intuição alguma.

AUGUSTO ALENCAR

A fumaça do charuto nublou minha visão, como esperava que pudesse fazer com a dor cravada em meu peito. Que parecia zombar de mim, zunir em meu ouvido, que tudo pelo que eu vinha passando era apenas a forma que a vida encontrou de me fazer pagar por cada pecado cometido. Se assim fosse, eu precisava admitir que ainda havia muito pelo que ressarcir.

Nervoso, eu andei de um lado ao outro. Esperando que o charuto satisfizesse pelo menos alguns de meus vícios. O mais leve deles. Porque em seguida vinha o gosto pelo álcool, terminado em Estela. O maior vício que um homem poderia ter. Aquela mulher era a minha doença, a obsessão de uma vida.

Irritado com todo o martírio que vinha me causando, eu entrei na casa de Alfredo, ainda decidido a só arredar o pé dessas terras depois que conseguisse convencer Estela a me vender a fazenda. Se eu não podia tê-la, então eu não mediria esforços para obter o que desejava.

Após me vestir e barbear, eu me juntei a Alfredo na sala de jantar a fim de passar rapidamente pela tortura diária que era tomar o desjejum ao lado de alguém como o meu pai.

— Até quando irá ficar aqui, Augusto?

O encarei.

— Até que o que vim fazer esteja concluído.

— Está se referindo ao trabalho ou a maldita cigana? — quis saber.
— Achei que a essa altura, a obsessão pela infeliz já teria passado.

— Assim como passou a sua por Suzana? — Eu sabia que o único lugar para o qual Alfredo ia atualmente, era ao cemitério. De acordo com Francisca, essas suas saídas aconteciam em uma base quase que diária. Sempre o deixando transtornado ao voltar.

— Não envolva o nome daquela mulher nessa conversa!

— Você precisa deixar que Suzana tenha alguma paz, Alfredo...

— Suzana não me deu paz em vida, por que eu daria a ela agora? O que eu quero é que essa cigana queime no inferno... assim como...

— Como nossas fazendas? — Olhei sério para o infeliz.

— O que tem acontecido às nossas terras não têm nada a ver.

— Será que não, pai? O senhor nunca sentiu remorso por todos os erros que cometemos ao longo dos anos? Não acha que estamos pagando por tudo...

— Homens como nós não devem sentir remorso, Augusto. Estamos além de algo tão banal.

— Estamos além? O que acha que somos, pai? Será que não vê que já não somos intocáveis? Há um miserável agora mesmo arquitetando como nos destruir... queimando tudo pelo que passei anos trabalhando.

— Quer um conselho, Augusto? Pare de correr atrás dessa cigana, e dê logo um valor por aquelas terras. Se tivesse feito isso no passado, o Grupo Alencar não estaria passando pelas dificuldades que está... e o seu pescoço, meu filho, não estaria em jogo.

Alfredo se afastou, deixando-me com o gosto amargo que sua afirmação trouxe à mesa.

CAPÍTULO 34

ESTELA SAAVEDRA

Olhei-me no espelho, com saudade da antiga Estela, tentando não pensar demais no fato de que as roupas que vestia atualmente não tinham qualquer significado. Não revelavam o que havia em meu sangue. O calor dos ciganos. A magia da cultura. Ser como todas as outras garotas, não me encantava... Deixando o pensamento de lado, eu avisei a Fernando que iria até a cidade procurar pelo material necessário para finalizar as peças encomendadas pela dona do ateliê a quem eu as repassava.

Ao sair de casa, dirigi a rural de Hortência pela estrada de chão, agindo por impulso ao ir em direção à nascente. De acordo com o funcionário que Fernando contratou para consertar as cercas de divisa, uma caminhonete escura vinha sendo vista dirigindo por aquelas bandas nos últimos dias.

Desconfiada, eu tive a confirmação de que se tratava de Augusto ao reconhecer a caminhonete parada próxima à margem. O homem alto não se mostrou visível, obrigando-me a sair da rural.

Ao escutar o som dos cascalhos das árvores sendo pisados, Augusto se virou. A presença altiva, que lhe era tão comum, seguiu firme até mesmo em meio à mata fechada.

— Você não deveria ter vindo atrás de mim — declarou, com a voz grave.

— E você não deveria estar aqui. — Aproximei-me, dando-me conta de que nesse lado do mundo, nada havia mudado. A água continuava quase cristalina, as pedras e a mata ao redor, tornando o lugar alheio ao que acontecia lá fora.

— Do que mais sente falta, Estela? — Augusto perguntou, pensativo.
— Quando revive o passado, e...

— De nada.

— Eu não acredito em você. — Olhei para ele, vendo-o afundar as mãos nos bolsos da calça jeans. A barba, novamente por fazer, era algo atípico em Augusto.

— Não preciso que acredite, quero apenas que saia das minhas terras.
— O homem me encarou, só que de forma enervada.

— Eu vou dizer do que sinto falta: das horas que passávamos aqui. Das suas risadas altas, os seus beijos...

— Eu não.

— Sinto falta da época em que conversar com você não era tão difícil, Estela. Em que podíamos dizer tudo um ao outro...

— Eu era a única a dizer.

— Acha mesmo que tudo foi mentira? Se tem intuições, pressentimentos... eles não te dizem nada?

Sacudi a cabeça.

— Minha intuição deixou de falar comigo sobre você, depois que eu parei de escutá-la. — Elas tinham me pedido para ficar longe desse homem, não uma, mas várias vezes, mas eu não a escutei. Eu continuei. Fui teimosa. E então, ela parou de funcionar, pelo menos no que se referia a Augusto.

— Elas não funcionam comigo, é isso? — Assenti. — Então você não tem como saber quando estou sendo honesto ou quando estou mentindo?

— Hum-hum.

Augusto respirou fundo, sem paciência, e então perguntou:

— Você é feliz com ele, Estela? — Não soube o que responder, a verdade é que não queria ter de continuar com as mentiras. Melhor do que ninguém, eu conhecia o peso que elas tinham. — Só me responda, você é?

— Eu vou embora... — Virei-me, mas Augusto me segurou.

— Pare de fugir, e me responda.

— Faz diferença para você?

— Toda. Se disser que existe a mínima possibilidade de você e eu ficarmos juntos... eu lutarei para que...

— Não há — falei, com a esperança de que fosse me soltar.

— Então me venda as terras, se quer tanto ir embora e deixar o passado para trás; me venda a fazenda, Estela. Eu estou disposto a te pagar um valor acima do mercado, será tanto dinheiro que nunca mais terá de se preocupar com o futuro. Você e aquela criança...

— O nome dele é Lucca!

— Você e o Lucca estariam seguros financeiramente pelo resto de suas vidas. Pense nisso.

Balancei a cabeça, eu não precisava pensar em nada.

— Você está com problemas nos negócios? — Ele arqueou a sobrancelha, fitando-me duramente. — É por isso que precisa das terras?

— Quem te falou essa merda?

— Só me responda. — Cruzei os braços em frente ao meu corpo, protegendo-me do seu olhar abrasador.

— As razões não importam.

— Importam para mim.

— Não são exatamente problemas nos negócios, mas será se eu não substituir as terras que perdi nos últimos meses. A situação irá virar uma bola

de neve...

— Sinto muito. — E era verdade, mas não podia fazer nada.

— Aceite a minha proposta, então. Não seja teimosa.

— Você nunca vai entender, não é? Não se trata de teimosia, Augusto. Quando penso em toda a ilusão que criou, eu ainda não consigo aceitar que o que vivemos foi por causa de um punhado de chão... que eu me entreguei para um homem que...

— Não foi — disse com raiva. — No começo sim, porra, mas depois...

Ele meneou a cabeça, frustrado.

— Você não acredita em mim, e eu também não consigo acreditar no que me diz. Esse é o problema, você fala que sentiu remorso e que me procurou. Mas, quando a possibilidade de não ficar comigo surge, você se transforma nesse outro Augusto... e eu nunca gostei dele. Nunca!

— O estrago que fiz foi muito grande, não foi?

— Se coloque no meu lugar. Só uma vez. Pense se tivesse sido o contrário, se fosse eu a mentir para você...

O homem me encarou; e naquele mísero segundo, desejei que o passado e os dias que estivemos juntos voltassem. O tempo em que sentia que tudo era possível... e que o homem taciturno à minha frente era o amor da minha vida.

Em silêncio, eu não desviei os olhos de Augusto. Só conseguindo pensar no quanto queria que fosse mais fácil seguir em frente. Esquecer-me dele e do que vivemos. Como se seus próprios demônios o atormentassem, Augusto estendeu a mão, deixando-me aflita.

Porque eu soube o que ele queria com o gesto.

— Venha aqui — pediu em um murmúrio grave, e eu apenas balancei a cabeça.

Muita coisa se perdera com o tempo, mas acho que jamais esqueceria o que costumava acontecer com a gente quando a distância entre nossos corpos era eliminada.

— Não me negue você, não faça isso comigo. — Augusto me puxou, após entrelaçar os dedos ao redor da minha mão. — Tem alguma ideia de como está a minha cabeça, Estela? Eu já não penso no que estou fazendo, não há qualquer racionalidade dentro de mim desde que você apareceu.

— Não é minha culpa.

— De quem é então? — Suas mãos se espalharam pelo meu rosto, e Augusto fez o que eu não queria que fizesse, ele me beijou profunda e apaixonadamente, como fizera tantas outras vezes, fazendo-me questionar, não pela primeira vez, como era possível que mentisse tão bem.

Porque se as palavras que saíam de sua boca eram mesmo mentira, o seu olhar e toque, não deveriam parecer tão reais.

— Sua... a culpa é sua. — Ao me escutar, Augusto empurrou com ainda mais selvageria a boca na minha. O tamanho do homem me incapacitou ao me envolver em sua teia de sedução, consumindo-me pela força com que me beijou. A língua punitiva, forçando-se para dentro, dominou cada espaço vazio. Ainda tentei lutar, mas então... pensei nas noites que me prometi um único beijo a mais. Um único gosto.

Eu só queria lembrar como era ser amada antes de seguir em frente.

Por isso, quando Augusto me tomou em seus braços e nos levou até o carro, batendo a porta com força, eu não resisti. Eu me deixei ir, deixei-me ser beijada, acarinhada.

Sentada em seu colo, eu assisti a maneira como meus dedos se entrelaçavam aos seus devagar. Toquei a aspereza de sua mão, que assim que sentiu a minha se fechou sobre ela. Um desejo desesperado em meu peito gritava para que não o deixasse me soltar. Para que esquecesse a justiça que procurava e ficasse com ele.

Entreolhamo-nos, ambos calados. Enquanto minhas pernas relaxavam sobre as suas, eu apoiei as mãos em seu peito, sentindo-o bater, com tanta

força, que me perguntei se não tínhamos trocado de coração. Augusto me estudou, seu dedo passeava pelo meu rosto, saudoso. Aquietei o corpo, a alma agitada... o espírito selvagem lutando comigo mesma.

— Eu tomei muitas decisões ruins, Estela. Não sou santo, nunca serei. Mas se tem alguém nessa vida que merece um pedido de desculpas meu, esse alguém é você. — Seu polegar tocou o meu lábio. — O problema é que nem se lhe pedisse perdão pelo resto de minha vida, seria suficiente.

Recusei a deixá-lo saber o efeito desastroso que tinha sobre as minhas emoções. O esforço feito, no entanto, serviu apenas para que, quando a primeira lágrima deslizesse pelo meu rosto, ela viesse solitária. Como me senti em todos esses anos. Estendi a mão para limpá-la, mas Augusto não permitiu, seu próprio dedo a afastou de minha bochecha, instantes antes de ele voltar a empurrar a boca na minha, fazendo com que toda a mágoa entre nós dois se dissipasse.

Pelo menos, naquele momento.

— Perdoe-me — pediu, com a boca quente deslizando sobre meus lábios. O contato deixou-me inebriada. Cheia de um desejo que só conseguia sentir com esse homem. — Por tudo, Estela — murmurou, gravemente.

Abandonei a razão ao escutar o som do cinto sendo desafivelado, e sem que pudesse evitar, olhei para baixo. Para onde seus dedos desciam o zíper... revelando o membro excitado, extremamente duro. Sem pensar direito, ofegante como nunca, eu puxei o vestido longo que usava, mostrando-me como vim ao mundo. Nua. E agora, inteira dele.

— Porra — grunhiu baixo, não sabendo para onde olhar. Não havia calcinha ou sutiã, impedindo-o de ver cada parte íntima do meu corpo.

Não sei se Augusto havia notado as mudanças até então, mas a forma como fitou cada pedaço de minha pele, indicou que ele as veria agora. Desde os seios mais cheios, o abdômen menos plano, até... a cicatriz que eu tinha sobre a pélvis. Dar à luz ao filho desse homem não foi fácil, foram horas em um quarto de hospital sentindo dor; e, quando achei que não suportaria mais, eles decidiram por uma cesariana. Tive tanto medo, fiquei tão assustada.

Fechei os olhos, e outra lágrima deslizou, mas, dessa vez, Augusto não a limpou. Seu dedo desceu, delineando os bicos intumescidos, até alcançar a linha deixada por seu filho.

— Ele a marcou... a criança. Ele a marcou.

Era o que faziam todos os homens de sua família, não?

— Si-sim.

A língua de Augusto penetrou minha boca com um pouco menos de suavidade. Havia uma força contida nele; e, por baixo de toda a fachada de homem bem-educado e poderoso, havia um touro enfurecido esperando pelo momento oportuno de dar as caras.

— Sabe pelo que eu mais sinto, Estela? — Neguei, sem fazer ideia. — Por todas as lágrimas que te fiz chorar, mas, principalmente, por não a ter tornado minha prioridade... Eu posso não ter sido o único homem de sua vida, mas você foi a única para mim. — Vi-me prestes a protestar, mas Augusto me calou, não apenas com a boca, mas com o corpo. Seu membro penetrou-me de uma só vez. — Tive muitas mulheres, mas nenhuma delas ultrapassou o meu exterior, você sim.

As arremetidas lentas para dentro do meu corpo, tornou tudo mais intenso. Gemi baixo, sentindo-me expandir para suas estocadas. O vai e vem suave se transformou em uma onda de prazer tão intensa, que convulsionei, pulsando ao redor do eixo rijo. Nunca o tinha sentido tão duro, tão inchado dentro de mim. Os braços, o aperto, o beijo... Tudo que vinha de Augusto estremecia. Cada músculo latejava.

Apesar dos riscos que corríamos, eu gostei de senti-lo nua. Sem proteção ou barreira. Se fosse para ser a nossa última vez, que ela fosse perfeita.

De forma instintiva e cheia de saudade, o meu corpo estremeceu conforme Augusto me penetrava. Meus seios esfregavam-se em seu peito agora exposto. O sexo feito assim, sempre foi o mais gostoso. Era como se a ausência de espaço ao redor nos tornassem mais unidos, o encaixe mais profundo. Alucinada, eu me deixei levar por suas mãos ásperas e grunhidos

selvagens reverberados em meu ouvido enquanto era duramente tomada.

Minhas coxas o apertaram, bambeando sobre as pernas musculosas, que a cada impulso, batia contra a minha pele. O som de nossos gemidos e o estalo feito por nossos corpos ao se fundirem, espalhavam-se pelo carro abafado cujos vidros começavam a embaçar.

Suada, e absolutamente molhada entre as pernas, eu continuei a gemer. O som tornava-se cada vez mais alto dentro da estrutura de ferro. Os dedos de Augusto afundaram em minha bunda, levando-me de encontro às estocadas, enquanto a sua boca mordida o meu mamilo entre os dentes, deixando-me ensandecida.

Quando o prazer se tornou intenso a ponto de não conseguir manter os olhos abertos, eu o senti se esticar dentro de minha boceta. Como se ainda houvesse a possibilidade de ficar mais grosso. Uma estocada, duas... um aperto mais forte na carne da minha bunda e eu gozei, derretendo-me em seus braços enquanto o fazia grunhir e me encher inteira com o sêmen quente e espesso que saiu em jatos em meu interior.

— Porra, Estela. Apenas... — ele rosnou, feroz. O quadril bombeava para fora até o último resquício de gozo, inundando-me. E foi assim que me senti, cheia, inteira preenchida por Augusto. — Não vou aguentar te perder outra vez, minha cigana, não vou.

Enquanto respirávamos com dificuldade, mal recuperados do orgasmo, eu voltei a me sentir como eu mesma novamente. A realidade de tudo o que vivemos reassumiu o controle.

Não falamos um com o outro, não acho que havia muito a ser dito de qualquer maneira, mas nos sentimos. Nos tocamos. Até que o ar entre nós dois se tornou tão denso e carregado que eu saí de cima de Augusto, após me limpar, e sentei no banco de couro, que já não parecia tão quente como a sua pele.

Mantive os olhos fechados ao apoiar a cabeça no encosto. O vestido que havia retornado ao seu lugar, deslizava pelo corpo agora suado. Tornando-o *peguento*. Grudado por todos os cantos.

A razão voltou ao me recompor, uma decisão drástica sendo tomada. Não havia escolha, não se eu quisesse proteger o meu filho. E não se quisesse ter alguma paz.

— As terras, elas são suas — sussurrei, sentindo o último elo entre a gente se quebrar. — Eu as vendo para você, desde que prometa que não irá me procurar quando eu for embora. E que não tentará me tocar novamente. Essa foi... a nossa última vez.

— Estela. — Ele pareceu perdido com a declaração, mas eu não podia voltar atrás. Não era assim que esse reencontro terminaria.

— Vou pedir ao Fernando para que converse com você — falei, sem aparentar a tristeza que sentia. As palavras saíram rápidas, sem fazer sentido, tudo para que eu não o escutasse. — Não quero... e não posso mais permitir que algo assim volte a acontecer, Augusto. Não seria justo comigo.

— Eu já te pedi perdão, porra. Não faça isso...

— Você pediu, sim, mas em nenhum momento eu falei que o perdoava.

Saí da caminhonete de forma apressada, sentindo-o em sua borda. O homem estava chegando em seu limite, e eu não queria estar perto quando explodisse. Para a minha surpresa, assim que bati a porta do meu próprio carro, Augusto veio atrás de mim. Pedindo-me para abaixar o vidro e reconsiderar minha decisão.

O que me recusei a fazer, afastando-me ao dar engrenar a ré do carro enquanto lágrimas ralas escorriam pelo meu rosto.

Talvez não agora, mas quando a razão lhe batesse, porque ela iria, Augusto iria se dar conta de que tudo o que sempre quis em breve se tornaria dele. Esperava que isso fosse o bastante para aquele homem, porque essa tinha sido a minha forma de dar adeus a ele e a tudo o que vivemos.



Como se o estresse passado até então não fosse o suficiente; ao chegar em casa, acabei por me deparar com uma segunda caminhonete estacionada no lado de fora. Agitada pelo que havia acontecido, eu ainda tentei pentear o cabelo com os dedos, a fim de não parecer que tinha acabado de fazer sexo, e limpei o brilho molhado que cobria a minha bochecha. Fernando entenderia por que eu me encontrava suada, e inquieta. Mas o visitante, talvez não.

Não identifiquei a voz estranha que vinha do interior da casa, só o fiz quando Fernando e Ramon entraram em meu campo de visão. Antes de reagir, no entanto, eu fui abordada por Lucca, que se aproximou correndo e cambaleando para não cair, até que se agarrou nas minhas pernas, impedindo-me de continuar.

— *Estêla*. — Era tão difícil para ele quanto era para mim ficar longe, mas o tanto que pudesse evitar que as pessoas o vissem eu o faria. Levar Lucca até a cidade, não era uma opção.

Afastei o olhar do meu pequeno, e os fixei nos dois homens a se aproximarem. Fernando mostrou-se alheio ao nervosismo que a presença de Ramon exercia sobre mim; e por mais suave que fosse a expressão em seu rosto, eu soube que não poderia confiar nele.

Não se tratava apenas de intuição.

— Ramon veio me entregar a proposta que lhe fez há alguns dias.

Eu não havia contado nada a Fernando, porque não pretendia aceitá-la.

— Sim, eu... acho que acabei me esquecendo de te dizer... Nós podemos conversar a sós? — perguntei a Ramon, que assentiu, sorrindo.

Nos afastamos, indo em direção à varanda enquanto Lucca seguia atrás de Fernando para o interior da casa. Seus gritos e resmungos eram

capazes de serem ouvidos do lado de fora. Meu menino não parecia exatamente calmo com a visita também.

— Você não me disse que tinha um filho. — Foi a primeira coisa Ramon falou ao ficarmos a sós. — Deve ser difícil olhar para ele e constatar que é parecido com o pai... — O encarei. Como era possível que Ramon pudesse enxergar a verdade e o próprio pai de Lucca, não? — A julgar pela calma que vejo nessa cidade, Augusto não faz ideia, não é?

Não neguei.

— Você não deveria ter vindo aqui, sabe? Eu falei que iria pensar...

— Você sequer contou a ele sobre a proposta.

— Não contei, porque não quero vender para você. — A expressão de Ramon se alterou. — Fazer isso, acabaria causando mais guerra por essas terras. Não sou boba.

— Não? Se é assim, então me diga para quem irá vender... — Os olhos dele percorreram o meu corpo. Como se a verdade estivesse ali, em cada detalhe fora do lugar. — Não precisa responder, pela sua aparência eu aposto que andou trepando com o filho da puta por aí... se eu soubesse que era o que bastava para conseguir a fazenda...

Minha mão voou em seu rosto antes que ele terminasse. E após o tapa, veio o soco em seu peito, e depois outro, e outro.

— Não diga essas coisas para mim! — disse, agressiva. — Eu achei que você fosse diferente, Ramon, que nós fôssemos amigos. Mas você tem agido e se comportado como se fosse um deles! Eu não te reconheço. E se quer saber... a razão pela qual decidi vender a fazenda a Augusto, é porque eu preciso que ele se afaste de mim e de Lucca. Quero ser deixada em paz, seguir em frente. — Ramon olhou através de mim, e pude jurar ter visto a ameaça em seus olhos.

Mas então, eu afastei a possibilidade. Ele tinha a cabeça quente, mas jamais faria nada comigo. Não o Ramon que eu conhecia.

— Você acaba de cometer um erro, Estela. — Suas palavras e a forma

agressiva como me segurou causaram-me estranheza. Tentei me soltar, o que só o fez apertar mais o meu pulso. — O maior de sua vida.

Uma sensação ruim se instalou em meu peito ao vê-lo se afastar; e ao me virar, eu me deparei com o rostinho de Lucca colado ao vidro da janela olhando para nós dois. Não pude deixar de temer pelo meu filho, isso era o que mães faziam, não é?

Preocupavam-se.

Ainda assim, ao entrar, as noites recentes passadas em claro por conta dos pesadelos voltaram à mente, deixando-me desassossegada pelo restante do dia.

AUGUSTO ALENCAR

Na capital...

Essa foi a nossa última vez.

Bati o punho contra a mesa, antes de me levantar. E, desesperado para arrancar Estela da cabeça, eu virei outra dose de conhaque, que ao descer já não tinha gosto. Depois de perder a conta de quantos copos desse eu havia tomado, era esperado que o álcool já não me fizesse qualquer efeito. Eu já me encontrava dormente por fora, mas principalmente, por dentro.

Copo atrás de copo, era assim que eu estava desde a noite passada quando retornei à capital. Horas depois de ter estado dentro de Estela, de a ter sentido como minha... pela última vez.

Quando a porta do escritório foi aberta, comigo, recusando-me a entrar naquela maldita cobertura e ser assombrado novamente, eu soube que era Sierra. Não pelo cheiro, eu não dava a mínima para o que usava na pele, e sim pela raiva. Pela falta de emoção.

A sala, já gelada, tornou-se glacial enquanto eu me perguntava como pude achar que foder com essa mulher por todos esses anos fosse me fazer

esquecer a única que eu amava. *Como, maldição?*

— Por que não me contou sobre a proposta de venda? Ela aceitou, e você... em nenhum momento, imaginou que eu deveria saber?

Ergui o rosto, contrariado.

— Não contei porque esse assunto não é da sua maldita conta, porra!

— Não? O advogado dela acaba de me telefonar, ele quer marcar uma reunião. — Ao ver que eu não a escutava, Sierra se deteve. — O quanto disso você já bebeu, Augusto?

— Ao que parece, não o suficiente. Porque eu continuo ouvindo você falar.

— Estou preocupada, pelo amor de Deus, como pode ter se resumido a isso? Olhe para você.

— Eu olho. Todos os dias da minha vida. E quer saber o que eu vejo? Um homem amargurado que perdeu tudo o que importava.

Mulher, filho...

— Você não perdeu tudo, Augusto. Sobraram as terras.

CAPÍTULO 35

ESTELA SAAVEDRA

Nervosa, andei de um lado ao outro pela casa. Hoje era o dia. Augusto chegaria em breve, e eu já não sabia o que fazer para manter a calma. As unhas de minha mão? Todas roídas. Quanto a Lucca, ele continuou a me seguir pela casa, observando tudo o que eu fazia.

— *Tá bava, Estêla?* — Olhei para o meu menino, e balancei a cabeça.
— *Tiste, então?*

— Não estou brava e nem triste, meu amor, só... agitada. — Ajoelhei-me na frente dele e beijei sua testa. Eu o amava tanto, meu Deus! E não queria que estivesse aqui quando Augusto chegasse, até porque eu imaginava que ele não viria sozinho.

— Tudo certo — Fernando disse, ao encerrar a chamada em seu telefone. — O tabelião acabou de me informar que o avião de Augusto pousou na fazenda.

O som que escutei, então era ele.

Assenti, tentando não demonstrar o meu nervosismo, mas eu não era boa em conter emoções. Na maioria das vezes, elas apenas transbordavam. Odiava ter de dizer algo quando sentia o contrário. Mentir, para não revelar o que incomodava. O mundo do qual Augusto e Fernando vinham, não era um

mundo com o qual eu me sentia confortável.

— Vai ficar tudo bem — garantiu, enxergando o meu nervosismo por detrás da fachada fria.

AUGUSTO ALENCAR

Sierra desceu ao meu lado do King Air, respeitando forçadamente o humor introspectivo em que me encontrava. Não era como se eu quisesse discutir com ela algo sobre o que estava prestes a acontecer. Mais pensei do que falei nos últimos dias, mantendo todos afastados: Levi, Sierra, Benjamin. Usei esse tempo, inclusive, para repensar os seus papéis em minha vida. Quanto as terras, eu não deixei que meus pensamentos fossem até lá. Porque, se fossem, a imagem de certa cigana surgiria e ferraria com a tentativa de manter-me sóbrio por pelo menos 24 horas.

E, diferente do que imaginei, saber que em poucos minutos eu estaria assinando os documentos que me garantiriam a fazenda de Hortência, não me trazia qualquer sensação de vitória, pelo contrário. Era como se eu estivesse prestes a ter a derrota do ano. Era assim que me sentia, pelo menos.

Com o mesmo silêncio do início da viagem, Sierra e eu entramos no carro que seguiria em direção à casa de Estela. Um percurso que não levou mais do que poucos minutos. Fernando foi quem nos atendeu, calmo, ele nos acompanhou até a sala enquanto eu olhava ao redor procurando por eles. Se por Estela ou pelo garoto, eu não sabia.

— Onde ela está? — perguntei a ninguém em especial.

— Estela irá se juntar a nós em breve, foi apenas tomar um banho rápido.

Ótimo, a última coisa que eu precisava era a imagem dela debaixo de um chuveiro.

Respirei fundo, sentando-me em uma das poltronas, assistindo minha advogada, com toda a sua eficiência, analisar cada papel redigido, conforme eu me perguntava uma e outra vez o que estava fazendo ali, naquela sala

abafada, prestes a vender a alma para o diabo. Suando frio, eu alarguei o nó da gravata e procurei manter a calma. Estela não descia, e isso só me deixava mais inquieto. Assinar esses papéis deveria ser fácil, havia uma razão justificável dessa vez, ou as tomava e dava o pontapé nos planos que tinha para a fazenda, ou sofreria o prejuízo que as regiões incendiadas causariam. Era uma luta contra o tempo, e ele não parava.

O mais engraçado era que Benjamin e Sierra já haviam até mesmo começado os arranjos. A equipe que iria entrar em ação assim que o contrato fosse fechado, a escoação de terra, o plantio, tudo militarmente planejado. Eu só precisava assinar.

Do outro lado da sala, observando Sierra passar pelos papéis com o máximo de paciência e dedicação, o tabelião parecia tranquilo. Ele não era um grande fã meu, parecia temer me encarar de frente.

— Augusto. — Sierra me entregou a caneta, e eu comecei a ler por alto o documento de compra. Páginas e páginas, cheias de marcações feitas por ela para que eu me ativesse. Quando cheguei a última folha, nada mais podia me impedir de fazer o que desejei por tantos anos, nada, além da minha incapacidade de escrever o meu nome nas linhas pontilhadas.

Você tomou a decisão errada no passado.

Fechei os olhos ao escutar a voz da cigana em minha cabeça.

A mulher que rege o seu coração... vai voltar.

Você precisará ser forte... ou perderá tudo.

— Por que Estela ainda não desceu? — perguntei incomodado com o fato de ela não ter descido. Sua assinatura não se encontrava no papel, mas, de alguma forma, eu precisava olhar para o seu rosto antes de concluir essa porcaria.

Esse foi o momento em que a minha cigana saiu de trás da porta e entrou, dando-me a impressão de que estivera todo o tempo ali, a nos observar. Sem olhar na minha direção, ela atravessou o cômodo e se pôs ao lado de Fernando; sua atenção parou na mulher sentada confortavelmente na poltrona ao meu lado. Sierra e Estela se encararam firmemente. E o que vi no

rosto de Estela não foi diferente do que via quando ela me fitava.

Começando a aceitar o fato de que não havia outra opção, eu me ative aos papéis, agora sobre a mesinha de centro. Uma assinatura, era disso que se tratava a reunião.

Com a cabeça baixa, eu vi o momento em que a mão de Fernando segurou a de Estela. Ela a apertou contra a dele.

— Basta assinar, Augusto — Sierra insistiu, e sem pensar direito, eu joguei a caneta sobre a mesa recusando-me a assinar o documento que firmaria o adeus de Estela. Sofri demais nos últimos três anos, para aceitar perdê-la de novo. — Não faça isso... — Sierra entrou na minha frente, crente que iria me impedir de cometer uma loucura. — Tudo o que fizemos foi para conseguir essas terras, foram anos de trabalho, Augusto. Se você não assinar, tudo terá sido em vão.

— E se eu assinar... eu a perco.

Era uma escolha fácil.

ESTELA SAAVEDRA

Sacudi a cabeça, ao ver Augusto se levantar. Desesperada por imaginar a confusão que ele poderia armar aqui, tão perto de Lucca. O que será que pretendia agora?

— Que se foda, Sierra! — O escutei gritar com a advogada, que dizia algo baixo em seu ombro. — Eu não me importo.

Augusto me encarou, e eu parei de respirar por um minuto.

— Assine os papéis — pedi quando ele deu um passo em minha direção. — Assine. Esses. Malditos. Papéis.

O infeliz se negou, sem se importar com Fernando ou Sierra. Sem se importar com nada.

— Fique comigo, porra. — De novo não, de novo não. Chegaria um momento em que eu me cansaria de negar o meu amor a esse homem. Então

ele precisava sair da minha vida, logo. — Esqueça o passado, pelo amor de Deus. Nos dê uma chance!

O que ele me pedia exigiria tanto de mim. Tanto, que eu não sei se conseguia.

— Augusto, se você não vai assinar, vamos embora...

Ele não a encarou, sequer lhe deu ouvidos. E, ao ver que ninguém o impediria, Augusto me segurou pelo rosto.

— Não faça isso conosco. Não me peça para deixar de te procurar, de querer você. Porque nós dois sabemos que isso não vai acontecer.

— Você precisa parar, Augusto. Precisa. Parar — murmurei baixo, sentindo o peito ficar apertadinho.

— Ele sabe? — perguntou, perdendo as estribeiras; o olhar em seu rosto tornando-se perigoso. — Sabe que fizemos amor, dias atrás? Que você chorou em meu colo? Que chorou, porra!

Fernando entrou na minha frente, empurrando Augusto. A bagunça ao redor se formou enquanto eu olhava para o homem que amei, o homem que sabia, lá no fundo, que ainda amava, e pensava no que estávamos fazendo.

— Eu fiz amor com ela... — ele continuou a gritar, tornando-me alvo do olhar esmagador de Sierra. — Não pensamos em nada, foi passional...

Ele não precisava me lembrar disso.

— Qual é o seu problema, Augusto? — Fernando quis saber, era raro vê-lo nervoso, mas era assim que se encontrava hoje. — Não vê que só tem piorado tudo? Olha o que tem feito a Estela...

— E o que *ela* está fazendo comigo? Eu errei, mas não acha que já paguei por isso?

— Augusto... — Sierra tentou tirá-lo dali, mas ele passou não apenas por ela como pelo Fernando.

— Diga alguma coisa, qualquer coisa, merda. Mas diga!

Meu coração doeu, e então, eu olhei para os papéis sem a sua assinatura, pensando que tudo se resumia a eles. Ao me virar para Augusto, ao olhar dentro de seus olhos, eu fiz o impensável.

— Eu amo o Fernando, isso é tudo o que eu tenho para dizer.

Augusto se conteve, a raiva que exibira até agora se dissipou como se algo dentro dele tivesse morrido. E ali, diante dos meus olhos, eu o vi se tornar o homem detestavelmente frio que conheci tantos anos atrás.

Sem dizer nada, ele se virou com calma e me deu as costas. Passando direto pela figura do meu filho, que seguia parado nos primeiros degraus da escada e que tinha visto tudo. O olhar de Lucca o acompanhou, e eu não soube o que se passava em sua cabecinha, apenas que ele parecia assustado. Sierra, como imaginei, me encarou com desprezo e em seguida seguiu atrás de Augusto. Só que, diferente do patrão, ela não passou direto. Ela parou, encarou o menino e se voltou na minha direção com o olhar implacável. Soube naquele momento que ela enxergara a verdade.

O que faria com a informação eu não tinha ideia.

CAPÍTULO 36

ESTELA SAAVEDRA

Semanas depois...

Ajoelhei-me em frente à lápide de Suzana enquanto as rosas em minhas mãos recebiam os respingos da garoa que caía. Quando saí de casa essa manhã, não havia indícios de que choveria, e mesmo que houvesse, não acho que teria me impedido. Com Lucca dormindo na parte de trás da rural, após a bagunça feita dentro do supermercado, eu separei as rosas que havia comprado na floricultura da cidade e coloquei com cuidado sobre o mármore frio do túmulo.

A decisão de permanecer em Sertãozinho até que a venda da fazenda fosse concluída, pareceu-me ser a mais sensata. Lucca deveria ter retornado com Fernando, mas não consegui. E com a saída de Augusto da cidade, eu não vi por que temer que ficasse. Conforme os dias se passaram, eu me dei conta de que Sierra jamais contaria a verdade a ele; a advogada o queria para si mesma, sempre quis. E admitir a existência de um filho dificultaria seus planos, com toda a certeza. Não que eu estivesse tranquila com o fato de o caminho estar finalmente livre para que colocasse as mãos sobre Augusto, porque eu não estava.

Mas havia tomado uma decisão, não é?

Fernando ficou conosco no começo, e a cada final de semana ele aparecia para nos ver. Não era uma viagem rápida, e eu sabia que essa era a forma dele de se mostrar presente em nossas vidas. Ainda assim, nós nos falávamos todos os dias por telefone. Eu ainda sentia falta das noites que passávamos em seu escritório, com ele lendo livros para mim, sentia falta também de Alice. O que me confortava era saber que em breve estaria com eles, tudo o que eu precisava era de um comprador. Já que Augusto realmente se recusara a assinar o contrato de venda.

Nos minutos em que passei ali, rezando pela paz de Suzana e Hortência, que haviam sido enterradas lado a lado, eu contei a elas tudo o que vinha acontecendo. Sentia tanta saudade, que era difícil deter as lágrimas em meus olhos.

Passei as mãos sujas de terra na calça jeans ao me levantar, e me virei, prestes a ir em direção ao carro, hesitando ao enxergar Alfredo, a poucos passos de distância. Ele não havia se aproximado, provavelmente, por me ver em frente ao túmulo de sua esposa.

Ciente de que, para poder sair, eu teria de passar por ele, eu caminhei atenta. Mantendo em segredo o medo secreto que tinha desse homem.

Ao ficarmos quase lado a lado, eu o escutei dizer:

— Você não aprende nunca, não é?

Eu não iria parar, não ia. Mas então...

— Maldito foi o dia em que pisou nessa terra, cigana.

Virei-me para ele.

— E maldito foi o dia em que o senhor saiu da barriga da coitada de sua mãe, seu homem miserável!

— Sua...

— Sua, o quê? Vai me chamar de imunda? Dizer que não tenho onde cair morta? Nós dois sabemos que isso não é verdade, eu não só tomo banho todos os dias, como agora... sou dona da fazenda de Hortência.

Seu rosto se tornou um pimentão, por conta da raiva.

— Que mentira contou para o meu filho, para que ele acreditasse na balela de que o moleque é de outro? — A forma reativa em que me encontrava foi trocada. E eu tentei, com muito custo, respirar fundo. *Ele sabia.*

— Não sei do que o senhor está falando — fiz-me de desentendida.

— Não me tenha como tolo, garota. Está na cara que o pirralho é meu neto!

— O senhor não o viu, como pode saber?

— Então ele é, não é? — Não confirmei nem neguei. — Não se preocupe... eu não irei contar o seu segredo. Por mim, você e essa criança podem ir para o inferno que eu não daria a mínima. A única satisfação que sinto com a situação é saber que Augusto tem vivido na pele o que eu passei com Suzana. Talvez assim, ele seja capaz de entender tudo o que fiz...

— O que você fez foi machucá-la!

— E o que acha que ela fez comigo, garota? Suzana não é inocente, ela se casou sabendo o homem que eu era, sabendo que sua irmã era apaixonada por mim. Ela se casou, porque sabia que eu iria tirar a família dela da miséria... Se eu soubesse que seria deixado, e que veria o meu mundo ruir com a partida daquela infeliz, eu jamais a teria deixado entrar em minha vida. — Engoli em seco, porque ele me pareceu honesto. Pareceu realmente sofrer. — E isso é exatamente o que você tem feito com Augusto. Você o está destruindo, não é melhor do que a vagabunda que deu à luz ao meu filho.

Alfredo passou com sua bengala em mãos, e se dirigiu à lápide da mulher que ele com certeza amou. Não dei ouvidos a ofensa que me dirigiu, porque o choque de saber que toda essa raiva era motivada pela decepção... deixou-me confusa. Hortência amava Alfredo, que amava Suzana, que abandonou o filho, para ficar com o meu pai. Um pai, que me virou as costas porque me apaixonei por Augusto. *Meu Deus...*

O encontro com Alfredo, e a descoberta de que ele sabia a verdade sobre Lucca, fez-me questionar se deveria continuar ou não na cidade. Já não

era apenas um segredo meu, Ramon, Sierra, o demônio... todos sabiam. Augusto não iria demorar a descobrir, em algum momento a verdade seria dita ou revelada sem intenção, e eu não gostaria de estar perto quando acontecesse.

Infelizmente, afastar-me da cidade no momento era impossível. Mas não era para o Lucca. Por isso, quando amanheceu, a primeira coisa que fiz foi telefonar para Fernando e o avisar de que estaria levando Lucca para ficar com ele por alguns dias.

Intuição ou não, eu sentia no fundo do meu coração, que algo iria acontecer. Os pesadelos mais frequentes estavam aí como prova. O suor em que eu acordava, a sensação de estar quente. Ardendo em febre. Eu só esperava que se fosse algo de ruim, que acontecesse comigo e não com o meu filho.

AUGUSTO ALENCAR

A sala de reuniões encontrava-se ocupada pelos acionistas minoritários que vinham me pressionando para uma tomada de decisão. Com 70% de ações, não havia a possibilidade de que eu fosse deposto, mas a insinuação feita por Alfredo, semanas atrás, ainda martelava em minha cabeça. Talvez por isso, todos estivessem tão nervosos. Imaginando um mundo em que eu não teria todo o controle, engalfinhando-se antes do tempo, sem nem ao menos saberem que eu jamais entregaria a minha posição.

Não havia perdido tanto, para chegar agora e entregar de mão beijada a presidência. Essa empresa era minha, tirar o meu pai foi fácil, ele estava insano. O mesmo não aconteceria comigo. Em primeiro lugar, por que não havia nenhum herdeiro legítimo para assumir a minha posição; e em segundo, porque eu não era estúpido. Antes mesmo que cogitassem a ideia, eu os avisaria para que não perdessem seu tempo.

— ... o que não queremos ver, é Augusto afundando a empresa com a falta de prudência que tem mostrado nos últimos anos. Talvez tenha chegado o momento de tomarmos uma atitude, uma decisão em benefício do Grupo.
— Sierra me encarou, de sua posição, e Benjamin abaixou a cabeça, um

sorriso discreto, lamentando a fala do infeliz que havia dito as últimas palavras.

— Quanto quer pelas suas ações? — inquiri, de forma direta fazendo o homem ficar pálido. — Dê-me o preço, ou cale a boca. Se não está satisfeito com a forma como lido com os meus negócios, a porta da frente é serventia da casa.

— Você tem um compromisso com a gente, com o mercado aberto...

— Eu o fecho se for preciso. Compro as ações de todos dentro dessa sala de volta. Só não quero que encham a minha cabeça com cobranças. Eu reergui essa empresa enquanto vocês assistiam calados ela afundar, não venha me dizer então o que fazer agora!

O homem suspirou, mostrando-se ainda mais nervoso.

— Quer saber? A reunião acabou — declarei. — Eu tenho mais o que fazer do que ficar escutando vocês reverberarem em meus ouvidos.

— Augusto. — Sierra me pedira por prudência. Algo que não vinha fazendo muito nos últimos tempos. A verdade é que desde que deixamos Sertãozinho, após eu me recusar a assinar os papéis, a mulher mostrava-se irritadiça. Preocupada.

Levantei-me sem lhe dar ouvidos, e deixei a sala de reuniões, tendo o desprazer de me deparar com minha secretária.

— O Levi está procurando pelo senhor. — Continuei a me afastar. — Aconteceu algo, está passando em todos os noticiários...

Não esperei por Levi para obter informações, e ao me trancar no escritório eu imediatamente coloquei no canal de notícias. A voz da jornalista sendo abafada pelo fogo que ainda queimava atrás dela.

“Há cerca de uma hora, a fazenda Santa Maria, uma das maiores da região de Betim, foi atingida por um foco inexplicável de incêndio, a causa ainda é desconhecida, porém o fogo já se alastrou por toda a área, inclusive, a mata nativa preservada ao redor dos cafezais. De acordo com as autoridades, incêndios assim podem ser causados não apenas pelo clima

quente e seco, como também por conta de fagulhas provocadas por relâmpagos ou até mesmo a ponta de um cigarro. As investigações começarão em breve, porém, vale salientar que essa não é a primeira vez que as fazendas do empresário Augusto Alencar Gouvêa, o presidente do Grupo Alencar, sofre com focos de incêndios. Augusto será intimado a depor em breve, se ficar comprovado que as causas da tragédia poderiam ter sido evitadas. A multa, caso o empresário seja considerado culpado, gira em torno de...”

Não era possível, merda. A bobagem que essa jornalista dizia em rede nacional, chegava a ser ridícula de tão inviável.

— Augusto. — Levi se deteve ao perceber que o meu foco continuava no noticiário. E, quando *a autoridade* apareceu, empurrando a culpa para o *empresário desatento e descuidado*, eu cerrei os dentes, o punho e todo o corpo.

Multa milionária foi tudo o que escutei. Funcionários feridos, também.

— Por que só estou sabendo desse incêndio agora? — Virei-me para Levi, sentindo uma calma que não me pertencia. — Eu quero o nome dessa jornalista, o nome do policial que deu a entrevista. Quero tudo isso em minha mesa! Mas, acima de tudo, Levi, eu quero o nome do desgraçado que está tentando me destruir.

“... O empresário ainda não se manifestou sobre o incêndio, e quando perguntado se não seriam incêndios criminosos, os policiais descartaram a possibilidade...”

Havia sangue em meus olhos. E em breve, também haveria em minhas mãos.

ESTELA SAAVEDRA

Pelo retrovisor, pude ver Lucca dormindo em sua cadeirinha. Meu filho não gostou muito da ideia de retornar para a casa de Fernando. Foi difícil convencê-lo de que seria por pouco tempo, no entanto. Mas se fosse

para ser honesta, eu preferia que ele ficasse sob os cuidados do meu amigo e de Alice, algo que deveria ter acontecido desde o início. Talvez assim, tantas pessoas não ficassem sabendo a seu respeito. Se pudesse escolher, eu também não permaneceria em Sertãozinho, não por não me sentir em casa na fazenda, porque eu me sentia, era mais pelo medo que vinha tomando conta de mim.

A sensação ruim...

Respirei fundo e continuei concentrada na estrada, o som ligado baixinho enquanto eu dirigia. Não havia chegado a trinta minutos de viagem quando o carro atrás do meu começou a acenar com o farol. Diminuí a velocidade, esperando que ultrapassasse, mas ele também reduziu. Ignorei os sinais de alerta, e acelerei a rural, para que pudesse retornar à velocidade em que estava. Só que antes que pudesse, o carro acelerou e me cortou. Entrando na frente, e impedindo-me de continuar.

Encarei o carro atravessado na estrada, com meu coração parando ao esperar pelo que iria acontecer. Os vidros eram escuros e, por mais que tentasse, eu não consegui enxergar nada em seu interior. Não, até que dois homens encapuzados saíram de dentro dele. Ambos armados.

Tudo aconteceu rápido, eu dei ré na caminhonete a fim de sair dali, mas o tiro em um dos pneus tornou minha tentativa de escapar impossível. Fechei os olhos, pensando no que fazer, em como proteger o meu filho. E em um impulso, eu comecei a tirá-lo de sua cadeirinha, mas tive o braço e o corpo puxado para fora.

— Não! — gritei, enquanto me debatia. Meu olhar preso ao Lucca, que começava a acordar. — Por favor, não nos faça mal... eu não tenho dinheiro...

— Nós não queremos dinheiro, garota. Apenas que fique quieta. — Vi o outro homem abrir a porta atrás, e se atrapalhar ao tentar pegar Lucca.

— Por favor... não faça mal a ele, faça a mim, mas não a ele — pedi, deixando de pensar.

O choro de Lucca preenchendo meus ouvidos, tornou o zunido ensurdecedor. Os homens gritaram um com o outro, tomando decisões que

não fazia ideia de quais eram. Tudo o que eu via era o homem se afastando com o meu filho. Chutei o infeliz que me segurava, mas ele me agarrou pelo pescoço, com o intuito de me fazer parar de gritar.

Mas eu não parei. Porque se desistisse, eles levariam o meu menino. O tirariam de mim. Continuei a lutar com o miserável, que tinha facilmente o dobro do meu peso, e com um único empurrão me desestabilizou batendo a coronha da arma em minha cabeça, fazendo-me rapidamente perder os sentidos.

AUGUSTO ALENCAR

De pé, em frente à sala de embarque particular, eu observei o bimotor na pista. Em questão de minutos, Levi, Benjamin, Sierra e eu estaríamos voando até Betim. Algo que, se tivesse dependido unicamente de mim, teria acontecido na noite passada. Sierra e Ben, no entanto, não permitiram. Eles queriam trabalhar comigo uma possível declaração, garantir que eu não diria ou faria nada que viesse a piorar ainda mais a imagem do Grupo. Com as mãos enfiadas no bolso do terno, eu fechei os olhos por alguns instantes. Mas nada, absolutamente nada, me veio à cabeça.

Apenas a certeza de que eram pecados demais pelos quais pagar.

— Augusto — Levi chamou, mas eu não virei. Porque a cada vez que escutei esse exato de tom voz sair de sua boca, uma bomba explodia sobre a minha cabeça. — Você precisa atender essa ligação.

— Agora não, Levi. — Eu não tinha mente para lidar com nada no momento.

— É importante...

— Eu disse que agora não, diga que retorno quando pousarmos. Eu não consigo...

— É a Estela, Augusto. Aconteceu algo com ela e o menino. — Virei-me, o encarando. A expressão em seu rosto não era melhor do que o tom de sua voz.

Hesitei antes de pegar o aparelho em sua mão, e quando o fiz a voz que identifiquei no outro lado da linha foi a do Fernando. As palavras reverberando em meu ouvido era a última coisa que eu esperava escutar naquele momento.

— *Só conseguirei chegar à noite, não quero que ela fique sozinha por todo esse tempo.* — O homem parecia desesperado. E não era o único.

A diferença era que eu já havia levado tanta porrada da vida nos últimos anos, que me tornei indiferente a elas. Ao encerrar o telefonema, Levi deu-me algum tempo, não que eu precisasse dele. A decisão já tinha sido tomada.

— Sertãozinho — concluiu, e após o meu assentir, ele se dirigiu ao bimotor a fim de repassar a mudança no plano de voo ao piloto.

Ao se afastar, notei a expressão furiosa de Sierra. A coletiva de imprensa que ela organizara, todo o cuidado que tomou para que a situação não saísse do controle... todo o planejamento escorreu pelos seus dedos.



Segui pelo corredor do hospital, dirigindo-me ao quarto em que Estela se encontrava. As informações obtidas através de Fernando não tiveram qualquer efeito tranquilizador, pelo contrário. Deixaram-me furioso. Escutei seus gritos antes mesmo de a ver, Levi e eu trocamos olhares que deixavam claro que algo precisava ser feito com urgência.

A polícia já havia sido acionada, mas nós dois sabíamos que colocar o desaparecimento de uma criança nas mãos de qualquer pessoa que não fosse de confiança nesse momento não o melhor a se fazer. Ainda assim, havia algo em tudo isso que eu não compreendia.

Por que levar o garoto? O que ganhariam prejudicando Estela?

A gritaria continuou, e só foi diminuída porque, ao olhar para a porta,

Estela dera-se conta da minha presença. O ofego baixo que liberou, causou-me um frio incomum no estômago. Eu não sabia se ela estava ou não aliviada por me ver, mas esperava que sim.

Aproximei-me, vendo o hematoma ainda vermelho na lateral do seu rosto. A enfermeira com quem gritava se afastou, contrariada, dando-nos alguma privacidade após lhe medir a pressão.

— Quem fez isso a você? — perguntei, tocando com cuidado o seu rosto. A voz grunhida, saiu mais controlada do que imaginei.

— Levaram o meu menino, Augusto... eles levaram.

— Quem? — insisti, querendo muito saber.

Estela sacudiu a cabeça confusa, fora de si.

— Eu não sei, mas preciso que o encontre para mim. Você tem que encontrar, Augusto, por favor.

— Como aconteceu? — Fernando explicara por alto, mas para que tomasse qualquer decisão, eu precisava saber. Levi escolheu esse momento para entrar no quarto, sabendo que qualquer informação nos ajudaria.

— Dois homens... eles entraram na frente do carro... havia armas, Augusto. E...

— E?

— Eles me puxaram, ficavam gritando um com o outro... não consegui identificar as vozes, tudo o que sei é que em seguida eles foram até o Lucca e o pegaram. Eles não me queriam, e sim ao meu filho. Eu senti.

— Dê-me mais detalhes.

Ela sacudiu a cabeça, nervosa.

— Você não está entendendo! — gritou, transtornada. — Eu quero o meu filho, Augusto. Eu preciso dele. — Uma cachoeira de lágrimas deslizou pelo seu rosto. — Ponha os seus homens atrás dele, ponha o Levi... qualquer pessoa, mas por favor... ache o meu filho. Ele é... Lucca é tudo o que eu

tenho, não suportaria perdê-lo. Não suportaria.

Não consegui lhe fazer qualquer outra pergunta, apenas a puxei para os meus braços, contendo sua dor, a abraçando. Levi permaneceu do outro lado do quarto, assistindo a cena, sua cabeça provavelmente registrando tudo o que fora dito.

As palavras *faça alguma coisa* escaparam de minha boca em um murmúrio, levando-o a se retirar.

CAPÍTULO 37

AUGUSTO ALENCAR

Estela dormiu pelo restante da manhã, e, um pouco antes de receber alta, já que a ferida não lhe causara dano interno, eu escutei o noticiário na sala de recepção da ala médica. O volume era baixo, mas pude ouvir cada palavra deixada da boca de Benjamin que assumira o meu lugar na coletiva. Perguntas foram feitas, o bombardeando, e como o meu homem de confiança, Ben respondeu exatamente o que me aconselhou a dizer. Com uma calma e tranquilidade que eu jamais teria conseguido. Se fosse eu em seu lugar, eu provavelmente teria mandado os jornalistas à merda após a quarta pergunta idêntica à anterior.

— Como Estela está? — Levi perguntou, juntando-se a mim após se afastar do delegado em frente ao quarto.

— A enfermeira irá ajudá-la a tomar um banho, o médico irá passar no quarto em alguns minutos.

O segurança assentiu.

— Consegui entrar em contato com um amigo, ele irá se juntar a nós em breve — Levi explicou por alto que esse seu amigo era um aposentado do departamento de polícia, e que hoje atuava como conselheiro em casos de sequestros e resgates. — Entrei em contato com o delegado da região também, como o sequestro aconteceu próximo a Ribeirão Preto não haverá

problemas de os dois municípios se envolverem, mas não é com isso que estou preocupado. — O encarei, esperando que continuasse. — Você, por acaso, já procurou saber a idade do garoto, Augusto?

— Não... por que eu deveria? — Se fosse para ser honesto, eu não tinha o menor interesse no garoto, não gostava de pensar sobre ele tampouco. Para mim, ele era a prova viva de tudo o que perdi. — Por quê? — quis saber.

— Tem certeza de que não há nenhuma chance de que essa criança seja sua? — Levi sondou de forma tão séria, que a princípio não tive qualquer reação.

Minha mente passou a trabalhar a mil por hora.

— Ela o perdeu, Levi, foi o que me disse...

Recordei não apenas o dia em que escutei Estela dizer que havia perdido o nosso filho, como também o choque em que ficou quando eu a acusei de ter tido o filho de outro homem. A forma assustada em que ficava ao me ver perto da criança... O rosto de Lucca me veio à mente, enquanto eu procurava pelas semelhanças que sempre estiveram diante dos meus olhos. Sacudi a cabeça, amaldiçoando minha própria cegueira e olhei para a porta do quarto hospitalar.

Agora que a suspeita passara a fazer sentido, eu não acho que conseguiria manter a calma ou o controle, que dirá a civilidade.

Porque se Estela mentiu, se me deixou acreditar que o *meu filho*, sangue do meu sangue, era filho de outro homem...

— Calma, Augusto — Levi disse, ao se impor na minha frente. — Se essa possibilidade existe, então nós sabemos quem é o responsável pelo sequestro...

O que não tinha feito sentido até então, passou a fazer. Essa não era uma tentativa de magoar Estela, uma abordagem descuidada ou mal planejada. Fora tudo arquitetado.

— O filho da puta que está ateando fogo em minhas fazendas.

— Exatamente. Deixe-me falar com Estela... conversar com ela. Pode ser que a garota saiba quem é a pessoa.

— Por que está dizendo isso?

Levi me encarou.

— O desgraçado sabia a respeito da criança, Augusto. Então é claro que ele deve ter tido algum contato com algum de vocês dois.

Cerrei o maxilar, não sabendo o que pensar. E, enquanto Levi conversava com Estela, em busca de detalhes que poderiam ajudar na busca, eu permaneci do lado de fora, desistindo da tentativa falha de me acalmar, ao escutar vozes alteradas. Que levaram a mim e ao delegado, prostrado todo esse tempo no corredor após recolher nossos depoimentos, entrar no quarto.

— Se acalme, e nos diga o que quer. Nós precisamos que seja claro... — Levi tentou negociar, enquanto o desespero de Estela tornava-se nítido. — Não vou deixar que fale com ninguém antes que me dê uma prova de que o menino está bem.

O celular foi colocado no viva-voz para que todos pudéssemos escutar o que era dito.

— *Não quero que envolvam a polícia no caso.* — Tarde demais, já havia buscas sendo feitas. — *E quero que parem de tentar encontrar o garoto.* — Não foi possível reconhecer o homem por detrás da voz, o que de acordo com a equipe policial já era o esperado.

— Nos deixe ouvir a criança, primeiro. Você o levou, acredito que ele queira falar com a mãe... — o delegado interferiu.

— *Não escutaram o que eu falei?* — O infeliz perdeu a paciência. — *Parem de procurar que eu digo o que desejam saber. Até que isso aconteça, vocês não terão qualquer nova informação.*

A ligação foi encerrada, deixando a todos apreensivos.

— É só isso?! — Estela gritou, desesperando-se. — Por que ele não pediu o dinheiro? Não era isso o que queria?

Eu sabia por quê.

— Não acho que se trate de dinheiro aqui, Estela. — Ela me fitou aturdida enquanto o momento de confrontá-la surgia. — Quando iria contar que o garoto é meu filho? — A expressão que tomou o seu rosto revelou a verdade. — Quando, porra?

Estela recuou, virando a cabeça e fechando os olhos. O cabelo molhado revelava o banho que tomou, assim como a roupa que usava, que já não era a do hospital.

— Eu quero uma resposta, Estela... ou será que pensou que me esconder a verdade seria o prudente aqui?

— Essa é a última coisa que a garota precisa aguentar agora, Augusto — Levi me lembrou. — Se esse menino for mesmo seu, a mentira que Estela contou... apenas o salvou. Enfie isso em sua maldita cabeça antes de fazer qualquer besteira.

Estela continuou com o rosto virado, sem olhar a nenhum de nós dois. O choro incessante, fez-a se encolher sobre os lençóis, deixando-me perdido ante a sua vulnerabilidade.

— Eu só quero o meu filho, apenas isso.

Desvencilhei-me de Levi, e me aproximei da cama enquanto ele conduzia o delegado para fora do quarto.

— Ele é meu? — perguntei, baixo. Mas não menos nervoso. — Responda, Estela.

Mesmo com todas as evidências, a mulher ainda teve a capacidade de negar.

— Lucca é meu! Você não o quis quando ele estava dentro de mim! — gritou, sem se importar com quem nos ouvia. — Então ele é meu, só meu!

Avancei sobre ela, sem acreditar.

— Está dizendo que me deixou passar pelo inferno... e que mentiu depois de olhar na minha cara?

— O que você esperava? Que eu fosse deixar que me tirassem ele? Você e aquela advogada horrível pretendiam fazer mal ao meu filho e achavam que eu iria aceitar isso assim, sem reagir? — Ela tentou se levantar da cama, mas eu a impedi.

Era impossível que todos não estivessem nos escutando. Estela gritava, mas eu também. E porra, acho que nunca estive tão furioso como nesse momento. Eu era um homem explosivo, com tendências agressivas, mas a raiva que sentia implodir agora em meu peito... ela não sanaria facilmente. A garota me olhando tão inspidamente, mentiu para mim. Deixou-me acreditar que o meu filho era de outro quando...

Afastei-me de Estela, incapaz de prosseguir com a discussão. Havia um nó em minha garganta, comendo-me vivo por dentro. Esperei por sua alta no lado de fora, e quando ela foi liberada Levi e eu a acompanhamos até a fazenda. Junto do delegado responsável pelo caso, e pelo detetive particular a quem Levi pedira ajuda.

Os três permaneceram trancafiados na sala pelo restante do dia. Mas eu não cheguei perto, não consegui escutá-los falar sobre o sequestro *do meu filho*, sem perder a cabeça. Se Estela tivesse me contado, os dois teriam sido as primeiras pessoas a quem eu teria protegido. Eu poderia tê-los mantido a salvo, mas não.

A mulher que eu amava tinha a porra de um hematoma de todo o tamanho no rosto, e a criança que achei ter morrido ainda em seu ventre, seguia desaparecida.

Na manhã seguinte, fui despertado pelo cutucão de Estela. De pé, em frente ao sofá em que eu havia adormecido, ela parecia extremamente abatida. Os olhos vermelhos, de tanto chorar. A pele pálida, tirando, é claro, a parte do hematoma, e o roupão que vestia, parecendo-lhe infinitamente maior do que o ideal.

— Ela está lá fora.

— Quem? — perguntei ainda zozado, jogando o cabelo para trás

enquanto escutava a voz de Levi pela casa. Não acho que ele ou os outros dois homens tenham conseguido dormir mais do que poucas horas, porque até onde lembrava, quando consegui fechar os olhos na madrugada, eles ainda permaneceram acordados.

— Sua advogada — disse, apertando o nó do roupão. A claridade que entrava através da janela aberta do escritório quase que inteiro escuro, despertou-me por completo enquanto eu tentava entender o que Sierra fazia aqui. — Eu não quero que ela entre em minha casa, então a receba lá fora.

A forma seca com que falou, foi o que eu precisava para me lembrar dos últimos acontecimentos. Nos encaramos e, em seguida, ao perceber a intensidade com que eu a olhava, a garota se afastou, batendo a porta do escritório com tanta força que não acho que alguém dentro dessa casa não tenha notado as estruturas e colunas vibrarem.

Dirigi-me à entrada, sem tempo sequer para jogar água no rosto.

— O que falei sobre vir aqui? — perguntei, sem paciência. — Não pedi para que acompanhasse o Benjamin?

— Ele pode se virar sozinho, além disso, eu precisava entender o que foi que o trouxe até aqui dessa forma. Levi não explicou nada...

Sentindo o peso do mundo sobre as minhas costas, eu contei a ela por alto o que estava acontecendo. Sierra assimilou tudo em silêncio; e, em seguida, cruzou os braços em frente ao corpo esguio, olhando-me como se não soubesse o que dizer. Ela não costumava agir assim.

— O que fará agora?

— Eu não sei. — Não estava conseguindo raciocinar direito, descobrir que tinha um filho e que ele fora sequestrado pelo mesmo infeliz que vinha incendiando minhas fazendas... não era algo fácil de se assimilar.

— Você nunca quis um filho, Augusto, não pode levar fé na palavra dela também. Quem garante que não está mentindo de novo? A primeira coisa que fará se essa criança voltar... será pedir um DNA.

— Se essa criança voltar? Qual é o seu problema, Sierra?

— Só estou sendo objetiva, algo que pelo visto você não consegue mais.

Eu a encarei, enquanto me levantava dos degraus do alpendre ao mesmo tempo que escutava a porta bater atrás de mim.

— Isso para mim não é ser objetiva, é ser cruel! — A ciganinha desceu os degraus com o mesmo ímpeto que lhe era de costume e avançou sobre Sierra. — E se não é capaz de respeitar o meu sofrimento, eu quero que saia agora mesmo das minhas terras.

— Vai deixar que essa louca fale assim comigo, Augusto?

— Ele não tem que deixar nada, eu sim. Até onde me é de direito, eu posso expulsar quem eu quiser daqui... e isso inclui você, sua perua branquela! — Estela parecia prestes a bater em Sierra, mas eu a segurei pela cintura impedindo-a de continuar.

Hoje não era um bom dia para se provocar Estela. Sierra deveria ter se dado conta.

— Ouça o que ela está dizendo — falei com a advogada. — Eu te avisei que conversaríamos quando eu voltasse, você não escutou.

— Está tomando partido cedo demais, Augusto, a criança pode nem ser sua...

Estela riu, com amargura.

— Como pode dizer isso? — inquiriu. — Você sabe que Lucca é dele, você viu isso no dia em que olhou para o meu filho! — Soltei Estela, perplexo com o que havia revelado. — Você olhou para ele e em seguida olhou para mim, e você sabia.

— Sierra...

— Ela está mentindo, Augusto. Assim como mentiu sobre a criança.

— Não tenho por que mentir, o que ganharia com isso? Diferente de vocês que fazem isso com tanta facilidade, mentir não é fácil para mim. Machuca. Se eu escondi Lucca de Augusto, não foi porque sou mentirosa ou

uma pessoa ruim. Foi apenas porque quis proteger o meu filho de vocês dois!

— Protegeu tanto que o garoto foi sequestrado... — Sierra a provocou, e eu deixei que lidasse com as consequências. Quando a mão de Estela puxou o seu cabelo, eu não impedi. Quando minha garota a xingou de todos os nomes possíveis, amedrontando a advogada, eu também não fiz nada para que a confusão parasse.

Foi somente quando Sierra estendeu a mão para dar um tapa no rosto de Estela, que eu me impus entre as duas.

— Vá embora, Sierra, e até que eu diga o contrário, você está afastada do Grupo, porra! — Eu a segurei pelo braço, o mesmo que havia levantado. — Não a quero pela empresa, ou cuidando de meus negócios. Porque, se o que Estela disse for mesmo verdade, e você escondeu que sabia a respeito de Lucca, eu não serei capaz de te perdoar, está me ouvindo?

— Não irá me perdoar? E quanto a ela? Quem mentiu por anos... foi ela!

— Sim, mas quem é o meu braço direito é você. E se não posso confiar para que me diga algo tão sério, como espera que confie em todo o restante?

Sierra empalideceu, ela não era boba. Sabia que eu não mudaria de ideia enquanto não conversássemos, e isso definitivamente não aconteceria agora.

— Eu vou esperar um telefonema seu — disse, antes de se afastar.

— Eu falei a verdade. — A voz de Estela foi ouvida. — Ela sabia sobre o Lucca.

Eu a encarei, assentindo.

— Eu imagino que sim.

Estela se afastou, marchando para dentro da casa. Algo que eu não fiz de imediato. Quando o fiz, no entanto, eu tomei um banho rápido e me juntei aos homens na cozinha. À espera de outro contato, fosse do sequestrador ou

dos policiais atrás do miserável. O detetive, com seus contatos, também vinha fazendo suas próprias buscas, mas não estávamos tendo um resultado diferente. Não havia rastros, ou qualquer ideia de para onde o sequestrador poderia ter levado o Lucca.

Duas doses de álcool e um charuto depois, eu perguntei a Levi onde Estela se enfiara, subindo ao tê-lo apontando para o andar superior. A porta do quarto encontrava-se aberta, e qualquer homem que ousasse subir aqui a veria da forma como eu a via no momento: deitada sobre a cama, tão encolhida como uma criança estaria. Os cabelos de Estela caíam molhados sobre os lençóis brancos que a cobriam. Minha garota estava chorando.

Questionei-me se Fernando tivesse chegado, se ela por acaso não estaria nos braços do infeliz. Algo o estava prendendo em Barbacena, foi isso que dissera mais cedo pelo menos. O que era estranho, porque, que tipo de homem abandonava sua mulher em um momento como esse, porra? Posso ser um filho da puta, mas eu não faria algo assim. Não com Estela.

Parado no batente da porta, eu a observei, não querendo perturbá-la. Se o que fazíamos era discutir, então eu não me aproximaria dela, não depois de vê-la andar de um lado ao outro pela casa durante todo o dia, à espera de notícias, que até então, não haviam chegado.

Então havia o nosso filho, as mentiras, os segredos. Nós dois éramos culpados, cada um de seu pecado.

Voltei pelo caminho que havia tomado, disposto a resolver essa situação de uma vez por todas. A começar trazendo a criança para o lugar ao qual pertencia. Levi ergueu a cabeça ao me ver entrar na cozinha, que era onde ele e o detetive particular passaram a maior parte da tarde.

— O que houve? — inquiri após ver a expressão em seu rosto.

— Uma caminhonete com as características que Estela descreveu foi vista na BR-265, em direção a Passos.

— Isso é cerca do quê? Três horas daqui?

— Se ele continuou, um pouco mais.

— Não tem como calcular se não conseguirmos rastrear o telefone, o ideal seria que houvesse outro telefonema para que pudéssemos ter uma ideia de para onde está indo...

Levi e eu nos entreolhamos, a BR que o maldito pegou levava, mesmo que indiretamente, a Betim. Próximo as terras que recentemente foram incendiadas, cujo o cálculo do prejuízo não podia sequer ser medido ainda.

— Ele vai para a fazenda de Betim — concluí, só não entendia o porquê.

— Por que ele escolheria um local que ainda é alvo de atenção? — o detetive perguntou, não vendo justificativa.

— O lugar está rodeado de cegos e mudos, além de autoridades, obviamente, inclinadas a corrupção. Seria fácil para o infeliz se esconder por lá.

— Eu vou comunicar a central de polícia e...

— Não vai não — falei, recusando-me a passar qualquer a informação a eles.

No passado foi o meu dinheiro que proporcionou a chance de transformar um punhado de terras povoadas por famílias humildes, sem condições de manterem as terras produtivas em uso, em hectares de plantações de café. Desabriguei dezenas de famílias, deixando-as sem saída. Interferi no comércio local da cidade, impondo minhas exigências. Nada me tirava da cabeça agora, que parte das pessoas afetadas pela minha ambição continuavam por lá, a insatisfação clara que o povo daquela cidade me destinava era quase um sinal de alerta.

— Eu não quero a polícia envolvida nessa busca por enquanto. Quero apenas que o encontrem, e que me avisem.

Levi não desviou o olhar quando eu o encarei. Ele sabia o que iria acontecer.

Horas depois, quando a força policial de Sertãozinho trocou de turno,

eu me enfiei no escritório antigo de Hortência. Não em busca de trabalho, eu apenas gostava da escuridão do cômodo. Do silêncio. Com a porta aberta, eu assisti Estela passar para lá e para cá uma dezena de vezes. Descer as escadas, ir à cozinha, retornar. Sem lugar, impaciente.

Na décima vez que se aproximou da sala em que os homens se encontravam, coberta apenas por um imenso roupão, descalça no chão gelado, e o rosto inteiro inchado do choro, eu me levantei e a afastei daquele lugar.

— Venha aqui. — Puxei-a para os meus braços, e segurei seu rosto, deixando-a colocar tudo para fora. Não trocamos muitas palavras, a situação entre nós dois andava confusa. — Sei que dizer que tudo ficará bem não traz conforto algum, mas isso é o que eu posso dizer no momento, Estela. É no que eu tenho me esforçado a acreditar.

Quis saber se ela era capaz de pressentir algo, se a sua intuição não lhe dizia o que iria acontecer. Ou como toda essa tragédia terminaria. Assim como temi a previsão da cigana que lera a minha mão semanas antes, eu temia o que Estela poderia pressentir. Então, apenas a abracei, sem vontade alguma de afastá-la.

O dia seguinte passou como teve início, nenhuma ligação ou novidade. E em cada virada do ponteiro no relógio, todos ficávamos um pouco mais aflitos. No final da tarde, ao ver que Estela já não comia ou bebia, e que começara a zanzar pelos cômodos como um fantasma, eu a levei para o quarto, e esperei até que adormecesse. O que aconteceu sem dificuldade.

Diferente dela, e incapaz de permanecer outra hora trancado dentro daquela casa, eu peguei as chaves do jipe e caí na estrada, odiando a sensação esmagando-me por dentro. Sem pensar direito, segui rumo ao último lugar para o qual realmente gostaria: a fazenda de Alfredo.

Meu pai e eu não nos falávamos desde a última visita a Sertãozinho, encontrá-lo, no entanto, não foi difícil. Pois assim que escutou o som do motor, Alfredo surgiu na varanda. A expressão em seu rosto transparecia toda a sua indolência.

— Vai me explicar o que está acontecendo na fazenda daquela mulher? — Claro que ele já havia sido informado da movimentação incomum por aquelas bandas.

Desnorteadado, eu me sentei na banquetta da varanda e fitei o horizonte. Não fazia sentido estar aqui, se havia algo que Alfredo jamais me dera, nem mesmo quando Suzana partiu, foi algum tipo de conforto.

— Já teve a impressão de que tudo em que toca acaba destruído? — Queria saber se éramos realmente parecidos, se Alfredo sentia remorso. Culpa pelas coisas que fizera. Fora que, com Lucca, a ideia de que a loucura fosse iminente aos homens dessa família, deixava-me desconfortável e com um gosto amargo na boca.

— Não. Agora me diga, eu tenho que me preocupar com o fato de você estar fazendo perguntas tolas?

— Não são tolas, Alfredo. Só estou tentando entender de onde vem essa doença em nossa família. Todo o rancor e agressividade... O que o fez assim? Foi o amor não correspondido por Suzana?

Meu pai virou o rosto, mostrando que o assunto sempre o incomodava.

— Suzana traiu minha confiança, foi uma ingrata.

— Isso é o que o senhor sempre diz.

— Ela me jurou fidelidade, Augusto, diante de uma igreja. Os pais dela disseram que ela era a melhor escolha... — Eu o encarei, sem acreditar.

— E Hortência?

— Hortência não podia ter filhos, o que um homem como eu faria sem herdeiros?

— Então você feriu as duas.

— Não tive escolha.

Sacudi a cabeça, incrédulo.

— Não aja como se eu tivesse cometido um crime, Augusto. Tudo o que fiz foi pensando no legado de minha família, e não acho que teria conseguido uma esposa que me desse um filho tão parecido comigo, como Suzana fez.

— E quanto ao bastardo? — perguntei, de forma direta. Quase agressiva.

— Por mim, ele teria morrido. Mas sua mãe... insistiu para que o criássemos nessa fazenda. Então eu o trouxe, desde que sua mãe jurasse jamais contar a verdade ao infeliz.

Eu o encarei.

— Existe alguma possibilidade de que Ramon tenha descoberto sobre o senhor?

Ao escutar o nome do infeliz, meu pai contraiu o maxilar.

— Eu honestamente não sei, Augusto. Mas espero que não.

Eu também esperava.

De pé, pronto para ir embora, Alfredo pigarreou chamando minha atenção.

— Você ainda não me disse o que está acontecendo naquela fazenda.

Parei, imaginando como Alfredo reagiria quando soubesse. Insano, era um bom pressuposto.

— A criança... o filho de Estela, foi sequestrado. Nós estamos... à espera de algum contato, eu sequer deveria estar aqui.

— Então você já sabe — Alfredo murmurou, fazendo-me fitá-lo de forma confusa. — Tudo o que te pedi para não fazer, você fez. Mesmo depois de ter jurado que não haveria consequências.

Ele sabia sobre a criança. Sabia que era o meu filho.

Todos pelo visto haviam feito a maldita ligação, menos eu.

Encarei Alfredo, não me lembrando de alguma vez que tenha sentido tanto desprezo pelo miserável como nesse momento.

— O que é seu está guardado, Alfredo. E, quando a sua miséria começar, você desejará ter contado sobre o Lucca. Escute o que estou dizendo.

CAPÍTULO 38

ESTELA SAAVEDRA

Encerrei o telefonema com Fernando, preocupada. Meu amigo garantiu estar bem, mas adiou pela segunda vez a sua viagem. De acordo com ele, uma de suas clientes havia falecido, e ele estava tendo que lidar com a família impossível dela. Não acreditei, Fernando jamais me deixaria sozinha em um momento como esse. Ele amava o Lucca, e sim, o tinha criado como um filho. *Mas por quê então a sua ausência?*

Da janela do andar superior, eu observei quando Augusto marchou em direção ao interior da casa. De onde estava, com a porta do quarto aberta, eu o imaginei entrar no escritório e se trancar. Era lá que ele vinha se escondendo. Sei que se tivesse algum juízo eu me manteria afastada, mas não pude me impedir de ir até onde estava. Com a mente focada no sumiço de Lucca, qualquer olhar duvidoso, qualquer palavra não dita, levava-me a pensar caraminholas.

Então, se o seu mau humor tivesse algo a ver com meu filho, eu precisava saber.

Ao empurrar a porta, deparei-me com Augusto sentado no sofá em que o tinha encontrado dormindo antes, a cabeça entre as mãos. Como se o peso em suas costas já não fosse suportável. E olha que, pelo que eu conhecia desse homem, nada, nunca, o fazia desistir.

— Aconteceu alguma coisa? — Dei alguns passos em sua direção, hesitante em invadir o seu espaço pessoal.

Augusto negou, só erguendo a cabeça ao ver meus pés próximos a ele. Estremeci com a intensidade com que me encarou, e pela primeira vez em dias, pude sentir o meu coração acelerar, voltar a bater. Já não era segredo, Lucca podia ser o meu mundo, mas ele não era o único a ter o meu amor.

— Está com medo? — perguntei, querendo saber se eu era a única a temer pela vida do meu filho.

— Não é medo, Estela, é raiva! Uma culpa que não me abandona, e que só aumenta quando penso em tudo o que perdi. Eu não estive lá quando Lucca nasceu, não o vi crescer e agora... Eu me conheço, porra! Sei que, se fizerem algo com o nosso filho, eu não terei paz enquanto não matar o desgraçado por detrás desse inferno...

— Não diga isso, por favor. — Augusto me puxou, mas, diferente do que imaginei, não foi em seu colo que fui parar. O que aconteceu em seguida, foi diferente de tudo o que experimentei com esse homem antes.

A cabeça de Augusto recostou contra o meu abdômen, coberto pelo roupão que usava, enquanto eu não sabia se o abraçava ou se permanecia do jeito que estava, congelada em meu lugar. Foi assim até que o meu instinto falou mais alto e eu emaranhei as mãos em seu cabelo. Os fios grossos sendo arrastados para trás.

Com o incentivo do meu toque, Augusto liberou uma respiração profunda, grave. E, sem que esperasse, eu o senti estremecer. Soluçar. Não da forma como eu fazia ao chorar, mas da forma que um homem cansado fazia. Meu coração ficou pequenininho ao vê-lo agir tão humanamente.

— Augusto... — chamei seu nome, e ele apenas balançou a cabeça.

— Parece loucura, mas desde que te conheci, sinto como se estivesse pagando por todo o mal que fiz durante a vida. Perder você fodeu com a minha cabeça. Saber que por minha causa... o bebê que esperava... Porra, por que não me contou a verdade? Por que não voltou e me disse que ele estava vivo?

— Você não o queria — sussurrei. — Falou todas aquelas coisas horríveis, Augusto. Trouxe aquela mulher com você... Eu tive medo que me tirasse ele. Não foi para te fazer sofrer, eu só quis proteger o meu bebê. Só isso.

Ele se afastou e fitou a minha barriga, como se olhasse diretamente para a cicatriz que eu carregava.

— Meu filho fez isso a você. — Sua mão alcançou a borda do roupão, ultrapassando a barreira que ela me proporcionava. Sentia-a quente contra a minha pele nua. Áspera de um jeito que me trouxe inúmeras lembranças. — O meu filho.

— Não foi culpa dele, a gravidez foi complicada... e...

— Você estava sozinha. — A ideia pareceu perturbá-lo.

— Fernando esteve comigo o tempo todo, ele é um homem bom. Acolheu-me em sua casa quando mais precisei, nunca pediu nada em troca.

— Se Fernando é tão bom assim, por que não está aqui agora, Estela? Por que a deixou desprotegida nas mãos de um homem que só a feriu? — Sacudi a cabeça, eu não tinha uma resposta para essa pergunta.

— Eu não estou... desprotegida. Sou forte. Posso me cuidar sozinha.

— Eu sei que pode, mas ainda assim, quando olho para você, é como se o tempo não tivesse passado, Estela. Não me refiro à sua aparência, porque nisso você mudou... mas por dentro?

— Fernando diz que a gente enxerga o que quer. Que não importa o quanto a verdade esteja na nossa frente, porque se a gente não quiser vê-la, ninguém pode nos obrigar.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque você tem visto o que quer ver. Eu não mudei só por fora, Augusto. Mudei por dentro também, não sou mais a mesma Estela que conheceu. Não sou.

Augusto não rebateu o que falei, não disse se concordava ou não.

Escutei o baque de suas costas contra o sofá do escritório. Vi a maneira como fechou os olhos, sem jamais me soltar.

— O que está acontecendo com as fazendas, Augusto? — perguntei baixinho. — Escutei Levi falar...

— Fogo. Tem alguém ateando fogo nas minhas propriedades, e tudo leva a crer que é a mesma pessoa que sequestrou o Lucca.

— Não... — sacudi a cabeça, exasperada.

— Como falei, a culpa é minha. Tudo está interligado. Cada maldito acontecimento... *eu* causei isso a você! Você retornou, e já estou novamente te ferindo. Mas eu não quero, Estela, juro que não é essa a minha intenção. Se pudesse, eu trocaria de lugar com o menino, e jamais te machucaria dessa forma, meu amor.

Pela primeira vez, desde que tudo ruiu, eu acreditei em Augusto.

— Não me chame de amor... e não o chame de menino.

Ele me encarou, assentindo. Quase envergonhado.

— O que você quiser. Só não se afaste de mim, não erga nenhuma barreira entre nós dois, não agora quando eu mal consigo raciocinar.

Abalada, eu senti necessidade de me sentar e foi o que fiz. Meu braço roçou no de Augusto, enquanto olhávamos para o nada à nossa frente. O laminado de madeira, as paredes que ainda não haviam sido pintadas... A lembrança de Lucca correndo por esses corredores fez-me virar o rosto.

— Não suportarei se algo acontecer a ele. — Lembrei-me dos sonhos, do fogo. Da sensação de estar sendo consumida.

— Se depender dos meus esforços, nada irá acontecer.

— Promete? — Eu o encarei.

— Não vou prometer, mas vou garantir que farei tudo o que estiver ao meu alcance para que Lucca retorne para os seus braços, Estela. Farei isso, ou morrerei tentando.

Naquele momento, não foi somente por Lucca e por mim que eu temi, foi pelo homem ao meu lado também. Eu não tinha pensado, sequer imaginado, que a sensação ruim pudesse ter a ver com algo acontecendo a ele. E agora, que a possibilidade se agarrava à minha mente, eu sentia como se fosse a única a morrer aqui.

— O que sua intuição diz?

Sacudi a cabeça, não querendo falar.

— Você nunca acreditou nela, então não tem importância.

— O que ela diz, Estela? — insistiu, e quando eu o fitei, exasperada, os olhos de Augusto se estreitaram. Então ele assentiu.

Como se soubesse.

Apoiei a cabeça em seu ombro, e com certeza, teria adormecido se não fosse pela aparição abrupta de Levi, em frente ao corredor.

— Ele quer falar com você — dirigiu-se a Augusto, que me pediu com o olhar para que ficasse no escritório. Como se não soubesse que eu o desobedeceria.

Caminhei atrás dele, sem fôlego algum.

Parando no batente, observei a agitação de todos dentro da sala, que, de repente, pareceu ficar inteira em silêncio no momento em que Augusto se sentou, a fim de falar com o sequestrador.

— *Como se sente sabendo que é o responsável por tudo o que está acontecendo, Augusto?* — Senti um frio na barriga ao me dar conta de que não havia nada atrapalhando o identificador de voz. Forcei minha mente a tentar reconhecê-la, algo me dizia que já a tinha escutado. Até que eu me lembrei, e um ofego doloroso escapou de minha boca. O olhar de Augusto veio de encontro ao meu, inquisitivo, mas em seguida a voz foi ouvida novamente. — *Deve ser terrível saber que não possui o controle da situação, não é? Que com uma bala eu posso arruinar o seu futuro... destruir o pobre coração da sua ciganinha.* — O homem riu, com amargura. — *Você tem uma escolha a fazer, Barãozinho... e eu não vejo a hora de descobrir qual será.*

Augusto fitou Levi, no outro lado da sala. Ele também descobriu quem era o responsável pelo que vinha acontecendo. Até porque só havia uma pessoa a chamá-lo dessa forma: Ramon.

— Seu filho da puta, o que acha que irá acontecer quando eu colocar as mãos em você? — Augusto perdeu a cabeça, mostrando-se nervoso. O que não era bom. — Você cometeu um erro, Ramon, porque agora que sei que é você, eu te caçarei até o inferno se for preciso, maldição!

Sacudi a cabeça, ficando agitada. Eu não queria que discutissem, queria que achassem o meu menino.

— *Vamos lá, Barãozinho, não perca a cabeça antes do tempo... o seu martírio ainda nem começou.*

Augusto não me olhou, também não hesitou.

— A criança. Ponha fogo na porra que quiser, mas devolva o garoto!

— *Estêla...* — Tapei a boca ao escutar a voz do meu menino, sendo amparada por Levi, que notou no mesmo instante a fraqueza de minhas pernas.

— Lucca! — gritei, debatendo-me a fim de me soltar. Mas Levi não permitiu.

— *Eu sabia que ela iria gritar, mas eu avisei, merda. Disse que seria um erro não me vender essas terras, e o que você fez, Estela? Você trepou com o filho da puta e em seguida recusou a minha proposta...*

— Eu as vendo para você... libere o meu menino, que eu as vendo. — Levi pediu para que parasse de falar, o delegado já havia nos aconselhado a não ceder quando as ameaças viessem.

— *Agora é tarde, cigana... sinto muito.*

Olhei confusa para Augusto diante do silêncio na linha, ficando descontrolada ao escutar o barulho inconfundível de um tiro sendo disparado.

— Tire ela da sala! — Augusto aconselhou, e enquanto Levi o fazia, com uma facilidade que me alarmou, eu só consegui escutar as ofensas do pai

de meu filho. A fúria, já não contida.

— Não! Não... não! Eu quero ficar, quero saber se...

Levi me arrastou para fora, enquanto eu chorava e esperneava. Olhei para os homens se movendo dentro da sala, Augusto continuou falando com o miserável, mas eu já não podia escutar.

— O meu filho, Levi. Ele...

— Não é assim que funciona, Estela. Escute-me, tudo bem? — O encarei, nervosa. — Se Ramon fizer algo com o seu filho, ele perde a carta que tem na manga. Nós ainda não fazemos ideia do que ele pretende, se trata-se de uma vingança, se quer dinheiro ou as suas terras. Só saberemos quando ele conversar conosco, o que só irá acontecer se mantivermos a calma.

— Mas e o tiro? Eu o escutei...

— Foi para assustá-la. Ramon deve saber que, se você fica desesperada, Augusto também fica. Não ache que ele não está fazendo o possível agora mesmo para que aquele infeliz entregue a criança, porque ele está...

— Eu só não consigo entender por que ele parece querer se vingar de Augusto, sei que os dois nunca se entenderam, mas...

— Tem coisas que você precisa saber, Estela. — Virei-me quando Augusto saiu da sala transtornado pelo embate. — Lembra do infeliz que agredi décadas atrás? — Sim, eu me lembrava. — Foi Ramon. Eu fiz aquilo com ele no dia em que Suzana foi embora com o seu pai, o mesmo dia em que descobri que Ramon e eu somos irmãos. Ele é filho de Alfredo, Estela.

— Augusto...

— Ao que parece, o meu pai amou Suzana até o dia de sua morte, ele só não se preocupou em ser fiel.

— Você quase o matou.

— Eu sei, e estou pagando por isso agora.

AUGUSTO ALENCAR

Levi me seguiu ao ver que me dirigia para a solidão da varanda. O charuto queimava em meu dedo o mesmo fogo que vinha destruindo tudo pelo que lutei por tantos anos.

— Como não chegamos ao miserável antes, Levi? Como?

— Ele não deixou rastros, não houve nada...

— O bastardo, eu o quero morto — declarei, sem piedade. — Sempre soube que me arrependeria por tê-lo deixado vivo. Que chegaria o dia em que lamentaria não ter terminado o que comecei.

— Vocês eram apenas garotos, Augusto.

— Isso não justifica a minha falha...

Naquela noite, depois de horas em silêncio, eu retornei ao escritório. Tirei os sapatos, a camisa e me sentei no sofá de couro, permitindo que a escuridão do cômodo aplacasse minha inquietude, mas a calma não veio. Porque meu cérebro, acelerado como era, não parava de pensar por um segundo que fosse.

Ramon, Sierra, Alfredo... o meu filho.

A ideia de que algum dia, lá na frente, Lucca pudesse me olhar com o mesmo ódio que eu olhava para o meu pai, fazia-me ter raiva de mim mesmo. Raiva por pecados e erros que sequer cometi, e que não pretendia cometer.

De olhos fechados, eu escutei, através do silêncio quase ensurdecador da casa, passos lentos e hesitantes, o chiado baixo da porta sendo aberta, e o suspiro ainda mais baixo da respiração de Estela.

— Não estou conseguindo dormir — disse, aflita. — Posso ficar aqui com você?

Abri meus olhos, a encarando. E assenti.

Estela se aproximou, sentou-se ao meu lado, rígida como pedra. E então olhou para as próprias mãos. Seu cabelo encontrava-se molhado, os

cachos que eu tanto amava, jogados em suas costas. Não havia nada de maquiagem em seu rosto, apenas pele limpa. Macia. Ela já não usava pijamas ou o roupão, duas vezes maior do que o seu corpo, apenas um camisão comprido, que me fez imaginar se o dono não seria o Fernando.

Se agora, não eram as roupas dele que usava para se cobrir.

Surpreendentemente, enquanto eu tentava não imaginar os dois juntos, sem sucesso, Estela se encolheu sobre o sofá, trazendo as pernas para o alto do estofado, e se aconchegou em um dos meus braços.

Meu primeiro impulso foi o de segurá-la, mas então, na metade do caminho, eu me lembrei de que ela pertencia a outro. O ciúme, em sua forma mais crua, envenenava-me por dentro. Só que, merda, antes de ser dele, ela foi minha. Fui seu primeiro homem e amor...

Foda-se, pensei instantes antes de a envolvê-la. O chiado baixinho de Estela soava quase como um alívio. Minha cigana não pediu para que eu me afastasse, não me mandou para o inferno, ela apenas ficou ali. Os olhos apertados de tão fechados, como se também não quisesse pensar.

— Sinto muito. — Era o que o meu coração dizia. — Por tudo, Estela. Eu...

— Não quero lembrar, por favor.

— Tenho medo que jamais entenda o quanto eu te amo, e o quanto sofri ao não saber o seu paradeiro por todos esses anos...

Beijei a sua testa ao me calar, e como um menino teimoso, eu me recusei a afastar a boca dali. Estela olhou para cima, querendo entender o que estava fazendo e aquele foi o momento em que nós dois nos demos conta de que tudo o que fizéssemos nos levaria ao mesmo lugar. Estávamos presos em um círculo onde o fim sempre seria a boca um do outro.

O lábio de Estela tocou o meu, devagar, suavemente. Como se o experimentasse pela primeira vez. Desejei que assim fosse, que tivéssemos a capacidade de limpar nosso passado e recomeçarmos. A deixei provar da minha boca, seu beijo quente, molhado, incendiou-me por dentro, despertando a fera em meu interior.

— Eu não mereço você — sussurrei contra a sua boca, acariciando-a com meus dedos. — Se eu não fosse um homem tão egoísta, eu a deixaria em paz. Mas eu sou egoísta, Estela. E esse é apenas um dos milhares de defeitos que possuo.

— Não acho que alguém conheça mais os seus defeitos do que eu.

— Gostaria que pudesse ser diferente. Que não me visse com os olhos de agora, que ainda achasse que sou o amor de sua vida, mas...

Estela me calou com a boca, que veio macia de encontro a minha. Seu corpo, nem sentado no sofá nem em meu colo, pareceu desconfortável. Por isso, assim que a oportunidade surgiu, eu a puxei. O consentimento silencioso foi dado pela forma como sua língua tremulou em minha boca e, em seguida, voltou a brincar comigo. Seduzir-me de forma inocente.

Outra pontada de ciúme me atingiu, enquanto eu tentava não pensar que outro homem a tocou exatamente da forma como eu fazia agora. Que alguém, que não eu, bebeu de seus beijos. Experimentou a doçura entre as suas pernas. Sem pensar, o aperto que dei em seu braço se intensificou, fazendo-a arfar. Senti-a por cima do meu membro. A hesitação que mostrou, rapidamente se esvaiu ao olhar direto em meus olhos.

— Faça-me esquecer, Augusto. De tudo. — Ela entrelaçou as pernas ao redor do meu quadril, deixando-me desorientado. — Tire o meu chão.

Dessa vez, eu fui o único a beijá-la. Não com suavidade, mas com tesão. Com amor. Afastei os cachos espalhados pelos ombros de Estela, querendo ver cada pedaço dela, e em um impulso, eu a coloquei na posição em que tinha estado. As costas contra o sofá, e as pernas abertas.

Estela arregalou os olhos ferinos, e estendeu os braços quando comecei a puxar a camisa que usava revelando apenas a calcinha de algodão que vestia. Engoli o nó em minha garganta ao quase sentir o gosto de sua pele pinicar em minha boca. E, sobre ela, eu deslizei a língua por seu pescoço, fazendo-a arfar baixinho, voltando a beijá-la na boca. Fiz o mesmo com seu colo, deixando pequenas mordiscadas, chupões de amor, mas sempre procurando por sua boca no final.

Quando alcancei um dos seios, eu puxei Estela pelo quadril, quase a encaixando contra o eixo rijo entre as minhas pernas, e os chupei. Com o braço envolto de sua cintura, mantive-a quieta enquanto ela se contorcia inteira, sôfrega de tesão. A pontada do orgasmo ia e vinha, fazendo-me parar sempre que a sentia prestes a desmoronar. Nesses momentos, em que ela gemia ensandecida, eu encaixava nossas bocas e me perdia em outro beijo.

Foi assim, até que afastei suas pernas e puxei a calcinha branca, agora úmida na frente. Apertei-a entre os dedos, sentindo o cheiro de sua excitação se espalhar pelo escritório. E de uma vez, sem prepará-la, eu enfiei meu rosto entre suas coxas, que se prenderam imediatamente ao redor de minha cabeça, mantendo-me ali.

Meu nariz raspou sua pélvis, a boca, a cicatriz. Beije-a com carinho, pensando em toda a dor que causei a essa garota; e, em seguida, mesmo atormentado, eu deslizei os lábios até a sua boceta. Pensamentos de outro homem fazendo o mesmo... empurrou-me até a borda. Senti ódio e uma vontade de mostrar a ela que era minha.

Chupei Estela com um tesão tão violento, que achei que fosse perder a cabeça e gozar daquela forma: com a boca nela. Meu pau latejou, esticando-se por dentro da calça a cada vez que ela arqueou o quadril em minha direção, pedindo, suplicando para que continuasse.

Quando me dei conta de que não tinha opção, ou me afastava ou gozava antes mesmo de a penetrar, eu chupei seu gosto dos meus próprios lábios e empurrei o pau em sua boceta, sentindo-o se alongar dentro dela. Com a testa colada na sua, eu respirei fundo, uma, duas... três vezes. Até controlar o gozo prestes a ser drenado. O desejo de ir mais fundo, de possuí-la por inteiro, levou-me para a beira do precipício.

— Se eu sair, vou gozar — admiti antes da próxima estocada, vendo-a puxar o ar.

— Se você sair, não será o único. — Disposto a amar essa garota como merecia, eu controlei os golpes do meu quadril, e a fiz gemer com cada arremetida curta que dei dentro de sua boceta. Foi uma tortura, mas consegui fazê-la gozar antes, os soluços que liberou e a forma como esmagou o

comprimento do meu pau, a preenchendo inteira, fez-me acompanhá-la em seguida. Ao mesmo tempo que a apertava em meus braços, impedindo-a de se mover. Foi o orgasmo mais longo que tive na vida, os jatos de sêmen dentro dela, escorriam por entre as suas pernas antes mesmo que eu tivesse terminado. Estela ofegou, seu corpo convulsionando pela última vez. Os seios ainda duros, acolheram-me ao receberem o meu peso.

Com os braços estendidos sobre a sua cabeça, segurando a cabeceira do sofá, eu a encarei. Os olhos verdes de Estela brilhavam através do escritório escuro.

— Fique comigo, Estela, o que for que aquele homem te faça sentir... eu juro que a farei sentir mais. Só fique comigo.

ESTELA SAAVEDRA

Usando um dos roupões que trouxe comigo, eu descí as escadas na manhã seguinte procurando por Augusto. Minhas mãos tremiam com o peso do objeto que fora deixado na minha cama essa manhã, junto de um bilhete que dizia que ele *sentia muito*. Eu não podia acreditar que aquele homem tenha ficado com a minha tornozeleira por todo esse tempo, queria perguntar o porquê, e, ao não o encontrar pela casa, caminhei até a varanda da frente, que foi onde os encontrei. Augusto e Levi ladravam um com o outro, algo que não foi possível escutar. Havia dois homens estranhos também, e um mapa sobre um dos capôs das caminhonetes. Apoiada em uma das colunas, eu assisti a cena, esquecendo completamente o que havia ido fazer ali ao ver o carro de Fernando se aproximar.

Finalmente.

Meu amigo também pareceu achar estranho o pequeno comboio e, após acenar para o grupo, veio em minha direção. Vê-lo após todos esses dias de desalento, trouxe lágrimas aos meus olhos. Um choro que assim que foi possível, fez-me ir parar em seus braços.

— Vai ficar tudo bem, minha criança — ele assegurou.

— Por que não veio antes? — murmurei contra a sua camisa. — Por

que me deixou aqui sozinha?

Fernando se afastou, encarando-me com seriedade.

— Você não estava sozinha, e eu acho que esse era um momento que eu não deveria tirar do verdadeiro pai de Lucca, Estela. Não seria justo.

— Então foi por querer? Você me deixou com ele de propósito?

Fernando assentiu, e ao voltar a abraçá-lo eu precisei ficar na ponta dos pés. O que tornou possível ver a expressão amarga no rosto de Augusto. Ele era o único a nos olhar; e a forma como o fez, causou-me arrepios e culpa.

Havia outra verdade que precisava ser dita.

AUGUSTO ALENCAR

Fui o último a entrar em casa, não querendo ter de mentir, fingir que não havia a porra de uma rachadura em meu peito nesse exato momento. Ver Estela buscando abrigo nos braços do infeliz, as lágrimas em seus olhos...

Seria culpa pelo que fizemos ontem? Culpa por tê-lo traído?

— Coloque a cabeça no lugar, Augusto. Se vai mesmo ir com a gente nada pode dar errado.

— Ir aonde? — Estela o ouviu falar, e logo perguntou. Tive vontade de enviá-la para cima e pedir para usar algo que ia além desse maldito roupão, mas me contive.

Não era hora de deixar que o ciúme assumisse. Eu precisava manter o foco.

— Os homens que o detetive particular colocou atrás de Ramon rastrearam uma pista. — Estela ficou pálida enquanto o delegado a nos acompanhar mostrava-se insatisfeito com a descoberta. Mas deveria mesmo, porque até agora o departamento de polícia não fizera absolutamente nada. — A possibilidade de que ele esteja mesmo escondido em uma das fazendas próximas a de Santa Maria, é grande. Então nós iremos verificar toda a

região, e...

— Você vai? — A preocupação em seu tom de voz ficou tão evidente que eu tive de olhar para o Fernando, mais a frente. A expressão em seu rosto, no entanto, não era a de um homem temendo perder sua mulher.

— Não conseguirei ficar aqui, eu preciso ir.

— Mas... — Estela parecia prestes a protestar, então mostrou o que vinha segurando em sua mão. A indagação em seus olhos.

— Tomá-la de você foi apenas outro ato cruel que tive. — Levi e Fernando pareceram desconfortáveis, mas eu continuei: — Acho que sempre soube que você iria partir da minha vida, então quando a peguei... estava apenas guardando uma parte de você para que eu tivesse como lembrar.

Estela me encarou, uma onda de raiva e confusão passando por seus lindos olhos.

— Eu nunca a tirei de perto de mim em todos esses anos, acho que ela foi... o meu amuleto.

— Foi um presente do meu pai...

— Eu sei, porra.

A garota respirou fundo, contendo a emoção. Que naquele momento eu não soube dizer se eram boas ou más.

Ao ver que a tensão crescia entre nós dois, Levi se intrometeu. Pediu para que fôssemos rápidos e garantiu a uma Estela preocupada que essa seria uma operação de reconhecimento de terreno, mas nós dois sabíamos que era tudo balela.

Por mais que quisesse, eu não voltei a olhar na direção em que Estela se encontrava. Além de não aceitar a presença daquele homem ao seu lado, eu não conseguia deixar de imaginar se eles fariam amor assim que eu virasse as costas.

Ignorei seu olhar perdido, sua inquietude.

Ignorei o amor que eu obviamente sentia.

Preparei uma bolsa com coisas básicas, nós provavelmente passaríamos a noite fora, e, antes de sair, avisei a Benjamin para que cuidasse de tudo em minha ausência. Expliquei a ele por alto o que iria ou poderia acontecer, e ele manteve para si sua preocupação. Pedi apenas para que eu pensasse duas vezes antes de cometer qualquer besteira, mas afirmou logo em seguida, que adoraria ter a chance de fazer a sua primeira defesa criminal. Uma brincadeira, já que ele nunca trabalhou na área.

Ao me juntar a Levi, que preparava a caminhonete para a nossa partida, eu peguei o momento em que acenou a casa e me virei, deparando-me com Estela, parada no alpendre da varanda.

Minha pequena fera selvagem.

A vontade de ir até ela era grande. Mas hesitei novamente diante da mulher que eu amava. Ela, por sua vez, ciente de que eu não conseguiria, correu em minha direção e se jogou em meus braços. E sim, eu me senti como se os anos não tivessem passado.

Como se ela fosse apenas a minha cigana, e eu o seu Augusto.

— A leve com você — sussurrou ao colocar algo em minha mão, que assim que toquei fui capaz de reconhecer.

— Estela, eu não posso...

— E você é. — Ela ficou na ponta dos pés, impedindo-me de continuar. — O amor da minha vida, você ainda é.

Encostei minha testa na sua, e os lábios dela vieram em direção a minha boca. Pensei no que o seu gesto poderia significar em relação a Fernando, se os dois teriam terminado... se ela voltaria a ser minha. Gostaria de ter perguntado, mas aquele não era o momento para termos essa conversa. E se fosse para ser honesto, eu não sei o que faria se a resposta não fosse a que eu esperava escutar.

— Salva o meu menino, Augusto, e por favor, volte para mim.

Beijei sua testa, almejando que tudo saísse como o planejado e que a vida me desse a segunda chance de que precisava para fazer essa mulher feliz.

CAPÍTULO 39

ESTELA SAAVEDRA

Depois que as duas caminhonetes se afastaram, eu voltei para o alpendre de onde podia escutar a voz do delegado alegando que a busca se tratava de uma imprudência. À espera de mais notícias ou outro contato, ele permaneceria na casa. Não lhe dei ouvidos, porque, para mim, não importava quem fosse trazer meu filho de volta, desde que ele ficasse bem.

Horas se passaram e eu não fiz nada para melhorar o silêncio ao meu redor. O telefone não tocava, o delegado não falava, não comigo pelo menos, nem o detetive particular. Havia um segurança de Augusto rondando lá fora, deixando-me aflita. E Fernando, olhando-me de esguelha a cada vez que eu esbarrava em algum móvel ou deixava um objeto cair. Não chorei, apesar de assustada.

E com o vazio que sentia, de repente, e a certeza de que Ramon não telefonaria, eu calcei as sandálias baixas e saí. Andar me ajudaria, deixaria-me cansada a ponto de esquecer os pensamentos que me afligiam. Então eu caminhei pelas terras que conhecia tão bem, sem exatamente ir a destino algum. Andei tanto, que quando dei por mim, estava exaurida. E tudo o que podia ser escutado ao redor era o som dos meus pés sob o chão. Obriguei-me a parar, temendo me perder ou pior: não ter forças para voltar.

Havia lágrimas em meus olhos, um punhado delas. Ali, sozinha em

meio à estrada, eu me inclinei, e deixei que todas elas saíssem. Torcendo para que junto do choro todo esse vazio também fosse embora.

Faróis altos, acesos em minha direção, se aproximavam enquanto eu limpava o meu rosto. Não consegui identificar o motorista, soube apenas que, quem quer que fosse, havia aberto a porta...

— Ficou louca, garota? — Alfredo gritou ao me identificar.

O caminho do qual viera só levava a um lugar: o cemitério. O que significava que só poderia ter estado lá.

— Onde está o meu filho? — perguntou, sem paciência.

Aproximando-se devagar, seus passos tornaram-se mais lentos ao se dar conta do meu desalento.

— Eu estou perguntando onde está o meu filho, cigana. Responda-me!

Dessa vez, meus instintos não pediram para que eu corresse. Não que gostasse de estar na presença desse homem, mas os anos e a última vez que nos esbarramos, fizeram-me enxergar a parte humana de Alfredo.

— Augusto... foi atrás do Lucca, ele...

O velho cambaleou, levando-me a acudi-lo, com a mão no peito, como se sentisse algum mal-estar.

— Diga-me que não é verdade, que está mentindo, sua... — O cortei, antes que a ofensa viesse.

— Ele vai trazer o meu menino de volta, Sr. Alencar.

— Meu filho irá morrer, sua tola. Não vê? Essa é a porra de uma armadilha!

AUGUSTO ALENCAR

O cheiro dos cafezais incendiados por todas essas bandas ainda era

possível de ser sentido. Centenas de hectares queimados aos poucos. Uma fazenda aqui, outra ali. E, de repente, mais da metade da produção anual do Grupo Alencar fora perdida. Respirei o ar, que de puro, já não tinha nada. Levi dirigia pela estrada, um caminho curto até a cidade onde eu deveria ter estado, dias atrás, dando explicações e participando da coletiva.

Além de manter meus negócios em modo de espera, Benjamin vinha lidando com a mídia. Fazendo o seu trabalho e o de Sierra, em meio à maior crise pela qual o Grupo passara.

Ainda assim, a razão de estar, em um lugar que nunca fui bem-vindo, não tinha nada a ver com a empresa. Ou com o prejuízo de milhares de reais que teríamos dentro de alguns anos por causa da produção atualmente parada. Não, a razão de estar aqui era porque havia algo muito mais importante em jogo: a vida do meu filho.

— É aqui — Levi falou, parando a caminhonete no acostamento da estrada de chão. O sinal da última ligação de Ramon não fora claro, mas viera de algum ponto próximo. O problema era que estávamos no meio do nada.

Um cruzamento que fazia divisa com as quatro fazendas que tinha nessa região. Toda a terra tomada, toda a maldade feita. Era disso que se tratava essa vingança. Ramon sabia onde apertar a corda, conhecia o homem que eu era.

E a semelhança que sempre achei termos, não em aparência, mas em personalidade, mostrava-se com sentido agora. Nós tínhamos o mesmo pai, o mesmo sangue.

Possivelmente, a mesma besta selvagem pedindo para ser liberada.

A caminhonete à nossa frente, também parou. Os dois homens que Levi trouxera conosco saíram do carro fazendo a verificação.

— Augusto? — Levi chamou ao me ver olhar para o horizonte, à procura de uma saída para a loucura que Ramon criara.

— Sei que não é o que deseja escutar agora, mas não perca a cabeça...

Olhei em sua direção, sem lhe responder. Saí do carro em seguida, e

me juntei aos outros dois homens.

Passamos as próximas horas fazendo ronda por toda região, à caça de algum ponto vulnerável que pudesse nos levar a algum esconderijo. A cada pedaço de terra incendiado que vi diante de mim, um gosto amargo subia até a bile. A raiva que sentia aumentando, tornava-se mais densa.

Estar aqui e ver o estrago causado fez com que a busca por sangue se tornasse mais ávida. Eu mal me reconhecia, maldição.

Próximo ao anoitecer, Levi sugeriu irmos até uma das cidades mais próximas. Fazer perguntas costumava funcionar, mas não foi esse o caso. E, enquanto ele abordava pessoas sem o menor interesse de cooperar, eu observei o arredor. As casas simples, a praça caindo aos pedaços. Pessoas humildes indo e vindo, olhando-nos de esguelha, assustadas. Com as mãos enfiadas no casaco, sentindo a tornozeleira de Estela entre os dedos, eu acompanhei o garotinho andando de bicicleta no outro lado da rua. Essa não era a primeira que passava em frente aos carros, e muito menos que lançava olhares nervosos em nossa direção.

Desviei a atenção do moleque quando Levi se aproximou acompanhado de um senhor. A expressão cansada, e os ombros baixos, denunciava que era um trabalhador rural.

— Esse homem foi um dos desabrigados, Augusto — Levi informou, fazendo-me olhar o senhor com um pouco mais de atenção.

— Sabe de alguma coisa? — perguntei com calma. Franzindo a cara enrugada, o infeliz recusou-se a me responder. — Sabe, porra?

— Se soubesse não falaria. Minha família e eu estamos cansados de vocês, homens da cidade, virem aqui e destruírem tudo. O que está acontecendo ao senhor agora... é mais do que merecido.

— Como sabe que tem algo acontecendo comigo?

Ele se entregou.

— As pessoas falam.

— Será que falaram também que é a vida de uma criança inocente que está em jogo? Ou para vocês não importa?

O homem pareceu surpreso.

— Tudo o que eu sei é que tomaram algo do senhor... Mas, depois de tudo que nos fez, a gente não se importa! — cuspiu, com raiva.

— Já que estamos em uma cidade de cegos e mudos, eu vou te dar um recado, que você e os outros se fazendo do mesmo discurso de “não sabemos de nada”, talvez não apreciem... Avise a todos que, se algo acontecer ao meu filho, eu mesmo venho aqui e termino de incendiar essa porra. Fui claro?

O velho não abaixou a cabeça, como não esperava mesmo que fizesse. Pessoas como ele não tinham nada além de orgulho para lhes acompanharem.

— O que falei sobre não perder a cabeça?

— Você ainda não me viu perdendo a cabeça, Levi. Mas saberá quando acontecer.

Ao me virar, para a minha surpresa, o garoto de antes acompanhou o meu passo... como se quisesse dizer algo. Atravessei a rua, e o abordei.

— Mora aqui, garoto? — perguntei, e ao tê-lo assentindo, continuei: — Então você sabe que estou procurando por uma criança, não sabe? — Ele voltou a assentir. — Não fala?

— Falo sim, senhor.

— Ouviu algo por aí? Qualquer coisa...

— Sim, e também vi — admitiu, olhando para os lados.

— O que você viu?

Levi gritou meu nome, para que fôssemos embora, mas eu pedi para que esperasse.

— O que viu, garoto? Vamos, me diga!

— Quanto vai me dar? — Tão novo e já tão esperto.

— Depende do quanto a informação me for útil.

Ele sorriu.

— O homem de barba, ele veio aqui na cidade ontem, pegou algumas coisas naquela loja lá, olha... — Ele apontou para um mercadinho, menor do que o que tínhamos em Sertãozinho. — Fui lá pedir um biscoito, estava com fome, e ouvi ele dizendo no telefone que tudo já estava certo. Quase no fim.

— Quase no fim? — O que isso significava, porra?

— Você viu para onde ele foi?

Assentiu pela terceira vez, apontando agora para a direção que levava para fora da cidade.

Isso podia significar qualquer coisa.

Passei a informação para todos assim que entreguei ao garoto uma nota de valor alto; em seguida, entramos no carro e pegamos a estrada que me fora apontada, optando por seguir a estrada de chão, que era a menos movimentada. Em determinado ponto, ao nos ver sem saída, fiquei ciente de que, sem uma posição definida, passaríamos a noite inteira patrulhando o nada. O céu escuro sob nossas cabeças começava a cobrar o seu preço. Eu mesmo já estava cansado de toda esse vai e vem que tínhamos feito durante a tarde. Horas de viagem e à procura de alguma pista.

Mas nada.

Nós estávamos tão perdidos como quando chegamos.

Ok, não tão perdidos, já que havia a informação que o garoto dera.

O que isso poderia significar? Pensei por um longo tempo enquanto andava de um lado a outro no quarto de hotel de beira de estrada que havíamos parado a fim de passar a noite. Ir até uma das fazendas nesse momento seria um risco.

Mas, talvez fosse exatamente isso o que eu deveria fazer.

ESTELA SAAVEDRA

— Você precisa comer — Fernando me lembrou, e eu apenas sacudi a cabeça, apertando a manta ao redor dos meus ombros enquanto olhava fixamente para Alfredo, sentado na outra ponta da sala. Eu o tinha trazido para cá após o seu mal-estar, e o obrigado a ficar até que estivesse bem. O homem não falou, no entanto, seu olhar seguia perdido no que se era possível ver através da janela. Já não havia mais sol, como quando nos encontramos. Era noite lá fora agora. E a ausência de informações sobre Lucca e Augusto só aumentava o nervosismo de todos.

— Eu vou embora. — O velho ruim se levantou, agitado.

O mesmo temperamento arredo e irrequieto de Lucca.

Virei o rosto, e deixei que se fosse. O que podia ter feito por Alfredo eu fiz; e, se ele não caiu duro no chão, como imaginei que aconteceria com a notícia de que seu filho fora atrás do neto, não faria mais.

Ainda assim, havia algo em minha mente perturbando-me. Por isso, antes que pudesse se afastar de vez, eu lhe perguntei:

— Como sabe que é uma armadilha? — Eu havia tentado entrar em contato com Augusto e Levi, mas nenhum dos dois nos atendera. Algo que disseram que poderia vir mesmo a acontecer.

— Porque é o que eu faria no lugar dele.

Quando a porta se fechou, eu escondi o rosto entre os meus joelhos e rezei.

AUGUSTO ALENCAR

Avancei com o carro de Levi pela estrada, a quilômetros de distância do hotel em que havíamos nos hospedado. Estela dizia sentir, e agora eu tinha que concordar com ela, porque havia um pressentimento sobre esse lugar em específico. A fazenda para a qual enviei Ramon anos atrás, a minha tentativa

de tirar tudo o que atrapalhasse o meu caminho de perto de Estela.

Dirigi pela estrada íngreme, a que me levaria em direção à casa sede da fazenda, que se mantinha vazia há anos, e ao olhar para baixo, para a imensa extensão de terra atingida, eu apertei os dedos ao redor do volante.

Não trazer Levi fora uma atitude pensada, eu não o queria tendo que mentir por mim. Se alguém pagaria pelo que estava prestes a acontecer, seria eu. O que não me impediu de lhe deixar um aviso sobre o meu paradeiro, independente de como eu estivesse no final dessa noite, o homem saberia onde me encontrar.

Quanto mais inclinada a estrada se tornava, mais perto da casa eu ficava. Pelo caminho, passei pelas cabanas desocupadas, parte delas nunca foram demolidas. Era como uma cidade fantasma. Barracos velhos, resquícios das cinzas do fogo...

Mais alguns minutos de estrada, e eu senti o ar mais gelado. A casa era realmente localizada na parte mais alta da fazenda Santa Maria. O terreno íngreme, no entanto, tornava possível ver tudo. Arranquei do porta-luvas a *Magnum 44* que havia pegado mais cedo e conferi as balas recarregadas.

Guardei-a na parte de trás da calça, sem fazer alarde, e deixei o carro. Olhei para o casarão quase abandonado, distante de todo o maquinário que rodeava o lugar.

Os degraus de madeira chiaram sob os meus pés; e como esperava, a porta encontrava-se aberta. Não estaria assim se minhas suspeitas estivessem erradas.

Entrei na sala, e o breu impediu-me de ver o interior. Estava tão difícil reconhecer algo à minha frente, que ao andar eu acabei por chutar o galão de plástico. Abaixei-me, querendo sentir o cheiro do líquido a escorrer e cada músculo da porra do meu corpo congelou.

Era gasolina.

E havia muitos desses galões espalhados, até onde consegui identificar.

— Eu sabia que você viria. — A voz de Ramon foi ouvida enquanto eu me levantava devagar, sendo surpreendido ao virar e me ver sob a mira de um revólver apontado diretamente para a minha cabeça. *Ah, o maldito Karma.* — Só não esperava que fosse aparecer aqui sozinho, seu desgraçado. E pensar que separei uma bala especialmente para o filho da puta que te acompanha por todos os lados...

Ramon sacudiu a cabeça, conforme meus olhos se adaptavam ao escuro.

— Onde está o garoto? — inquiri, com calma. Imaginando os riscos caso estivesse aqui.

Ramon riu, venenoso. Mas não foi loucura o que vi nele, foi raiva.

— Não me diga que se importa com a criança... não você, Augusto.

— Eu perguntei... Onde. Está. O garoto.

— Acho que irá morrer sem uma resposta, ou talvez, eu diga. — Pressionou a arma contra a minha testa. — Imagine a tortura que será para você saber que além de não conseguir salvar o seu filho, você também não poderá evitar que ele viva longe da mãe. Com uma família qualquer em algum canto imundo do país.

Não vou mentir, a ameaça deixou-me apreensivo. Mas tinha a impressão de que isso era exatamente o que Ramon pretendia. Me desestabilizar.

— Assim como Alfredo fez com você — constatei.

— Tirando o lugar imundo, eu diria que sim. O filho da puta me arrancou dos braços de minha mãe e me entregou para a fodida de sua cozinheira me criar. Que porra de pai faz isso, Augusto? — A mão do infeliz tremeu enquanto ele sacudia o revólver. — É por isso que está aqui, para pagar pelos *seus* pecados e os de nosso pai. Não é irônico?

— Não, não é.

— Passe-me a arma, irmãozinho. — Ele adivinhou o que se passava

por minha cabeça. — Ou prefere ser chamado de Barão? O desgraçado Barão do Café. O dono do mundo. — Ele voltou a rir. — Eu quero ver o que dirão quando o encontrarem com uma bala bem no centro da cabeça. Eu quase posso imaginar os noticiários. Me pergunto também... se Estela irá chorar por você, ou se o sortudo com quem ela tem trepado a consolará...

— Filho da puta — cuspi, dando um passo à frente, sem pensar nas consequências. — Eu vou matar você, porra!

— Vai? — Agora sim, ele riu feito um louco. — Você parece se esquecer de que quem está com uma maldita arma apontada na cabeça é você, Augusto!

— Há quanto tempo sabe que somos irmãos? — quis saber, ganhando tempo. Não havia muito a ser feito no momento. Um passo em falso, e... haveria realmente uma bala em minha cabeça. Isto é, se Ramon não hesitasse.

— acredite ou não, foi o Bandeira quem me contou — titubeou antes de continuar. — ... um pouco antes de certo filho da puta me enviar para esse fim de mundo, onde surpreendentemente todos o odiavam. Isso sim é engraçado. Mas, enfim, foi por ele que soube que o meu querido pai seduziu a pobre coitada da minha mãe. O pior... foi descobrir que, se eu estava vivo, devia isso a Suzana. A puta que fugiu com o cigano. — Sua mão estremeceu, desprezo exalando de sua voz. — Bandeira também contou que foi o seu pai quem pagou para que abusassem de Estela, mas isso você já deve saber, certo? — Ele sacudiu a cabeça, como se o movimento o ajudasse a pensar. — Será uma pena quando o velho descobrir que o precioso filho dele foi morto pelo bastardo a quem nunca olhou duas vezes.

— Onde está a criança, Ramon? — Eu não queria saber a merda que havia acontecido no passado, queria saber onde estava Lucca. Não havia som de criança na casa, sequer sinal da presença de uma.

Apesar da *quase* certeza, não seria agradável descobrir que estive errado. Eu precisava ser certo antes que todo o lugar fosse tomado pelo fogo. Porque era isso o que acabaria por acontecer, não haveria galões de gasolina se a ideia não estivesse passando pela cabeça de Ramon.

— Sente o cheiro? — perguntou, com os olhos vidrados de raiva. —

Todo esse lugar vai queimar, e ninguém irá te ajudar... acabou, Augusto. Eu pensei muito nos últimos dias, olhei muito para aquela criança... e percebi que ele é como nós dois. Tem o mesmo gênio ruim dentro dele. O garoto me chutou, acredita? Eu tinha uma arma na mão, e o pestinha, que mal sabe andar, me chutou. Mas isso acaba com a gente, entende o que quero dizer?

Eu entendia, mas não aceitava. Por isso, com extrema calma, quase metodicamente, eu estendi a minha própria arma. Se ele me tinha como alvo, eu o transformaria em outro.

— No instante em que o seu dedo apertar o gatilho, a bala que eu tenho aqui já terá atravessado o seu cérebro. E diferente de você, Ramon... eu não hesito. Quer ferrar comigo? O faça. Mas não pense que deixarei barato, daqui onde estou eu só vejo dois destinos para você: a cadeia ou a morte.

Seus olhos mostraram-se nervosos.

— Atire, Ramon! Vamos acabar logo com essa merda.

— Se eu morrer, o menino desaparece! — gritou, camuflando o desespero. — A pessoa que está com ele irá sumir do mapa se eu não retornar amanhã de manhã.

Eu deveria parar de conversa e apertar o gatilho, pensar nas consequências depois. Mas não sei se estava disposto a correr o risco. Estela jamais me perdoaria se, por minha causa, algo acontecesse a Lucca. Eu jamais me perdoaria.

Um segundo de distração... e o filho da puta partiu para cima de mim, fazendo com que meus planos mudassem. Fui jogado no chão, a porra de um soco na cara fez-me urrar e em seguida perder o controle da minha arma. O primeiro tiro a me atingir acertou no ombro, a dor dilacerante cegou-me por completo. Grunhi, e ao voltar a enxergar Ramon eu notei a arma ainda apontada para mim. Ele não hesitaria dessa vez.

Soube assim que o seu dedo alcançou o gatilho.

Diferente do que muitos faziam, eu não fechei os olhos ou supliquei pela minha vida. Meu último pensamento acabou sendo a promessa que não consegui cumprir a Estela e o fato de que Ramon tirava de mim a chance de

ser um pai para o meu filho.

O som do segundo tiro foi ouvido, e eu esperei que me atingisse... que o perfurar queimasse como havia feito da primeira vez.

Mas a bala não me perfurou, sequer chegou a vir em minha direção. E, quando um lado de Ramon foi atingido pela arma que imaginei ser de Levi, dando-me tempo de recuperar a Magnum caída no chão, eu senti o estrago de outro tiro sendo disparado, agora, contra a madeira próxima ao meu rosto. Virei-me, sem pensar direito, e antes que o infeliz conseguisse o que buscava, já que parecia prestes a apertar o gatilho novamente, eu mirei em sua cabeça e atirei.

Levei um segundo para assimilar o que havia acabado de fazer, e enquanto Levi certificava-se de que a gasolina alastrando-se através das chamas vindas do chão, não nos queimasse vivos, eu olhei para o corpo de Ramon. Não havia orgulho no que fiz, apenas a certeza de que teria sido eu ou ele.

E talvez essa tenha sido a escolha da qual a cigana falara. Porque fácil, ela não foi.

A cena foi preenchida por policiais em questão de minutos, vários deles. Perguntas foram feitas enquanto um grupo de bombeiros tentava conter o fogo; um paramédico irritou-me ao tentar realizar o curativo em meu ombro. O delegado mais próximo chegou ao lugar, olhou-me como se não pudesse acreditar que eu seguia vivo; e em seguida, quando ameacei caçar os cúmplices do infeliz morto, um a um, ele declarou o meu tiro como um ato extremo de legítima defesa.

O paradeiro de Lucca, no entanto, não fora revelado. Mas a busca feita pelos policiais em cada maldita casa em um raio de quilômetros havia começado. Agora com alerta de prioridade.

Foi somente depois de dar um depoimento corrido, repassando cada passo do que havia acontecido durante a noite, que fui liberado. Recusei-me, porém, a sair dali até que a última chama de fogo fosse apagada. Meus olhos permaneceram vidrados em cada uma delas. Em tudo o que se resumira a casa, agora destruída. Policiais, viaturas, bombeiros, todos iam e vinham

enquanto eu tentava manter a calma.

A cena de Ramon, apontando a maldita arma em minha cabeça, repetia-se incessantemente, deixando-me louco por conta da adrenalina.

Foi somente na madrugada, com as viaturas fazendo a ronda por uma das cidades próximas, que me foi passado um possível local onde Lucca poderia estar. Apesar da recusa das autoridades em me levar junto, eu os acompanhei. A dor em meu ombro foi ignorada por completo. A verdade é que, com a preocupação, eu mal a sentia.

Pensei em telefonar para Estela, mas era madrugada ainda, e não havia certeza de que o paradeiro do garoto era mesmo esse.

Ao chegarmos em frente ao local humilde, os policiais foram os primeiros a entrarem, todos armados e com os revólveres já em mãos. Olhei para Levi, temendo que a incompetência daqueles homens ferisse o meu filho, e o enviei para segui-los. Minutos se passaram, cada um deles mais apreensivo que o anterior, até que a autorização para entrar foi-me finalmente oferecida.

CAPÍTULO 40

AUGUSTO ALENCAR

O estado em que o interior da casa se encontrava era degradante; e, só após a verificação dos policiais, que haviam apreendido os dois primeiros cúmplices de Ramon, é que se tornou possível dividir o mesmo local que os infelizes. Fui observado por um deles, que me olhou de forma repugnante. Como se o monstro aqui fosse eu.

O ignorei, atendo-me às pilhas de roupas e comidas. Uma sujeira só. E foi ali, escondido atrás de um sofá, que me deparei com a cabecinha coberta de cachos do meu filho, que olhava para os homens fardados com receio e, que assim que me reconheceu, como o *homem mau* de semanas atrás, deu passinhos hesitantes em minha direção. Como se pensasse que algo poderia lhe acontecer antes de chegar até mim; e, surpreendentemente, estendeu os bracinhos para que eu o pegasse.

Estive tão louco por acreditar que ele não era o meu filho, que não percebi que os olhos a me encararem tão firmemente, eram os mesmos que me encaravam de volta sempre que olhava para o reflexo do espelho. A mesma cor e intensidade. Ao encará-lo de volta, percebi que eu teria ficado facilmente de joelhos por esse garoto se fosse preciso. Tudo para garantir que nada, jamais, o atingisse. Nem a ele e nem a sua mãe.

As vozes a nos rodear, graves enquanto ditavam ordens, não o

assustaram. Lucca era corajoso como a mãe, eu notei. Uma pequena ferinha selvagem.

E eu, que achei que o amor que sentia por Estela preenchesse cada espaço do meu peito, não tinha ideia de como esse mesmo amor poderia dobrar de tamanho e ocupar todo o espaço dentro de tão pouco tempo. Não era questão de amar mais ou menos, eu os amava com a mesma intensidade.



Ao caminhar até o lado externo da pequena casa, com Lucca em meus braços, escutei os gritos de uma mulher sendo levada até a viatura. Antes de entrar, no entanto, a infeliz encarou a mim e ao Lucca, que franziu a testinha na sua presença.

— Pode levar a criança, seu miserável! — cuspiu as palavras, cheias de ódio. — O garoto mordeu todos os meus filhos... é um monstrinho! Tal pai, tal filho!

Lucca olhou bravo para ela, que foi empurrada pelo policial. Como imaginei, eu logo descobri que ela fora uma das mães das famílias desabrigadas quando tomei as terras. Sem casa, sem um lugar para criar seus filhos. O marido alegara ser contra o que a esposa fez, mas não fizera nada para impedir. O dinheiro encontrado em um dos travesseiros foi a prova de que o que Ramon disse era verdade, o casal iria fugir com Lucca se ele não voltasse.

Lamentei pela família da mulher, dando-me conta que contribuí para que tudo acontecesse. Os inimigos eram meus, não de Lucca ou Estela.

Por sorte, já pela manhã, o delegado aceitou o meu pedido e fez uma proposta aos dois. Informou-os de que, se ajudassem a apontar os outros envolvidos no caso, que eu, com o meu depoimento, os ajudaria a receber uma pena reduzida. Procurei saber com quem estavam as crianças antes de partir, e deixei Levi encarregado de oferecer apoio financeiro para que não

sofressem com as consequências dos delitos dos pais.

Foi o mínimo que pude fazer naquele momento; e assim como quis fazer por eles, eu desejei fazer pelos outros.

Horas depois de deixarmos a cidade, Lucca afastou o cabelo da testa, e olhou para o lado de fora da janela do carro que Levi dirigia. Em meu colo, no banco de trás, ele não havia falado muito. A criança parecia quase preocupada. Pouco menos de um dia ao seu lado, e a certeza de que eu faria o impossível para não cometer os mesmos erros que o meu pai, passou pela cabeça. Eu me esforçaria, seria presente.

O colocaria em primeiro lugar em minha vida. Uma posição que Estela e ele ocupariam lado a lado.

E pensar que quase arruinei com tudo. Que, se minha cigana não tivesse ido embora, o pior poderia ter acontecido. Naquela época eu não era o homem que sou hoje, nunca havia sofrido por amor. Sentido o que era perder o chão que lhe mantinha de pé. Estela foi embora e levou tudo com ela. Inclusive, o meu filho.

Mas eu não guardava mágoas, seria hipocrisia se o fizesse.

— *Vamo pra casa?* — A voz de Lucca chamou minha atenção, afastando os pensamentos indesejados.

— Sim. — Onde *sua casa* estava, eu não fazia ideia, mas ele e a mãe agora eram a minha; e para onde fossem, eu também iria.

— Ver *mia Estêla*, né? — Assenti, e ele balançou a cabecinha. — *Mia Estêla* sente saudade. Eu sei.

Ele sabia?, questionei-me atordoado, sentindo-o deitar a cabecinha em meu peito. Os olhos se fechando pelo sono não dormido.

Virei o rosto, a fim de esconder de Levi a emoção crua que me tomou enquanto eu mantinha o meu filho em meus braços, com a certeza de que se eu tivesse que dar a minha vida por alguém, seria para manter Lucca e sua mãe, a salvo de tudo e todos.

Desci os degraus, sem ideia de como fui capaz de dormir tantas horas seguidas. Em algum momento na noite passada, após a saída de Alfredo, Fernando deve ter me pegado no colo e levado para o quarto. Porque eu não conseguia lembrar de nada. Um relapso provocado pelo cansaço, possivelmente. Ao escutar vozes, vindas da cozinha, eu fui até o cômodo olhando para o seu interior, com receio.

Deparei-me com o detetive e o delegado de Sertãozinho, atentos a ligação, enquanto Fernando mantinha o telefone em seu ouvido. Tudo parecia estar sendo retirado da sala, e isso me deixou nervosa. Porque só poderia significar duas coisas.

— Eu avisarei a ela... não se preocupe... eu tomarei cuidado ao falar...
— *Cuidado para me falar o quê?*

Antes mesmo de encerrar o telefonema, Fernando se dera conta da minha presença. A expressão em seu rosto era serena demais para alguém prestes a me dar uma notícia ruim. Ainda assim, eu não sabia o que esperar. Eu havia sentido que alguém partiria. Senti com todo o meu coração.

— Estela... — Fernando me chamou ao me ver lhe dar as costas, e ir me esconder no escritório onde Augusto e eu fizemos amor. Dentro daquele cômodo, eu podia senti-lo além das lembranças. Recusando-me a olhar para Fernando, que me seguiu por todo o caminho, eu me sentei no sofá e tentei respirar.

Mas não conseguia. Porque se tivesse perdido qualquer um dos dois... eu morreria junto.

— Minha criança.

— Não quero saber. — Tapei os ouvidos. — Não quero, Fernando. Não quero.

— Estela. — Fernando afastou as minhas mãos a tapar meus ouvidos. — Eles estão bem. Augusto está trazendo o seu filho de volta. — Olhei-o desconfiada, o corpo inteiro tremendo. — Eu juro, Estela.

— Se for mentira...

— Quando eu menti para você, minha criança? — Tirando a morte de sua cliente, que inventou para que Augusto e eu tivéssemos a chance de nos aproximar, Fernando jamais mentira.

— Eu senti... que alguém iria morrer. Havia fogo, Fernando.

— É sobre isso que me pediram para falar com você com cuidado. O Ramon... ele não resistiu. Houve uma troca de tiros, e...

— Augusto. — Ele sabia a que eu me referia.

— Sim, o tiro partiu dele, mas foi legítima defesa, Estela. Ramon o teria matado se não tivesse reagido. Fora que, de acordo com o que Levi disse agora há pouco, o desgraçado do irmão de Augusto estava pretendendo sumir com o seu filho. A família com quem Lucca ficou nos últimos dias estava avisada de que, se algo lhe acontecesse, eles deveriam desaparecer com o garoto.

Meus olhos se arregalaram ao imaginar pessoas tão ruins.

— Lucca é só uma criança... como eles poderiam?

— Vingança, Estela. Ramon estava cego pela vingança. Entende agora por que sempre me preocupei com a raiva que via em seus olhos? Esse tipo de sentimento destrói o ser humano.

— Eu o perdoei, Fernando. Antes mesmo de... ele partir. Eu o perdoei. Pedi para que voltasse para mim... mas morri de medo que não fosse acontecer. Eu achei que o perderia. Que... aquela seria a última vez que eu o veria.

— Ele está voltando, Estela.

— E trazendo o meu filho. — Não foi uma pergunta, apenas uma confirmação.

— O filho de vocês, não se esqueça. — Não era como se fosse fácil de ser esquecido.

A porta da frente foi aberta, e uma Estela desesperada saiu de dentro. Ela não hesitou, não esperou para que parássemos. Descalça e com toda aquela cabeleira solta, minha cigana veio em direção ao carro e, quando viu o nosso filho através da janela, ela se aproximou. A mãozinha de Lucca foi parar contra o vidro, e assim que o motor desligou, ela fez o mesmo. Os dois se olhavam, com um amor que só podia imaginar ser infinitamente maior do que o que eu sentia por eles.

Lucca era um pedaço dela. Não deveria haver amor maior do que esse, entre mãe e sua cria. Deveria ser assim, pelo menos. Nem todas as mulheres eram como Estela. Que fugiu para proteger o que tínhamos de mais sagrado. Que lutou tão bravamente por nosso menino.

Ao deixar o carro, Lucca praticamente se jogou nos braços da mãe, que o apertou como se sua vida dependesse dele. Assisti a cena, sentindo-me em paz. Eu podia não saber o que o futuro me resguardava. Mas sabia que os dois estariam bem.

Seguros.

Com Lucca ainda em seu colo, Estela abriu os olhos verdes, molhados de lágrimas, e me encarou, fitando primeiro o curativo que tinha em meu ombro e, em seguida, o meu rosto.

Aproximei-me deles, beijando sua testa e desanuviando qualquer preocupação.

— Você levou um tiro? Foi grave?

Eu a abracei com o braço não ferido, e sussurrei em seu ouvido:

— Eu estou bem. — Ou estaria em breve. — O que importa é que você e Lucca estejam juntos de novo.

— E que você voltou para mim. — Sempre.

Eu sempre voltaria para ela.

— Significa... eu te amo — falou de repente, deixando-me confuso.

— O quê?

— É isso o que significa *me volis tu*: eu te amo — esclareceu após tanto tempo.

E todos os momentos que tivemos, mesmo os ruins, foram revividos em minha mente naquele mísero segundo. O primeiro beijo, a primeira vez que transamos. O momento em que me dei conta de que o que sentia por essa garota não era somente tesão, que o que me motivou a estar perto dela não foi o desejo de vingança. Havia mais, havia amor.

Daqueles capazes de foder com a vida até do mais implacável dos homens.

— Dizer que te amo não seria suficiente, Estela. Quero apenas que saiba que... à sua maneira, você me salvou. — Minha cigana sorriu, ainda entre lágrimas, e empurrou a boca molhada de seu choro contra a minha.

Percebi naquele momento que santo eu jamais seria, os rastros dos pecados que deixei pelo caminho eram longos demais para que pudesse ser beatificado. Mas por Estela, por ela e o filho que tínhamos, eu me tornaria um homem melhor.

Ou morreria tentando.

ΕΠÍΛΟΓΟ



UMA SEMANA DEPOIS

AUGUSTO ALENCAR

Jornalistas e repórteres de alguns dos principais jornais do país, dirigiam-me perguntas a respeito dos incêndios que atingiram minhas propriedades nos últimos meses, agora confirmados como criminosos, enquanto, de forma sucinta, eu sanava as principais dúvidas que surgiam. A coletiva organizada por Benjamin tinha como intuito preservar a imagem do Grupo Alencar em um momento tão crítico.

Após os últimos acontecimentos, eu me propus a fazer diferença na vida das pessoas que indiretamente prejudiquei. Não que tivesse dado as costas à ambição a me conduzir, ditar meus passos, não, esse era um traço de minha personalidade que não mudaria, mas haveria outras formas de expandir e conquistar o que eu tão obstinadamente desejava, que nesse caso era manter o Grupo Alencar como referência internacional no quesito exportação de café de alta qualidade.

Quanto as medidas que me dispus a tomar, ficou decidido que começaria com a doação de uma quantia considerável para o remanejamento das famílias desabrigadas, além do projeto de reconstrução das casas demolidas e a recuperação do solo agora infértil. Um valor alto, mas ainda assim, abaixo do que o que paguei por todas aquelas terras. Não era lucro ou prejuízo em que pensava, e sim no dever de proporcionar às famílias lesadas uma chance de recomeçar. Meus erros não seriam apagados com o auxílio, nem teriam a importância diminuída.

Quando perguntado sobre a crise que atualmente assombrava o Grupo Alencar, respondi da forma mais direta possível:

— Anos atrás, reergui o Grupo à beira da falência. O que me motivou foi o desejo de tornar a empresa criada por meu trisavô, o que ela é hoje.

Foram tempos difíceis, que exigiram de mim e da equipe que me rodeia total dedicação e empenho, tenho certeza agora de que, com a tomada de decisões certas, eu conseguirei repetir o sucesso do passado...

O prejuízo causado pelos incêndios não cobraria o seu preço agora, e sim no futuro. E, se quisesse diminuir o impacto que a redução de grãos colhidos traria às exportações previamente agendadas, as medidas teriam de ser tomadas agora. E não, porra, eu recusava-me a ser deposto. A cadeira da presidência era minha, e para me tirarem de lá, só estando morto.

Com o término da coletiva, passei por entre os jornalistas enquanto Levi protegia as minhas costas. Os óculos escuros foram abaixados ao chegar à calçada e foi lá que os encontrei: Estela e Lucca. Isso, depois de pedir para que me esperassem dentro do *Chrysler*, junto do motorista e estariam em segurança.

Havia razões para terem vindo comigo para São Paulo, a principal delas era os arranjos sendo feitos para que o meu nome fosse registrado na certidão de nascimento do meu filho. Ele era um Alencar, e seria criado e tratado como um. Outra razão, era fazer o reencontro entre Estela e Athos, que se apegara de tal forma a minha cigana que nunca me perdoou por tê-la feito ir embora.

Ao retornarmos para Sertãozinho no final do dia, Athos também nos acompanharia. Sei que seria difícil conciliar os compromissos que tinha na cidade com a vida que pretendia levar na fazenda, mas, pela felicidade daqueles dois, eu não me importaria com o sacrifício que tivesse de fazer.

Para tanto, uma parte da fazenda seria adaptada a fim de facilitar o ir e vir, e claro, em breve teria início a construção da nova pista de voo para que Estela não precisasse entrar nas terras vizinhas. Por mais que fossem minhas, Alfredo ainda vivia nelas. O aviso, porém, para que se mantivesse longe da minha família foi dado, e a ameaça de uma possível internação também. Não estava sendo cruel, apenas precavido. De um homem que, no passado, chegou a pagar para que abusassem de Estela, eu sempre esperaria o pior.

Quanto a fazê-lo pagar por tudo o que fez, acho que a própria vida e a loucura que o dominava se encarregariam de lhe arruinar. Não seria um fim

agradável o que escolheu ter, e morrer sozinho era o que aconteceria ao homem.

— Terminou? — minha cigana quis saber, ao se aproximar. — Foi tudo bem?

O sorriso tímido em seu rosto, denunciou sua apreensão. Na última vez em que esteve na capital, as coisas não terminaram exatamente bem. Mas agora seria diferente. Estela ainda não sabia, mas a cidade inteira se curvaria aos seus pés. Esse era o tipo de coisa que acontecia a homens edificadas sob o molde da sociedade em que cresci.

E nessa sociedade, se um homem em minha posição não fosse implacável, ele não sobrevivia.

— Sim para as duas perguntas, meu amor.

— Acha que Athos irá gostar da fazenda? — perguntou, com expectativa. — Eu estou tão ansiosa para ver ele, Augusto. Faz tanto tempo.

— Ele também sentiu a sua falta... eu não fui o único.

— Também senti a de vocês — disse baixinho, sendo interrompida por Lucca que esfregou a pontinha do nariz no dela e em seguida pediu para ir ao chão. Estela fez a sua vontade, e antes de beijá-la, como pretendia, eu segurei a ferinha selvagem entre as pernas para que não corresse, e rocei os lábios em sua mãe.

A claridade e explosão dos *flashes* dos jornalistas vindos em nossa direção, registrando o momento, foi o que nos fez afastar.

Estela olhou confusa para a pequena multidão, retraindo-se.

Perguntas foram feitas enquanto o motorista dava a volta no carro e abria a porta para que entrássemos. Não respondi a nenhuma delas, e, quando os dedos de Estela procuraram pelos meus, entrelaçando-os como se estivesse com medo, eu os apertei, garantindo em silêncio que jamais a soltaria. Lucca, no entanto, não parecia tão assustado; e diferente da mãe, ele fitou a todos com a expressão zangada. Odiando que o nosso momento tivesse sido interrompido.

— Sr. Alencar! Sr. Alencar! Quem é a garota? — Parei, antes de entrar no Chrysler à nossa espera; Levi, por sua vez, agiu como se fosse afastar a jornalista. Mas antes que o fizesse, eu sanei a curiosidade de todos:

— Ela será a minha esposa.

A primeira e única Sra. Alencar em minha vida.

UM MÊS DEPOIS

AUGUSTO ALENCAR

De frente para a janela panorâmica do escritório, observei a correria da cidade de São Paulo. A última semana fora um martírio, não tive como voltar para Sertãozinho, e com Sierra afastada, Benjamin e eu vínhamos sentindo na pele a ausência de um cérebro a menos. E assim seria, até que contratássemos um substituto à altura.

Com a mente longe, eu sorri ao lembrar de Lucca. Estela e eu havíamos contado ao garoto que eu era o seu pai, e mesmo que tenha passado o dia inteiro olhando-me de esguelha, como se quisesse ter certeza, Lucca começava a demonstrar que me aceitava em sua vida. Sei que não poderia esperar que fosse fácil, mas não vou negar, eu me sentia possessivo em relação a ele e ao afeto que nutria por Fernando. Um afeto que sua mãe também alimentava.

Não saberia dizer com exatidão o que senti ao descobrir que Fernando foi apenas outra mentira de Estela, mas sei que no momento em que as palavras saíram de sua boca tudo em que pensei foi em levá-la para a cama mais próxima e fazê-la pagar por agir como uma pequena mentirosa. Até então, a ideia de que tenha pertencido a outro homem estilhaçava o meu peito. Não queria sua fidelidade somente por ser um homem possessivo, mas também pelo que a sua inocência significava para nós dois.

A conclusão que cheguei foi a de que havia muito a ser aprendido para que me tornasse pelo menos metade do homem que Estela merecia ter ao seu lado, mas uma coisa era certa: Fernando sempre estaria presente na vida daqueles a quem eu amava. Não podia esperar menos, já que foi ele quem cuidou de Estela e Lucca quando eu não fiz.

Decididos a construir uma vida juntos, Estela e eu tomamos a casa de Hortência como o nosso lar. Os dias passados naquele lugar vinham mostrando o futuro que poderíamos ter. O meu pequeno paraíso em meio à

correria que era todo o restante. O lugar para o qual eu sempre voltaria, não importava o quão exigente fosse o mundo fora daquelas terras.

— Augusto? — A voz de Sierra trouxe-me de volta à realidade.

Pedi para que viesse me ver, nós não tínhamos conversado após o incidente e havia muito o que ser explicado. Além, é claro, do ponto final que pretendia colocar em nossa história.

— Assinou os papéis? — inquiri, incapaz de esquecer sua traição. A forma como tratou Estela, e em como me manipulou. Mantendo para si a existência de Lucca...

Eu sentia a mesma raiva por Alfredo. Ambos, não apenas omitiram, como interferiram em algo extremamente delicado.

— Eu gostaria de conversar com você antes... O que está fazendo é loucura.

Eu a escutei, Sierra não se mostrava arrependida ou disposta a aceitar que minhas prioridades haviam mudado.

— Tenho lido os jornais, Augusto. Assisti a coletiva que deu... o dinheiro que irá doar. O que deu em você?

Sacudi a cabeça.

— Eu vi o que fiz àquelas pessoas, Sierra. O que causei — grunhi, levantando-me com rispidez. — Não sou inocente, mas, porra, olhe para trás e veja o que fizemos! Nós passamos por cima de muito para conseguir o que tenho hoje, e o preço a pagar tem sido caro.

— Nós fizemos o que precisávamos fazer, Augusto. E não me venha com essa de se sentir culpado, eu te conheço... e me recuso a acreditar que tenha mudado.

— Não mudei, continuo o mesmo homem que você conheceu por todos esses anos. A diferença é que agora a minha família vem em primeiro lugar. E é por eles que serei capaz de tudo.

— Inclusive matar? Tem ideia do risco que correu? — perguntou em

um tom de voz baixo, fazendo-me relembrar a loucura daqueles dias e a certeza de que, se eu não tivesse disparado aquele último tiro, o morto aqui seria eu.

— Eu tenho. E faria tudo exatamente igual se tivesse que optar. E por me conhecer tão bem, Sierra, você deveria saber que, quando ponho algo em minha cabeça, não há santo que me faça desistir.

— E agora você quer brincar de família feliz. É isso o que está tentando me dizer? — perguntou igualmente agressiva.

— Não tem ninguém brincando aqui. E não precisa aceitar ou concordar, a única razão pela qual te chamei é porque eu quero que assine os papéis de sua demissão. Cada uma dessas folhas...

— Essa é a forma que encontrou de me calar, não é? Empurrando-me um desses contratos inescrupulosos.

— Você deve saber bem, já que foi quem os criou.

— Sim, mas o fiz para te proteger, e não para...

— Apenas assine, Sierra — pedi, soando um pouco mais duro.

Eu não lhe queria mal, só não a queria perto da minha família. Sierra esteve comigo por muitos anos, mas eu também a conhecia. E não a achava confiável.

Não tirava minha parcela de culpa, tinha consciência de que se Estela foi atingida por Sierra e Alfredo, até mesmo por Ramon, foi porque a minha sede por vingança os impulsionou. Então se havia um culpado em toda a história, esse alguém era eu. E o meu preço, eu vinha pagando.

— Depois de todos esses anos dedicando-me a você...

— O que você fez, Sierra, foi alimentar o déspota dentro de mim!

— Você vai se arrepender do que está fazendo.

— É uma ameaça? Porque se for, avise-me para que eu me prepare... e eu juro, Sierra, que se você pensar em chegar a um metro de distância de

Estela ou do meu filho, eu a esmago.

Sierra me encarou, furiosa. Mas em seguida, abaixou a cabeça.

— Não vou lhe desejar felicidades. Não vou olhar na sua cara e mentir dizendo que entendo o que está fazendo, vou apenas torcer para que se arrependa, Augusto.

— Somos dois, então. — Ela entendeu ao que eu me referia, e assinou o contrato que garantiria a minha paz de espírito. Uma palavra sobre o que fiz ao longo dos anos, ou sobre o miserável que eu fui, e a carreira de Sierra estaria liquidada.

Quando todos os papéis foram assinados, ela se virou e partiu. Ciente de que qualquer coisa que dissesse agora seria inútil. E que, depois que tomava uma decisão, eu não voltava atrás.

A porta se fechou atrás dela, e logo em seguida Benjamin entrou.

— Então ela se foi. — Não houve lamento em sua voz, não o que eu esperava para um homem que tinha estado todo esse tempo apaixonado por uma mulher que nunca quis nada mais do que sexo com ele. Benjamin foi o próprio a me contar, o que não me surpreendeu. No fundo, eu sempre soube que havia algo mais entre os dois.

— Não vai mesmo lutar por ela?

Ele negou.

— Não posso amar por dois, Augusto, além disso... eu conheci alguém — declarou, sério. — Não é bem o tipo de mulher com o qual costumo sair, mas ela é doce... e todas as outras coisas que Sierra não é.

— *As doces* são as piores, meu caro.

— Estou começando a perceber. — Sorriu, e o restante da conversa se resumiu a negócios. Nós estávamos prestes a fechar a compra de uma fazenda próxima a região que fora afetada pelo último incêndio, e dessa vez toda a transação vinha acontecendo dentro dos trâmites legais.

E isso era algo que agradava a Ben, que de nós três sempre foi o único

a mostrar desconforto com as decisões que tomei ao longo dos anos.

A minha nova forma de fazer negócios também agradava a Levi, que confessou odiar não saber quando eu seria atingido por uma bala perdida de algum possível infeliz querendo vingança. Ele riu ao dizer as palavras, mas nós dois sabíamos que esse risco sempre foi real. Estive brincando por muito tempo com fogo, e quem brinca com ele, sempre acaba se queimando, certo?

ESTELA SAAVEDRA

— Lucca? — chamei seu nome, procurando-o pela casa. Com os dedos sujos de tinta, dos retoques que vinha fazendo na sala de costura e que em breve se tornaria um ateliê para que eu pudesse produzir as minhas peças, eu marchei preocupada pelos cômodos. — Lucca? — chamei um pouco mais alto, desesperando-me ao ver a porta da frente aberta.

Meu menino deu para abri-la sozinho nos últimos tempos, e descer, mesmo que sentado, os degraus do alpendre. Então, após conseguir a façanha, ele desandava a correr. E fazia Athos, que agora morava conosco, correr atrás dele. A princípio tive medo que ele e o Mastiff de Augusto não fossem se dar bem, mas o tempo mostrou que não havia com o que se preocupar. Athos o amava, acho até que acima de mim. E, como imaginei, foi lá fora que os encontrei. Os bracinhos de Lucca seguiam estendidos para o alto enquanto ele olhava para o céu e corria pelo gramado enquanto Athos, completamente imóvel, o assistia.

— *Avão... Avão... Estêla.* — Também olhei para o céu azul, quase todo encoberto, e sorri ao me deparar com o bimotor de Augusto sobrevoando baixo a fazenda.

— É o papai, meu amor.

Lucca olhou para mim, os olhinhos repentinamente sérios.

— É *avão, Estêla* — contestou.

— Sim, Lucca, mas com o *avião...* vem o seu papai, lembra que te falei?

Meu filho assentiu, voltando a olhar para cima. Como se esperasse que dali caísse o Augusto. Mesmo com o vestido sujo de tinta, eu o peguei no colo e o beijei no rosto. Os cachos de Lucca, cada dia mais compridos, foram presos no alto de sua cabeça, e os pés descalços estavam agora mesmo cheios de terra.

— Vamos entrar, seu porquinho, porque você precisa de um banho.

O que não era necessariamente uma tarefa fácil. Mas, após conseguir fazê-lo ficar quieto por alguns minutos, eu o enxuguei e o vi escapar por debaixo das minhas pernas, indo atrás de Athos, que passou a correr agitadamente pela casa. Ambos conseguiram sair pela porta da frente, e como se soubessem que em breve Augusto estaria ali, eles se sentaram no alpendre e esperaram.

Por detrás da porta, eu apoiei a testa no vidro, e os observei. Em breve, os dois homens da minha vida estariam juntos. E esses momentos, em que tinha a certeza de que Augusto sempre voltaria para nós dois, era o que tornava a sua ausência menos dolorosa. Aguardei, tão ansiosa quanto eles, pensando em tudo o que teria perdido se não tivesse conseguido perdoar esse homem.

Se não tivesse dado uma segunda chance a ele e ao nosso amor.

Só que eu dei, e agora, não havia um só dia em que deixava de agradecer a Santa Sara Kali por acalmar o meu coração. Não foram anos fáceis, eu perdi muito, mas vendo a minha pequena família reunida, eu também podia ver tudo o que ganhei.

AUGUSTO ALENCAR

Um par de bracinhos curtos envolveram as minhas pernas, impedindo-me de continuar a caminhar. E ser recebido assim ao voltar para casa era o que fazia meus dias terem sentido.

— *Avão*, chegou! — Olhei para o meu filho, sem compreender ao que se referia. — No céu, *avão* chegou do céu.

— Você o escutou, não foi?

Lucca assentiu, vindo parar nos meus braços.

— Como passou, meu garotão? Cuidou bem da sua mãe?

— *Mia Estêla!* — praticamente gritou. — *Mia.*

— *Nossa*, Lucca. Estela é *nossa*. — Pensei que fosse discordar, mas em seguida ele se agitou, pedindo para descer a fim de correr atrás de Athos.

Meu filho era uma pequena ferinha selvagem, não restava dúvidas.

O assisti cair, tamanha efusividade, e em seguida se levantar e limpar as mãozinhas na fralda branca. Seguindo o seu caminho atrás do meu cachorro, que já nem era meu, e sim dele e de Estela.

Desviando o olhar da cena, eu procurei pela minha cigana, que seguia na varanda. Não demorei a me aproximar, e assim que subi os degraus da frente, eu abandonei a mala de couro e a chamei.

— Venha aqui. — Estela hesitou, mas em seguida, deu passos curtos em minha direção. Até que com um sorriso escancarado no rosto, a safada pulou em meu colo e afundou a cabeleira em meus ombros. Ela cheirava a tinta, mas a algo mais também.... algo como sabonete de bebê. Não quis nem imaginar o modo como estariam as minhas roupas quando se afastasse, por que sinceramente? Eu não dava a mínima. — Você não faz ideia do quanto senti a sua falta, amor.

— Sentiu mesmo? — perguntou, quase insegura. Um mês não era tempo suficiente para que recobrasse a confiança em mim. Então eu compreendia os momentos em que me olhava desconfiada. Assim como entendia o medo que tinha de ser novamente machucada.

Só que isso não voltaria a acontecer. Eu preferia *me machucar*, a vê-la fria como antes. Tão diferente da cigana que virou o meu mundo de cabeça para baixo.

— A cada minuto do dia — respondi, com a voz grave e o coração batendo selvagememente dentro do peito.

Era sempre assim com Estela.



Não foi até bem tarde, que tivemos um tempo para ficarmos a sós. Com Lucca dormindo no quarto do andar superior, Estela se enfiou debaixo do chuveiro após a minha saída e garantiu que não iria demorar. Desci, separando uma das garrafas de vinho que havia pedido para que Levi trouxesse da adega da cobertura, e as servi em duas taças. Recém-saído do banho, eu caminhei descalço pelo assoalho de madeira, e me sentei em nosso novo sofá.

Admirando o cuidado com que Estela vinha organizando tudo, à sua maneira. Transformando o antigo lar de Hortência, em nossa casa. Uma das primeiras coisas que me pediu depois que decidimos que eu me mudaria, foi para que não houvesse nada de cinza na decoração. Estela odiava a cor. Aceitei o que me pediu, incapaz de lhe negar nada, mas ao olhar para a nossa sala agora eu me dei conta de que deveria ter lembrado de sugerir para que escolhesse um único grupo de cores por vez.

Não que pudesse culpá-la, Estela tinha tanta energia e ardor dentro dela quanto as cores espalhadas pelo cômodo.

— Gostou das nossas novas cortinas? — Eu as estava olhando nesse momento.

— São a sua cara...

— Isso é bom, não é? Que sejam a minha cara? — perguntou, inocente.

— Para mim é ótimo, amor — fui honesto, até porque, sempre que olhasse para a profusão de cores, eu me lembraria dela.

— Então foi uma boa compra. — Sorriu, e ao entrar no meu campo de visão eu soube que nossos planos para o jantar teriam de ser adiados.

Isso, se fôssemos levar em conta o olhar safado e cheio de segundas intenções que me destinava.

Eu a observei, em um único movimento retirar o vestido que usava. A pele nua, ainda úmida do banho, pareceu ainda mais quente diante dos meus olhos. Pude sentir o cheiro de rosas mesmo que a distância, e me questioneei se ela não estaria inteira com ele em seu corpo.

Porra, eu desejei que estivesse.

— Não gosto de ficar longe de você — disse, ao pegar uma das taças de vinho.

Com ressalva, Estela experimentou o líquido grená, um legítimo Montenegro, e em seguida sorriu. Bebericando um pouco mais. *Ela tinha gostado.*

Acompanhei o momento em que lambeu os próprios lábios, uma provocação que teve efeito imediato no tesão que já sentia.

— Não vou conseguir sentar em uma mesa e fingir que não estou louca de vontade de ter você dentro de mim, Barão. — Estela me entregou a taça, e devagar montou em meu colo. — Não sou tão forte assim... — A boceta da safada se aninhou contra o eixo rijo sob a calça. A taça em sua mão, foi levada até a minha boca, fazendo-me beber do vinho.

Algumas gotas caíram sobre o meu peito, e ela as chupou. Ávida.

— Estou quente, Augusto. Preciso de você.

— Você já me tem, cigana. — Sorriu, chupando do meu lábio o vinho.

— Você não me entendeu, eu preciso de você... só que dentro de mim.

— Está a fim de me enlouquecer hoje, não está? — Estela confirmou, voltando a chupar o meu tórax. A boca foi descendo... até que os dedos finos começaram a abrir o zíper da calça e ela rapidamente puxou o meu pau para fora.

Essa não era uma carícia que fizemos no passado, talvez por isso ela andasse tão faminta para me ter em sua boca. Que com toda sua inexperiência e vontade de me proporcionar prazer, deixava-me em ponto de bala. A verdade era que cada ação de Estela era inocente. Ela era reativa, fazia as coisas movida pela vontade do seu corpo, nunca era um jogo.

Quando a vi se ajoelhar entre as minhas pernas, quase pedi para que desistisse da ideia de me chupar e me deixasse tomá-la de uma vez, mas não fui forte o bastante, e nisso nós dois éramos iguais. Grunhi ao ter os lábios de Estela envolvendo a glândula do meu pau, o ruído a me escapar deixou-a excitada. Sem controle algum, bati a cabeça contra o encosto do sofá e deixei de pensar.

— Caralho, como eu amo a sua boca!

A sugada foi mais profunda, quase violenta. Fez com que minhas pernas estremecessem a ponto de sacudi-la, o olhar que me lançou foi a razão pela qual eu a puxei pelo cabelo e a trouxe para o meu colo, beijando-a ferozmente.

— Amo você inteira, garota — admiti, entre mordidas e chupões. — Toda você.

— Eu amo você inteiro também — sussurrou, quase encaixando a boceta sobre a glândula molhada. O vai e vem do seu corpo, porém, fez-me gemer baixo e lhe apertar as coxas, em uma tentativa de dominá-la. Conter, por um instante, o seu fogo.

— Fica comigo para sempre? — pediu, em meio ao beijo, seu corpo tremulando sobre o meu. — Não me deixa nunca?

Afastei-a por um instante, querendo admirar a beleza selvagem da mulher que tinha em meu colo. Estela me tinha inteiro, cada pedaço sombrio do homem que eu era, então é claro que eu jamais a deixaria.

— Achei que já tivéssemos entendido que nenhum de nós dois deixará o outro. — Passei o dedo pelo anel de noivado que usava. A peça era única, e tinha valor não pelo diamante rosa, protegido por delicadas pétalas de ouro amarelo, e sim, pelo que me fazia lembrar.

O cheiro dela.

— O anel me faz sua, não é?

— Não completamente, o que a fará minha será o meu sobrenome...

Estela Saavedra Alencar.

— Eu gosto — disse, com o ar sonhador. — Vou poder casar de vestido e tudo?

— Eu espero que sim. — Sorri. — E que use calcinha no dia também. — Soltou uma gargalhada gostosa.

— Prometo que usarei, mas não quero que seja na igreja.

— Onde então? — Senti-a se mover sobre a calça jeans grossa que eu usava, detendo-a pelo quadril, dessa vez. Quase sem acreditar que estávamos falando sobre casamento e igreja, com ela nua em meus braços.

— Pode ser na fazenda? Ou na praia? Isso, eu quero me casar na praia, Augusto. Quero tomar banho de mar depois que disser sim a você. — Assenti, imaginando a cena.

— Será como você quiser, amor. Fazenda, praia... igreja. Apenas escolha.

— Me ver casada sempre foi o sonho do meu pai, sabe — murmurou, de repente. A expressão em seu rosto assumiu a tristeza que sentia sempre que pensava em Caetano. — Foi o meu sonho também, mas o meu pai dizia que essa era a vontade dele. O maior desejo.

Após a visita que fizera ao pai, meses atrás, o rastro de Caetano foi novamente perdido. O acampamento se mudara para outra cidade, deixando-nos sem qualquer ideia de onde poderia estar.

— Eu o encontrarei para você...

— Augusto.

— Confie em mim. Já fiz muita merda nessa vida, mas não farei dessa vez. Seu pai estará lá quando nos casarmos. Ou eu não me chamo Augusto

Alencar Gouvêa.

— O meu Barão. — Estela me abraçou apertado.

— Sim, ciganinha, o seu Barão.

SEIS MESES DEPOIS

AUGUSTO ALENCAR

Levei o copo de conhaque à boca, e sorri ao ver Estela girar pela tenda montada sobre a areia branca, com o nosso filho em seus braços. A saia rodada atraía todo o tipo de olhar, tanto dos meus convidados quanto dos dela. Não que houvessem muitos, fui exigente na escolha dos que assistiriam ao dia mais especial de minha, agora, esposa.

Não queria absolutamente ninguém a fazendo se sentir desconfortável. Ou incapaz de se encaixar. Porque não era o que esperava de Estela. Jamais iria obrigá-la a se transformar em alguém que não ela mesma. Gostava que fosse leal às suas origens, que sentisse orgulho de ter um coração e uma alma cigana. E era essa alma que se podia ver em cada detalhe da festa organizada com tanto esmero. Havia dourado por todos os lados, assim como homenagens a padroeira do seu povo. Algo que a tinha deixado extremamente emocionada.

Estela poderia ser uma *desgarrada*, não ter sido criada com o grupo do qual seu pai a tirou ainda criança, mas ela era inteira cigana. Dos pés, cobertos por tornozeleiras que ela mesma fizera, até as joias que usava em seus braços e orelhas. Eu nunca a tinha visto tão bonita, porra. Os olhos verdes, sombreados pelo *kajal* escuro. A boca vermelha, como tanto gostava. O *diklô* dourado em sua cabeça, em agradecimento a sua Santa Sara Kali.

Então, havia a roupa que escolhera para o dia de hoje, diferente de

tudo o que imaginei que a veria usar. Não havia vestido, não o tradicional. E sim um conjunto de saia e uma blusa de alças finas, que terminava acima do seu umbigo, deixando seus braços e colo inteiramente à mostra. As peças também não eram brancas, não seria Estela se fossem. A cor a cobri-la dos pés à cabeça era de um tom escuro de dourado. Eu era homem, merda, não entendia absolutamente nada sobre moda feminina, mas entendia sobre a minha esposa e o seu gosto, digamos, que peculiar.

Diferente das tradições ciganas, nós não estávamos em festa por três dias inteiros. Uma única cerimônia, o nosso *sim*, um beijo para selar o acordo de nossas vidas, e estávamos casados.

— Você conseguiu. — Escutei a voz de Caetano assim que se juntou a mim, em um tom contrariado, fazendo-me enrijecer. Estela o perdoara, e por mais que estivéssemos dispostos a aceitar a presença um do outro, ele era alguém cuja proximidade sempre me incomodaria. Eu sei, Caetano não fora o responsável pelo sofrimento de Estela, mas lhe negou apoio quando a filha mais precisou. Ela poderia tê-lo perdoado por a deixar sozinha, por lhe virar as costas da forma como fez, mas eu não o perdoaria. Tinha vezes que sequer me perdoava. — Você a tem, assim como as terras...

As terras. Esse não era um assunto do qual eu me permitia pensar. Por causa delas, eu feri a mulher da minha vida e quase perdi a oportunidade de conhecer meu filho. Eu não as queria mais, preferia esforçar-me o dobro a fim de reerguer o Grupo Alencar, a tirá-las de Estela ou usufruir de algo que, agora que eu entendia, nunca deveria ter me pertencido. Elas eram de Lucca, para que fizesse o que desejasse no futuro. Assim como eram de Estela; e, se minha esposa quisesse plantar uma rosa a cada metro quadrado daquele lugar, ela o faria.

— As terras são de Estela. O casamento não mudará isso.

— Ela acreditou? — Olhei para o homem, sentindo sua amargura.

— Acreditou. E, talvez, o senhor não tenha se dado conta ainda, mas deixe-me lembrá-lo da razão pela qual está aqui hoje. — Virei-me para ele, a voz controlada. — Estela o ama, e o respeita acima de tudo. O caminho de vocês dois podem ter ido por direções opostas, mas ela o quer em sua vida. E

eu não impedirei que isso aconteça, só não irei permitir que o senhor, depois de destruir a minha família e fazer com que Suzana o seguisse, sem jamais olhar para trás, chegue agora e se ache no direito de me confrontar por amar a sua filha. O que o senhor fez a Estela... pode ter perdão para ela, mas não tem para mim. E sim, esse sou eu sendo um hipócrita do caralho, porque ela me perdoou por algo infinitamente pior. Mas eu não sou Estela, Caetano. Não se esqueça disso.

— Ela me desonrou...

— Não, Estela não o fez! O único pecado da sua filha foi se apaixonar por um homem que não a merece. E isso não mudou, eu ainda continuo não a merecendo, mas como falei a ela e repito agora ao senhor: eu não vou abrir mão daquela garota por nada nesse mundo. Nem dela e nem do meu filho. Então, se está aqui hoje, que seja porque pôs uma pedra no passado e porque deseja vê-la feliz. Não vou aceitar menos do que sorrisos perto de Estela.

— Se você a machucar...

— Digo o mesmo. Se o senhor pensar em ferir a minha esposa de alguma forma, quem não deixará barato sou eu. Então, é bom que a perdoe por ser humana e passional, e aceite que sempre estarei na vida de sua filha. Agora, se me der licença...

Afastei-me, caminhando até onde Estela e Lucca se encontravam.

Lucca sorriu ao me ver, mas correu quando sua mãe tentou detê-lo.

Retribuí o sorriso que Estela me ofereceu, ou pelo menos tentei. Não acho que era muito bom nisso. E, como um convite, estendi a mão para que a pegasse. Quando o fez, eu a puxei para mais perto.

— Agora é a nossa vez... não é? — concluiu, enquanto os cachos de seu cabelo se moviam junto com a brisa do vento. Fios finos batendo contra o seu rosto.

— Esperei por esse momento o dia todo.

*Vai se entregar pra mim⁶
Como a primeira vez,
Vai delirar de amor, sentir o meu calor
Vai me pertencer*

— Foi lindo, Augusto... cada minuto.

— Foi como imaginou que seria? — Ela assentiu emocionada, sussurrando em seguida:

— Foi melhor. — Voltei a sorrir, fascinado.

— Eu ainda quero te dar o mundo, sabia? — murmurei em seu ouvido enquanto nos movíamos lentamente. Não era uma dança propriamente dita.

Era apenas o nosso momento.

— Eu não preciso do mundo, Barão. Não quando tenho você e o Lucca.

Como não amar essa garota?

*Sou pássaro de fogo,
que canta ao teu ouvido
Vou ganhar esse jogo,
te amando feito um louco*

O beijo que lhe dei, aconteceu de forma apaixonada. Derramei sobre Estela, um dia inteiro de saudade. Da vontade a me dominar sempre que a perdia de vista.

Algo que parecia acontecer ao nosso filho também, porque em questão de instantes ele retornou, agarrando-se às nossas pernas. Se recusando a ser deixado de fora.

Algo que jamais aconteceria.

— Solta *mia* Estêla, papai, agora é a *mia* vez de *dançá*!

O assombro que viu em meus olhos, fez Estela ofegar. E, porra, faltavam-me palavras para descrever a sensação indescritível que foi escutar Lucca me chamar de pai pela primeira vez.

UM ANO DEPOIS

AUGUSTO ALENCAR

Encarei a lápide sob os meus pés, o nome de Suzana, cravado no mármore, já não era tão recente. Os anos o haviam desgastado, mas as rosas de que gostava continuaram a serem deixadas. Um hábito que Estela fizera questão de manter. Um sorriso carinhoso surgiu em meu rosto ao pensar em minha esposa. No cuidado e amor que destinava a cada coisa que fazia. Se Estela era mãe, ela era a melhor. E assim o fazia como filha. Como esposa. A alegria contagiante que se espalhava pela casa, suas risadas. Aqueles olhos ferinos. Toda a sua intensidade.

— Não sei ao certo o que estou fazendo aqui, Suzana — admiti, enfiando as mãos nos bolsos do paletó.

Após retornar da capital, e ter Estela me buscando na nova pista de decolagem, aqui estava eu. Dando voz a um desejo que senti crescer em meu peito há algum tempo.

— E eu a perdoo. Não vou dizer que compreendo a decisão que tomou, havia outras formas de sair da vida de meu pai e da minha, formas menos drásticas. Mas eu... a perdoo.

Sentia que era isso o que precisava fazer. Que o peso em minhas costas a cada vez que pensava em meus pais, se devia ao fato de que eu nunca os perdoei. Ou lhes dei quaisquer chances de se explicarem. Explicações de Suzana, eu já não podia mesmo escutar.

Alfredo tampouco, o último ano não fora bom para ele. Meu pai estava doente, e não acho que viveria por muito mais tempo. A tristeza era um mal bem mais prejudicial do que qualquer doença. Porque, diferente de outras enfermidades, não havia cura para ela. Estela, com toda sua compaixão, o visitava as vezes. E, de acordo com minha esposa, Alfredo

nunca dizia muito. Apenas a escutava. Comigo não era diferente.

O mesmo não acontecia com Caetano, que apesar de seguir o acampamento do qual agora fazia parte, ainda mantinha contato com sua filha. Para tanto, ele teve de aprender a utilizar o celular e deixar quaisquer ressentimentos de lado. Isso, ou ele não seria bem-vindo a minha casa.

— Espero que tenha paz, Suzana. Que tenha conseguido perdoar a si mesma. Mas que acima de tudo, tenha se arrependido. — Eu posso não ter sido um garoto quando saiu de casa, mas ainda era difícil esquecer o que fizera. Enxerguei sua partida como uma traição, mães não abandonavam seus filhos, não é?

Pelo menos, não as que os amavam.

— *Te aves yertime mander tai te yertil tut Del...*⁷ — Escutei a voz de Estela, ao passar a mão pelo meu braço e o apertar.

— O que significa? — perguntei ao vê-la se abaixar, deixando outra rosa sobre o túmulo.

— *Eu te perdoo, possa Deus te perdoar também.*

— E Ele pode?

Estela assentiu.

— Pode, sua mãe obteve o perdão dela ao partir, Augusto. Agora, foi a sua vez de entregar um pouco de paz ao espírito dela.

Encarei a mulher ao meu lado, tão jovem e tão sábia. Os mistérios por detrás de seus olhos, a ferocidade sempre tão presente.

Jamais conseguiria defini-la por completo. Estela era inexplicável.

— Como está o bebê? — quis saber ao nos afastarmos, avistando de longe Lucca debruçado na janela da caminhonete e Athos sentado do seu lado, preparado para segurá-lo caso a ferinha decidisse aprontar das suas.

— Chutando... — Olhei para a barriga inchada de minha esposa, achando-a linda. — E não me deixando dormir.

Aos cinco meses, não havia uma só parte de Estela que não deixasse evidente que ela carregava um filho meu. Se era menina ou menino, nós ainda não sabíamos.

— Quando teremos que ir à consulta agora? — perguntei, atento às datas.

— Em duas semanas... e, tirando a vontade insana que tenho sentido de comer doces, tudo está perfeitamente bem comigo e com ela.

— Ela? — inquiri, detendo-me por um instante. — Como sabe?

Estela se aproximou antes de chegarmos ao carro, e envolveu as mãos ao redor do meu pescoço, beijando-me enquanto o gosto de açúcar que já comera, explodia no céu da minha boca. Afastei-me, não querendo que o sabor forte do charuto a incomodasse, e aguardei pela resposta.

— Como acha que eu sei? — Eu não fazia ideia, droga. — Intuição, né, seu bobo.

CINCO ANOS DEPOIS

Saintes Maries de la Mer - França

AUGUSTO ALENCAR

— *Como estão as férias?* — Benjamin perguntou através da videoconferência que fazíamos todas as manhãs desde que Lucca entrara de férias na escola.

Nós já estávamos há quase um mês visitando os principais países da Europa. Recriando, sem que Estela soubesse, os passos que dei durante os anos que estudei fora. Essa era a primeira vez de Aurora fora do Brasil, e, eu

fiz questão de que tudo saísse como planejado. Passamos por Roma, Itália, Reino Unido... terminando na França.

— Você me faz essa pergunta todos os dias e a resposta será sempre a mesma, Ben. Tudo está ótimo por aqui, agora não é apenas no Lucca que temos que ficar de olho. Aurora começou a desandar a correr quando nos distraímos. Isso só pode estar no sangue de Estela.

— *Como se você não gostasse.* — Que meus filhos corressem feito ferinhas selvagens? Querendo descobrir o mundo que os rodeava?

Eu gostava, não vou negar. Só me preocupava com eles, com Aurora em especial.

Dizer que aquela garota não era o nosso *raiar do dia*, seria mentira. O que Estela tinha de vivacidade ferina, Aurora tinha de alegria. Ela era o nosso sol. Os cabelos claros como os de Suzana, os cachos e olhos verdes de sua mãe. Uma mistura de tudo o que havia em nós dois. Como era com o Lucca, o meu já não pequeno homenzinho.

Meu filho crescera, e apesar do sangue quente correndo por suas veias, eu o via cada vez mais parecido comigo. A forma de agir, sempre tão preocupado com a mãe e a irmã. Prestes a completar oito anos, meu filho era o número um de sua classe, seus projetos de ciência, tendo sido pelo segundo ano consecutivo apontados para representarem o seu colégio na feira nacional de ciências e tecnologia do país.

Pequenos passos, para um futuro que eu imaginava ser brilhante. Estela e eu ainda vivíamos divididos entre Sertãozinho, onde morávamos, Ribeirão Preto, que era onde Lucca estudava, e a capital. Era uma vida agitada, mas com nós dois não poderia ser diferente.

— *E Estela? Como anda a gestação?* — Apesar dos enjoos dos primeiros meses, e da falta de apetite recente, Estela vinha lidando bem com a gravidez.

— Por que tenho a impressão de que está enrolando para dizer algo, Benjamin? — joguei limpo com ele, que tinha sido deixado no controle do Grupo Alencar durante a minha ausência.

A viagem estendida, se dera como uma recompensa a minha família por ter suportado tão bem os últimos anos. Minha prioridade sempre seriam eles, mas não vou negar. Precisei virar muitas madrugadas cuidando de negócios enquanto eles dormiam a um raio de distância. Salvei o Grupo de uma das maiores crises desde a sua criação, e a consolidei no mercado internacional como sempre almejei.

Então sim, nós todos merecíamos férias prolongadas. Minha esposa, principalmente.

— *Eu vou me casar* — Ben soltou, como se tirasse um peso de suas costas. — *Foi sem planejar, eu só... você sabe como foram os últimos anos. Eu tenho enrolado o pedido por muito tempo, não sei como Marina esperou tanto...*

— Está nervoso?

— *Pra caralho.*

— Bem-vindo ao meu mundo, então. E não se esqueça de dar os parabéns a ela por mim.

Meu amigo agradeceu, e encerrou a videoconferência. A diferença de fuso horário ainda era sentida, e enquanto minha família dormia em seus quartos, eu me servi de outra xícara de café e deixei a cozinha, disposto a verificar cada um deles.

O primeiro quarto para o qual me dirigi foi o de Lucca, que dormia um sono profundo. As meias de dinossauros e pelúcias que gostava quando pequeno, foram substituídas por maquetes grandes que ele montava nas horas vagas. Havia uma agora mesmo sob o chão ao lado de sua cama. O quarto de Aurora foi o segundo que verifiquei, e diferente do anterior, eu me senti entrar em outro mundo ao ver a profusão de rosa e vermelho espalhados por todo o cômodo. Entrei, puxando o cobertor a fim de cobrir seu corpo pequeno e afastei os cachos de seu rosto. Vendo-a fechar os olhinhos com força.

Minha menina não estava dormindo.

— Aurora?

— Tô *dumino*, papai.

— Verdade? E desde quando pessoas dormindo conversam?

Ela entreabriu os olhos, sabendo que tinha sido pega.

— Tô *tentano* muito. Mas não consigo.

— Quer que eu fique aqui até que o sono volte? — Ela assentiu, deixando-me deitar ao seu lado. Eu, um homem com mais de 1,90m de altura, deitado em uma cama de criança. O engraçado era que antes a ideia de ter filhos assombrava-me; mas, hoje, eu não conseguia sequer imaginar a minha vida sem Lucca e Aurora.

Não sei como um único coração era capaz de se dividir em tantos pedaços. A impressão que tinha era que todo ele agora pertencia a minha família. Inclusive ao filho que Estela ainda carregava em seu ventre.

— Conta a história da cigana *pá* mim, papai?

— A que gostava de dançar? — Ela assentiu, porque também havia uma outra, a da cigana que amava rosas. Histórias criadas pela mente imaginativa de minha esposa, e que, depois de as escutar tantas vezes, eu acabei decorando trecho por trecho.

Como imaginei, Aurora dormiu na primeira parte da história, e após vê-la levar o dedo à boca e virar para o lado, eu me dirigi para o último quarto onde Estela e eu passamos a noite.

Nós só havíamos chegado à comuna francesa no dia anterior, e sequer tínhamos tido tempo de visitar a cidade. Bebendo o que restava de meu café, eu rodeei a cama, imaginando com um prazer quase sádico a forma em que a tomaria dessa vez. Até que minha cigana se mexeu por debaixo dos lençóis, mostrando-se inteira nua. A barriga de três meses foi revelada, pequena demais para se fazer ser notada. A perna em que se encontrava a sua tornozela também se mostrou descoberta...

Foi por ali que eu a puxei. E por ali que comecei.



Ao meu lado, Estela seguia em silêncio. O rosto corado pela pequena peregrinação que vínhamos fazendo ao redor da cidade, os olhos perdidos em toda a magia do lugar. Ciganos passavam pela gente, levando-a sorrir. Sentir-se em casa. Rodeada pela sua cultura sem qualquer preconceito ou temor de que fosse ser recriminada. Lucca, um pouco atrás, conversava com Levi; e Aurora, seguia em meu colo. Tão fascinada quanto a sua mãe, que segurava a minha mão como um pássaro querendo voar, com os dedos trêmulos.

Quando paramos para ver o grupo de ciganas dançando na praça, eu a soltei. Deixei que minha garota voasse. Que passasse por entre as pessoas e fosse para onde o seu coração a chamava. A vi sorrir de longe, genuinamente feliz, e senti que tinha feito o certo por ela: trazê-la aqui, deixar que encontrasse suas raízes. Que vivesse toda a experiência.

Como se fosse uma delas, Estela se juntou ao grupo, hesitante a princípio. A assisti rir e dançar, enquanto minha própria alma era revigorada pela cena. A crença dela, se tornara a minha.

Eu acreditava em suas intuições, nos mistérios que a rondavam. Sua Santa Sara Kali, não era só dela, era dos nossos filhos também. Ela os protegeria quando eu não mais pudesse.

Com Estela emocionada, nós seguimos pelas ruelas cheias de souvenirs e restaurantes. Até chegarmos ao coração da cidade, que era onde estava a Igreja de *Saintes Maries de la Mer*⁸. Uma fortaleza destinada a proteger as relíquias das santas.

— Podemos entrar? — Estela perguntou, levando-me a assentir.

Como esperado, ela foi na frente e Lucca se juntou a mim. Mostrando toda a sua curiosidade para com a crença de sua mãe. Esperamos, vendo-a acender uma pequena vela e se ajoelhar perante a imagem de Santa Sara Kali.

Minutos se passaram, e mesmo com Aurora começando a dar sinais de sono, Estela seguiu concentrada em sua própria peregrinação. Com ela ali, no centro de tudo, as velas ao redor do santuário se moveram, cintilando como se estivessem em festa.

E aquela foi, sem dúvida, a cena mais arrepiante e assustadoramente linda que presenciei em minha vida: a fé de minha esposa.

Quando se levantou, Estela limpou o rosto das lágrimas que imaginei ter deixado cair e veio em nossa direção com seu sorriso familiar, a beleza de seu rosto.

— O que pediu, mamãe? — Foi Lucca quem perguntou, fazendo-a beijar sua testa, e ajeitar os cachos do filho, presos em um rabo de cavalo.

— Não pedi nada, meu amor, eu agradei.

Puxei-a pela nuca, com delicadeza, e repeti o gesto que ela tinha acabado de fazer com nosso filho. Eu a beijei na testa, também agradecido, e em seguida, beijei a boca pela qual era e sempre seria apaixonado.

— Sei que esse não é o lugar, mas, porra, eu te amo — murmurei baixo, para que ninguém nos ouvisse.

— Ama mesmo, Barão? — Sorriu, entre lágrimas. — Ama para sempre?

— Enquanto eu viver, meu amor. Apenas, enquanto eu viver.

FIM

Notas

[[←1](#)]

Na cultura cigana, um gadjô/gadjo é aquele que não tem Romanipen. Isso geralmente corresponde a não ser um cigano étnico, mas também pode ser um cigano étnico que não vive dentro da cultura cigana.

[[←2](#)]

Jipe da Mercedes, Classe G.

[←3]

Lenço cigano

[[←4](#)]

Colo – Jads & Jadson

[←5]

Eu te amo – Romani/Termo cigano.

[←6]

Pássaro de Fogo – Paula Fernandes

[←7]

^DDitado cigano/FONTE: <http://www.kumpaniaromai.com.br/textos/termosciganos.htm>

[[←](#)8]

Santas Marias do Mar.

Table of Contents

[SÚMARIO](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[PRÓLOGO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRÊS](#)

[VINTE E QUATRO](#)

[VINTE E CINCO](#)

[VINTE E SEIS](#)

[VINTE E SETE](#)

[VINTE E OITO](#)

[VINTE E NOVE](#)

[TRINTA](#)

[TRINTA E UM](#)

[TRINTA E DOIS](#)
[TRINTA E TRÊS](#)
[TRINTA E QUATRO](#)
[TRINTA E CINCO](#)
[TRINTA E SEIS](#)
[TRINTA E SETE](#)
[TRINTA E OITO](#)
[TRINTA E NOVE](#)
[QUARENTA](#)
[EPÍLOGO](#)
[UMA SEMANA DEPOIS](#)
[UM MÊS DEPOIS](#)
[SEIS MESES DEPOIS](#)
[UM ANO DEPOIS](#)
[CINCO ANOS DEPOIS](#)
[Notas](#)